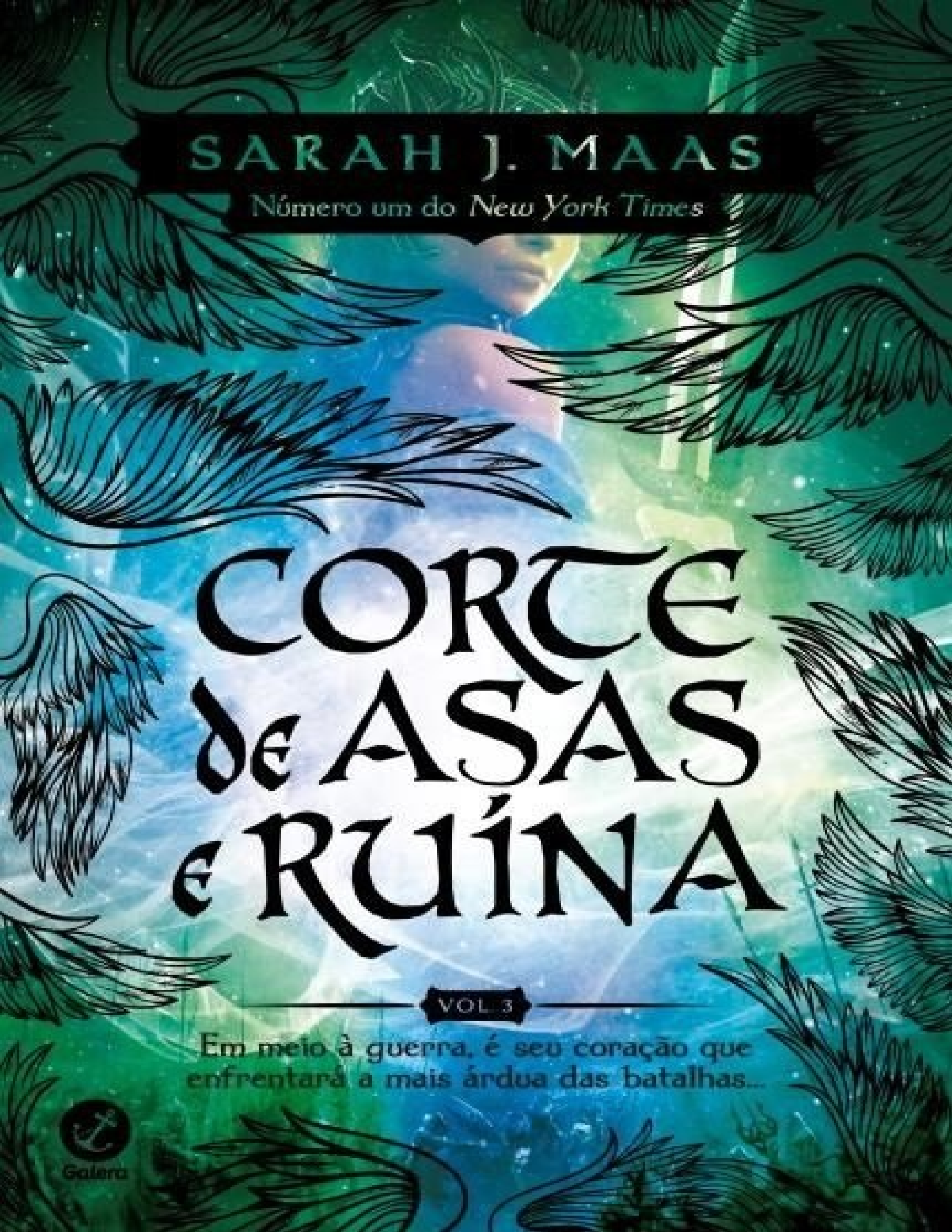




SARAH J. MAAS

Número um do *New York Times*

# CORTE de ASAS e RUÍNA

VOL. 3

Em meio à guerra, é seu coração que  
enfrentará a mais árdua das batalhas...



Galera







#1 NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

SARAH J. MAAS

COURT  
OF  
WINGS  
AND  
RUIN

BLOOMSBURY

2 anos antes da Muralha - Rhysand Havia muito que o barulho das moscas e os gritos dos sobreviventes suplantara os barulhos dos tambores de guerra.

O campo de matança era agora um emaranhado de cadáveres, tanto humanos quanto feéricos, interrompidas apenas pelo barulho de asas em direção ao céu cinza ou o bufar ocasional de um cavalo caído. Com o calor, apesar da densa nuvem que se avizinhava, o cheiro seria, em breve, insuportável. As moscas já se arrastavam sobre olhos que miravam fixos o céu. Elas não diferenciavam carne mortal da imortal.

Fiz meu caminho pelo que havia sido antes uma planície repleta de grama, marcando as bandeiras meio afundadas entre a carnificina e a lama. Levara boa parte das forças que me restavam não arrastar minhas asas por cima de corpos e armaduras. Meu próprio poder havia sido depredado antes que a carnificina tivesse acabado.

Havia passado as últimas horas lutando como os mortais ao meu lado: com a espada, com os punhos e foco e brutalidade incansáveis. Havíamos segurado as legiões de Ravennia – hora após hora havíamos mantido a linha, como eu havia sido ordenado por meu pai, como eu sabia que deveria fazer. Falhar aqui teria sido o golpe de misericórdia na nossa parca resistência.

Eu arrodeeie um cavalo marrom-dourado. Os olhos do bonito animal ainda estavam arregalados de horror, as moscas formando uma crosta no seu flanco. O cavaleiro estava torcido por baixo dele, com a cabeça parcialmente cortada. Não por um golpe de espada.

Não, aquelas marcas brutais eram de garras. A fortaleza iminentemente às minhas costas era muito valiosa para ser cedida aos Leais. Não só pela sua localização no coração do continente, mas também pelos suprimentos que guardava. Pelas forjas que trabalhavam dia e noite, labutando para suprir nossas forças.

A fumaça das forjas já se misturava às das piras que eram acesas atrás de mim enquanto caminhava, procurando nos rostos dos mortos. Dei ordem para que os soldados que tivessem estômago tomassem quaisquer armas encontradas em ambos exércitos.

Precisávamos delas desesperadamente para nos importamos com coisas como honra.

Especialmente quando o outro lado não se importava em nada.

Tão quieto – o campo de batalha estava tão quieto, comparado com o caos e matança que finalmente haviam sido interrompidos horas atrás. O Exército dos Leais havia escolhido bater em retirada ao invés de render-se, deixando seus mortos para os corvos.

Eles não cederiam facilmente. Os reinos e territórios que queriam seus escravos humanos não perderiam essa guerra a menos que não tivessem outra escolha. E mesmo assim... Aprendemos do jeito mais difícil, e muito rápido, que eles não tinham nenhum apreço pelos ritos ou regras de batalha. E para os territórios Feéricos que lutassem ao lado das forças mortais... Erámos para ser esmagados como vermes.

Espantei para longe uma mosca que zunia em meu ouvido. Minha mão ensopada com meu sangue e sangue estranho.

Sempre achei que a morte seria uma espécie de boas vindas dócil – uma espécie de canção de ninar doce e triste que me guiaria para o que quer que houvesse do outro lado.

Me esbarrei com uma bota de um porta-estandarte Leal, espalhando lama vermelha sobre o bordado de presa de javali na sua bandeira verde-esmeralda.

Eu agora me perguntava se a canção de ninar da morte não era uma canção amável, mas sim o zunir das moscas. Se as moscas e vermes não seriam as damas de companhia da morte.

O campo de batalha se estendia para o horizonte em todas as direções, menos às minhas costas, onde ficava a fortaleza.

Por três dias nós os seguramos; três dias tínhamos lutado e morrido ali.

Mas segurariíamos a linha. De novo e de novo. Eu liderei Humanos e Feéricos, me recusei a deixar que os exércitos dos Leais quebrassem nossa linha, mesmo quando eles martelaram nosso flanco direito vulnerável com tropas recém chegadas no segundo dia.

Usei meu poder até que ele fosse nada além de fumaça em minhas veias, e então eu usei todo meu treinamento Illyriano, até que eu não soubesse nada além de girar meu escudo e espada e que fosse tudo o que tivesse contra as hordas.

Uma asa illyriano semi retalhada surgiu sobre uma camada de corpos de Grão-Feéricos, como se tivesse sido necessário seis deles para derrubar o guerreiro. Como se ele tivesse levado todos os seis com ele.

Meu coração irrompeu contra meu corpo enquanto eu movia os corpos pra longe.

Reforços haviam chegado no alvorecer do terceiro e final dia, mandados por meu pai depois de ter implorado por ajuda. Estava muito perdido na fúria da batalha para notar quem eles eram além de uma unidade Illyriana, especialmente quando tantos deles usavam Sifões.

Mas nas horas desde que eles tinham salvado nossos traseiros e virado a maré da batalha não avistara nenhum dos meus irmãos entre os vivos. Não sabia nem se Cassian ou Azriel haviam lutado nessa planície.

O último era improvável, pois o meu pai o mantinha perto como seu espião. Já Cassian... Cassian poderia ter sido redesignado. Eu não duvidaria se meu pai o designasse para uma legião que estava para ser massacrada como essa estava provavelmente para ser, com quase metade dela pulando fora do campo de batalha mais cedo.

Meus dolorosos e sangrentos dedos cavavam entre as armaduras dentadas e carne dura e pegajosa enquanto eu empurrava para longe o corpo do último Grão-Feérico empilhado sob o corpo do illyriano.

O cabelo negro, a pele dourada... Igual aos de Cassian.

Mas não era de Cassian o rosto cinzento mortal que olhava fixo para o céu.

Um suspiro escapou de mim, meus pulmões ainda duros de gritar, meus lábios secos e rachados.

Precisava de água – urgentemente. Mas logo ao lado outro par de asas illyrianas surgiu da pilha de corpos.

Tropecei e me arrastei em sua direção, deixando que minha mente flutuasse para algum lugar escuro e quieto, enquanto eu consertava o pescoço no ângulo errado para olhar o rosto sob o capacete.

Não era ele.

Fiz meu caminho pelos cadáveres até outro corpo illyriano.

E outro. E mais outro.

Alguns eu conhecera. Alguns não. E mesmo assim o campo de mortes se estendia adiante, sob o céu. Milha após milha. Um reino de corpos podres.

E ainda assim eu procurei.

PART ONE

Princess of Carrion CHAPTER 1 - Feyre A pintura era uma mentira.

Uma mentira brilhante e linda, explodindo com flores rosa claro e grandes feixes de luz do sol.

Eu tinha começado ela no dia anterior, um estudo ocioso do jardim de rosas vistos da janela do estúdio. Através do emaranhado de espinhos e folhas acetinadas, um verde do mais vívido se espalhava nos morros à distância.

Primavera incessante e implacável. Se eu tivesse pintado essa visão do jeito que meus instintos pediram... espinhos que rasgam carne, flores que bloqueiam o sol de qualquer planta menor que elas, e morros manchados de vermelho. Mas cada pincelada na grande tela era calculada, cada batida e giro de cores se misturando tinha a intenção de retratar não só a primavera ociosa, mas também um cenário ensolarado. Não feliz demais, mas alegre, finalmente sarando de horrores que eu divulguei cuidadosamente.

Eu diria que nas últimas semanas fabriquei meu comportamento tão intrincadamente quanto uma dessas pinturas. Eu achava que, se eu fosse me apresentar como realmente queria, eu estaria adornada com garras que rasgam carne, e mãos que enforcavam até a morte as pessoas agora em minha companhia. Eu deixaria os corredores dourados manchados de vermelho.

Mas ainda não.

Ainda não, eu digo a mim mesma com cada pincelada, com cada movimento calculado que eu fizera nestas últimas semanas.

A vingança rápida não ajudaria ninguém e nada além da minha própria raiva. Cada vez que eu falo com eles, eu ouço os soluços de Elain enquanto ela era forçada a entrar no Caldeirão. Cada vez que eu olho para eles, vejo Nestha apontando aquele dedo para o Rei de Hybern em uma promessa de morte. Cada vez que sinto seus cheiros, minhas narinas estão novamente cheias do cheiro do sangue de Cassian

quando ele se acumulava nas pedras escuras daquele castelo de ossos.

O pincel estalou entre meus dedos. Eu o tinha partido em dois, a madeira pálida e danificada além do reparo. Xingando sob minha respiração, eu olhei para as janelas, para as portas. Este lugar tinha muitos olhos para arriscar arremessar o pincel na lixeira. Eu lanço a minha mente ao meu redor como uma rede, procurando qualquer um próximo o suficiente para testemunhar, para ser espionar. Não encontrei nenhum. Eu juntei minhas mãos diante de mim, metade do pincel em cada palma. Por um momento, deixei-me ver através da magia que ocultava a tatuagem na minha mão direita e no antebraço. As marcas do meu verdadeiro coração. Meu verdadeiro título. Grã-Senhora da Corte Noturna.

Metade de um pensamento meu fez o pincel explodir em chamas. O fogo não me queimou, mesmo quando devorava a madeira, o pincel e a tinta.

Quando não passava de fumaça e cinzas, eu convoquei um vento que os varreu das minhas palmas, voando pelas janelas abertas. E como uma boa medida de precaução, eu invoquei uma brisa do jardim para serpentear através da sala, limpando longe qualquer odor de fumaça, enchendo-o com o cheiro mofado e sufocante de rosas. Talvez quando minha tarefa aqui estivesse terminada, também queimaria essa mansão ao chão.

Começando com aquelas rosas.

Duas presenças que se aproximavam bateram em minha mente, e eu peguei outro pincel, mergulhando-o no mais próximo redemoinho de tinta, e abaixei as invisíveis e escuras armadilhas que ergui ao redor do quarto para me alertar de qualquer visitante.

Eu estava trabalhando no modo como a luz do sol iluminava as veias delicadas em uma pétala de rosa, tentando não pensar em como eu uma vez vi isso fazer o mesmo com as asas Ilirianas, quando as portas se abriram. Eu fiz um bom show parecendo perdida em meu trabalho, encurvando os ombros um pouco, angulando a cabeça. E fiz uma demonstração ainda melhor de olhar lentamente por cima do meu ombro, como se a luta para me separar da pintura fosse um verdadeiro esforço.

Mas a batalha de verdade foi o sorriso que eu forcei para a minha boca. Para os meus olhos - o o que diz a verdade sobre a natureza genuína de um sorriso. Eu tinha praticado no espelho. De novo e de novo. Então meus olhos facilmente se enrugaram quando eu dei um sorriso suave, mas feliz para Tamlin.

Para Lucien.

- Desculpe interromper. - Tamlin disse - escaneando meu rosto a procura de qualquer sinal das sombras que eu me lembrava de ocasionalmente ser vítima, as que eu empunhava para mantê-lo na baía quando o sol caía além desses contrafortes. . - “Mas eu pensei que você poderia querer se preparar para a reunião” - eu me fiz engolir, abaixar o pincel, não mais do que a garota nervosa e insegura que eu tinha sido há muito tempo - É ... você falou com lanthe? Ela está realmente vindo?

Ainda não a tinha visto. A Alta Sacerdotisa que havia traído minhas irmãs para Hybern, nos traído para Hybern. E mesmo que os relatos sombrios e rápidos de Rhysand, através do vínculo de parceria, apaziguassem um pouco do meu pavor e terror... Ela era responsável por isso. O que tinha acontecido semanas atrás.



Foi Lucien quem respondeu, estudando a pintura como se tivesse a prova que eu sabia que ele estava procurando. – “Sim. Ela... tinha suas razões, ela está disposta a explicar a você”

Talvez junto com suas razões para colocar suas mãos em quaisquer machos que ela gostasse, eles desejassem ou não. Por fazê-lo a Rhys, e Lucien. Eu me perguntava o que Lucien realmente pensava disso. E o fato de que a garantia da amizade com Hybem tinha acabado sendo sua parceira. Elain.

Não tínhamos falado do salvamento de Elain uma única vez, no dia depois de eu ter voltado. Apesar do que Jurian implícito a respeito de como minhas irmãs serão tratadas por Rhysand, eu tinha dito a ele, apesar de como a Corte Noturna é, eles não irão ferir Elain ou Nestha assim - ainda não. Rhysand tem maneiras mais criativas de prejudicá-

los.

Lucien ainda parecia duvidar. Mas, novamente, eu também tinha sugerido, em minhas próprias "lacunas" de memória, que talvez eu não tivesse recebido a mesma criatividade ou cortesia.

Que eles acreditavam tão facilmente, que eles pensavam que Rhysand iria forçar alguém... eu adicionei o insulto para a lista longa e longa de coisas para fazê-los pagar.

Apoiei o pincel e tirei a blusa pintada de tinta, colocando-a cuidadosamente sobre o banquinho em que estive presa por duas horas.

- Eu vou me trocar. - Eu murmurei passando minha trança solta sobre um ombro.

Tamlin assentiu com a cabeça, monitorando meus movimentos enquanto eu me aproximava deles.

- A pintura está linda.

- Está longe de estar pronta. - Eu disse trazendo a tona aquela garota que evitava elogios e cumprimentos, que queria passar despercebida. "Ainda está uma bagunça."

Francamente, era um dos meus melhores trabalhos, mesmo que sua falta de alma só fosse aparente para mim.

- Eu acho que todos nós estamos. - Tamlin ofereceu com a tentativa de um sorriso.

Eu contive minha vontade de rolar meus olhos, e devolvi seu sorriso, roçando minha mão sobre seu ombro quando eu passei.

Lucien estava esperando do lado de fora do meu novo quarto quando saí dez minutos depois. Tinha me levado dois dias para parar de ir para o antigo - para virar à direita no topo das escadas e não à esquerda. Mas não havia nada naquele quarto velho.

Eu olhei para ele uma vez, no dia depois que eu voltei.

Móveis quebrados; A cama retalhada; Roupas espalhadas como se ele tivesse me procurado dentro do armário. Ninguém, ao que parece, tinha tido permissão para limpar.

Mas foram as videiras - os espinhos - que o tornaram inviolável. Meu antigo quarto tinha sido invadido por eles. Eles tinham curvado e deslizado sobre as paredes entrelaçadas entre os escombros. Como se tivessem se arrastado para fora das treliças sob minhas janelas como se uma centena de anos tivesse passado e não meses.

Esse quarto era agora um túmulo. Eu juntei as suaves rosas de meu vestido de gaze em uma mão e fechei a porta do quarto atrás de mim. Lucien permaneceu encostado na porta do outro lado da minha.

Quarto dele.

Eu não duvido que ele tivesse assegurado que eu agora ficasse do outro lado dele.

Não duvidava que o olho de metal que possuía sempre estivesse voltado para meus próprios aposentos, mesmo enquanto dormia.

- Estou surpreso que você esteja tão calma, dadas suas promessas em Hybern. -

Lucien disse como forma de cumprimento.

A promessa que eu tinha feito de matar as rainhas humanas, o rei de Hybern, Jurian, e Lanthé pelo tinham feito a minhas irmãs. Aos meus amigos.

- Você mesmo disse que Lanthé tinha suas razões. Por mais furiosa que eu possa estar, eu posso ouvi-la.

Eu não tinha contado a Lucien o que eu sabia sobre sua verdadeira natureza.

Significaria explicar que Rhys a expulsara de sua própria casa, que Rhys o fizera para defender a si mesmo e aos membros de sua corte, e levantaria demasiadas perguntas, minando muitas mentiras cuidadosamente elaboradas que haviam mantido sua Corte – minha Corte - segura.

Embora eu me perguntasse se, depois de Velaris, era mesmo necessário. Nossos inimigos sabiam da cidade, sabiam que era um lugar de bem e paz. E tinham tentado destruí-lo na primeira oportunidade. A culpa pelo ataque a Velaris, depois que Rhys a revelara àquelas rainhas humanas assombrariam meu parceiro pelo resto de nossas vidas imortais.

- Ela vai contar uma história que você vai querer ouvir. - Lucien alertou.

Dei de ombros, dirigindo-me pelo carpete do corredor vazio. “Posso decidir por mim mesma, embora pareça que você já decidiu não acreditar nela.”

Ele parou em um degrau ao meu lado. "Ela arrastou duas mulheres inocentes para isso.”

- Ela estava trabalhando para garantir que a aliança com Hybern fosse mais forte.

- Lucien me parou com uma mão ao redor do meu cotovelo.

Eu permiti isso, porque se eu não permitisse, repetindo o que eu tinha feito na floresta há meses atrás, ou usando uma manobra defensiva ilíria para bater nele ou em seu traseiro, iria arruinar meu ardil. “Você é mais esperta do que isso.”

Estudei a mão larga e bronzeada enrolada ao redor do meu cotovelo. Então eu encontrei um olho castanho avermelhado e um zumbindo com ouro.

Lucien suspirou “Onde ele a está mantendo?”

Eu sabia quem ele queria dizer Eu balancei a cabeça. “Eu não sei. Rhysand tem uma centena de lugares onde eles poderiam estar, mas duvido que usasse qualquer um deles para esconder Elain, sabendo que estou ciente deles.”

- Diga-me de qualquer maneira. Liste todos eles.

- Você vai morrer no momento em que colocar os pés em seu território.

- Eu sobrevivi bem quando encontrei você.

- Você não podia ver que ele tinha me escravizado. Você deixou ele me levar de volta. - Mentira, mentira, mentira.

Mas a dor e a culpa que eu esperava não estavam lá. Lucien lentamente soltou seu aperto. “ Preciso encontrá-la.”

- Você nem mesmo conhece Elain, o vínculo da Parceria é apenas uma reação física que acalma seu bom senso.

- Foi isso que aconteceu com você e Rhys?

Uma pergunta quieta e perigosa. Mas eu fiz o medo entrar em meus olhos, deixei-me arrastar acima memórias do tecelão, do escultor, do verme Middengard de modo que o velho terror encharcasse minha voz.

- Eu não quero falar sobre isso. - Eu disse, minha voz em uma agitação áspera.

Um relógio soou no nível principal. Eu enviei uma oração silenciosa de agradecimento à Mãe e comecei um passo rápido.

- Nós vamos nos atrasar.

Lucien apenas assentiu com a cabeça. Mas eu senti seu olhar nas minhas costas, fixos na minha espinha, conforme eu desci as escadas. Para ver lanthe.

E, finalmente, decidir como eu faria para retalhar ela em pedaços.

\*\*\*

A Alta Sacerdotisa parecia exatamente como eu me lembrava, em ambas as memórias que Rhys me mostrou e em meus próprios sonhos acordados sobre usar as garras escondidas sob minhas unhas para talhar seus olhos, então sua língua, então abriu sua garganta.

Minha raiva se tornara uma coisa viva dentro do meu peito, um batimento cardíaco ecoando que me

acalmava para dormir e me despertava ao acordar. Eu me acalmei enquanto olhava para lanthe através da mesa de jantar formal, Tamlin e Lucien me acompanhando.

Ela ainda usava o pálido capuz e o círculo de prata com a sua límpida pedra azul.

Como um Sifão - a jóia em seu centro me lembrou dos Sifões de Azriel e Cassian.

E eu me perguntava se, como os guerreiros ilírios, a jóia de alguma forma ajudou a dar forma a um dom inesgotável de magia em algo mais refinado, mais mortal. Ela nunca o tinha removido - mas, novamente, eu nunca tinha visto lanthe chamar qualquer poder maior do que acender uma bola de fogo féerico em uma sala.

A Alta Sacerdotisa abaixou seus olhos azuis para a mesa de madeira escura, o capuz lançando sombras em seu perfeito rosto.

- Quero começar por dizer quão verdadeiramente arrependida eu estou . Eu agi por um desejo de ... conceder o que eu acreditei que talvez você desejasse, mas não se atreveu a dar voz, e ao mesmo tempo manter nossos aliados em Hybem satisfeitos com nossa lealdade.

Bonitas mentiras envenenadas. Mas encontrando seu verdadeiro motivo... eu estava esperando essas semanas por esta reunião. Tinha passado essas semanas fingindo convalescer, fingindo curar os horrores que eu tinha sobrevivido nas mãos de Rhysand.

- Por que haveria de querer que minhas irmãs aguentassem isso? - Minha voz saiu tremendo, fria – lanthe levantou a cabeça, examinando meu rosto inseguro, se não um pouco distante. “Porque então você poderia estar com elas para sempre. E se Lucien tivesse descoberto que Elain era sua parceira antes, teria sido... devastador perceber que ele teria apenas algumas décadas.”

O som do nome de Elain em seus lábios emitiu um grunhido pela minha garganta.

Mas eu o soltei, caindo naquela máscara de tranquilidade dolorida, a mais nova em meu arsenal.

Lucien respondeu: "Se você espera nossa gratidão você estará esperando sentada, lanthe."

Tamlin lançou-lhe um olhar preocupado - tanto com as palavras quanto com o tom.

Talvez Lucien matasse lanthe antes que eu tivesse a chance, apenas pelo horror em que ela colocara sua parceira naquele dia.

- Não. - lanthe respirou, os olhos arregalados, a imagem perfeita de remorso e culpa. "Não, eu não espero gratidão no mínimo. Ou perdão. Mas compreensão... esta é a minha casa também". Ela levantou uma mão esguia vestida em anéis de prata e pulseiras para abarcar o quarto, a mansão. "Todos nós tínhamos que fazer alianças que não acreditávamos que jamais teríamos forjado - talvez desagradáveis, sim, mas... as forças de Hybern são grandes demais para serem detidas. Agora só podemos resistir a isso como a qualquer outra tempestade. " Um olhar para Tamlin. "Nós trabalhamos tanto para nos preparar para a chegada inevitável de Hybern - todos esses meses. Eu cometi um grave erro, e eu sempre lamentarei qualquer dor que eu causei, mas vamos continuar este bom trabalho juntos. Vamos encontrar uma maneira de garantir que nossas terras e pessoas sobrevivam ".

- À custa de quantos outros? - Perguntou Lucien.

Mais uma vez, esse olhar de advertência de Tamlin. Mas Lucien o ignorou.

- O que eu vi em Hybern. - Disse Lucien, segurando os braços de sua cadeira com força suficiente para que a madeira gemesse. "Todas as promessas que ele fez de paz e imunidade..." Ele parou, como se lembrando que lanthe poderia muito bem contar isso de volta para o rei. Afrouxou seu aperto na cadeira flexionando seus dedos longos antes de se estabelecer sobre os braços novamente. "Temos que ter cuidado."

- Vamos ter. - Prometeu Tamlin. "Mas nós já concordamos com certas condições.

Sacrifícios. Se nos separarmos agora ... mesmo com Hybern como nosso Aliado, temos de apresentar uma frente sólida. Juntos."

Ele ainda confiava nela. Ainda pensava que Lanthe tinha feito apenas uma má escolha. Não tinha idéia do que espreitava sob a beleza, as roupas e os piedosos encantamentos.

Mas, novamente, essa mesma cegueira o impediu de perceber o que rondava sob minha pele também. Lanthe inclinou a cabeça novamente. "Eu me esforcei para ser digno de meus amigos."

Lucien parecia estar tentando muito, muito fortemente não revirar os olhos. Mas Tamlin disse "Nós todos vamos tentar"

Essa era sua nova palavra favorita: tentar.

Eu só engoli, certificando-se de que ele ouviu - e assentiu lentamente, mantendo meus olhos em lanthe. "Nunca mais faça algo assim."

Um comando de tolo - um que ela esperava que eu fizesse, pela rapidez com que ela assentiu.

Lucien recostou-se em seu assento, recusando-se a dizer qualquer outra coisa.

- Lucien tem razão. Disse eu, o retrato de preocupação. "E quanto ao povo nesta corte durante este conflito?" Eu fiz uma careta para Tamlin. "Eles foram brutalizados por Amarantha - não tenho certeza de quão bem eles vão suportar viver ao lado de Hybern.

Eles sofreram bastante. "

A mandíbula de Tamlin se apertou. "Hybem prometeu que nosso povo permanecerá intocado e sem perturbações." Nosso povo. Eu quase fiz uma careta -

enquanto eu acenei novamente em compreensão. "Era uma parte do nosso negócio."

Quando ele vendeu toda a Prythian e esgotou tudo de decente e bom em si mesmo, para me recuperar. "Nosso povo estará seguro quando Hybern chegar ... Apesar de ter dado a ordem para que as famílias ... se mudem para a parte oriental do território, por enquanto."

Bom. Pelo menos ele tinha considerado aquelas baixas em potencial - pelo menos ele se importava tanto

com o seu povo, entendendo que tipo de jogos doentios Hybern gostava de jogar e que ele poderia jurar uma coisa, mas significar outra. Se ele já estava movendo os que mais estariam em risco durante o conflito para fora do caminho, fez o meu trabalho aqui mais fácil. E para o leste - um pouco de informação que eu guardei. Se o leste estivesse seguro, então o oeste... Hybern estaria realmente vindo dessa direção.

Chegando lá. Tamlin soltou um suspiro. "Isso me leva à outra razão por trás desta reunião."

Eu me preparei, educando meu rosto para transmitir uma leve curiosidade, conforme ele declarou: "A primeira delegação de Hybern chega amanhã." A pele dourada de Lucien empalideceu. Tamlin acrescentou "Jurian estará aqui ao meio-dia."

## CHAPTER

Eu mal tinha escutado qualquer sussurro sobre Jurian nessas últimas semanas – não tinha visto o capitão humano ressuscitado desde aquela noite em Hybern.

Jurian havia renascido pelo Caldeirão através de seus odiosos restos, os que Amarantha usara como troféu por quinhentos anos, sua alma aprisionada e consciente de tudo ao redor com o seu olho, magicamente preservado.

Ele era louco – já tinha enlouquecido há muito tempo, antes mesmo do rei de Hybern o ter ressuscitado para guiar as rainhas humanas por um caminho de ignorância subserviência.

Tamlin e Lucien sabiam. Sabiam e tinham visto aquele brilho nos olhos de Jurian.

Mas... Eles pareciam não se importar completamente que o rei de Hybern possuía o Caldeirão – que era capaz de rachar o mundo no meio. Começando com a muralha. A única coisa que se interpunha entre os já reunidos exércitos Feéricos letais e as vulneráveis terras humanas abaixo.

Não, aquela ameaça não parecia manter Tamlin ou Lucien acordados à noite. Ou de convidar esses monstros para sua casa.

Tamlin me prometera, quando retornei, que eu ficaria a par de cada planejamento, de cada reunião. E ele tinha cumprido sua palavra e tinha dito que Jurian chegaria em dois dias com dois outros comandantes de Hybern e eu estaria presente no momento.

E de fato eles desejavam investigar a muralha, buscar por um ponto perfeito para que pudessem render ao Caldeirão, assim que ele tivesse recuperado suas forças.

Ter transformado minhas irmãs em Feéricas tinha, aparentemente, sugado suas forças.

Minhas presunções sobre isso tinham durado pouco.

Minha primeira tarefa: descobrir onde eles pretendiam atacar e quanto tempo levaria para que o Caldeirão recobrasse sua força total. Então passar a informação para Rhysand e os outros.

Tomei cuidado extra ao me vestir naquele dia, depois de um jantar abastado com uma Ianthe “cheia de culpa” que tomara todo caminho possível para beijar nossos traseiros, o meu e o de Lucien. A sacerdotisa aparentemente queria esperar até que os comandantes de Hybern estivessem acomodados para fazer sua entrada. Ela arrulhou algo sobre querer que eles tivessem a oportunidade de nos conhecer antes que ela interrompesse o encontro. Mas um olhar para Lucien e eu compreendi que ele concordava comigo: ela havia planejado alguma entrada gloriosa.

Fazia pouca diferença para mim – para meus planos.

Planos que eu mandara pelo laço da parceria na manhã seguinte, palavras e imagens tropeçadas ao longo de um corredor de noite.

Não ousava a usar o laço com muita frequência. Havia me comunicado com Rhys apenas uma vez desde que chegara ali. Uma única vez, nas horas posteriores à minha entrada no antigo quarto e espiar o que os espinhos haviam conquistado.

Foi como se tivesse gritado à uma grande distância, como falar debaixo d'água.

Estou a salvo e bem. Havia disparado pelo laço. *Contarei o que sei em breve.* Esperei, deixando que as palavras viajassem na escuridão. Então, perguntei: *eles estão bem? Estão feridos?*

Não me lembrava de o laço entre nós ser tão difícil de ouvir, mesmo quando eu ainda morava nesse lugar e ele costumava se certificar de que eu estava respirando, que meu desespero ainda não tinha me engolido por inteiro. Mas a resposta de Rhys veio um minuto depois: *Eu te amo. Eles estão bem, estão se curando.*

E foi isso.

Como se fosse tudo que ele pudesse ajeitar. Havia voltado para meus novos aposentos, trancado a porta, e encapsulado todo o ambiente numa bolha dura de ar para manter qualquer cheiro das minhas lágrimas silenciosas, enquanto eu me enrolava num canto do banheiro.

Já tinha sentado nessa posição e observado as estrelas durante longas horas da noite.

Agora eu olhava para o céu sem nuvens além das largas janelas, para os pássaros cantando uns para os outros e queria rugir.

Não ousara pedir mais detalhes sobre Cassian e Azriel, ou minhas irmãs – apavorada por saber o quão ruim podia ser. E com o que eu faria se seus processos de cura dessem errado. Sobre a fúria que liberaria sobre essas pessoas.

Se curando. Vivos e se curando. Me lembrava disso todos os dias.

Mesmo quando ainda ouvia seus gritos e sentia o cheiro de seu sangue.

Mas não havia pedido mais. Não arriscara tocar o laço além daquela vez.

Não sabia se alguém podia monitorar tais coisas – mensagens silenciosas entre parceiros. Nem quanto do laço de parceria poderia ser cheirado, e eu já estava jogando um jogo bastante perigoso com isso. Todos acreditavam que havia sido cortado, que o cheiro de Rhys que ainda permanecia em mim era porque ele plantara o cheiro dele em mim. Acreditavam que com o tempo, com a distância, o cheiro desapareceria. Semanas ou meses talvez.

E quando ele permanecesse, quando não desaparecesse... Seria aí que teria de atacar, com ou sem a informação de que precisava.

E havia a possibilidade de que me comunicar pelo laço acentuava o cheiro... tinha de minimizar o número de vezes em que o usava. Mesmo que não escutasse Rhys, mesmo que não ouvisse sua risada esperta e divertida... eu escutaria aquilo de novo, eu me prometia de novo e de novo. Eu veria aquele sorriso torto.

E me peguei pensando de novo na dor que vira em seu rosto na última vez que o vira, coberto com o



sangue de Azriel e Cassian, enquanto Jurian e os dois comandantes de Hybern atravessavam para a entrada de cascalho no dia seguinte.

Jurian vestia a mesma armadura leve de couro, seu cabelo castanho chicoteando seu rosto na tempestuosa brisa primaveril. Ele nos espiou de pé no mármore branco dos degraus da entrada da mansão e seu rosto se contorceu num sorriso presunçoso.

Forcei gelo para minhas veias. A frieza de uma corte que eu jamais fora os pés antes. Mas eu usava o presente de seu mestre, transformava a raiva que ardia em uma calma gélida enquanto Jurian caminhava até nós, com uma mão no punho de sua espada.

Mas foram os dois comandantes-um macho e uma fêmea – que colocaram medo argênteo em meu coração.

Pareciam Grão-Feéricos. A pele do mesmo matiz róseo e o cabelo da mesma tinta negra que o Rei. Mas era o vazio, a falta de sentimento em seus olhos que saltavam aos meus. Uma falta de emoções afiada por milênios de crueldade.

Tamlin e Lucien ficaram rígidos ao mesmo tempo quando Jurian pisou os pés na escada. O comandante humano sorriu “Você parece melhor do que na última vez que te vi.” Pus meus olhos nele e não disse nada.

Jurian fungou e fez um gesto para os companheiros adiante.

- Permitam-me apresentar-lhes suas Altezas, Príncipe Dagdan e Princesa Brannagh, sobrinho e sobrinha do rei de Hybern.

Gêmeos. Talvez ligados por laços de poder e mentais.

Tamlin pareceu se lembrar que aqueles eram agora seus aliados e marchou para baixo das escadas. Com Lucien atrás.

Ele nos vendeu - vendeu toda Prythian por mim. Pra me trazer de volta.

Fumaça se enroscou em minha boca e eu forcei gelo para ela.

Tamlin inclinou a cabeça para o príncipe e a princesa “Bem-vindos a minha casa.

Temos quartos preparados para todos.”

- Meu irmão e eu devemos ficar no mesmo cômodo. – A princesa disse, sua voz enganadoramente leve, quase infantil. A total falta de sentimento, a total autoridade não parecia nada.

Podia quase sentir o sarcasmo cozinhando em Lucien. Mas desci os degraus da escada e disse, sempre a senhora dessa casa e desse povo, que Tamlin esperava felizmente que eu abraçasse.

- Podemos fazer adaptações facilmente.

O olho de metal de Lucien se apertou e olhou pra mim, mas me mantive impassível enquanto os olhava. Para meus inimigos, qual dos meus amigos os encararia no campo de batalha?

Será que Cassian e Azriel tinham se curado o suficiente para lutar? Para sequer segurar uma espada? Não me permita perdurar nesse pensamento – Em como Cassian havia gritado quando suas asas eram retalhadas.

Princesa Brannagh me examinou: o vestido cor de rosa, o cabelo cheio de cachos que Alis havia trançado e prendido no topo da cabeça com uma tiara, o rosa pálido das pérolas nas minhas orelhas.

Um pacotinho adorável e inofensivo, perfeito para um GrãoSenhor montar quando quisesse.

Os lábios de Brannagh se curvaram quando olharam para os olhos do irmão. O

príncipe pensara o mesmo, a julgar pelo grunhido que emitira.

Tamlin rosnou devagar em aviso “Se já terminaram de olhar pra ela, podemos prosseguir para os nossos negócios”

Jurian soltou um riso e foi subindo as escadas, sem se importar se tinha tido permissão.

- Eles estão curiosos. - Lucien endureceu diante da imprudência do gesto e das palavras “Não é todo século que a posse de uma fêmea contestada dispara uma guerra.

Especialmente uma com tantos... Talentos.”

Somente me virei e segui seus passos. “Talvez, se tivesse se importado em ir à guerra por Myriam, ela não o teria deixado pelo príncipe Drakon.”

Uma onda pareceu percorrer Jurian. Tamlin e Lucien ficaram rígidos às minhas costas, divididos entre monitorar minhas trocas com Jurian ou escoltar os príncipes de Hybern para a casa. Trocas sobre minhas explicações sobre a rede de espões de Azriel ser muito bem treinada, nós limpamos quaisquer servos não necessários, cuidadosos sobre olhos e ouvidos espões, apenas os mais fieis haviam permanecido.

Claro que eu esqueci de avisar que Azriel havia retirado seus espões há semanas, as informações não valiam suas vidas, ou que servia apenas aos meus propósitos ter menos gente de olho em mim.

Jurian estacou no topo das escadas, seu rosto uma máscara de morte cruel enquanto eu dava os últimos passos em sua direção. “Cuidado com o que você fala, garota.”

Eu sorri, passando ligeira “Ou o que? Você vai me jogar no Caldeirão?”

Me dirigi para as portas de entrada, ladeando a mesa que ficava no centro do salão, com o vaso de flores que se esticava pra tocar o candelabro. Bem ali, apenas a uns metros de distância, eu tinha me tornado uma bola de terror e desespero há todos aqueles meses.

Bem ali, no centro da casa, Mor havia me pegado e carregado para fora dessa casa, para liberdade.

- Aqui está a primeira regra dessa visita. - Eu disse a Jurian sobre meu ombro, enquanto caminhava na direção da sala de jantar. “Não me ameace dentro de minha própria casa.”

A postura. Soube logo após que havia funcionado.

Não em Jurian, que agora brilhava enquanto tomava seu assento à mesa. Mas sobre Tamlin, que roçara os nós do dedo em minha bochecha enquanto passava por mim, sem desconfiar do quão cuidadosamente eu escolhera aquelas palavras, como eu havia jogado a isca para Jurian e ele me servira a oportunidade de bandeja. Aquele era meu primeiro passo: Fazer Tamlin acreditar, acreditar de verdade, que eu o amava e àquele lugar e todos que nele viviam.

Para que ele não suspeitasse de nada quando eu os colocasse uns contra os outros.

\*\*\*

O príncipe Dagdan cedia a todos os desejos e ordens de sua irmã. Como se ele fosse a lâmina com a qual ela cortava pelo mundo.

Ele lhe servia os drinks, cheirando-os primeiro, selecionava os melhores pedaços de carne das bandejas e os arranjava de maneira arrumada em seu prato. Sempre deixava que ela respondesse e nunca lhe olhava com mais do que dúvida nos olhos.

Uma alma em dois corpos. E do jeito que se olhavam, em trocas silenciosas, eu me perguntava se talvez... talvez eles fossem como eu. Daemati.

Meus escudos mentais tinham sido uma muralha de adamantio negro desde que chegara. Mas enquanto jantávamos e os longos momentos de silêncio se tornavam mais frequentes que as conversas, me peguei avaliando-os.

- Iremos para a muralha amanhã. - Brannagh estava dizendo a Tamlin. Mais uma ordem do que um pedido. “Jurian irá conosco. Requeremos sentinelas que saibam onde ficam localizados os buracos.”

Só de pensar que eles estariam tão perto de terras mortais... Mas minhas irmãs não estavam mais lá. Não, minhas irmãs estavam em algum lugar do vasto território de minha corte, protegidas por meus amigos. Mesmo que meu pai retornasse dos seus negócios no continente em um mês ou dois; eu ainda não imaginara como contaria a ele.

- Lucien e eu podemos escolta-los. - Eu ofereci.

Tamlin me olhou de sopetão. Eu esperei pela recusa, pelo corte.

Mas, aparentemente, o GrãoSenhor havia aprendido sua lição. Ele estava, de fato, inclinado a tentar, e então meramente fez um gesto para Lucien: “Meu emissário conhece a muralha tão bem quanto qualquer sentinela”

Você está deixando eles fazerem isso. Está racionalmente permitindo que eles derrubem a muralha e cacem os humanos do outro lado. As palavras se enrolaram e chiaram em minha boca.

Mas me obriguei a dar a Tamlin um aceno afirmativo lento e ligeiramente insatisfeito de cabeça. Ele sabia que eu jamais ficara contente com isso – a garota que ele acreditava que havia retornado pra ele sempre protegeria as terras mortais. Mesmo que ele acreditasse que eu suportaria isso por nós, por ele. Mesmo que ele acreditasse que Hybern não se banquetearia nos humanos assim que a muralha caísse, que eles teriam somente seus territórios absorvidos pelo nosso.

- Partiremos após o café da manhã. - Eu disse à princesa e adicionei à Tamlin, “E

adicionaremos alguns sentinelas conosco”.

Seus ombros relaxaram com isso. Me perguntava se ele ouvira falar que eu defendera Velaris. Que eu protegera o Arco-Íris contra uma legião de bestas como o Attor.

Que eu havia matado o Attor, brutal e cruelmente, pelo que ele havia feito comigo e com os meus.

Jurian questionou Lucien com a franqueza de um soldado “Sempre me perguntei quem fez esse olho depois que ela arrancou o seu”

Não se falava de Amarantha aqui. Nunca havíamos permitido sua presença naquela casa. E aquilo tinha me sufocado por aqueles meses que vivi aqui depois de Sob a Montanha; tinha me matado dia após dia, enquanto tentava enfiar mais fundo a dor e aqueles medos.

Por uma batida de coração eu pesei quem eu era e quem eu deveria ser agora. Me curando devagar – Emergindo de volta para a garota que Tamlin havia alimentado e amado antes que Amarantha torcesse meu pescoço depois de me torturar por três meses.

Lucien simplesmente olhou duro para Jurian enquanto os príncipes reais de Hybern olhavam impassíveis.

- Tenho uma amiga de longa data na Corte Diurna. Ela é habilidosa com funilaria, mistura magia com maquinário. Tamlin a fez fazer pra mim, sob um grande risco.

Um sorriso odioso veio de Jurian. “Sua pequena parceira tem uma rival?”

- Minha parceira não é da sua conta.

Jurian deu de ombros. “Não deveria ser da sua também, considerando que, a essa altura, ela deve estar sendo fodida por metade do exército Illyriano.”

Tinha quase certeza que tinham sido os séculos de treinamento de Lucien que o impediram de pular a mesa e rasgar a garganta de Jurian. Mas foi o rosnado de Tamlin tremendo as taças.

- Você vai se comportar como um convidado nesta casa Jurian, ou o colocarei para dormir nos estábulos como os outros animais.

Jurian apenas bebericou o vinho.

- Por quê devia ser punido por apenas dizer a verdade? Nenhum dos dois estava na guerra quando as minhas forças se aliaram com os brutos illyrianos. - Um olhar para os dois príncipes de Hybern. “Suponho que vocês tenham tido o prazer de lutar contra eles”

- Mantivemos as asas de seus generais como troféus. - Disse Dagdan com um pequeno sorriso.

Precisei de cada pedaço de concentração para não olhar para Tamlin. Para não questionar sobre o paradeiro dos dois pares de asas que seu pai tinha mantido como troféus depois de ter assassinado a mãe e a irmã de Rhys.

Penduradas no estúdio, Rhys havia dito.

Mas não havia encontrado nenhum traço quando saíra à procura quando retornei pra cá, sob a desculpa de explorar a casa num dia tedioso de chuva. Os cômodos não guardavam nada. Nem baús, nem caixas, nem quartos trancados continham aquelas asas.

Os dois pedaços de cordeiro assado que eu forcara garganta abaixo se rebelaram contra mim. Mas qualquer pista de desgosto teria sido justa para o que afirmara o príncipe de Hybern. Jurian de fato sorria para mim enquanto cortava um pedaço de cordeiro.

- Você sabe que lutamos juntos, não? Eu e seu GrãoSenhor. Seguramos as linhas contra os Leais, batalhamos lado a lado, até que a imundice chegasse em nossas canelas.

- Ele não é o GrãoSenhor dela. - Disse Tamlin com uma doçura enervante.

Jurian ronronou pra mim “Ele deve ter lhe dito onde ele escondeu Myrian e Drakon”

- Eles estão mortos. - Disse simplesmente.

- O Caldeirão diz o contrário.

Medo frio se alojou em meu estômago. Ele havia tentado sozinho, ressuscitar Myriam pra ele. E não a tinha encontrado entre os mortos.

- Me disseram que havia morrido. - Disse de novo, tentando soar entediada, impaciente. Peguei outro pedaço do cordeiro, tão sem gosto comparado aos sabores dos ricos temperos de Velaris.

- Achei que tivesse coisa melhor pra fazer Jurian, do que ficar obcecado atrás de uma mulher que o largou.

Seus olhos brilharam com a loucura de quinhentos anos enquanto ele espetava pedaços de petisco de carne com seu garfo.

- Dizem que você já estava fodendo Rhysand antes mesmo de largar o seu homem.

- Basta! - Grunhiu Tamlin Mas então eu senti. Senti a batida contra minha mente. Vi o plano, claro e simples: Nos aborrecer, nos distrair, enquanto os dois príncipes escorregavam pra nossas mentes.

A minha estava blindada, mas a de Tamlin e a de Lucien...

Estiquei meu poder beijado pela noite, espalhando-o como uma rede e eu de fato encontrei dois tendões oleosos, saltando para as mentes de Tamlin e Lucien, como se de fato fossem duas lanças prontas para serem arremessadas do outro lado da mesa em suas direções.

Eu rebati. Dragdan e Brannagh bateram com as costas nas cadeiras, como se eu de fato tivesse lançado um golpe físico. Enquanto seus poderes se batiam agora contra uma parede de adamantio negro que circundava a mente de Lucien e Tamlin.

Eles me olharam com seus olhos negros. Eu sustentei de volta o olhar.

- Algo errado? - Tamlin perguntou e eu percebi o quão quieto tinha ficado.

Fiz uma ótima interpretação de confusão dobrando minhas sobrancelhas.

- Nada. - Ofereci meu melhor sorriso para os príncipes. “Suas altezas devem estar cansadas da longa viagem.” E por um bom tempo eu busquei por suas mentes, longas muralhas de osso branco.

Eles recuaram enquanto eu raspava garras negras contra seus escudos mentais, raspando fundo.

O tiro de aviso me custara uma lenta e pulsante dor de cabeça nas têmporas. Mas apenas voltei minha atenção para minha comida, ignorando a piscada de Jurian.

Ninguém disse mais uma palavra durante o resto da refeição.

CHAPTER

A floresta estava em silêncio enquanto cavalgávamos entre as árvores em formação, pássaros e animais pequenos correndo para esconder-se muito antes de nós passarmos.

Não de mim, nem de Lucien, nem dos três sentinelas que seguiam a uma distância respeitosa. Mas de Jurian e dos dois comandantes de Hybern que cavalgavam no centro do nosso grupo. Como se fossem tão horríveis como o Bogge, como o naga.

Chegamos à parede sem incidentes ou Jurian tentando pegar - nos desprevenidos.

Eu estava acordada a maior parte da noite, lançando minha consciência através da mansão, procurando qualquer sinal de que Dagdan e Brannagh estivessem trabalhando sua influência daemati em qualquer um. Felizmente, a habilidade que eu tinha herdado de Helion, GrãoSenhor da Corte Diurna, não havia detectado nenhum emaranhado, nenhum feitiço, exceto aqueles em torno da própria casa, impedindo que alguém de atravessar dentro ou fora.

Tamlin estivera tenso no café da manhã, mas não me pedira para ficar para trás. Eu até fui tão longe e testei-o perguntando o que estava errado - ao que ele apenas respondeu que tinha uma dor de cabeça. Lucien tinha acabado por dar-lhe um tapinha no ombro e prometeu cuidar de mim. Eu quase ri das palavras.

Mas o riso estava agora longe de meus lábios enquanto minha cabeça pulsava e palpitava, pela presença pesada e hedionda que surgiu a meia milha de distância. De perto, embora... Até os nossos cavalos estavam nervosos, atirando as cabeças e batendo os cascos na terra. Nós os amarramos nos ramos baixos de uma árvore alvorencedo.

- A abertura na parede é aqui em cima. - Lucien estava dizendo, soando tão emocionado quanto eu estar em aqui. Pisando sobre as flores cor-de-rosa caídas, Dagdan e Brannagh deslizaram ao lado dele, Jurian deslizando-se para examinar o terreno, os sentinelas restantes com nossas montarias.

Acompanhei Lucien e os príncipes, mantendo distância casual. Eu sabia que minhas roupas elegantes e finas não estavam enganando o príncipe e a princesa para que esquecessem que um companheiro daemati agora andava em suas costas.

Mas eu ainda selecionara cuidadosamente a jaqueta bordada de safira e as calças marrons - adornadas apenas com uma bondrié com uma faca encrustada de jóias e o cinto que Lucien uma vez me deu. Uma vida há trás.

- Quem quebrou a parede aqui? - perguntou Brannagh, examinando o buraco que não podíamos ver - não, a parede propriamente era totalmente invisível - mas sim sentida, como se o ar tivesse sido sugado de um ponto.

- Não sabemos. - Respondeu Lucien, a luz do sol brilhando ao longo do fio dourado que adornava sua jaqueta castanha-amarelada enquanto cruzava os braços. "Alguns dos buracos só apareceram ao longo dos séculos. Este é pequeno o suficiente para que uma pessoa possa passar. "

Um olhar trocado entre os gêmeos. Eu vim por trás deles, estudando a abertura, a parede ao redor dela. Que fazia cada instinto retroceder em sua ... injustiça.

- Foi por aí que eu passei ... na primeira vez.

Lucien assentiu, e os outros dois levantaram as sobrancelhas. Mas eu dei um passo mais perto de Lucien, meu braço quase escovando o dele, deixando-o ser uma barreira entre nós. Eles tinham sido mais cuidadosos no café da manhã esta manhã sobre empurrar contra meus escudos mentais. Mas agora, deixando-os pensar que eu estava fisicamente intimidado por eles...

Brannagh estudou o quanto eu estava perto de Lucien. Como ele se deslocou um pouco para me proteger também.

Um pequeno e frio sorriso curvou seus lábios. - Quantos buracos há na parede?

- Contamos três ao longo de toda a nossa fronteira - disse Lucien com firmeza.

"Mais um fora da costa - cerca de uma milha de distância."

Eu não deixei minha nova máscara vacilar quando ele ofereceu a informação.

Mas Brannagh balançou a cabeça, cabelos escuros devorando a luz do sol. - "As entradas marítimas não servem para nada. Nós precisamos quebrá-la em terra. "

- O continente certamente tem pontos, também.

- Suas rainhas têm um aperto ainda mais fraco em seu povo do que você. - Disse Dagdan. Eu guardei essa pequena informação, estudando-a.

- Vamos deixar você para explorar, então. - Eu disse, acenando para o buraco.

"Quando tiver terminado, iremos até as próximas."

- São dois dias daqui. - Respondeu Lucien.

- Então planejaremos uma viagem para essa excursão - disse simplesmente. Antes que Lucien pudesse objetar, eu perguntei: "O terceiro buraco?"

Lucien bateu um pé contra o chão coberto de musgo, mas disse: - Dois dias depois disso.

Eu me virei para a realeza, arqueando uma sobrancelha. - Vocês dois podem atravessar?

Brannagh corou, endireitando-se. Mas foi Dagdan quem admitiu: "Eu posso." Ele deve ter carregado ambos, Brannagh e Jurian quando chegaram. Ele acrescentou: "Apenas alguns quilômetros se eu carregar outros."

Eu apenas acenei com a cabeça e me dirigi para um emaranhado de troncos curvados, Lucien seguindo atrás. Quando não havia nada exceto flores cor-de-rosa e luz do sol do gotejamento entre os ramos, quando a realeza tinha ocupado-se com a Muralha, fora da vista e do som, eu peguei um galho em um



ritmo suave. Lucien sentou-se contra uma árvore próxima, dobrando um tornozelo sobre outro.

- O que você está planejando, vai nos afundar até o joelho na merda.

- Eu não estou planejando nada. - Eu arranquei uma flor cor-de-rosa caída e girei-a entre meu polegar e indicador. Aquele olho dourado se estreitou, clicando suavemente.

- O que você vê mesmo com esse olho?

Ele não respondeu.

Eu joguei a flor no musgo macio entre nós. "Não confia em mim? Depois de tudo o que passamos? "

Ele franziu o cenho para a flor descartada, mas ainda não disse nada. Eu me ocupei de mexer através da minha bagagem até que encontrei a cantina de água.

- Se você estivesse apto para lutar na Guerra, - eu perguntei, tomando um gole, -

"você teria lutado de seu lado? Ou lutado pelos humanos? "

- Eu teria sido uma parte da aliança Feérico - Humanos.

- Mesmo que seu pai não estivesse?

- Especialmente se meu pai não fizesse.

Mas Beron fazia parte dessa aliança, se recordei corretamente minhas lições com Rhys todos aqueles meses atrás.

- E, contudo, aqui está você, pronto para marchar com Hybern.

- Eu fiz isso para você, também, você sabe. - Palavras frias e duras. "Eu fui com ele para te trazer de volta."

- Eu nunca percebi que a culpa pode ser um poderoso motivador.

- Naquele dia você - foi embora. - Ele disse, lutando para evitar aquela outra palavra - fugiu. "Eu corri com Tamlin de volta para a mansão - recebemos a mensagem quando estávamos na fronteira e corremos aqui. Mas o único vestígio de você era aquele anel, derretido entre as pedras do salão. Eu me liberei dele um momento antes Tam chegou em casa para vê-lo. "

Uma sondagem, uma declaração cuidadosa. Dos fatos que apontaram não para abdução.

- Eles derreteram-no do meu dedo. - Eu menti.

Sua garganta balançou, mas ele apenas balançou a cabeça, a luz do sol vazando através do dossel da floresta definindo vermelho de seu cabelo brilhante.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Pelos sussurros e murmuros, a realza estava terminando, e eu

me preparando, calculando as palavras que eu precisaria usar sem parecer suspeita.

Eu disse em voz baixa: "Obrigada. Por ter vindo a Hybern para me pegar. "

Ele puxou o musgo ao lado, com a mandíbula apertada.

- Foi uma armadilha. O que eu pensava que deveríamos fazer lá... não aconteceu dessa maneira.

Foi um esforço para não expor meus dentes. Mas eu andei até ele, ocupando um lugar ao seu lado contra o largo tronco da árvore.

- Esta situação é terrível. - Eu disse, e era a verdade.

Ele concordou baixo. Bati o joelho contra o dele.

- Não deixe Jurian te incomodar. Ele está fazendo isso para sentir quaisquer fraquezas entre nós.

- Eu sei.

Virei meu rosto para ele, apoiando meu joelho contra o dele em silenciosa exigência.

- Por quê? - Eu perguntei. "Porque Hybern quer fazer isso além de algum desejo horrível de conquista? O que motiva seu povo? Ódio? Arrogância?"

Lucien finalmente olhou para mim, as peças intrincadas e esculturas sobre o olho de metal muito mais deslumbrante de perto. "Você-"

Brannagh e Dagdan empurraram através dos arbustos, franzindo a testa ao nos encontrar sentados ali. Mas era Jurian - bem atrás deles, como se estivesse divulgando os detalhes de sua pesquisa – quem sorriu ao nos ver, de joelho a joelho e quase nariz a nariz.

- Cuidado, Lucien. - O guerreiro zombou. "Você viu o que acontece com os homens que tocam os pertences do GrãoSenhor."

Lucien rosnou, mas eu atirei-lhe um olhar de advertência. Ponto provado, eu disse em silêncio. E apesar de Jurian, apesar da realeza despreocupada, um canto da boca de Lucien puxou para cima.

Ianthe estava esperando nos estábulos quando voltamos. Ela tinha feito sua grande chegada no final do café da manhã horas antes, parando sob a brisa na sala de jantar quando o sol brilhava em veios de ouro puro pelas janelas. Eu não tinha dúvida de que ela tinha planejado o momento, assim como ela tinha planejado a parada no meio de um daqueles raios de sol, angulados de modo que seus cabelos brilhavam e a jóia em cima da cabeça queimava com fogo azul. Eu teria intitulado a pintura como Modelo Piety.

Depois de ter sido brevemente apresentada por Tamlin, ela tinha basicamente investido sobre Jurian - que tinha apenas franzido o cenho para ela como se fosse um inseto zumbindo em seu ouvido. Dagdan e Brannagh haviam escutado sua adulação com tanto tédio, que eu estava começando a me perguntar se os dois talvez preferissem a companhia de ninguém, mas um do outro. Para qualquer nível profano. Não é como se mostrassem uma beleza que muitas vezes fazia machos e fêmeas pararem de bocejar.

Talvez qualquer tipo de paixão física havia sido há muito tempo drenada para longe, ao lado de suas almas.

Assim, a realeza de Hybern e Jurian tinha tolerado Ianthe por cerca de um minuto antes de ter encontrado a sua comida mais interessante. Um rápido pensamento, sem dúvida explicava por que ela decidiu nos encontrar aqui, aguardando a nossa chegada.

Era minha primeira vez em um cavalo em meses, e eu estava rígida o bastante para mal poder me mover para desmontar. Dei a Lucien um olhar sutil e suplicante, e ele mal escondeu seu sorriso enquanto passeava até mim. Nossa plateia dispersa assistiu enquanto ele segurava a minha cintura com as mãos largas e facilmente me desmontava do cavalo, nenhum mais perto do que Ianthe.

Eu apenas dei um tapinha no ombro de Lucien em agradecimento. Sempre cortes, ele curvou-se para trás. Era difícil, às vezes, lembrar de odiá-lo. Para lembrar o jogo que eu já estava jogando.

Ianthe falou, "Uma viagem bem sucedida, espero?"

Eu empurrei meu queixo para a realeza. "Eles pareciam satisfeitos."

Na verdade, o que quer que estivessem procurando, eles acharam agradável. Eu não ousava perguntar demais. Ainda não.

Ianthe inclinou a cabeça. "Agradeça ao Caldeirão por isso."

- O que você quer? - Lucien disse um tom muito plano.

Ela franziu a testa, mas levantou o queixo, dobrando as mãos diante dela enquanto dizia: "Vamos ter uma festa em honra de nossos convidados - e coincide com o Solstício de Verão em poucos dias. Queria falar com Feyre sobre isso." Um sorriso de duas faces.

"A menos que você tenha uma objeção a isso."

- Não tenho. - Eu respondi antes que Lucien pudesse dizer algo que ele lamentaria.

"Dê-me uma hora para comer e me trocar, e eu vou encontrá-lo no escritório. "

Talvez um tom mais assertivo do que eu tinha tido uma vez, mas ela acenou com a cabeça mesmo assim. Eu liguei meu cotovelo com Lucien e me afastei. "Vejo você em breve", eu disse a ela, e senti seu olhar em nós enquanto caminhávamos pelos estábulos e para a luz do meio-dia brilhante.

Seu corpo estava tenso, quase tremendo.

- O que aconteceu entre vocês? - Eu sussurrei quando nos perdemos entre os sebes e caminhos de cascalho do Jardim - Não vale a pena repetir.

- Quando eu fui levada. - Arrisquei, quase tropeçando na palavra, quase dizendo para a esquerda. "Ela e ela Tamlin..." Eu não estava fingindo a torção baixa no meu intestino.

- Não - disse ele com voz rouca. "Quando Calanmai chegou, ele recusou a participar. Eu o substituí no

Rito, mas... "

Eu tinha esquecido. Esquecido sobre Calanmai e o Rito. Eu fiz um registro mental dos dias.

Não admira que eu tivesse esquecido. Eu estava naquela cabana nas montanhas.

Com Rhys enterrado em mim. Possivelmente nós geramos nossa própria magia naquela noite.

Mas Lucien ...

- Você levou Ianthe para aquela caverna no Calanmai?

Ele não olharia para mim. "Ela insistiu. Tamlin estava... as coisas estavam ruins, Feyre. Eu fui em seu lugar, e eu fiz o meu dever para a corte. Fui de minha própria vontade. E completamos o Rito. "

Não era de admirar que ela tivesse recuado dele. Ela tinha conseguido o que queria.

- Por favor, não conte a Elain - disse ele. - "Quando nós... quando a encontrarmos de novo" - corrigiu ele.

Ele poderia ter completado o Grande Rito com Ianthe por vontade própria, mas certamente não tinha gostado. Alguma linha tinha sido ultrapassada. E meu coração se apertou um pouco no meu peito quando eu disse a ele sem qualquer trapaça.

- Eu não direi a ninguém a menos que você o diga. - O peso daquela faca e o cinto de jóias parecia crescer. "Eu gostaria de ter estado lá para impedir isso. Eu deveria ter estado lá para detê-lo." Eu quis dizer cada palavra.

Lucien apertou nossos braços enquanto arredondávamos uma cerca, a casa se erguendo diante de nós.

- Você é uma melhor amiga para mim, Feyre, - disse ele em voz baixa - "do que eu alguma vez fui para você."

Alis franziu o cenho para os dois vestidos pendurados na porta do armário, seus longos dedos castanhos alisando o chiffon e a seda.

- Não sei se a cintura pode ser ajustada. - Ela disse sem olhar de volta para onde eu estava sentada na beira da cama. "Nós tentamos recuperar o que pudermos, mas não tinha muito tecido... Você pode muito bem precisar encomendar novos. "

Enfrentou-me então, dirigindo um olho sobre meu corpo vestido. Eu sabia o que ela via - o que as mentiras e os sorrisos envenenados não conseguiam esconder: eu me tornara magra e sem vida quando estava vivendo aqui depois de Amarantha. No entanto, para todos os modos e histórias que Rhys tinha feito para me prejudicar, eu ganhei de volta o peso que eu tinha perdido, com bons músculos, e abandonei a palidez doentia em favor da pele beijada pelo sol.

Para uma mulher que havia sido torturada e atormentada durante meses, eu parecia extraordinariamente bem. Nossos olhos cruzaram a sala, o silêncio cortado apenas pelo zumbido dos poucos criados restantes no corredor, ocupado com preparações para o solstício de amanhã de manhã.

Eu passei os últimos dois dias jogando como um animal de estimação bonito, permitida nas reuniões com a realeza de Hybern na maior parte porque eu fiquei quieta.

Eles eram tão cautelosos quanto nós, protegendo as perguntas de Tamlin e Lucien sobre os movimentos de seus exércitos, seus aliados estrangeiros e outros aliados dentro de Prythian. As reuniões não chegaram a lugar nenhum, como tudo o que eles queriam saber era informação sobre nossas próprias forças.

E sobre a Corte Noturna.

Eu alimentava Dagdan e Brannagh com detalhes tanto verdadeiros quanto falsos, misturando-os perfeitamente. Eu mostrei falei sobre as legiões Illyrianas entre as montanhas e estepes, mas apontei o clã mais forte como seu mais fraco; Eu mencionei a eficiência dessas pedras azuis de Hybern contra o poder de Cassian e Azriel, mas omiti o quão facilmente eles tinham trabalhado em torno deles. Quaisquer perguntas que eu não poderia responder, eu fingi perda de memória ou trauma muito grande para suportar recordar.

Mas, apesar de todas as minhas mentiras e manobra, a realeza estava muito guardada para revelar muito do sua própria formação E para todas as minhas expressões cuidadas, Alis pareceu ser a única que notou os pequenos estremecimentos que mesmo eu não podia controlar.

- Você acha que existe algum vestido que se servirá para solstício? - Eu disse casualmente quando seu silêncio continuou.

- Os cor-de-rosa e os verdes cabem, mas já os usei três vezes.

- Você nunca se importou com tais coisas. - Alis disse, estalando a língua.

- Não tenho o direito de mudar a minha mente?

Aqueles olhos escuros se estreitaram ligeiramente. Mas Alis abriu as portas armário, os vestidos ondulantes, e folheou seu interior escuro.

- Você poderia usar isso. - Ela levantou uma roupa. Um conjunto turquesa de roupas da Corte Noturna, cortado de modo semelhante ao modelo preferido de Amren, pendia de seu dedos magros. Meu coração balançou.

Palavras “Que-que-” tropeçaram fora de mim, volumosas e escorregadias, e eu me calei com um puxão afiado na minha coleira interior. Arrumei-me. “Eu nunca soube que você era cruel, Alis.”

Um bufo. Ela jogou as roupas de volta para o armário.

- Tamlin desfiou os dois outros conjuntos, este sobreviveu porque era na gaveta errada.

Teci um fio mental, para o corredor para garantir que ninguém estava escutando.

- Ele estava perturbado. Eu gostaria que ele destruísse este par, também.

- Eu estava lá naquele dia, você sabe. Disse Alis, cruzando os braços magros sobre o peito. "Eu vi a

Morrigan chegar. A vi entrar naquele casulo de poder e carrega-la como uma criança. Pedi-lhe para levá-la para embora."

Meu coração torceu e não era fingimento.

- Eu nunca disse isso a ele. Nunca disse a nenhum deles. Eu deixá-los pensar que você tinha sido sequestrado. Mas você se agarrou a ela, e ela estava disposta a matar todos nós para o que tinha acontecido.

- Eu não sei por que você iria assumir isso. - Eu puxei as bordas do meu robe de seda mais apertados em torno de mim.

- Servos conversam. E sob a Montanha, nunca ouviu-se falar ou viram Rhysand colocando a mão em um servo. Guardas, companheiros de Amarantha, as pessoas que ele recebeu ordens para matar, sim. Mas nunca os servos. Nunca os que eram incapazes de se defender.

- Ele é um monstro.

- Eles dizem que você voltou diferente. Voltou errada. - Riu como um corvo. "Eu nunca me preocupei em dizer-lhes que acho que você voltou direita. Voltou certo."

Um precipício se abriu diante de mim. Linhas, haviam linhas aqui, e minha sobrevivência e a de Prythian dependia de eu navega - las. Levantei-me da cama, com as mãos tremendo levemente. Mas, em seguida, Alis disse: "Meu primo trabalha no palácio em Adriata."

Corte Estival. Alis tinha sido originalmente da Corte Estival, e tinha fugido para cá com seus dois sobrinhos após sua irmã ter sido brutalmente assassinada durante o reinado de Amarantha.

- Servos do palácio não são destinadas a serem vistos ou ouvidos, mas que vêem e ouvem muito quando ninguém acredita que eles estão presentes.

Ela era minha amiga. Ela me ajudou em grande risco Sob a Montanha. Tinha cuidado de mim meses depois. Mas se ela comprometesse tudo...

- Ele disse que você os visitou. E que estava saudável, e rindo, e feliz.

- Foi uma mentira. Ele me fez agir dessa forma. - A oscilação na minha voz não demorou muito para aparecer. Como se soubesse, lançou-me um sorriso torto.

- Se você diz.

- Eu quis dizer isso.

Alis tirou um vestido de branco cremoso. "Você nunca pôde usar este. Eu tinha encomendado para após o dia do casamento."

Não era exatamente um vestido de noiva, mas sim puro. Limpo. O tipo de vestido que eu teria me ressentido quando voltei de Sob a Montanha, desesperada para evitar qualquer comparação com a minha alma arruinada. Mas agora... eu segurei o olhar de Alis, e me perguntei qual dos meus planos ela tinha

decifrado.

Alis sussurrou: “Eu só vou dizer isto uma vez. Tudo o que você pretende fazer, peço-lhe para deixar os meus meninos fora dele. Leve o castigo que você deseja, mas por favor, poupe-os.”

Eu nunca quis que isso comesse. Mas eu só balancei a cabeça, levantei minhas sobrancelhas, totalmente confusa e angustiada. “Tudo que eu quero é devolver a vida aqui. Curar.”

Curar a terra da corrupção e escuridão se espalhando por todo ela.

Alis parecia entender isso também. Ela colocou o vestido na porta armário, ondulando e brilhando solto as saias.

- Vista isto no solstício. - Ela disse calmamente.

Então eu fiz.

CHAPTER

O solstício de Verão era exatamente como me lembrava: bandeiras, fitas e guirlandas de flores por todos os lados. Tonéis de cerveja e vinho eram arrastados até os pés das colinas que rodeavam a propriedade. Grão-Feéricos e Feéricos inferiores se aglomerando de igual maneira para a celebração.

Mas o que não existia no ano passado era Ianthe.

A celebração seria um sacrilégio se não agradecêssemos antes.

Então estávamos todos de pé duas horas antes do amanhecer, com a visão turva e ninguém pronto o bastante pra tolerar suas cerimônias enquanto o sol se dirigia para o horizonte no dia mais longo do ano. Me perguntava se Tarquin tinha que lidar com cerimônias tão chatas quanto essa em seu palácio brilhante no mar. Me perguntava se tais cerimônias aconteceriam em Adriata hoje, com o GrãoSenhor da Corte Estival, que estivera tão perto de ser um amigo.

Até onde eu sabia, apesar dos rumores dos servos, Tarquin nunca disse nenhuma palavra da visita que Rhys, Amren e eu fizemos para Tamlin. O que o senhor do verão pensava das minhas atuais circunstâncias? Não duvidava que Tarquin já tinha ouvido falar. E eu rezei pra que ele ficasse fora disso tudo enquanto eu não terminasse o trabalho que ainda tinha para fazer aqui.

Alis conseguiu para mim uma capa luxuosa de veludo branco para a cavalgada pelas colinas, e Tamlin me pusera numa égua pálida como a lua que tinha flores selvagens por toda sua crina. Se eu quisesse pintar uma imagem de pureza seria aquela daquela manhã: meu cabelo trançado, no topo da cabeça, coroados com uma coroa de flores de espinheiro.

Coloquei um pouco de blush em meus lábios e bochechas – um toque suave de cor – como as primeiras pinceladas da primavera numa paisagem de inverno.

Nossa procissão chegara à colina, uma multidão de centenas já nos aguardando, com todos os olhos voltados para mim. Mas mantive meu olhar para frente, para onde Ianthe se postava frente à um altar de pedra rústica repleto de flores, frutas e dos primeiros grãos do verão. O capuz de seu robe azul pálido estava finalmente abaixado, a tiara de prata agora descansava no topo de sua cabeça dourada.

Sorri para ela, minha égua parando obedientemente no arco norte do semi círculo que o povo havia feito ao redor do altar de Ianthe, nos limites da colina, e me perguntei se ela conseguia ver o lobo sorrindo por baixo da minha roupa.

Tamlin me ajudou a descer do cavalo, a luz cinza do céu logo antes do amanhecer brilhando com os fios dourados de sua jaqueta. Me forcei a olhar em seus olhos quando ele me colocou na grama, consciente dos olhares de todos os outros sobre nós. As lembranças brilharam em seu olhar – do jeito que seus olhos fixaram em meus lábios.

Fazia um ano que ele tinha me beijado nesse mesmo dia. Fazia um ano que tinha dançado entre essas mesmas pessoas, sem preocupações e feliz pela primeira vez na vida e eu tinha acreditado que seria feliz e que jamais seria tão feliz assim de novo.



Dei-lhe um pequeno e tímido sorriso enquanto aceitava o braço que ele me estendia.

Juntos nós cruzamos a grama até o altar de Ianthe, com os príncipes de Hybern, Jurian e Lucien logo atrás.

Também me perguntava se Tamlin se lembrava daquele dia há tantos meses atrás, quando eu usara um vestido branco diferente e onde tinha havido também flores espalhadas. Quando meu parceiro havia me resgatado, quando eu havia desistido de prosseguir com o casamento, com alguma parte primal de mim sabendo que aquilo não era correto. Eu tinha acreditado que não merecera aquilo, não queria sobrecarregar Tamlin com uma pessoa atormentada como eu estava pelo resto da eternidade. E Rhys... Rhys teria deixado eu me casar com ele, acreditando que eu era feliz, querendo que eu fosse feliz, mesmo que isso acabasse por mata-lo. Mas, no momento em que eu dissera não...

Ele me salvara. Me ajudara a me salvar.

Eu olhei para Tamlin.

Mas ele estava olhando minha mão, apoiada em seu braço. O dedo vazio onde o anel antes estava. O que ele havia feito com isso – Onde ele pensava que estava o anel, se Lucien tinha escondido a evidência? Por uma batida de coração eu tive pena dele.

Tive pena não só porque Lucien havia mentido para ele, mas Alis também. Quantos outros haviam visto a verdade, meu sofrimento – e tentaram poupa-lo disso?

Tinham visto meu sofrimento e não fizeram nada para me ajudar.

Tamlin e eu havíamos parado na frente do altar com Ianthe nos oferecendo um sorriso régio.

Os príncipes de Hybern trocavam os pés, sem se incomodar de demonstrar sua impaciência. Brannagh havia feito algumas reclamações veladas sobre o Solstício no jantar de ontem, declarando que em Hybern eles não se preocupavam com tais odiosas coisas e iria à revelia. Implicando, ao seu jeito, que nem deveríamos nós. Eu os ignorei enquanto Ianthe erguia as mãos e chamava a multidão às nossas costas.

- Um solstício abençoado a todos nós!

Então começou o interminável corolário de rezas e rituais, suas mais lindas acólitas ajudando a derramar o vinho sagrado, com as bênçãos dos deuses das colheitas no altar, suplicando ao sol que nascesse novamente.

Um amável número ensaiado. Lucien estava meio dormindo atrás de mim.

Mas eu tolerei a cerimônia com Ianthe e sabia o que estava por vir quando ela levantou a taça de vinho e começou “Assim como a luz é mais forte hoje, deixemos que ela leve as sombras não desejadas, deixemos que ela bana a marca escura do mal”

Golpe após golpe em meu parceiro, minha casa, mas eu só concordei com ela.

- Poderiam os príncipes Brannagh e Dagdan nos darem a honra de beber o vinho sagrado?

A multidão os olhou. Os príncipes piscaram, franzindo a testa um para o outro.

Mas eu dei um passo ao lado, gesticulando para o altar, enquanto lhes sorria lindamente.

Eles abriram as bocas, sem dúvida para recusar, mas Ianthe não aceitaria um não como resposta.

- Bebam e deixem que nossos novos aliados se tornem nossos amigos. - Ela declarou. “Bebam e levem pra longe a mais longa noite do ano”

Os dois daemati estavam, sem dúvida, testando a taça em busca de veneno, por meio de qualquer laço mágico que tivessem, mas eu mantive o mais puro sorriso no rosto enquanto eles se aproximavam para o altar e Brannagh esticava a mão para aceitar a taça que lhe era estendida.

Cada um malmente tomou um gole antes de dar um passo atrás, mas Ianthe arrulhou pra eles, insistindo que ficassem atrás do altar para presenciar a cerimônia do lado dela.

Eu a fiz ter certeza do quão enojados eles estavam com seus rituais. O quanto eles dariam tudo de si para chutá-la de sua importância como líder do povo assim que eles chegassem. Ela agora parecia inclinada a convertê-los.

Mais rezas e rituais, até que Tamlin foi chamado ao altar para acender uma vela pelas almas extintas no ano passado – e agora para trazê-las de volta à luz assim que o sol nascesse.

Rosa começaram a manchar as nuvens atrás deles.

Jurian também foi chamado à frente para recitar uma última prece, eu havia pedido que Ianthe acrescentasse, uma prece pelos guerreiros que haviam lutado por nossa segurança naquele dia.

E então Lucien e eu estávamos sozinhos no círculo de grama, o altar e o horizonte à nossa frente, e a multidão aos lados e às nossas costas. Pela rigidez de sua postura, os dardos de seu olhar sobre o local, sabia que ele estava compreendendo e passando por todas as rezas e em como eu tinha trabalhado com Ianthe naquela cerimonia. Em como eu e ele estávamos na trajetória do Sol, enquanto todos os outros haviam sido movidos para longe.

Ianthe direcionou-se para os limites da colina, seu cabelo dourado caindo livre às costas, enquanto ela levantava os braços ao céu. O lugar era intencional, assim como seus braços abertos.

Ela faria o mesmo gesto do Solstício de Inverno, estaria no local exato onde nasceria o sol por entre seus braços, enchendo-os com luz. Suas acólitas haviam marcado o local exato com uma pedra marcada, discretamente.

Lentamente, o disco solar rompeu os tons de azul e verde do horizonte. Luz encheu o mundo, clara e forte, nos atravessando como uma lança. As costas de Ianthe arquearam, seu corpo agora um mero receptáculo para que a luz do sol enchesse e, pelo que podia ver dela, seu rosto estampava um crédulo quadro de êxtase.

O sol se ergueu, uma nota dourada ecoando pela terra.

A multidão começou a murmurar.

E a gritar.

Não para Ianthe.

*Para mim.*

Para mim, resplandecente e pura em branco, começando a brilhar com a luz do sol que passara diretamente para mim. Ninguém se preocupou de verificar que a pedra marco de Ianthe tinha se movido um metro e meio para a direita, estavam muito preocupados em me olhar do que espiar um vento fantasma deslizar pela grama.

Demorou mais para Ianthe olhar do que para qualquer outra pessoa.

Para virar e ver que a luz do sol não estava banhando-a e enchendo-a com seu poder.

Abençoando-a.

Eu tirei o tampão do poder, da mesma forma que havia feito em Hybern, meu corpo ficando incandescente à medida que a luz me atingia. Pura como o dia, pura como luz estelar.

- Quebradora de maldições. - Alguns murmuravam. “Abençoada” outros cochichavam.

Eu fingi uma surpresa – surpresa e aceitação pela escolha do Caldeirão. O rosto de Tamlin tenso com o choque, os príncipes de Hybern nem de longe abismados.

Mas eu me virei para Lucien, minha luz tão forte que saltava ao seu olho de metal, um amigo suplicando ao outro por ajuda. Eu estiquei minha mão para ele. Além de nós eu podia sentir Ianthe se contorcendo para retomar o controle, para achar um jeito de virar aquilo para ela.

Talvez Lucien também pudesse ver, pois ele tomou minha mão e se ajoelhou na grama apertando meus dedos contra sua testa.

Como feixes de trigo ao vento, todos os outros ajoelharam-se.

Pois em todos os seus planejamentos de rituais e cerimônias, Ianthe nunca revelara nenhum sinal de poder ou bênção. Mas Feyre Quebradora de Maldições, aquela que guiou toda Prythian para fora da escuridão e tirania...

*Abençoada. Sagrada. Incorruptível ante o mal.*

Deixei que meu brilho se espalhasse, até que se ondulasse pela forma ajoelhada de Lucien.

Um cavaleiro diante de sua rainha.

E, quando olhei para Ianthe e sorri de novo, deixei que um pedacinho do lobo se mostrasse.

As festividades, ao menos, continuaram as mesmas.

Quando o estardalhaço de admiração terminara, quando meu próprio brilho desapareceu quando o sol já

ia alto por minha cabeça, caminhamos para as colinas e campos vizinhos onde aqueles que não tinham ido à cerimônia, já tinham ouvido falar do meu pequeno milagre.

Me mantive perto de Lucien, que estava inclinado em me saciar, posto que todos os outros pareciam divididos entre alegria e temor, perguntas e preocupações.

Ianthe passou as próximas seis horas tentando explicar o que acontecera. O

Caldeirão havia abençoado sua amiga, ela dizia a quem quisesse escutar. O sol havia alterado seu curso de tão feliz que estava pelo meu retorno. Apenas suas acólitas haviam prestado atenção e metade delas pareciam meio interessadas.

Tamlin, no entanto, parecia o mais assustado – como se a benção tivesse me deixado chateada, como se pudesse lembrar da mesma luz em Hybern e não conseguisse compreender o que o perturbava tanto.

Mas o dever o manteve retribuindo agradecimentos e desejando graças aos seus súditos, guerreiros e lordes inferiores, me deixando livre para vagar por onde quisesse.

Era parada vez ou outra por fervorosos adoradores feéricos que desejavam tocar em minhas mãos, levar um pouco de mim.

Antes eu teria me encolhido, estremecido. Agora eu recebia suas bênçãos de maneira beata, agradecendo e sorrindo-lhes. Alguns eram genuínos. Não tinha nada contra o povo dessa terra, mas os cortesãos e as sentinelas que me buscavam... eu me mostrava melhor para eles, *Abençoada pelo Caldeirão*, eles me chamavam. Uma honra, eu apenas replicava.

De novo e de novo eu repetia aquelas palavras. Pelo café da manhã e almoço, até que retornei à mansão para me refrescar e ter um momento para mim. Na privacidade do meu quarto coloquei minha coroa de flores sobre a penteadeira e sorri levemente para o olho tatuado na palma de minha mão direita.

*O dia mais longo do ano*, eu disse pelo laço, mandando junto fragmentos do que acontecera na colina. *Queria poder passar com você.*

Ele teria gostado da minha performance, teria rido até ficar rouco depois da expressão no rosto de Ianthe. Tinha terminado de me lavar e estava me preparando para voltar para a Colina quando a voz de Rhysand encheu minha mente.

*Teria sido uma honra*, ele disse, com risadas em cada palavra, *passar até mesmo um breve momento na companhia de Feyre, a Abençoada pelo Caldeirão.*

Eu ri. As palavras estavam distantes, drenadas. Seja rápida. Eu tinha de ser rápida ou arriscar a me expor. Mais do que qualquer coisa eu precisava saber, precisava perguntar *Estão todos bem?*

Esperei, contando os minutos. *Sim, estão todos bem. Quando você volta para casa, para mim?*

Cada palavra era mais quieta que a outra.

*Breve*, eu prometi. *Hybern está aqui. Terá acabado em breve.*

Ele não respondeu. E eu esperei por mais alguns minutos e coloquei minha coroa de flores e me dirigi para a escada. Quando eu atingi o jardim decorado, a voz falhando de Rhysand encheu minha cabeça de novo - *Queria poder passar o dia de hoje com você também.*

As palavras eram como um punho apertando meu coração. E eu as forcei fora da mente quando retornei para a festa nas colinas, meus pés mais pesados do que antes quando saíra dali para a casa.

Mas o almoço havia sido tranquilo e as danças começaram.

Eu o vi esperando num dos arredores dos círculos, observando cada movimento meu. Olhei rápido para a grama, para a multidão e para o grupo de músicos que coaxavam sua música de tambores, rabecas e flautas, me aproximando devagar, como uma corsa tímida.

Antes esses mesmos sons haviam me sacudido e acordado, me fizeram dançar e dançar. Supus que agora eles nada mais eram do que mais uma arma no meu arsenal quando me aproximei de Tamlin, abaixei meus cílios e perguntei com carinho.

- Você dançaria comigo?

Alívio, felicidade e um pedaço de preocupação - Sim. - Ele respirou, “Sim, é claro.”

Então eu deixei que ele me guiasse pelas danças rápidas, girando e me inclinando, as pessoas ao redor para comemorar e bater palmas. Dança após dança, até que o suor corria por minhas costas enquanto eu trabalhava para manter o ritmo, manter o sorriso no rosto, lembrar de rir quando minhas mãos estavam à distância de estrangulá-lo na garganta.

Eventualmente a música mudou para algo lento e Tamlin nos levou junto com a melodia, quando os outros acharam seus parceiros mais interessantes do que nos observar, ele murmurou.

- Esta manhã... você está bem?

Minha cabeça bateu de repente “Sim. Eu... eu não sei o que foi aquilo, mas sim.

Ianthe está... está brava?”

- Não sei. Ela não esperava por aquilo. Não acho que ela lide bem com surpresas.

- Eu deveria pedir desculpas.

Seus olhos brilharam.

- Pelo que? Talvez tenha sido uma benção. Magia ainda me surpreende. Se ela está irritada, é um problema dela.

Fingi pensar sobre o assunto, mas no fim assenti. Ele me apertava e eu senti nojo em cada parte que nossos corpos se tocavam. Não fazia ideia de como Rhys tinha conseguido suportar aquilo – suportar aquilo com Amarantha, por cinco décadas.

- Você está linda hoje. - Disse Tamlin.

- Obrigada. - Me obriguei a olhar em seu rosto. “Lucien disse que você não completou o rito no Calanmai. Que você recusou.”

E que você deixou Ianthe ficar com ele naquela caverna.

Sua garganta balançou. “Não tive estômago para isso”

E teve para fazer um acordo com Hybern, como se eu fosse um item roubado que tinha de ser recuperado.

- Talvez essa manhã não tenha sido uma benção somente pra mim. - Eu ofereci.

Um carinho de sua mão descendo por minhas costas foi sua resposta.

E foi tudo o que dissemos por mais três danças até que a fome me arrastasse para a mesa onde o jantar estava sendo servido. Deixei que ele enchesse um prato pra mim, deixei que me servisse até que achamos um ponto sob um carvalho velho e retorcido e ficássemos assistindo as danças e a música.

Quase perguntei se tinha valido a pena – se desistir dessa paz tinha valido a pena só para me ter de volta.

Pois Hybern viria para cá e usaria essas terras. E não haveria mais canto e dança, não quando eles chegassem. Mas eu fiquei quieta enquanto a luz do sol desaparecia e a noite finalmente caía.

As estrelas brilhando sua existência, escuras e pequenas sobre as fogueiras que brilhavam.

Eu as observei durante as longas horas da celebração, e podia jurar que elas me faziam companhia, minhas fiéis e silenciosas amigas.

CHAPTER

Eu me arrastei de volta para a mansão duas horas depois da meia-noite, cansada demais para ficar acordada até o amanhecer.

Especialmente depois de notar a forma como Tamlin estava me olhando, lembrando-se do amanhecer no ano passado quando ele me arrastara para longe dos outros e me beijou até o sol nascer.

Eu pedi a Lucien que me acompanhasse, e ele se mostrou mais do que feliz em fazê-

lo, considerando que seu próprio status como Parceiro de outra pessoa fez com que qualquer companhia feminina perdesse a graça nos últimos tempos. Além disso, tinha o fato de que Ianthe vinha tentando pegá-lo sozinho o dia todo para perguntar sobre o que acontecera na cerimônia.

Eu coloquei uma camisola, uma daquelas coisas curtas e rendadas que eu uma vez usara para a satisfação de Tamlin, e agora me sentia feliz por vestir graças ao suor do dia que se grudava em minha pele, e me joguei na cama.

Por quase meia hora eu me virei sobre os lençóis, virando e rolando, me debatendo.

O Attor. A Tecelã. Minhas irmãs sendo jogadas no Caldeirão. Todos eles distorcidos e enrolados em volta de mim. E eu os deixei.

Quase todos ainda estavam celebrando quando eu gritei, um choro curto e agudo que me fez pular da cama.

Meu coração pulsava em minhas veias e em meus ossos conforme eu abria a porta, suada e abatida, e cruzava o corredor. Lucien me atendeu na segunda batida.

- Eu te ouvi... o que aconteceu. - Ele me analisou, seu olho castanho arregalado ao perceber meu cabelo despenteado, minha camisola suada.

Eu engoli seco, uma pergunta silenciosa em meu rosto, e ele assentiu, recuando para dentro do quarto e me deixando entrar. Nu da cintura para cima, ele tinha conseguido enfiar as calças antes de abrir a porta, e as abotoou apressadamente enquanto eu passava.

O quarto dele tinha sido decorado nas cores da Corte Outonal – o único tributo à sua casa que ele deixaria passar – e eu inspecionei o espaço escurecido pela noite, os lençóis amassados. Ele se empoleirou no braço de uma poltrona diante do fogo escuro, e me observou enquanto eu torcia minhas mãos, parada no centro de um tapete carmesim.

- Eu sonho sobre isso. - Eu admiti. "Sob a Montanha. E quando eu acordo, não consigo lembrar onde estou." Levantei meu braço esquerdo, agora não mais marcado.

"Não consigo lembrar quando estou."

Verdade e parcialmente mentira. Eu ainda sonhava sobre aqueles dias horríveis, mas isso não me

consumia mais. Isso não me fazia correr para o banheiro no meio da noite e vomitar minhas tripas para fora.

- Sobre o que você sonhou esta noite? - Ele perguntou sobriamente.

Eu arrastei o meu olhar para ele, assombrado e sem vida. "Ela me tinha pregada à parede. Como Claire Beddor. E o Attor estava..."

Eu estremeci, correndo minhas mãos em meu rosto.

Lucien se levantou, caminhando em minha direção. As ondas de medo e dor das minhas palavras eram disfarce o suficiente para meu cheiro, para mascarar meu próprio poder à medida que minhas armadilhas sombrias captavam uma vibração suave na casa.

Lucien parou a quinze centímetros de mim. Ele sequer se opôs quando eu joguei meus braços em volta do pescoço dele e enterrei meu rosto em seu peito quente e nu. Era água do mar, presente de Tarquinn, que saíam de meus olhos, escorriam por meu rosto e caíam na pele dourada dele.

Lucien soltou um suspiro pesado e deslizou um braço em volta de minha cintura, o outro enroscado em meu cabelo para apoiar minha cabeça.

- Sinto muito. - Ele murmurou. "Sinto muito."

Ele me segurava, afagando minhas costas de maneira tranquilizadora, e eu parei meu choro, aquelas lágrimas de água do mar secando como areia molhada sob o sol.

Eu afastei minha cabeça de seu peito esculpido por fim, meus dedos se enterrando nos músculos rígidos dos ombros dele enquanto eu fitava seu rosto preocupado. Eu respirava fundo, pesadamente, e minhas sobancelhas se juntavam e minha boca se abria enquanto— - O que está acontecendo.

A cabeça de Lucien se virou na direção da porta.

Tamlin pairava lá, seu rosto uma máscara de calma e frieza. O começo de garras cintilava nos nós de seus dedos. Nós nos afastamos, rápidos demais para parecer casual.

- Eu tive um pesadelo. - Expliquei, ajeitando minha camisola. "Eu... Eu não queria acordar a casa."

Tamlin apenas encarava Lucien, cuja boca tinha se retraído em uma fina linha ao notar aquelas garras, ainda parcialmente à mostra.

- Eu tive um pesadelo. - Eu repeti mais bruscamente, agarrando o braço de Tamlin e puxando-o para fora do quarto antes que Lucien sequer abrisse a boca.

Fechei a porta, mas ainda podia sentir que a atenção de Tamlin continuava fixa no macho atrás da porta. Ele não recuou suas garras. Tampouco as colocou para fora por inteiro. Eu caminhei os poucos metros até meu quarto, observando Tamlin avaliar o corredor. A distância entre minha porta e a de Lucien. "Boa noite," eu disse, e fechei a porta na cara de Tamlin.

Eu esperei os cinco minutos necessários para Tamlin decidir não matar Lucien, e sorri.



Perguntei-me se Lucien havia encaixado as peças. Que eu sabia que Tamlin viria ao meu quarto naquela noite, depois que eu dera a ele tantos toques e olhares tímidos hoje. Que eu havia vestido a camisola mais indecente que eu possuía não por causa do calor, mas para que quando minhas armadilhas invisíveis me alertassem de que Tamlin finalmente criara coragem para vir ao meu quarto, eu faria o meu papel.

Um pesadelo forjado, a evidência colocada em seu lugar, nos meus lençóis destruídos. Eu deixara a porta de Lucien aberta, ele estando distraído e desavisado de meus motivos para sequer se incomodar em fechá-la, ou notar o escudo de ar que eu tinha colocado em volta do quarto a fim de que ele não ouvisse ou cheirasse Tamlin quando ele chegasse.

Até que Tamlin nos viu, entrelaçados, minha camisola desalinhada, e o jeito que nos encarávamos tão intensamente, tão cheio de emoção, que as únicas alternativas era que estávamos começando ou terminando alguma coisa. Que nós sequer tínhamos notado Tamlin bem ali – e aquele escudo invisível desaparecera antes que ele pudesse senti-lo.

*Um pesadelo*, eu dissera a Tamlin.

Eu era o pesadelo.

Aproveitando-me daquilo que Tamlin tinha temido desde o meu primeiro dia aqui.

Eu não me esquecera daquela discussão que ele havia tido com Lucien há um longo tempo atrás. O aviso que ele havia dado a ele para que parasse de flertar comigo. Para ficar longe. O medo de que eu gostaria mais do lorde ruivo do que dele e que isso ameaçaria cada um de seus planos. Fique longe, ele havia dito a Lucien.

Eu não tinha a menor dúvida de que Tamlin estava agora mesmo analisando cada olhar e cada conversa que tivemos desde então. Cada uma das vezes que Lucien tinha interferido em minha defesa, tanto Sob a Montanha quanto depois. Ponderando o quanto aquele laço de parceria com Elain influenciava seu amigo.

Considerando a forma como, ainda essa manhã, Lucien havia se ajoelhando perante a mim, jurando lealdade à uma deusa recém-nascida, como se ambos tivéssemos sido abençoados pelo Caldeirão.

Eu me deixei sorrir por mais um momento, e então me vesti.

Havia mais trabalho a ser feito.

## CHAPTER

Um conjunto de chaves para os portões da propriedade tinha desaparecido.

Mas depois do incidente da noite passada Tamlin não pareceu se importar.

O café-da-manhã estava silencioso, a realeza de Hybern estava mal-humorada por ter ficado esperando tanto tempo para ver a segunda fenda na Muralha, e Jurian, por sua vez, cansado demais para fazer qualquer coisa além de enterrar carne e ovos em sua boca odiosa.

Tamlin e Lucien, ao que parece, tinham conversado antes da refeição, mas este último fez questão de manter uma distância saudável de mim. Não olhou ou falou comigo, como se ainda precisasse convencer Tamlin de nossa inocência.

Eu debati perguntar a Jurian se ele tinha roubado as chaves de qualquer guarda que as tivesse perdido, mas o silêncio estava sendo uma prorrogação bem-vinda.

Até que Ianthe entrou, evitando cuidadosamente me reconhecer, como se eu fosse realmente o sol nascente que tinha sido roubado dela.

- Lamento interromper sua refeição, mas há um assunto para discutir, Grão Senhor.

- disse Ianthe, seu vestido pálido girando em seus pés enquanto ela parou a meio caminho da mesa.

Todos nós nos animamos com isso.

Tamlin, pensativo e zangado, demandou: - O que é.

Ela fez um show reconhecendo a presença da realeza de Hybern. Ouvindo. Tentei não bufar com o olhar nervoso que ela lançou para eles, e depois para Tamlin. As próximas palavras não foram nenhuma surpresa.

- Talvez devêssemos esperar até depois da refeição. Quando estiver sozinho.

Sem dúvida, um jogo de poder, para relembrá-los que ela, de fato, tem influência aqui - com Tamlin. Que Hybern, também, poderia querer permanecer a seu lado, considerando as informações que ela trazia. Mas eu era cruel o suficiente para dizer com doçura: "Se pudermos confiar em nossos aliados em Hybem para irem à guerra conosco, então podemos confiar que eles serão discretos. Vá em frente, Ianthe."

Ela não olhou na minha direção. Mas estava presa entre insulto direto e polidez...Tamlin pesou nossa companhia contra a postura de Ianthe e disse: -Vamos ouvir.

Sua garganta branca balançou.

- É isso... meus acólitos descobriram que a terra ao redor do meu templo está...

morrendo.

Jurian revirou os olhos e voltou para seu bacon.

- Então diga aos jardineiros - disse Brannagh, voltando para sua própria comida.

Dagdan riu em sua xícara de chá.

- Não é uma questão de jardinagem. - Ianthe corrigiu. "É uma praga sobre a terra: ervas, raízes, brotos – tudo isso, enrugado e doente. Isso cheira a Naga."

Foi um esforço não olhar para Lucien - para ver se ele também notou o brilho demasiado ansioso em seus olhos. Até mesmo Tamlin soltou um suspiro, como se ele visse o que aquilo era: uma tentativa de recuperar algum terreno, talvez um esquema para envenenar a terra e, em seguida, milagrosamente curá-lo.

- Há outros pontos no bosque onde as coisas morreram e não estão voltando. -

Continuou Ianthe, pressionando uma mão adornada de prata no peito. "Eu temo que seja um aviso de que os naga estão se reunindo - e planejando atacar. "

Oh, eu tinha ficado debaixo da pele dela. Estava pensando no que ela faria depois do solstício de ontem, depois de ter roubado seu momento e poder. Mas isso... inteligente.

Escondi o meu sorriso lá no fundo e disse gentilmente: - Ianthe, talvez seja um caso para os jardineiros.

Ela endureceu, finalmente voltada para mim. *Você acha que está jogando*, eu me cocei para contar a ela, *mas você não tem ideia de que todas as escolhas que fez ontem à noite e nesta manhã foram apenas passos que eu empurrei para você*. Eu inclinei meu queixo para a realeza, e então para Lucien.

- Vamos sair esta tarde para examinar a Muralha, mas se o problema persistir quando voltarmos em poucos dias, eu a ajudarei a analisar o problema.

Aqueles dedos prateados se curvaram em punhos soltos ao lado dela. Mas, como a verdadeira víbora que era, Ianthe disse a Tamlin: Você vai se juntar a eles, Grão Senhor?

Ela olhou para mim e Lucien - a avaliação muito persistente para ser casual.

Uma dor de cabeça fraca, baixa já estava se formando, agravada com cada palavra que saía de sua boca. Eu tinha ficado acordada até muito tarde e tinha dormido muito pouco - e eu precisava de minha força para os dias à frente.

- Ele não vai. - Eu disse, cortando Tamlin antes que ele pudesse responder.

Ele descansou seus talheres.

-Eu acho que vou.

- Eu não preciso de uma escolta. - Deixei-o desvendar as camadas de defensividade nessa declaração.

Jurian bufou. - "Começando a duvidar de nossas boas intenções, Grão Senhor?"

Tamlin rosnou para ele. - "Cuidado."

Coloquei uma mão sobre a mesa. - "Vou ficar bem com Lucien e as sentinelas."

Lucien parecia inclinado a afundar em seu assento e desaparecer para sempre.

Examinei Dagdan e Brannagh e sorri um pouco. - "Posso me defender, se for o caso." - Disse a Tamlin.

Os *daematis* sorriram de volta para mim. Eu não tinha sentido outro toque em minhas barreiras mentais, ou naquelas que eu estava mantendo ao redor de tantas pessoas aqui quanto possível. O uso constante do poder estava me cansando, contudo - estar longe deste lugar por quatro ou cinco dias seria um alívio bem-vindo.

Especialmente quando Ianthe murmurou a Tamlin: - Talvez você devesse ir, meu amigo. - Eu esperei - esperei por qualquer bobagem estava prestes a sair para fora daquela boca má - "Nunca se sabe quando a Corte Noturna vai tentar sequestrá-la."

Eu tive um piscar de olhos para debater minha reação. Optei por me recostar na cadeira, os ombros se curvando para dentro, trazendo à tona aquelas imagens de Clare, de Rhys com aquelas flechas de freixo atravessando suas asas - qualquer coisa que trouxesse o cheiro de medo.

- Você tem notícias? - Eu sussurrei.

Brannagh e Dagdan pareciam muito interessados nisso.

A sacerdotisa abriu a boca, mas Jurian a interrompeu, dizendo: - Não há nenhuma notícia. Suas fronteiras estão seguras. Rhysand seria um tolo para abusar da sorte vindo aqui.

Eu fitei meu prato, em um retrato abatido de terror.

- Um tolo, sim, - respondeu ela, - "mas um com uma vingança." - Ela encarou Tamlin, o sol da manhã fazendo brilhar a joia em cima da sua cabeça. - "Talvez se você devolvesse a ele as asas de sua família, ele poderia... se contentar."

Por um piscar de olhos, o silêncio ondulou através de mim.

Seguido por uma onda de rugido que afogou quase todos os pensamentos, cada instinto de auto-preservação. Eu mal podia ouvir sobre aquele grito em meu sangue, meus ossos.

Mas as palavras, a oferta... Uma tentativa barata de me fazer cair na armadilha.

Fingi não ouvir, não me importar. Mesmo enquanto esperava e esperava pela resposta de Tamlin.

Quando Tamlin respondeu, sua voz era baixa: - Eu as queimei há muito tempo.

Eu poderia ter jurado que havia algo como remorso - remorso e vergonha - em suas palavras.

Ianthe apenas lamentou. – Que pena. Ele poderia ter pago generosamente por elas.

Meus membros doeram com o esforço de não saltar sobre a mesa para esmagar sua cabeça no mármore do chão.

Mas eu disse a Tamlin, suave e gentilmente: - Eu estarei bem lá fora. - Eu toquei sua mão, passando meu polegar sobre a parte de trás da palma da sua mão. Mantive seu olhar. - "Não vamos seguir por este caminho novamente."

Enquanto eu me afastava, Tamlin apenas fixou Lucien com um olhar, qualquer vestígio de culpa ausente. Suas garras deslizaram livremente, incorporando-se na madeira como manchas de cicatrizes no braço de sua cadeira.

- Seja cuidadoso.

Nenhum de nós fingiu que não era nada além de uma ameaça.

Era uma cavalgada de dois dias, mas levou apenas um dia para chegarmos lá atravessando-caminhando-atravessando. Nós podíamos lidar com algumas milhas de cada vez, mas Dagdan era mais lento do que eu esperava, já que ele tinha que carregar sua irmã e Jurian.

Eu não o culpava por isso. Com cada um de nós carregando outro, o desgaste era considerável. Lucien e eu carregávamos cada um uma sentinela, filhos de Senhores menores, que tinham sido treinados para serem polidos e atentos. Como resultado, estávamos limitados. E ainda haviam as tendas.

Quando chegamos à fenda na Muralha, a escuridão estava caindo.

Os poucos suprimentos que tínhamos transportado também haviam atravessado pelo mundo, e deixei que as sentinelas erguessem as tendas para nós, sempre a senhora que esperavam que eu fosse. Nosso jantar em torno da pequena fogueira foi quase silencioso, nenhum de nós se incomodando para falar, com exceção de Jurian, que questionou as sentinelas infinitamente sobre seu treinamento. Os gêmeos recuaram para a sua própria tenda depois de terem escolhido os sanduíches de carne que tínhamos embalado, franzindo o cenho para eles como se estivessem cheios de larvas, e Jurian vagou para o bosque logo depois, alegando que queria uma caminhada antes de se retirar.

Eu me arrastei para dentro da tenda de lona quando o fogo estava morrendo, o espaço apenas grande o suficiente para Lucien e eu dormirmos ombro a ombro.

Seu cabelo vermelho brilhou na fraca luz do fogo um momento depois, enquanto ele empurrava as abas e praguejava.

- Talvez eu deva dormir lá fora.

Eu revirei os olhos. -Por favor.

Receio, considerando o olhar conforme ele se ajoelhou e tirou as botas.

- Você sabe que Tamlin pode ser.... sensível sobre algumas coisas.

- Ele também pode ser um pé no saco - eu retorqui, e deslizei para debaixo dos cobertores. - "Se você ceder a ele em cada pedaço de paranoia e territorialismo, você só vai deixar isso pior."

Lucien desabotoou sua jaqueta, mas permaneceu na maior parte vestido conforme ele deslizou para o seu saco de dormir.

- Eu acho que isso está pior porque vocês dois não têm... Quero dizer, vocês não têm, certo?

Eu endureci, puxando o cobertor acima dos meus ombros. – Não. Eu não quero ser tocada assim – não por enquanto.

Seu silêncio foi pesado – triste. Eu odiei a mentira. Odiei por como fez me sentir imunda por usá-la.

– Eu sinto muito. – ele disse. E eu me perguntava sobre o que mais ele estava pedindo desculpas conforme eu o encarava na escuridão da nossa tenda.

Não há uma maneira de sair desse acordo com Hybern? Minhas palavras eram apenas mais altas do que as brasas murmurantes lá fora.

- Estou de volta, estou segura. Poderíamos encontrar uma maneira de contornar isso...

- Não. O rei de Hybern criou seu acordo com Tamlim de forma muito hábil, muito clara. A magia os liga - a magia irá atacá-lo se ele não permitir Hybern nessas terras.

- De que forma? Matando-o?

O suspiro de Lucien revirou meu cabelo.

– Isso iria retirar seus próprios poderes, talvez matá-lo. Magia é equilíbrio. É por isso que ele não poderia interferir em seu acordo com Rhysand. Mesmo a pessoa que tenta romper o acordo enfrenta consequências. Se ele a tivesse mantido aqui, a magia que a ligava a Rhys poderia ter vindo para reivindicar a vida dele como pagamento pela sua.

Ou a vida de alguém com quem ele se importava. É magia antiga – antiga e estranha. É

por isso que evitamos acordos, a menos que sejam necessários: até mesmo os estudiosos na Corte Diurna não sabem como funciona. Acredite em mim, eu perguntei.

- Por mim. - Você perguntou a eles por mim.

-Sim. Eu fui no inverno passado perguntar como quebrar seu acordo com Rhysand.

- Por que você não me contou isso?

- Eu... nós não queríamos te dar falsas esperanças. E não ousamos deixar Rhysand entender o que nós estávamos fazendo, para o caso dele encontrar um meio de interferir.

De nos parar.

-Então Ianthe levou Tamlin a Hybern ao invés disso.

-Ele estava frenético. Os estudiosos da Corte Diurna trabalhavam muito devagar.

Eu implorei a ele por mais tempo, mas você já tinha ido há meses. Ele queria agir, não esperar – apesar daquela carta que você enviou. Por causa daquela carta que você enviou.

Eu finalmente disse a ele para ir em frente com isso depois – depois daquele dia na floresta.

Eu me virei de costas, olhando para o teto inclinado da tenda.

- Quão ruim foi isso? – Eu perguntei quietamente.

- Você viu seus aposentos. Ele destruiu lá, o estúdio, seu quarto. Ele – ele matou as sentinelas que deviam estar de guarda. Depois dele pegar as últimas informações que eles tinham. Ele os executou na frente de todos da mansão.

Meu sangue congelou. – Você devia tê-lo parado.

- Eu tentei. Implorei a ele por misericórdia. Ele não ouvia. Ele não podia ouvir.

- As sentinelas não tentaram pará-lo também?

- Eles não ousaram. Feyre, ele é um Grão Senhor. Ele é uma espécie diferente.

Eu me perguntava se ele diria a mesma coisa se soubesse o que eu era.

- Fomos acudados em um canto, sem opções. Nenhuma. Ou iríamos travar uma guerra com a Corte Noturna e Hybern, ou nos aliávamos a Hybern, deixá-los tentar agitar o problema, e então usar essa aliança em nossa própria vantagem mais adiante a estrada.

- O que você quer dizer – Eu respirei.

Mas Lucien percebeu o que havia dito e disse: - Temos hostilidades em todas as Cortes. Ter a aliança de Hybern os fará pensar duas vezes.

*Mentiroso. Treinado, inteligente mentiroso.*

Soltei uma pesada, sonolenta respiração.

– Mesmo que eles agora sejam nossos aliados – Eu murmurei. – "Eu ainda os odeio."

Um bufo – Eu também.

-Levantem-se.

Luz solar forte e cegante cortou a tenda, e eu sibilei.

A ordem foi abafada pelo grunhido de Lucien enquanto se sentava.

– Fora. - Ele ordenou a Jurian, que nos olhou uma vez, zombou e seguiu para fora.

Eu tinha rolado para o saco de dormir de Lucien em algum ponto, qualquer coisa que satisfizesse a minha necessidade mais urgente - o calor. Mas eu não tinha dúvida de que Jurian guardaria a informação para jogar no rosto de Tamlin quando voltássemos: tínhamos compartilhado uma tenda, e ficamos muito aconchegados ao acordar.

Eu me lavei em córrego próximo, meu corpo duro e dolorido de uma noite no chão, com ou sem a ajuda de um saco de dormir.

Brannagh estava rondando pelo córrego pelo tempo que eu tinha terminado. A princesa me deu um sorriso pequeno e frio.

- Eu pegaria o filho de Beron, também.

Olhei para a princesa sob as sobrancelhas abaixadas.

Ela deu de ombros, seu sorriso crescendo.

- Os machos da corte de outono têm fogo em seu sangue - e eles fodem assim também.

- Suponho que você saiba por experiência própria.

Uma risada. –Por que você acha que eu me diverti tanto na Guerra?

Eu não me preocupei em esconder meu desgosto.

Lucien me pegou me encolhendo quando suas palavras causaram isso pela décima vez uma hora depois, enquanto nós caminhávamos meio quilômetro para a fenda da Muralha.

- O que? - Ele exigiu.

Eu sacudi minha cabeça, tentando não imaginar Elain sujeita àquele... fogo.

-Nada. – Eu disse, na mesma hora em que Jurian praguejou adiante.

Estávamos ambos nos movendo para o lugar onde ele ladrou a maldição - e então comecei a correr quando ouvi o som de uma espada gemendo para fora da bainha. Folhas e ramos me chicoteavam, e então estávamos na Muralha, aquela divisão invisível e horrível cantarolando e latejando na minha cabeça.

E olhando diretamente para nós através do buraco estavam três Filhos dos Abençoados.

CHAPTER



Brannagh e Dagdan os olharam como se tivessem acabado de encontrar um segundo café da manhã.

Jurian desembainhou a espada, as duas mulheres e o homem, todos jovens, boquiabertos, alternando a atenção dele para os outros. Então, para nós, os olhos se arregalando ainda mais quando notaram a beleza cruel de Lucien.

Eles caíram de joelhos.

- Mestres e Senhoras. - Eles nos pediram, suas joias de prata brilhando na luz do sol sombreada por meio das folhas. "Vocês nos encontraram em nossa jornada."

O príncipe e a princesa sorriram tão largamente que eu pôde ver seus dentes extremamente brancos.

Jurian, pela primeira vez, pareceu abalado antes de sibilar.

- O que vocês estão fazendo aqui?

A garota de cabelos escuros na frente era adorável, sua pele de mel-ouro corou quando ela levantou a cabeça.

- Viemos habitar as terras imortais; viemos como oferenda.

Jurian voltou os olhos frios e duros para Lucien.

- É verdade?

Lucien olhou para ele. "Não aceitamos oferenda das terras humanas. Muito menos crianças."

Não importava que os três aparentassem possuir somente alguns anos a menos que eu.

- Por que você não vem embora. Disse Brannagh , "e podemos... nos divertir." Ela estava, de fato, apreciando o jovem de cabelos castanhos e a outra garota, de cabelos marromavermelhados, o rosto afiado mas interessante. Do modo que Dagdan olhava para a linda garota na frente, eu sabia que ele, silenciosamente, a reivindicava.

Enfiei-me na frente deles e disse aos três mortais: "Saiam. Voltem para suas aldeias, de volta para suas famílias. Atravesse esta muralha, então todos vocês morrem. Há somente morte para vocês. "

Eles se recusaram, levantando-se, os rostos tensos de medo e admiração.

- Viemos para viver em paz.

- Não há tal coisa aqui. Apenas há morte para a sua espécie.

Seus olhos deslizaram para os imortais atrás de mim. A garota de cabelos escuros corou com o olhar atento de Dagdan. Enxergando apenas a beleza feérica, nenhum predador.

Então eu ataquei.

A muralha era um grito, uma terrível morsa, esmagando minha magia, martelando minha cabeça.

No entanto, lancei o meu poder por meio da brecha, que invadiu suas mentes.

Extremamente difícil. O jovem se encolheu um pouco.

Tão suave, indefesa. Suas mentes cederam como manteiga derretida em minha língua.

Eu vi pedaços de suas vidas como fragmentos em um espelho quebrado, piscando por todos os lados: A de cabelos escuro era uma garota rica, educada, obstinada - desejava escapar de um casamento arranjado e acreditava que Prythian era uma opção melhor. A menina de cabelos marromavermelhados não conhecia senão a pobreza e os punhos do pai, que se tornaram mais violentos após acabarem com a vida de sua mãe. O jovem havia se vendido nas ruas de uma grande aldeia, até que os Filhos viessem um dia e lhe oferecessem algo melhor.

Eu agi rapidamente. Ordenadamente.

Eu estava terminado antes de se passarem três batimentos cardíacos, antes que Brannagh mal tivesse tomado fôlego para dizer.

- Não há morte aqui. Só prazer, se desejarem.

Mesmo que não estivessem dispostos, eu queria acrescentar.

Mas os três agora piscavam, recuando.

Contemplando-nos pelo que éramos: mortais, implacáveis. A verdade por trás das histórias.

- Nós... talvez tenhamos... cometido um erro. - Disse o líder, recuando um passo.

- Ou talvez seja o destino - respondeu Brannagh, o sorriso viperino.

Eles continuaram se afastando. Vendo as histórias que eu havia plantado em suas mentes - que nós estávamos aqui para ferir e matá-los, que tínhamos feito isso com todos os seus amigos, os usamos e os descartamos. Mostrei-lhes o naga, o Bogge, o Verme de Middengard; mostrei-lhes Clare e a rainha de cabelos dourados, empalada naquele poste.

As lembranças que eu lhes dei, anteriormente ignoradas – mas, agora compreendidas com a gente antes deles.

- Venham aqui - ordenou Dagdan.

As palavras eram como lenha para seus medos. Os três se viraram, as pesadas vestes pálidas oscilando com eles, e fugiram para as árvores.

Brannagh se enrijeceu, como se os comandasse através da muralha atrás deles, mas eu agarrei seu braço e sibilei, "Se você os perseguir, então você e eu teremos um problema. "

A fim de enfatizar, arranhei garras mentais em seu próprio escudo.

A princesa rosnou para mim.

Mas os humanos já tinham ido embora.

Rezei para que tivessem ouvido o outro comando que plantei em suas mentes: Para que pegassem um barco, levassem quantos amigos puderem, e que fugissem para o continente. Que voltassem somente quando a guerra acabasse, e que avisassem o maior número de humanos possível, para que saíssem antes que fosse tarde demais.

Os membros da família Hybern grunhiram em descontentamento, mas os ignorei e procurei um lugar contra uma árvore, resolvendo esperar, não confiando que ficariam deste lado da fronteira.

A realeza retomou o trabalho, andando rente à muralha.

Um momento depois, um corpo masculino posicionou-se ao lado do meu.

Não Lucien, eu percebi com um solavanco, mas não ao ponto de recuar.

Os olhos de Jurian se fixavam no local onde os humanos haviam estado.

- Obrigado. - Ele disse, sua voz áspera.

- Eu não sei do que você está falando. Eu respondi, bem ciente de que Lucien cuidadosamente nos observava, a partir da sombra de um carvalho nas proximidades.

Jurian me lançou um sorriso presunçoso e seguiu Dagdan.

\*\*\*

Eles levaram o dia inteiro.

O que quer que estivessem inspecionando, o que quer que estivessem procurando, a realeza não nos informou.

E depois do confronto naquela manhã, eu sabia que não o fariam. Eu já havia usado todo o meu estoque de forças naquele dia.

Então, passamos outra noite na floresta, que foi precisamente como eu acabei sentando ao lado de Jurian, diante do fogo, depois que os gêmeos se arrastaram para dentro da barraca e os sentinelas tinham assumido suas posições de vigia. Lucien tinha ido para o rio para obter mais água, e eu assisti a chama dançar entre os troncos, sentindo-a ecoar dentro de mim.

Lançar meu poder através da muralha me deixara com uma persistente e forte dor de cabeça durante todo o dia, mais que uma leve tontura. Não me restava dúvidas de que o sono me reivindicaria forte e rapidamente. No entanto, o fogo estava muito quente e a primavera noturna, de bom grado, o espalharia muito rapidamente, invadindo o espaço escuro e sombrio, entre as chamas e minha tenda.

- O que acontece com aqueles que conseguem atravessar a Muralha? - Perguntou Jurian, o fogo bruxuleando as duras feições de seu rosto, aliviado.

Forcei o calcanhar de minha bota na grama.

- Eu não sei. Eles nunca voltaram, uma vez que foram. Mas enquanto Amarantha governava, as criaturas que rondavam esses bosques... Eu não acho que terminou bem.

Nunca encontrei uma menção de que estivessem em qualquer corte.

- Quinze anos atrás, eles teriam sido açoitados por aquela tolice - disse Jurian. "Nós fomos seus escravos e prostitutas e trabalhadores por milênios - homens e mulheres lutaram e morreram para que nunca tivéssemos de servi-los novamente. No entanto, eles vestem aqueles trajes, desconhecendo o perigo, a história. "

- Cuidado, ou talvez não parecerá o animalzinho de estimação de Hybern.

Um riso baixo e odioso. "É o que você pensa que eu sou, não é? O cachorro dele."

- Qual é o objetivo final, então?

- Tenho assuntos pendentes.

- Miryam está morta.

Aquela loucura surgiu novamente, substituindo a rara lucidez.

- Tudo o que fiz durante a Guerra, foi por Miryam e eu. Para que nosso povo sobrevivesse e um dia fosse livre. E, então, ela me deixou por aquele Príncipe de belo rosto no momento em que priorizei meu povo, ao invés dela.

- Ouvi dizer que ela te deixou porque você se tornou tão concentrado em conquistar informações de Clythia, que perdeu a noção do conflito real.

- Miryam disseme para seguir adiante e até mesmo fodê-la para a informação.

Disseme para seduzir Clythia até que ela tivesse vendido todos os Hybern e os Leais. Ela não tinha escrúpulos com isso. Nenhum.

- Então, tudo isso é para ter Miryam de volta?

Ele esticou suas longas pernas, cruzando um tornozelo sobre o outro. "É para arrancá-la de seu precioso ninho com alado cretino e fazê-la se arrepender. "

- Você recebeu a chance de viver novamente e é o que deseja fazer? Se vingar?

Jurian sorriu lentamente. "Não é isso que você está fazendo? "

Meses de trabalho com Rhys me fez lembrar de franzir a testa em confusão. "Contra Rhys, eu, um dia

gostaria. "

- É o que todos dizem, quando fingem que ele é um assassino sádico. Você esquece que eu o conheci no Guerra. Você esquece que ele arriscou sua legião para salvar Miryam das forças do nosso inimigo. Foi assim que Amarantha o capturou, você sabe. Rhys sabia que era uma armadilha - para o príncipe Drakon. Então Rhys desobedeceu ordens, e marchou com toda a sua legião para pegar Miryam. Por seu amigo, por minha amada - e por aquele Deus Drakon bastardo. Rhys sacrificou sua legião no processo, foram todos capturados e torturados depois. No entanto, todos insistem que Rhysand é perverso.

Porém, o homem que eu conheci era o mais decente de todos. Melhor que aquele príncipe fodido. Não se perde essa qualidade, não importa quantos séculos se passem, e Rhys era muito esperto, e poderia difamar o próprio caráter como um movimento calculado. E, ainda assim, você está aqui-sua parceira. O GrãoSenhor mais poderoso do mundo perdeu sua parceira, e ainda não veio reivindicá-la, mesmo enquanto ela está vulnerável no bosque. - Jurian riu. "Talvez, porque Rhysand não a perdeu em absoluto. Preferiu libertá-

la sobre nós. "

Eu nunca tinha ouvido essa história, mas parecia tanto com a que meu parceiro contara, que eu sabia que as chamas diante de nós ardiam em meus olhos enquanto eu dizia: "Você adora se ouvir você falar, não é?".

- Hybern matará todos vocês - respondeu Jurian.

\*\*\*

Jurian não estava errado.

Lucien me acordou na manhã seguinte com uma mão sobre a minha boca, o olho de metal brilhando em aviso. Senti o cheiro um momento depois: o sabor acobreado de sangue.

Recolhemos nossas roupas e botas, e fiz um inventário rápido das armas que havíamos espremido na barraca conosco. Eu tinha três punhais. Lucien tinha dois, bem como uma elegante espada curta. Melhor que nada, mas não muito.

Um olhar em minha direção comunicou o plano: Avaliar a situação de forma casual.

Passado um batimento cardíaco, percebi que talvez aquela fosse a primeira vez que trabalharíamos em conjunto. Caçar nunca havia sido um esforço conjunto, e Sob a Montanha havia sido um de nós olhando pelo outro – nunca um time. Uma unidade.

Lucien deslizou da tenda, os músculos contraídos, prontos para mudar para uma posição defensiva. Ele tinha sido treinado, ele me dissera uma vez – na Corte Outonal e nesta aqui. Como Rhys, optou por palavras para conquistar suas batalhas, mas eu tinha o visto com Tamlin no ringue de treinamento. Ele sabia como lidar com uma arma. Como matar, se precisasse.

Passei por ele, absorvendo os detalhes ao meu entorno, como um homem faminto em uma festa.

A floresta era a mesma. Jurian estava agachado diante do fogo, mexendo as brasas de volta ao estado de

alerta, com a expressão dura e pensativa. Mas os sentinelas estavam pálidos quando Lucien caminhou em sua direção. Eu o segui, deslocando a atenção para as árvores atrás de Jurian.

Nenhum sinal da realeza.

O sangue-uma espuma acobreada, sim. Mas misturado com terra e medula e podridão. Morte.

Disparei para as árvores e a relva densa.

- Você está muito atrasada. - Disse Jurian enquanto eu passava por ele, ainda cutucando as brasas. "Eles terminaram há duas horas."

Lucien estava em meus calcanhares enquanto eu atravessava as espinheiras, os espinhos rasgando minhas mãos.

A família real de Hybern não se incomodara em limpar sua bagunça.

Do que restava dos três corpos, suas vestes pálidas e destruídas, como cinzas caídas pela pequena clareira. Dagdan e Brannagh deveriam ter abafado seus gritos com algum tipo de escudo.

Lucien jurou. "Eles atravessaram a muralha ontem à noite. Para caçá-los. "

Mesmo que horas tivessem passado, a realeza feérica era rápida, imortal. Os três Filhos dos Abençoados deveriam ter se cansado depois de correr, deveriam acampado em algum lugar.

O sangue já estava secando na grama, nos troncos das árvores ao redor.

O modo de tortura de Hybern não era muito criativo: Clare, a rainha dourada, e esses três...mutilações e tormentos semelhantes.

Retirei meu manto e o coloquei cuidadosamente sobre os maiores vestígios deles que eu pôde encontrar: o torso do rapaz, arranhado e sem sangue. Seu rosto ainda angustiado de dor.

Chamas aqueceram as pontas de meus dedos, implorando-me para queimá-los, para dar-lhes pelo menos esse tipo de sepultamento. Mas- "Você acha que foi por diversão, ou para nos enviar uma mensagem?"

Lucien pousou seu próprio manto sobre os restos das duas moças. O rosto sério, como eu jamais havia visto.

- Eu acho que eles não estão acostumados a terem algo negado. Eu chamaria isso de birra imortal.

Fechei os olhos, tentando acalmar meu estômago.

- Você não é culpada. - Acrescentou ele. "Eles poderiam tê-los matado nas terras mortais, mas trouxeram aqui. Para declarar que têm poder. "

Ele estava certo. Os Filhos do Abençoados estariam mortos mesmo se eu não tivesse interferido.

- Eles estão ameaçando. - Pensei. "E estão orgulhosos com a culpa." Toquei com os dedos a grama

encharcada de sangue. "Nós os enterramos? "

Lucien pensou. "Isto envia uma mensagem - que estamos dispostos a limpar suas bagunças."

Examinei novamente a clareira. Considerei o que estava em jogo.

- Então enviamos outro tipo de mensagem.

CHAPTER

Tamlin andava de um lado para o outro na frente da lareira no seu estúdio. Cada passo mais afiado que uma lâmina.

- Eles são nossos aliados. - Ele grunhiu para mim, para Lucien, ambos sentados em cadeiras de braços que flanqueavam a peça da lareira.

- Eles são monstros. - Eu rebati. “Eles assassinaram três inocentes.”

- E você deveria ter deixado que eu sozinho cuidasse disso. - Tamlin disse com sua respiração irregular. “E não terem retaliado como crianças”, ele lançou um olhar para Lucien, “Eu esperava mais de você”.

- Mas não de mim? - Perguntei quieta.

Os olhos verdes de Tamlin como jades congeladas. “Você tem uma conexão especial com essa gente. Ele, não.”

- Esse é o tipo de coisa, - eu objetei, segurando com força os braços da cadeira, “que permitiu que uma muralha fosse a única solução entre nossos dois povos; porque feéricos olham para esse tipo de massacre e não se importam.” Eu sabia que os guardas lá fora podiam ouvir. Sabia que qualquer um que passasse perto poderia ouvir. “A perda de qualquer vida de qualquer um dos lados é uma conexão pessoal. Ou será que apenas Grão-Feéricos importam para você?”

Tamlin parou de sopetão e rosnou para Lucien.

- Saia. Lidarei com você depois.

- Não fale com ele desse jeito. - Eu chiei estacando de pé.

- Colocaram em risco essa aliança com essa acrobacia que fizeram – - Bom. Eles podem queimar no inferno de tanto que me importo! - Eu gritei e Lucien se encolheu.

- Mandaram o bogge atrás deles! - Tamlin rugiu.

Não fiz muito além de piscar. E soube que os guardas de fato ouviram por causa de uma “tosse” de um deles lá fora, um som de choque abafado. Me certifiquei que aquelas sentinelas lá fora continuassem a ouvir quando disse: - Eles aterrorizaram aqueles humanos – fizeram-nos sofrer. Achei que o Bogge seria uma das poucas criaturas que poderiam devolver o favor.

Lucien o havia rastreado – e havíamos atraído-o durante horas de volta até o acampamento. Bem onde Dagdan e Brannagh estavam se vangloriando das mortes. Eles conseguiram fugir, mas só depois do que soara como um bom bocado de gritos e lutas.

Seus rostos continuaram exangues por horas depois, seus olhos brilhando com ódio toda vez que se dignavam a nos olhar.



Lucien limpou a garganta. Também se levantou.

- Tam – aqueles humanos não eram mais do que crianças. Feyre deu ordens aos príncipes para se afastarem. Eles ignoraram. Se deixarmos que Hybern nos atravesse, nos arriscamos a perder bem mais do que essa aliança. O Bogge os lembrou que não estamos sem nossas garras também.

Tamlin não tirou os olhos de mim quando disse para Lucien: - Saia. Daqui.

Havia violência o bastante nas palavras para que nem eu ou Lucien objetássemos dessa vez, enquanto ele saía da sala e fechava as portas duplas atrás dele. Lancei meu poder pelo hall, sentindo-o sentado no pé das escadas, escutando, da mesma maneira que as 6 outras sentinelas estavam.

Eu disse a Tamlin, minhas costas rígidas e retas, “Você não pode falar comigo assim. Você me prometeu que não agiria assim.”

- Você não tem ideia do que está em risco – - Não fale comigo desse jeito. Não depois do que eu passei para voltar para cá, para você. Para nossa gente. Acha que qualquer um de nós está feliz de trabalhar com Hybern?

Não acha que vejo isso em seus rostos? A questão de se eu valho a desonra que isso é?

Sua respiração ficou irregular de novo. Bom, queria atíça-lo. Bom.

- Você nos vendeu para me ter de volta. - Eu disse, baixo e frio. “Você nos prostituiu para Hybern. Me perdoe se eu estou tentando recuperar um pouco do que perdemos.”

As garras libertaram-se. Um rosnado feral se libertou dele.

- Eles caçaram e massacraram aqueles humanos por esporte. - Eu prossegui. “Você pode querer ajoelhar-se para Hybern, mas certamente eu não.”

Ele explodiu.

Móveis racharam e voaram, janelas quebraram e partiram.

E dessa vez eu não me protegi com um escudo.

A escrivanhinha bateu contra mim, me jogando contra o livreiro, e cada pedaço onde carne e osso encontrou com a madeira latiu e doeu. Meus joelhos bateram contra o chão acarpetado e Tamlin estava, instantaneamente, à minha frente, com as mãos tremendo-As portas abriram de vez.

- O que você fez? - Lucien suspirou, e o rosto de Tamlin mostrava pura devastação enquanto Lucien o empurrava para o lado. Ele deixou Lucien empurrá-lo para o lado e me ajudar a levantar. Algo molhado e quente desceu por minha bochecha – sangue, pelo cheiro.

- Vamos limpar você. - Lucien disse, um braço ao redor do meu ombro enquanto ele me tirava da sala. Eu mal o ouvia além do trinado nas minhas orelhas, o leve girar do mundo ao meu redor.

As sentinelas – Bron e Hart, dois dos Lordes guerreiros favoritos de Tamlin – estavam atônitos, com a

atenção dividida entre o estúdio devastado e meu rosto.

Com bons motivos. Enquanto Lucien passava por um corredor dourado, eu contemplei o que criara tal horror. Meus olhos estavam vítreos, meu rosto pálido, talvez pelo arranhão logo abaixo da minha maçã do rosto, talvez uns 5 cm, e pingando sangue.

Poucos arranhões recheavam meu pescoço, minhas mãos. Mas eu mantive aquele poder limpo e curador – o poder do GrãoSenhor da Corte Crepuscular – longe de curá-

los. Longe de esmaecê-los.

- Feyre. - Tamlin respirou atrás de nós. Eu parei, atenta para todos os olhos que observavam.

- Estou bem. - Eu sussurrei. “Me desculpe”, eu enxuguei o sangue que corria minha bochecha. “Estou bem”, eu disse a ele de novo.

Ninguém, nem mesmo Tamlin, parecia convencido.

Se eu pudesse pintar aquele momento eu teria nomeado de *Um retrato entre Iscas e Ciladas*.

\*\*\*

Rhysand mandou algumas palavras pelo laço no momento em que eu afundava na banheira.

*Está machucada?*

A pergunta estava esmaecida, o laço mais quieto e tenso do que tinha sido dias atrás.

*Exausta, mas bem. Nada que eu não consiga lidar.*

Apesar de que meus machucados ainda permaneciam. E não mostravam sinais de estarem se curando. Talvez eu tenha sido realmente boa em manter aqueles poderes curativos sob as rédeas.

A resposta veio demorada. E veio de uma vez, como se ele quisesse empacotar todas as palavras de vez pela distância que nos silenciava.

*Eu sei mais do que dizer para você ser cuidadosa, ou para vir para casa. Mas eu quero você em casa. Logo. E eu o quero morto por colocar as mãos em você.*

Mesmo com o território inteiro entre nós, sua raiva veio descendo pelo laço.

Eu respondi, meu tom calmo, seco: *Tecnicamente, foi a magia que me tocou, não as mãos.*

A água do banho estava fria quando a resposta veio. *Fico feliz que você tenha senso de humor para essas coisas. Eu certamente não.*

Mandei de volta uma imagem minha mostrando minha língua pra ele.

Eu estava vestida quando veio a resposta dele.

Como a minha, não tinha palavras, mas uma mera imagem.

Como a minha, a língua de Rhys estava para fora. Mas estava ocupada fazendo outra coisa.

\*\*\*

Fiz questão de passear no dia seguinte. Me certifiquei de que Bron e Hart estavam de vigília e os pedi para me escoltarem. Eles não disseram muito, mas senti seus olhares em cada pedaço meu enquanto passávamos pelos caminhos batidos nas florestas de primavera. Senti eles avaliando o corte em meu rosto, as manchas roxas por baixo de minhas roupas que me faziam chiar de vez em quando. Ainda não totalmente curada para minha surpresa – embora eu supus que isso funcionasse a meu favor.

Tamlin havia implorado por perdão no jantar de ontem – e eu havia dado a ele. Mas Lucien não havia falado com ele por toda noite.

Jurian e os príncipes de Hybern haviam reclamado do atraso, depois de eu ter admitido quieta que meus machucados tornaram difícil que eu os acompanhasse até a Muralha. Tamlin não tinha tido a coragem de sugerir que eles fossem sem mim, de me tirar daquele dever. Não quando ele vira as marcas roxas e sabia que se tivessem sido na humana, eu estaria morta.

E os príncipes, depois que Lucien e eu havíamos enviado a malícia invisível do Bogge sobre eles, haviam recuado. Por enquanto. Eu mantive meus escudos levantados – ao meu redor e dos outros, o esforço agora virara uma dor de cabeça constante com um certo toque frágil e fino de magia. A reprimenda na borda não havia feito muito – não, isso tinha só piorado o esforço depois que eu mandara meu poder através da muralha.

Eu convidara Ianthe para a casa, requerendo subitamente sua presença reconfortante. Ela chegara sabendo detalhadamente do que acontecera no estúdio – deixando convenientemente passar que Tamlin confessara as coisas à ela, implorando por absolvição da Mãe, do Caldeirão e de quem mais fosse. Falei sobre meu próprio perdão a ela naquela noite e fingi muito bem aceitar seus bons conselhos, dizendo aos cortesãos e aos outros na nossa mesa cheia de gente naquela noite como nós tínhamos sorte de ter Tamlin e Ianthe protegendo nossas terras.

Honestamente, eu não sei como eles não ligaram uma coisa à outra.

Como nenhum deles viu minhas palavras como uma estranha coincidência, mas um desafio. Uma ameaça.

Aquela última e pequena ameaça.

Especialmente quando sete nagas invadiram os terrenos logo após a meia noite.

Eles foram despachados antes de sequer atingirem a casa – um ataque parado pela visão mandada pelo Caldeirão para a própria Ianthe.

O caos e os gritos acordaram todos nos terrenos. Eu fiquei em meu quarto, com os guardas abaixo de minha janela e do lado de fora de minha porta. O próprio Tamlin encharcado de sangue e ofegante veio me informar que os terrenos estavam seguros novamente. Que acharam as chaves dos portões com os naga e que lidaria com a sentinela que os havia perdido pela manhã. Um acidente aberrante, uma amostra final de poder de uma tribo que não tinha ficado gentil depois do reinado de Amarantha.

Todos nós salvos de um mal maior por Ianthe.

Nos reunimos do lado de fora do quartel na manhã seguinte, o rosto de Lucien pálido e esgotado, com círculos roxos sobre seu olho vítreo. Ele não retornara para o seu quarto naquela noite.

Do meu lado, os príncipes de Hybern e Jurian estavam silenciosos e sombrios enquanto Tamlin andava ante à sentinela, amarrado a dois postes.

- Você foi confiado em guardar esses terrenos e as pessoas nele. - Tamlin disse para o macho que tremia, já sem camisa. “Você foi encontrado não só adormecido na noite passada, como também foi o seu molho de chaves que havia dado como sumido originalmente.”, Tamlin rosnou devagar, “Você nega?”

- Eu... eu nunca caio no sono. Nunca aconteceu até agora. Eu devo ter cochilado por um minuto ou dois. - O sentinela ficou rijo, as cordas que o prendiam gemendo enquanto ele ficava tenso contra elas.

- Você colocou em risco a vida de todos nessa mansão.

E não podia ficar impune. Não com os príncipes de Hybern aqui, buscando por qualquer sinal de fraqueza. Tamlin ergueu uma mão. Bron, com o rosto pétreo, se aproximou entregando um chicote.

Todas as sentinelas, os guerreiros que mais ele confiara, mudaram. Alguns encarando Tamlin diretamente, alguns tentando não assistir o que estava por desenrolar.

Eu segurei a mão de Lucien. E não era inteiramente fingimento.

Ianthe pisou à frente, as mãos dobradas sobre seu estômago.

- Vinte chicotadas. E uma a mais, pelo perdão do Caldeirão. - Os guardas viraram para ela com olhares desagradáveis.

Tamlin desenrolou o chicote e ele tocou o chão.

Eu fiz meu movimento. Enviei meu poder para a mente do sentinela, libertando a memória que eu havia enrolado firme em sua cabeça. – libertei sua língua também.

- Foi ela. - Ele ofegou, apontando o queixo para Ianthe. “Ela pegou as chaves”.

Tamlin piscou – e todos naquele pátio olharam para Ianthe.

Seu rosto não fez muito mais do que recuar frente a acusação – a verdade que ele a havia entregado.

Estava esperando para ver como ela contra-atacaria minha amostra de poder no solstício, havia seguido seus movimentos o dia e a noite inteira. Com pouco tempo assim que eu havia deixado a festa, ela tinha ido ao quartel, usado um pouco de poder para fazer com que ele dormisse e então tomado as chaves. Então havia plantado seus avisos sobre as intenções de ataque dos naga... Depois que ela deu às criaturas as chaves do portão.

Assim ela pôde soar o alarme na última noite. Assim ela pôde nos salvar da ameaça real.

Uma ideia inteligente – caso não tivesse servido exatamente para o que eu havia exposto.

Ianthe disse suavemente “Por que eu deveria ter a chaves? Eu os avisei do ataque”

- Você estava no quartel – eu vi você naquela noite. - O sentinela insistiu e virou os olhos implorando para Tamlin. Não era medo da dor que o movia, eu percebi. Não, as chicotadas teriam sido merecidas, ganhas e aturadas bem. Era o medo de ter a honra perdida.

- Eu sempre pensei, Tamlin, que suas sentinelas teriam mais dignidade do que espalhar mentiras por aí para se pouparem de uma dor fugaz. - O rosto de Ianthe permaneceu sereno, como sempre.

Tamlin, em seu favor, avaliou a sentinela por um longo tempo.

Eu pisei à frente. “Eu ouvirei a versão dele”

Alguns dos guardas soltaram suspiros. Alguns me olharam com piedade e afeição.

Ianthe levantou seu queixo. “Com todo respeito, Minha Senhora, não é seu julgamento a ser feito”

E lá estava. A tentativa de me empurrar para baixo algumas cavilhas a mais.

E só porque a faria ver vermelho, eu a ignorei completamente e disse para a sentinela: “Eu ouvirei sua versão”.

Mantive meu foco nele, mesmo quando eu contava minhas respirações, mesmo enquanto eu rezava para que Ianthe pegasse a isca-

- Acreditará na palavra de uma sentinela sobre a de uma Alta Sacerdotisa?

Meu nojo por suas palavras vomitadas não era inteiramente falso – mesmo que esconder meu sorriso fraco fosse um esforço. Os guardas se posicionaram ante ao insulto, ante ao tom de voz. Mesmo se eles não confiassem completamente na palavra da sentinela, foram pelas palavras dela somente que eles compreenderam que ela era culpada.

Eu olhei para Tamlin então – vi seus olhos afiarem-se também. Com compreensão.

Iante havia protestado demais.

Oh, Ele estava bastante consciente que Ianthe talvez tenha planejado o ataque dos nags para retomar qualquer pedaço de poder e influência – como salvadora dessas pessoas.

A boca de Tamlin apertou-se em desaprovação.

Eu dei a eles um bom pedaço de corda. Supus que agora era o momento de ver se eles se enforcariam nela.

Eu desafiei mais um passo para frente, virando minhas palmas para Tamlin.

- Talvez tenha sido um erro. Não o tire de seu lugar – ou sua honra. Vamos ouvi-lo.

O olhar de Tamlin amaciou um pouco. Ele permaneceu em silêncio, considerando.

Mas, atrás de mim, Brannagh bufou.

- Patético. - Ela murmurou, embora todos pudessem ouvir.

*Frac. Vulnerável. Pronto para conquista.* Eu vi as palavras batendo no rosto de Tamlin, como se elas fossem portas se fechando para seu despertar.

Não havia outra interpretação – não para Tamlin.

Mas Ianthe me avaliou, ficando na frente da multidão, a influência que eu tinha mostrado que era capaz de roubar. Se ela admitisse a culpa... o que quer que ela tinha deixado viria desabar.

Tamlin abriu a boca, mas Ianthe o cortou.

- Existem leis que tem que ser obedecidas. - Ela me disse, gentil o bastante para que eu desejasse arrastar minhas unhas por seu rosto. “Tradições. Ele quebrou nossa confiança, deixou que nosso sangue fosse derramado por seu descuido. Agora ele procura acusar uma Alta Sacerdotisa por suas falhas. Isso não pode passar impunemente”, ela aquiesceu para Tamlin. “Vinte e uma chicotadas, Grão Senhor”

Eu olhava entre ambos, minha boca ficando seca.

- Por favor, somente ouça-o.

O guarda pendurado entre os postes tinha tanta esperança e gratidão nos olhos.

Com isso... com isso minha vingança se transformara em algo oleoso, algo estrangeiro e enjoado. Ele se curaria da dor, mas o golpe em sua honra... Isso também tiraria um pouco da minha também.

Tamlin me encarou, e então à Ianthe. Então ele olhou para os príncipes de Hybern – para Jurian, que cruzou os braços, o rosto indecifrável.

E, como eu apostara, a necessidade dele por controle, por força, ganhou.

Ianthe era uma aliada por demais importante para arriscar isolar. E a palavra de uma sentinela rasa... Não, não importava tanto quanto a dela.

Tamlin se voltou para a sentinela amarrada nos postes.

- Ponham o mordedor. - Ele ordenou quietamente a Bron.

Houve, por uma batida de coração, hesitação de Bron – o choque da ordem de Tamlin reverberara por ele inteiro. Por todos os guardas. Pelos que estavam ao lado de Ianthe – sobre eles. Suas sentinelas.

Aqueles que haviam ido para além da muralha, de novo e de novo, para tentar quebrar a maldição que o atingira. Que tinham ido de boa vontade e, de boa vontade, morreram caçados como lobos, por ele. E o

lobo que eu derrubara, Andras... ele tinha ido de boa vontade também. Tamlin os havia mandado de novo e de novo, nem todos eles haviam voltado. Eles todos tinham ido de boa vontade, mas isso... Isso era seu agradecimento. Sua gratidão. Sua confiança.

Mas Bron fez como comandado, deslizando aquele pequeno pedaço de madeira na agora tremulante boca da sentinela.

A julgar pelo desdém mal contido nos rostos dos guardas, pelo menos eles sabiam o que havia acontecido – o que eles acreditavam que havia ocorrido: a Alta Sacerdotisa tinha orquestrado todo o ataque para se lançar como salvadora, oferecendo a reputação de um deles como o preço necessário. Eles não tinham ideia – nenhuma – que eu a instigara a fazer isso, empurrara e empurrara para revelar a cobra que ela era. O quão pouco ninguém com um título importava para ela.

Como Tamlin a havia escutado sem questionar – até a falha.

Não foi muito fingimento quando eu coloquei a mão na garganta, retrocedendo um passo e então outro, até que o calor de Lucien estava contra mim, e eu me virei completamente para ele. As sentinelas estavam dimensionando Ianthe e os príncipes.

Tamlin sempre havia sido um deles – lutado por eles.

Até agora. Agora Hybern. Até que ele colocasse esses monstros estrangeiros antes deles. Até que ele pusesse uma Alta Sacerdotisa manipuladora antes deles.

Os olhos de Tamlin estavam em nós, nas mãos que Lucien pusera nos meus braços para me manter firme, enquanto ele puxava o chicote para trás.

O barulho trovejante enquanto ele cortava o ar ressoou pelo quartel, pelos terrenos.

Pelas próprias fundações da Corte Primavera.

CHAPTER

Ianthe não havia acabado.

Eu sabia – eu tinha me preparado para isso. Ela não se foi na direção do seu templo, só a algumas milhas de distância.

Ao contrário, ela permaneceu na casa, buscando a chance de rastejar para perto de Tamlin. Ela acreditara que ganhara terreno, que sua declaração de justiça servida na ponta final sangrenta do chicote não tinha sido nada além de um tapa final no rosto dos guardas que assistiram.

E quando aquela sentinela ficou arqueada sob suas amarras, quando os outros vieram gentilmente desamarrá-lo, Ianthe apenas incitou o grupo de Hybern para dentro da mansão para o almoço. Mas eu havia ficado no quartel, cuidando da sentinela que gemia, levando para longe as tigelas de água ensanguentadas enquanto o curador, pacientemente, costurava-o.

Bron e Hart pessoalmente me escoltaram para os terrenos da mansão horas depois.

Eu agradei a cada um deles pelo nome. Então pedi desculpas por não ter sido capaz de impedir aquilo – os esquemas de Ianthe ou a punição injusta de seu amigo. Eu realmente quis dizer cada palavra, o soar do chicote ainda ecoando em meus ouvidos.

Então eles falaram as palavras que eu estava esperando. Eles se sentiam arrependidos que não tinham conseguido impedir nada daquilo também.

Não só hoje. Mas os machucados que agora estavam sumindo – finalmente. E sobre outros incidentes. Se eu tivesse pedido, eles teriam me dado suas adagas para que eu cortasse suas gargantas.

Na noite seguinte eu estava correndo de volta para meu quarto, para me trocar para o jantar, quando Ianthe fez seu próximo movimento. Ela viria conosco para a muralha no dia seguinte.

Ela e Tamlin também.

Se era para sermos um front unido, ela declarara no jantar, então ela desejava ver a Muralha por ela mesma.

Os príncipes de Hybern não ligaram. Mas Jurian piscou para mim, como se ele também visse o jogo dela em movimento.

Eu fiz minha própria bagagem naquela noite.

Alis entrou logo antes de deitar, com uma terceira sacola em suas mãos. “Já que é uma longa viagem, eu te trouxe uns suprimentos.”

Mesmo com Tamlin se juntando a nós, era muita gente para que Atravessássemos diretamente. Então iríamos como havíamos feito antes, por partes. Umas poucas milhas de cada vez.



Alis colocou a mochila que ela preparara ao lado da minha. Pegou a escova de cabelo sobre a penteadeira e sinalizou para que eu sentasse no banco acolchoado diante dela. Eu obedeci. Por alguns minutos ela penteou meu cabelo em silêncio. E então, ela disse.

- Quando você for embora amanhã, eu também irei. - Levantei meus olhos para os dela no espelho.

- Meus sobrinhos já se arrumaram, os pôneis estão preparados para nos levar de volta ao território da Corte Estival finalmente. Já faz muito tempo que vi minha casa. -

Disse ela, apesar do brilho em seus olhos.

- Eu sei como é. - Foi tudo o que disse.

- Desejo-lhe tudo de bom, senhorita. - Alis disse, abaixando a escova de cabelo e começando a trançar meu cabelo nas costas. “Pelo resto dos seus dias, não importa o quão longo eles sejam, desejo tudo de bom.”

Deixei que ela terminasse a trança, então girei no banco para pegar os dedos finos dela entre os meus. “Nunca diga a Tarquinn que me conhece”, suas sobrancelhas subiram.

- Há um Ruby de sangue com meu nome dele. - Eu esclareci.

Mesmo sua pele cor de casca de árvore pareceu esmaecer. Ela compreendeu perfeitamente bem: Eu era uma inimiga caçada pela Corte Estival. Só minha morte seria aceita como pagamento pelos meus crimes.

Alis apertou minha mão. “Rubis de sangue ou não, você sempre terá uma amiga na Corte Estival”.

Minha garganta falhou. “E você sempre terá uma na minha.” Eu prometi a ela.

Ela sabia de que corte eu falava. E não demonstrou medo.

\*\*\*

As sentinelas nem sequer olharam para Tamlin e falaram com ele somente o estritamente necessário. Bron e Hart e outros três se juntariam a nós. Eles haviam me visto buscando notícias de seu amigo antes do amanhecer – uma cortesia que eu sabia que ninguém mais havia feito.

Atravessar parece como vagar na lama. De fato, meus poderes se transformaram mais num fardo do que em ajuda. Eu tinha uma dor de cabeça pulsante pela hora do almoço e passara a última parte da jornada tonta e desorientada enquanto nós atravessávamos e atravessávamos.

Chegamos e acampamos praticamente em silêncio. Quieta e de maneira tímida, eu pedi para dividir uma tenda com Ianthe ao invés de Tamlin, demonstrando estar ávida para consertar o talho que aquelas chicotadas tinham feito entre nós. Mas eu fiz mais do que poupar Lucien das atenções dela, colocara Tamlin na linha.

O jantar foi feito e comido. Os sacos de dormir colocados para fora e Tamlin ordenou Bron e Hart que ficassem no primeiro turno.

Deitar do lado de Ianthe sem cortar sua garganta era um exercício de paciência e controle.

Mas sempre que eu sentia a faca debaixo do travesseiro, ela parecia sussurrar o nome dela, então me lembrava do nome dos meus amigos. Da família que estava viva – se curando no Norte.

Eu repeti seus nomes em silêncio, de novo e de novo na escuridão. Rhysand. Mor.

Cassian. Amren. Azriel. Elain. Nestha.

Pensei em como eu os tinha visto pela última vez, tão machucados e sangrando.

Pensei nos gritos de Cassian enquanto suas asas eram retalhadas; da ameaça de Azriel enquanto o rei avançava para Mor. Nestha, lutando a cada passo à frente contra o Caldeirão.

Meu objetivo era maior que minha vingança. Meu propósito maior do que meu ganho pessoal.

A aurora irrompeu e eu me vi com a palma da mão enrolada na guarda de minha adaga. Eu a desembainhei quando me sentei, olhando para baixo, para a sacerdotisa que dormia. A macia coluna de seu pescoço parecia brilhar no sol matinal que vazava por entre os tecidos da tenda.

Pesei a faca em minha mão.

Não sei se havia nascido com a capacidade de perdoar. Não para os terrores infligidos naqueles que eu amava. Por mim, eu não me importava – não muito. Mas havia algum pilar de aço fundamental em mim que não se dobrava ou quebrava. Que não conseguia suportar a ideia de deixar que essas pessoas saíssem ilesas pelo que elas fizeram.

Os olhos de Ianthe se abriram, o verde-azulado límpido como sua tiara descartada.

Eles foram direto para a faca em minha mão, então para meu rosto.

- Não se pode ser cuidadosa demais quando se divide o acampamento com inimigos.

- Eu disse.

Eu podia jurar que algo como medo brilhou nos olhos dela. “Hybern não é nosso inimigo”, ela disse com pouco fôlego. Pela sua palidez quando eu saí da tenda, eu soube que meu sorriso de resposta tinha feito seu trabalho.

\*\*\*

Lucien e Tamlin mostraram aos gêmeos onde ficavam os talhos na Muralha. Assim como haviam feito com as duas primeiras, eles passaram a maior parte do tempo analisando-a, buscando nos arredores. Me mantive por perto dessa vez, observando-os, minha presença agora nada menos do que um relativo e inofensivo incômodo.

Brincávamos com nossos joguinhos de poder, ficara estabelecido que eu podia morder quando quisesse, mas estávamos nos tolerando uns aos outros.

- Aqui. - Brannagh murmurou para Dagdan, apontando o queixo para a divisória invisível. As únicas marcas eram as árvores diferentes: no nosso lado eram brilhantes, de um verde fresco primaveril. No outro lado eram escuras, largas e se curvavam levemente com o calor – a temperatura do verão.

- A primeira era melhor. - Dagdan contou.

Eu sentei sobre um pequeno tronco, descascando uma maçã com uma faca pareada.

- Próxima da costa oeste também. - Ele adicionou à sua gêmea.

- Essa é mais perto do continente – do estreito.

Eu cortei fundo na carne da maçã, cavando um pedaço grande de sua carne branca.

- Sim, mas teríamos mais acesso aos suprimentos do GrãoSenhor.

O dito GrãoSenhor havia saído com Jurian, havia ido caçar por mais comida além dos sanduíches que havíamos empacotado. Ianthé havia ido para uma fonte próxima para rezar e eu não tinha ideia nenhuma de onde Lucien ou as sentinelas estavam.

Bom. Mais fácil pra mim enquanto eu empurrava um pedaço da maçã para minha boca e dizia. “Eu diria para ficarem com essa”

Eles se viraram para mim, Brannagh me olhando com desprezo e as sobrancelhas de Dagdan altas. “O que você sabe sobre qualquer coisa disso?” - Brannagh demandou.

Eu dei de ombros, cortando um outro pedaço de maçã.

- Vocês dois falam mais alto do que imaginam.

Eles trocaram olhares acusatórios entre si. Orgulhosos, arrogantes, cruéis. Estava já há quinze dias aturando suas posturas. “A menos que vocês queiram arriscar dar tempo a outras Cortes para se reunirem e interceptarem vocês antes que possam cruzar o estreito, eu escolheria essa.”

Brannagh revirou os olhos.

Eu prossegui, divagando e entediada. “Mas o que eu sei? Vocês ficaram encolhidos naquela ilhota de vocês por quinhentos anos. Claramente vocês sabem mais sobre Prythian e como movimentar exércitos aqui do que eu.”

Brannagh chiou.

- Isso não se trata de exércitos, então vou confiar que você manterá sua boca fechada até que tenhamos uso para você.

Eu funguei. “Você quer dizer que toda essa maluquice não tem sido sobre achar um lugar para passar pela Muralha, usar o Caldeirão e também transportar a massa dos seus exércitos para cá?”

Ela riu, balançando a cortina negra de seu cabelo sobre seu ombro, “O Caldeirão não é para transportar

exércitos brutos. Ele é para remodelar mundos. É para trazer abaixo essa odiosa Muralha e reclamemos o que nós fomos.”

Eu somente cruzei minhas pernas. “Achei que com um exército de dez mil vocês não precisariam de objetos mágicos para fazer seu trabalho sujo.”

- Nosso exército é dez vezes isso, garota. - Brannagh zombou. “E o dobro desse número se contar com nossos aliados em Vallahan, Montesere e Rask”.

Duzentos mil. Que a Mãe nos salve.

- Vocês certamente estiveram ocupados nesses últimos anos. - Eu os analisei, totalmente perplexos. “Por que não atacar quando Amarantha tinha o controle da ilha?”

- O rei ainda não tinha achado o Caldeirão, apesar de todos os anos buscando. Serviu ao seu propósito deixar que ela fizesse esse experimento, em como quebrar essas pessoas.

E serviu como uma boa motivação para nossos aliados no continente se juntarem à nós.

Sabendo eles o que os esperaria.

Terminei minha maçã e cuspi seu centro nas florestas. Eles observaram-no voar como dois cachorros acompanhando um faisão.

- Então, todos vão convergir para cá? Supostamente eu tenho de bancar a anfitriã para tantos soldados?

- Nossa própria força cuidará de Prythian antes de se unir às outras unidades. Nossos comandantes estão se preparando enquanto conversamos.

- Vocês devem achar que podem mesmo perder se estão se importando em usar o Caldeirão para ajudá-los a ganhar.

- O Caldeirão é vitória. Vai limpar esse mundo todo de novo.

Ergui minhas sobrancelhas num irreverente cinismo.

- E vocês precisam desse exato lugar para liberá-lo?

- Esse exato lugar. - Dagdan disse, com uma mão no cabo da espada. “Existe porque uma pessoa ou objeto de grande poder passou por ele. O Caldeirão estudará o trabalho feito – e amplificará até que a Muralha colapse inteiramente. Será um processo cuidadoso e complexo e um que, eu duvido, uma mente mortal pode alcançar.”

- Provavelmente. Embora essa mente mortal conseguiu resolver a charada de Amarantha – e destruí-la.

Brannagh meramente se virou de costas para a Muralha.

- Você acha que Hybern deixou-a viver por tanto tempo nessas terras pelo quê?

Melhor ter alguém para fazer seu trabalho sujo.

\*\*\*

Eu tinha o que eu precisava.

Tamlin e Jurian ainda estavam fora, caçando. Os príncipes estavam preocupados, e eu tinha mandando as sentinelas buscarem-me mais água, afirmando que meus machucados ainda doíam e eu queria fazer um cataplasma para eles.

Eles pareciam, definitivamente, irritados com aquilo. Não comigo – mas com quem havia me dado aqueles machucados. Quem havia escolhido Ianthe ao invés deles – e Hybern sobre sua honra e povo.

Eu trouxera três mochilas, mas eu só precisaria de uma. Aquela que eu tinha cuidadosamente rearmado com os suprimentos de Alis, agora enfiados entre tudo que antecipei que precisaria para me livrar deles e ir embora. Aquela que trouxera comigo em cada uma das viagens à Muralha, só para caso de precisar. E agora...

Eu tinha números. Eu tinha um propósito, eu tinha localizações específicas e nomes de territórios estrangeiros. Mas mais do que isso, eu tinha um povo que perdera a fé em sua GrãSacerdotisa. Eu tinha sentinelas que estavam começando a se rebelar contra seu GrãoSenhor. E como resultado dessas coisas, eu tinha os príncipes reais de Hybern em dúvida sobre a força dos seus aliados aqui. Eu tinha preparado essa corte para cair. Não por forças externas – mas por suas guerras internas.

E eu tinha que sair limpa disso antes que tudo acontecesse. Antes que a próxima fração do meu plano caísse no seu lugar. Aquele grupo retornaria sem mim. E para manter a ilusão de força, Tamlin e Ianthe seriam forçados a mentir – para onde eu teria ido.

E talvez um dia ou dois depois disso, uma dessas sentinelas revelaria as novidades, uma armadilha cuidadosa que eu tinha enrolado em sua cabeça, como um dos meus laços.

Eu fugira pela minha vida – depois de quase ter sido morta pelo príncipe e princesa de Hybern. Eu plantara imagens em sua mente do meu corpo brutalizado, as marcas consistentes do que Dagdan e Brannagh já haviam revelado ser o seu estilo. Ele as descreveria em detalhes – descreveria como ele me ajudou a fugir antes que fosse tarde demais. Como eu fugi pela minha vida, quando Tamlin e Ianthe se recusaram a interferir, a arriscar a aliança deles com Hybern.

E, quando a sentinela revelasse a verdade, não mais capaz de suportar aquilo tudo quando ele via o quão piedoso era meu destino confinado nas mãos de Tamlin e Ianthe, da mesma forma que Tamlin se bandeara para o lado de Ianthe no dia em que ele flagelara aquela sentinela...

Quando ele descrevesse o que Hybern tinha feito a mim, à Quebradora de Maldições, sua nova apontada Abençoada pelo Caldeirão, antes que eu fugisse pela minha vida...

Não haveria mais aliança. Pois não haveria nenhuma sentinela ou habitante dessa corte que ficaria do lado de Tamlin ou Ianthe depois disso. Depois de mim.

Eu me escondi em minha tenda para pegar minha mochila, meus passos leves e rápidos. Ouvindo, quase

nem respirando, eu escaneei o acampamento e o bosque.

Mais uns segundos extras e eu tomara o boldrié de facas de Tamlin que ele havia deixado em sua tenda. Eles atrapalhariam quando usasse arco e flecha, ele me explicara essa manhã.

Seu peso era considerável, eu notei enquanto amarrava eles ao meu peito. Facas de luta Illyrianas.

Casa. Eu estava indo para casa.

Não me importei em olhar para trás, para o acampamento, enquanto eu escorregava para o lado norte da linha de árvores. Se eu atravessasse sem parar entre espaços, eu estaria no pé das colinas em uma hora – e teria desaparecido por uma das cavernas não muito longe depois disso.

Eu fiz cerca de noventa e um metros dentro da cobertura das árvores antes que estacasse.

Eu ouvi Lucien primeiro

- Se afaste.

Uma risada feminina e baixa.

Tudo em mim parou e ficou gelado àquele som. Já tinha ouvido antes – nas memórias de Rhysand.

Continue indo. Eles estavam distraídos, por mais horrível que fosse.

Continue, continue, continue.

- Achei que você me procuraria depois do Rito. - Ianthe ronronou. Eles não podiam estar a mais de nove metros dentro das árvores. Longe o bastante para não ouvir minha presença, se eu fosse quieta o bastante.

- Eu fui obrigado a fazer o Rito. - Lucien cuspiu. “Aquela noite não foi produto de desejo, acredite em mim.”

- Nos divertimos, você e eu.

- Sou um Macho com uma Parceira agora.

Cada segundo a mais era o sino da minha morte soando. Eu antecipara tudo à queda; há muito já tinha parado de sentir culpa ou dúvida sobre meus planos. Não com Alis agora a salvo.

E ainda-ainda-

- Você não age assim com a Feyre. - Uma ameaça envolvida em seda.

- Você está enganada.

- Estou? - Galhos e folhas foram amassados, como se ela estivesse circundando-o, “Você põe suas mãos sobre ela inteira.”

Eu tinha feito meu trabalho tão bem, provocado tanto ciúme nela com cada minuto e desculpa que eu

achava para que Lucien me tocasse em sua presença, na presença de Tamlin.

- Não me toque. Ele rosnou.

E então eu estava me mexendo.

Mascarei o som de minhas pegadas, silenciosa como uma pantera enquanto eu andava para chegar àquela pequena clareira onde eles estavam.

Onde Lucien estava, de costas para uma árvore – com algemas de uma pedra azul ao redor de seus pulsos.

Já havia visto aquilo antes. Em Rhys, para imobilizar seu poder. Pedra escavada das terras apodrecidas de Hybern, capazes de anular mágica. E nesse caso... Segurando Lucien contra aquela árvore, enquanto Ianthe analisava-o como uma cobra ante sua próxima refeição.

Ela deslizou uma mão nos amplos painéis de seu peito, de sua barriga.

E os olhos de Lucien foram para mim enquanto eu pisava entre as árvores, medo e humilhação enrubescendo sua pele dourada.

- Basta. - Eu disse.

Ianthe virou sua cabeça para mim. Seu sorriso era inocente, afetado. Mas eu a vi notar a mochila, o boldrié de Tamlin. Larguei ambos.

- Estávamos no meio de um joguinho. Não estávamos, Lucien?

Ele não respondeu.

E a visão daquelas algemas nele, da forma que ela o havia prendido na armadilha, a visão da mão dela ainda na barriga dele-

- Voltaremos para o acampamento assim que terminarmos. - Ela disse, se virando para ele de novo. Sua mão escorregou para mais baixo, não para seu próprio prazer, mas para simplesmente jogar na minha cara que ela pode-Eu ataquei.

Não com minhas facas ou magia, mas com minha mente.

Eu rasguei o escudo que tinha mantido ao seu redor para evitar o controle dos gêmeos e me atirei contra sua consciência.

Uma máscara sobre um rosto decadente. Assim que era como estar dentro daquela linda cabeça e achar coisas odiosas dentro. Uma trilha de machos que ela tinha usado seu poder ou não para força-los para ir para cama, convencida do seu direito sobre eles. Eu empurrei de novo sobre o puxão daquelas memórias, me controlando. “Tire suas mãos dele.”

Ela tirou.

- Tire as algemas dele.

A pele de Lucien não tinha cor enquanto Ianthe me obedecia, seu rosto quase vago, flexível. As algemas de pedra azul caíram no chão musgoso.

A camisa de Lucien estava torta, o botão de cima de sua calça aberto.

O rugido que encheu minha mente era tão alto que eu mal podia me ouvir enquanto eu dizia. “Pegue aquela pedra.”

Lucien continuou pressionado contra aquela árvore. E ele assistiu em silêncio enquanto Ianthe parava para pegar uma pedra lascada e cinza, mais ou menos do tamanho de uma maçã.

- Ponha sua mão direita sobre aquele pedregulho. - Ela obedeceu, embora um tremor corresse sua espinha abaixo.

Sua mente batia e debatia contra mim, como um peixe preso na linha. Eu enfiei minhas garras mentais cada vez mais fundo, e alguma voz interior dela começou a gritar.

- Bata sua mão com a pedra o mais forte que puder até que eu diga para parar.

A mão que ela pusera nele, e em tantos outros.

Ianthe levantou a pedra. O primeiro impacto foi abafado, um baque molhado.

O segundo foi um ruído agudo de verdade.

O terceiro tirou sangue.

Seu braço se levantava e abaixava, seu corpo tremendo de agonia.

E eu disse a ela, muito claramente, “Você nunca mais vai tocar outra pessoa contra a vontade dela. Nunca se convencerá de que elas realmente desejam seus avanços; que elas estão só fazendo joguinhos. Nunca conhecerá o toque de outros a menos que eles o iniciem, a menos que seja desejado por ambos os lados.”

*Crac; crac; crac.*

- Você não se lembrará do que aconteceu aqui. Dirá aos outros que você caiu.

O dedo do anel dela virou-se para a direção errada.

- Você tem permissão de ver um curandeiro para consertar seus ossos. Mas não para tirar a cicatriz. E cada vez que olhar para sua mão, se lembrará de que tocar pessoas contra sua vontade tem consequências, e que se fizer de novo, tudo que você é deixará de existir.

Você viverá com esse medo todos os dias e nunca saberá qual sua origem. Somente o medo de que há algo te caçando, esperando por você no instante em que abaixar a sua guarda.



Lágrimas silenciosas fluíram pelo seu rosto.

- Pode parar agora.

A pedra ensanguentada tombou na grama. Sua mão era um pouco mais do que ossos quebrados empacotados em pele retalhada.

- Ajoelhe aqui até que alguém te ache.

Ianthe caiu sobre seus joelhos, sua mão arruinada sangrando no seu robe pálido.

- Debatí cortar sua garganta hoje de manhã. - Eu disse a ela. “Debatí isso cada dia desde que soube que você vendeu minhas irmãs para Hybern.”, eu sorri um pouco. “Mas acho que essa é uma punição melhor. E eu espero que você viva uma longa, longa vida, Ianthe, e que nunca encontre um momento de paz.”

Encarei seu rosto por um momento um pouco mais longo. Amarrando a tapeçaria de palavras e comandos que costurara em sua mente e me virei para Lucien. Ele ajeitou a camisa e as calças.

Seus olhos arregalados deslizaram dela para mim, então para a pedra ensanguentada.

- A palavra pela qual você procura Lucien, - sussurrou uma voz feminina enganosamente leve, “*é daemati.*”.

Ele girou para Brannagh e Dagdan enquanto eles pisavam na clareira, sorrindo como lobos.

CHAPTER

Brannagh correu os dedos pelos cabelos dourados de Ianthe, estalando a língua diante da massa ensanguentada em seu colo.

- Indo a algum lugar, Feyre?

Eu deixei minha máscara cair.

- Tenho que estar em outros lugares. - Eu disse aos membros da realeza de Hybern, notando a forma como eles fechavam suas posições em volta de mim, casuais demais.

- O que poderia ser mais importante do que nos ajudar? Você, claro, jurou ajudar nosso rei.

Tempo—eles tentavam ganhar tempo até que Tamlin voltasse de sua caçada com Jurian.

Lucien se afastou da árvore, mas não veio para o meu lado. Algo parecido com agonia brilhou em seu rosto quando ele finalmente notou a bandoleira roubada, a mochila em minhas costas.

- Eu não devo fidelidade a você. - Eu disse a Brannagh, ainda que Dagdan tivesse começado a sair de minha linha de visão. "Eu sou uma pessoa livre, tenho o direito de ir onde e quando eu desejar."

- Tem mesmo? - Brannagh devaneou, levando uma das mãos para a espada em seu quadril. Eu me virei levemente para impedir que Dagdan se tornasse um ponto cego.

"Tanto planejamento cuidadoso nas últimas semanas, tantos movimentos habilidosos.

Você não pareceu preocupada enquanto nós fazíamos o mesmo."

Eles não deixariam Lucien sair dessa clareira com vida. Ou, no mínimo, com a mente intacta.

Ele pareceu chegar à mesma conclusão ao mesmo tempo que eu, entendendo que não havia a menor possibilidade deles revelarem isso se não achassem que se safariam.

- Tome a Corte Primavera. - Eu disse, e foi exatamente o que quis dizer. "Ela vai cair de um jeito ou de outro."

Lucien rosnou. Eu o ignorei.

- Ah, é o que pretendemos fazer. - Brannagh disse, livrando a espada de sua bainha escura. "Mas temos a situação com você."

Eu saquei duas facas de luta illyrianas.

- Você não tem se perguntado sobre as dores de cabeça? Ou sobre por quê as coisas têm parecido meio abafadas em certos laços mentais?

Meus poderes tinham se exaurido tão rapidamente, tinham se tornado cada vez mais fracos nas últimas

semanas— Dagdan bufou e finalmente falou à sua irmã, "Eu daria a ela dez minutos até que a maçã faça efeito."

Brannagh soltou um riso abafado, cutucando as algemas de pedra azuis com a ponta do pé. "Nós demos o pó para a sacerdotisa primeiro. Pedra faebane esmagada, tão fina que você não veria ou cheiraria ou sentiria em sua comida. Ela adicionava só um pouco a cada vez, nada suspeito—e não muito, ou pararia todos os seus poderes de uma vez só."

Inquietação começou a embrulhar o meu estômago.

- Nós temos vivido como daemati por mil anos, menina. - Dagdan zombou. "Mas nós sequer precisamos entrar na mente dela para convencê-la a nos ajudar. Mas você...

Esforço valente o seu, tentando proteger todos eles contra nós."

A mente de Dagdan se lançou contra a de Lucien, uma flecha negra correndo entre eles. Eu subi um escudo entre eles. E minha cabeça— meus ossos doíam— - Que maçã? - Eu atirei.

- Aquela que você engoliu uma hora atrás. - Brannagh disse, "Plantada e colhida no jardim pessoal do rei, alimentada em uma dieta regular de água com faebane. Suficiente para extinguir seus poderes por alguns dias, nenhuma alga necessária. E aqui estava você, pensando que ninguém notara seu plano de sumir hoje." Ela estalou a língua de novo. "Nosso tio ficaria muito decepcionado se nós permitíssemos isso."

Meu tempo roubado estava acabando. Eu podia atravessar, mas aí eu abandonaria Lucien com eles caso ele mesmo não conseguisse, com o faebane no sistema dele, da comida do acampamento— *Deixá-lo*. Eu devia e podia deixá-lo.

Mas para um destino talvez pior do que a morte— Seu olho castanho brilhou. "Vá."

Eu fiz minha escolha.

Explodi em noite, fumaça e sombras.

E mesmo mil anos não foram suficientes para que Dagdan estivesse devidamente preparado quando eu atravessassei na frente dele e o acertei.

Eu cortei a frente de sua armadura de couro, não indo fundo o suficiente para matar, e conforme o metal rasgava, ele se virou de forma experiente, forçando-me a escolher entre expor meu lado direito ou perder a faca— Eu atravessassei de novo. Dessa vez, Dagdan veio comigo.

Eu não estava lutando aliados aleatórios de Hybern na floresta.

Eu não estava lutando contra o Attor e seus iguais nas ruas de Velaris. Dagdan era um príncipe de Hybern—um comandante.

Ele lutava como um.

Atravessar. Atacar. Atravessar. Atacar.

Nós éramos um turbilhão negro de metal e sombras através da clareira, e todos os meses do treinamento brutal com Cassian retornavam conforme eu me mantinha de pé.

Eu tinha a vaga noção de que Lucien estava boquiaberto, e que até Brannagh parecia surpresa pelo meu nível de habilidade contra seu irmão.

Mas os golpes de Dagdan não eram fortes—não, eles eram rápidos e precisos, e ele não se entregava a eles inteiramente.

Esticando o tempo. Deixando-me cansada até que meu corpo absorvesse completamente aquela maçã e o poder dela me deixasse praticamente mortal.

E então eu golpeei ele no lugar em que ele era mais vulnerável.

Brannagh gritou quando uma parede de fogo a atingiu.

Dagdan perdeu o foco por uma batida de coração. O rugido dele conforme eu cortava fundo em seu abdomen espantou até os pássaros das árvores.

- Sua vadia. - Ele cuspiu, recuando do meu próximo golpe quando o fogo abaixou e Brannagh, de joelhos, voltou à visão. O escudo físico dela tinha sido descuidado—ela estava esperando que eu atacasse sua mente.

Ela tremia, arfando de agonia. O fedor pele queimada agora chegava até nós, diretamente de seu braço direito, suas costelas, sua coxa.

Dagdan se atirou sobre mim de novo, e eu levei ambas minhas facas ao encontro de sua lâmina.

Ele não recuou do golpe dessa vez.

Eu senti a reverberação em cada centímetro do meu corpo.

Senti o crescente, sufocante silêncio também. Eu tinha sentido isso uma vez antes—aquele dia em Hybern.

Brannagh se atirou de pé com um choro afiado.

Mas Lucien estava lá.

Com o foco dela inteiramente em mim, por causa da beleza que eu havia queimado dela, Brannagh não viu que ele havia atravessado até que fosse tarde demais.

Até que a espada de Lucien refletiu a luz que vazava entre as árvores. E então metal encontrou carne.

Um tremor tomou a clareira—como se uma linha invisível entre os gêmeos tivesse se quebrado quando a cabeça de Brannagh caiu na grama.

Dagdan gritou, atirando-se contra Lucien, atravessando os quinze pés entre nós.

Lucien mal tinha puxado sua espada para fora do pescoço mutilado de Brannagh quando Dagdan surgiu na

frente dele, atirando sua espada para a frente, querendo atingi-lo na garganta.

Lucien só teve tempo suficiente para tropeçar para trás e se desviar do golpe mortal de Dagdan.

Eu tive tempo suficiente para pará-lo.

Eu parei a lâmina de Dagdan com uma das facas, os olhos do macho se arregalaram quando atravessei entre eles—e enfiei a outra em seu olho. Direto dentro do crânio por trás.

Osso e sangue e tecido macio se despedaçavam e escorriam ao longo da lâmina, a boca de Dagdan ainda aberta pela surpresa quando eu puxei a faca para fora.

Eu o deixei cair sobre a irmã, o baque de carne contra carne o único som.

Eu simplesmente olhei para Ianthe, meus poderes falhando, uma dor terrível começando em meu estômago, e dei minha última ordem, um complemento às anteriores.

- Você dirá a eles que eu os matei. Em auto-defesa. Depois que eles me machucaram seriamente e você e Tamlin não fizeram nada. Mesmo quando eles te torturarem pela verdade, você dirá que eu fugi depois de matá-los—para salvar essa corte dos horrores deles.

Olhos inexpressivos, vagos foram minha única resposta.

- Feyre.

A voz de Lucien saiu rouca.

Eu apenas limpei minhas duas facas nas costas de Dagdan antes de recuperar minha mochila caída.

- Você está voltando. Para a Corte Noturna.

Eu coloquei a mochila pesada nos ombros e o olhei. "Sim."

Seu rosto bronzeado empalideceu. Mas ele estudou Ianthe, os dois membros da realeza mortos. "Eu estou indo com você."

- Não. - Foi tudo o que eu disse, indo em direção às árvores.

Uma cólica profunda se formou em minha barriga. Eu tinha que me afastar—tinha que usar o que sobrava do meu poder para atravessar até as colinas.

- Você não vai conseguir sem magia. - Ele me avisou.

Eu apenas cerrei os dentes diante da dor afiada em meu abdômen enquanto eu juntava minhas forças para atravessar até aquelas colinas distantes. Mas Lucien agarrou o meu braço, impedindo-me.

- Eu vou com você. - Ele disse novamente, o sangue que cobria seu rosto era tão brilhante quanto o cabelo dele. "Eu vou pegar minha parceira de volta."

Não havia tempo para essa discussão. Para a verdade e o debate e as respostas que ele tão desesperadamente queria.

Tamlin e os outros teriam ouvido os gritos à essa altura.

- Não faça com que eu me arrependa. - Eu disse a ele.

\*\*\*

Sangue tomava a parte interna de minha boca quando nós alcançamos os contrafortes horas depois.

Eu estava ofegante, minha cabeça pulsava, meu estômago nada mais do que um nó retorcido pela dor.

Lucien não parecia muito melhor, ele atravessava de maneira tão trêmula quanto eu, até que paramos entre as colinas esverdeadas e ele se abaixou, mãos apoiadas nos joelhos.

- Ela se... foi. - Ele disse, ofegando por ar. "Minha magia... nem uma faísca. Eles devem ter drogado todos nós hoje."

E me dado uma maçã envenenada só para ter certeza de que eu estaria fora.

Meus poderes escapavam de mim como uma onda que se afastava da costa. Só que sem retorno. Eles só se afastavam cada vez mais em um mar de nada.

Eu olhei para o sol, agora um palmo acima do horizonte, as sombras já grossas e pesadas entre as colinas. Eu me orientei, usando o conhecimento que eu tinha acumulado nas últimas semanas.

Dei um passo na direção norte, lentamente. Lucien agarrou meu braço.

- Você vai usar uma porta?

Eu levei meus olhos doloridos na direção dele. "Sim."

As carvernas—portas, eles a chamavam—naquelas cavidades levavam para outras partes de Prythian. Eu havia usado uma direto para Sob A Montanha. E agora eu usaria uma para me levar para casa. Ou o mais próximo possível. Não existiam portas para a Corte Noturna, nem aqui, nem em lugar nenhum.

E eu não arriscaria meus amigos trazendo-os aqui para me buscar. Até porque o laço entre Rhys e eu... eu não podia senti-lo.

Uma dormência se espalhava em mim. Eu precisava sair daqui—agora.

- O portal para a Corte Outonal é naquela direção. - Aviso e censura.

- Eu não posso entrar na Estival. Eles vão me matar à primeira vista.

Silêncio. Ele soltou o meu braço. Eu engoli, minha garganta tão seca que eu quase não consegui. "A única outra porta aqui leva até Sob a Montanha. Nós fechamos todas as outras entradas. Se nós formos até lá, poderíamos acabar presos—ou teríamos que voltar."

- Então vamos para a Outonal. E de lá... - As palavras morreram antes que eu terminasse. *Lar*. Mas Lucien captou de qualquer forma. E só então pareceu perceber—o que a Corte Noturna era. *Lar*.

Eu praticamente podia ver a palavra em seu olho castanho-avermelhado quando ele balançou a cabeça. *Depois*.

Eu assenti silenciosamente. Sim... depois, nós colocaríamos tudo para fora.

- A Corte Outonal será tão perigosa quanto a Estival. - Ele avisou.

- Eu só preciso de algum lugar para me esconder—para passar despercebida até...

Até que seja possível para nós atravessar de novo.

- Eu conheço um lugar. - Lucien disse, andando na direção da caverna que nos levaria até a casa dele.

Para as terras da família que o traía tão seriamente quanto essa corte havia me traído.

Nós nos apressamos, tão rápidos e silenciosos quanto sombras.

A caverna para a Corte Outonal não tinha proteção. Lucien olhou para mim por sobre o ombro como se perguntasse se eu, também, tinha sido a responsável pela ausência dos guardas ali.

Eu assenti outra vez. Eu infiltrei a mente deles minutos antes de sairmos, tendo certeza de que as portas seriam deixadas abertas. Cassian me ensinara a sempre ter uma rota de fuga secundária. Sempre.

Lucien parou diante das trevas rodopiantes na boca da caverna, a escuridão como um verme prestes a nos devoras. Um músculo se moveu no maxilar dele.

Eu disse, "Fique, se você quiser. O que está feito, está feito."

Porque Hybern estava a caminho—já estava aqui. Eu debatera isso por semanas: se seria melhor reclamar a Corte Primavera para nós, ou deixá-la para os nossos inimigos.

Mas ela não poderia permanecer neutra—uma barreira entre nossas forças no Norte e os humanos no Sul. Teria sido fácil chamar Rhys e Cassian, esse último trazendo uma legião illyriana para reclamar o território quando ele estivesse mais vulnerável depois de minhas manobras. Dependendo, é claro, de quanta mobilidade Cassian tinha recuperado—se ele ainda estivesse se curando.

Mas ainda assim teríamos reivindicado um território—com cinco cortes entre nós.

Simpatia pela Corte Primavera poderia fazê-las hesitar; outras poderiam juntar Hybern contra nós, considerar a conquista uma prova de nossa maldade. Mas se a Corte Primavera caísse nas mãos de Hybern... Nós poderíamos recrutar as outras cortes. Atacar como um pelo Norte, atraindo Hybern para mais perto.

- Você estava certa. - Lucien declarou por fim. "Aquela garota que eu conhecia realmente morreu Sob a Montanha."

Eu não tinha certeza se aquilo era um insulto. Mas eu assenti mesmo assim. "Pelo menos podemos concordar nisso." Eu caminhei para o frio e a escuridão que nos esperava.

Lucien vinha logo atrás de mim conforme passávamos sob o arco de pedra bruta esculpida, nossas lâminas para fora ao passo que deixávamos para trás o calor e o verde da primavera eterna.

E à distância, tão fraco que eu podia ter imaginado, o rugido de uma fera abria o caminho entre as terras.

PART II Cursebreaker



# CHAPTER 11

## O frio foi o que me atingiu primeiro.

Frio vivo, rodeado com coisas podres.

No crepúsculo, o mundo na frente da pequena entrada da caverna um padrão de vermelho, dourado, marrom e verde, as árvores grossas e velhas, o chão musgoso estava misturado com pedras e pedregulhos que criavam grandes sombras.

Sáímos, com laminas nas mãos, mal respirando além de fio de ar.

Mas não tinha nenhuma sentinela da Corte Outonal guardando a entrada do reino de Beron – pelo menos nenhum que a gente pudesse ver ou sentir.

Sem minha magia, eu estava cega de novo, incapaz de trançar uma rede com minha consciência pelas árvores antigas e vibrantes para sentir traço de mentes de feéricos por perto.

Completamente inútil. Foi assim que eu era antes. Como eu sobrevivi tanto tempo sem isso... Eu não queria nem considerar.

Andamos suaves como gatos para o musgo, pedra e para a floresta, nossas respirações virando espirais a nossa frente.

Continuamos andando, indo para o norte. Rhys agora já teria percebido que nosso laço estava na escuridão – estava provavelmente tentando descobrir se eu tinha planejado isso. Se valia a pena revelar nossos planos para me encontrar.

Mas ate que ele fizesse... Até que ele pudesse me escutar, me achar... eu tinha que continuar me mexendo.

Então eu deixei Lucien liderar o caminho, desejando que eu pelo menos fosse capaz de alterar meus olhos para algo que pudesse enxergar na floresta que estava escurecendo.

Mas minha magia ainda estava parada e congelada. Um muleta que eu virei completamente dependente.

Escolhemos nosso caminho pela floresta o frio piorando com cada raio de sol que ia embora.

A gente não tinha se falado desde que entramos na caverna entre as cortes. Pela rigidez dos ombros dele, o ângulo árduo do maxilar dele enquanto continuávamos em silêncio, velocidade constante, eu soube que somente nossa necessidade por discrição que manteve o fervilhar de perguntas dele longe.

A noite estava completamente em cima de nos, a lua ainda a aparecer, quando ele nos levou a uma outra caverna.

Eu hesitei na entrada.

Lucien mal falou a voz sem emoção e fria como o ar, “Não leva pra lugar algum.

Faz uma curva no final, vai nos manter fora de vista.”

Mesmo assim, deixei ele entrar primeiro.

Cada membro e movimento se tornaram lerdo, dolorido. Mas eu o segui para dentro da caverna e pela curva que ele indicou.

Paralisada como uma pedra, eu me vi encarando um acampamento.

A vela que Lucien acendeu estava numa saliência de pedra natural, e no chão perto dela, tinha três colchonetes e velhos cobertores, cobertos por folhas e teias de aranha. Um pequeno lugar para montar uma fogueira ficava no centro de tudo, o teto acima dele carbonizado.

Ninguém esteve lá em meses, anos.

- Eu costumava ficar aqui quando estava caçando. Antes – de ir embora. - Ele disse, examinando um empoeirado livro com capa de couro abandonado no topo da saliência de pedra do lado da vela. Ele abaixou o livro com uma batida. “É só durante a noite. Vamos achar algo pra comer de manhã.”

Eu levantei o colchonete mais próximo a mim e bati nele algumas vezes, folhas e nuvens de poeira voando dele antes de eu o colocar de volta no chão.

- Você realmente planejou isso. - Ele finalmente falou.

Eu sentei no meu colchonete e comecei a verificar as coisas na minha mochila, tirando as roupas mais quentes, a comida e as provisões que a própria Alis colocou lá dentro. “Sim.”

- Isso é tudo que você tem a dizer?

Eu cheirei a comida, me perguntando se tinha Faebane. Podia estar em tudo. “É

muito arriscado comer.” Eu admiti fugindo da pergunta dele.

Lucien não ia aceitar. “Eu sabia. Eu sabia no momento que você começou a brilhar em Hybern. Eu tenho uma amiga na Corte Crepuscular com o mesmo poder – a luz dela é idêntica. E não faz nada das merdas que você mentiu que fazia.”

Eu empurrei minha mochila para fora do colchonete. “Então porque não contar pra ele? Você era o cachorro leal dele além de qualquer outra coisa.”

Os olhos dele pareceram ferver. Como se estar nas terras dele trouxesse os poderes fundidos nele para a superfície, mesmo com o amortecimento do próprio poder.

- Bom saber que, pelo menos, a máscara caiu.

De fato, eu deixei ele ver tudo – não alterei ou mudei minha face para nada além de indiferença.

Lucien bufou.

- Eu não contei para ele por dois motivos. Primeiro, pareceu como chutar um homem que já estava no chão. Eu não podia tirar aquela esperança dele. - Eu revirei meus olhos. “Segundo” ele continuou, “Eu sabia que se eu tivesse certo e tivesse te desmascarado, você daria um jeito para que eu nunca mais a visse.”

Minhas unhas penetraram a palma da minha mão forte o suficiente pra machucar, mas eu continuei sentada no colchonete enquanto mostrei meus dentes para ele.

- E é por isso que você está aqui. Não porque é certo e ele sempre esteve errado, mas só para que você consiga pegar o que te é devido.

- Ela é minha parceira e esta nas mãos de meu inimigo-

- Eu deixei claro desde o início que Elain esta segura e sendo cuidada.

- E eu devo acreditar em você.

- Sim. - Eu sibilei. “Você deve. Porque se eu acreditasse por um segundo que minhas irmãs estão em perigo, nenhum Grão Senhor ou rei poderia me impedir de ir salva-las.”

Ele só balançou a cabeça, a luz da vela dançando no cabelo dele.

- Você tem a ousadia de perguntar minhas prioridades sobre Elain – mas ainda, qual foi o seu motivo onde eu estava no meio? Você planejou me poupar do seu caminho de destruição por causa de uma genuína amizade ou simplesmente pelo medo do que poderia acontecer com ela?

Eu não respondi.

- Bem, qual era seu grande plano pra mim antes da Ianthe interromper?

Eu puxei uma linha solta do colchonete. “Você teria ficado bem.” Foi tudo que eu disse.

- E o Tamlin? Você planejou desmembrar ele antes de ir embora e simplesmente não teve a chance?

Eu arranquei a linha solta do colchonete. “Eu debati a opção.”

- Porém?

- Porém eu acreditei que deixar a corte dele entrar em colapso em volta dele era uma punição melhor. Certamente mais longo que uma morte fácil. - Eu balancei o conjunto de facas de Tamlin, o couro arrastando no chão duro de pedra. “Você é o emissário dele – certamente você percebeu que cortar a garganta dele, mesmo sendo satisfatório, não nos daria muitos aliados nessa guerra.” Não, daria muitas aberturas pra Hybern enfraquecer a gente.

Ele cruzou os braços. Cavando para uma boa e longa briga. Antes que ele pudesse começar eu o interrompi “Eu estou cansada. E nossas vozes ecoam. Vamos discutir quando não podermos ser pegos e mortos”

O olhar dele era brando.

Mas eu o ignorei enquanto fazia um ninho no colchonete e me deitava, o material fedendo a poeira e podridão. Eu puxei minha capa sobre mim, porém não fechei meus olhos.

Eu não ousei dormir – não quando ele podia mudar de ideia. Ainda assim, só deitada, não me mexendo nem pensando... Algum aperto do meu corpo relaxou.

Lucien apagou a vela e eu escutei os sons dele se arrumando para dormir também.

- Meu pai vai te caçar por ter pegado os poderes dele se ele descobrir. - Ele falou na escuridão gelada. “E vai te matar por ter aprendido a manuseá-lo.”

- Ele pode entrar na fila. - Foi tudo que eu respondi.

\*\*\*

Minha exaustão era um cobertor sobre os meus sentidos enquanto uma luz cinza manchava as paredes da caverna.

Eu passei a maior parte da noite tremendo, pulando a cada estalado e som que vinha da floresta que estava do lado de fora, vivamente consciente a cada movimento de Lucien no colchonete dele.

Pela expressão abatida no rosto enquanto ele sentava, eu soube que ele também não dormiu, das duas uma, talvez se perguntando se eu o abandonaria. Ou se a família dele acharia a gente primeiro. Ou a minha.

Avaliamos um ao outro.

- O que agora? - Ele perguntou, esfregando uma mão pelo rosto dele.

Rhys não tinha vindo – eu não tinha escutado um sussurro dele pelo laço.

Eu testei minha magia, mas somente cinzas me cumprimentaram. “Nós vamos para o norte,” eu disse. “Até que Faebane saia dos nossos corpos e a gente possa atravessar.”

Ou eu iria fazer contato com Rhys e com os outros.

- A corte do meu pai é para o norte. A gente deve ir para leste ou oeste para evita-la.

- Não. Leste nos leva para muito perto das fronteiras da Corte Estival. E eu não vou perder tempo indo muito paara o oeste. A gente vai direto para o norte.

- Os sentinelas do meu pai vão facilmente achar a gente.

- Então a gente tem que permanecer sem ser visto. - Eu disse me levantando.

Eu joguei o resto da comida que eu tinha na minha mochila fora. Deixe para os catadores.

\*\*\*

Andar pela Corte Outonal era como vasculhar uma caixa de joias.

Mesmo com o potencial de ter alguém caçando a gente agora, as cores eram tão vivas e que foi um esforço não ficar de boca aberta e impressionada.

No meio da manhã, a geada tinha derretido por debaixo do sol amanteigado revelando o que era adequado para comer. Meu estomago rugia a cada passo, e o cabelo vermelho de Lucien brilhava como as folhas acima de nos enquanto ele examinava a floresta por qualquer coisa que para encher nossas barrigas.

A floresta dele, por sangue e por lei. Ele era um filho dessa floresta, e aquele... Ele parecia moldado dela. Para ela. Até o olho dourado.

Lucien eventualmente parou no córrego cor de jade que passava por uma ravina flanqueada por granito, um local que ele clamou que já foi cheio de trutas.

Eu estava no processo de construir uma vara de pescar rudimentar quando ele caminhou para dentro do córrego, sem botas e com as calças enroladas até os joelhos, e pegou uma truta com as próprias mãos. Ele tinha amarrado o cabelo dele para cima, algumas mechas caindo no rosto dele enquanto ele atacava de novo e jogava outra truta no bando de areia onde eu estava tentando achar um substituto para o fio de pesca.

Permanecemos em silencio nos momentos em que o peixe parou de se debater, os lados dele capturando e brilhando com todas as cores acima de nos.

Lucien pegava eles pela cauda, como se ele tivesse feito-o milhares de vezes. Ele provavelmente fez, bem nesse córrego.

- Eu vou limpar eles enquanto você acende o fogo.- Na luz do dia o brilhar do fogo não seria notado. A fumaça porém... um risco necessário.

Trabalhamos e comemos em silencio, o crepitar do fogo oferecendo a única conversa.

\*\*\*

Andamos para o norte durante cinco dias, mal trocando uma palavra.

As terras de Beron eram tão vastas que levamos três dias para entrar, ultrapassar, e deixa-las para trás. Lucien nos levou pelas fronteiras, tenso a cada decisão e farfalhar.

A Casa da Floresta era um complexo espalhado, Lucien me informou durante as poucas vezes que ousamos ou nos importamos em conversar um com o outro. Foi construído entre arvores e pedras, e somente os níveis superiores eram visíveis do chão.

Abaixo, continha túneis com alguns andares dentro da pedra. Porem, o fato de ser espalhado garantia o tamanho. Você poderia andar de um lado da Casa até outro e poderia demorar metade de uma manhã. Tinha camadas e círculos de sentinelas protegendo: nas arvores, no chão, por cima das ripas de musgo e as pedras da própria Casa.

Nenhum inimigo aproximava o lar de Beron sem ele saber. Nenhum ia embora sem a permissão dele.

Eu soube que tínhamos passado além do mapa de conhecimento das rotas das patrulhas e estações de Lucien quando os ombros dele perderam a firmeza.

Os meus já estavam para baixo.

Eu mal havia dormido, só me deixando dormir quando a respiração de Lucien se transformava num ritmo diferente, mais pesado. Eu sabia que eu não conseguiria manter assim por muito tempo mas sem a habilidade de criar um escudo, de sentir o perigo se aproximando...

Eu me perguntei se Rhys estava me procurando. Se ele tinha sentido o silêncio.

Eu deveria ter enviado uma mensagem. Dizer a ele que estava indo e como me encontrar.

A Faebane – isso era o porque o laço parecia tão abafado. Talvez eu deveria ter matado Ianthe definitivamente.

Mas o que estava feito, estava feito.

Eu estava esfregando meus olhos doloridos, tomando um momento para descansar em nosso novo abrigo: uma macieira, com gordas e suculentas frutas.

Eu enchi minha mochila com o que eu coube lá dentro. Dois miolos já estavam descartados atrás de mim, o doce cheiro de apodrecimento tão calmante quanto o zumbido das abelhas que devoravam as maçãs caídas. Uma terceira maçã já estava iniciada e cheia de mordidas equilibradas estava em cima de minhas pernas esticadas.

Depois do que a realeza de Hybern tinha feito, eu deveria odiar maçãs para sempre, mas a fome sempre teve linhas borradas para mim.

Lucien, sentado a alguns metros de distancia, jogou a quarta maçã dele nos arbustos enquanto eu mordia a minha.

- As fazendas e os campos são perto daqui. - Ele anunciou. “Vamos ter que ficar fora de vista. Meu pai não paga bem pela colheita dele e os fazendeiros precisam de qualquer moeda extra que eles consigam por as mãos.”

- Até vendendo a localização de um dos filhos do Grão Senhor?

- Especialmente desse jeito.

- Eles não gostavam de você?

O maxilar dele endureceu. “Como o mais novo de sete filhos, eu não era particularmente necessário ou desejado. Talvez tenha sido uma coisa boa. Eu pude estudar por mais tempo do que meu pai permitiu que meus irmãos estudassem antes de empurrar eles para fora da porta pra governar algum território em nossas terra, e eu pude treinar o tanto de tempo que eu queria porque ninguém achava que eu era burro o suficiente para matar meu caminho na longa lista de herdeiros. Quando eu fiquei entediado de estudar e

lutar... eu aprendi o que eu podia sobre terras pelas pessoas. Aprendi sobre pessoas também.”

Ele esticou seus pés com um gemido, o cabelo solto dele cintilante enquanto o sol do meio do dia acima tonalizava tons de sangue e vinho.

- Eu diria que isso soa mais como um GrãoSenhor do que a vida de um ocioso e não desejado filho.

Um olhar longo e duro. “Você acha que foi por puro ódio que fez meus irmãos querer me quebrar e me matar?”

Apesar de mim, um arrepio desceu pela minha coluna. Eu terminei minha maçã e me levantei, arrancando um galho baixo. “Você poderia querer – a coroa de seu pai?”

- Ninguém nunca me perguntou isso. - Lucien meditou enquanto a gente andava desviando de maçãs caídas e apodrecidas. O ar estava doce e grudento. “O derramamento de sangue que seria necessário para que eu tenha a coroa não valeria a pena. Nem nessa corte apodrecida. Eu ganharia uma coroa para governar somente pessoas gananciosas e duas faces.”

- Lorde das Raposas. - Eu disse, bufando enquanto me lembrei a máscara que ele uma vez usou. “Mas você não respondeu minha pergunta – sobre porque as pessoas aqui te denunciariam.”

O ar na frente ficou mais leve, e um campo dourado ondulou a frente perto de uma árvore longe.

- Depois de Jesminda, eles fariam.

*Jesminda.* Ele nunca tinha falado o nome dela.

Lucien passou entre as espigas balançantes. “Ela era um deles.” As palavras mal eram audíveis sobre o barulho da cevada. “E quando eu não a protegi... Foi uma traição a confiança deles também. Eu fugi para uma das casas deles quando eu estava fugindo dos meus irmãos. Eles me entregaram pelo o que eu deixei acontecer com ela.”

Ondas de ouro e marfim rodeavam a gente, o céu era um puro e limpo azul.

- Eu não posso culpar eles por isso. - Ele disse.

\*\*\*

Nos cobrimos um vale fértil até o final da tarde. Quando Lucien sugeriu que parássemos para a noite, insisti que continuássemos – direto para o pé das montanhas cinza, montanhas cobertas de neve que marcavam o início da parte dividida com a Corte Invernal. Se conseguíssemos chegar na fronteira em um ou dois dias, talvez meus poderes já teriam retornado o suficiente para que eu pudesse contatar o Rhys – ou atravessar o resto do caminho para casa.

A escalada não foi fácil.

Grandes e íngremes pedregulhos formavam a subida, rodeados por musgo e gramíneas brancas que assobiavam como uma cobra. O vento soprava ao nosso cabelo, a temperatura caindo cada vez mais enquanto subíamos.

Essa noite... talvez teríamos que arriscar uma fogueira hoje de noite. Somente para ficarmos vivos.

Lucien estava ofegante enquanto escalávamos um enorme pedregulho, o vale já bem para trás, a floresta um rio colorido atrás dele. Tinha que existir uma passagem a alcança a algum ponto – fora de vista.

- Como você não está sem folego? - Ele perguntou sem folego ao se puxar para uma plataforma lisa.

Eu empurrei uma mecha de cabelo que tinha soltado da minha trança de volta pra trás, deixando meu rosto livre. “Eu treinei.”

- Eu percebi isso quando que você lutou com Dagdan e depois saiu andando.

- Eu tinha o elemento da surpresa do meu lado.

- Não. - Lucien disse suavemente enquanto eu cheguei perto de um apoio no próximo pedregulho. “Aquilo tudo foi você” Minhas unhas reclamaram enquanto eu enterrei meus dedos numa pedra para me puxar para cima. Lucien adicionou “Você me ajudou lá – com eles, com Ianthe. Obrigado.”

As palavras dele atingiram algo dentro de mim, e eu fiquei feliz que o vento estava soprando a nossa volta, porque assim a queimação nos meus olhos seria escondida.

\*\*\*

Eu dormi – finalmente.

Com o crepitar do fogo na nossa mais nova caverna, o calor e o relativo afastamento foram o suficiente para me derrubarem.

Em meu sonhos, eu acho que eu nadei na mente de Lucien, como se uma pequena parte do meu poder estivesse retornando.

Eu sonhei com nosso fogo acolhedor, e as paredes rochosas, o espaço era grande o suficiente para somente nos e a fogueira. Eu sonhei com a uivante e escura noite que estava lá fora. E com todos os sons que Lucien tão cuidadosamente fazia enquanto ele mantinha vigia.

A atenção dele em algum ponto foi para mim e se demorou.

Eu nunca soube quão nova e humana eu parecia enquanto dormia. Minha trança era uma corda sobre o meu ombro, minha boca levemente aberta, meu rosto abatido com os dias de pouco descanso e comida.

Eu sonhei que ele tirou a capa dele e colocou junto com meu cobertor.

E então eu me deixei ir, saindo da mente dele e meus sonhos navegaram para outro lugar. Eu deixei um mar de estrelas me ninar.

\*\*\*

Uma mão segurou meu rosto tão forte que o granido de meus ossos me acordou.



- Olha o que nós encontramos. - Uma voz masculina fria falou devagar.

Eu conhecia aquele rosto – o cabelo vermelho, a pele pálida, o sorriso afetado.

Conhecia o rosto dos outros dois machos na caverna, com um Lucien rosnando preso embaixo deles.

Os irmãos dele.

CHAPTER

- O Pai, - o que segurava uma faca contra a minha garganta disse a Lucien, "preferiu não lembrar que você não parou para dizer olá."

- Estamos em uma reunião que não pode ser adiada. - Respondeu Lucien, suavemente, se contendo.

Aquela faca pressionou ainda mais minha pele quando ele soltou uma risada sem humor. "Certo. Há um boato de que vocês dois estão fugindo juntos, traindo Tamlin." Seu sorriso se alargou. "Eu não achava que você faria isso, irmãozinho. "

- Ele a tem, parece. - Um dos outros brincou.

Eu deslizei o olhar para o macho acima de mim. "Você vai nos soltar. "

- Nosso estimado pai deseja vê-los. - Disse ele com um sorriso de cobra. A faca não oscilou. "Então, vocês virão conosco para casa. "

- Eris. - Avisou Lucien.

O nome soou através de mim. Acima de mim. A meros centímetros de distância...

o ex-noivo de Mor. O macho que a abandonou quando a encontrou com o corpo espancado na fronteira.

O herdeiro do GrãoSenhor.

Eu podia jurar que a sombra de garras surgiram em minhas mãos. Um ou mais dois dias, e eu poderia ser capaz de cortar sua garganta.

Mas eu não tinha esse tempo. Eu tinha apenas o agora. Eu tinha que fazer valer a pena. Eris apenas disse para mim, frio e entediado.

- Levante-se.

Então eu senti. Mexendo-se acordado, como se algum bastão o tivesse cutucado.

Como se estar aqui, neste território, entre sua família real sangrenta, tivesse de alguma forma despertado a vida, fervilhando esse veneno do passado. Transformando esse veneno em vapor.

Com a faca ainda encostada no pescoço, deixei que Eris me lançasse aos meus pés, os dois arrastando Lucien, antes que ele pudesse ficar sozinho.

*Faça valer a pena. Use os arredores.*

Olhei para Lucien.

E ele viu o suor perlando em minha têmpora, meu lábio superior, enquanto meu sangue se aquecia. Um leve movimento do queixo foi seu único sinal de compreensão.

Eris nos levaria para Beron, e o GrãoSenhor ou nos mataria por esporte, nos venderia ao mais alto lance ou nos prenderia indefinidamente. E depois do que fizeram à amante de Lucien, o que eles fizeram com Mor...

- Depois de você. - Disse Eris, suavemente, baixando a faca finalmente. Ele me empurrou um passo.

Eu estava esperando. Equilíbrio, Cassian havia me ensinado, era crucial para vencer uma luta. E quando o empurrão de Eris fez com que ele comesse a andar irregularmente, eu girei meu passo, impulsionando-me em sua direção.

Girando, tão rápido, que ele não me viu invadir sua guarda aberta e empurrar meu cotovelo em seu nariz. Eris tropeçou para trás. Fogo atingiu os outros dois, e Lucien se afastou do caminho enquanto eles gritavam e recuavam mais fundo na caverna.

Eu liberava cada gota daquelas chamas de mim, formando uma parede entre nós e eles. Selando seus irmãos dentro da caverna.

- Corra. - Ofeguei, mas Lucien já estava ao meu lado, uma mão firme sob o meu braço enquanto eu queimava, aquele fogo mais quente e mais quente. Não conseguiria mantê-los contidos por muito tempo, e eu sentia alguém lançando um poder crescente, a fim de desafiar o meu.

Mas havia uma outra força a empunhar.

Lucien compreendeu no mesmo momento que eu.

O suor faiscou na testa de Lucien com um pulso de poder que lambeu a lama e se chocou contra as pedras acima de nós. Houve uma chuva de poeira e detritos. Eu lancei qualquer fluxo de magia no golpe seguinte de Lucien.

E no seguinte

Quando o rosto lívido de Eris emergiu da minha rede de fogo, brilhando como um deus forjado pela ira, Lucien e eu derrubamos o teto da caverna. O fogo explodiu através das pequenas rachaduras como mil línguas de serpentes flamejantes – mas a caverna não tremeu tanto quanto.

- Depressa. - Lucien ofegou, e eu não perdi o fôlego à medida que cambaleávamos na noite.

Nossas mochilas, nossas armas, nossa comida... estavam dentro da caverna.

Eu tinha dois punhais comigo, Lucien um. Eu estava usando minha capa, no entanto... ele realmente havia me dado a dele. Ele tremera contra o frio enquanto arrastávamos e arranhávamos nosso caminho até a encosta da montanha, e não ousamos parar.

\*\*\*

Se eu ainda fosse humana, estaria morta.

O frio atingia profundamente os ossos, o vento gritante nos açoitava como chicotes ardentes. Meus dentes bateram uns contra os outros, os dedos tão rígidos que mal conseguiam agarrar a rocha gelada à cada

milha que cambaleávamos por meio das montanhas. Talvez ambos estivéssemos sendo poupados de uma morte gelada somente pelo núcleo de chamas que corria em nossas veias.

Não fizemos sequer uma pausa, um medo tácito de que, se o fizéssemos, com o frio, nunca mais nos moveríamos. Ou que os irmãos de Lucien nos alcançariam.

Tentei, repetidas vezes, gritar para Rhys pelo laço. Para conjurar asas e tentar voar para a montanha que atravessávamos, onde a neve atingia nossa cintura e era tão densa em certos lugares, que tínhamos que rastejar sobre ela, raspando nossa pele sobre o gelo cru.

Mas o aperto sufocante do faebane ainda mantinha a maioria do meu poder sob controle.

Nós tínhamos que estar perto da fronteira da Corte Invernal, eu disse a mim mesma enquanto nós semicerrávamos os olhos contra uma tempestade de vento gelado, através do outro lado do desfiladeiro estreito da montanha. Perto - e quando terminássemos, Eris e os outros não ousariam pisar no território de outra corte.

Meus músculos gritavam a cada passo, minhas botas encharcadas de neve, meus pés ininterruptamente entorpecidos.

Eu tinha passado por bastantes invernos como humana na floresta para conhecer os perigos da exposição - a ameaças do frio e molhado.

Lucien, um passo atrás de mim, ofegante, com as paredes de rocha e neve se separando para revelar uma amarga estrela manchada noturna - e mais montanhas além.

Eu quase choraminguei.

- Temos que continuar. - Disse ele, raspando a neve, os cabelos desgarrados, e eu me perguntava se o som havia realmente me deixado.

O gelo fazia cócegas em minhas narinas congeladas. "Nós não podemos durar muito tempo, precisamos nos aquecer e descansar."

- Os meus irmãos-

- Nós morreremos se continuarmos. - Ou perder dedos das mãos e dos pés na melhor das hipóteses. Eu apontei para a encosta da montanha à frente, um mergulho perigoso para baixo. "Não podemos arriscar isso à noite. Precisamos encontrar uma caverna e tentar fogo."

- Com o quê? - Chiou ele. "'Você vê alguma madeira?"

Eu só continuei. Argumentando que seria apenas desperdício de energia e tempo.

E eu não tive uma resposta, de qualquer maneira.

Eu me perguntei se teríamos conseguido passar a noite.

Encontramos uma caverna. Profunda e protegida do vento ou da vista. Lucien e eu cuidadosamente cobrimos nossos rastros, certificando-nos de que o vento soprava em nosso favor, velando nossos cheiros.

Foi aí que nossa sorte acabou. Nenhuma madeira a ser encontrada; Nenhum fogo presente em nossas veias.

Por isso, utilizamos a nossa única opção: calor corporal. Amontoados nos alcances mais distantes da caverna, nós sentamos coxa contra coxa e braço contra braço sob o meu manto, estremecendo de frio e pingando molhado.

Eu mal podia ouvir o grito oco do vento sobre meus dentes tremendo. E os dele.

Encontre-me, me encontre, me encontre, eu tentei gritar por meio do laço. Mas a voz irônica de meu parceiro não respondeu.

Havia apenas o vazio rugindo.

- Fale sobre ela... sobre Elain. - Disse Lucien, em voz baixa. Como a morte que se agachava no escuro ao lado, nossos pensamentos haviam se atraído para os próprios parceiros.

Debati se deveria dizer algo, mas, tremendo muito, eu falei... "Ela ama seu jardim.

Sempre adorou cuidar dele. Mesmo quando perdemos tudo, ela conseguiu manter um pequeno jardim nos meses mais quentes. E quando - quando nossa fortuna voltou, ela plantou e cuidou do jardim mais belo que você jamais viu. Mesmo em Prythian. Isso enlouqueceu os criados, porque eles deveriam fazer o trabalho e as senhoras deveriam somente cortar uma rosa aqui e ali, mas Elain usara um chapéu e luvas e ajoelhou-se na sujeira, removendo as ervas daninhas. Mas, ainda assim, ela agia como uma senhora de raça pura."

Lucien ficou em silêncio por um longo momento. "Agia", ele murmurou. "Você fala como se ela estivesse morta. "

- Não sei que mudanças o Caldeirão lhe acarretou. Eu não acho que ir para casa seja uma opção. Não importa o quanto ela deseje.

- Certamente Prythian é uma alternativa melhor, com ou sem guerra.

Eu me aqueci antes de dizer: "Ela estava noiva, Lucien."

Senti cada centímetro dele ficar rígido ao meu lado. "De quem?"

Palavras planas e frias. Com a ameaça de violência abaixo.

- Com o filho de um senhor humano. O senhor odeia feéricos - tem dedicado sua vida e riqueza para caçá-los. Nos caçar. Disseram-me que, embora fosse por amor, o pai do noivo estava ansioso para ter acesso ao dote para continuar sua cruzada contra os feéricos.

- Elain ama o filho deste senhor. - Não era uma pergunta.

- Ela diz que sim. Nestha... Nestha pensava que opai e sua obsessão em matar feéricos era ruim o suficiente para erguer alguns alarmes. Ela nunca expressou a preocupação para Elain. Nem eu.

- Minha parceira está comprometida com um homem humano. - Ele falou mais para si mesmo do que para mim.

- Desculpe se...

- Eu quero vê-la. Somente uma vez. Apenas para saber.

- Para saber o quê?

Ele agarrou meu manto úmido mais alto em torno de nós. "Se vale a pena lutar por ela. "

Eu não conseguiria dizer que ela valia, para não lhe dar esse tipo de esperança, quando Elain poderia muito bem fazer tudo em seu poder para manter seu noivado.

Mesmo que a imortalidade já o tivesse tornado impossível.

Lucien inclinou a cabeça para trás contra a parede de pedra atrás de nós. "E então eu perguntarei ao seu parceiro como ele sobreviveu - sabendo que você estava noiva de outra pessoa. Compartilhando a cama de outro homem.

Enfiei minhas mãos geladas sob meus braços, olhando para a escuridão adiante.

- Diga-me quando você soube... - Exigiu, seu joelho pressionando o meu. "Que Rhysand era seu parceiro. Diga-me quando você parou de amar Tamlin e começou a amá-

lo. "

Eu escolhi não responder.

- Aconteceu antes mesmo de você ir embora?

Comprimi minha cabeça contra a dele, mesmo que eu mal pudesse distinguir seus traços na escuridão. "Eu nunca toquei em Rhysand dessa forma até meses mais tarde."

- Vocês se beijaram em Sob a Montanha.

- Eu tive tão pouca escolha nisso quanto na dança.

- E, mesmo assim, este é o macho que você ama agora.

Ele não sabia - ele não tinha ideia da história pessoal, dos segredos, que tinham aberto meu coração ao GrãoSenhor da Corte Noturna. Não eram minhas histórias para contar.

- É de se pensar, Lucien, que você ficaria feliz por eu ter me apaixonado por meu parceiro, já que você

está como Rhys estava há seis meses.

- Você nos deixou.

Nós.

Não Tamlin. Nós. As palavras ecoaram na escuridão, em direção ao vento uivante e chicoteando a neve além da curva.

- Eu te disse naquele dia na floresta: você me abandonou muito antes de eu sair fisicamente. - Eu tremi novamente, odiando cada ponto de contato, mas eu precisava desesperadamente de seu calor. "Você se encaixa na Corte Primavera tão pouco quanto eu, Lucien. Você apreciou seus prazeres e diversões. Mas não finja que não nasceu para algo mais do que isso. "

Seu olho metálico zuniu. "E onde, exatamente, você acredita que eu me encaixaria?

Na Corte Noturna?"

Eu não respondi. Honestamente, eu não tinha uma resposta. Como Grã-Senhora, eu poderia oferecer-lhe uma posição, se sobrevivêssemos o suficiente para chegar em casa.

Eu faria isso, principalmente para manter Elain longe da Corte Primavera, mas eu tinha pouca dúvida de que Lucien seria capaz de manter a sua própria oposição contra os meus amigos. E alguma pequena, horrível, parte de mim gostava de pensar em tirar mais uma coisa de Tamlin, algo vital, algo essencial.

- Deveríamos sair de madrugada. - Foi a minha única resposta.

\*\*\*

Duramos a noite.

Cada parte de mim estava rígida e dolorida quando começamos nossa caminhada cuidadosa pela montanha. Não havia um sussurro ou rastro dos irmãos de Lucien - ou qualquer tipo de vida.

Eu não me importei, não quando finalmente atravessamos a fronteira e entramos nas terras da Corte Invernal.

Além da montanha, uma grande planície de gelo brilhava ao longe. Seria preciso dias para atravessar, mas não importava: eu havia acordado com poder suficiente em minhas veias para nos aquecer com um pequeno fogo. Devagar e lentamente, os efeitos do faebane diminuía.

Eu estava disposta a apostar que estaríamos na metade do gelo até o momento em que pudéssemos sair daqui. Se nossa sorte persistisse e ninguém mais nos encontrasse.

Recordei-me de todas as lições que Rhys me ensinara sobre a Corte Invernal e seu GrãoSenhor, Kallias.

Elevando-se, palácios requintados, cheios de lareiras rugindo e enfeitados com sempre-verdes. Os trenós esculpidos eram o método de transporte preferido da corte, puxados por renas de pele aveludada e chifres, cujos cascos esticados eram ideais para gelo e neve. Suas forças estavam bem treinadas, mas

muitas vezes confiavam nos enormes e brancos Ursos que perseguiam quaisquer visitantes indesejados no reino.

Rezei para que nenhum deles esperasse no gelo, suas peles perfeitamente camufláveis no terreno.

As relações entre a Corte Noturna e a Invernal eram suficientemente boas, ainda tênues, como todos os nossos laços eram, após Amarantha. Depois que ela massacrou tantos deles - incluindo, eu me lembrei, sem pequenas ondas de náuseas, dúzias de crianças da Corte Invernal.

Mas, apesar de qualquer tentativa de união, a Invernal era uma das cortes sazonais.

Poderia ser aliada de Tamlin, com Tarquin. Nossos melhores aliados continuariam sendo as Cortes Solares: Crepuscular e Diurna. Mas elas ficavam muito para o norte, acima da linha de demarcação entre as cortes solares e sazonais. Essa fatia de terra sagrada e não massacrada por Sob a Montanha. E a casa da Tecelã.

Nós teríamos ido embora antes que tivéssemos que pisar naquela floresta letal e antiga.

Foi mais um dia e uma noite antes de atravessarmos inteiramente as montanhas e pisar no gelo espesso. Nada crescia, e eu só podia dizer quando estávamos em terrenos sólidos pela neve densa embaixo. Do contrário, com demasiada frequência, o gelo estava claro como o vidro revelando os lagos escuros, sem profundidade abaixo.

Ao menos não encontramos nenhum dos Ursos Brancos. Mas a verdadeira ameaça, rapidamente percebemos, era a absoluta falta de abrigo: no gelo, não havia ninguém para ser encontrado contra o vento e frio. E se acendêssemos um fogo com nossa fraca magia, qualquer pessoa próxima lago poderia vê-la. Não importava que acender um fogo derreteria o lago congelado.

O sol estava apenas deslizando acima do horizonte, manchando a planície com ouro, as sombras ainda um machucado azul, quando Lucien disse: "Hoje à noite, vamos derreter um pouco do bloco de gelo o suficiente para amaciá-lo - e construir um abrigo."

Eu considerei. Estávamos a apenas cem metros do que parecia ser um lago sem fim.

Era impossível informar onde terminava.

- Você acha que vamos estar no gelo por tanto tempo?

Lucien franziu a testa para o horizonte manchado pela aurora. "Provavelmente, mas quem sabe até onde ele se estende?" Na verdade, os deslocamentos da neve haviam escondido muito do gelo abaixo.

- Talvez haja outra maneira... - Pensei, olhando em volta para o nosso pequeno e abandonado acampamento.

Nós olhamos ao mesmo tempo. E ambos avistamos as três figuras que agora estavam ao lado do lago. Sorridentes.

Eris levantou uma mão envolta em chamas.



Chamas - para derreter o gelo em que estávamos.

# CHAPTER

## 13

- Corra. - Lucien sussurrou.

Eu não ousei tirar os olhos de seus irmãos. Não quando Eris baixou a mão para a borda congelada do lago.

- Correr para onde, exatamente?

A carne encontrou o gelo e vapor ondulou. O gelo se tornou opaco, descongelando em uma linha que atirou direto para nós. Nós corremos. O gelo liso me fez dar passos traiçoeiros, meus tornozelos rugindo com o esforço para me manter na posição vertical.

À frente, o lago estendia-se para sempre. E com o sol ainda nascendo, os perigos se manteriam. Era um lugar difícil.

- Mais rápido - ordenou Lucien.

- Não olhe! - Ele latiu quando eu comecei a virar a cabeça para ver se eles tinham seguido. Ele esticou uma mão para segurar meu cotovelo, firmando-me antes que eu pudesse até mesmo registrar que eu tinha tropeçado.

*Para onde iremos? Para onde iremos? Para onde iremos?*

A água espirrou debaixo das minhas botas - gelo descongelado. Eris tinha que gastar todo o seu poder para descongelar essa eternidade de gelo, ou estava apenas fazendo isso para nos torturar devagar.

- Pule. - Lucien ofegou. "Nós precisamos..."

Ele me empurrou para o lado, e eu cambaleei, braços girando. Assim como uma flecha ricocheteou fora do gelo onde eu estava de pé.

- Mais rápido. - Lucien estalou, e eu não hesitei.

Eu me precipitei em uma arrancada no terreno plano, Lucien e eu entrando e saindo dos caminhos um do outro com essas setas disparando entre nós continuando. Gelo pulverizado onde eles pousaram, e não importa quão rápido nós corremos, o chão abaixo de nós seguia derretido e derretendo.

Gelo. Eu tinha gelo em minhas veias, e agora que estávamos sobre a fronteira do Corte Invernal... Eu não me importei se eles o visse - meu poder. O poder de Kallias. Não quando as alternativas eram muito piores.

Eu joguei inclinei uma mão a nossa frente onde uma mancha de derretimento começou a se espalhar, gelo gemendo. Um spray de gelo disparou da minha palma, congelando o lago mais uma vez.

Com os braços estendidos eu corria, disparei aquele gelo de minhas palmas, solidificando o que Eris derretia a nossa frente. Talvez - apenas talvez se pudéssemos limpar o lago, e se eles fossem estúpidos o suficiente para estar no caminho quando fizermos ... Se eu podia formar gelo, eu poderia certamente moldá-lo.

Eu cruzei caminhos com Lucien outra vez, encontrando seus olhos largos, abri minha boca para dizer-lhe meu plano, quando Eris apareceu.

Não atrás. Adiante.

Mas era o outro irmão ao seu lado, a flecha apontada e já voando para mim, que me fez gritar.

Eu pulei para o lado, rolando. Não rápido o suficiente.

A ponta da flecha cortou a ponta da minha orelha e minha bochecha, deixando uma onda pungente. Lucien gritou, mas outra flecha estava voando. Esta acertou limpa através do meu antebraço direito. Gelo cortando meu rosto, minhas mãos, quando cai, de joelhos, braço gritando em agonia com o impacto.

Atrás, passos batidos em gelo quando o terceiro irmão chegou.

Eu mordi meus lábios com força suficiente para tirar sangue quando rasguei o pano da jaqueta e da camisa do meu antebraço, estalei a flecha em dois, o que rasgou mais alguns pedaços de minha carne. Meu rugido quebrou e saltou através do gelo.

Eris deu um passo para mim, sorrindo como um lobo, enquanto eu sacava de novo, meus dois últimos punhais Ilyrianos. Sacar as facas fez meu braço direito gritar com o movimento. Ao meu redor, o gelo começou a derreter.

- Isso pode acabar com você indo para baixo, implorando-me para tirá-la para fora uma vez que o gelo instantaneamente recongele - Eris se arrastava, cortado por seus irmãos, e Lucien tinha desembainhado sua própria faca e agora direcionava os outros dois.

- Ou isso pode terminar com você concordando em pegar minha mão. Mas de qualquer forma, você estará vindo comigo.

A carne no meu braço estava se regenerando. Cura - dos poderes de Dawn despertando nas minhas veias, e se isso funcionava...

Eu não dei tempo para Eris ler o meu movimento.

Eu suguei uma respiração aguda.

Uma luz branca e cega surgiu de mim. Eris jurou, e eu corri.

Não para ele, não quando eu ainda estava muito ferida para empunhar minhas facas.

Mas afastando - para aquela distante costa. Com meia-cegueira, tropecei e cambaleei até que fiquei livre do gelo traiçoeiro, derretendo, em seguida, congelando.

Não dei vinte passos antes de Eris atravessar na minha frente e me bater. Um golpe forte no rosto, tão duro que meus dentes cortaram meu lábio. Ele bateu de novo antes que eu pudesse cair, um soco no meu intestino que arrancou o ar dos meus pulmões. Atrás, Lucien se desencadeara sobre seus dois irmãos. Metal e fogo explodido e colidido, gelo pulverizando.

Eu mal toquei o gelo e Eris agarrou-me pelo cabelo, bem nas raízes, o aperto tão brutal que lágrimas picaram em meus olhos. Ele me arrastou de volta para aquela costa, de volta através do gelo.

Eu lutei contra o golpe em meu intestino, lutei para obter um gole de ar pela minha garganta, em meus pulmões. Minhas botas raspavam-se contra o gelo enquanto eu debatia debilmente, Eris se manteve firme.

Acho que Lucien gritou meu nome.

Abri a boca, mas uma mordança de fogo abriu caminho entre meus lábios. Não queimando, mas foi suficientemente quente para me dizer o que faria se Eris quisesse.

Faixas iguais de chamas envolviam meus pulsos, meus tornozelos. Minhas Garganta.

Eu não conseguia me lembrar - não podia lembrar o que fazer, como me mover, como parar isso. Cada vez mais perto e mais perto da praia, para a festa de sentinelas aguardando que se aproximavam do nada. Não, não, não...

Uma sombra bateu na terra diante de nós, rachando o gelo em direção a cada horizonte.

Não uma sombra.

Um guerreiro Illyriano.

Sete Sifões vermelhos cintilaram sobre sua escassa armadura preta quando Cassian apoiou as asas e grunhiu para Eris com cinco séculos de raiva.

Não está morto. Não está machucado. Inteiro.

Suas asas reparadas e fortes.

Eu soltei um soluço trêmulo sobre a mordança ardente. Os sifões de Cassian cintilaram em resposta, como se a visão de mim, na mão de Eris -

Outro impacto atingiu o gelo atrás de nós. Sombras transpassavam em seu rastro.

Azriel.

Eu comecei a chorar de verdade, alguma teia que eu tinha mantido em mim se soltando enquanto meus amigos pousavam. Quando eu os vi. Que Azriel, também, estava vivo, que estava curado. Cassian desembainhou duas lâminas illyrianas, a visão deles era como casa, e disse a Eris com calma letal: - Sugiro que solte a minha senhora.

O aperto de Eris em meus cabelos só se apertou, torcendo um gemido de mim.

A cólera que retorcia o rosto de Cassian podia terminar o mundo. Mas seus olhos castanhos deslizaram para os meus. Um comando silencioso. Ele passou meses treinando-me. Não apenas para atacar, mas para defender. Tinha me ensinado, repetidamente, como me livrar do aperto de um captor. Como gerenciar não só o meu corpo, mas a minha mente.

Como se ele soubesse que era uma possibilidade muito real, que esse cenário aconteceria um dia.

Eris tinha amarrado meus membros, mas ... eu ainda podia movê-los. Ainda podia usar partes da minha magia. E deixá-lo fora do equilíbrio tempo suficiente para escapar, para deixar Cassian saltar entre nós e assumir o Filho mais velho do GrãoSenhor ...

Erguendo-se sobre mim, Eris nem sequer olhou para baixo enquanto eu torcia, girando no gelo, e bateu minhas pernas amarradas entre as dele.

Ele balançou, curvando-se com um grunhido.

Pegando impulso, dirigi minhas mãos rapidamente para seu nariz. Osso estalou, e sua mão soltou meu cabelo. Eu rolei, me afastando. Cassian já estava lá. Eris mal teve tempo de tirar a sua espada enquanto Cassian trazia a sua para baixo sobre ele.

O aço contra o aço soou através do gelo. Sentinelas na costa soltaram flechas de madeira e magia - apenas para saltar contra um escudo tingido de azul.

Azriel. Do outro lado do gelo, ele e Lucien estavam envolvidos com os outros dois irmãos. Ter qualquer um dos irmãos de Lucien Os irmãos detidos contra os illyrianos era um testemunho de sua própria formação, mas - eu focalizei o gelo em minhas veias na mordaca em minha boca e nas amarras em torno de meus pulsos e tornozelos. Gelo para sufocar o fogo, colocá-lo para dormir ...

Cassian e Eris se chocaram, dançaram para trás, entraram em confronto novamente.

As cordas de fogo se soltaram, dissolvendo-se com um sibilo de vapor.

Eu estava em meus pés outra vez, buscando por uma arma que eu não tinha. Meus punhais tinham sido perdidos a quarenta pés. Cassian passou pela guarda de Eris com brutal eficiência. E Eris gritou quando a lâmina Illyriana o perfurou através de seu intestino.

Sangue, vermelho como rubis, manchou o gelo e a neve.

Por um piscar de olhos, vi como isso poderia acontecer: três dos filhos de Beron morrendo em nossas mãos. Um sentimento temporário de satisfação para mim, cinco séculos de satisfação para Cassian, Azriel e Mor, mas se Beron ainda debate que lado apoiar nesta guerra ...

Eu tinha outras armas para usar.

- Parem. - Eu disse.

A palavra era um comando macio e frio. E Azriel e Cassian obedeceram.

Os outros dois irmãos de Lucien estavam juntos, sangrando e machucados. O

próprio Lucien estava ofegante, espada ainda levantada, enquanto Azriel sacudia o sangue de sua própria espada e caminhava em minha direção.

Eu encontrei os olhos castanhos do encantador de sombras. O rosto frio que escondia tal dor e bondade. Ele tinha vindo, Cassian tinha vindo.

Os Ilíryanos caíram ao meu lado. Eris, com a mão pressionada contra o estômago, respirava ofegante, nos considerando. Observando os três além de nós, eu disse a Eris, a seus outros dois irmãos, ao sentinelas na praia - "Vocês todos merecem morrer por isso.

E por muito, muito mais. Mas vou poupar suas vidas miseráveis. "

Mesmo com uma ferida no intestino, o lábio de Eris se curvou.

Cassian grunhiu o aviso.

Eu removi o glamour que eu tinha mantido sobre mim mesmo nestas semanas.

Assim como a manga do meu casaco e camisa. Não havia nada, exceto a pele lisa onde a ferida tinha sido feita. Pele lisa que agora se tornou adornado com redemoinhos e verticilos de tinta. As marcas do meu novo título - e meu vínculo de acasalamento.

O rosto de Lucien esgotou-se de cor quando ele caminhou para nós, parando uma distância saudável do lado de Azriel.

"Eu sou a Grã - Senhora da Corte Noturna", eu disse calmamente a todos eles.

Até Eris parou de zombar. Seus olhos de âmbar se arregalaram, algo como medo agora rastejando dentro deles.

- Não há tal coisa como uma Grã – Senhora. - Um dos irmãos de Lucien cuspiu.

Um leve sorriso tocou minha boca - "Existe agora."

E era hora de o mundo conhecê-lo.

Eu peguei o olhar de Cassian, encontrando o orgulho cintilando ali - e alívio.

- Leve-me para casa. - Eu ordenei ele, meu queixo alto e inabalável. Então para Azriel, "Leve-nos para casa."

Disse para os jumentos da Corte Outonal: "Nos vemos no campo de batalha".

Deixe-os decidir se era melhor estar lutando ao nosso lado ou contra nós.

Eu me virei para Cassian, que abriu seus braços e me abraçou apertado antes de lançar-nos para o céu em uma explosão de asas e poder. Ao lado de nós, Azriel e Lucien fizeram o mesmo.

Quando Eris e os outros não eram nada além de manchas de preto sobre branco abaixo, quando

estávamos navegando alto e rápido, Cassian observou: "Não sei quem parece mais desconfortável: Az ou Lucien Vanserra".

Eu ri, olhando por cima do meu ombro para onde o encantador de sombras carregava meu amigo, ambos fazendo questão de não falar, olhar ou falar. - Vanserra?

- Você nunca conheceu o nome de sua família?

Reconheci aqueles risinhos e ferozes olhos castanhos.

O sorriso de Cassian se suavizou. - Olá, Feyre.

Minha garganta se apertou até o ponto de dor, e eu joguei meus braços ao redor de seu pescoço, abraçando-o firmemente.

- Eu senti sua falta, também - Cassian murmurou, apertando-me.

Voamos até chegar à fronteira do sagrado, oitavo território. E quando Cassian nos colocou em um campo nevado antes da madeira antiga, eu dei uma olhada para a fêmea loira em couro Ilíryano lançando-se por entre as árvores em um ritmo frenético.

Mor me segurou com tanta força quanto eu a agarrei.

- Onde ele está? Eu perguntei, recusando-me a soltar, para levantar a cabeça de seu ombro.

- Ele ... é uma longa história. Longe, mas correndo para casa. Agora mesmo. Mor me puxou para trás o suficiente para digitalizar meu rosto.

Sua boca se apertou para as lesões persistentes, e ela raspou suavemente as manchas de sangue seco ressecadas em minha orelha.

- Ele pegou você através do vínculo minutos atrás. Nós três estávamos mais próximos. Eu iria com Cassian, mas com Eris e os outros lá ... - A culpa escureceu seus olhos. – As relações com a Corte Invernal estão tensas - pensávamos que se eu estivesse aqui na fronteira, poderia manter as forças de Kallias olhando para o sul. Pelo menos tempo suficiente para você.

E para evitar uma interação com Eris que Mor, provavelmente não esteja pronto enfrentar. Eu balancei minha cabeça para a vergonha ainda sombreando seus traços geralmente brilhantes.

- Eu entendo. – E a abracei novamente. Compreendendo, o aperto de resposta de Mor era esmagamento de costelas.

Azriel e Lucien pousaram, plumas de neve pulverizando da corrida anterior. Mor e eu nos liberamos, e enfim, o rosto de minha amiga ficava grave enquanto olhava para Lucien. Neve, sangue e sujeira o encobriam - nós dois.

Cassian explicou a Mor:

- Ele lutou contra Eris e os outros dois.

A garganta de Mor balançou, notando que o sangue manchava as mãos de Cassian - percebendo que não era dele. Asentiu.

Ela, sem dúvida, perguntou: - Eris. Você fez...

- Ele permanece vivo - respondeu Azriel, as sombras se curvando em volta das pontas arranhadas de suas asas, tão rígidas contra a neve sob nossas botas. - E os outros também.

Lucien olhava para todos, cauteloso e quieto. O que ele sabia da história de Mor com seu irmão mais velho ... Eu nunca perguntei. Nunca quis.

Mor jogou sua massa de ondas douradas sobre um ombro. - Então vamos para casa.

- Qual? - perguntei com cuidado.

Mor voltou sua atenção para Lucien mais uma vez. Quase tive pena de Lucien pelo peso em seu olhar, o Julgamento total. O olhar de um Morrigan - cujo dom era pura verdade.

O que ela viu em Lucien foi suficiente para ela dizer: - A casa da cidade. Você tem alguém esperando lá por você.

CHAPTER



Eu não me deixara imaginar: o momento em que eu voltaria a ficar no vestíbulo com painéis de madeira da casa da cidade. Quando eu ouviria a canção das gaivotas que voavam alto acima de Velaris, o cheiro a salmoura do rio de Sidra que cortava através do coração da cidade, sentir o calor da luz do sol fluindo através das janelas minhas costas.

Mor tinha atravessado a todos, e agora estava atrás de mim, ofegando suavemente, enquanto observávamos Lucien examinar os arredores. Seu olho metálico zuniu, enquanto o outro observava com cautela os quartos que flanqueavam o vestíbulo: a sala de jantar e a sala de estar com vista para o pequeno jardim e rua; Depois as escadas para o segundo andar; então o corredor ao lado que leva à cozinha e jardim do pátio.

Então, finalmente, para a porta fechada. Para a cidade esperando além.

Cassian pegou um lugar contra o corrimão, cruzando os braços com uma arrogância que eu sabia que significava problemas. Azriel permaneceu ao meu lado, as sombras cobrindo os nós dos dedos. Como se bater nos filhos dos Senhores era como eles normalmente passassem os dias.

Perguntei-me se Lucien sabia que suas primeiras palavras aqui iriam ou condená-

lo ou salvá-lo. Eu queria saber onde meu papel se encaixaria nisso. Não, era minha obrigação. Como Grã – Senhora eu os superava, meus amigos. Era meu papel decidir se Lucien seguiria mantendo sua liberdade.

Mas seu silêncio vigilante era indício suficiente: deixá-lo decidir seu próprio destino. Por fim, Lucien olhou para mim. Para nós. Ele disse: "Há crianças rindo nas ruas."

Eu pisquei. Ele disse isso com uma ... surpresa tranquila. Como se ele não tivesse ouvido o som em muito, muito tempo. Abri a boca para responder, mas outra pessoa falou por mim.

- Que eles o façam de todo após o ataque de Hybern é testamento de quão duro o povo de Velaris tem trabalhado para se reconstruir.

Eu girei, encontrando Amren emergindo de onde quer que estivesse sentada na outra sala,

a

pelúcia

dos

móveis

escondendo

seu

pequeno

corpo.

Ela apareceu exatamente como a última vez que a vi: de pé no próprio vestíbulo, nos advertindo para sermos cuidadosos em Hybern. Seu cabelo, que estava mais longo, eternamente negros brilhou ao sol, seus olhos prateados e sobrenaturais excepcionalmente brilhante encontraram o meu.

A delicada fêmea inclinou a cabeça. Tanto de um gesto de obediência quanto de um ser que tinha mais de quinze mil anos de idade para uma Grã-Senhora recém criada. E

amiga.

- Vejo que você trouxe para casa um novo animal de estimação - ela Disse, o nariz enrugado de desgosto. Algo como medo entrara no olhar de Lucien, como se ele

também

visse

o

monstro

que

se

escondia

sob

aquele

rosto bonito.

Na verdade, parecia que já tinha ouvido falar dela. Antes que eu pudesse apresentá-

lo, Lucien curvou-se. Profundamente. Cassian soltou um grunhido divertido, e eu atirei-lhe um olhar de advertência. Amren sorriu ligeiramente.

- Já está treinado, entendo.

Lucien endireitou-se lentamente, como se estivesse de pé diante da boca aberta de algum grande gato de planícies que ele não desejava assustar com movimentos repentinos.

- Amren, este é Lucien ... Vanserra.

Lucien ficou rígido.

- Eu não uso o nome da minha família.- Ele esclareceu a Amren com outro incline de cabeça - Lucien está bom." Suspeitei que ele tivesse deixado de usar esse nome no momento em

que

o

coração

da

sua

amante

parou

de

bater.

Amren estudava aquele olho de metal.

- Trabalho inteligente - ela disse, então me examinou. - Parece que alguém Arranhou você, garota.

A ferida no meu braço, pelo menos, tinha cicatrizado, embora uma marca vermelha desagradável permaneceu. Eu assumi que meu rosto não estava muito melhor. Antes que eu pudesse responder, Lucien perguntou: - O que é esse lugar? - Todos olhamos para ele.

- Casa - eu disse. - Esta é a minha casa.

Eu podia ver os detalhes agora afundando. A falta de escuridão. A falta de gritos.

O cheiro do Mar e citrinos, não sangue e decadência. O riso das crianças que de fato continuou. O maior segredo da história de Prythian.

-

Este

é

Velaris

-

expliquei.

-

A  
Cidade  
da  
Luz  
Estelar.  
Sua garganta balançou.

- E você é a Grã-Senhora da Corte Noturna.  
- É verdade.

Meu  
sangue  
parou  
na  
voz  
que  
arrastou  
de  
trás  
de  
mim.

No cheiro que me atingiu, me acordou. Meus amigos começaram a sorrir.

Eu me virei. Rhysand encostou-se na entrada da sala de estar, com os braços cruzados, as asas longe de ser vistas, vestido com sua jaqueta preta imaculada e calças.

E quando aqueles olhos violeta encontraram os meus, quando aquele familiar meio sorriso desapareceu ...

Meu rosto contraiu. Um ruído pequeno e quebrado rompeu-se de mim.

Rhys se movia instantaneamente, mas minhas pernas já haviam cedido. O tapete do foyer amorteceu o impacto quando eu afundei em meus joelhos.

Eu cobri meu rosto com minhas mãos enquanto o mês passado bateu em mim.

Rhys se ajoelhou diante de mim, joelho a joelho.

Suavemente, afastou minhas mãos do meu rosto. Suavemente, ele tomou minhas bochechas em suas mãos e escovou longe minhas lágrimas.

Eu não me importei que tivéssemos uma audiência quando levantei a cabeça e vi a alegria, a preocupação e o amor brilhando

nesses

olhos

notáveis.

Rhys

também

não,

e

murmurou:

"Meu

amor",

e

me

beijou.

Eu mal tinha deslizado minhas mãos em seu cabelo, quando ele me pegou em seus braços e ficou em pé um só movimento.

Puxei minha boca da dele, olhando para um Lucien pálido, mas Rhysand disse aos nossos companheiros sem sequer olhar para eles, - Vão encontrar outro lugar para estar por um tempo.

Ele não esperou para ver se eles obedeceram. Rhys nos subiu as escadas e entrou em uma

caminhada

firme

e

rápida

pelo

corredor.

Eu

espiei

o vestibulo a tempo de ver Mor agarrar o braço de Lucien e acenar para os outros antes que todos desaparecessem.

- Você quer saber o que aconteceu na Corte Primavera? - Eu perguntei, voz crua, enquanto eu estudava o rosto do meu parceiro. Nada de diversão, nada além dessa intensidade predatória, focada em cada respiração minha.

- Há outras coisas que prefiro fazer primeiro. -Ele me levou para o nosso quarto -

uma vez seu quarto, agora cheio de nossos pertences. Estava exatamente como eu me recordava. A enorme cama para onde nos dirigiamos agora, os dois armários, a mesa junto à janela com vista para o pátio jardim, que agora estava estourando com roxo e rosa e azul em meio a um exuberante verde.

Eu me preparei para ser deitada na cama, mas Rhys fez uma pausa no meio do quarto, a porta rangeu fechada quando foi beijada por uma brisa noturno.

Lentamente, ele me colocou no tapete de pelúcia, descaradamente deslizando-me por seu corpo. Como se ele estivesse tão impotente que não poudesse resistir a me tocar, tão relutante em deixar ir como eu estava com ele. E cada lugar onde nossos corpos se encontravam, todos os pontos tão quente e sólido e real ...

Eu saboreei, com a garganta apertada enquanto eu colocava uma mão em seu peito esculpido, o batimento cardíaco estrondoso sob sua jaqueta preta ecoando na minha palma. O único sinal de qualquer efeito atingi-o enquanto ele deslizava as mãos para cima em meus braços em uma carícia prolongada e agarrou meus ombros.

Seus polegares acariciaram um ritmo suave sobre minhas roupas imundas enquanto ele escaneava meu rosto.

Lindo. Ele era ainda mais bonito do que eu tinha lembrado, sonhado durante aquelas semanas no Corte Primavera. Por um longo momento, só respiramos o ar um do outro.

Por um longo momento, tudo o que pude fazer foi pegar o cheiro dele profundamente em meus pulmões, deixando ele se estabelecer dentro de mim. Meus dedos apertaram sua jaqueta.

Companheiro. Meu companheiro.

Rhys finalmente murmurou: "Quando o laço escureceu, pensei ..."

O terror genuíno do medo obscureceu seus olhos, mesmo enquanto seus polegares continuavam acariciando meus ombros, estável.

- Quando cheguei a Corte Primavera, você tinha desaparecido. Tamlin atravessava aquela floresta, caçando você, mas você escondeu seu cheiro. E mesmo eu não podia ...

não podia te encontrar ...

O problema em suas palavras era uma faca para meu intestino. "Nós fomos para a Corte Outonal através de uma das portas," Eu disse, colocando minha outra mão em seu braço. Os músculos tensos abaixo se

moviam ao meu toque. Você não podia me encontrar porque dois comandantes de Hybern drogaram minha comida e bebida com faebane - o suficiente para extinguir meus poderes. Eu ... eu ainda não tenho pleno uso. "

Raiva fria agora escorreu através desse rosto bonito e seus polegares pararam em meus ombros.

- Você os matou. - Não era inteiramente uma pergunta, mas eu acenei com a cabeça.

- Bom.

Engoli em seco.

- Hybern desistiu da aliança com a Corte Primavera?

- Tudo o que você fez ... funcionou, as sentinelas de Tamlin o abandonaram, mais da metade de seu povo se recusou a comparecer ao Dízimo há dois dias. Alguns estão saindo para outras Cortes. Alguns estão murmurando sobre rebelião. Parece que você se fez muito amada. Santa, até mesmo.

A diversão finalmente aqueceu suas feições.

- Eles ficaram bastante chateados quando acreditaram que ele permitiu que Hybern a aterrorizasse a ponto de fuga.

Tracei a ponta de prata do bordado no peito da jaqueta, e eu poderia jurar que ele estremeceu sob o toque.

- Suponho que eles aprenderão logo que estou bem cuidada.- As mãos de Rhys apertaram em meus ombros de acordo, como se ele estivesse prestes a me mostrar o quão bem cuidada eu era, mas eu inclinei minha cabeça. - E Ianthe ... e Jurian?

O poderoso peito de Rhysand se esticou sob minha mão quando ele soltou um suspiro. "Os relatórios são obscuros sobre ambos. Jurian, ao que parece, voltou à mão que o alimenta. Ianthe ... Rhys ergueu as sobancelhas. "Eu assumo que sua mão é cortesia de você, e não dos comandantes. "

- "Ela caiu", eu disse docemente.

- "Deve ter sido uma boa queda," ele pensou, um sorriso escuro dançando nesses lábios que estavam cada vez mais perto, o calor de seu corpo se infiltrando em mim enquanto suas mãos migraram de meus ombros para escovar linhas preguiçosas nas minhas costas. Mordi meu lábio, concentrando-me em suas palavras e não no desejo de arquear ao seu toque, enterrar meu rosto em seu peito e fazer alguma exploração.

- Ela está convalescendo depois de sua provação, aparentemente. Não deixa seu templo.

Foi minha vez de murmurar: "Bom." Talvez um daqueles acólitos dela se enjoasse da besteira santificada e sufocasse Ianthe em seu sono.

Eu apoiei minhas mãos em seus quadris, totalmente pronta para deslizar debaixo de sua jaqueta, precisando tocar a pele nua, mas Rhys se endireitou, puxando para trás. Ainda perto o suficiente para que



uma de suas mãos permanecesse na minha cintura. Ele estendeu a mão para o meu braço, examinando gentilmente a fenda irritada onde minha pele tinha sido rasgada por uma flecha.

A escuridão roncou no canto da sala. "Cassian me deixou entrar em sua mente agora para me mostrar o que aconteceu no gelo." Ele acariciou um polegar sobre o ferimento, o toque apenas como sussurro. "Eris sempre foi um homem de dias limitados. Agora Lucien poderia se encontrar mais perto de herdar o trono de seu pai do que ele jamais esperava estar."

Minha espinha travou. "Eris é exatamente tão horrível como você o pintou sendo."

O polegar de Rhys deslizou sobre meu antebraço novamente, deixando carne de mole em seu rastro. Uma promessa - não da retribuição que ele estava contemplando, mas do que nos esperava neste quarto. A cama a poucos metros de distância. Ele murmurou: "Você se declarou Grã-Senhora."

- Eu não deveria?

Ele soltou meu braço para escovar os dedos em minha bochecha. "Eu queria rugir dos telhados de Velaris desde o momento em que a sacerdotisa te ungiu. Como é típico de você reverter meus grandes planos. "

Um sorriso puxou meus lábios.

- Aconteceu menos de uma hora atrás. Tenho certeza que você poderia ir dar uma de corvo no telhado agora e todos dar-lhe-ão o crédito sobre a notícia. "

Seus dedos passaram pelo meu cabelo, inclinando meu rosto para cima. Esse sorriso perverso cresceu, e meus dedos do pé se curvaram em minhas botas.

- Minha querida Feyre.

Sua cabeça mergulhou, seu olhar fixo em minha boca, fome iluminando aqueles olhos violeta - Onde estão minhas irmãs? - O pensamento voou através de mim, se destacando como um sino soando. Rhys fez uma pausa, a mão escorregando do meu cabelo enquanto seu sorriso desapareceu.

- Na Casa do Vento.

Ele se endireitou, engolindo, como se de alguma forma fosse difícil.

- "Eu posso ... levá-la até elas." Cada palavra parecia ser um esforço. Mas ele iria, eu percebi. Ele empurraria sua necessidade e me levaria até elas, se isso fosse o que eu queria. Minha escolha. Sempre foi minha escolha com ele.

Eu balancei uma cabeça. Eu não os veria - ainda não. Não até que eu estivesse firme o suficiente para enfrentá-los.

- Elas estão bem, embora?

Sua hesitação me disse o suficiente. - Estão a salvo.

Não era realmente uma resposta, mas eu não ia me enganar pensando que minhas irmãs estariam

prosperando. Eu inclinei minha testa contra seu peito. "Cassian e Azriel estão curados", eu murmurei contra sua jaqueta, respirando o cheiro dele uma e outra vez quando um tremor estremeceu através de mim.

- "Você me disse isso... mas eu ainda não... eu não ... não afundou dentro de mim.

Até agora. "

Rhys correu uma mão pelas minhas costas, o outro deslizando para agarrar meu quadril. "Azriel se curou dentro de alguns dias. As asas de Cassian ... era complexo. Mas ele está treinando todos os dias para recuperar sua força. O curandeiro tentou reconstruir a maior parte de suas asas - mas ele vai ficar bem. "

Engoli o aperto na minha garganta e envolvi meus braços em torno de sua cintura, pressionando meu rosto totalmente contra seu peito. Sua mão apertou meu quadril em resposta, a outra descansando em minha nuca, me segurando contra ele enquanto eu respirava.

- "Mor disse que você estava longe - foi por isso que você não estava lá."

- "Me desculpe, eu não estava."

- Não," eu disse, levantando a cabeça para examinar seus olhos, a culpa que os amortecia. "Eu não quero dizer isso assim. ". Eu saboreei a sensação dele sob minhas palmas. "Onde você estava?"

Rhys se acalmou, e eu me preparei enquanto ele dizia casualmente: - Eu não poderia deixá-la fazer todo o trabalho para minar nossos inimigos, poderia?

Eu não sorri. "Onde. Você. Estava. "

- "Com o Az apenas recentemente de volta em seus pés, eu tomei-me para fazer algum de seu trabalho."

Apertei a mandíbula. "Tal como?"

Ele se inclinou, acariciando minha garganta. "Você não quer consolar seu companheiro, que sofreu terrivelmente essas semanas? "

Eu coloquei uma mão em seu rosto e empurrei-o para trás, carrancuda. "Eu quero que meu companheiro me diga onde o inferno ele estava. Então ele pode obter seu conforto. "

Rhys mordiscou meus dedos, os dentes se estenderam brincando.

- Uma mulher cruel e bela.

Eu o observei debaixo das sobrancelhas. Rhys revirou os olhos, suspirando.

- Eu estava no continente. No palácio das rainhas humanas.

Eu engasguei. - Você estava onde?

- Tecnicamente, eu estava voando acima dela, mas ...

- Você foi sozinho?

Ele ficou boquiaberto comigo. "Apesar do que nossos erros em Hybern puderam ter sugerido, eu sou capaz de ..."

- Você foi para o mundo humano, para o complexo de nossos inimigos, sozinho?

- Prefiro que seja eu mais do que qualquer um dos outros.

Esse era seu problema desde o início. Sempre ele, sempre sacrificando-se.

- "Por que," eu exigi. "Por que arriscar isso? Está acontecendo alguma coisa? "

Rhys olhou para a janela, como se pudesse ver todo o caminho até as terras dos mortos. A boca dele apertada. "É o silêncio do seu lado do mar que me incomoda.

Nenhum sussurro de exércitos se reunindo, nenhum outro aliados humano convocado.

Desde Hybern, não ouvimos nada. Então eu pensei em ver por mim mesmo por que isso está assim. "

Ele mexeu o nariz, me puxando para mais perto de novo. "Eu tinha acabado de me aproximar da borda de seu território quando senti a ligação acordar novamente. Eu sabia que os outros estavam mais perto, então eu os enviei. "

- Você não precisa explicar.

Rhys pousou o queixo na minha cabeça. "Eu queria estar lá - para te pegar.

Encontrar-te. Trazer você para casa. "

- Você certamente desfruta de uma entrada dramática.

Ele riu, sua respiração aquecendo meus cabelos enquanto eu escutava o barulho do som através de seu corpo. Claro que ele estaria trabalhando contra Hybern enquanto eu estava fora. Eu esperava que todos eles ficassem sentados em seus traseiros por mais de um mês? E Rhys, conspirando constantemente, sempre um passo adiante ... Ele teria usado esse tempo para sua vantagem. Eu debi me perguntando sobre isso, mas agora, respirando-o, sentindo seu calor ... Deixe-o esperar. Rhys pressionou um beijo no meu cabelo.

- Você está em casa.

Um som estremecedor e pequeno saiu de mim enquanto eu assenti, apertando-o mais forte. Casa. Não apenas Velaris, mas onde quer que ele estivesse, onde nossa família estivesse.

As garras de ébano acariciavam a barreira na minha mente - em afeto e pedido.

Abaixei meus escudos para ele, assim como o dele caiu. Sua mente se enrolou em torno da minha, do meu corpo como me segurava agora.

- "Eu senti falta de você a cada momento," Rhys disse, inclinando-se para beijar o canto da minha boca. "Seu sorriso." Seus lábios roçaram a casca de minha orelha e minhas costas arquearam ligeiramente. "Sua risada." Ele pressionou um beijo no meu pescoço, bem abaixo da minha orelha, e eu inclinei minha cabeça para lhe dar acesso, mordendo o desejo de implorar para ele tomar mais, para tomar mais rápido quando ele murmurou: "Seu perfume."

Meus olhos agitaram-se fechados, e suas mãos escorregaram em torno de meus quadris para minha parte traseira, espremendo enquanto ele se dobrou para beijar o centro da minha garganta. "Os sons que você faz quando estou dentro de você."

Sua língua passou por cima do ponto onde ele beijou, e um desses sons realmente me escapou. Rhys beijou a cavidade da minha clavícula, e meu coração foi completamente derretido. "Minha companheira corajosa, ousada, brilhante."

Ele levantou a cabeça, e foi um esforço para abrir os olhos. Para atender seu olhar enquanto suas mãos vagavam em preguiçosas linhas para baixo em minhas costas, sobre a minha bunda, em seguida, novamente. "Eu te amo," ele disse. E se eu ainda não tivesse acreditado nele, senti em meus próprios ossos, a luz em seu rosto quando ele disse as palavras ...

As lágrimas queimaram meus olhos novamente, deslizando livre antes que eu pudesse me controlar. Rhys inclinou-se para lambê-los. Uma após o outra. Como ele tinha feito uma vez sob a montanha.

- "Você tem uma escolha", ele murmurou contra meu pómulo. "Ou eu lambo cada centímetro para limpa-la ..."

Sua mão roçou a ponta do meu peito, circulando preguiçosamente. Como se tivéssemos dias e dias para fazer isso. "Ou você pode entrar no banho que deveria estar pronto agora. "

Eu me afastei, erguendo uma sobrancelha. "Você está sugerindo que eu estou fedendo?"

Rhys sorriu, e eu poderia ter jurado que meu coração bateu em resposta. "Nunca.

Mas ... " Seus olhos escureceram, o desejo e diversão desaparecendo quando ele pegou minhas roupas. "Há sangue em você. Seu e de outros. Eu pensei que poderia ser um bom companheiro e oferecer-lhe um banho antes de eu reivindicar você completamente. "

Eu bufei um riso e escovei para trás seu cabelo, saboreando os fios de seda, deslizarem entre meus dedos. "Sempre atencioso. Embora eu não possa acreditar que você chutou todo mundo fora da casa para que você pudesse me levar para a cama. "

- Um dos muitos benefícios de ser Grão - Senhor.

- Que abuso terrível de poder.

Aquele meio sorriso dançou em sua boca. "Bem?"

- Tanto quanto eu gostaria de ver você tentar lambar uma semana de sujeira, suor e sangue ...

Olhos brilhavam com o desafio, e eu ri novamente. - Banho normal, por favor.

Ele teve a coragem de parecer vagamente desapontado. Eu o segurei no peito enquanto empurrava para fora, apontando para a grande sala de banho anexado ao quarto.

A enorme banheira de porcelana já estava cheia de vapor, água, e -

- Bolhas?

- Você tem uma objeção moral a elas?

Eu sorri, desabotoando meu casaco. Meus dedos estavam quase pretos com sujeira e sangue endurecido. Eu me encolhi. "EU posso precisar de mais de um banho para ficar limpa. "

Ele estalou os dedos, e minha pele estava instantaneamente imaculada novamente.

Eu pisquei. "Se você pode fazer isso, então qual é o ponto do banho? "

Ele tinha feito isso sob a montanha para mim algumas vezes – uma limpeza mágica que de alguma forma nunca perguntei. Ele se encostou na porta, observando-me descascar meu casaco rasgado e manchado. Como se fosse a tarefa mais importante que ele já havia recebido.

- "A essência da sujeira permanece." Sua voz estava áspera enquanto ele rastreava cada movimento de meus dedos quando desamarrei minhas botas.

- Como uma camada de óleo.

Na verdade, minha pele, enquanto parecia limpa, senti ... como se estivesse untada.

Eu chutei as botas, deixando-as pousar sob o casaco sujo.

- Então é mais para fins estéticos.

- Você está demorando muito - disse ele, empurrando o queixo para o banho.

Meus seios se apertaram com o grunhido que saiu com suas palavras. Ele também assistiu. E eu sorri para mim mesmo, arqueando minhas costas um pouco mais do que necessário, enquanto tirava minha camisa e atirava para o chão de mármore. A luz do sol fluía através do vapor que subia da banheira, lançando o espaço entre nós em ouro e branco. Rhys fez um barulho baixo que soou vagamente como um gemido quando ele observou tronco nu. Seu olhar tocou meus seios, agora pesados e doloridos, leve o suficiente para que eu tivesse que engolir minha súplica para esquecer este banho completamente.

Mas eu fingi não perceber quando desabotoei minhas calças e deixei-as cair no chão. Junto com minhas roupas íntimas.

Rhys arregalou os olhos.

Eu sorri, dando uma olhada em suas próprias calças. À evidência do que, exatamente, isso estava fazendo com ele, pressionando contra o material preto com uma demanda impressionante. Eu simplesmente ronronei: "Muito mau não há quã uma banheira para dois nesse quarto. "

- Uma falha de projeto, e uma que eu vou remediar amanhã.

Sua voz era áspera, silenciosa - e deslizou umas mãos invisíveis para baixo em meus seios, entre minhas pernas. Mãe, salve-me. De alguma forma consegui caminhar, subir na banheira. De alguma forma consegui lembrar como me banhar.

Rhys permaneceu encostado na porta o tempo todo, observando silenciosamente com aquele implacável foco. Eu poderia ter tomado mais tempo lavando certas áreas. E

poderia ter certeza de que ele viu.

Ele apenas segurou o limiar o suficiente para que a madeira gemesse sob sua mão.

Mas Rhys não fez nenhum movimento para saltar, mesmo quando eu me afrouxei e escovei meus cabelos emaranhados. Como se a restrição ... fosse parte do jogo, também.

Meus dedos descalços ondularam no chão de mármore quando eu coloquei o meu pente sobre a pia, cada centímetro do meu corpo consciente de onde ele estava na porta, consciente de seus olhos sobre mim no reflexo do espelho.

- "Tudo limpo", eu declarei, minha voz rouca quando eu encontrei seu olhar no espelho. Eu poderia ter jurado que escuridão e estrelas giraram além de seus ombros. Um piscar de olhos, e eles se foram. Mas a fome predatória no rosto dele ...

Eu me virei, meus dedos tremendo levemente enquanto eu segurava minha toalha ao meu redor. Rhys apenas estendeu a mão, seus próprios dedos tremendo. Até mesmo a toalha era abrasivo contra minha pele quando coloquei minha mão sobre a dele, seus calos raspando quando eles fecharam sobre meus dedos. Eu queria eles raspando tudo sobre mim.

Mas ele simplesmente me levou para o quarto, passo a passo, os músculos ondulando sobre seu casaco. E mais baixo, o corte elegante e poderoso das coxas, eu ia devorá-lo. Da cabeça aos pés. Eu ia devorá-lo... Mas Rhys fez uma pausa antes da cama, soltando minha mão e me encarando da segurança de um passo de distância. E era a expressão em seu rosto enquanto rastreava um ponto ainda sensível na minha bochecha, o calor ameaçando arruinar meus sentidos.

Eu engoli, meu cabelo pingando no tapete. - O hematoma é ruim?

- "Está quase desaparecido." A escuridão piscou no quarto mais uma vez.

Eu examinei aquele rosto perfeito. Cada linha e ângulo. O medo, a raiva e o amor - a sabedoria e a astúcia.

E força.

Deixei minha toalha cair no tapete.

Deixe-o olhar-me enquanto eu pus uma mão em seu peito, seu coração rugindo abaixo de minha palma.

- "Pronto para arrebentar." Minhas palavras não saíram com tom o arrogante que eu tinha pretendia.

Não quando o sorriso de resposta de Rhys era uma coisa escura e cruel. "Eu mal sei por onde começar. Muitas possibilidades".

Ele levantou um dedo, e meu fôlego veio duro e rápido quando ele vagamente circulou um dos meus seios, então o outro.

Em anéis cada vez mais apertados. "Eu poderia começar aqui", ele murmurou.

Apertei minhas coxas. Ele notou o movimento, aquele sorriso escuro crescendo. E

pouco antes de seu dedo atingir a ponta do meu peito, pouco antes de me dar o que eu estava prestes a implorar, seu dedo deslizou para cima - meu peito, meu pescoço, meu queixo. Direita à minha boca.

Ele traçou a forma dos meus lábios, um sussurro de toque. "Ou eu poderia começar aqui," ele respirou, escorregando a ponta de seu dedo na minha boca.

Eu não pude evitar de fechar meus lábios ao redor dele, de mexer minha língua contra a almofada de seu dedo.

Mas Rhys retirou o dedo com um suave gemido, fazendo um caminho descendente.

Ao longo do meu pescoço. Peito. Em linha reta sobre um mamilo. Ele fez uma pausa ali, acertando uma vez, depois alisou seu polegar sobre a pequena ferida.

Eu estava tremendo agora, mal conseguia ficar em pé enquanto seu dedo continuava passando por meu peito.

Ele desenhou padrões no meu estômago, escaneando meu rosto enquanto ele ronronava, "Ou ..."

Eu não conseguia pensar além desse único dedo, aquele ponto de contato à medida que ele ia ficando cada vez mais baixo, para onde eu o queria. "Ou?" Eu consegui respirar.

Sua cabeça mergulhou, o cabelo deslizando sobre sua testa enquanto ele assistia -

nós dois assistimos - seu dedo largo se aventurar para baixo. "Ou eu poderia começar aqui", disse ele, as palavras guturais e cruas.

Eu não me importei, não quando ele arrastou esse dedo no centro de mim. Não quando ele circundou aquele ponto, suavemente provocando "Aqui seria legal", ele observou, sua respiração desigual. "Ou talvez até aqui", concluiu, mergulhando aquele dedo dentro de mim.

Eu gemia, agarrando seu braço, cavando nos músculos abaixo - músculos que deslocaram enquanto ele bombeava seu dedo uma vez, duas vezes. Então deslizou para fora e arrastou, sobrancelhas levantando. "Onde devo começar, Feyre querida?"

Eu mal conseguia formar palavras, pensamentos. Mas ... eu já tinha tido o suficiente para jogar. Então eu peguei a mão infernal dele, guiando-a para o meu coração, e coloquei lá, metade sobre a curva da minha

mama Eu encontrei seu olhar encapuzado enquanto eu falava as palavras que eu sabia que seria a sua destruição neste pequeno jogo, o palavras que se erguiam em mim com cada respiração. "Você é meu."

Ele estalou a corda que manteve em si mesmo.

Suas roupas desapareceram - todas elas - e sua boca se inclinou sobre a minha.

Não foi um beijo gentil. Não era macio ou procurando.

Era uma reivindicação, selvagem e desmarcada - era um desencadeamento. E o sabor dele ... o calor dele, o exigente golpe de sua língua contra a minha ... Casa. Eu estava em *casa*.

Minhas mãos atiraram para seu cabelo, puxando-o para mais perto quando eu respondi a cada um de seus beijos abrasadores com o meu próprio, incapaz de obter o suficiente, incapaz de tocar e sentir o suficiente dele.

Pele a pele, Rhys cutucou-me na direção da cama, suas mãos amassando meu traseiros enquanto eu apreciava a maciez de veludo dele, sobre cada plano duro e ondulação. Suas lindas e poderosas asas rasgaram-lhe as costas, Abrindo-se largamente antes de recolherem-se ordenadamente em suas costas.

Minhas coxas bateram na cama atrás de nós, e Rhys parou, tremendo. Dando-me tempo para reconsiderar, mesmo agora.

Meu coração se esticou, mas eu puxei minha boca da dele. Segurei seu olhar enquanto eu me abaixava sobre os lençóis brancas e inclinei-me para trás. Mais e mais para a cama, até que eu estava nu diante dele. Até que eu olhei o considerável, orgulhoso comprimento dele e meu núcleo se apertou em resposta. "Rhys," eu respirei, seu nome um apelo na minha língua.

Suas asas brilharam, o peito arfando enquanto as estrelas brilham em seus olhos. E

era o anseio ali - sob o desejo, sob a necessidade - era o anseio naqueles belos olhos que me faziam olhar para as montanhas tatuado em seus joelhos.

As insígnias desta corte - nossa corte. A promessa de que ele se ajoelharia para ninguém e nada além de sua coroa. E eu.

Meu - ele era meu. Mendei esse pensamento pelo vínculo.

Sem jogos, sem demora - eu o queria para mim, em mim. Eu precisava sentir ele, segurá-lo, compartilhar fôlego com ele. Ele ouviu o limite do meu desespero, sentiu através do laço de parceria fluindo entre nós.

Seus olhos não deixaram os meus enquanto ele rondava sobre mim, cada movimento gracioso como um gato de planícies.

Entrelaçou nossos dedos, sua respiração desigual, Rhys usou um joelho para empurrar minhas pernas separadas e estabelecer-se entre elas cuidadosamente, amorosamente, colocou nossas mãos juntas ao lado da minha cabeça enquanto ele se guiava em mim e sussurrou em meu ouvido, "Você é minha, também."



No primeiro empurrão dele, eu subi em frente para reivindicar sua boca.

Arrastei minha língua sobre seus dentes, engolindo seu gemido de prazer enquanto seus quadris rolavam em suaves empurrões. E ele empurrou dentro, e dentro, e dentro.

Casa. Estava em casa.

E quando Rhys estava dentro ao máximo, quando ele pausou para me deixar ajustar à plenitude dele, eu pensei que eu poderia explodir em luar e chama, pensei que eu poderia morrer da pura força que varreu em mim.

Eu soluzei quando eu enfiei meus dedos nas costas dele, e Rhys se retirou um pouco para estudar meu rosto. Para ler o que estava lá. "Nunca mais," ele prometeu enquanto se afastava, então empurrou de volta com excruciante lentidão. Ele beijou minha testa, minha têmpora. – Minha querida Feyre.

Além de palavras, movi meus quadris, incitando-o mais profundo, mais duro. Rhys me respondeu. Com cada movimento, cada respiração compartilhada, cada carinho e gemido sussurrados, e o laço de acasalamento que eu tinha escondido até agora dentro de mim cresceu mais brilhante. Mais claro.

E quando novamente brilhou tão radiante e inflexível, minha liberação saltou através de mim, deixando minha pele brilhando como uma estrela recém-nascida em seu rastro. Ao vê-lo, enquanto eu arrastava um dedo pelo interior sensível de sua asa, Rhys gritou meu nome e encontrou seu prazer.

Eu o segurei em cada suspiro, segurando-o enquanto ele finalmente se acalmava, permanecendo dentro de mim, e desfrutando a sensação de sua pele na minha. Por longos minutos, permanecemos ali, emaranhados, ouvindo a nossa respiração, o som de mais fino do que qualquer música.

Depois de um tempo, Rhys levantou seu peito o suficiente para pegar minha mão direita. Para examinar as tatuagens pintadas lá.

Ele beijou uma das pontas de tinta azul quase preta.

Sua garganta balançou. "Cada segundo, cada respiração, não apenas isso, " - ele disse, balançando os quadris para ênfase e arrancando um gemido do fundo da minha garganta - ", mas ... falando com você. Rindo com você. Eu perdi ter você na minha cama, mas perdi ter você como minha amiga ainda mais. "

Meus olhos ardiam. "Eu sei," eu consegui dizer, acariciando uma mão abaixo suas asas, suas costas. "Eu sei."

Beije seu ombro nu, bem sobre uma mancha de tatuagem illyríana. "Nunca mais", eu prometi a ele, e sussurrei repetidamente à medida que a luz do sol flutuava pelo chão.

CHAPTER

Minhas irmãs estavam vivendo na Casa do Vento desde que chegaram a Velaris.

Elas não deixaram o palácio construído nas partes superiores de uma montanha plana com vista para a cidade. Não pediram nada, nem ninguém.

Então eu iria para elas.

Lucien estava esperando na sala de estar quando Rhys e eu descemos as escadas finalmente, meu companheiro tendo dado a ordem silenciosa para eles retornarem. Sem surpresa, Cassian e Azriel estavam casualmente sentados na sala de jantar do outro lado do corredor, almoçando e marcando cada respiração que Lucien emitida. Cassian sorriu para mim, com as sobrancelhas levantadas.

Eu atirei-lhe um olhar de advertência que o desafiou a comentar. Azriel, felizmente, acabou chutando Cassian sob a mesa. Cassian olhou para Azriel como se quisesse declarar que eu não ia dizer nada enquanto eu me aproximava do aberto arco na sala de estar, Lucien se levantando.

Eu lutei contra o minha escolha quando parei no limiar. Lucien ainda estava com suas roupas desgastadas e sujas. Rosto e mãos, pelo menos, estavam limpos, mas ... eu deveria ter lhe dado outra coisa. Lembrado de oferecer a ele-O pensamento se afastou em nada enquanto Rhys apareceu ao meu lado.

Lucien não se incomodou em esconder o ligeiro aperto de seu lábio. Como se ele pudesse ver o vínculo de acasalamento entre Rhys e eu. Seus olhos - vermelhos e dourados - deslizaram pelo meu corpo. Para minha mão.

Para o anel agora no meu dedo, na estrela safira céu-brilhante contra a prata. Uma banda de prata simples sob o dedo correspondente de Rhysand. Nós os colocamos nas mãos um do outro antes de descer - mais íntimos e abrasadores do que qualquer outro feito publicamente.

Eu tinha dito a Rhys antes que estava em minha mente depositar o seu anel na casa da tecelã e faze-lo recuperá-lo. Ele riu e disse que se eu realmente sentisse que era necessário resolver a pontuação entre nós, talvez eu poderia encontrar alguma outra criatura para ele para a batalha - uma que não se deliciaria em remover a minha parte favorita de seu corpo. Eu só o beijei, murmurando sobre alguém que pensava muito bem de si, e tinha colocado o anel que ele tinha escolhido para si, comprado aqui em Velaris enquanto eu estava fora, em seu dedo.

Qualquer alegria, qualquer risada persistente daquele momento, aqueles votos silenciosos ... Enrolou-se como folhas em um fogo quando Lucien zombou de nossos anéis. De quão perto estávamos. Engoli em seco.

Rhys notou também. Era impossível perder.

Meu companheiro se encostou na arcada esculpida e falou para Lucien, "Eu suponho que Cassian ou Azriel tenha explicado que se você ameaçar alguém nesta casa, neste território, vamos mostrar-lhe maneiras de morrer você nunca até mesmo tenha imaginado. "

Na verdade, os illyrianos sorriram de onde eles permaneciam na soleira da sala de jantar. Azriel foi de longe o mais aterrorizante do par.

Algo mexeu no meu estômago com a ameaça - a agressão suave e elegante.

Lucien era - tinha sido - meu amigo. Ele não era meu inimigo, não inteiramente -

- "Mas," Rhys continuou, deslizando as mãos em seus bolsos, "eu posso entender o quão difícil este mês foi para você. Eu sei que Feyre explicou que não somos exatamente como o boato sugere ... "

Eu o deixara entrar em minha mente antes de descermos - lhe mostrei tudo o que tinha ocorrido na Corte da Primavera.

- "Mas ouvi-lo e vê-lo são duas coisas diferentes." Ele deu de ombros com um ombro. "Elain foi cuidada. A participação na vida aqui foi inteiramente sua escolha.

Ninguém além de nós e alguns servidores de confiança entram na Casa do Vento. "

Lucien ficou em silêncio.

- Eu estava apaixonado por Feyre - disse Rhys em voz baixa -, muito antes de ela vir a sentir o mesmo.

Lucien cruzou os braços. - "Que sorte que você conseguiu o que queria no final. "

Fechei os olhos por um batimento cardíaco.

Cassian e Azriel pararam, esperando a ordem.

- "Só direi isso uma vez", advertiu o GrãoSenhor da Corte Noturna. Até Lucien se encolheu. "EU suspeitava que Feyre fosse minha companheira antes que eu soubesse que ela estava envolvida com Tamlin. E quando eu soube disso... Se isso a fazia feliz, eu estava disposto a dar um passo atrás. "

- Você veio a nossa casa e a roubou em seu dia de casamento.

- "Eu ia cancelar o casamento," eu cortei, dando um passo em direção a Lucien. -

"Você sabia disso. "

Rhysand prosseguiu antes que Lucien pudesse responder: "Eu estava disposto a perder minha companheira para outro homem. Eu estava disposto a deixá-los se casar, se isso trouxe alegria. Mas o que eu não estava disposto a fazer era deixá-la sofrer. Para deixá-la desaparecer em uma sombra. E no momento em que aquele pedaço de merda explodiu seu escritório, no momento em que ele trancou-a naquela casa ... " Suas asas rasgaram-se dele quando Lucien começou a falar.

Rhys mostrou os dentes. Meus membros tornaram-se claros, tremendo diante do poder escuro que se curvava nos cantos do quarto, não medo - nunca medo dele. Mas com o controle quebrado, Rhys rosou para Lucien: - "Minha companheira pode um dia encontrar em si mesma como perdoá-lo. Perdoar você. Mas eu nunca vou esquecer como senti seu terror naquele momento. "

Minhas bochechas se aqueceram, especialmente quando Cassian e Azriel se aproximaram, aqueles olhos cor de avelã agora cheios de uma mistura de simpatia e ira.

Eu nunca tinha falado sobre isso para eles - o que tinha acontecido naquele dia em Tamlin tinha destruído seu escritório, ou o dia em que ele me selou dentro da mansão.

Eu nunca perguntei a Rhys se ele os tinha informado. Pela fúria ondulando de Cassian, a fúria fria que escorria de Azriel ... Eu não pensava assim.

Lucien, para o seu crédito, não deu um passo para trás. De Rhys, ou eu, ou os Illyrianos. A raposa inteligente olhava fixamente para a morte alada. Uma pintura brilhou em minha mente.

- "Então, novamente, vou dizer isso apenas uma vez," Rhys continuou, sua expressão suavizando para uma calma letal, arrastando-me das cores e luzes e sombras se acumulando em minha mente. "Feyre não desonrou nem traiu Tamlin. Eu revelei o vínculo de ligação meses depois - e ela me deu o inferno por isso, não se preocupe. Mas agora que você encontrou a sua companheira em uma situação semelhante, talvez você vá tentar entender como eu me sentia. Se você não pode se incomodar, então eu espero que você seja sábio o suficiente para manter sua boca fechada, porque a próxima vez que você olhar para a minha companheira com esse desdém e nojo, eu não vou me preocupar em explicar de novo, e vou arrancar o sua maldita garganta. "

Rhys disse tão suavemente que a ameaça demorou um segundo para se registrar.

Afundou-se em mim como uma pedra em uma piscina.

Lucien só se mexeu em seus pés. Cuidadoso. Considerando. Eu contei os batimentos cardíacos, debatendo o quanto eu poderia interferir se ele dissesse algo verdadeiramente estúpido, quando ele finalmente murmurou: "Há uma história mais longa a ser contada, é o que parece ".

Resposta inteligente. A raiva diminuiu do rosto de Rhys - e os ombros de Cassian e Azriel relaxaram ligeiramente.

Só uma vez, Lucien tinha me dito, durante aqueles dias em fuga. Isso era tudo que ele queria - ver Elain apenas uma vez e então ... Eu teria que descobrir o que fazer com ele. A menos que meu companheiro já tivesse algum plano movimento. Um olhar para Rhys, que ergueu as sobrancelhas como se dissesse que ele é todo meu, me disse que era minha vez. Então ... Eu limpei minha garganta.

"Vou ver minhas irmãs na Casa", eu disse a Lucien, cujos olhos estalaram para os meus, o metal regulando e zumbido. Eu forcei um sorriso sombrio para o meu rosto.

"Você gostaria de vir?"

Lucien pesou minha oferta - e os três machos monitoraram cada piscar e respirar.

Ele apenas balançou a cabeça. Outra sábia decisão.

Nós partimos em poucos minutos, uma rápida caminhada até a cobertura da casa, servindo a Lucien uma vista da cidade. Da minha casa. Não me incomodei de acertar os pontos sobre os quartos. Lucien certamente não perguntou.

Azriel nos deixou enquanto caminhávamos para cima, murmurando que ele tinha alguns assuntos urgentes para atender. A partir do brilho que Cassian lhe deu, fiquei imaginando se o encantador de sombras tinha inventado para evitar levar Lucien para a Casa do Vento, mas o aceno sutil de Rhys para Azriel me disse o suficiente.

Havia, na verdade, coisas a fazer. Planos em movimento, como sempre foram. E

quando eu terminasse de visitar minhas irmãs ... Eu obteria respostas. Então, Cassian levou um Lucien rígido como pedra para os céus, e Rhys me varreu em seus braços, nos atirando graciosamente no céu azul sem nuvens.

Com cada batida de asa, com cada inspiração profunda da brisa de citrinos e sal ...

alguma tensão em meu corpo desenrolou. Mesmo se cada batida da asa nos trouxesse mais perto da casa que se aproxima acima de Velaris. Às minhas irmãs.

A Casa do Vento havia sido esculpida na pedra vermelha, aquecida pelo sol, das montanhas planas que espreitava sobre uma extremidade da cidade, com inúmeras varandas e pátios que se projetavam sobre os 1000 pés que caíam para o fundo do vale.

As ruas sinuosas de Velaris correram direto para o muro da montanha, e serpenteando através dela o Sidra, uma faixa brilhante e brilhante no sol do meio-dia.

Quando aterrissamos na varanda que bordejava nossa sala de jantar habitual, Cassian e Lucien descendo atrás de nós, deixei a imagem afundar: a cidade e o rio e o mar distante, as montanhas irregulares do outro lado de Velaris e o azul flamejante do céu acima. E a Casa do Vento, minha outra casa. A grande e formal irmã da casa da cidade, nossa casa pública, eu supus. Onde iremos realizar reuniões e receber convidados que não eram familiares.

Uma alternativa muito mais agradável para minha outra residência. A Corte dos Pesadelos. Pelo menos lá, eu poderia permanecer no palácio monstruoso do alto no topo da montanha sob a qual a cidade Hewn tinha sido construído. Apesar das pessoas que eu governaria ... Eu fechei isso de meus pensamentos enquanto ajustava a minha trança, enfiando os fios que tinham sido chicoteados livres pelo vento suave que Rhys tinha permitido através de seu escudo enquanto voava.

Lucien apenas caminhou para o trilho da varanda e olhou para fora. Eu não o culpei completamente. Olhei por cima do ombro para onde Rhys e Cassian estavam agora. Rhys levantou uma sobrancelha.

*Espere lá dentro.*

O sorriso de Rhys era afiado. *Então você não vai ter nenhuma testemunha quando o empurrar sobre a grade?*

Eu dei-lhe um olhar incrédulo e caminhei para Lucien, o murmúrio de Rhys para Cassian sobre obter uma bebida na sala de jantar, foi a única indicação de sua partida.

Isso, e a quase silenciosa abertura e fechamento das portas de vidro que davam para a sala de jantar. O mesmo quarto onde eu conheci a maior parte deles - Minha nova família.

Eu fui para o lado de Lucien, o vento rasgando seu cabelo vermelho livre de onde ele tinha amarrado a sua nuca.

- Isso não é o que eu esperava - disse ele, pegando a expansão de Velaris.

- A cidade ainda está reconstruindo após o ataque de Hybern.

Seus olhos caíram para o trilho da varanda esculpida. "Mesmo que nós não tenhamos parte nisso ... Me desculpe. Mas- "

- Não é isso que eu quis dizer.

Ele olhou para trás, para onde Rhys e Cassian esperavam dentro da sala de jantar, bebidas na mão, inclinando-se muito casualmente contra a gigantesca mesa de carvalho no centro. Eles se tornaram imensamente interessados em algum ponto ou mancha na superfície entre eles.

Eu fiz uma careta para eles, mas engoli. E mesmo que minhas irmãs esperassem lá dentro, embora o desejo de vê-las era tão tangível que eu não ficaria surpresa ao encontrar uma corda me puxando para a Casa, eu disse para Lucien, "Rhys salvou minha vida no Calanmai".

Então eu disse a ele. Tudo - a história que talvez o ajudaria a entender. E perceber como era realmente segura Elain estava ... agora. Acabei chamando Rhys para explicar sua própria história - e ele deu a Lucien mais detalhes. Nenhum dos fragmentos vulneráveis e tristes que me tinham reduzido a lágrimas naquela cabana montanhosa.

Mas ele pintou uma imagem bastante clara.

Lucien não disse nada, enquanto Rhys falava. Ou quando eu continuei com o meu conto, Cassian muitas vezes com seu próprio relato de como tinha sido viver com duas pessoas acasaladas e ainda não casadas, fingir que Rhys não estava cortejando-me, para me receber em seu pequeno círculo.

Eu não sabia quanto tempo tinha passado quando terminamos, embora Rhys e Cassian usaram o tempo para dar um banho de sol em suas asas pela borda aberta da varanda. Eu contei nossa história em Hybern - no dia em que eu tinha voltado para a Corte Primavera.

O silêncio caiu, e Rhys e Cassian voltaram a caminhar, compreendendo a emoção nadando no olhar de Lucien - o significado do longo suspiro que ele explodiu. Quando estávamos sozinhos, Lucien esfregou os olhos. "Eu vi Rhysand fazer tais ... coisas horríveis, vi ele jogar como príncipe escuro repetidamente. E ainda assim você me diz que foi tudo uma mentira. Uma máscara. Tudo para proteger este lugar, essas pessoas. E

eu ria de você por acreditar nisso, e ainda ... esta cidade existe. Intocada até recentemente, eu suponho. Mesmo as cidades da Corte Crepuscular não são tão adoráveis quanto essa.

- Lucien-

- "E você o ama. E ele ... ele realmente a ama. " Lucien passou a mão pelos cabelos ruivos. "E todas essas pessoas que passei meus séculos odiando, mesmo temendo ... Eles são sua família."

- Eu acho que Amren provavelmente negaria que ela sente qualquer afeição por nós...

- Amren é uma história de dormir que eles nos contavam quando crianças para nos fazer nos comportar. Amren era quem bebia meu sangue e me leva ao inferno se eu agisse fora da linha. E lá estava ela, agindo mais como uma velha mal-humorada Tia do que qualquer coisa.

- Nós não impomos protocolo e classificação aqui.

- "Obviamente. Rhys vive em uma casa de cidade, pelo Caldeirão." Ele acenou um braço para cercar a cidade.

Eu não sabia o que dizer, então eu fiquei em silêncio.

- "Eu não tinha percebido que eu era um vilão em sua narrativa", Lucien respirou.

- "Você não era." Não inteiramente.

O sol dançava no mar distante, transformando o horizonte em uma espalhafato de luz. "Ela não sabe nada sobre você. Somente o básico que Rhys lhe deu: você é um filho de um GrãoSenhor, que serve a Corte Primavera. E que você me ajudou sob a montanha.

Nada mais."

Eu não acrescentei que Rhys havia me dito que minha irmã não tinha perguntado nada sobre ele. Eu me endireitei.

- Eu gostaria de vê-las primeiro. Eu sei que você está ansioso...

- Apenas faça - disse Lucien, apoiando os antebraços no trilho de pedra da varanda.

"Venha me buscar quando ela estiver pronta. "

Quase gritei no ombro dele - quase disse algo reconfortante. Mas as palavras falharam de novo quando me dirigi para o interior da Casa. Rhys deu a Nestha e Elain uma suíte de quartos comunicantes, todos com vista para a cidade e para o rio e montanhas distantes além.

Mas foi na biblioteca da família que Rhys rastreou Nestha.

Havia uma tensão enrolada, nítida, em Cassian, enquanto nós três andávamos pelas escadas da Casa, os salões de pedra vermelha escurecem e ecoam com o murmúrio das asas de Cassian e o leve uivo do vento sobrando em cada janela. Uma tensão que se tornava mais tensa a cada passo em direção às portas duplas da Biblioteca. Eu não tinha perguntado se eles tinham visto um ao outro, ou falado, desde aquele dia em Hybern.

Cassian não ofereceu nenhuma informação.

E eu poderia ter perguntado a Rhys pelo vínculo se ele não tivesse aberto uma das portas. Se eu não tivesse espiado imediatamente Nestha enroscada em uma poltrona, um livro sobre os joelhos, procurando – como uma vez – como a antiga Nestha. Casual.

Talvez relaxada. Perfeitamente contente por estar sozinha.

No momento em que meus sapatos rasgaram o chão de pedra, ela disparou em linha reta, ficando rígida, fechando-a o livro com um baque abafado. No entanto, seus olhos azul-cinza não se alargaram tanto quanto me viram.

Eu a observei. Nestha era linda como uma mulher humana. Como Feérica, ela era devastadora. Pelo silêncio absoluto com que Cassian estava ao meu lado, eu me perguntava se ele pensava a mesma coisa.

Ela estava em um vestido de cor de estanho, a sua forma simples, mas de um material muito bom. Seu cabelo estava trançado como uma coroa em sua cabeça, acentuando seu pescoço comprido e pálido - um pescoço que os olhos de Cassian se lançaram, desviando rapidamente para longe, quando ela nos olhou e disseme, "Você está de volta."

Com seu cabelo assim, escondia as orelhas pontiagudas. Mas não havia nada para esconder a graça etérea quando ela deu um passo. Quando seu foco voltou novamente para Cassian e ela acrescentou: "O que você quer?"

Senti o golpe como um soco em meu estômago. "Pelo menos a imortalidade não mudou algumas coisas sobre você."

O olhar de Nestha era curto. "Existe um propósito para esta visita, ou posso voltar ao meu livro?"

A mão de Rhys roçou a minha em silencioso conforto. Mas seu rosto ... duro como pedra. E ainda menos divertido. Mas Cassian caminhou até Nestha, com um meio sorriso se espalhando pelo rosto. Ela ficou rígida enquanto ele pegou o livro, leu o título, e riu.

"Eu não teria imaginado que você era uma leitora de romance."

Ela lhe lançou um olhar fulminante.

Cassian folheou as páginas e gritou para mim: "Você não perdeu muito enquanto você estava fora destruindo nossos inimigos, Feyre. Tem sido sobretudo isto. "

Nestha girou para mim. - Você conseguiu?

Apertei a mandíbula. "Vamos ver como se desenrola. Certifiquei-me de que Ianthé sofresse." Uma sugestão de raiva e medo se arrastou nos olhos de Nestha, e eu emendei, "Não o suficiente, no entanto."

Olhei para a mão dela - a que ela apontara para o rei de Hybern. Rhys não mencionou sinais de poderes especiais de qualquer uma das minhas irmãs. Mas aquele dia em Hybern, quando Nestha abriu os olhos... Eu tinha visto. Vi algo grande e terrível dentro deles.

- "E, novamente, por que você está aqui?" Ela pegou seu livro de Cassian, que permitiu que ela fizesse isso, mas permaneceu de pé ao lado dela. Observando cada respiração, cada piscar.

- "Eu queria te ver", eu disse calmamente. "Ver como você estava."

- "Ver se eu aceitei o meu destino e me senti grata por me tornar um deles?"



Endireitei minha espinha. "Você é minha irmã. Eu vi eles te machucarem. Queria ver se você estava bem. "

Um riso baixo e amargo. Mas ela se voltou para Cassian, olhou-o como se ela fosse uma rainha em um trono, e então declarou a todos nós, "O que importa? Eu consigo ser jovem e bonita para sempre, e eu nunca tenho que voltar àqueles tolos sinceros depois da muralha. Eu consigo fazer o que desejo, desde que aparentemente ninguém aqui tem qualquer respeito pelas regras ou maneiras ou nossas tradições. Talvez eu devesse agradecer por me arrastar para isso. "

Rhys pôs uma mão nas minhas costas antes que as palavras atingissem seu alvo.

Nestha bufou. "Mas não sou eu quem você deveria estar verificando. Eu tinha tão pouco em jogo no outro lado da Muralha como eu faço aqui." O ódio ondulou sobre seus traços - tanto ódio que eu me sentia doente. Nestha sibilou: "Ela não saiu do quarto dela.

Ela não para de chorar. Ela não come, nem dorme, nem bebe. "

Rhys apertou a mandíbula. "Eu perguntei uma e outra vez se você precisava ..."

- "Por que eu deveria permitir que qualquer um de vocês" - a última palavra foi filmada em Cassian com tanto veneno como uma Víbora- "chegassem perto dela? Não é do interesse de ninguém mais do que o nosso. "

- O companheiro de Elain está aqui - eu disse.

E era a coisa errada a proferir na presença de Nestha.

Ficou branca de raiva.

- "Ele não é uma coisa dessas para ela", ela rosnou, avançando sobre mim o suficiente para que Rhys deslizasse um escudo no lugar entre nós. Como se ele também tivesse vislumbrado aquele poderoso poder em seus olhos naquele dia em Hybern. E não sabia como se manifestariam.

- Se você trouxe esse macho perto dela, eu ...

- "Você o quê?" Cassian cantou, arrastando-a a um ritmo casual quando ela parou talvez a cinco pés de mim. Ele ergueu uma sobrancelha quando ela girou sobre ele. "Você não se juntou a mim para a prática, então você com certeza como o inferno não vai segurar o seu próprio corpo em uma luta. Você não vai falar sobre seus poderes, então você certamente não vai ser capaz de usá-los. E você-"

- Cala a boca - ela retrucou, cada centímetro da imperatriz conquistadora. "Eu disse para você ficar longe de mim, e se você- "

- "Você fica entre um macho e sua companheira, Nestha Archeron, e você vai aprender sobre as consequências da maneira mais difícil. "

As narinas de Nestha dilataram. Cassian apenas lhe deu um sorriso torto.

- Se Elain não está à altura, então ela não o verá. Eu não vou forçar a reunião sobre ela. Mas ele deseja

vê-la, Nestha. Eu pedirei em seu nome, mas a decisão será dela. "

- O homem que nos vendeu para Hybern.

- É mais complicado do que isso.

- Bem, certamente será mais complicado quando o Pai voltar e nos encontrar. O que você planeja para lhe contar tudo isso?

- Vendo que ele não enviou uma mensagem do continente em meses, eu vou me preocupar com isso mais tarde - respondi.

E agradeça ao Caldeirão por isso - que ele estava negociando em algum território lucrativo. Nestha apenas sacudiu a cabeça, virando-se para a cadeira e seu livro.

- Não me importo. Faça o que você quiser.

Uma despedida pungente, se não a admissão de que ela ainda confiava em mim o suficiente para considerar as necessidades de Elain primeiro. Rhys empurrou o queixo para Cassian em uma ordem silenciosa para sair, e enquanto eu os seguia, eu disse suavemente: - Desculpe, Nestha.

Ela não respondeu enquanto se sentava rígida em sua cadeira, pegou seu livro e obedientemente nos ignorou. Um tapa no rosto teria sido melhor.

Quando olhei para frente, encontrei Cassian olhando para Nestha também.

Perguntei-me por que ninguém ainda tinha mencionado o que agora brilhava nos olhos de Cassian enquanto olhava para minha irmã. A tristeza. E o desejo.

A suíte estava cheia de luz solar.

Cada cortina empurrada para trás, tanto quanto ele poderia ir, para deixar entrar o máximo de sol possível. Como se qualquer trecho de escuridão fosse abominável. Como se para mantê-lo afastado. E sentada em uma pequena cadeira diante da mais ensolarada das janelas, de costas para nós, estava Elain.

Onde Nestha tinha um silêncio contente antes de encontrá-la, o silêncio de Elain era ... oco.

Vazio.

Seu cabelo estava caído - nem mesmo trançado. Eu não conseguia me lembrar da última vez que a vi desarrumada. Ela usava um roupão de seda branca.

Ela não olhou, nem falou, nem se encolheu quando entramos.

Seus braços magros descansavam em sua cadeira. Aquele anel de noivado de ferro ainda cercava seu dedo.

Sua pele estava tão pálida que parecia uma neve fresca sob a luz áspera. Percebi então que a cor da morte, da tristeza, era branca. A falta de cor. De vibração.

Deixei Cassian e Rhys na porta. A raiva de Nestha era melhor do que isso ... essa concha. Esse vazio. Minha respiração travou enquanto eu me movia em volta da cadeira.

A visão da cidade que ela olhava tão inexpressivamente.

Então vi as bochechas escavadas, os lábios sem sangue, os olhos castanhos que haviam sido ricos e quentes, e agora parecia completamente aborrecidos. Como sujeira antiga.

Ela não me olhou como eu disse suavemente, "Elain?"

Eu não ousei pegar sua mão. Eu não ousei chegar muito perto. Eu tinha feito isso.

Eu tinha trazido isso sobre elas -

"Eu estou de volta," eu adicionei um pouco frouxamente. Inútil.

Tudo o que ela disse foi: "Eu quero ir para casa."

Fechei os olhos, meu peito insuportavelmente apertado. "Eu sei."

"Ele estará procurando por mim", ela sussurrou.

"Eu sei," eu disse de novo. Não Lucien - ela não estava falando sobre ele de jeito nenhum.

- Estaríamos casados na semana que vem.

Eu coloquei uma mão no meu peito, como se fosse parar a rachadura lá dentro. "Eu sinto muito."

Nada. Nem mesmo um lampejo de emoção. "Todo mundo continua dizendo isso."

Seu polegar escovou o anel em seu dedo. "Mas não conserta nada, não é?"

Eu não conseguia respirar o suficiente. Eu não podia - eu não conseguia respirar, olhando para aquela coisa quebrada e esculpida, que minha irmã se tornara. Do que eu a tinha roubado, o que eu tinha tirado dela - Rhys estava lá, um braço deslizando em volta da minha cintura. "Podemos trazer algo para você, Elain?" Ele falou com tal gentileza que eu mal podia suportar.

- Quero ir para casa - repetiu ela.

Eu não podia perguntar a ela - sobre Lucien. Agora não. Ainda não.

Eu me virei, totalmente preparada para partir e desmoronar completamente em outra sala, outra seção da Casa. Mas Lucien estava parado na porta. E pela devastação em seu rosto, eu sabia que ele tinha ouvido cada palavra. Visto e ouvido e sentido o vazio e desespero irradiando dela.

Elain sempre fora gentil e doce - e eu a considerava uma força diferente. Uma força melhor por olhar a dureza do mundo e escolher, mais e mais, amar, ser amável. Ela tinha sido sempre tão cheia de luz.

Talvez fosse por isso que agora mantinha todas as cortinas abertas. Para preencher o vazio que existia

onde toda essa luz tinha sido existido uma vez.

E agora nada permaneceu.

CHAPTER

Rhysand conduziu silenciosamente Lucien para a suíte que estaria ocupando no lado oposto da Casa do Vento. Cassian e eu seguimos atrás, nenhum de nós falando até que meu companheiro abriu um conjunto de portas de ônix para revelar uma ensolarada sala de estar esculpida em pedra vermelha. Além da parede de janelas, a cidade fluiu muito abaixo, a visão que se estendia até as distantes montanhas irregulares e o mar reluzente.

Rhys fez uma pausa no centro de um tapete feito à mão de cor azul meia-noite e gesticulou para as portas fechadas a sua esquerda "Quarto." Ele acenou uma mão preguiçosa em direção à única porta na parede oposta. "Banheiro."

Lucien examinou tudo com indiferença fria. O que ele sentia por Elain, o que ele planejava fazer ... Não queria perguntar.

- Suponho que você vai precisar de roupas - continuou Rhys, acenando para a jaqueta e as calças sujas de Lucien.

Ele tinha usado durante toda a semana passada enquanto nos movíamos através dos territórios. Na verdade, parecia ... sangue salpicado em vários pontos. - Alguma preferência por trajes?

Isso chamou a atenção de Lucien, se deslocou o suficiente para notar Rhys – e para notar Cassian e eu espreitando na entrada. - Há algum custo?

- "Se você está tentando dizer que não tem dinheiro, não se preocupe - as roupas são cortesias." Rhys deu-lhe um meio sorriso. "Se você está tentando perguntar se isso é algum tipo de suborno ..." Um encolher de ombros. "Você é filho de um GrãoSenhor.

Seria um mau jeito não te abrigar e vesti-lo no seu tempo de necessidade. "

Lucien se eriçou. *Pare de provocá-lo*, eu enviei pelo vínculo.

*Mas é tão divertido*, veio a resposta ronronada.

Algo o tinha despertado. Abalando Rhys o suficiente para que provocar Lucien fosse uma maneira fácil de se distrair. Eu me aproximei, Cassian permanecendo atrás de mim quando eu disse a Lucien, "Nós estaremos de volta para jantar em alguns horas.

Descanse um pouco, tome um banho. Se precisar de alguma coisa, puxe essa corda da porta.

Lucien enrijeceu-não pelo que eu disse, eu percebi, mas pelo tom. Uma anfitriã.

Mas ele perguntou:

- Elain?

- Sua ligação, ofereceu Rhys.

- Preciso pensar nisso - respondi claramente. "Até que eu descubra o que fazer com ela, com Nestha, fique fora de seu caminho. " Eu adicionei talvez demasiado firmemente,"

Esta casa é protegida contra travessias, tanto para fora como para dentro. Há uma saída -

as escadas para a cidade. Ela também é protegido e guardado. Por favor não faça nada estúpido. "

- Então sou um prisioneiro?

Eu podia sentir a resposta fervendo em Rhys, mas eu balancei a cabeça. "Não. Mas entenda que mesmo sendo sua companheira, Elain é minha irmã. Farei o que precisa para protegê-la de mais dano.

- "Eu nunca machucaria ela."

Havia uma sombra na honestidade em suas palavras. Eu simplesmente acenei com a cabeça, soltando um suspiro, e encontrei o olhar de Rhysand em silêncio por um momento. Meu companheiro não deu nenhuma indicação da minha súplica muda enquanto disse, "você é livre para vaguear onde você deseja, para a cidade em si se você se sentir com coragem para enfrentar as escadas, mas há duas condições: você não deve tocar a irmã dela, e você não deve entrar no seu andar. Se você precisar de um livro da biblioteca, você vai pedir aos criados. Se você quiser falar com Elain ou Nestha, você também perguntará aos criados, que nos perguntarão. Se você desconsiderar essas regras, eu trancarei você em um quarto com Amren. "

Então Rhys se virou, as mãos deslizando em seus bolsos enquanto oferecia seu cotovelo enganchado para mim. Eu fiz um enlancei meu braço através do dele, mas disse a Lucien: "Nos veremos em algumas horas."

Estávamos quase na porta, Cassian já no corredor, quando Lucien me disse: -

Obrigado. Eu não me atrevi a perguntar o quê.

Vamos direto para o sótão de Amren, mais do que algumas pessoas acenando como nós quanto passamos sobre os telhados de Velaris. Meu sorriso não foi fingido quando acenei de volta para eles - meu povo. Rhys só me segurou um pouco mais apertado enquanto eu fazia isso, seu próprio sorriso tão brilhante como o sol no Sidra.

Mor e Azriel já estavam esperando dentro do apartamento de Amren, sentados como crianças repreendidas no divã contra a parede enquanto a mulher de cabelos escuros revirava as páginas de livros estendidos ao redor dela no chão.

Mor me deu um olhar agradecido e aliviado quando entramos, o próprio rosto de Azriel revelando nada enquanto ele ficou de pé, mantendo uma distância cuidadosa, demasiada casual do seu lado. Mas foi Amren quem disse do chão, - "Você deve matar Beron e seus filhos e colocar o belo como GrãoSenhor Outonal, em auto-imposto exílio ou não. Vai tornar a vida mais fácil. "

- Tomarei isso em consideração - disse Rhys, andando em sua direção enquanto eu ficava com os outros. Se eles estavam pendurados para trás ... Amren tinha que estar em algum estado de espírito.

Eu soltei um suspiro. "Quem mais pensa que é uma idéia terrível deixar os três na Casa do Vento?"

Cassian levantou a mão enquanto Rhys e Mor riam. O general do Grão-Senhor disse: "Dou-lhe uma hora antes que ele tente vê-la. "

- Trinta minutos - respondeu Mor, sentando-se de novo no divã e cruzando as pernas.

Eu me encolhi. "Eu garanto que Nestha está agora guardando Elain. Acho que ela poderia honestamente matá-lo se ele tenta tocá-la. "

- Não sem treino, não vai - Cassian resmungou, enfiando as asas enquanto reclamava o assento ao lado de Mor que Azriel tinha desocupado. O encantador de sombras não se limitou a olhar para ele. Não, Azriel apenas andou para a parede ao lado de Cassian e encostou-se contra os painéis de madeira.

Mas Rhys e os outros permaneceram quietos o suficiente para que eu soubesse que deveria proceder com cuidado quando perguntei a Cassian: "Nestha falou como se você estivesse em casa ... muitas vezes. Você se ofereceu para treiná-la? "

Os olhos cor de avelã de Cassian se fecharam quando ele cruzou um tornozelo sobre outro, esticando suas pernas musculosas antes dele responder. "Eu vou lá todos os dias. É

um bom exercício para as minhas asas. " Essas asas deslocaram-se em ênfase. Nem um arranhão se mostrando.

- "E?"

- E o que você viu na biblioteca é uma versão mais agradável da conversa que sempre tivemos.

Os lábios de Mor comprimiram em uma linha fina, como se ela estivesse tentando o seu melhor para não dizer nada. Azriel estava tentando seu melhor para atirar um olhar de advertência em Mor para lembrá-la de realmente manter a boca fechada. Como se eles já tivessem discutido isso. Muitas vezes.

"Eu não a culpo," Cassian disse, encolhendo os ombros apesar de suas palavras. -

"Ela foi ... violada. Seu corpo deixou de pertencer totalmente a ela." Sua mandíbula apertou. Até Amren não se atrevia a dizer nada. "E vou descascar a pele do rei de Hybern de seus ossos na próxima vez que eu o vir. "

Seus sifões piscavam em resposta.

Rhys disse casualmente: - Tenho certeza de que o rei apreciará completamente a experiência.

Cassian olhou furioso. "Quero dizer isso."

- Oh, não tenho dúvidas de que sim. Os olhos violeta de Rhys estavam deslumbrantes na penumbra do sótão. Mas antes que você se perca em planos de vingança, lembre-se que temos uma guerra para planejar primeiro. "

- "Idiota."

Um canto da boca do meu companheiro puxou para cima. Rhys o estava provocando, trabalhando o

temperamento de Cassian para manter esse frágil limite de culpa de consumi-lo. Os outros deixando-o assumir a tarefa, provavelmente tendo feito isso várias vezes eles mesmos estas semanas. "Eu sou o maior definitivamente," Rhys disse, "mas o fato ainda permanece que a vingança é secundária a ganhar esta guerra. "

Cassian abriu a boca como se ele continuasse discutindo, mas Rhys olhou para os livros espalhados no exuberante tapete - Nada? - perguntou a Amren.

- "Não sei por que você enviou esses dois bufões - um olhar estreito para Mor e Azriel – para me monitorar. " Então foi aí que Azriel tinha ido - direto para o sótão. Sem dúvida, poupar Mor de aturar Amren sozinha. Mas o tom de Amren ... irritadiço, sim, mas talvez um pouco satisfeita, também. Para banir também o brilho frágil nos olhos de Cassian.

- Não estamos monitorando você - disse Mor, batendo com o pé no tapete. - Estamos monitorando o Livro.

E quando ela disse ... eu senti. Ouvi-o.

Amren colocara o Livro das Sopros em seu criado-mudo.

Um copo de sangue velho no topo.

Eu não sabia se ria ou encolhia-me. O último venceu quando o Livro murmurou, "Olá, Mentirosa. Olá, princesa com-"

- "Oh, fique quieto", Amren sibilou em direção ao Livro, que - calara a boca.

"Odiosa coisa," ela murmurou, e foi de volta ao tomo diante dela.

Rhys me deu um sorriso irônico. "Uma vez que as duas metades do Livro foram juntas... pegaram para falar de vez em quando. "

- O que diz?

- Absurdos, - Amren cuspiu, franzindo o cenho para o Livro. - Gosta de ouvir-se falar. Como a maioria dos pessoas cingindo meu apartamento.

Cassian sorriu maliciosamente. "Alguém esqueceu de alimentar Amren novamente?"

Ela apontou um dedo de advertência para ele sem sequer olhar para cima. "Há uma razão, Rhysand, por que você arrastou seu pacote de ladrões para minha casa? "

Sua casa era pouco mais do que um sótão gigante, convertido, mas nenhum de nós ousou discutir quando Mor, Cassian, e Azriel finalmente se aproximaram, formando um pequeno círculo ao redor da expansão de Amren no centro da sala.

Rhys disseme: "As informações que você tem de Dagdan e Brannagh confirmam o que temos recolhido enquanto você estava fora. Especialmente sobre os aliados potenciais de Hybern em outros continentes."



- Vultures - Mor murmurou, e Cassian pareceu inclinado a concordar.

Mas Rhys... Rhys de fato estava espionando, enquanto Azriel estava ...

Rhys bufou. - Posso ficar escondido, companheiro.

Eu olhei para ele, mas Azriel interrompeu. "Tendo os movimentos de Hybern confirmados por você, Feyre, é o que nos é necessário."

- Porque?

Cassian cruzou os braços. "Mal conseguimos sobreviver aos exércitos de Hybern sozinhos. Se exércitos de Vallahan, Montesere e Rask se juntam a eles ... " Ele desenhou uma linha em sua garganta bronzeada.

Mor o cotovelou nas costelas. Cassian redistribuiu enquanto Azriel balançava a cabeça para os dois, sombras se enrolando em torno das pontas de suas asas.

- "São esses três territórios ... tão poderosos?" Talvez fosse uma pergunta tola, mostrando o quão pouco eu sabia das terras dos feéricos no continente.

- Sim - disse Azriel, sem julgamento em seus olhos castanhos. "Vallahan tem os números, Montesere tem o dinheiro, e Rask ... é grande o suficiente para ter ambos. "

- E não temos aliados potenciais entre os outros territórios além do mar?

Rhys puxou um fio perdido no manguito de sua jaqueta preta. "Não aqueles que iriam navegar aqui para ajudar."

Meu estômago se virou. "E quanto a Miryam e Drakon?" Uma vez ele se recusou a considerar, mas - "Você lutou para Miryam e Drakon séculos atrás ", disse a Rhys. Ele tinha feito muito mais do que isso, se Jurian tivesse dito a verdade. "Talvez seja hora de pagar essa dívida. "

Mas Rhys sacudiu a cabeça. "Nós tentamos. Azriel foi para Creta. "A ilha onde Miryam, Drakon e seus povos humanos e feéricos vivem unidos secretamente nos últimos cinco séculos.

- Foi abandonada - disse Azriel. - Em ruínas. Sem vestígios do que aconteceu ou para onde foram.

- Você acha que Hybern ...

- "Não havia sinal de Hybern, ou de qualquer dano" - Mor interrompeu, seu rosto tenso. Eram seus amigos, também - durante a guerra. Miryam, Drakon e as rainhas humanas que assinaram o Tratado. E isso era preocupação - verdadeira, profunda preocupação - que gotejava em seus olhos castanhos. Em todos os seus olhos.

- "Então você acha que eles ouviram sobre Hybern e correram?" Eu perguntei.

Drakon tinha uma legião alada, Rhys tinha dito uma vez. Se houvesse alguma chance de encontrá-los...

- O Drakon e Miryam que eu conhecia não iriam correr, não disso. - disse Rhys.

Mor inclinou-se para a frente, seu cabelo dourado derramando sobre seus ombros.

"Mas com Jurian agora como um jogador neste conflito ... Miryam e Drakon, gostem ou não, sempre foram amarrados a ele. Eu não culpo eles de correr, se ele verdadeiramente decidir caça-los. "

O rosto de Rhys se afrouxou por um instante. - É isso que o rei de Hybern tem com Jurian - murmurou.

- Por isso Jurian trabalha para ele.

Minha testa franziu.

- Miryam morreu ... uma lança no peito durante a última batalha no mar - Rhys explicou - Ela sangrou enquanto era levada para a segurança. Mas Drakon sabia de uma ilha sagrada e escondida onde um objeto de grande e terrível poder tinha sido escondido.

Um objeto feito pelo próprio Caldeirão, alegou a lenda. Ele levou-a para lá, para Creta -

usou o item para ressuscitá-la, torná-la imortal. Como você foi feita, Feyre.

Amren tinha dito isso há meses. Que Miryam tinha sido Feita como eu.

Amren pareceu se lembrar também, do que ela disse, "O Rei de Hybern deve ter prometido a Jurian usar o Caldeirão para rastrear o item. Para onde Miryam e Drakon agora vivem. Talvez eles descobrissem e saíram o mais rápido que puderam. "

E por vingança, por aquela raiva insana que perseguia Jurian ... ele faria tudo o que o Rei de Hybern quisesse. Para que ele pudesse matar ele mesmo Miryam.

- "Mas onde eles foram?" Eu olhei para Azriel, o encantador de sombras ainda em pé com sua sobrenatural quietude contra a parede. "Não encontrou nenhum vestígio para onde eles poderiam ter desaparecido? "

- Nenhum - Rhys respondeu por ele. "Enviamos mensageiros de volta desde então - sem sucesso."

Esfreguei meu rosto, selando aquele caminho de esperança. "Então, se eles não são um possível aliado ... Como nós manteremos esses outros territórios no continente de se aliarem a Hybern e de enviar os seus exércitos aqui? "

Ele Estremeceu. "Esse é o nosso plano, não é? "

Rhys sorriu severamente. "É. Um em que estivemos trabalhando enquanto você estava ausente." Eu esperei, tentando não estremecer enquanto os olhos prateados de Amren pareciam brilhar com diversão.

- Vigiei Hybern primeiro. Seu povo.

- Como...

- O melhor que pude.

Ele tinha ido para Hybern. Rhys sorriu afetadamente com a preocupação que queimava em meu rosto. "Eu esperava que Hybern pudesse ter um conflito a explorar -

para fazê-los cair de dentro. Que seus povos não pudessem querer esta guerra, por ser tão caro e perigoso e desnecessário. Mas quinhentos anos nessa ilha, com pouco comércio, pouca oportunidade ... O povo de Hybern está com fome de mudança. Ou melhor ... uma mudança para os velhos tempos, quando eles tinham escravos humanos para fazer seu trabalho, quando não havia barreiras que os mantinham do que eles agora percebem como seu por direito ".

Amren fechou o livro que ela estava examinando. Ela balançou a cabeça, o cabelo tinto ondulando, ela franziu o cenho para mim. "A riqueza de Hybern tem diminuído por séculos. A maioria de suas rotas comerciais antes da Guerra eram tratados com o Sul -

com a Terra Negra. Mas uma vez que foi para os humanos ... Nós não sabemos se o rei de Hybern deliberadamente falhou em estabelecer novas rotas comerciais e oportunidades para seu povo para alimentar um dia esta guerra, ou se ele era apenas aquele míope e deixou tudo desmoronar. Mas há séculos, o povo de Hybern tem se manchado. Hybern deixou o ressentimento de sua crescente estagnação e pobreza expandir. "

- Há muitos Grãos Feéricos - disse Mor com cuidado -, que acreditavam antes da Guerra e ainda acreditam agora, que os seres humanos ... que eles são propriedade. Houve muitos Grãos Feéricos que não sabiam nada, mas tinham privilégios para com aqueles escravos. E quando esse privilégio foi arrancado deles, quando eles foram forçados a deixar suas terras de origem ou forçados a abrir espaço para outros Grãos – Senhores e reformar territórios - criar novos - acima da Muralha ... Eles não esqueceram essa raiva, mesmo séculos mais tarde. Especialmente em lugares como Hybern, onde seu território e sua população permaneceram na maior parte intocados pela mudança. Eles foram um dos poucos que não tiveram que ceder nenhuma terra à Muralha - e não cederam terras aos Feéricos que estavam procurando por uma nova casa. Isolados, cada vez mais pobres, sem escravos para fazer seu trabalho ... Hybern há muito tempo, estava antes da guerra em uma era dourada. E esses séculos desde então em uma era escura. "

Eu esfreguei meu peito. "Eles são todos loucos, por pensar isso."

Rhys assentiu com a cabeça. "Sim, certamente. Mas não se esqueça de que seu rei encorajou essas mudanças. Ele não expandiu suas rotas comerciais, não permitiu que outros territórios tomassem qualquer de parte suas terras e trouxessem suas culturas. Ele considerou onde as coisas correram mal para os Leais na Guerra. Como eles, em última instância, não se renderam ao serem oprimidos, mas porque eles começaram a discutir entre si. Hybern teve um longo, longo tempo para pensar sobre esses erros. E como evitá-

los a qualquer custo. Então ele certificou-se de que seu povo estava completamente a favor desta guerra, completamente voltados para a idéia de que a Muralha deveria cair, porque pensam que de alguma forma restaurará esta ... visão dourada do passado. As pessoas de Hybern vêem o Rei e seus exércitos não como conquistadores, mas como libertadores dos grandes Feéricos e aqueles que estão com eles ".

Náusea agitava meu estômago. - Como alguém pode acreditar nisso?

Azriel correu uma mão marcada pelo cabelo. "É isso que estamos aprendendo.

Ouvir em Hybern. E em territórios como Rask, Montesere e Vallahan. "

- "Devemos ser um exemplo disso, menina", explicou Amren. "Prythian. Estávamos entre os mais ferozes defensores e negociadores do Tratado. Hybern quer reivindicar Prythian não somente para cancelar o trajeto ao Continente, mas para dar um exemplo do que acontece com os territórios dos altos Feéricos que defendem o Tratado ".

- Mas seguramente outros territórios a protegeriam - eu disse, escaneando seus rostos.

- Não tantos como esperávamos - Rhys admitiu, estremecendo. "Há muitos - muitos - que também sentiram-se esmagados e sufocados durante estes séculos. Eles querem suas terras antigas de volta atrás da Muralha, e o poder e a prosperidade que vêm com ele.

Sua visão do passado foi colorida por quinhentos anos de luta para se adaptar e prosperar."

- "Talvez nós lhes fizemos um favor," Mor murmurou, "em não compartilhar sobre nossa riqueza, nosso território. Talvez tenhamos a culpa de permitir que alguma coisa apodreça e se apodreça. "

- Isso continua a ser discutido - disse Amren, acenando com a mão delicada. "O

ponto é que nós não estamos enfrentando um exército inclinado para a destruição. Eles são um inferno duplicado que acreditam na libertação. De Grãos Feéricos sufocados pela Muralha, e no que eles acreditam ainda pertencer a eles. "

Engoli em seco. "Então, como os outros territórios jogam com ele - os três supostos aliados de Hybern" - eu olhei entre Rhys e Azriel. "Você disse que estavam ... ali?"

Rhys deu de ombros. "Lá em Hybern, nos outros territórios ..." Ele piscou para minha boca aberta. "EU tive de me manter ocupado para não perder você. "

Mor revirou os olhos. Mas foi Cassian quem disse: "Não podemos permitir que esses três territórios se juntem com Hybern. Se enviam exércitos a Príthian, já estamos acabados.

- Então, o que fazemos?

Rhys encostou-se no poste esculpido da cama de Amren. "Nós os temos mantido ocupados." Ele sacudiu seu queixo para Azriel. "Nós plantamos informação - verdade e mentira e uma mistura de ambos - para que eles encontrem. E também espalhamos alguns deles entre nossos antigos aliados, que agora estão se recusando a nos apoiar." O sorriso de Azriel foi um flash de branco. Mentiras e verdades – o encantador de sombras e seus espiões os tinham semeado em cortes estrangeiras.

Minha sobrelance se estreitou. "Você tem jogado os territórios do continente um contra o outro?"

- Temos nos certificado de que eles estão ocupados um com o outro - disse Cassian, uma pitada de humor perverso brilhando em seus olhos cor de avelã. "Garantir que os inimigos de longa data e as nações rivais de Rask, Vallahan e Montesere de repente recebessem informações que os tem preocupado de serem atacados. E levantando suas próprias defesas. O que, por sua vez, fez com que Rask, Vallahan e Montesere comessem a olhar suas fronteiras e não as nossas. "

- "Se nossos aliados da Guerra estiverem muito assustados para vir aqui para lutar"

- Mor disse, cruzando os braços sobre o peito ", então, enquanto eles estiverem mantendo os outros ocupados - impedindo-os de navegar para cá - nós não nos importamos."

Eu pisquei para eles. Para Rhys.

Brilhante. Absolutamente brilhante, para mantê-los tão concentrados e temerosos um do outro que eles ficariam longe.

- Assim... eles não virão?

- Só podemos orar - disse Amren. "E reze para que lidemos com isso rápido o suficiente para que eles não entendam que nós jogamos com todos eles. "

- "E quanto às rainhas humanas?", Mastiguei a ponta do meu polegar. "Eles devem estar cientes de que negociar com Hybern acabaria trabalhando em sua vantagem. "

Mor apoiou os antebraços nas coxas. - Quem sabe o que Hybern prometeu ...

mentiu? Ele já lhes concedeu a imortalidade através do Caldeirão em troca de sua cooperação. Se elas são tolas o suficiente para concordar com isso, então eu não duvido que já abriram os portões para ele. "

- Mas não sabemos isso com certeza - respondeu Amren. "E nada disso explica por que elas foram tão tranqüilamente, trancadas naquele palácio.

Rhys e Azriel balançaram a cabeça em silenciosa confirmação.

Examinei-os, a sua distração. "Isso te deixa louco, não é, que ninguém foi capaz de infiltrar esse palácio. "

Um rosnado baixo de ambos antes que Azriel murmurasse: - Você não tem idéia.

Amren apenas estalou sua língua, seus olhos arregalados se acomodando em mim.

"Aqueles comandantes Hybern foram tolos para revelar seus planos em relação a quebrar a Muralha. Ou talvez soubessem que a informação viria para nós, e seu mestre quer nos distrair. "

Eu inclinei minha cabeça. "Você quer dizer quebrando a Muralha através dos buracos já existentes?"

Uma sacudida de seu queixo afiado quando ela gesticulou para os livros ao redor dela. "É um trabalho complexo de magia - uma lacuna através da magia que liga a muralha".

- E isso implica - disse Mor, franzindo as sobrancelhas - que algo poderia estar mal com o Caldeirão.

Levantei as sobrancelhas, considerando. "Porque o Caldeirão deve ser capaz de trazer essa Muralha para baixo sozinho?"

- "Certo," Rhysand disse, caminhando para o Livro na mesa de cabeceira. Não ousou tocá-lo. "Porque se

importar procurando essas brechas para ajudar o Caldeirão quando ele poderia liberar seu poder e ser feito só? "

- Talvez ele tenha usado muito de seu poder transformando minhas irmãs e aquelas rainhas.

- "É provável," Rhys disse, retornando ao meu lado. "Mas se ele vai explorar essas lágrimas na parede, precisamos encontrar uma maneira de corrigi-los antes que ele possa agir. "

Perguntei a Amren: "Há feitiços para remendá-lo?"

- Estou olhando - disse ela entre dentes. "Ajudaria se alguém arrastasse sua bunda a uma biblioteca para fazer mais pesquisa. "

- "Estamos à sua disposição", Cassian ofereceu com um arco zombador.

- Não sabia que você podia ler - Amren disse docemente.

- Poderia ser uma tarefa de tolo - Azriel cortou antes que Cassian pudesse pronunciar a retaliação dançando em seus olhos.

- Para nos fazer focar na Muralha como um chamariz - enquanto ele ataca de outra direção.

Eu fiz uma careta para Livro. - Por que não tentar anular o Caldeirão de novo?

- Porque quase a matou da última vez - Rhys disse em uma voz calma e firme que me disse o suficiente: não havia nenhuma maneira no inferno que ele arriscaria tentar outra vez.

Eu me endireitei. "Eu não estava preparada em Hybern. Nenhum de nós estava. Se eu tentar novamente- "

Mor cortou. "Se você tentar novamente, pode muito bem matá-la. Para não mencionar, nós teríamos que realmente encontrar o Caldeirão, o que não é uma opção. "

- "O rei," Azriel esclareceu pelo meu questionamento silencioso, "não permitirá que o Caldeirão esteja fora de sua vista. E ele arranjou-o com mais feitiços e armadilhas do que a última vez. "Eu abri a minha boca para objectar, mas o encantor de sombras acrescentou: "Nós procuramos ele. Não é um caminho viável. "

Eu acreditei nele - a honestidade crua naqueles olhos cor de avelã era confirmação suficiente que eles o tinham pesado completamente. "Bem, se é muito arriscado anular o Caldeirão," eu pensei, "então eu posso de alguma forma consertar a parede? Se a Muralha foi feita por feéricos se unindo, e minha magia é uma mistura de tantos ... "

Amren considerou no silêncio que caiu. "Possivelmente. A relação seria tênue, mas ... sim, talvez você poderia remenda-la. Embora suas irmãs, diretamente forjadas pelo próprio Caldeirão, tenham um tipo de magia que nós- "

- Minhas irmãs não fazem parte disso.

Outra batida de silêncio, interrompida apenas pelo murmúrio das asas de Azriel.

- "Eu pedi que elas ajudassem uma vez - e veja o que aconteceu. Não vou arriscar de novo.

Amren bufou. "Você soa exatamente como Tamlin."

Senti as palavras como um golpe. Rhys deslizou uma mão contra minhas costas, tendo aparecido tão rápido que eu não o vi mover. Mas antes que ele pudesse responder, Mor, em voz baixa acrescentou: - Não volte a dizer esse tipo de besteira, Amren.

Não havia nada no rosto de Mor além da fria calma.

Eu nunca a tinha visto tão ... terrível. Ela estava furiosa com as rainhas mortais, mas isso ...

Era o rosto da terceira Senhora no comando.

- "Se você está mal-humorada porque você está com fome, então diga-nos," Mor continuou com aquele silêncio congelado. "Mas se você dizer qualquer coisa como essa de novo, eu vou jogá-la para os deuses do maldito Sidra. "

"Eu gostaria de ver você tentar."

Um pequeno sorriso era a única resposta de Mor.

Amren deslizou sua atenção para mim. "Precisamos de suas irmãs - se não para isso, então para convencer outras pessoas a se juntarem a nós, do risco. Como qualquer aliado poderia ter alguma dificuldade em nos acreditar depois de tantos anos de mentiras."

- Peça desculpas - disse Mor.

- "Mor", eu murmurei.

- Peça desculpas - ela sussurrou para Amren.

Amren não disse nada.

Mor deu um passo na direção dela, e eu disse: "Ela está certa."

Ambas olharam para mim, as sobrancelhas erguidas.

Engoli em seco. "Amren está certa." Eu saí do toque de Rhys - percebendo que ele ficara em silêncio para me deixar assumir. Deixar-me descobrir como lidar com ambas, como família, mas principalmente como sua Grã-Senhora.

Mor apertou o rosto, mas eu balancei a cabeça. "Posso ... perguntar às minhas irmãs.

Ver se elas têm qualquer tipo de poder. Ver se elas estariam dispostas a ... falar com os outros sobre o que elas suportaram. Mas eu não vou forçá-las a ajudar, se não querem participar. A escolha será delas." Eu olhei para meu parceiro - o macho que tinha sempre me apresentou uma escolha não como um dom, mas como o meu próprio direito dado pelos deuses. Os olhos violetas de Rhys piscaram em reconhecimento. "Mas eu farei nosso ... desespero claro."

Amren bufou, mal mais do que uma ave de rapina soprando suas penas.

- "Compromisso, Amren," Rhys ronronou. "É chamado de compromisso."

Ela o ignorou. "Se você quer começar a convencer suas irmãs, tire-as da Casa. Ser preso nunca ajudou ninguém. "

Rhys disse suavemente: - Não sei se Velaris está preparada para Nestha Archeron.

- Minha irmã não é um animal feroz.

Rhys recuou um pouco, os outros de repente encontrar o tapete, o divã, os livros incrivelmente fascinante.

- Eu não quis dizer isso.

Eu não respondi.

Mor franziu o cenho em desaprovação a Rhys, que eu sentia me observar cuidadosamente, mas perguntou-me: "E Elain?"

Eu me movi ligeiramente, passando as palavras ainda penduradas entre mim e Rhys.

"Eu posso perguntar, mas ... ela talvez não esteja pronta para estar com tantas pessoas."

Eu esclareci. "Ela deveria estar casada na próxima semana."

- "Então ela continua dizendo, uma e outra vez," Amren resmungou.

Eu atirei-lhe um olhar. "Cuidado." Amren piscou para mim em surpresa. Mas eu continuei, "Então, precisamos encontrar um maneira de remendar a Muralha antes que Hybern use o Caldeirão para quebrá-la. E lutar contra esta guerra antes que qualquer outro Território se junte ao ataque de Hybern. E, eventualmente, obter o próprio Caldeirão.

Algo mais?"

Rhys disse atrás de mim, sua própria voz cuidadosamente casual, "Isso cobre.

Assim que uma força possa ser reunida, assumimos Hybern. "

- As legiões Illyrianas estão quase prontas - disse Cassian.

- Não - disse Rhys. - Quero dizer, uma força maior. Uma força não apenas da Corte Noturna, mas de todo o Prythian. Nosso único tiro decente é encontrar aliados nesta guerra.

Nenhum de nós falou, nenhum de nós se moveu quando Rhys disse simplesmente: "Amanhã, os convites saem para todos os Grãos - Senhores em Prythian. Para uma reunião em duas semanas. É hora de ver quem está conosco. E que se certifiquem de que compreender as consequências se não o fizerem. "





Deixei Cassian me levar para a Casa duas horas mais tarde, só porque ele admitiu que ele ainda estava trabalhando para fortalecer suas asas e precisava se empurrar. O calor ondulou fora dos telhados de azulejos e pedra vermelha quando nós voamos alto sobre eles, a brisa do mar um beijo bom contra o meu rosto.

Mal tínhamos terminado de debater trinta minutos atrás, parando apenas quando o estômago de Mor tinha resmungado alto como um trovão quebrando a noite. Nós tínhamos passado o nosso tempo pesando os méritos de onde se encontrar, quem trazer ao longo da reunião com os GrãoSenhores.

Os convites iriam sair amanhã - mas não especificando o local de reunião. Não havia sentido em um, Rhys disse, quando os GrãoSenhores sem dúvida recusariam nossa seleção inicial e fazendo suas próprias escolhas de onde se reunir. Tudo o que tínhamos escolhido era o dia e o tempo - em duas semanas, uma almofada contra as brigas que certamente seguiriam. O resto ... Teríamos que nos preparar para todas as possibilidades.

Voltávamos rapidamente para a casa da cidade para nos limpar antes de voltar para a Casa - e eu tinha encontrado Nuala e Cerridwen esperando no meu quarto, sorrisos em seus rostos sombrios.

Eu abraçara ambas, mesmo que o "oi" de Rhys tivesse sido menos... entusiasmado.

Não por antipatiaa elas, mas... Eu tinha discutido com ele. No apartamento de Amren. Ele não parecia zangado, e ainda ... Eu o sentia com cuidado me observando estas últimas horas. Tinha esse ... estranho olhar nele. Estranho o suficiente para que o apetite que eu tinha estado firmemente construindo fosse um pouco enjoado. Eu o desafiei antes, mas ...

não como a Grã - Senhora. Não com... aquele tom.

Então eu não consegui perguntar a ele sobre isso com Nuala e Cerridwen me ajudando a vestir e ele se dirigiu para o banheiro para se lavar. Não que houvesse muita elegância para se preocupar. Eu tinha optado por minhas calças de couro Illyrianas e um camisa solta, branca e um par de chinelos bordados que mantece Cassian bufando quando nós voamos.

Quando ele fez isso pela terceira vez em dois minutos, eu beliscou o braço dele e disse, "Está quente. Essas botas são abafadas."

Suas sobrancelhas se ergueram, o retrato da inocência. - Eu não disse nada.

- Você grunhiu. Novamente .

- Eu tenho vivido com Mor por quinhentos anos. Eu aprendi de maneira dura não questionar o sapato escolhido. Ele sorriu. "Por mais estúpidos que sejam. "

- É um jantar. A menos que haja alguma batalha planejada depois?

- Sua irmã estará lá - eu diria que terá batalhas em abundância.

Eu casualmente estudei seu rosto, observando o quão duro ele trabalhou para manter seus traços neutros, para manter seu olhar fixo em qualquer lugar, menos no meu próprio.

Rhys voou perto, longe o suficiente para permanecer fora de alcance, quando eu disse, "Será que você a provoca para ver se ela pode de alguma forma consertar a Muralha? "

Olhos castanhos dispararam, ferozes e claros para mim. "Sim. Não só por nossa causa, mas ... ela precisa sair da Casa. Ela precisa ... "As asas de Cassian mantiveram uma batida constante, as novas seções apenas detectáveis pela falta de cicatrizes. "Ela vai se destruir se ela ficar presa lá dentro."

Meu peito apertou. "Faça ..." Eu pensei através de minhas palavras. "No dia em que ela foi transformada, ela ... eu senti algo diferente com ela." Eu lutei contra a tensão em meus músculos quando me lembrei desses momentos. Os gritos, o sangue e as náuseas enquanto eu assistia minhas irmãs sendo levadas contra sua vontade, quando eu não podia fazer nada, como nós... Engoli o medo, a culpa. "Era como ... se tudo o que ela era, aquele aço e fogo... Tornaram-se ampliados. Cataclísmico. Como ... olhando para um gato da casa e de repente encontrasse uma pantera em pé lá em vez disso." Eu balancei a cabeça, como se para limpar a memória do predador, a raiva fervendo naqueles olhos azul-cinza.

- Jamais esquecerei esses momentos - disse Cassian calmamente, cheirando ou sentindo as lembranças em mim. "Enquanto eu viver."

- Você teve algum vislumbre desde então?

- "Nada". A Casa surgiu, luzes douradas nas paredes das janelas e portas nos chamando mais perto. "Mas eu posso sentir isso às vezes." Ele acrescentou um pouco triste: "Normalmente, quando ela está chateada comigo. Que é ... na maioria das vezes. "

- "Por quê?" Eles sempre estavam na garganta um do outro, mas isso... sim, a dinâmica entre eles tinha sido diferente anteriormente. Mais nítida. Cassian sacudiu seus cabelos escuros para fora de seus olhos, um pouco mais longos do que a última vez que eu vi.

- Eu não acho Nestha vá me perdoar pelo que aconteceu em Hybern. Por ela, mas principalmente por Elain.

- "Suas asas foram rasgadas. Você mal estava vivo." Porque essa culpa devastadora e venenosa em cada uma das palavras de Cassian. O que os outros haviam questionado no sótão. "Você não estava em posição de salvar ninguém."

- Eu fiz uma promessa para ela. O vento revirou os cabelos de Cassian enquanto ele olhava para o céu. "E quando ele importava, eu não o cumpri. "

Eu ainda sonhava com ele tentando rastejar em direção a ela, alcançando ela mesmo no estado semi-inconsciente. A dor e a perda de sangue o tinham alcançado. Como Rhysand tinha feito uma vez para mim durante esses últimos momentos.

Com Amarantha.

Talvez apenas alguns batimentos de asa nos separassem da ampla varanda de pouso, mas eu perguntei: "Por que você se preocupa, Cassian? "

Seus olhos cor de avelã fecharam enquanto pousávamos suavemente. E eu pensei que ele não iria responder, especialmente não quando ouvimos os outros já na sala de jantar além da varanda, especialmente não quando Rhys graciosamente pousou ao lado de nós e caminhou em frente com uma piscadela.

Mas Cassian disse calmamente enquanto nos dirigíamos para a sala de jantar, "Porque eu não posso ficar longe."

Elain, sem surpresa, não saiu do quarto.

Nestha, surpreendentemente, fez.

Não era um jantar formal por qualquer meio - embora Lucien, de pé perto das janelas e observando o pôr-do-sol sobre Velaris, estava vestindo um casaco verde fino bordado com ouro, suas calças de cor creme mostrando as coxas musculosas, e suas botas pretas de joelho polidas o suficiente para que os candelabros de luz feérica refletisse por elas.

Ele sempre teve uma graça casual sobre ele, mas aqui, esta noite, com os cabelos amarrados para atrás e casaco abotoado até seu pescoço, ele realmente parecia a o filho de um GrãoSenhor. Bonito, poderoso, um pouco magro - mas bem - comportado e elegante.

Eu aponte para ele quando os outros se juntaram ao vinho respirando em decantadores na mesa de madeira antiga, agudamente cientes de que enquanto meus amigos conversavam, eles mantiveram um olho em nós. Lucien correu seu único olho sobre mim - o meu traje casual, depois nos Illyrianos com os couros, e Amren com o seu cinza habitual, e Mor no seu fluido vestido vermelho, e disse: "Qual é o código de vestimenta?"

Eu dei de ombros, passando-lhe o copo de vinho que eu trouxe. "É ... o que quer que nós quisermos."

Aquele olho dourado estalou e estreitou, depois voltou para a cidade à frente.

- O que você fez consigo esta tarde?

- Dormiu - disse ele. "Me lavei. Sentei em minha bunda. "

- "Eu poderia dar-lhe uma excursão da cidade amanhã de manhã", eu ofereci. "Se você gostar."

Não importa que tivéssemos uma reunião para planejar. Uma muralha para consertar. Uma guerra para lutar. Eu poderia reservar metade de um dia. Mostrar-lhe por que esse lugar se tornou minha casa, por que eu me apaixonei por seu governante.

Como se estivesse sentindo meus pensamentos, Lucien disse: "Você não precisa perder seu tempo me convencendo. Entendi. Eu percebo... Eu entendo que não éramos o que você queria. Ou o necessário. Como pequena e isolada nossa casa deve ter sido para você, uma vez que você viu isto." Ele empurrou o queixo para a cidade, onde as luzes estavam agora faíscando em vista à queda do crepúsculo. "Quem poderia comparar?"

Eu quase disse: "Você não quer dizer o que poderia comparar? Mas segurei minha língua. Seu foco

mudou atrás de mim antes que ele respondesse - e Lucien fechou a boca.

Seu olho de metal gemeu suavemente.

Eu segui seu olhar, e tentei não ficar tensa enquanto Nestha entrava no cômodo.

Sim, devastadora era uma boa palavra para como ela se tornara linda como Grão-Feérica. E de mangas compridas, vestido azul escuro que se agarrou a suas curvas antes de cair graciosamente ao chão em um derramamento de tecido... Cassian parecia que alguém tinha lhe dado um soco no estômago.

Mas Nestha olhou diretamente para mim, a luz das estrelas cintilando ao longo dos pentes de prata em seus cabelos longos. O outros, ela obedientemente ignorado, com queixo erguido quando ela andou para nós. Eu orei para que Mor e Amren, com suas sobancelhas erguidas, não dissessem qualquer-

- "De onde veio aquele vestido?" Mor disse, o vestido vermelho fluindo atrás dela como brisa quando foi para Nestha. Minha irmã se ergueu, os ombros tensos, preparando Mas Mor já estava ali, tocando o pesado tecido azul, examinando cada ponto. "Eu quero um", ela amou. Sua tentativa, sem dúvida, para seguir um convite para comprar um armário maior comigo.

- Então Grã-Senhora, eu preciso de mais roupas. Especialmente para esta reunião.

Minhas irmãs também.

Os olhos castanhos de Mor se moveram para os meus, e eu tive que lutar contra a gratidão esmagadora que ameaçava fazer minha própria garganta queimar enquanto me aproximava delas. "Suponho que o meu companheiro o cavou de algum lugar" - disse eu, lançando um olhar sobre meu ombro para Rhys, que estava empoleirado na borda da mesa de jantar, ladeado por Az e Cassian, todos os três Illyrianos fingindo que não estavam ouvindo cada palavra enquanto se ocupavam derramando o vinho entre eles. Eu enviei um pensamento pelo vínculo, e risada escura Rhys ecoou em troca.

- "Ele ganha todo o crédito por roupas", disse Mor, examinando o tecido da saia de Nestha enquanto minha irmã a monitorava como um falcão ", e ele nunca me diz onde ele os encontra. Ele ainda não me disse onde ele encontrou o vestido de Feyre para A Queda das Estrelas." Ela jogou um olhar sobre seu ombro. "Desgraçado."

Rhys riu entre dentes. Cassian, no entanto, não sorria, cada poro dele aparentemente fixo em Nestha e Mor.

Sobre o que minha irmã faria.

Mor apenas examinou os pentes de prata no cabelo de Nestha. "É uma coisa boa não termos o mesmo tamanho – ou senão eu poderia ser tentado a roubar esse vestido. "

- "Provavelmente fora dela," Cassian murmurou.

O sorriso de resposta de Mor não era tranquilizador.

Mas o rosto de Nestha ficou em branco. Frio. Ela olhou Mor de cima para baixo -

observando o vestido que expunha muito de sua garganta, suas costas, e costelas, então as saias fluindo com cortes simples que revelaram fendas nas pernas dela. Escandaloso, pelas modas humanas. "Felizmente para você", disse Nestha, sem rodeios, "eu não devolvo o sentimento."

Azriel tossiu em seu vinho.

Mas Nestha apenas caminhou até a mesa e reivindicou um assento.

Mor piscou, mas me confiou com um estremecimento: - Acho que vamos precisar de muito mais vinho.

A coluna de Nestha ficou rígida. Mas ela não disse nada.

- Eu invadiria a coleção - Cassian ofereceu, desaparecendo pelas portas internas do corredor muito depressa para ser casual.

Nestha endureceu um pouco mais.

Provocando minha irmã, zombando dela ... Eu peguei um assento no lado de Nestha e murmurei: "Eles querem dizer... ".

Nestha apenas passou um dedo sobre sua cadeira de marfim e obsidiana, examinando os talheres com videiras de jasmim de florescência noturna gravada em torno de suas hastes - "Eu não me importo."

Amren deslizou para o assento em frente a mim, bem quando Cassian retornou, uma garrafa em cada mão, e encolheu-se.

Amren disse à minha irmã: "Você é um verdadeiro trabalho."

Os olhos de Nestha aumentaram. Amren rodou vagamente uma taça de sangue, observando-a como um gato com um novo, brinquedo interessante.

Nestha apenas disse: "Por que seus olhos brilham?"

Pouca curiosidade - apenas uma necessidade contundente de explicação.

E sem medo. Nenhum.

Amren inclinou a cabeça. "Você sabe, nenhum desses atarefados me perguntou isso."

Aqueles corajosos tentavam não parecer muito preocupados. Como era eu.

Nestha apenas esperou.

Amren suspirou, estremecendo. "Eles brilham porque era a única parte de mim que o feitiço de contenção não conseguiria esconder. Um vislumbre do que se esconde por baixo. "

- E o que está por baixo?

Nenhum dos outros falou. Ou mesmo se moveu. Lucien, ainda perto da janela, tinha virado a cor de Papel.

Amren traçou um dedo ao longo da borda de sua taça, suas unhas pintadas de vermelho brilhando tão quanto o sangue dentro do cálice. - "Eles nunca ousaram me perguntar isso também. "

- Por quê.

- Porque não é educado perguntar - e eles tem medo.

Amren segurou o olhar de Nestha, e minha irmã não hesitou. Não vacilou.

- Nós somos iguais, você e eu - disse Amren.

Eu não tinha certeza se eu estava respirando. Por meio do vínculo, eu também não tinha certeza de que Rhys estivesse.

- "Não na carne, não na coisa que ronda sob nossa pele e ossos... " Os olhos notáveis de Amren estreitaram-se. "Mas ... eu vejo o que tem no centro, garota." Amren assentiu, mais para si mesma do que qualquer um. "Você não se encaixava, o molde que eles te empurraram para dentro. O caminho pelo qual você nasceu e foi forçada a andar. Você tentou, e ainda você não conseguiu, não poderia, caber. E então o caminho mudou." Um aceno de cabeça. "Me lembrou, há muito tempo como era."

Nestha dominara a quietude sobrenatural do Fae muito mais rapidamente do que eu. E ela sentou lá por poucas batidas do coração, olhando simplesmente para a fêmea estranha e delicada que estava do outro lado, pesando as palavras, o poder que irradiava de Amren ... E então Nestha apenas disse: "Eu não sei sobre o que você está falando. "

Os lábios vermelhos de Amren se abriram em um largo e serpentino sorriso.

"Quando você entrar em erupção, menina, certifique-se de que é sentida em todos os mundos."

Um arrepio deslizou pela minha pele.

Mas Rhys disse, "Amren, ao que parece, esteve tendo lições de teatro no teatro na rua de Sua casa ".

Ela lhe lançou um olhar. - Quero dizer, Rhysand ...

- "Tenho certeza de que sim," ele disse, reivindicando o assento à minha direita.

"Mas eu prefiro comer algo antes de você fazer-nos perder os nossos apetites ".

Sua mão larga esquentou meu joelho enquanto o apertava embaixo da mesa, dando-me um aperto reconfortante.

Cassian tomou o assento à esquerda de Amren, Azriel ao lado dele, Mor agarrou o assento em frente a ele, deixando Lucien ...

Lucien franziu as sobrancelhas para o lugar restante que se encontrava na cabeceira da mesa, depois para o lugar vazio em frente a Nestha. "Eu ... você não deveria sentar na cabeceira?"

Rhys levantou uma sobrancelha. "Eu não me importo onde você se sinta. Eu só me preocupo com comer

alguma coisa "- ele estalou os dedos - "agora".

A comida, preparada por cozinheiros, que fez um ponto para ir de encontro com minha barriga, apareceu em toda a mesa em pratos, travessas e tigelas. Carnes assadas, vários molhos, arroz e pão, legumes frescos das fazendas vizinhas cozidos no vapor ... Eu quase suspirei com os cheiros enrolando em volta de mim.

Lucien deslizou em seu assento, olhando por todo lado como se estivesse pousando sobre um colchão. Eu me inclinei por Nestha para dizer a Lucien: "Você se acostuma com isso - a informalidade".

- Você diz isso, querida Feyre, como se fosse uma coisa ruim - disse Rhys, inclinando-se um prato de Truta e pão frito antes de passar para mim.

Eu rolei meus olhos, deslizando alguns pedaços crocantes em meu prato. "Me pegou de surpresa no primeiro jantar que nós tivemos, só para você saber. "

- "Oh, eu sei." Rhys sorriu.

Cassian riu.

- "Honestamente", eu disse a Lucien, que sem palavras empilhou uma pilha de feijões verdes amanteigados em seu prato, mas não os tocou, talvez maravilhando-se com a mesa simples, tão em desacordo com os pratos exagerados da Corte Primavera, "Azriel é o único educado." Alguns gritos de indignação de Mor e Cassian, mas um fantasma de um sorriso dançou na boca do encantador de sombras enquanto ele mergulhava a cabeça e puxava uma bandeja de beterraba assada salpicada com queijo de cabra em sua direção.

"Nem tente fingir que não é verdade."

- "É claro que é verdade", disse Mor com um suspiro alto, "mas você não precisa nos fazer soar como pagãos".

- "Eu teria pensado que você acharia esse termo como um elogio, Mor," Rhys disse suavemente.

Nestha estava observando a voadora de palavras como se fosse uma partida esportiva, os olhos se lançando entre nós. Ela não chegou para qualquer alimento, então eu tomei a liberdade de colocar colheradas de várias coisas em seu prato.

Ela também assistiu.

E quando eu parei, continuando a encher meu prato, Nestha disse: "Eu entendo - o que você quis dizer sobre a comida ".

Levei um momento para recordar - lembrar aquela conversa particular na propriedade de nosso pai, quando ela e eu tínhamos estado em gargantas uma da outra sobre as diferenças entre comida humana e Feéricas. Isso foi o mesmo em termos do que foi servido, mas apenas ... era melhor acima da Muralha.

- Isso é um elogio?



Nestha não devolveu o meu sorriso quando ela lançou alguns espargos com seu garfo e comeu. E eu achei que era um bom momento como qualquer outro quando disse a Cassian: "Que horas estamos de volta no treinamento amanhã?"

Para seu crédito, Cassian não deu nem um olhar para Nestha quando respondeu com um sorriso preguiçoso, "Eu diria ao amanhecer, mas desde que eu estou me sentindo bastante grato que você está de volta inteira, eu vou deixar você dormir. Vamos nos encontrar as sete."

- "Eu dificilmente chamaria isso de dormir", eu disse.

- Para um Illyriano é - murmurou Mor.

As asas de Cassian sussurravam. "A luz do dia é um recurso precioso."

- Vivemos na Corte Noturna - respondeu Mor.

Cassian apenas fez uma careta para Rhys e Azriel. "Eu disse a você que no momento em que começassemos a deixa-las em nosso grupo, elas seriam nada além de problemas."

- Tanto quanto me lembro, Cassian - Rhys respondeu secamente -, você realmente disse que precisava de um tempo olhando para longe de nossos rostos feios, e que algumas senhoras iriam acrescentar alguma beleza muito necessária para você olhar dia todo."

- Porco - disse Amren.

Cassian lhe deu um gesto vulgar que fez Lucien sufocar com seus feijões verdes.

"Eu era um jovem Illyriano. E não sabia muito" - disse ele, apontando o garfo para Azriel.

"Não tente misturar-se nas sombras. Você disse a mesma coisa. "

- Ele não o fez - disse Mor, e as sombras que Azriel de fato estava sutilmente tecendo em torno de si desapareceram. "Azriel nunca disse uma coisa tão terrível. Só você, Cassian. Só você."

O general dos exércitos do Grão - Senhor estendeu a língua. Mor voltou o gesto.

Amren fez uma careta para Rhys. "Você seria sábio se deixasse os dois em casa para a reunião com os outros, Rhysand. Eles não causam mais que problemas. "

Eu ousei dar uma espiada em Lucien - apenas para avaliar sua reação.

Seu rosto estava realmente controlado, mas ... uma pitada de surpresa brilhou ali.

Desconfiança, também, mas ... surpresa. Arrisquei outro olhar para Nestha, mas ela estava observando seu prato, ignorando obedientemente os outros.

Rhys disse, "Resta saber se eles vão se juntar a nós." Lucien olhou para ele então, a curiosidade em um olho inconfundível. Rhys notou e encolheu os ombros. "Você vai descobrir em breve, eu acho. Divertidos convites estão saindo amanhã, chamando todos os Grãos - Senhores de Deus para se reunirem para

discutir esta guerra. "

A mão de Lucien apertou o garfo. "Todos?"

Eu não tinha certeza se ele queria dizer Tamlin ou seu pai, mas Rhys acenou com a cabeça no entanto.

Lucien pensou. "Posso oferecer meus conselhos não solicitados?"

Rhys sorriu maliciosamente. "Eu acho que é a primeira vez que alguém nesta mesa já perguntou uma coisa dessas."

Mor e Cassian agora estendiam suas línguas para ele.

Mas Rhys acenou com uma mão preguiçosa para Lucien. "Por todos os meios, aconselhe."

Lucien estudou meu companheiro, depois eu. - "Suponho que Feyre está indo. "

"Eu estou."

Amren tomou um gole de seu copo de sangue - o único som na sala enquanto Lucien pensava de novo. "Nós estamos... você está planejando esconder seus poderes? "

Silêncio.

Rhys finalmente disse: "Isso era algo que eu planejava discutir com minha companheira. Você está inclinado de um jeito ou de outro, Lucien?"

Havia ainda algo afiado em seu tom, algo um pouco vicioso.

Lucien me estudou novamente, e foi um esforço para não me contorcer. "Meu pai provavelmente iria se juntar a Hybern se ele pensa que tem uma chance de obter seu poder de volta dessa maneira, matando você. "

Um rosnado de Rhys.

- "Seus irmãos viram-me, no entanto", eu disse, colocando o meu garfo. "Talvez eles pudessem confundir a chama com a sua, mas o gelo ... "

Lucien empurrou o queixo para Azriel. "Essa é a informação que você precisa coletar. O que meu pai sabe – se meus irmãos perceberam o que ela estava fazendo. Você precisa começar a partir daí, e construir seu plano para Reunião em conformidade. "

Mor disse, "Eris pode manter essa informação para si mesmo e convencer os outros também, se ele pensa que será mais útil dessa maneira." Eu me perguntei se Mor olhou para aquele cabelo vermelho, a pele marrom-dourada que era um poucos tons mais escuras que as de seus irmãos, e ainda via Eris.

Lucien disse calmamente: - "Talvez. Mas precisamos descobrir isso. Se Beron ou Eris tiverem essa informação, vão usá-la para sua vantagem nessa reunião - para controlá-

lo. Ou controlar você. Ou eles podem não aparecer em tudo, e em vez disso ir direto para Hybern. "

Cassian jurou baixinho, e eu estava inclinada a ecoar o sentimento.

Rhys rodou o vinho uma vez, pousou-o e disse a Lucien: - "Você e Azriel devem conversar. Amanhã."

Lucien olhou para o encantador de sombras - que apenas assentiu com a cabeça.

"Estou a sua disposição."

Nenhum de nós era burro o suficiente para perguntar se ele estaria disposto a revelar detalhes sobre a Corte Primaveril. Se ele pensou que Tamlin viria. Talvez fosse uma conversa melhor para outra hora. Com apenas ele e eu. Rhys se recostou no assento.

Contemplando algo. Sua mandíbula apertou, então ele soltou um quase silencioso suspiro de ar, roubado dele mesmo.

Por tudo o que ele estava prestes a revelar, quaisquer planos que tivesse decidido não revelar até agora. Mesmo meu estômago apertou, algum tipo de emoção passou por mim nisto - com essa mente inteligente trabalhando.

Até que Rhys disse: "Há outra reunião que precisa ser realizada - e em breve".

CHAPTER

"Por favor, não diga que precisamos ir a Corte dos Pesadelos", Cassian resmungou em volta de um bocado de comida. Rhys levantou uma sobrancelha.

- Não está com disposição para aterrorizar nossos amigos?

O rosto dourado de Mor empalideceu. - Você quer pedir a meu pai para lutar nesta guerra - disse ela a Rhys.

Eu reinei em minha ingestão aguda de ar.

- O que é a Corte dos Pesadelos? - exigiu Nestha.

Lucien respondeu por nós. "O lugar onde o resto do mundo acredita que a maioria da Corte Noturna vive. " - Ele sacudiu o queixo para Rhys. "O assento de seu poder. Ou foi. "

- Oh, ainda é - disse Rhys. - Para todos fora de Velaris. - Ele olhou fixamente para Mor. "E sim. A legião da Escuridão de Keir é considerável o suficiente para que uma reunião seja garantida. "

A última reunião resultou em que o braço de Keir estava sendo quebrado em tantos lugares que tinha caído. Eu duvidava que o homem estivesse inclinado a nos ajudar em breve - talvez por que Rhys quisesse esse encontro.

Nestha arqueou as sobrancelhas. "Por que não apenas ordená-los? Eles não respondem a você? "

Cassian baixou o garfo, comida esquecida. "Infelizmente, existem protocolos em vigor entre nossas duas subcortes sobre esse tipo de coisa. Geralmente governam a si mesmos - com o pai de Mor, seu governante."

A garganta de Mor balançou. Azriel observou-a cuidadosamente, sua boca era uma linha apertada.

- O comissário da cidade Escavada tem o direito legal de se recusar a ajudar meus exércitos - Rhys explicou a Nestha, para mim. "Fazia parte do acordo que meu antepassado fez com a Corte dos Pesadelos, todos aqueles milhares de anos atrás eles permaneceriam dentro daquela montanha, não nos desafiariam ou perturbariam além de suas fronteiras... e manteriam o direito de decidir não ajudar na guerra. "

"E eles recusaram?" Eu perguntei.

Mor assentiu gravemente. "Duas vezes. Não meu pai." Ela quase engasgou com a palavra. "Mas ... houveram duas Guerras há muito, muito tempo. Eles escolheram não lutar. Ganhamos, mas ... mal. Com grande custo. "

E com esta guerra sobre nós ... precisaríamos de todos os aliados que pudéssemos reunir. Todo exército.

- Partimos em dois dias - disse Rhys.

- Ele vai dizer não - respondeu Mor. "Não perca seu tempo."

- Então terei de encontrar uma forma de convencê-lo do contrário.

Os olhos de Mor brilharam. "O que?"

Azriel e Cassian trocaram de lugar em seus assentos, e Amren estalou sua língua para Rhys. Desaprovação.

- Ele lutou na Guerra - Rhys disse calmamente. - Talvez tenhamos sorte desta vez também.

- "Eu vou lembrar que a legião da Escuridão foi quase tão ruim quanto o inimigo quando chegou a sua vez - disse Mor, afastando o prato.

- Haverá novas regras.

- Você não estará em condições de fazer regras, e sabe disso - disse Mor.

Rhys apenas girou o vinho novamente. "Veremos."

Olhei para Cassian. O general balançou a cabeça sutilmente. Fique fora desta. Por agora. Engoli em seco, balançando a cabeça para trás concordando.

Mor virou a cabeça em direção a Azriel. "O que você acha?"

O encantador de sombras manteve seu olhar fixo, seu rosto ilegível. Considerando.

Eu tentei não segurar minha respiração.

Defender a fêmea que ele amava ou concordar com o seu GrãoSenhor ... "Não é minha escolha para fazer."

- "Essa é uma resposta besta", desafiou Mor.

Eu poderia ter imaginado, mas magoa piscou nos olhos de Azriel, mas ele só deu de ombros, seu rosto novamente uma máscara de fria indiferença. Os lábios de Mor apertaram-se.

- "Você não precisa vir, Mor", disse Rhys com aquela voz calma e uniforme.

- Claro que vou. Vai piorar se eu não estiver lá." Ela drenou seu vinho em uma rápida inclinação de cabeça dela. "Suponho que tenho dois dias para encontrar um vestido adequado para horrorizar meu pai. "

Amren, pelo menos, riu disso, Cassian também.

Mas Rhys observou Mor por um longo minuto, algumas das estrelas em seus olhos piscando. Eu debati perguntando se havia alguma outra maneira, algum caminho para evitar esta terrível queda entre nós, mas ... Anteriormente, eu tinha discutido com ele. E

com Lucien e minha irmã aqui ... eu mantive minha boca fechada.

Bem, sobre esse assunto. No silêncio que caiu, eu me arranjei para qualquer pedaço de normalidade e virei novamente para Cassian. "Vamos treinar às oito amanhã. Encontro você no ringue. "

- "Sete e meia", ele disse com um sorriso desarmador - um que a maioria de seus inimigos provavelmente correriam.

Lucien voltou para pegar sua comida. Mor reabasteceu seu copo de vinho, Azriel monitorando cada movimento dela, seu garfo apertado em sua mão cicatrizada.

- "Oito", eu respondi com um olhar fixo. Virei-me para Nestha, silenciosa e atenta a tudo isso. "Importar-se em juntar-se a nós?"

- Não.

O silêncio que se seguiu era demasiado intenso para ser casual. Mas eu dei a minha irmã um encolhimento de ombros casual, e peguei o jarro de vinho. Então eu disse a nenhum deles em particular, "Eu quero aprender a voar."

Mor vomitou o vinho pela mesa, espirrando-o pelo peito e pescoço de Azriel. O

Encantador de sombras estava muito ocupado olhando para mim mesmo para observar.

Cassian parecia dividido entre gargalhar sobre Azriel ou ficar boquiaberto.

Minha magia ainda estava fraca demais para crescer aquelas asas Illyrianas, mas gesticulei para os Illyrianos e disse: "Eu quero que você me ensine. "

Mor exclamou - "É verdade?" - enquanto Lucien... Lucien - disse - "Bem, isso explica as asas. "

Nestha inclinou-se para me avaliar. - Que asas?

- "Eu posso mudar de forma", eu admiti. "E com o conflito que se aproxima", declarei a todos eles, "sabendo como voar pode ser ... útil." Eu empurrei meu queixo para Cassian, que agora me estudou com uma intensidade desconcertante. "Suponho que as batalhas contra Hybern incluirão illyrianos. " – observei o general. "Então eu planejo lutar com você. Nos céus. "

Esperei as objeções, para Rhys proibir.

Havia apenas o vento uivando fora das janelas da sala de jantar.

Cassian soltou um suspiro. "Eu não sei se é tecnicamente possível – tempo é importante. Você como eu, têm de aprender não só como voar, mas como suportar o peso de seu escudo e armas - e como trabalho dentro de uma unidade Illyriana. Leva décadas para dominar essa última parte sozinho. Nós temos meses na melhor das hipóteses -

Semanas no pior. "

Meu peito afundou um pouco.

- Então vamos ensinar a ela o que sabemos até então - disse Rhys. Mas as estrelas em seus olhos ficaram geladas quando ele acrescentou: "Eu vou dar-lhe qualquer tipo de vantagem para fugir se as coisas vão a merda. Mesmo um dia de treinamento pode fazer a diferença. "

Azriel recolheu as suas asas, seus belos traços pouco característicos.

Contemplativo. "Eu vou ensinar você"

- "Você está ... certo?" Eu perguntei.

A máscara ilegível deslizou sobre o rosto de Azriel. "Rhys e Cass foram ensinados a voar tão jovens que mal se lembram disso. "

Mas Azriel, trancado nas masmorras de seu odioso pai como um criminoso até os onze anos, negou-lhe capacidade de voar, de lutar, de fazer qualquer coisa que seus instintos illyrianos lhe gritassem para fazer ...

A escuridão ronronou sob o laço. Não raiva de mim, mas ... como Rhys, também, lembrou-se o que tinha sido feito a seu amigo. Ele nunca tinha esquecido. Nenhum deles tinha. Foi um esforço para não olhar para as cicatrizes brutais cobrindo as mãos de Azriel.

Rezei para que Nestha não perguntasse.

- Ensinamos a muitos jovens o básico - retrucou Cassian.

Azriel balançou a cabeça, as sombras se contorcendo em torno de seus pulsos. "Não é o mesmo. Quando você é mais velho, os medos, bloqueios mentais ... é diferente. "

Nenhum deles, nem mesmo Amren, disse nada.

Azriel apenas me disse: "Eu vou te ensinar. Treine com Cass por algumas horas, e eu vou te encontrar quando você estiver livre"- acrescentou para Lucien, que não hesitou com aquelas sombras contorcidas. "Depois do almoço, nos encontraremos. "

Engoli em seco, mas assenti. "Obrigada." E talvez a bondade de Azriel rompesse alguma coisa em mim, mas eu me virei para Nestha. "O Rei de Hybern está tentando derrubar a parede usando o Caldeirão para expandir os buracos já existentes nele." Seus olhos azul-cinza revelaram nada - apenas fervendo de raiva quando citei o rei. "Eu poderia ser capaz de remendar os buracos, mas você ... sendo feito do próprio Caldeirão ... se o Caldeirão pode ampliar esses buracos, talvez você pode fechá-los, também. Com treinamento."

- "Posso te mostrar" - Amren esclareceu a minha irmã. "Ou, em teoria, eu posso. Se começarmos em breve ... amanhã." Ela considerou, então declarou a Rhys: "Quando você for a Corte dos Pesadelos, iremos contigo."

Eu chicoteei minha cabeça para Amren. "O quê?" O pensamento de Nestha naquele lugar.

- A Cidade Escavada é um tesouro de objetos de poder - explicou Amren. "Pode haver oportunidades para prática. Deixe a garota ter uma idéia do que pode ser algo como a Muralha ou o Caldeirão." Ela acrescentou: Quando Azriel parece disposto a objetar, "Secretamente".

Nestha não disse nada.

Eu esperei por sua recusa absoluta, o frio encerramento de toda a esperança.

Mas Nestha apenas perguntou: "Por que não matar o Rei de Hybern antes que ele possa agir?"

Silêncio absoluto.

Amren disse um pouco suavemente, "Se você quer seu golpe de morte, garota, é seu."

O olhar de Nestha deslizou para as portas interiores abertas da sala de jantar. Como se ela pudesse ver todo o caminho para Elain. - "O que aconteceu com as rainhas humanas? "

Eu pisquei. "O que você quer dizer? "

"Eles foram feitas imortais?" Esta pergunta foi para Azriel.

Os Sifões de Azriel ardiam. "Os relatórios foram obscuros e inconsistentes. Alguns dizem que sim, outros dizem que não. "

Nestha examinou o copo de vinho.

Cassian apoiou os antebraços na mesa. "Porque?"

Os olhos de Nestha dispararam diretamente para seu rosto. Ela falou calmamente para mim, para todos nós, mesmo enquanto ela segurava o olhar de Cassian como se ele fosse o único na sala. "No final desta guerra, eu quero que eles morram. O rei, as Rainhas - todos eles. Prometa-me que vais matar todos eles, e eu te ajudo a remendar a Muralha.

Vou treinar com ela "- um empurrão de seu queixo para Amren -" Eu irei para a cidade Escavada ou o que quer que seja ... eu vou fazê-lo. Mas apenas se você me prometer isso."

- "Tudo bem", eu disse. "E talvez precisemos de sua ajuda durante o encontro com os Grãos - Senhores para fornecer testemunho a outros Cortes e aliados do que Hybern é capaz de fazer. Do que foi feito para você. "

- "Não."

- "Você não se importa de concertar a Muralha ou ir para a Corte dos Pesadelos, mas falar com as pessoas é onde você desenha sua linha? "

Nestha apertou a boca. "Não."

Grã-Senhora ou irmã; Irmã ou Grã-Senhora... "A vida das pessoas pode depender do seu relato. O sucesso desta reunião com os Grão - Senhores poderia depender dela. "



Ela agarrou os braços de sua cadeira, como se restringisse. "Não fale comigo. Minha resposta é não. "

Eu inclinei minha cabeça. - "Entendo que o que aconteceu com você foi horrível ..."

- "Você não tem idéia do que era ou não era. Nenhuma ideia. E eu não estou indo para uma reunião como um daqueles Filhos Abençoados, implorando a um Grão – Feérico que teria me matado alegremente como uma mortal para nos ajudar. Eu não vou contar a eles essa história ... minha história."

- Os GrãoSenhores talvez não acreditem em nosso relato, o que faz de você uma testemunha valiosa ...

Nestha empurrou a cadeira para trás, jogando o guardanapo no prato, o molho enxarcando o linho fino.

- Então não é problema meu se você não for confiável. Eu vou te ajudar com a Muralha, mas eu não vou prostituir minha história ao redor para todos em seu nome." Ela se levantou, a cor subindo para seu rosto ordinariamente pálido, e sibilou: "E se você ousar mesmo sugerir a Elain que ela faça tal coisa, eu arrancarei sua garganta."

Seus olhos se ergueram dos meus para varrer todos - estendendo a ameaça.

Nenhum de nós falou quando ela saiu da sala de jantar e bateu a porta fechada atrás dela.

Eu caí em minha cadeira, descansando minha cabeça contra as costas.

Algo bateu na minha frente. Uma garrafa de vinho. "É bom se você beber diretamente dele", foi tudo que Mor disse.

- "Eu diria que Nestha rivaliza com Amren por pura sedentariedade", Rhys refletiu horas depois, enquanto ele e eu andávamos sozinhos pelas ruas de Velaris. "A única diferença é que Amren realmente bebe."

Eu bufei, balançando a cabeça quando nos viramos para a rua larga ao lado do Sidra e beirando ao longo do Arco – Iris. Tantas cicatrizes ainda prejudicavam os adoráveis edifícios de Velaris, ruas cheias de detritos e garras marcadas.

A maior parte tinha sido reparada, mas algumas fachadas tinham sido deixadas como estavam, algumas casas ao longo do rio não mais do que montes de escombros. Nós tínhamos voado para baixo da casa assim que nós terminamos o jantar, bem, o vinho, eu supus. Mor tinha tomado outra garrafa quando ela desapareceu da Casa, Azriel franzindo o cenho, seguiu depois dela.

Rhys e eu não convidámos mais ninguém para vir conosco. Ele só me perguntou através do vínculo, *Caminhe comigo?*

E eu apenas lhe dei um gesto sutil.

E aqui estávamos. Nós tínhamos caminhado por mais de uma hora agora, principalmente em silêncio, principalmente... pensando. Nas palavras, informações e ameaças compartilhadas hoje. Nenhum de nós abrandou nossos passos até chegarmos a esse pequeno restaurante onde tivemos todos um jantar sob as estrelas uma noite.

Algo apertado em meu peito aliviou quando eu vi o edifício intocado, as plantas cítricas nos vasos suspirando em com brisa do rio. E nessa brisa ... aquelas especiarias deliciosas e ricas, carne de alho, tomates fervendo... Eu inclinei minhas costas contra o trilho ao longo do caminho do rio, vendo os trabalhadores dos restaurantes servirem as mesas.

"Quem sabe," eu murmurei, respondendo ele finalmente. "Talvez Nestha pegue o habito de beber sangue também. Eu certamente acredito em sua ameaça de arrancar minha garganta. Talvez ela goste do sabor. "

Rhys riu, o som retumbando em meus ossos enquanto ele pegava um lugar ao meu lado, seus cotovelos apoiados no trilho, as asas dobradas juntas. Eu respirei profundamente, levando o perfume citrico e marinho dele em meus pulmões, meu sangue.

Sua boca roçou meu pescoço. "Você vai me odiar se eu disser que Nestha é ... difícil?"

Eu ri baixinho. "Eu diria que tudo correu bem, considerando todas as coisas. Ela concordou com uma coisa, pelo menos." Eu mastiguei meu lábio inferior. "Eu não devia ter perguntado a ela em público. Eu cometi um erro."

Ele permaneceu em silêncio, ouvindo.

"Com os outros", perguntei, "como você encontra esse equilíbrio - entre o GrãoSenhor e a família?"

Rhys pensou. "Não é fácil. Eu fiz muitas chamadas ruins ao longo dos séculos.

Então eu odeio te dizer que esta noite só poderia ser o começo. "

Soltei um longo suspiro. "Eu deveria ter considerado que dizer a estranhos o que aconteceu com ela em Hybern... Talvez ... não fosse algo com que se sentisse confortável.

Minha irmã tem sido uma pessoa privada, mesmo entre nós. "

Rhys se inclinou para beijar meu pescoço novamente. – "Hoje mais cedo - no sótão"

- disse ele, puxando para trás para encontrar meu olhos. Sincero. Aberto. - "Não queria insultá-la. "

- "Eu sinto muito que eu enfrentei você."

Ele levantou uma sombrancelha escura. "Por que diabos você se desculparia? Eu insultei sua irmã; Você a defendeu. Você tinha todo o direito de chutar minha bunda por isso."

- "Eu não pretendia ... desafiar você."

As sombras brilharam em seus olhos. "Ah." Ele torceu para o Sidra, e eu segui o exemplo. O rio antigo passando, sua superfície escura ondulando com luzes feéricas douradas das lampadas das ruas como jóias brilhantes do arco-íris. "Por isso ficou...

estranha entre nós esta tarde." Ele se encolheu e me encarou totalmente. - "Pela Mãe acima, Feyre."

Minhas bochechas se aqueceram e eu o interrompi antes que ele pudesse continuar.

"Eu entendo o porquê. Uma frente sólida e unificada é importante." Eu arranhei a madeira lisa do trilho com um dedo. "Especialmente para nós."

- Não para nossa família.

O calor se espalhou por mim pelas palavras - nossa família.

Ele pegou minha mão, entrelaçando os dedos. "Nós podemos fazer as regras que quisermos. Você tem todo o direito para me questionar, me empurrar - tanto em privado quanto em público." Um bufo. "Claro, se você decidir realmente chutar minha bunda, eu poderia pedir que seja feito atrás de portas fechadas assim que eu não tenho que sofrer séculos de provocação, mas - "

- Não vou prejudicá-lo em público. E você não vai me mimar.

Ele ficou quieto, me deixando pensar, falar.

- "Podemos questionar um ao outro através do vínculo, se estivermos em torno de outras pessoas além de nossos amigos", eu disse. "Mas por agora, durante estes primeiros anos, eu gostaria de mostrar ao mundo uma frente unificada... Ou seja, se sobrevivermos".

- "Vamos sobreviver." Vontade intransigente nessas palavras, esse rosto. "Mas eu quero que você se sinta confortável empurrando-me, chamando-me para fora- "

- "Quando eu nunca fiz isso?" Ele sorriu. Mas eu acrescentei: "Eu quero que você faça o mesmo - para mim."

- Combinado. Mas entre nossa família... chame-me se eu fizer besteira de tudo que você quer. Insisto, na verdade.

- Porque?

- Porque é divertido.

Eu o cutuquei com um cotovelo.

- "Porque você é minha igual", disse ele. "E tanto quanto isso significa ter as costas um do outro em público, também significa que nos concedemos o dom da honestidade.

De verdade."

Examinei a agitada cidade que nos rodeia. "Posso lhe dar um pouco de verdade, então?"

Ele se acalmou, mas disse: "Sempre."

Eu soltei um suspiro. "Eu acho que você deve ter cuidado – sobre trabalhar com Keir. Não por quão desprezível ele é, mas porque ... eu acho que você poderia realmente ferir Mor se você não jogar direito."

Rhys passou a mão pelos cabelos. "Eu sei, eu sei."

- Vale a pena - o que quer que ele possa oferecer? Se isso significa machucá-la?

- Trabalhamos com Keir há séculos. Ela deveria estar acostumada a isso agora. E

sim - suas tropas valem a pena. A Legião da Escuridão são bem treinados, poderosos, e têm estado ociosos por muito tempo. "

Eu considereei. "A última vez que fomos a Corte dos Pesadelos, eu joguei sua prostituta."

Ele estremeceu com a palavra.

- Mas agora sou sua dama de honra - prossegui, acariciando um dedo sobre o dorso de sua mão. Ele rastreou o movimento minha voz caiu mais baixo. "Para obter Keir para concordar em nos ajudar ... Qualquer dicas sobre que máscara eu deveria usar na cidade Escavada?"

- "É você quem decide", disse ele, ainda observando meu dedo rastrear ociosos círculos em sua pele. "Você tem visto como eu sou lá - como somos. É para você decidir como jogar como quiser. "

"Acho que é melhor eu decidir logo - não apenas por isso, mas no encontro com os outros GrãoSenhores em duas semanas. "

Rhys olhou de soslaio para mim. "Todas as cortes serão convidadas."

- Duvido que ele venha, já que ele é o aliado de Hybern e sabe que o mataríamos.

A brisa do rio agitou seu cabelo azul-preto. "A reunião ocorrerá com um feitiço de ligação que força todos nós a cessar-fogo. Se alguém quebra-lo enquanto a reunião ocorre, a magia vai exigir um custo íngreme. Provavelmente sua vida. Tamlin não seria estúpido o suficiente para atacar - nem nós a ele. "

- Por que convidá-lo?

- Excluí-lo só lhe dará mais munição contra nós. Acredite, tenho pouco desejo de ver ele. Ou Beron. Que talvez esteja mais alto na minha lista de matar do que Tamlin agora.

- Tarquin estará lá. E nós estamos bem alto em sua lista de matar.

- "Mesmo com os rubis de sangue, ele não seria estúpido o suficiente para atacar durante a reunião." Rhys suspirou através de seu nariz.

- "Quantos aliados podemos contar? Além de Keir e da Cidade Escavada, quero dizer." Eu olhei para baixo para a passagem do Rio. Os comensais e os foliões estavam muito ocupados desfrutando-se para notar mesmo a nossa presença, mesmo com as asas reconhecíveis de Rhys. Ainda assim - talvez não seja o melhor lugar para esta conversa.

- Não tenho certeza - Rhys admitiu. - Helion e a Corte Diurna, provavelmente.

Kallias ... talvez. As coisas têm sido forçadas com a Corte Estival desde Sob a Montanha."

- Suponho que Azriel vai descobrir mais.

- Ele já está na caça.

Eu balancei uma cabeça. "Amren alegou que ela e Nestha precisavam de ajuda para pesquisar maneiras de reparar a parede." Eu gesticulei para a cidade. - "Aponte-me para a melhor biblioteca para encontrar esse tipo de coisa. "

Rhys levantou as sobrancelhas. "Agora mesmo? Sua ética de trabalho coloca a minha em vergonha. "

Eu assobieei, "Amanhã, inteligente."

Ele riu, as asas se abrindo e encaixando com força. Asas ... asas que ele permitiu que Lucien visse.

- Você confia em Lucien.

Rhys inclinou a cabeça para a pergunta. "Eu confio no fato que nós temos atualmente a posseção da única coisa que ele quer acima de tudo. E enquanto isso permanecer, ele vai tentar ficar do nosso lado bom. Mas se algo muda... Seu talento foi desperdiçado na Corte Primavera. Havia uma razão para ele ter aquela máscara de raposa, você sabe." Sua boca puxou para o lado. "Se ele conseguisse levar Elain embora, de volta à Corte Primavera ou onde quer que seja... você acredita, no fundo, que ele não venderia o que sabe? Ou para ganhar, ou para garantir que ela fique segura? "

- Você o deixou ouvir tudo hoje à noite, no entanto.

- Nada disso é informação que deixe Hybern nos destruir. O rei provavelmente já sabe que iremos para a aliança de Keir - que tentaremos encontrar uma maneira de impedi-lo de derrubar a Muralha. Ele não estava sutil com a busca de Dagdan e Brannagh. E ele espera que nós tentemos juntar os Grãos - Senhores. É por isso que o local da reunião não será decidido até mais tarde. Vou dizer a Lucien, então? Vamos decidir pelo caminho."

Eu considerei sua pergunta: Eu confiei em Lucien? Eu também não sei, eu admito e suspiro. "Eu não sei como que Elain é um peão nisto. "

Nunca é fácil.

Ele lidou com essas coisas durante séculos. "Quero esperar - ver o que Lucien faz nas próximas duas semanas. Como ele age, conosco e Elain. O que Azriel pensa dele."

Eu franzi o cenho. "Ele não é uma pessoa má. Ele não é mau. "

"Ele certamente não é."

"Eu só ..." Eu encontrei seu olhar calmo e firme. "Existe o risco de confiar nele sem questionar. "

"Ele discutiu o que ele sente sobre Tamlin?"

"Não. Eu não queria empurrar isso ... Ele estava... com remorso com o que aconteceu comigo, e Hybern, e Elain. Ele teria se sentido assim sem Elain na mistura? Eu não sei, talvez. Eu não acho que ele teria vindo, embora. "

Rhys tirou o cabelo do meu rosto. "É tudo parte do jogo, querida Feyre. Quem confiar, quando confiar, que informação trocar. "

- Você gosta disso?

- "Não. Quando os riscos são tão altos. " - Seus dedos roçaram minha testa. "Tenho tanto a perder. "

Eu coloquei minha palma sobre seu peito, bem sobre aquelas tatuagens illyrianas, sob suas roupas, bem sobre seu coração.

Senti a batida forte ecoando em minha pele e ossos. Eu esqueci a cidade ao nosso redor enquanto ele encontrava meus olhos, lábios pairando sobre minha pele, e murmurou: "Continue planejando o nosso futuro, com guerra ou sem guerra. Vou continuar planejando nosso futuro. "

Minha garganta queimou, e eu acenei.

- "Nós merecemos ser felizes", ele disse, seus olhos brilhando o suficiente para me dizer que ele lembrou das palavras que eu disse a ele no telhado da casa da cidade após o ataque. "E vou lutar com tudo que tenho para garantir isso."

- "Vamos lutar", eu disse com voz rouca. "Não apenas você - não mais."

Demais. Ele já havia dado muito e ainda parecia pensar que não era suficiente.

Mas Rhys apenas olhou por cima de seu ombro largo, para o alegre restaurante atrás de nós. "Aquele primeira noite nós todos viemos aqui ", ele disse, e eu segui seu olhar, observando os trabalhadores montarem as mesas com amor, precisão. "Quando você disse a Sevrada que você se sentiu acordada enquanto comia sua comida..." Ele balançou a cabeça. Esta foi a primeira vez que você parecia ... pacífica. Como se estivesse realmente acordada, viva novamente. Eu estava tão aliviado, pensei em vomitar diretamente sobre a mesa.

Eu me lembrei do olhar longo e estranho que ele me deu quando eu finalmente falei.

Em seguida, a longa caminhada que tínhamos tomado para casa, quando ouvimos aquela música que ele tinha enviado para a minha cela Sob a Montanha.

Eu empurrei o trilho e puxei-o para a ponte que atravessava a Sidra - a ponte para nos levar para casa. Deixe o debate sobre quem daria o máximo nesta guerra por agora.

"Caminhe comigo - através do Arco-Iris ". A jóia brilhante e colorida da cidade, o coração palpitante que abrigava o bairro dos artistas.

Vibrante e iluminada a esta hora da noite.

Eu segurei suas armas antes de dizer: "Você e esta cidade me ajudaram a me acordar - ajudaram a me trazer de volta." Seus olhos brilharam quando eu sorri para ele. "Eu vou lutar com tudo o que tenho, também, Rhys. Tudo."

Ele só beijou o topo da minha cabeça, me puxando mais perto enquanto cruzávamos o Sidra sob o céu

estrelado.

CHAPTER

Era uma coisa boa que eu insisti em encontrar Cassian às oito, porque mesmo acordando ao amanhecer, um olhar para o rosto dormindo de Rhysand tinha-me dado a decisão de passar a manhã lentamente, docemente acordando-o.

Eu ainda estava corada pelo tempo que Rhys me deixou no anel da varanda sobre a Casa do Vento, o espaço cercado por uma parede da rocha vermelha, a parte superior aberta aos elementos. Ele prometeu me encontrar depois do almoço para me mostrar a biblioteca para a minha investigação, então me deu uma piscadela e um beijo pateta na bochecha antes de se lançar de volta ao céu com uma poderosa batida de suas asas.

Inclinando-me contra a parede, ao lado da prateleira de armas, Cassian apenas disse: -"Espero que você não tenha se esforçado muito já, porque isso vai realmente doer. "

Eu revirei os olhos, mesmo enquanto eu tentava fechar a imagem de Rhysand me colocando em meu estômago, em seguida, beijando seu caminho pela minha espinha.

Mais baixo. Tentei excluir a sensação de suas mãos fortes segurando meus quadris e levantando-os, levantando-os, até que ele se deitou debaixo deles e festejou em mim, até que eu estava silenciosamente implorando, e subiu atrás de mim e eu tive que morder meu travesseiro para não acordar a casa inteira com meu gemido.

Rhysand de manhã era... Eu não tinha palavras para o que era quando ele estava sem pressa, preguiçoso e perverso, quando seu cabelo ainda estava amassado com o sono e seus olhos adquiriram aquele brilho prazeroso, puramente de macho, que ainda persistia um momento atrás, esse brilho preguiçoso e satisfeito, e seu beijo burlamente casto em minha bochecha tinha enviado uma linha vermelha e quente através de mim.

Mais tarde, eu o torturaria mais tarde.

Por enquanto... Caminhei para onde Cassian estava de pé, girando meus ombros.

"Dois homens Illyrianos me fazendo suar em uma manhã. O que mais uma mulher pode querer?"

Cassian deu uma gargalhada. "Pelo menos você apareceu com algum espírito."

Eu sorri, apoiando minhas mãos em meus quadris quando examinei o rack de armas.

"Qual? "

- "Nenhuma." Ele empurrou seu queixo para o anel gravado em giz branco atrás de nós. "Faz um tempo desde que treinamos. Nós estamos gastando hoje indo sobre o básico."

As palavras foram atadas com bastante aperto e eu disse, "Não tem sido tanto tempo."

- Faz um mês e meio.



Eu o estudei, as asas recolhidas, os cabelos escuros no comprimento dos ombros.

"O que está errado? "

- "Nada." Ele passou por mim até o ringue.

- É Nestha?

- "Nem tudo na minha vida é sobre sua irmã, você sabe."

Eu mantive minha boca fechada nessa frente. "É algo com a visita a Corte dos Pesadelos amanhã?"

Cassian tirou a camisa, revelando os músculos ondulados cobertos de belas e intrincadas tatuagens Illyrianas.

Marcas de sorte e glória. "Não é nada. Posicione-se."

Eu obedeci, mesmo quando eu o olhei cuidadosamente. "Você esta bravo."

Ele se recusou a falar até que eu comecei meu circuito de aquecimento: vários socos, chutes e giros projetados para afrouxar meus músculos. E só quando começamos a lutar, suas mãos enroladas contra a minha, ataque de socos, ele disse: "Você e Rhys esconderam a verdade de nós. E nós entramos em Hybern cegos sobre isso."

- Sobre o que?

- Que você é Grã-Senhora.

Eu cutucava suas mãos levantadas em uma combinação de um-dois, respirando com dificuldade. "Que diferença teria feito?"

- Teria mudado tudo. Nada disso teria caído assim.

- Talvez seja por isso que Rhys decidiu mantê-lo em segredo.

- Hybern foi um desastre.

Eu parei meu soco. "Você sabia que eu era sua parceira quando fomos. Eu não vejo como ser Grã-Senhora altera qualquer coisa."

- Sim.

Coloquei minhas mãos em meus quadris, ignorando seu movimento para continuar.

"Porque?"

Cassian passou a mão pelos cabelos. "Porque... porque como sua parceira, você ainda era ... dele para proteger. Oh, não fique com esse olhar. Ele é seu também para proteger. Eu teria colocado minha vida para baixo para você como sua Companheira - e como seu amigo. Mas você ainda era... dele. "

- E como Grã – Senhora?

Cassian soltou uma respiração áspera. "Como Grã - Senhora, você é minha. E de Azriel, e Mor e Amren. Você pertence a todos nós, e nós pertencemos a você. Nós não temos que... colocá-la em tanto perigo. "

- Talvez seja por isso que Rhys queria manter isso em segredo. Teria mudado seu foco.

- Isso é entre você e eu. E confie em mim, Rhys e eu trocamos... palavras sobre isso.

Levantei uma sobrancelha. "Você está bravo comigo?"

Ele balançou a cabeça, os olhos se fechando.

- Cassian.

Ele apenas levantou as mãos em uma ordem silenciosa para continuar. Eu suspirei e comecei de novo. Foi somente depois que eu comecei através de quinze repetições e estava ofegando pesadamente que Cassian disse, "Você não pensou que você era essencial. Você salvou nossas bundas, sim, mas ... você não achava que fosse essencial aqui. "

Um-dois, um-dois, um-dois. "Eu não sou." Ele abriu sua boca, mas eu carreguei adiante, falando em torno do meus suspiros para respirar. "Todos vocês têm um... dever - vocês são todos vitais. Sim, eu tenho minhas próprias habilidades, mas... Você e Azriel estavam feridos, minhas irmãs estavam ... você sabe o que aconteceu com elas. Eu fiz o que pude para nos tirar. Preferia que fosse eu mais do que qualquer um de vocês. Eu não poderia ter vivido com outra alternativa. "

Suas mãos levantadas eram inabaláveis enquanto eu as golpeava. "Qualquer coisa poderia ter acontecido com você na Corte Primavera. "

Parei novamente. "Se Rhys não está me assando com a besteira superprotetora, então eu não vejo por que você ..."

- Não pense por um momento que Rhys não estava fora de si de preocupação. Oh, ele parece controlado o suficiente, Feyre, mas eu o conheço. E a cada momento que você se foi, ele estava em pânico. Sim, ele sabia – nós sabíamos que você poderia lidar com isso. Mas isso não nos impede de nos preocupar.

Eu sacudi minhas mãos doloridas, depois esfreguei meus braços já doloridos. "Você estava com raiva dele, também."

- Se eu não estivesse curando, eu teria chutado sua bunda de uma ponta de Velaris para a outra.

Eu não respondi.

- Estávamos todos aterrorizados por você.

- Eu consegui muito bem.

- "Claro que você fez. Sabíamos que o faria. Mas... " Cassian cruzou os braços.

"Rhys fez a mesma merda há cinquenta anos. Quando ele foi para aquela maldita festa que Amarantha e jogou. "

Oh. Oh.

- "Eu nunca vou esquecer, você sabe," ele disse, soprando um suspiro. "O momento em que falou a todos nós, mente à mente. Quando eu percebi o que estava acontecendo, e que... ele nos salvou. Apanhados aqui e amarrando nossas mãos, mas... " Ele coçou a têmpora. "Ficou quieto - na minha cabeça. De uma forma que não tinha sido antes. Não desde... " Cassian apertou os olhos para o céu sem nuvens. "Mesmo com o inferno total desencadeando aqui, em toda o nosso Território, eu apenas fiquei... quieto." Ele bateu o lado de sua cabeça com um dedo, e franziu a testa. "Depois de Hybern, a curandeira me manteve adormecido enquanto ela trabalhava em minhas asas. Então, quando eu acordei duas semanas depois ... isso foi quando eu ouvi. E quando Mor me contou o que aconteceu com você... Ficou quieto de novo."

Engoli em seco contra a constrição de minha garganta. - "Você me encontrou quando eu mais precisei de você, Cassian. "

- "Prazer em estar de serviço." Ele me deu um sorriso sombrio. "Você pode confiar em nós, você sabe. Vocês dois. Ele é inclinado a fazer tudo sozinho - para dar tudo de si mesmo. Ele não consegue suportar que ninguém mais ofereça qualquer coisa." Esse sorriso desapareceu. "Nem você pode. "

- E você pode?

- Não é fácil, mas sim. Sou general dos seus exércitos. Parte disso inclui saber como delegar. Eu tenho estado com Rhys por mais de quinhentos anos e ele ainda tenta fazer tudo sozinho. Ainda pensa que não é suficiente.

Eu sabia disso... muito bem. E o pensamento de Rhys, nesta guerra, tentando assumir tudo o que nos enfrentava...

Náusea agitada no meu intestino. "Ele dá ordens o tempo todo."

- "Sim. E ele é bom em saber o que nos mandar fazer. Mas quando se trata sobre ele parar..." Cassian ajustou os embrulhos nas mãos. "Se os Grão - Senhores e Keir não se aliarem, ele ainda enfrentará Hybern. E vai pegar o peso da guerra para que não precisemos. "

Uma inquebrável, enjoada espécie de aperto me empurrou. Rhys sobreviveria - ele não ousaria sacrificar tudo para ter certeza de que nós... Rhys faria isso. Ele tinha feito com Amarantha, e ele faria novamente sem hesitação.

Eu me desliguei. Empurrado para baixo. Focada na minha respiração.

Algo chamou a atenção de Cassian para trás. E mesmo que seu corpo permanecia casual, um predador brilho cintilou em seus olhos.

Eu não precisava virar para saber quem estava ali.

- "Quer se juntar?" Cassian ronronou.

Nestha, disse: "Não parece que você está exercitando nada além de suas bocas."

Olhei por cima do meu ombro. Minha irmã estava em um vestido de azul pálido que transformou sua pele dourada, seus cabelos dourados, suas costas uma coluna dura.

Eu me arranjei para dizer alguma coisa, para pedir desculpas, mas... não na frente dele.

Ela não queria essa conversa na frente de Cassian.

Cassian estendeu uma mão embrulhada, seus dedos se encolheram em um movimento chamando-a. "Assustada?"

Sabidamente mantive minha boca fechada quando Nestha saiu da porta aberta para a luz ofuscante do pátio. "Por que eu deveria estar com medo de um morcego de grandes dimensões que gosta de fazer birras?"

Eu engasguei, e Cassian me lançou um olhar de advertência, me desafiando a rir.

Mas eu senti por esse vínculo em minha mente, abaixando meus escudos mentais o suficiente para dizer a Rhysand, onde quer que estivesse na cidade, *Por favor, venha me poupar da disputa de Cassian e Nestha.*

Um batimento cardíaco mais tarde, Rhys cantou, *Lamentando tornar-se Grã-*

*Senhora?*

Eu saboreei aquela voz - esse humor. Mas eu empurrei aquele pânico a fogo brando para baixo novamente quando eu retruco, *E isto é parte dos meus deveres?*

Uma risada sensual e escura. *Por que você acha que eu estava tão desesperado por uma parceira? Eu tive quase cinco séculos para lidar com isso sozinho. É justo que você tenha que suportá-lo agora.*

Cassian estava dizendo a Nestha: "Parece que você está um pouco nervosa, Nestha.

E você saiu tão abruptamente noite passada... Qualquer forma que eu possa ajudar a aliviar essa tensão? "

*Por favor*, implorei a Rhys.

*O que você vai me dar?*

Eu não tinha certeza se eu poderia assobiar o laço entre nós, mas da risada que ecoou em minha mente um batimento cardíaco mais tarde, eu sabia que a sensação tinha sido transmitida. *Eu estou em uma reunião com os governadores dos Palácios. Eles podem ser um ficar um pouco nervosos se eu desaparecer.* Tentei não suspirar.

Nestha pegou as unhas. "Amren está vindo para me instruir em alguns -"

Uma sombra ondulou pelo pátio, cortando-a. E não foi Rhysand que pousou entre nós, mas...

*Mandei outro rosto bonito para você admirar*, Rhys disse. *Não tão bonito como o meu, é claro, mas um próximo segundo.*

À medida que as sombras que o cercavam, Azriel avaliou Nestha e Cassian, e então lançou um vago olhar simpático em minha direção. "Eu preciso começar a lição cedo."

Uma mentira de mijó-pobre, mas eu disse, "Certo. Não há problema nenhum. "

Cassian olhou para mim, depois para Azriel. Nós dois o ignoramos enquanto eu caminhava para o sombreador, desenrolando minhas mãos enquanto eu ia.

*Obrigado*, eu disse para baixo o vínculo.

*Você pode fazer isso comigo esta noite.*

Eu tentei não corar com a imagem que Rhys enviou à minha cabeça detalhando exatamente como eu o pagaria, que derrubou meus escudos mentais. No outro lado, eu poderia ter jurado que algo caiu e dedos negros percorram minha mente numa promessa sensual e silenciosa. Engoli em seco.

As asas de Azriel se espalharam, vermelhos e dourados brilhando através do sol brilhante, e ele abriu os braços para mim. "A floresta de pinheiros será boa - a do lago. "

- Porque?

- Porque a água é melhor para cair do que o chão - Cassian respondeu, cruzando os braços.

Meu estômago apertou. Mas eu deixei Azriel me pegar, seu cheiro de névoa gelada e cedro embrulharam ao redor de mim enquanto batia suas asas uma vez, mexendo a sujeira do pátio.

Eu peguei o olhar estreito de Cassian e sorri amplamente. "Boa sorte", eu disse, e Azriel, acrescentou: "Que o Caldeirão abençoe. " – e disparou para o céu sem nuvens.

Nenhum de nós perdeu a maldição de Cassian, sujo, embora não nos dignássemos de comentar.

Cassian era um general - o general da Corte Noturna.

Certamente Nestha não era nada que ele não pudesse segurar.

"Eu larguei Amren na Casa no meu caminho," Azriel me disse quando nós pousamos na costa de um lago turquesa na montanha flanqueado por pinheiros e granito.

"Eu disse a ela para ir ao ringue de treinamento imediatamente." Uma metade de sorriso.

"Depois de alguns minutos, isso é."

Eu bufei e estiquei meus braços. - Pobre Cassian.

Azriel deu um bufo de diversão. - De fato.

Eu me movi em meus pés, pequenas rochas cinzentas ao longo da costa estallavam sob minhas botas. "Assim..."

Os cabelos pretos de Azriel pareciam engolir a luz cegante do sol. - Para voar - disse ele secamente -, você precisa de asas. "

Certo.

Meu rosto se aqueceu. Eu rolei e estalei meus pulsos. "Já faz um tempo desde que eu as convoquei."

Seu olhar penetrante não se afastou do meu rosto, da minha postura. Como imóvel e estável como o granito este lago tinha sido esculpido. Eu poderia muito bem ter sido uma borboleta flutuando em comparação.

"Você precisa de mim" - Ele levantou uma sombrancelha escura em ênfase.

Eu me encolhi. - "Não. Mas... pode me levar algumas tentativas. "

- Nós começamos nossa lição cedo - temos muito tempo.

- Eu aprecio você fazer o esforço para fingir que não era porque eu estava desesperada para evitar as brigas de Cassian e Nestha da manhã.

- Eu nunca deixaria minha Grã-Senhora sofrer por isso. Ele disse completamente de sério.

Eu ri, esfregando um ponto dolorido no meu ombro. "Você está ... pronto para se encontrar com Lucien mais tarde?"

Azriel inclinou a cabeça. "Eu deveria estar me preparando para isso?"

"Não. Eu apenas..." Eu dei de ombros "Quando você parte para coletar informações sobre os Grão - Senhores?"

- "Depois que eu conversar com ele. " Seus olhos brilhavam de diversão. Como se ele soubesse que eu estava comprando tempo.

Eu soltei um suspiro. Certo, aqui vamos nós.

Tocando nessa parte de mim, a parte que Tamlin tinha me dado... Algum pedaço vital do meu coração recuou.

Até que algo afiado e vicioso no meu intestino encontrou o que eu tinha tomado.

Tudo o que eu tinha tomado.

Empurrei os pensamentos, concentrando-me nessas asas Illyrianas. Eu as convocara naquele dia na floresta da pura memória e do medo. Criando-as agora.. Eu deixei minha mente deslizar em minhas lembranças das asas de Rhys, como se sentiram, se moveram e pesaram...

"A tela precisa ser um pouco mais grossa," Azriel ofereceu quando um peso começou a arrastar nas minhas costas. "Fortalecer os músculos que a levam. "

Eu obedeci, minha magia ouvindo por sua vez. Ele forneceu mais detalhes, onde adicionar e onde facilitar, onde alisar e onde endurecer. Eu estava forçando para respirar, suor escorregando pela minha espinha, pelo tempo que ele disse, "Bom." Ele limpou a sua garganta "Eu sei que você não é Illyriana, mas... entre seu tipo, é considerado...

inapropriado tocar as asas de alguém sem permissão. Especialmente mulheres. "

Seu tipo. Não dele.

Levei um momento para perceber o que ele estava perguntando. "Oh-oh. Certo, continue."

"Eu preciso verificar se elas estão bem."

"Certo." Eu virei minhas costas para ele, meus músculos gemendo enquanto eles trabalhavam para espalhar as asas. Tudo-do meu pescoço aos meus ombros, às minhas costelas, à minha espinha até ao meu traseiro - pareciam agora controlá-los, e era latindo em protesto contra o peso e o movimento.

Eu só as tive por alguns segundos com Lucien na Floresta - eu não tinha percebido quão pesado elas eram, como era complexos os músculos.

As mãos de Azriel, apesar de todas as suas cicatrizes, eram suaves quando ele agarrou e tocou certas áreas, deu tapinhas em outras. Eu cerrei os dentes, a sensação como... como ter o arco do meu pé em cócegas. Mas ele fez um rápido trabalho, e eu revirei meus ombros novamente enquanto ele andava em volta de mim para murmurar, "É incrível. Eles são iguais as minhas. "

"Acho que a magia fez a maior parte do trabalho."

Uma sacudida da cabeça. "Você é um artista - é sua atenção aos detalhes."

Eu corei um pouco com o elogio, e apoiei minhas mãos em meus quadris. "Bem?"

Vamos pular para os Céus? "

"Primeira lição: não deixe que elas arrastem no chão."

Eu pisquei. Minhas asas estavam realmente descansando sobre as rochas. "Porque?"

- Os illyrianos acham que é preguiçoso - um sinal de fraqueza. E, do ponto de vista prático, o terreno está cheio de coisas que poderiam ferir suas asas. Pedras, lascas... Eles não só podem ficar presos e levar a infecção, mas também o impacto da forma como a asa trava o vento. Portanto, mantenha-as fora do chão.

Uma dor afiada como faca ondulou pelas minhas costas enquanto eu tentava levantá-las. Eu consegui ficar na posição vertical. A direita apenas caída como uma vela solta.

- Você precisa fortalecer os músculos das costas... e suas coxas. E seus braços. E o centro.

- Tudo, então.

Mais uma vez, aquele sorriso seco e quieto. "Por que você acha que os Illyrianos são tão aptos?"

- Por que ninguém me avisou sobre esse seu lado arrogante?

A boca de Azriel se contraiu. "Ambas as asas para cima."

Uma exigência calma mas inflexível.

Eu estremei, contorcendo meu corpo desta forma e que enquanto eu lutava para obter o direito de se levantar. Sem sorte.

- Tente abri-las, depois fechá-las, se não conseguir levantá-la assim.

Eu obedeci, e sibilou a dor aguda ao longo de cada músculo em minhas costas enquanto eu estendia as asas. Mesmo a mais leve brisa do lago fazia cócegas e puxava, eu afastei meus pés na rocha, procurando alguma aparência de equilíbrio -

"Agora dobre para dentro."

Eu fiz, estalando-os fechadas em um movimento tão rápido que me derrubou para a frente. Azriel me pegou antes que eu pudesse comer pedra, segurando-me firmemente sob o ombro e me arrastando.

- Construir seus músculos do centro também ajudará com o equilíbrio.

- Então, de volta para Cassian. "

Um aceno de cabeça. "Amanhã. Hoje, concentre-se em levantar e dobrar, espalhar e levantar." As asas de Azriel brilharam Com o vermelho e o ouro como o sol os dourou. "Assim." Ele demonstrou, estendendo as asas largamente, fechando-as, queimando, dobrando, enfiando-os dentro repetidamente.

Suspirando, segui seus movimentos, minhas costas latejando e doendo. Talvez as aulas de vôo fossem perda de tempo.

CHAPTER



"Eu nunca fui a uma biblioteca antes," eu admiti a Rhys após o almoço, enquanto nós descíamos para baixo nível após o nível sob a Casa do Vento, minhas palavras ecoando na pedra vermelha esculpida. Eu estremeci a cada passo, esfregando minhas costas. Azriel tinha me dado um tônico que ajudaria com a dor, mas eu sabia que por esta noite, eu estaria choramingando, se horas de pesquisa para qualquer maneira de corrigir os buracos na Muralha não me fizessem começar em primeiro lugar.

"Quero dizer," eu esclareci, "sem contar as bibliotecas privadas aqui e na Corte Primavera, e minha família tinha um também, mas não... Não era de verdade. "

Rhys olhou de soslaio para mim. "Ouvi dizer que os seres humanos têm bibliotecas livres por alguém."

Eu não tinha certeza se era uma pergunta ou não, mas eu acenei com a cabeça. "Em um dos territórios, eles permitem que qualquer um, independentemente de sua classe ou linhagem." Eu considerei suas palavras. "Houve ... havia bibliotecas antes da Guerra?"

Claro que houve, mas o que eu quis dizer...

- Sim. Grandes bibliotecas, cheias de estudiosos mal-humorados que poderiam encontrar-te em volumes que datam de milhares de anos. Mas os seres humanos não eram permitidos - a menos que você fosse escravo de alguém em um serviço, e mesmo então você seria observado de perto.

- Porque?

- "Porque os livros estavam cheios de magia, e coisas que eles queriam impedir que os humanos soubessem." Rhys Enfiou as mãos nos bolsos, conduzindo-me por um corredor iluminado apenas por tigelas de luz feérica levantadas pelas mãos de belas estátuas femininas, suas formas feéricas altas e semelhantes. "Os estudiosos e bibliotecários recusaram-se a manter seus próprios escravos - alguns por motivos pessoais, mas principalmente porque não os queriam acessando os livros e arquivos. "

Rhys apontou para outra escada curva. Devemos ter descido muito abaixo da montanha, o ar era seco, frio e pesado. Como se tivesse sido preso ali dentro por séculos.

- O que aconteceu com as bibliotecas, foram destruídas?

Rhys retraiu ainda mais as asas enquanto as escadas ficavam mais apertadas, o teto caindo. "A maioria dos estudiosos teve tempo o suficiente para evacuar - e foram capazes de carregar os livros para fora. Mas se eles não tiveram o tempo ou o bruto poder ... " Um músculo tiquetaqueou em sua mandíbula. "Eles queimaram as bibliotecas. Em vez de permitir que os seres humanos recolhessem as preciosas informações".

Um arrepio cobriu minha espinha. "Eles preferem ter perdido essa informação para sempre?"

Ele acenou com a cabeça, a luz fraca dourando seus cabelos azul-pretos.

"Preconceitos delado, o medo era que os seres humanos iriam encontrar feitiços perigosos - e usá-los

contra nós. "

- Mas nós ... quer dizer, eles não têm magia. Os seres humanos não têm magia.

- Alguns tem. Geralmente os que podem reivindicar a ascendência Feérica distante.

Mas algumas desses feitiços não exigem mágica do portador - apenas palavras certas ou uso de ingredientes.

Suas palavras se agarraram em algo em minha mente. "Poderia - quero dizer, obviamente eles fizeram, mas ... Humanos e os feéricos alguma vez acasalaram? O que aconteceu com a prole? Se você fosse metade Feérico, metade humano, onde ele ficaria uma vez que a muralha foi levantada? "

Rhys entrou em um corredor ao pé da escada, revelando uma ampla passagem de pedra vermelha esculpida e um conjunto selado de portas de obsidiana, veias de prata correndo por toda parte. Bonito... aterrorizante. Como se uma enorme besta fosse mantida atrás delas.

- Não deu certo para os mestiços,- disse ele depois de um momento. "Muitos eram descendentes de feéricos inferiores. A maioria escolheu ficar com suas mães humanas -

suas famílias humanas. Mas uma vez que a muralha subiu, entre os seres humanos, eles eram um... lembrete do que tinha sido feito, dos inimigos espreitando acima de um muro.

Na melhor das hipóteses, eles eram párias e seus filhos também seriam párias, se também possuíam os traços físicos. Na pior das hipóteses... Os humanos estavam zangados nesses primeiros anos, e naquela primeira geração depois. Eles queriam alguém para pagar pela escravidão, pelos crimes contra eles. Mesmo que o mestiço tivesse feito nada de errado...

Não terminou bem. "

Aproximou-se das portas, que se abriam num vento fantasmagórico, como se a própria montanha vivesse para servir ele.

- E os que estão acima da muralha?

- Eles eram considerados ainda mais baixos do que os feéricos inferiores. Ou eles eram indesejados em todos os lugares que foram, ou... muitos encontraram trabalho nas ruas. Vendendo-se."

- "Aqui em Velaris?" Minhas palavras eram um simples sussurro de ar.

- Meu pai ainda era o Grão - Senhor - disse Rhys, com as costas enrijecidas. "Nós não tínhamos permitido nenhum homem, escravo ou livre, em nosso território em séculos.

Ele não permitiu que eles se prostituíssem ou encontrassem um santuário."

- E uma vez que você era o Grão – Senhor?

Rhys parou diante da escuridão que se espalhou para além de nós. "Até então, era muito tarde para a maioria deles. Isto é difícil de... oferecer refúgio a alguém sem ser capaz de explicar onde estávamos

oferecendo-lhes um lugar seguro. Para divulgar a notícia, mantendo nossa ilusão de crueldade." A luz das estrelas gotejava em seus olhos.

"Ao longo dos anos, encontramos alguns. Alguns foram capazes de viver aqui. Alguns foram... além de nossa ajuda. "

Algo se moveu na escuridão para além das portas, mas eu mantive meu foco em seu rosto, em seus tensos ombros "Se a Muralha cair, você vai ...?" Eu não consegui terminar as palavras.

Rhys deslizou seus dedos pelos meus, entrelaçando nossas mãos. "Sim. Se houver aqueles, humanos ou feéricos, que precisam de um lugar seguro... esta cidade estará aberta para eles. Velaris esteve fechada por tanto tempo - muito tempo, possivelmente.

Adicionar novas pessoas, de lugares diferentes, histórias e culturas diferentes... Eu não vejo como que poderia ser uma coisa ruim. A transição pode ser mais complexa do que esperamos, mas... sim. Os portões para esta cidade estaram abertos para aqueles que precisam de sua proteção. A qualquer um que possa fazer isto aqui. "

Eu apertei sua mão, saboreando os duros calos conquistados nele. Não, eu não deixaria ele carregar o fardo desta guerra, a seu custo, sozinho.

Rhys olhou para as portas abertas - para a figura encapuzada e camuflada esperando pacientemente nas sombras além deles. Cada tendão dolorido e ossos do meu corpo ficaram tensos quando observei as vestes claras, o capuz coroado com uma límpida pedra azul, o painel que poderia ser abaixado sobre os olhos...

Sacerdotisa.

- "Este é Clotho," Rhys disse calmamente, soltando minha mão para me guiar para a mulher que esperava. O peso da sua mão na minha parte inferior das costas me disse o suficiente sobre o quanto ele percebeu a visão dela me embalaria - Ela é uma das dezenas de sacerdotisas que trabalham aqui.

Clotho abaixou a cabeça em um arco, mas não disse nada.

- Eu ... eu não sabia que as sacerdotisas deixaram suas templos.

- Uma biblioteca é um tipo de templo - disse Rhys com um sorriso irônico. "Mas as sacerdotisas aqui ..." Quando nós entramos na biblioteca propriamente dita, luzes douradas cintilaram para a vida. Como se Clotho estivesse em completa escuridão até que nós tínhamos entrado. "Elas são especiais. Únicos."

Ela inclinou a cabeça no que poderia ter sido divertido. Seu rosto permanecia na sombra, seu corpo magro escondido nessas vestes pesadas e pálidas. Silêncio - e ainda assim a vida dançava ao seu redor.

Rhys sorriu calorosamente para a sacerdotisa. - Encontrou os textos?

E foi só quando ela balançou a cabeça em uma espécie de "mais ou menos" que percebi que ela não poderia ou não falaria. Clotho fez um gesto para a esquerda - na própria biblioteca.

E tirei meus olhos da sacerdotisa muda o tempo suficiente para entrar na biblioteca.

Não um quarto cavernoso em uma mansão. Nem mesmo perto.

Isso foi ...

Era como se a base da montanha tivesse sido escavada por algum enorme animal escavador, deixando um poço descendente no coração escuro do mundo. Ao redor desse buraco escancarado, esculpido na própria montanha, espiralando nível após nível de prateleiras e livros e áreas de leitura, levando ao fundo em um preto de tinta.

Do que eu podia ver dos vários níveis enquanto eu me dirigia para a grade de pedra esculpida com vista as pilhas dispararam distante na montanha própria, como os raios de uma roda poderosa.

E através de tudo isso, vibrando como as asas de uma traça, o farfalhar do papel e pergaminho.

Silencioso, e ainda vivo. Desperto, zumbindo e inquieto, algum bicho muito discreto no trabalho constante. Eu olhei para cima, encontrando mais níveis subindo para a Casa acima. E espreitando muito abaixo... Escuridão.

- "O que está no fundo do poço?" Eu perguntei quando Rhys chegou perto de mim, seu ombro escovando o meu.

- Certa vez, ousei pedir para Cassian voar para baixo e ver. Rhys apoiou as mãos no parapeito, olhando com melancolia.

- E?

- E ele voltou, mais rápido do que jamais o vi voar, branco como a morte. Ele nunca me disse o que ele era. As primeiras semanas, achei que era uma brincadeira - só para despertar minha curiosidade. Mas quando eu finalmente decidi ir ver por mim mesmo um mês mais tarde, ele ameaçou amarrar-me a uma cadeira. Ele disse que algumas coisas eram melhores ficarem invisíveis e imperturbáveis. Passaram-se duzentos anos, e ele ainda não me disse o que viu. Se você mesmo mencioná-lo, ele fica pálido e trêmulo e não vai falar por algumas horas.

Meu sangue esfriou. "É ... algum tipo de monstro?"

- Não faço a menor idéia. Rhys empurrou o queixo para Clotho, a sacerdotisa esperando pacientemente alguns passos atrás de nós, seu rosto ainda na sombra. "Elas não falam nem escrevem sobre isso, então se sabem ... certamente não vão me dizer. Portanto, se não nos incomoda, então não vou incomodá-lo. Ou seja, se é mesmo um ele. Cassian nunca disse se viu alguma coisa vivendo lá embaixo. Talvez seja algo completamente diferente.

Considerando as coisas que eu já tinha testemunhado ... Eu não queria pensar sobre o que estava no fundo de uma biblioteca ou o que poderia fazer Cassian, que tinha visto partes mais terríveis e mortíferas do mundo do que eu poderia imaginar, tão aterrorizado.

Com o manto dançando, Clotho apontou para a passagem inclinada para dentro da biblioteca, e nós caímos em um passo atrás dela. Os pisos eram de pedra vermelha, como o resto do lugar, mas lisos e polidos. Eu me perguntava se alguma das sacerdotisas haviam andado de trenó pelo caminho em espiral.

*Não que eu saiba, Rhys disse na minha mente. Mas Mor e eu tentamos uma vez quando éramos crianças. Nossas mães pegaram-nos em nosso terceiro nível para baixo, e fomos enviados para a cama sem ceia.*

Eu apertei meu sorriso. *Foi um crime assim?*

*Nós jogamos óleo no chão, e os estudiosos estavam caindo em seus rostos.*

Tossi para cobrir minha risada, abaixando a cabeça, mesmo com Clotho alguns passos à frente. Nós passamos pilhas de livros e pergaminho, as prateleiras ou construído na própria pedra ou feita de escura, madeira sólida. Corredores alinhados com ambos desapareceram na montanha em si, e a cada poucos minutos, uma área de leitura aparecia, cheia de mesas arrumadas, lâmpadas de vidro de baixa queima, e cadeiras profundamente almofadadas, sofás antigos, tapetes e tecidos adornavam os pisos abaixo deles, geralmente colocados diante de lareiras que haviam sido esculpidas na rocha e mantidas bem afastadas de prateleiras, suas grelhas de malha fina o suficiente para reter qualquer brasas errantes.

Aconchegante, apesar do tamanho do espaço; Quente, apesar do terror desconhecido que espreita abaixo.

*Se os outros me irritam demais, gosto de descer aqui para ter paz e sossego.*

Eu sorri um pouco para Rhys, que continuou olhando para frente enquanto conversávamos.

*Eles não sabem agora que podem encontrá-lo aqui?*

*Claro. Mas eu nunca vou ao mesmo lugar duas vezes em uma fileira, assim que toma geralmente tanto tempo para encontrar-me que eles não se incomodam. Além disso, eles sabem que se eu estou aqui, é porque eu quero ficar sozinho.*

*Pobre bebê GrãoSenhor, eu ri. Ter que fugir para encontrar a solidão perfeita para crescer.*

Rhys apertou meu traseiro, e eu apertei meu lábio para não gritar.

Eu poderia ter jurado que os ombros de Clotho tremeram de riso. Mas antes que eu pudesse morder a cabeça de Rhys para a dor ondulante que meus músculos traseiros já doloridos sentiram no corredor em um movimento repentino, Clotho levou-nos para uma área de leitura cerca de três níveis para baixo, a enorme mesa de trabalho carregada de sujeira, livros antigos amarrados em vários couros escuros.

Uma pilha arrumada de papel foi colocada para um lado, juntamente com uma variedade de canetas, e as lâmpadas de leitura estavam em pleno brilho, alegres e brilhantes na escuridão. Um serviço de chá de prata brilhava sobre uma mesa de baixo entre os dois sofás de couro diante da lareira acesa, o vapor ondulando do bico arqueado da chaleira. Biscoitos e sanduíches pequenos enchiam o prato ao lado dele, junto com uma pilha grande de guardanapos que sutilmente sugeriam usá-los antes de tocar os livros.

- "Obrigado", disse Rhys à sacerdotisa, que só puxou um livro da pilha que ela sem dúvida tinha reunido e abriu-a para uma página marcada. A antiga fita de veludo era a cor de sangue antigo - mas era sua mão que me atingiu quando encontrou a luz dourada das lâmpadas.

Seus dedos estavam tortos. Dobrados e torcidos em tais ângulos eu teria pensado que ela nasceu com eles assim se não fossem as cicatrizes.

Por um piscar de olhos, eu estava sob a biblioteca. Por outro um piscar de olhos, ouvi o barulho de pedra na carne e no osso enquanto eu fazia outra sacerdotisa esmagar a própria mão. De novo e de novo.

Rhys pôs uma mão na minha parte inferior das costas. O esforço que deve ter tomado Clotho para mover tudo em um lugar com aquelas mãos nodosas ...

Mas ela olhou para outro livro - ou pelo menos sua cabeça virou para aquele lado -

e ela deslizou para ele.

Magia. Certo.

Ela gesticulou com um dedo que estava dobrado em duas direções diferentes: para a página que ela tinha selecionado, então para o livro.

- Vou procurar - disse Rhys, inclinando a cabeça. "Vamos dar um grito se precisamos de alguma coisa."

Clotho inclinou a cabeça novamente e começou a se afastar, cuidadosa e silenciosa.

- "Obrigado", eu disse a ela.

A sacerdotisa parou, olhando para trás, e curvou a cabeça, o capô balançando.

Em poucos segundos, ela se foi. Eu olhei para ela, mesmo quando Rhys deslizou para uma das duas cadeiras diante das pilhas de livros.

- "Há muito tempo, Clotho ficou muito ferida por um grupo de homens", Rhys disse calmamente.

Eu não precisava de detalhes para saber o que isso implicava. A borda na voz de Rhys implicava o suficiente.

- Eles cortaram sua língua para que ela não pudesse dizer a ninguém quem a tinha machucado. E esmagou suas mãos para que ela não pudesse escrevê-lo." Cada palavra era mais cortada do que a última, e a escuridão rosou através do pequeno espaço.

Meu estômago se virou. - Por que não matá-la?

- Porque era mais divertido para eles assim. Ou seja, até que Mor a encontrou. E

trouxe-a para mim.

Quando ele indubitavelmente olhou em sua mente e viu seus rostos.

- "Eu deixei Mor caçá-los." Suas asas dobraram firmemente. "E quando ela terminou, ela ficou aqui embaixo por um mês. Ajudando Clotho a curar o melhor que poderia ser esperado, mas também... limpando a mancha deles.

O trauma de Mor tinha sido diferente, mas... Eu entendi por que ela tinha feito isso, queria estar aqui. Fiquei imaginando se ela lhe concedeu qualquer medida de encerramento.

- Cassian e Azriel foram completamente curados após Hybern. Nada poderia ser feito para Clotho?

- Os machos estavam... curando-a enquanto a machucavam. Fazendo as lesões permanentes. Quando Mor a encontrou, o dano tinha sido fixado. Eles não tinham terminado suas mãos, então nós pudemos salvá-las, dar-lhe um meio de usar, mas... Para curá-la, as feridas teriam de ser rasgadas novamente. Eu ofereci para tomar a dor afastada enquanto fosse feito, mas... Ela não podia suportá-lo - ter as feridas abertas novamente seria gatilho em sua mente. No coração dela. Ela vive aqui desde então - com outros como ela. Sua magia ajuda com sua mobilidade. "

Eu sabia que deveríamos começar a trabalhar, mas eu perguntei, "São... todas as sacerdotisas nesta biblioteca como ela?"

- Sim.

A palavra continha séculos de raiva e dor.

- Eu fiz esta biblioteca como um refúgio para elas. Algumas vêm para se curar, trabalhar como acólitas, e depois sair; Algumas tomar os juramentos para o Caldeirão e Mãe para se tornarem sacerdotisas e permanecer aqui para sempre. Mas ela pertence para elas ficarem uma semana ou uma vida. Os forasteiros podem usar a biblioteca para pesquisa, mas somente se as sacerdotisas aprovarem. E somente se eles tomarem juramentos vinculativos para não fazer mal enquanto eles visitam. Esta Biblioteca pertence a elas.

- Quem estava aqui antes delas?

- Alguns velhos eruditos antigos, que me amaldiçoaram profundamente quando eu os transferei para outras bibliotecas da Cidade. Eles ainda têm acesso, mas quando e onde é sempre aprovado pelas sacerdotisas.

Escolha. Sempre tinha sido sobre a minha escolha com ele. E para outros também.

Muito antes de ele aprender a maneira dura sobre tudo. A pergunta deve ter transparecido em meus olhos porque Rhys acrescentou: "Eu vim aqui muito nas semanas depois de Sob a Montanha. "

Minha garganta apertou quando eu me inclinei para dar um beijo em sua bochecha.

"Obrigado por compartilhar este lugar comigo."

- "Também pertence a você, agora." E eu sabia que ele queria dizer não só em termos de sermos companheiros, mas ...

Como ela pertencia às outras mulheres aqui. Que tinha resistido e sobreviviram.

Eu dei a ele um meio sorriso. - Suponho que seja um milagre que eu possa até estar no subterrâneo.

Mas seus traços permaneciam solenes, contemplativos. "É." Ele acrescentou suavemente, "Estou muito orgulhoso de você."

Meus olhos queimaram, e eu pisquei enquanto encarava os livros. "E eu suponho", eu disse com um leve esforço, "Que é um milagre que eu possa realmente ler essas coisas."

O sorriso de resposta de Rhys era adorável - e um pouco perverso. "Acredito que minhas pequenas aulas ajudaram."

- "Sim," Rhys é o maior amante que uma mulher pode esperar - "é, sem dúvida, como eu aprendi a ler."

- Eu só estava tentando dizer o que você sabe agora.

Meu sangue aqueceu um pouco. "Hmmm," foi tudo que eu disse, puxando um livro em minha direção.

- "Eu tomarei esse hmmm como um desafio." Sua mão escorregou abaixo pela minha coxa, então cobriu meu joelho, seu polegar escovando ao longo da lateral. Mesmo através dos meus couros, o calor dele se infiltrou até os meus ossos. "Talvez eu vá arrastá-

la entre as pilhas e ver o quão quieta você pode ser. "

"Hmmm." Eu folheei as páginas, sem ver nada do texto.

Sua mão começou uma exploração letal, tateando acima de minha coxa, seus dedos que passeando ao longo do interior sensível.

Mais alto, mais alto. Ele se inclinou para arrastar um livro em sua direção, mas sussurrou em meu ouvido: - "Ou talvez eu espalhe você sobre esta mesa e a lamba até você gritar alto o suficiente para acordar o que está no fundo da biblioteca ".

Eu chicoteei minha cabeça em direção a ele. Seus olhos estavam vidrados - quase sonolentos.

- "Eu estava totalmente comprometida com esse plano", eu disse, mesmo quando sua mão parou muito, muito perto do ápice de minhas coxas", até que você trouxe essa coisa lá embaixo."

Um sorriso felino. Ele segurou meu olhar enquanto sua língua escovava seu lábio inferior. Meus seios se apertaram sob a minha camisa, e seu olhar caiu - observando. "Eu teria pensado," ele meditou, "que nosso ataque esta manhã seria o bastante para acalmar você até hoje à noite." Sua mão deslizou entre minhas pernas, descaradamente me tocando, seu polegar empurrando para baixo em um ponto dolorido. Um pequeno gemido escorregou de mim, e minhas bochechas aqueceram em resposta. "Aparentemente, eu não fiz um trabalho bom o suficiente para você, se é tão fácil irrita-la depois de algumas horas."

"Me morda," eu respirei, mas a palavra era irregular. Seu polegar apertou mais forte, dando voltas em círculos.

Rhys se inclinou de novo, beijando meu pescoço - aquele lugar logo abaixo de minha orelha - e disse contra minha pele: "Vamos ver que nomes você me chama quando minha cabeça está entre suas pernas, querida Feyre. "

E então ele se foi.

Ele tinha afastado, metade dos livros com ele. Eu parei, meu corpo estranho e frio, tonto e desorientado.

*Onde diabos você está?* Eu olhei em volta de mim, e encontrei nada além de sombra e alegres chama e livros.



*Dois níveis abaixo.*

*E por que você está dois níveis abaixo?* Eu empurrei para fora da minha cadeira, minhas costas gemendo de dor em protesto quando invadi a passarela e o trilhei além, então olhei para a escuridão.

Com certeza, em uma área de leitura dois níveis abaixo, eu poderia espionar seus cabelos escuros e asas - poderia espioná-lo recostando-se na cadeira diante de uma mesa idêntica, um tornozelo cruzado sobre um joelho. Sorrindo para mim.

*Porque eu não posso trabalhar com você me distraindo.*

Eu fiz uma careta para ele. *Estou distraindo você?*

*Se você está sentada ao meu lado, a última coisa em minha mente é ler livros velhos empoeirados. Especialmente quando você está em todo esse couro apertado.*

*Porco.*

Sua risada ecoou através da biblioteca entre os papéis agitados e as canetas, Sacerdotisas trabalhando por toda parte.

*Como você pode atravessar dentro da casa? Pensei que houvesse feitiços contra isso.*

*A biblioteca faz suas próprias regras, aparentemente.*

Eu bufei.

*Duas horas de trabalho*, ele me prometeu, voltando para a mesa e estendendo as suas asas - uma verdadeira tela para bloquear minha visão dele. E sua visão de mim. Então podemos jogar.

Eu dei-lhe um gesto vulgar.

*Eu vi isso.*

Eu fiz isso de novo, e sua risada flutuou para mim enquanto enfrentava os livros empilhados diante de mim e comecei a ler. Encontrámos uma miríade de informações sobre a Muralha e a sua formação. Quando comparamos nossas anotações duas horas depois, muitos dos textos foram conflitantes, todos eles alegando autoridade absoluta sobre o assunto. Mas lá tinham alguns detalhes semelhantes que Rhys não tinha conhecimento.

Ele estava em processo de cura na cabana nas montanhas quando eles fizeram a Muralha, quando eles tinham assinado o Tratado. Os detalhes que surgiram tinham sido obscuros na melhor das hipóteses, mas os vários textos que Clotho tinha desenterrado das patreleiras e sessões da parede concordaram em uma coisa: não tinha sido feito para durar.

Não, inicialmente, a parede tinha sido solução temporária para clivar os humana e os feéricos até que a paz se estabelecesse com tempo suficiente para eles se reunirem mais tarde. E decidir como eles viveriam juntos, como um só povo.

Mas a Muralha tinha permanecido. Os seres humanos tinham envelhecido e morreram, e seus filhos tinham esquecido as promessas de seus pais, seus avós, seus antepassados. E os Grãos-Feéricos que sobreviveram... estavam em um novo mundo, sem escravos. Feéricos inferiores entraram em cena para substituir o trabalho livre desaparecido; os limites dos território haviam sido redesenhados para acomodar os deslocados. Tal grande mudança no mundo naqueles séculos iniciais, muitos trabalhando para se mover depois guerra, para curar, que a Muralha... a Muralha tornou-se permanente.

A Muralha se tornou lenda.

- “Mesmo que todas as sete Cortes se tornem aliadas,” eu disse enquanto arrancávamos uvas de uma bacia de prata em uma tranquila sala de estar na Casa do Vento, tendo deixado a biblioteca para alguns sol muito necessário - “, mesmo que Keir e o Corte Noturna se juntem também ... Será que vamos ter uma chance nesta guerra?”

Rhys se inclinou para trás na cadeira bordada ante a janela que ia do piso ao teto.

Velaris estava expandida e brilhante abaixo e além -serena e encantadora, mesmo com as cicatrizes da batalha agora salpicando-a. "Exército contra o exército, a possibilidade de vitória é pequena." Duras, palavras honestas.

Eu me mexi na minha própria cadeira, idêntica, no outro lado da mesa de baixa entre nós. "Você poderia... Se você e o Rei do Hybern ficassem cara a cara ...”

- “Será que eu ganharia?” Rhys levantou uma sobrancelha, e estudou a cidade. "Eu não sei. Ele tem sido inteligente sobre como manter a extensão de seu poder oculto. Mas ele teve que recorrer a truques e ameaças para nos vencer naquele dia em Hybern. Ele tem milhares de anos de conhecimento e formação. Se ele e eu lutássemos... eu duvido que ele vá deixar chegar neste ponto. Ele ergue-se sob uma melhor chance de vitória pelos números esmagadores, alongando o fim. E se lutamos um a um, se ele até mesmo aceitar um desafio aberto de mim... o dano seria catastrófico. E isso é sem contar com ele empunhando o Caldeirão.”

Meu coração tropeçou. Rhys continuou, “Eu estou disposto a assumir o peso disso, se isso significa que farão os outros pelo menos ficar com a gente e contra ele “.

Eu apertei os braços tufados da cadeira.

- Você não deveria ter que...

- Pode ser a única opção.

- Eu não aceito isso como uma opção.

Ele piscou para mim. “Prythian pode precisar de mim como uma opção.” Porque com esse poder que ele tinha... Tomaria o rei e todo o seu exército. Queimaria todo ele para fora até que tivesse se esgotado-

- Eu preciso de você. Como opção. Em meu futuro.

Silêncio. E mesmo com o sol a aquecer meus pés, um terrível frio se propagou através de mim.

Sua garganta balançou. "Se isso significa dar-lhe um futuro, então eu estou disposto a fazer... "

- "Você não fará tal coisa." Eu ofeguei através de meus dentes descobertos, inclinando-me para a frente em minha cadeira.

Rhys só me olhava, olhos escurecidos. "Como você pode me pedir para não dar tudo o que tenho para garantir que você, que minha família e meu povo, sobrevivam? "

- Você deu o suficiente.

- Não o suficiente. Ainda não.

Era difícil respirar, ver além da queimação em meus olhos. - Por quê? De onde vem isso, Rhys?

Por uma vez, ele não respondeu.

E havia algo quebradiço o bastante em sua expressão, uma longa ferida não cicatrizada que reluzia lá, eu suspirei, esfreguei meu rosto, e então disse, "Apenas trabalhe comigo. Com todos nós. Juntos. Este não é seu fardo para carregar sozinho. "

Ele arrancou outra uva do caule, mastigou. Seus lábios se inclinaram em um leve sorriso. "O que você propoe, então? "

Eu ainda podia ver essa vulnerabilidade em seus olhos, ainda podia senti-lo no vínculo entre nós, mas eu inclinei minha cabeça. Eu revisei tudo o que eu sabia, tudo o que tinha acontecido. Considerei os livros que eu li na biblioteca abaixo. Uma biblioteca que alojava...

- "Amren nos advertiu para nunca colocar as duas metades do Livro juntos", eu meditei. "Mas nós - eu fiz. Ela disse que as coisas mais antigas podem ser ... despertadas por ele. Podem via a acordar. "

Rhys cruzou um tornozelo sobre um joelho.

"Hybern pode ter os números", eu disse, "mas e se tivéssemos os monstros? Você disse que Hybern vai ver uma aliança com todas aquelas cortes - mas talvez não uma com coisas totalmente diferentes." Eu me inclinei lentamente. "E eu não estou falando sobre os monstros vaguendo em todo o mundo. Estou falando de um em particular - que não tem nada a perder e tudo a ganhar. "

Um que eu faria tudo em meu poder para usar, ao invés de deixar Rhys enfrentar o peso desta guerra sozinho.

Suas sobrancelhas se ergueram. - Oh?

- "O entalhador de ossos", eu esclareci. "Ele e Amren estavam ambos procurando um caminho de volta para seus próprios mundos. O Entalhador tinha sido insistente, implacável, ao me perguntar naquele dia na prisão sobre onde eu tinha ido durante a morte. Eu poderia ter jurado que a pele marrom-dourada de Rhys empalidecera, mas eu acrescentei: "Eu me pergunto se é hora para lhe perguntar o que ele daria para voltar para casa."



Os músculos doloridos das minhas costas, núcleo e coxas tinham entrado em completa revolta pelo tempo Rhys e eu, meu parceiro, conseguimos localizar Cassian -

que seria minha escolta amanhã de manhã para a prisão. Se nós dois fossemos, talvez parecesse... desesperado, vital demais. Mas se a Grã-Senhora e seu general fossem visitar o Entalhador para lançar algumas perguntas hipotéticas...

Seria ainda mostrar a nossa mão, mas talvez não muito, como precisávamos a qualquer custo um pouco de assistência extra. E Cassian, sem surpresa, sabia mais sobre o Entalhador do que ninguém graças a um fascínio mórbido com todos os prisioneiros da prisão. Especialmente porque ele era responsável por encarcerar alguns deles.

Mas enquanto Rhys procurava Cassian, eu tinha uma própria tarefa.

Eu estava tremendo e silvando enquanto caminhava através dos corredores vermelhos obscuros da casa para encontrar minha irmã e Amren. Para ver qual delas ainda estava de pé após a primeira lição. Entre outras coisas.

Eu as encontrei em uma sala de trabalho silenciosa e esquecida, olhando friamente uma para outra.

Livros estavam espalhados sobre a mesa entre elas. Um relógio de tiquetaque dos armários empoeirados era o único som.

- Desculpe interromper o concurso - disse eu, persistido na porta. Eu esfreguei um ponto baixo na minha costas - "Eu queria ver como a primeira lição estava indo."

Amren não desviou os olhos de minha irmã, um sorriso fraco brincando sobre sua boca vermelha. Estudei Nestha, que olhava para Amren, totalmente de endurecida.

- O que estás a fazer?

- Esperando - disse Amren.

- Para quê?

-Para que os entorpecentes nos deixem em paz.

Eu me endireitei, limpando minha garganta. - Isso é parte de seu treinamento?

Amren virou a cabeça para mim com lentidão exagerada, seu cabelo balançando com o movimento. "Rhys tem seu próprio método de treinar você. Eu tenho o meu." Seus dentes brancos brilharam durante todas as palavras. "Nós visitaremos a Corte dos Pesadelos amanhã à noite - ela precisa de algum treinamento básico antes de nós fazermos.

- Como você está?

Amren suspirou para o teto. - Protegendo-a. De mentes curiosas e poderosas. "

Eu pisquei. Eu deveria ter pensado nisso. Que se Nestha fosse se juntar a nós, quando estivesse na Cidade precisaria de algumas defesas além do que poderíamos oferecer a ela.

Nestha enfim olhou para mim, seu rosto tão frio como sempre.

- "Você está bem?" Eu perguntei a ela.

Amren estalou a língua. "Ela está bem. Teimosa como um asno, mas como vocês estão relacionadas, eu não estou surpresa. "

Eu fiz uma careta. - "Como vou saber quais são os seus métodos? Pelo que eu sei, você pegou algumas técnicas terríveis naquela prisão."

Cuidadosa. Então, não tão cuidadosa...

Amren sibilou, "Esse lugar me ensinou muitas coisas, mas certamente não isso."

Eu inclinei minha cabeça, o retrato da curiosidade. "Você já interagiu com os outros?"

Quanto menos pessoas soubessem da minha viagem de amanhã para ver o Entalhador, mais seguro seria – menos chance de Hybern pegar um sussurro sobre isto.

Não por medo de traição, mas... sempre havia risco.

Azriel, agora fora à caça para obter informações sobre a Corte Outonal, seria dito a ele quando voltasse esta noite.

Mor... Eu diria a ela eventualmente. Mas Amren... Rhys e eu tínhamos decidido esperar para contar a Amren. A última vez que nós tínhamos ido para a prisão, ela tinha estado... irritável. Dizendo a ela que planejamos soltar um de seus companheiros internos talvez não seja a melhor coisa a mencionar enquanto esperávamos que ela encontrasse uma maneira de consertar aquela muralha - e treinar a minha irmã.

A impaciência ondulou pelo rosto de Amren, aqueles olhos prateados brilhando.

"Eu só falei com eles em sussurros e ecos através da rocha, menina. E fiquei feliz por isso. "

- O que é a prisão? - Nestha perguntou finalmente.

- Um inferno enterrado em pedra - disse Amren. "Cheio de criaturas que você deve agradecer a mãe já não andar pela terra livremente. "

Nestha franziu o cenho, mas fechou a boca.

- "Como quem?" Eu perguntei. Qualquer informação extra que ela possa ter -

Amren mostrou os dentes.

- Estou dando uma lição de mágica, não uma história. - Ela acenou com uma mão desdenhosa. "Se você quiser alguém para fofocar, vá encontrar um dos cães. Tenho certeza que Cassian ainda está cheirando sob o andar de cima."

Os lábios de Nestha tremeram.

Amren apontou para ela com um dedo fino terminando em uma unha afiada e bem cuidada. Concentre-se. Os órgãos vitais devem ser protegidos o tempo todo. "

Bati com a mão contra a porta aberta. "Vou continuar procurando mais informações para você na Biblioteca, Amren." Nenhuma resposta. - "Boa sorte" - acrescentei.

- Ela não precisa de sorte - disse Amren. Nestha bufou um riso.

Eu tomei isso como a única despedida que eu conseguiria. Talvez deixar Amren e Nestha treinar juntas fosse... uma má escolha mesmo que a perspectiva de desencadeá-las na Corte dos Pesadelos... Eu sorri um pouco com o pensamento.

Quando Mor, Rhys, Cassian e eu nos reunimos para jantar na casa da cidade - Azriel ainda espionando -, meus músculos estavam tão doloridos que eu mal pude subir as escadas da frente. Ruim o suficiente que quaisquer planos que tive para visitar Lucien na casa depois da refeição desapareceu. Mor estava irritantemente tranqüila em tudo, sem dúvida em antecipação da visita amanhã à noite. Ela teve que trabalhar com Keir abundantemente ao longo dos séculos, e ainda amanhã... Ela só tinha avisado Rhys uma vez enquanto jantávamos que ele deveria considerar cuidadosamente qualquer oferta que Keir poderia oferecer-lhe em troca de seu exército. Rhys deu de ombros, dizendo que pensaria nisso quando chegasse a hora. Uma não-resposta - e uma que fez Mor trincar seus dentes.

Eu não a culpei. Muito antes da guerra, sua família a tinha brutalizado de maneiras que eu não me deixei considerar, e eu estava a menos de um dia para encontrá-los novamente - pedir-lhes ajuda. Trabalhar com eles.

Rhys, que a Mãe o abençoe, teve um banho e esperou por mim depois da refeição.

Eu precisaria de todas as minhas forças para amanhã. Para os monstros que eu deveria enfrentar sob duas muito diferentes, Montanhas. Eu não tinha visitado este lugar durante meses.

Mas, em meus pesadelos, as paredes de pedra esculpidas eram exatamente como eu os tinha visto pela última vez. Escuridão ainda interrompida por tochas entre colchetes.

Não a prisão. Sob a Montanha.

E, em vez do corpo mutilado de Clare, pregado na parede acima de mim... Seus olhos azul-cinzentos ainda estavam arregalados de terror, eu via a arrogância, o queixo erguido digno de rainha. Nestha. Eles tinham feito precisamente com ela, ferida por ferida, o que tinham feito com Clare.

E atrás de mim, gritando e implorando - Eu me virei, encontrando Elain, nua e chorando, amarrada a esse espeto enorme. O qual eu já havia sido ameaçada a aguentar.

Deformados, feéricos mascarados girando os punhos do ferro, girando sobre...

Tentei me mexer. Tentei fugir.

Mas eu estava congelada - totalmente amarrada por correntes invisíveis ao chão.

Uma risada feminina surgiu da outra extremidade daquela sala do trono. Do corredor. Agora vazio. Vazio, porque era Amarantha, se pavoneando na escuridão, descendo por algum salão que não estava lá antes, mas agora aparecia esticado do nada.

Rhysand seguiu um passo atrás dela. Vou com ela. Para aquele quarto.

Ele olhou por cima de seu ombro para mim, apenas uma vez.

Sobre suas asas. Suas asas, que estavam a vista, que ela iria ver e destruir, logo depois que ela - eu estava gritando para ele parar. Batendo contra o laço. A súplica de Elain subiu, cada vez mais.

Rhys continuou andando com Amarantha. Deixou-a pegar sua mão e puxá-lo para perto.

Eu não conseguia me mexer, não conseguia parar, fui me arrastado para fora do sonho como um peixe golpeado em uma rede lançada profundamente no mar.

E quando eu acordei... eu permaneci metade lá. Metade do meu corpo, metade sob a montanha, observando como...

- Respire.

A palavra era uma ordem. Atado com aquele comando primitivo que tão raramente empunhava. Mas meus olhos focaram. Meu peito se expandiu. Eu deslizei um pouco mais para trás em meu corpo.

- Novamente.

Eu fiz. Seu rosto entrou em foco, luzes feéricas murmurando a vida dentro de suas lâmpadas e taças em nosso quarto. Suas asas estavam apertadas, enquadrando seus cabelos desgrehados, seu rosto tenso.

Rhys.

- Mais uma vez - disse ele apenas. Eu obedeci.

Meus ossos estavam frágeis, meu estômago era uma bagunça. Fechei os olhos, lutando contra as náuseas. A ondulação do terror mantinha suas garras enterradas profundamente. Eu ainda podia vê-lo: o jeito que ela o levava até aquele salão. Para...

Eu subi, rolando até a borda do colchão e apertando com força enquanto meu corpo tentava despejar seu conteúdo para o tapete. Sua mão estava instantaneamente em minhas costas, esfregando círculos suaves. Totalmente dispostos a deixar-me vomitar bem sobre o lado da cama. Mas eu me concentrei na minha respiração.

Em fechar essas memórias, uma a uma. Memórias repintadas.

Deitei meio esparramada sobre a borda por minutos incontáveis. Ele esfregou minhas costas por todo o



tempo. Quando eu poderia finalmente me mover, quando a náusea tinha diminuído... Eu retornei. E a visão daquilo... Cara... Eu passei meus braços ao redor de sua cintura, segurando firmemente quando ele pressionou um beijo silencioso no meu cabelo, lembrando-me mais que estávamos fora. Nós tínhamos sobrevivido.

Nunca mais - nunca mais eu deixaria alguém machucá-lo assim. Machucar minhas irmãs assim.

Nunca mais.

CHAPTER

Senti a atenção de Rhys em mim enquanto nos vestimos na manhã seguinte, e em todo o nosso café da manhã. Ainda ele não empurrou, não exigiu saber o que me arrastou para aquele inferno gritando.

Tinha sido um longo tempo desde que esses pesadelos tinham arrastado qualquer um de nós do sono. Obscureceu as linhas.

Só quando estávamos no vestíbulo, à espera de Cassian antes de irmos para a prisão, que Rhys perguntou de onde ele se apoiava no corrimão da escada. - "Você precisa falar sobre isso? "

Meus couros illyrianos gemeram quando me virei para ele.

Rhys esclareceu: - "Comigo - ou qualquer outra pessoa. "

Eu respondi-lhe verdadeiramente, puxando no final da minha trança. "Com tudo o que nos atinge, tudo em jogo..." Eu deixei minha trança cair. "Eu não sei. Eu acho que está despedaçado alguma... parte de mim que estava se reparando lentamente." Reparando graças a nós dois.

Ele acenou com a cabeça, sem medo ou censura em seus olhos.

Então eu disse a ele. Tudo isso. Tropeçando nas partes que ainda me deixavam doente. Ele só ouvia. E quando eu tinha terminado, aquele tremor permanecia, mas...

Falando, falando alto para ele... O selvagem aperto desses terrores se clarearam.

Afastando como o orvalho no sol. Liberei um longo suspiro, como se soprasse esses medos de mim, deixando meu corpo se soltar em seu rastro.

Rhys silenciosamente afastou do corrimão e me beijou. Uma vez. Duas vezes.

Cassian passou pela porta da frente um batimento cardíaco mais tarde e gemeu que era muito cedo para seu estômago nos ver beijando. Meu companheiro apenas grunhiu para ele antes que ele nos pegasse pela mão e atravessasse para a prisão.

Rhys segurou meus dedos mais apertados do que o habitual quando o vento rasgou em torno de nós, Cassian agora sabiamente mantendo-se silencioso e quando saímos daquele vento negro e cambaleante, Rhys inclinou-se para beijar-me uma terceira vez, doce e suave, antes que a luz cinzenta e o vento rugindo nos cumprimentassem.

Aparentemente, a prisão era fria e enevoadada, não importa a época do ano.

Em pé na base da montanha musgosa e rochosa sob a qual a prisão foi construída, Cassian e eu franzimos o cenho para a encosta.

Apesar dos couros illyrianos, o frio entrou em meus ossos. Eu esfreguei meus braços, erguendo minhas sobrancelhas para Rhys, que permanecia com o seu traje habitual, tão fora de lugar nesta mancha úmida e

ventosa quanto um verde no meio de um mar cinzento.

O vento revirou seu cabelo preto enquanto ele nos examinava, Cassian já avaliando a montanha como algum oponente. As lâminas de Illyrianas gêmeas foram cruzadas sobre as costas do general. "Quando você estiver lá," Rhys disse, as palavras mal audíveis sobre o vento e as correntes de prata correndo pela encosta da montanha, "Você não será capaz de me alcançar."

- "Por quê?" Eu esfreguei minhas mãos já geladas antes de soprar uma respiração quente no berço delas.

- Divisões e feitiços muito mais antigos que Prythian - foi tudo o que Rhys disse.

Ele empurrou o queixo para Cassian. "Não tire os olhos dela. "

Foi a seriedade morta com que Rhys falou que me impediu de responder.

Na verdade, os olhos do meu parceiro eram duros. Enquanto estávamos em casa, ele e Azriel discutiram o que ele descobriu sobre as inclinações da Corte Outonal nesta guerra. E depois ajustou a sua estratégia para a reunião com os GrãoSenhores. Mas eu podia sentir isso, o desejo de pedir que ele se juntasse a nós. Para cuidar sobre nós.

- Grite pelo laço quando estiver fora de novo - Rhys disse com uma suavidade que não alcançou seu olhar.

Cassian olhou para trás por cima de um ombro. "Volte para Velaris, sua mãe galinha. Nós ficaremos bem."

Rhys ergueu outro olhar estranho para ele. - "Lembre-se de quem você colocou aqui, Cassian. "

Cassian apenas remexeu as asas, como se cada músculo se movesse em direção à batalha. Firme e sólido como a Montanha que estávamos prestes a subir.

Com uma piscadela para mim, Rhys desapareceu.

Cassian verificou as fivelas em suas espadas e fez-me sinal para começar a longa caminhada pela colina. Meu intestino apertado para a subida em frente. Para o choro vazio deste lugar.

- "Quem você colocou aqui?" A terra macia amortecia meus passos.

Cassian colocou um dedo cheio de cicatriz em seus lábios. "Melhor deixar para outra hora."

Certo. Eu caí em um passo ao lado dele, minhas coxas queimando com a caminhada íngreme. A névoa esfriou meu rosto. Conservando sua força - Cassian não estava desperdiçando uma gota de energia para nos proteger dos elementos.

- "Você realmente acha que desencadear o Entalhador vai trazer uma vantagem contra Hybern?"

- "Você é o general", eu ofeguei, "você me diz."

Ele considerou, o vento jogando seus cabelos escuros sobre seu rosto bronzeado.

"Mesmo se você prometer encontrar uma maneira de mandá-lo de volta ao seu próprio mundo com o Livro, ou dar-lhe qualquer coisa impiedosa que ele queira ", Cassian pensou, "acho que seria melhor você encontrar uma maneira de controlá-lo neste mundo, ou então nós estaremos lutando contra inimigos em todas as frentes. E eu sei que nos arruinará.

- O Entalhador é tão ruim assim?

- Você está perguntando isso antes de nos encontrarmos com ele?

Eu sussurrei, "Eu supus que Rhys teria batido pé se fosse tão arriscado."

- "Rhys tem sido conhecido por traçar planos que fazem meu coração parar de bater", resmungou Cassian. "Então eu não contava com ele para ser a voz da razão ".

Eu fiz uma careta para Cassian, ganhando um sorriso de lobo em troca.

Mas Cassian escaneou o pesado céu cinzento, como se procurasse espiões com olhos. Em seguida, o musgo, a grama e para as rochas abaixo de nossas botas como se pudessem nos ouvir com orelhas abaixo. "Havia vida aqui", disse ele, respondendo à minha pergunta - ", antes dos GrãoSenhores tomarem Prythian. Deuses antigos, nós os chamamos. Eles governaram as florestas, os rios e as montanhas - alguns eram essas coisas. Então a magia mudou para Grão - Feérico, que trouxe o Caldeirão e a Mãe junto com eles, e embora os deuses antigos ainda fossem adorados por um seleto grupo, a maioria das pessoas os esqueceu."

Eu me agarrei a uma grande rocha cinzenta enquanto eu subia sobre ela. - "O

Entalhador de Ossos era um desses antigos deuses?

Ele passou a mão pelo cabelo, o Sifão brilhando na luz aquosa. - "É o que diz a lenda. Junto com os sussurros de ser capaz de derrubar centenas de soldados com um único fôlego."

Um arrepio ondulou pela minha pele que não tinha nada a ver com o vento forte.

"Útil em um campo de batalha."

A pele marrom-dourada de Cassian empalideceu enquanto seus olhos se agitavam com o pensamento. "Não sem boas precauções. Não sem ele ser obrigado a obedecer-nos dentro de uma polegada de sua vida." Que eu teria que ajustar também, eu supus.

- "Como ele terminou aqui - na prisão?" Cassian me ajudou sobre uma rocha, sua mão segurando a minha com força.

- Mas como você planeja libertá-lo da prisão?

Eu estremeci. - "Acho que nossa amiga saberia, desde que ela saiu. " - Cuidado -

tínhamos que ter cuidado quando mencionássemos o nome de Amren aqui.

O rosto de Cassian ficou solene. "Ela não fala sobre como ela fez isso, Feyre. Eu teria cuidado quando

fosse empurrá-la".

Ainda não contamos a Amren onde estávamos hoje. O que estávamos fazendo.

Pensei em dizer mais, mas adiante, muito acima da encosta, os portões de ossos maciços abriram.

Eu tinha esquecido - o peso do ar dentro da prisão. Era como vadear através do ar não agitado de um túmulo.

Como roubar um fôlego da boca aberta de um crânio.

Nós dois carregamos uma lâmina illyríana em uma mão, uma luz feérica balançando adiante para mostrar o caminho, ocasionalmente dançando e deslizando ao longo do metal brilhante. Nossas outras mãos juntas... Cassian apertou meus dedos tão fortemente quanto eu agarrava a sua enquanto descíamos para a eterna escuridão da prisão, nossos passos triturando no chão seco. Não havia portas - nenhuma que pudéssemos ver.

Mas por trás dessa sólida rocha negra eu ainda podia senti-los. Poderia ter jurado que ouvi um som de raspagem fraco enchendo a passagem. Do outro lado dessa rocha.

Como se alguém estivesse correndo as unhas. Algo enorme - e velho. E silencioso como o vento através de um campo de trigo.

Cassian manteve-se em silêncio, seguindo algo - contando alguma coisa.

- "Isso poderia ser... uma idéia muito ruim", eu admiti, meu aperto aumentando em sua mão.

- "Oh, é certamente", Cassian disse com um sorriso fraco enquanto nós continuamos para baixo e para baixo no pesado silêncio negro e trêmulo. "Mas isso é guerra. Se nós não temos o luxo de ter apenas boas idéias, só escolhemos entre as ruínas. "

A porta da cela do Entalhador de Ossos abriu-se no momento em que coloquei minha palma nela.

- "Vale a pena ser a companheira de Rhys", brincou Cassian enquanto o osso branco se abria para as trevas.

Uma leve risada dentro.

A diversão desapareceu do rosto de Cassian ao som - quando entramos na cela, ainda de mãos dadas.

A luz feérica avançou, iluminando a pilha de pedras.

Cassian rosnou com o que se revelou. Quem se revelou.

Totalmente diferente, sem dúvida, do mesmo rapaz que agora sorria para mim.

De cabelos escuros, com olhos de um opressivo azul.

Observei o rosto da criança - o que eu não tinha percebido na primeira vez. O que eu não tinha entendido.

Era o rosto de Rhysand. A cor, os olhos... era o rosto do meu parceiro. Mas a boca cheia e larga do Entalhador, enrolada nesse sorriso hediondo... Essa era a minha boca. A boca do meu pai.

O cabelo em meus braços levantara-se. O Escultor inclinou a cabeça em saudação, em saudação e em confirmação, como se soubesse exatamente o que eu percebia. Quem eu tinha visto e ainda estava vendo.

O filho do GrãoSenhor. Meu filho. Nosso filho. Deveríamos sobreviver o tempo suficiente para fazê-lo.

Devo não falhar em minha tarefa de recrutar o Entalhador. Deveríamos não deixar de unificar os GrãoSenhores e a Corte dos Pesadelos. E manter essa muralha intacta.

Foi um esforço para não obter os joelhos dobrados. O rosto de Cassian estava pálido o suficiente para que eu soubesse que o que ele estava vendo ... não era um menino bonito.

- Eu estava me perguntando quando você voltaria - disse o Entalhador, aquela voz de garoto doce e ainda terrível – da antiga criatura que espreitava debaixo dela. "Grã-

Senhora", ele acrescentou para mim. "Por favor aceite meus parabéns pela sua união."

Um olhar para Cassian. "Eu posso sentir o cheiro do vento em você." Outro pequeno sorriso.

- Você trouxe um presente para mim?

Eu enfiei a mão no bolso do meu casaco e joguei um pequeno fragmento de osso, não maior do que a minha mão, aos pés do Entalhador.

"Isso é tudo o que resta do Attor depois que eu salpiquei ele nas ruas de Velaris."

Aqueles olhos azuis brilharam com deleite profano. Eu nem sabia que tínhamos mantido esse fragmento. Tinha estado armazenado até agora - precisamente para esse tipo de coisa.

- "Tão sanguinária, minha nova Grã-Senhora" - o Entalhador ronronou, pegando o osso rachado e girando-o naquelas mãos pequenas e delicadas. E então o Entalhador disse: "Eu cheiro minha irmã em você, Quebradora de Maldições."

Minha boca ficou seca. Irmã dele...

- Você roubou dela? Ela texeu um fio de sua vida em seu tear?

A Tecelã. Meu coração trovejou. Nenhuma respiração poderia estabilizá-la. Cassian apertou a mão em torno da minha.

O Entalhador ronronou para Cassian: "Se eu lhe disser um segredo, coração de guerreiro, o que você vai me dar?"

Nenhum de nós falou. Cuidadosamente, teríamos que elaborar uma frase e fazer isso com muito cuidado. O Entalhador acariciou o fragmento de osso em sua palma, a atenção fixada em um Cassian tenso. "E se eu lhe digo o que a rocha, a escuridão e o mar além me sussurraram, Senhor do Derramamento de Sangue? Como eles estremeceram de medo, naquela ilha do outro lado do mar. Como eles tremiam

quando ela emergiu. Ela pegou algo... algo precioso. Ela arrancou com os dentes. "

O rosto castanho-dourado de Cassian tinha sido drenado de cor, as asas se fecharam.

- O que você acordou naquele dia em Hybern, príncipe dos bastardos?

Meu sangue ficou frio.

- O que saiu não foi o que entrou." Um riso raspado quando o Entalhador colocou o fragmento de osso no chão ao lado dele. "Como ela é linda - nova como uma corça e ainda antiga como o mar. Como ela chama para você. Uma rainha, como minha irmã foi.

Terrível e orgulhosa; Bonito como um nascer do sol do inverno.

Rhys havia me avisado da capacidade dos prisioneiros de mentir, vender qualquer coisa, para libertar-se.

- Nestha - murmurou o Entalhador de Ossos. Nes-tha.

Eu apertei a mão de Cassian. Suficiente. Foi o suficiente dessa brincadeira e sarcasmo. Mas ele não olhou para mim.

- Como o vento geme seu nome. Você pode ouvir isso também? *Nestha. Nestha.*

*Nestha.*

Eu não tinha certeza se Cassian estava respirando.

- O que ela fez, afogando-se na escuridão eterna? O que ela levou?

Foi a mordida na última palavra que estalou a minha amarração de contenção. "Se você quiser descobrir o que queremos, talvez você deve parar de falar o suficiente para que possamos explicar. "

Minha voz parecia sacudir Cassian livre de qualquer transe que ele tinha estado dentro. Sua respiração subiu, apertada e rápido, e ele escaneou meu rosto - desculpas em seus olhos.

O Entalhador riu. "Eu raramente tenho companhia. Perdoe-me por querer conversar ociosamente." Um pé a mais no chão. - "E por que você procurou meus serviços? "

- "Nós conseguimos o Livro dos Sussurros", eu disse casualmente. "Há ... feitiços interessantes dentro. Códigos dentro de códigos, dentro de códigos. Alguém que conhecemos decifrou a maioria deles. Ela ainda está procurando outros. Feitiços que poderiam... mandar alguém como você para casa. Outros também que gostariam."

Os olhos violeta do Escultor brilhavam como chamas. "Estou ouvindo."

CHAPTER

- A guerra está sobre nós - disse ao Entalhador. "Um rumor sugere que você tem...

habilidades que podem ser úteis sobre no campo de batalha."

Um sorriso para Cassian, como se entendesse por que ele se juntou a mim. "Em troca de um preço", o Entalhador meditou.

- Dentro da razão - retrucou Cassian.

O Entalhador examinou sua cela. "E você acha que eu gostaria de voltar...".

- Não gostaria?

O Entalhador dobrou as pernas sob a moldura. "De onde nós viemos... Eu acredito que é agora nada mais do que a poeira que flutua através de uma planície. Não há casa para voltar. Não desejo isso. "

Pois se ele estava aqui antes mesmo que Amren tivesse chegado... Dezenas de milhares de anos - mais, talvez.

Eu empurrei contra a sensação de afundamento em meu intestino. "Então talvez melhorar suas... condições de vida pode seduzi-lo, se este mundo é onde você deseja estar."

"Esta cela, Quebradora de Maldições, é onde eu desejo ficar." O Entalhador acariciou a sujeira ao lado dele. "Você acha que eu os deixei me prender sem uma boa razão? "

O corpo inteiro de Cassian parecia mudar - parecia estar consciente e concentrado.

Pronto para nos tirar daqui. O Entalhador traçou três círculos sobrepostos e interligados na sujeira. "Você conheceu minha irmã – minha gêmea. A Tecelã, como você agora a chama. Eu a conhecia como Stryga. Ela, e nosso irmão mais velho, Koschei. Como eles se deleitaram neste mundo quando caímos nele. Como os antigos Feéricos os temiam e adoravam. Se eu tivesse sido mais corajoso, eu poderia ter esperado meu tempo - esperado por seu poder desaparecer, como há muito tempo um Feérico Guerreiro enganou Stryga e conseguiu diminuir seu poder e torna-la confinada no Centro. Koschei, também -

confinado e preso em seu pequeno lago no continente. Todos antes de Prythian, antes que a terra fosse cinzelada acima e todo os Grãos – Feéricos fossem coroados. "

Cassian e eu esperamos, sem ousar interromper.

- Inteligente, esse guerreiro Feérico. Sua linhagem já desapareceu há muito tempo - embora ainda haja uma humana." Ele sorriu, talvez um pouco triste. - "Ninguém se lembra do nome dela. Mas eu sim. Ela teria sido minha salvação, se eu não tivesse feito minha escolha muito antes de ela caminhar sobre a terra."

Eu esperei, esperei e esperei, separando a história que ele expôs como migalhas de pão.



- "Eles não podiam matá-los no final - eles eram muito fortes. Eles só podiam ser contidos. " – O Entalhador passou a mão pelos círculos que havia desenhado, apagando-os inteiramente. "Eu sabia disso muito antes de eles serem presos – decidi então encontrar o meu caminho aqui."

- "Para poupar o mundo de si mesmo?" Cassian perguntou, franzindo as sobrancelhas.

Os olhos do escultor ardiam como a chama mais quente. - "Para me esconder dos meus irmãos. "

Eu pisquei. "Porque?"

- São deuses da morte, menina - o Entalhador sibilou. "Você é imortal - ou viveu o suficiente para parecer sobre o caminho, mas meus irmãos e eu... Somos diferentes. E os dois... Mais fortes. Muito mais forte do que eu nunca fui. Minha irmã... ela achou uma maneira de comer a própria vida. Para ficar jovem e bonita para sempre graças às vidas que ela rouba. "

A Tecelã - os fios dentro daquela casa, o telhado feito de cabelo... eu fiz uma nota para jogar Rhys no Sidra por me enviar para aquela casa.

Mas o próprio Entalhador... "Se eles são deuses da morte", eu disse, "então o que você é?"

Morte. Ele me perguntou, mais e mais, sobre a morte. Sobre o que esperava além, como era. Onde eu tinha ido. Eu pensei que era mera curiosidade, mas...

O rosto do rapaz se enrugou de diversão. O rosto do meu filho. A visão do futuro que já foi mostrada a mim todos aqueles meses atrás, como uma espécie de provocação ou encarnação do que eu não tinha ousado ainda admitir. E também sobre o que eu estava ainda mais incerta. E agora... agora aquele rapaz... Um tipo diferente de provocação, para o futuro que eu agora estava para perder.

- "Eu sou esquecido, isso é o que sou. E é assim que eu prefiro ser." O Entalhador descansou a cabeça contra a parede de pedra atrás dele. "Então você vai descobrir que eu não quero ir embora. Que eu não tenho nenhum desejo de lembrar a minha irmã e irmão que eu estou vivo e no mundo. Contidos e diminuídos como estão, sua influência permanece... considerável. "

- Se Hybern vence esta guerra - disse Cassian, grosseiramente -, você pode achar as portas deste lugar espalhadas abertas. E sua irmã e seu irmão se libertaram de seus próprios territórios - e talvez estejam interessados em fazer uma visita.

- Até Hybern não é tão tolo. Tenho certeza que existem outros presos aqui que vão achar a sua oferta... tentadora. "

Meu sangue rugiu. "Você não vai sequer considerar ajudar-nos." Eu acenei uma mão para a cela. "Isso é o que você prefere - para a eternidade? "

- "Se você conhecesse meu irmão e irmã, Quebradora de Maldições, você acharia isto muito mais sábio e a alternativa mais confortável. "

Abri a boca, mas Cassian apertou minha mão em advertência. Suficiente. Nós já dissemos o suficiente, revelamos o suficiente. Parecer tão desesperados... Isso não ajudaria nada.

- "Nós devemos ir," Cassian disseme, a própria imagem da calma encarnada. "As delícias da cidade Escavada aguardam."

Estaríamos realmente atrasados se não partirmos agora. Eu lancei um olhar para o Entalhador por meio de despedida, deixando Cassian me levar até a porta aberta.

- Você está indo para a cidade de Escavada - disse o Entalhador, não inteiramente uma pergunta.

- "Eu não vejo como isso é qualquer negócio seu," eu disse por cima do meu ombro.

A batida de silêncio do Entalhador ecoou ao nosso redor. Fizemos uma pausa no limiar.

- "Uma última tentativa," o Entalhador refletiu, olhos patinando sobre nós, "para reunir toda a Corte Noturna, eu suponho. "

- "Mais uma vez, não é da sua conta", eu disse friamente.

O Carver sorriu. "Você vai negociar com ele." Um olhar para a tatuagem na minha mão direita. "Eu pergunto-me o preço que pedirá Keir." Uma risada baixa. "Interessante."

Cassian soltou um longo suspiro. "Vamos cair fora."

O Entalhador de ossos voltou a ficar em silêncio, brincando com o fragmento dos ossos do Attor na terra ao seu lado. "Os redemoinhos do Caldeirão rodam de maneiras estranhas ", murmurou, mais para si mesmo do que para nós.

- "Nós já vamos," eu disse, fazendo para virar novamente, levando Cassian comigo.

- Minha irmã tinha uma coleção de espelhos em seu castelo negro - disse o Entalhador.

Paramos mais uma vez.

- Ela se admirava dia e noite naqueles espelhos, regozijando-se com sua juventude e beleza. Havia um Espelho - o *Ouroboros*, ela o chamou. Era velho mesmo quando éramos jovens. Uma janela para o mundo. Todos poderia ser vistos, tudo poderia ser dito através de sua superfície escura. Keir a possui - uma herança de sua casa. Traga isso para mim. Esse é o meu preço. Os *Ouroboros*, e eu sou seu para empunhar. Se você pode encontrar uma maneira de qualquer forma. - Um sorriso de ódio.

Eu troquei um olhar com Cassian, e nós dois encolhemos os ombros para o Entalhador. "Vamos ver", foi tudo o que eu disse antes de sairmos.

Cassian e eu nos sentamos em uma rocha com vista para um riacho de prata, respirando as brumas frias. A prisão pareceu às nossas costas, um peso terrível bloqueando o horizonte.

"Você disse que sabia que o Entalhador era um deus antigo", eu meditei suavemente. "Você sabia que ele era um Deus da Morte?"

O rosto de Cassian estava tenso. "Eu suspeitava." Quando eu levantei uma sobrancelha, ele esclareceu, "Ele esculpira mortes em ossos. Para vê-los. Gosta deles. Não foi difícil descobrir. "

Eu considerei. - Foi você ou Rhys quem sugeriu que você viesse aqui comigo?

- Eu queria vir. Mas Rhys... ele também adivinhou.

Porque o que tínhamos visto nos olhos de Nestha naquele dia...

- "Como chamadas adoráveis," eu murmurei.

Cassian assentiu com firmeza. "Eu acho que nem o Entalhadorh sabe o que é Nestha. Mas eu queria ver... apenas para o caso."

- Porque?

- Eu quero ajudar.

Foi resposta suficiente.

Caímos em silêncio, o riacho gorgoteando enquanto escorria.

- Você estaria com medo dela, se Nestha fosse... a Morte? Do poder dela?

Cassian ficou em silêncio por um longo momento.

Ele disse enfim: "Sou um guerreiro. Eu andei ao lado da morte toda a minha vida.

Eu teria mais medo por ela, por ter esse poder. Mas não tenho medo dela." Ele considerou, e acrescentou depois de um batimento cardíaco, "Nada sobre Nestha poderia assustar-me."

Engoli em seco e apertei sua mão. "Obrigada. "

Eu não tinha certeza por que eu mesmo disse, mas ele acenou com a cabeça mesmo assim.

Eu o senti antes que ele aparecesse, uma centelha de alegria beijada por uma estrela brilhando através de mim bem quando Rhys saiu do próprio ar. "Bem?"

Cassian saltou da rocha, estendendo uma mão para me ajudar. "Você não vai gostar do seu preço."

Rhys estendeu as duas mãos para nos levar de volta para Velaris. "Se ele quer pratos de jantar extravagantes, ele pode tê-los."

Nem Cassian nem eu pudemos rir quando ambos alcançamos as mãos estendidas de Rhys. "Melhor trazer suas habilidades de barganha hoje à noite ", foi tudo Cassian murmurou para o meu companheiro antes de desaparecer em sombras.

CHAPTER

Quando voltamos para a casa da cidade no auge do calor da tarde de verão, Cassian e Azriel tiraram a sorte no palito para ver quem permaneceria em Velaris naquela noite.

Ambos queriam se juntar a nós na cidade Escavada, mas alguém tinha que guardar a cidade - parte longa do Protocolo. E alguém tinha que guardar Elain, embora eu certamente não estivesse prestes a contar a Lucien. Cassian, praquejando e irritado, adquiriu a vara curta, e Azriel só bateu ele no ombro antes de ir até a Casa para se preparar.

Segui-o alguns minutos depois, deixando Cassian dizer a Rhys o resto do que o Entalhador tinha dito e sobre o que ele queria. Havia duas pessoas que eu precisava ver na Casa antes de partirmos. Eu deveria ter feito uma visita a Elain mais cedo, deveria ter lembrado que o casamento dela teria sido em poucos dias, mas...

Me amaldiçoei por esquecê-lo. E quanto a Lucien... Não faria mal, eu disse a mim mesma, para manter o controle sobre onde ele estava. Como essa conversa com Azriel tinha sido ontem. Certificar-me de que lembrou das regras que teríamos em conjunto.

Mas quinze minutos depois, eu estava tentando não estremecer enquanto eu andava pelos corredores da Casa do Vento.

Azriel, grato tinha ido em frente. Eu tinha ido para o céu acima da varanda mais alta - e desde que eu imaginei, agora era um bom momento para praticar voar, eu convoquei asas.

E caí vinte pés sobre pedra dura.

Um vento realmente impediu que a queda de quebrasse todos os meus ossos, mas meus joelhos e meu orgulho estavam significativamente machucados por minha queda graciosa através do ar.

Pelo menos ninguém tinha testemunhado isso.

Meus passos rígidos e mancos, pelo menos, tinham se tornado mais suaves quando encontrei Elain na familiar Biblioteca. Ainda olhando para a janela, mas ela estava fora de seu quarto.

Nestha estava lendo em sua cadeira de costume, um olho em Elain, o outro no livro espalhado em seu colo. Somente Nestha olhou para o meu caminho quando escorreguei pelas portas de madeira esculpidas.

Eu murmurei, "Olá", e fechei as portas atrás de mim.

Elain não se virou. Ela estava usando um vestido rosa pálido que pouco fazia para complementar sua pele pálida, cabelos castanho-dourado pendurado em longos e pesados cachos por suas costas.

- "É um bom dia", eu disse a eles.

Nestha arqueou uma sobrancelha elegante. - "Onde está a sua coleção de amigos? "

Eu joguei um olhar de aço para ela. "Esses amigos lhe ofereceram abrigo e conforto." E treinamento - ou o que seja que Amren estava fazendo. "Você está pronto para hoje à noite?"

- "Sim." Nestha apenas retomou a leitura do livro em seu colo. Pura despedida.

Eu soltei um pequeno bufo que eu sabia que a faria ver vermelho, e caminhei para Elain. Nestha monitorou cada passo, uma pantera preparando-se para atacar ao menor indício de perigo.

- "O que você está olhando?" Eu perguntei a Elain, mantendo minha voz suave.

Casual. Seu rosto estava pálido, seus lábios sem sangue. Mas eles se moveram - pouco - quando ela disse: "Eu posso ver tão longe agora, todo o caminho para o mar. "

De fato, o mar além do Sidra era um brilho distante. "Leva algum tempo para se acostumar."

- Eu posso ouvir seus batimentos cardíacos - se eu ouvir com atenção. Posso ouvir seus batimentos cardíacos também.

- "Você pode aprender a afogar os sons que a incomodam." Eu tinha... inteiramente sozinha. Fiquei imaginando se Nestha também, ou ambas sofreram, ouvindo os batimentos cardíacos uma da outra dia e noite. Eu não olhei para minha outra irmã para confirmá-lo.

Os olhos de Elain finalmente deslizaram para os meus. A primeira vez que ela fez isso. Mesmo desperdiçada por tristeza e desespero, a beleza de Elain era notável. Era um rosto que podia trazer os reis de joelhos. E, no entanto, não havia alegria nele. Sem luz.

Sem vida.

Ela disse: "Eu posso ouvir o mar. Mesmo à noite. Mesmo em meus sonhos. O mar quebrando - e os gritos de um pássaro feito de fogo ".

Foi um esforço para não olhar para Nestha. Até mesmo a casa da cidade era muito longe para ouvir qualquer coisa do perto da costa. E quanto a algum pássaro de fogo...

- Há um jardim - na minha outra casa - eu disse. "Eu gostaria que você viesse cuidar disso, se você estiver disposta."

Elain voltou a se virar para as janelas ensolaradas, a luz dançando em seus cabelos.

"Eu ouvirei as minhocas que contorcem-se pelo solo? Ou o alongamento das raízes? O pássaro de fogo virá sentar-se nas árvores e me vigiar? "

Eu não tinha certeza se eu deveria responder. Era um esforço para não tremer.

Mas eu peguei o olho de Nestha, notando o vislumbre de dor no rosto da minha irmã mais velha antes que ele estivesse escondido sob aquela máscara. "Há um livro que eu preciso de você para me ajudar a encontrar, Nestha," eu disse, dando um olhar fixo para as pilhas à minha esquerda.

Longe o suficiente para ter privacidade, mas perto o suficiente para permanecer nas proximidades caso Elain precise de qualquer coisa. Fazer qualquer coisa. Algo no meu peito se rachou quando os olhos de Nestha também foram para as janelas diante de Elain.

Para verificar, como eu fiz, se eles poderiam ser facilmente abertas.

Felizmente, elas foram seladas permanentemente, provavelmente para proteger contra algum tolo descuidado esquecendo de fechá-las e arruinar os livros. Provavelmente Cassian.

Nestha, sem palavras, pousou seu livro e seguiu-me para o pequeno labirinto de pilhas, ambas mantendo uma orelha na área principal. Quando estávamos longe o suficiente, eu subi um escudo de vento duro em torno de nós. Mantendo qualquer som Dentro - "Como conseguiu que ela saísse do quarto? "

- Não foi eu - disse Nestha, encostando-se a uma prateleira e cruzando os braços magros. - "Encontrei-a aqui. Ela não estava na cama quando acordei. "

Nestha deve ter entrado em pânico ao encontrar seu quarto vazio - "Ela comeu alguma coisa?"

- Não. Consegui fazer com que ela bebesse um pouco de caldo ontem à noite, ela recusou mais alguma coisa. Falando esses enigmas o dia todo.

Eu passei uma mão pelo meu cabelo, liberando fios da minha trança. "Alguma coisa aconteceu para acionar-"

- "Eu não sei. Eu a verifico a cada poucas horas." Nestha apertou a mandíbula. "Eu estava fora por mais tempo ontem, embora." Enquanto ela treinava com Amren. Rhys havia me informado que, no final, os escudos rudimentares eram sólidos o suficiente para que Amren considerasse minha irmã pronta para esta noite.

Mas lá, por baixo daquela atitude fria... culpa. Pânico.

- "Eu duvido que alguma coisa aconteceu", eu disse rapidamente. "Talvez seja apenas... parte do processo de recuperação. Do ajuste dela para ser Feérica. "

Nestha não parecia convencido. - Ela tem poderes? Como o meu?"

- "E o que, exatamente, são esses poderes, Nestha?" A não ser que este seja o primeiro sinal de algo que se manifesta. Foi um esforço para não acrescentar - *Se você falasse sobre o que acontece no Caldeirão, talvez nós teríamos uma melhor compreensão do processo.* "Vamos dar a ela um dia ou dois - ver o que acontece. Se ela melhora. "

- Por que não vemos agora?

- "Porque vamos para a Cidade Escavada em algumas horas. E você não parece inclinado a nos querer empurrando seu negócio ", eu disse a ela tão uniformemente quanto eu poderia. - "Duvido que Elain também. "

Nestha me encarou, nenhum lampejo de emoção em seu rosto, e deu um curto aceno de cabeça. "Bem, pelo menos ela deixou o quarto."

- E a cadeira.

Trocamos um olhar raro e calmo.

Mas então eu disse: "Por que você não treina com Cassian?"

A coluna de Nestha ficou travada. "Por que é só com Cassian que eu posso treinar?"

Por que não o outro?

- Azriel?

- Ele, ou a loira que não vai calar a boca.

- Se você está se referindo a Mor...

- E por que devo treinar? Eu não sou guerreira, nem desejo ser.

- Poderia fazer você forte ...

- Há muitos tipos de força além da capacidade de manejar uma lâmina e acabar com vidas. Amren me disse ontem.

- Você disse que queria que nossos inimigos morressem. Por que não matá-los você mesmo?

Ela inspecionou as unhas. "Por que se preocupar quando alguém pode fazer isso por mim?"

Evitei o desejo de esfregar minhas têmporas. "Estavam-"

Mas as portas para a biblioteca se abriram, e eu estalei a minha barreira de ar para baixo inteiramente no baque dos passos apressados, então sua parada repentina. Agarrei o braço de Nestha para mantê-la ainda quando a voz de Lucien soltou: -"Você ... você deixou seu quarto. "

Nestha cerrou os dentes, trincando. Agarrei-a com mais força e joguei um novo muro de ar ao nosso redor - segurando-a. Há semanas o enclausuramento de Elain não tinha feito nada para melhorar seu estado. Talvez os meios enigmas fossem prova disso.

E mesmo se Lucien estivesse quebrando as regras que tínhamos estabelecido...

Mais passos, sem dúvida mais perto de onde Elain estava na janela.

- Tem... há alguma coisa que eu possa conseguir para você?

Eu nunca tinha ouvido a voz do meu amigo tão suave. Tão hesitante e preocupado.

Talvez tenha me tornado o mais baixo tipo de miserável, mas eu lancei minha mente para eles. Em direção a ele.

E então eu estava em seu corpo, sua cabeça.

*Muito magra.*

*Ela não deve estar comendo nada.*

*Como ela pode ficar de pé?*

Os pensamentos fluíam pela cabeça, um após o outro. Seu coração era uma batida acelerada, poderosa, e ele não se atreveu a mover-se de sua posição a apenas cinco metros de distância. Ela ainda não se voltara para ele, mas os estragos de seu jejum eram bastante evidentes.

*Tocá-la, cheirá-la, prová-la...*

Os instintos eram um rio correndo. Ele apertou as mãos ao lado.

*Ele não esperava que ela estivesse aqui. A outra irmã - a víbora - era uma possibilidade, mas estava disposto a arriscar. Além de falar com o Encantador de Sombras ontem - que tinha sido quase tão enervante como ele esperava, embora Azriel parecia um homem bastante decente - ele estava preso nesta casa soprada pelo vento por dois dias. O pensamento de outro tinha sido suficiente para fazê-lo arriscar a ira de Rhysand.*

*Ele só queria uma caminhada - e alguns livros. Tinha sido uma época desde que ele tinha mesmo tempo livre para ler, Muito menos fazê-lo por prazer.*

*Mas lá estava ela.*

Seu companheiro.

*Ela não era nada como Jesminda.*

*Jesminda tinha sido todo o riso e travessura, muito selvagem e livre para ser contida pela vida no campo que ela tinha nascido. Ela o provocara, o provocara - o seduzira tão profundamente que não queria qualquer coisa menos ela. Ela não o tinha visto como um sétimo filho de um GrãoSenhor, mas como um macho. Tinha o amado sem dúvida, sem hesitação. Ela o havia escolhido.*

*Elain tinha sido... atirada para ele.*

Ele olhou para o serviço de chá espalhado em uma mesa baixa perto. "Eu vou assumir que um daqueles copos pertence à sua irmã." *Na verdade, havia um livro descartado na cadeira habitual da víbora.*

*Que o caldeirão ajudasse o macho que fosse algemado por ela.*

"Você se importa se eu me ajudar com o outro?"

Tentou parecer casual, confortável. Mesmo com o coração correndo e correndo, tão rápido que pensava poder vomitar no carpete muito caro, muito velho. *De Sangravah, se os padrões e corantes ricos eram qualquer indicação.*

*Rhysand era muitas coisas, mas certamente tinha bom gosto.*



*Este lugar inteiro tinha sido decorado com pensamento e elegância, com uma propensão para o conforto sobre congestão.*

*Ele não queria admitir que gostava. Não queria admitir que ele achou a cidade linda.*

*Que o círculo de pessoas que agora afirmou ser a nova família de Feyre... Era o que, há muito tempo, ele uma vez pensou que a vida no Corte de Tamlin seria.*

*Uma dor como um golpe no peito passou por ele, mas ele cruzou o tapete. Forçou suas mãos a serem firmes enquanto ele se servia uma xícara de chá e sentava-se na cadeira em frente à vazia de Nestha.*

*- Há um prato de biscoitos. Você gostaria de um?*

*Ele não esperava que ela respondesse, e ele se deu mais um minuto antes de se levantar desta cadeira e pedir licença, esperançosamente evitando o retorno de Nestha.*

*Mas a luz do sol como ouro o chamou a atenção - e Elain se afastou lentamente da vigília diante da janela.*

*Ele não via seu rosto inteiro desde aquele dia em Hybern.*

*Naquele dia, seu rosto estava tenso e aterrorizado, totalmente em branco e entorpecido, o cabelo cravado em sua cabeça, seus lábios azuis com frio e choque.*

*Olhando para ela agora ...*

*Estava pálida, sim. O vazio ainda vidrava suas feições.*

*Mas ele não podia respirar quando ela o encarou completamente.*

*Ela era a mulher mais linda que ele já tinha visto.*

*Traição, enjoada e oleosa, deslizou por suas veias. Ele dissera o mesmo a Jesminda uma vez.*

*Mas mesmo quando a vergonha lavou através dele, as palavras, o sentido cantado, Minha. Você é minha e eu sou seu. Companheira.*

*Seus olhos eram castanhos como os de uma jovem corça. E ele poderia ter jurado ter visto algo quando ela encontrou seu olhar.*

*- Quem é você?*

*Ele sabia, sem exigir esclarecimentos, que ela estava ciente do que ele era para ela.*

*- Sou Lucien. Sétimo filho do GrãoSenhor da Corte Outonal.*

*E um monte de nada. Ele tinha contado ao encantador de sombras tudo o que sabia - de seus irmãos sobreviventes, do pai dele. Sua mãe... ele mantinha alguns detalhes, irrelevantes e absolutamente pessoais, para si mesmo. Tudo, senão - os aliados mais próximos de seu pai, os cortesãos e senhores*

*mais coniventes... Ele o entregara.*

*Considerando, era datado por alguns séculos, de seu tempo como emissário, da informação que tinha não havia mudado muito. Eles todos agiram da mesma forma sob a montanha, de qualquer maneira. E depois, o que tinha acontecido com seus irmãos há poucos dias... Não havia nenhum tom de culpa quando ele disse Azriel o que ele sabia.*

*Nada do que ele sentia quando olhava para o sul - para as duas milhas que ele tinha chamado casa.*

*Por um longo momento, o rosto de Elain não se moveu, mas aqueles olhos pareciam focar um pouco mais.*

*- Lucien. - disse por fim, e apertou a xícara de chá para não estremecer ao ouvir o som de seu nome pela sua boca. "Das histórias da minha irmã. O amigo dela."*

*- Sim.*

*Mas Elain piscou lentamente. - Você estava em Hybern.*

*- "Sim. " - Era tudo o que podia dizer.*

*- Você nos traiu.*

*Ele desejou que ela o tivesse empurrado para fora da janela atrás dela. - Foi... foi um erro.*

*Seus olhos ficaram frágeis e frios. - Deveria me casar daqui a uns dias.*

*Ele lutou contra a raiva eriçada, o desejo irracional de encontrar o homem que a havia reclamado e despedaçá-lo. As palavras saíram com uma voz rouca quando ele disse: - Eu sei. Eu sinto muito.*

*Ela não o amava, queria, precisava dele. A noiva de outro homem.*

*A mulher de um homem mortal. Ou ela teria sido.*

*Ela olhou para as janelas. "Eu posso ouvir seu coração," ela disse calmamente.*

*Ele não tinha certeza de como responder, então ele não disse nada, e drenou seu chá, mesmo que tenha queimado sua boca.*

*- "Quando eu durmo," ela murmurou, "eu posso ouvir seu coração bater através da pedra." Ela inclinou sua cabeça, como se a vista da cidade mantivesse alguma resposta. -*

*"Você pode ouvir o meu? "*

*Ele não tinha certeza se ela realmente queria falar com ele, mas ele disse: "Não, senhora. Eu não posso."*

*Seus ombros demasiado magros pareciam curvar-se para dentro. "Ninguém nunca faz. Ninguém jamais olhou – não realmente." Um amontoado de palavras. Sua voz se esticou em um sussurro. "Ele fez, ele me*

viu, agora não vai."

Seu polegar roçou o anel de ferro em seu dedo.

O anel de outro macho, outro marcador que ela foi reivindicada – foi o suficiente.

Eu tinha ouvido o suficiente, aprendido o suficiente. Eu saí da mente de Lucien.

Nestha estava boquiaberta para mim, mesmo quando seu rosto tinha ficado pálido de cor em cada palavra pronunciada entre eles.

- Você já entrou na minha ...

- "Não," eu raspei.

Como ela sabia o que eu tinha feito, eu não queria perguntar. Não quando eu deixei cair o escudo em torno de nós e entramos para a área de estar.

Lucien, sem dúvida depois de ter ouvido nossos passos, ficou ruborizado enquanto olhava entre mim e Nestha. Sem vestígios de que sabia que eu tivesse deslizado em sua mente. Invadi através dele como um bandido na noite. Eu empurrei para baixo a suave náusea.

Minha irmã mais velha apenas lhe disse: "Saia."

Lancei um brilho a Nestha, mas Lucien se levantou. - "Vim procurar um livro. "

- Bem, encontre um e vá embora.

Elain apenas olhava para fora da janela, inconsciente - ou indiferente.

Lucien não se dirigia para as pilhas. Ele foi até as portas abertas. Ele fez uma pausa entre elas e disse a Nestha: "Ela precisa de ar fresco".

- Vamos julgar o que ela precisa.

Eu poderia ter jurado que seu cabelo de rubi brilhava como metal derretido quando seu temperamento subiu. Mas desapareceu, seu olho agora fixo em mim. - Leve-a para o mar. Leve-a para um jardim. Mas tire-a dessa casa por uma hora ou duas."

Então ele se afastou.

Olhei para as minhas duas irmãs. Presas aqui, bem acima do mundo.

- Vocês estão se mudando para a casa da cidade agora, - eu disse a eles. Para Lucien, que parou na escuridão do corredor.

Nestha, para o meu choque, não se opôs.

Rhys também não enviou minha ordem para baixo, pedindo a Cassian e Azriel para ajudar a movê-los.

Não, meu companheiro prometeu dar dois quartos para minhas irmãs no corredor, do outro lado das escadas. E um terceiro para Lucien - do nosso lado do corredor. Bem longe do Elain.

Trinta minutos depois, Azriel levou Elain para baixo, minha irmã silenciosa e sem resposta em seus braços.

Nestha tinha parecido pronta para sair pela varanda em vez de deixar Cassian, já vestido e armado para guardando a casa da cidade esta noite, segura-la, então eu a cutuquei para Rhys, empurrei Lucien para Cassian, e voltei sozinha.

Ou tentei de novo. Eu voei por cerca de meio minuto, saboreando o grito limpo do vento, antes de minhas asas bambolegarem, minhas costas esticarem, e a queda tornou-se insuportavelmente mortal. Eu atravessei o restante do caminho para a casa da cidade, e ajustei vasos e figurinhas na sala de estar enquanto espera por eles.

Azriel chegou primeiro, sem sombras a vista, minha irmã uma pálida e dourada massa em seus braços. Ele também usava sua armadura illyriana, os cabelos castanhos-dourados de Elain se agarrando em algumas das escamas pretas em seu peito e ombros.

Ele pousou-a suavemente no tapete do vestíbulo, tendo-a levado pela porta da frente. Elain olhou para o rosto paciente e solene.

Azriel sorriu fracamente. - Quer que eu lhe mostre o jardim?

Ela parecia tão pequena diante dele, tão frágil em comparação com a escala de seus quadris, a largura de seus ombros. As asas espreitando sobre eles.

Mas Elain não se afastou dele, não se esquivou enquanto assentia - apenas uma vez.

Azriel, gracioso como qualquer cortesão, ofereceu-lhe um braço. Eu não podia dizer se ela estava olhando para o seu Sifão azul. Ou para sua pele marcada por baixo enquanto ela respirava, "Linda".

A cor floresceu nas bochechas bronzeadas de Azriel, mas inclinou a cabeça em agradecimento e levou a minha Irmã para as portas traseiras em direção do jardim, a luz do sol banhando-os.

Um momento depois, Nestha estava pisando pela porta da frente, seu rosto um notável tom de verde. "Eu preciso de um banheiro."

Eu encontrei o olhar de Rhys enquanto ele rondava atrás dela, as mãos nos bolsos.

*O que você fez?*

Ele ergueu as sobrancelhas. Mas eu apontei para o quarto debaixo das escadas, e ela desapareceu, batendo a porta atrás dela.

- "Eu? " Rhys encostou-se não poste inferior do corrimão. "Ela reclamou que eu estava voando deliberadamente lento. Então eu fui rápido. "

Cassian e Lucien apareceram, sem olhar para o outro. Mas a atenção de Lucien foi direto para o corredor

da parte traseira, suas narinas flamejando enquanto sentia o cheiro da direção de Elain. E com quem ela tinha ido.

Um leve rosnado escorregou dele -

- Relaxe - disse Rhys. - Azriel não é do tipo arrebatador.

Lucien lhe acendeu um olhar.

Felizmente, ou talvez não, o vômito de Nestha encheu o silêncio. Cassian olhou para Rhys. "O que você fez?"

- "Eu perguntei a ele a mesma coisa," eu disse, cruzando meus braços. - "Ele disse que foi rápido. "

Nestha vomitou de novo - então silêncio.

Cassian suspirou no teto. "Ela nunca vai voar de novo."

A maçaneta torcida, e nós tentamos - ou pelo menos Cassian e eu fizemos - não parecer que tínhamos escutando-a. O rosto de Nestha ainda estava esverdeado, mas... Seus olhos ardiam.

Não havia maneira de descrever aquela queimação - e até pintá-la poderia ter falhado.

Seus olhos permaneciam o mesmo azul-cinza que o meu. E ainda... O minério derretido era tudo que eu conseguia pensar.

Mercurio em chamas era uma possível definição.

Ela avançou um passo em nossa direção. Toda sua atenção se fixou em Rhys.

Cassian casualmente pisou em seu caminho, as asas dobradas para dentro bem apertadas. Pés separados no tapete. Um combate. Mas os seus sifões brilhavam.

"Você sabe", Cassian disse vagamente para ela, "que a última vez que eu entrei em uma briga nesta casa, eu fui chutado por um mês? "

O olhar ardente de Nestha deslizou para ele, ainda indignada - mas insinuou com um pouco de incredulidade.

Ele continuou: - "Foi culpa de Amren, é claro, mas ninguém acreditou em mim. E ninguém ousou banir ela."

Ela piscou lentamente.

Mas o olhar ardente e fundido tornou-se mortal. Ou como mortal qualquer um de nós poderia parecer.

Até que Lucien respirou, "O que você é?"

Cassian não parecia se atrever a tirar seu foco da Nestha. Mas minha irmã olhou lentamente para Lucien.

- "Eu fiz aquela coisa dar alguma coisa de volta", ela disse com terrível calma. O

Caldeirão. Os cabelos ao longo dos meus braços se arrepiaram com o olhar que Nestha disparou para o tapete, depois para um ponto na parede. - "Quero ir ao meu quarto. "

Demorou um momento para perceber que ela tinha falado comigo. Eu limpei minha garganta. "Suba as escadas, à sua direita. Segunda porta. Ou a terceira - o que for melhor para você. A outra é para Elain. Precisamos sair em..." Eu olhou para o relógio na sala de estar. "Duas horas."

Um gesto raso foi seu único reconhecimento e agradecimento.

Nós vimos enquanto ela subia os degraus, seu vestido de lavanda arrastava atrás dela, uma mão esguia apoiada sobre o carrimão.

- Desculpe - Rhys a chamou.

Sua mão apertou o trilho, os brancos de seus nódulos cutucando sua pele pálida, mas ela não disse qualquer coisa enquanto continuava.

- Esse tipo de coisa ainda é possível? - Cassian murmurou quando a porta de seu quarto se fechou. "Alguém para tirar da essência do Caldeirão? "

- "Parece que sim," Rhys meditou, então disse a Lucien, "A chama em seus olhos não era do seu habitual tipo, eu imagino. "

Lucien sacudiu a cabeça. "Não. Não pareceu nada do meu próprio arsenal... Isso era... Gelo, tão frio que queimou. "

Gelo e ainda... fluido como chama. Ou uma chama feita de gelo.

- "Eu acho que é a morte", eu disse calmamente.

Eu segurava o olhar de Rhys, como se fosse novamente o fio que me mantinha neste mundo. "Eu acho que é o poder é da morte feita em carne. Ou qualquer poder que o Caldeirão detém tais coisas. É por isso que o Entalhador ouviu falar nela.

- Mãe acima - disse Lucien, passando a mão pelo cabelo.

Cassian deu-lhe um aceno solene.

Mas Rhys esfregou a mandíbula, pesando, pensando. Então ele disse simplesmente: "Só Nestha não apenas conquistaria a Morte, mas roubaria dela. "

Não é de admirar que ela não quisesse falar com ninguém sobre isso - não desejava testemunhar em nosso favor. Isso tinham sido meros segundos para nós enquanto ela tinha ido para baixo.

Eu nunca tinha perguntado a nenhuma das minhas irmãs quanto tempo tinha sido para elas dentro desse Caldeirão.

- "Azriel sabe que você está assistindo," Rhys arrastou de onde ele estava diante do espelho em nosso quarto, ajustando as lapelas de sua jaqueta preta. A casa da cidade ficou em uma tranqüila agitação de atividades quando nos preparamos para deixá-la. Mor e Amren tinham chegado meia hora atrás, a primeira dirigindo-se para a sala de estar, a última com um vestido para a minha irmã. Eu não ousei perguntar a Amren para ver o que ela selecionou para Nestha.

Treinamento, Amren tinha dito dias atrás. Havia objetos mágicos na Corte dos Pesadelos que minha irmã poderia estudar esta noite, enquanto nós estávamos ocupados com Keir. Eu me perguntava se o *Ouroboros* era um deles. E fiz uma nota para perguntar a Amren o que ela sabia do espelho que o Entalhador tão mal queria.

O que eu faria essa noite de alguma forma tem que convencer Keir a fazer parte.

Lucien ofereceu-se para se tornar útil enquanto estávamos fora lendo alguns dos textos agora empilhados sobre as mesas em toda a sala de estar. Amren apenas grunhiu com a oferta, que eu disse a Lucien ser um sim.

Cassian já estava no telhado, afiando casualmente suas lâminas. Eu lhe perguntei se nove espadas eram realmente necessárias, e ele simplesmente me disse que não doía estar preparado, e que se eu tivesse tempo suficiente para questioná-lo, então eu deveria ter tempo suficiente para fazer outro treino. Eu rapidamente saí, jogando um vulgar gesto em seu caminho.

Meu cabelo ainda estava úmido do banho que tinha acabado de tomar, deslizei meus brincos pesados através de meus lóbulos e espiei fora de nossa janela do quarto, monitorando o jardim abaixo.

Elain sentou-se silenciosamente em uma das mesas de ferro forjado, uma xícara de chá diante dela. Azriel estava esparramado na espreguiçadeira através das pedras cinzentas, banhado suas asas com o sol e lendo o que pareceu ser uma pilha de relatórios – informações, provavelmente sobre a Corte Outonal, que ele planejava apresentar a Rhys uma vez que ele o classificasse através de todos. Já vestido para a Cidade Escavada - a brutal e bela armadura tão em desacordo com o lindo jardim.

E minha irmã sentada no centro dela.

- "Por que não torná-los companheiros?" Eu meditei. Por que Lucien?

- Eu manteria essa pergunta de Lucien.

- "Estou falando sério." Eu me virei para ele e cruzei meus braços. - "O que decide?

Quem decide? "

Rhys endireitou as lapelas antes de arrancar um pedaço invisível de fiapos. "O

destino, a Mãe, o redemoinhos de Caldeirão... "

- Rhys.

Ele me observou no reflexo do espelho enquanto eu caminhava para o meu armário, abrindo as portas para arrancar o vestido que eu tinha selecionado. Pedacos de preto cintilante - uma versão ligeiramente

mais modesta do que eu tinha usado na Corte dos Pesadelos meses atrás. "Você disse que sua mãe e seu pai eram errados um para o outro; Tamlin disse que seus próprios pais estavam errados um para o outro." Tirei meu roupão.

"Assim não pode ser um perfeito sistema de correspondência. E se "- eu empurrei meu queixo para a janela, para minha irmã e o encantador de sombras no jardim - "ele é o que ela precisa? Não há escolha para você? E se Lucien desejar a união, mas ela não?"

- Um elo de acasalamento pode ser rejeitado - disse Rhys suavemente, os olhos cintilando no espelho enquanto bebia em cada polegadas de pele nua que eu tinha em exibição. "Há escolha. E às vezes, sim - o vínculo funciona mal. Às vezes, o vínculo não é nada mais do que alguns... preconceitos preordenados sobre quem irá fornecer a combinação mais forte. No seu nível mais básico, é talvez seja só isso. Alguma função natural, não uma indicação de verdadeiras almas emparelhadas." Um sorriso para mim – para a raridade, talvez, do que tínhamos. - "Mesmo assim" - prosseguiu Rhys, "Sempre haverá um... reboque. Para as fêmeas, é geralmente mais fácil de ignorar, mas os machos...

Isso pode torna-los loucos. É sua carga lutar completamente, mas alguns acreditam que têm direito à fêmea. Mesmo depois que o vínculo é rejeitado, eles vêm como se pertencesse a eles. Às vezes eles voltam para desafiar o macho que ela escolhe para si mesma. Às vezes termina na morte. É selvagem, e é feio, e misericordiosamente não acontece muitas vezes, mas... Muitos pares acasalados tentarão fazê-lo funcionar, acreditando que o Caldeirão os selecionou por uma razão. Apenas anos mais tarde eles vão perceber que talvez o emparelhamento não era ideal em espírito."

Eu arranjei o cinto escuro de jóias de uma gaveta de armários e pendurei-o sobre meus quadris. "Assim, você está dizendo que ela poderia ir embora - e Lucien teria a rédea livre para matar com quem ela quiser estar."

Rhys afastou-se finalmente do espelho, com suas roupas escuras perfeitamente cortadas para seu corpo. Sem asas esta noite - "Não há rédea livre em minhas terras. Tem sido ilegal em nosso território por um longo, longo tempo que machos podiam fazer isso.

Antes mesmo antes de eu nascer. Outros cortes, não. No continente, existem territórios que acreditam as fêmeas pertencem literalmente a seu companheiro. Mas não aqui. Elain teria toda a nossa proteção se rejeitasse a Ligação. Mas ainda será um vínculo, ainda que enfraquecido, que ela levará pelo resto de sua existência. "

- "Você acha que ela e Lucien combinam bem?" Eu tirei um par de sandálias que atavam até minhas coxas nuas e encaixei meus pés neles antes de começar a trabalhar nos fechos.

- "Você os conhece melhor do que eu. Mas vou dizer que Lucien é leal, ferozmente."

- O Azriel também.

- Azriel - disse Rhys - tem estado preocupado com a mesma fêmea nos últimos quinhentos anos.

- O laço de acasalamento não teria se encaixado para eles se ele existisse?

Os olhos de Rhys se fecharam. "Acho que essa é uma pergunta que Azriel tem feito a cada dia desde que



ele conheceu Mor." Ele suspirou quando eu terminei um pé e comecei no outro. "Posso pedir que você não jogue de casamenteira? Deixe-os resolver isso. "

Levantei-me, apoiando minhas mãos em meus quadris. "Eu nunca me meteria em assuntos de outra pessoa!"

Ele só levantou uma sobrancelha em desafio silencioso. E eu sabia exatamente a que ele se referia.

Meu instinto se endureceu quando me sentei na penteadeira e comecei a enrolar meus cabelos em uma coroa no alto da minha cabeça. Talvez eu fosse uma covarde, por não poder pedir isso em voz alta, mas eu perguntei pelo vínculo - *Era uma violação -*

*entrar na mente de Lucien assim?*

*Não posso responder isso por você.* Rhys se aproximou e me passou um gancho.

Eu deslizei-o em uma seção da trança. *Eu precisava ter certeza - que ele não estava prestes a tentar agarrá-la, nos vender para qualquer um.*

Ele me entregou outro. *E você conseguiu uma resposta para isso?*

Trabalhamos em uníssono, prendendo meu cabelo no lugar . *Eu acho que sim. Não era apenas sobre o que ele pensava. Foi o... sentimento. Não sentia má vontade, nem conivência. Só preocupação por ela. E... tristeza. Saudade.* Eu balancei minha cabeça.

*Eu digo a ele? O que eu fiz?*

Rhys fixou uma seção de meu cabelo de difícil acesso. *Você tem que considerar se o custo vale a pena.*

Aliviando sua culpa. O custo é a confiança de Lucien em mim, neste lugar.

*Eu cruzei uma linha.*

*Mas você fez isso para garantir a segurança das pessoas que você ama.*

*Eu não percebi...* eu parei, balançando a cabeça novamente.

Ele apertou meu ombro. *Não percebeu o quê?*

Eu dei de ombros, encolhida sobre o banco estofado. *Que seria tão complicado.*

Meu rosto se aqueceu. *Eu sei que soa terrivelmente ingênuo -*

*É sempre complicado, e nunca fica mais fácil, não importa quantos séculos eu tenho feito isso.*

Eu empurrei os grampos extras na penteadeira. *É a segunda vez que entrei em sua mente.*

*Então diga que é o último, e faça isso por ele.*

Pisquei, erguendo a cabeça. Eu pintara meus lábios em um tom de vermelho tão escuro que era quase

preto, e eles agora estavam pressionados em uma linha fina.

Ele esclareceu: *O que está feito está feito. Agonizar sobre isso não mudará nada.*

*Você percebeu que era um linha que você não gostou de cruzar, e assim você não vai cometer esse erro novamente.*

Eu me movi no meu assento. *Você teria feito isso?*

Rhys pensou. *Sim. E eu teria me sentido tão culpado depois.*

Ouvindo isso resolveu algo, no fundo. Eu assenti com a cabeça uma vez - duas vezes.

*Se você quer se sentir um pouco melhor, acrescentou, Lucien tecnicamente violou as regras que estabelecemos. Então você tinha o direito de olhar em sua mente, mesmo que apenas para garantir a segurança de sua irmã. Ele cruzou a linha primeiro.*

Aquela coisa profunda em mim aliviou um pouco mais. *Você está certo. E estava feito.*

Eu assisti Rhys no espelho como uma coroa escura surgindo em suas mãos. A de penas de corvos que eu o vira usar - uma gêmea feminina. Uma tiara - que gentilmente, reverentemente, colocou diante da trança que tínhamos fixado no lugar em cima da minha cabeça. A coroa original... apareceu na cabeça de Rhys um momento depois.

Juntos, olhamos para o nosso reflexo. GrãoSenhor e Senhora da Corte Noturna.

- "Pronta para ser perversa?" Ele ronronou em meu ouvido.

Meus dedos do pé enrolaram na carícia dessa voz - na memória da última vez que tínhamos ido a Corte dos Pesadelos. Como eu me sentara em seu colo, onde seus dedos haviam caído.

Eu me levantei do banco, de frente para ele completamente. Suas mãos deslizaram a pele nua ao longo de minhas costelas. Entre os meus seios. Por fora das minhas coxas.

Oh, ele se lembrou, também.

"Desta vez," eu respirei, beijando a ponta de tatuagem que espiou logo acima do colarinho preto da aqueta de Rhys ", eu consigo fazer Keir implorar."

CHAPTER

Amren não vestira Nestha em teias de aranha e poeira de estrelas, como Mor e eu estávamos vestidas. E ela não tinha vestido Nestha com seu próprio estilo de calça solta e uma blusa cortada.

Tinha-o mantido simples. Brutal.

Um vestido de preto impenetrável fluía para os pisos de mármore escuro da sala do trono da cidade de Escavada, apertada pelo corpete e as mangas, seu decote raçava a base de sua garganta pálida. Os cabelos de Nestha foram varridos em um estilo simples para revelar os ângulos de seu rosto, a clareza selvagem de seus olhos quando ela tomou a multidão reunida, as imponentes colunas esculpidas e as bestas escaladas enroscadas em torno deles, o poderoso e imponente trono no topo... e não piscou.

De fato, o queixo de Nestha levantou-se um pouco mais a cada passo que levamos pelo lugar. Um trono, eu percebi - aquele poderoso trono, com todos esses animais retorcidos e escamosos.

Rhys também percebeu. Planejado para ele.

Minha irmã e os outros desceram ao pé da escada, tomando posições flanqueadoras em sua base. Não havia medo, nenhuma alegria, nenhuma luz em seus rostos. Azriel, do lado de Mor, parecia calmamente calmo ao examinar aqueles presentes. Ao ver Keir, esperando ao lado de uma mulher de cabelos dourados que tinha de ser a mãe de Mor, zombando de nós. *Não lhes prometa nada*, Mor tinha me avisado.

Rhys estendeu uma mão para que eu subisse os degraus. Eu mantive minha cabeça erguida, para trás reta, quando segurei seus dedos e subi as escadas. Para aquele trono solitário.

Rhys apenas piscou enquanto ele graciosamente me escoltava para o trono, o movimento era tão fácil e suave como uma dança.

A multidão murmurou enquanto eu me sentava, a pedra negra mordendo fria contra minhas coxas nuas. Eles simplesmente ofegaram quando Rhys simplesmente se sentou no braço do trono, sorriu para mim e disse para a Corte dos Pesadelos, "Curvem-se".

Pois não tinham. E comigo sentada naquele trono...

Seus rostos ainda eram uma mistura de choque e desdém quando todos caíram de joelhos. Evitei olhar para Nestha enquanto ela não tinha escolha senão seguir o exemplo.

Mas eu me fiz olhar para Keir, para a fêmea ao lado dele, para qualquer um que ousasse encontrar meu olhar. Mostrando que eu me lembrava do que tinham feito a Mor, curvando-se agora com um sorriso no rosto, quando ela mal passava de uma criança.

Alguns deles evitaram meus olhos.

- "Vou interpretar que a falta de dois tronos se deve ao fato de que esta visita veio sobre você rapidamente." Rhys disse com calma letal. "E eu vou deixar você escapar sem ter sua pele desgastada de

seu ossos como meu presente de acasalamento para vocês.

Nossos súditos leais" - acrescentou, sorrindo fracamente.

Tracei um dedo sobre a espiral de um dos animais que constituíam os braços do trono. Nossa Corte. Parte dela.

E nós precisávamos deles para lutar conosco. Concordar com isso hoje à noite.

A boca que eu tinha pintado de escuro, vermelho escuro dividiu em um sorriso preguiçoso. Uma gravinha de poder serpenteou para perto trono, mas não ousou aventurar-se após o primeiro passo. Testando-me - que poder eu poderia ter. Mas não perto o suficiente para ofender Rhysand.

Eu deixei que eles se aproximassem, cheirando, quando eu disse a Rhys, para a sala do trono, "Certamente, meu amor, eles gostariam de ficar de pé agora. "

Rhys sorriu para mim, depois para a multidão. "Subam."

Eles fizeram. E algumas dessas gravinhas de poder ousaram dar o primeiro passo.

Eu saltei.

Três suspiros sufocaram através da sala murmurante enquanto eu batia a magia tão forte sobre aqueles poderes curiosos. Cavando profundidade e duramente. Um gato com um pássaro sob sua pata. Vários deles.

- "Você deseja ter isso de volta?" Eu perguntei calmamente a ninguém em particular.

Perto do pé do trono, Keir franzia o cenho por cima de um ombro, seu anel de prata cintilando seu cabelo. Alguém choramingou no fundo da sala.

"Você não sabe," Rhys ronronou para a multidão, "que não é educado tocar uma dama sem ela dar permissão?"

Em resposta, eu afundei aquelas garras escuras mais adiante, na magia de quem ousou tentar testar-me.

E flambei. "Se divirtam", eu falei para a multidão.

E deixei ir.

Três rajadas de movimento separadas guerrearam para minha atenção. Alguém tinha desviado, fugindo. Outro tinha desmaiado. E um terceiro estava agarrado a quem estava ao lado dele, tremendo. Marquei todos os seus rostos.

Amren e Nestha aproximaram-se do pé do trono. Minha irmã estava olhando - me como se nunca tivesse me visto antes. Eu não ousei quebrar a minha máscara. Não ousava perguntar se os escudos de Nestha estavam segurando. Se alguém tinha tentado testá-la também. O rosto imperioso de Nestha não revelou nada.

Amren inclinou a cabeça para Rhys, para mim. - Com sua licença, Grão - Senhor.

Rhys acenou com uma mão ociosa. "Vá. Divirta-se. " - Ele empurrou o queixo para a multidão que observava. "Comam e dancem. Agora."

Ele foi obedecido. Imediatamente.

Minha irmã e Amren desapareceram através das portas antes que a multidão pudesse começar, e sumiram para a escuridão. Para ir brincar com alguns dos tesouros mágicos mantidos aqui - para dar a Nestha alguma prática do que quer que Amren descobriu sobre como consertar a muralha.

Algumas cabeças se voltaram em sua direção - então rapidamente desviaram o olhar enquanto Amren as notava.

Deixe o monstro da casa passear.

Ainda não lhe havíamos informado sobre o Entalhador de Ossos - da visita à prisão.

Algo um pouco como culpa se enrolou em meu estômago. Embora eu pensasse que eu tinha que me acostumar com ela quando Rhys enrolou um dedo em direção a Keir e disse: - Sala do conselho em dez minutos.

Os olhos de Keir se estreitaram para ordem, a fêmea ao lado dele mantendo a cabeça baixa - o retrato da subserviência. O que Mor deveria ter sido.

Minha amiga estava de fato observando seus pais, indiferença fria em seu rosto.

Azriel se manteve um passo afastado, monitorando tudo. Eu não me deixei olhar muito interessada - muito preocupada - quando Rhys me ofereceu uma mão e nós nos levantamos do trono. E fomos para a sala de guerra.

A câmara do conselho da cidade de Escavada era quase tão grande quanto a sala do trono. Foi esculpida a partir da mesma rocha escura, seus pilares formados com esses animais enredados.

Muito abaixo do teto alto, abobadado, uma gigantesca mesa de vidro preto dividia a sala em dois como um relâmpago, seus cantos longos e irregulares. Afiados como uma navalha. Rhys reivindicou um assento na cabeceira da mesa. Eu peguei um na extremidade oposta. Azriel e Mor se colocaram em assentos de um lado, e Keir se acomodou no assento do outro.

Uma cadeira ao lado dele estava vazia.

Rhys se recostou em sua cadeira escura, girando o vinho derramado por um servo um momento antes, tinha sido um esforço para não agradecer ao homem que enchera minha taça.

Mas aqui, eu não agradeço a ninguém.

Aqui, eu peguei o que era meu, e não ofereci nenhuma gratidão ou desculpas por isso.

- "Eu sei por que você está aqui", disse Keir sem qualquer tipo de preâmbulo.

- "Oh?" A sobranceira de Rhys se arqueou lindamente.

Keir examinou-nos, o desgosto persistindo em seu belo rosto. - "Hybern está se reunindo. Suas legiões "- o desprezo com Azriel, com os Illyrianos que ele representava - "estão se reunindo." Keir entrelaçou seus longos dedos sobre o vidro escuro. - "Você quer pedir que a minha Legião da Escuridão se juntem ao seu exército. "

Rhys sorveu do vinho. "Bem, pelo menos você me poupou o esforço de dançar em torno do assunto."

Keir segurou seu olhar sem piscar. "Eu confessarei que eu me encontro... simpático a causa de Hybern."

Mor mudou ligeiramente em seu assento. Azriel apenas fixou aquele olhar gelado, vendo tudo em Keir.

- Você não seria o único - respondeu Rhys friamente.

Keir franziu o cenho para o candelabro de obsidiana, formado por uma coroa de flores com uma luz feérica no centro de cada uma lançando um brilho trêmulo prateado.

"Há muitas semelhanças entre o povo de Hybern e o meu próprio. Nós dois estamos presos, estagnados. "

- "Por fim, verifiquei", Mor cortou, "que você tem sido livre para fazer o que quiser por séculos. Mais até."

Keir não se limitou a olhar para ela, ganhando um arrepio de raiva de Azriel na decisão. "Ah, mas são nós somos livres aqui, porém nem mesmo a totalidade desta montanha nos pertence, não com o seu palácio em cima dela. "

- Tudo isso me pertence, vou lembrá-lo - disse Rhys ironicamente.

- É essa mentalidade que me permite achar as pessoas sufocadas de Hybern como sendo ... espíritos semelhantes.

- "Você quer o palácio lá em cima, Keir, então é seu." Rhys cruzou as pernas. "Eu não sabia que você o desejava a tanto tempo. "

O sorriso de resposta de Keir era quase serpentino. - "Deve precisar do meu exército desesperadamente, Rhysand. "

Novamente, aquele olhar de ódio a Azriel. - "Os morcegos já não estão aptos a rapé?"

- "Venha treinar com eles", disse Azriel suavemente, "e você aprenderá por si mesmo."

Em seus séculos de existência miserável, Keir certamente dominou a arte de zombar. E a maneira como ele zombou de Azriel... Os dentes de Mor brilharam na luz fraca. Foi um esforço para manter a mim fazendo o mesmo.

- Não tenho dúvidas - disse Rhys, o retrato de um tédio glorioso - que você já decidiu sobre seu preço.

Keir olhou para a mesa - para mim. Olhei para ele enquanto segurava meu olhar.

"Eu fiz."

Meu estômago embrulhou para aquele olhar, as palavras.

O poder das trevas roncou pela câmara, fazendo tingir o lustre de ônix. - "Ande com cuidado, Keir. "

Keir apenas sorriu para mim, depois para Rhys. Mor estava completamente imóvel.

- "O que você me daria para ter uma chance nesta guerra, Rhysand? Você se prostituiu com Amarantha – mas e a sua parceira? "

Ele não tinha esquecido como o tratamos. Como o humilhamos meses atrás. E

Rhys... só havia uma morte eterna e implacável em seu rosto, na escuridão se reunindo atrás de sua cadeira. "A barganha que nossos antepassados fizeram concede-lhe o direito de escolher como e quando seu exército auxilia o meu próprio, mas não lhe concede o direito de manter sua vida, Keir, quando eu cansar de sua existência. "

Como se em resposta, garras invisíveis arranhavam marcas profundas na mesa, o copo gritando. Eu me encolhi. Keir empalideceu vendo nas linhas agora a centímetros dele.

- "Mas eu pensei que você poderia estar... hesitante em me ajudar," Rhys continuou.

Eu nunca o tinha visto tão calmo. Não calmo, mas cheio de raiva gelada.

O tipo que eu às vezes vislumbrei nos olhos de Azriel.

Rhys estalou os dedos e disse a ninguém em particular: - "Traga-o. "

As portas se abriram num vento fantasma.

Eu não sabia onde olhar quando um servo escoltado a figura masculina alta entrou.

Para Mor, cujo rosto ficou branco de pavor. Para Azriel, que alcançou a sua adaga – Reveladora da Verdade – em menos de uma respiração, focado, mas sem surpresa. Nem um pouco de choque. Ou para Eris, herdeiro da Corte Outonal, quando entrou na sala.

CHAPTER

Era para isso que servia o assento final vazio.

E Rhys ...

Ele permaneceu esparramado em sua cadeira, bebendo de seu vinho. "Bem-vindo de volta, Eris," ele disse. "Faz cinco séculos desde a última vez que entrou aqui? "

Mor deslizou os olhos para Rhys. Traição e mágoa. Isso estava machucando. Por não nos avisar. Por essa... surpresa.

Eu me perguntei se eu escolhi meu assento com mais sucesso do que minha amiga quando Eris reivindicou o assento vago à mesa, sem se preocupar nem com um aceno de cabeça para um Keir de olhos cautelosos. "Tem sido de fato um tempo."

Ele tinha se curado desde aquele dia no gelo - não havia um sinal da ferida que Cassian lhe tinha dado. Seu cabelo vermelho estava solto, um drapeado de seda sobre sua jaqueta de cobalto bem adaptada.

*O que ele está fazendo aqui*, eu lancei pelo vínculo, não me preocupando em esconder qualquer emoção que percorreu através de mim.

*Tornando Keir a concordar em ajudar*, foi tudo Rhys disse, as palavras apertadas e cortantes. Restringido. Como se ele ainda estivesse segurando o poder de sua raiva sob controle.

Sombras enrolavam-se em volta dos ombros de Azriel, sussurrando em seu ouvido enquanto olhava para Eris.

- "Certa vez, você quis construir laços com a Corte Outonal, Keir" - disse Rhys, acomodando a taça de vinho. "Bem, aqui está a sua chance. Eris está disposta a oferecer-lhe uma aliança formal - em troca de seus serviços nesta guerra."

*Como diabos conseguiu que ele concordasse com isso?*

Rhys não respondeu.

*Rhysand.*

Keir recostou-se na cadeira. "Não é suficiente."

Eris bufou, enxendo uma taça de vinho do decantador do centro da mesa. "Tinha esquecido porque eu estava tão aliviado quando o nosso negócio desmoronou pela última vez. "

Rhys lançou-lhe um olhar de advertência. Eris apenas bebeu profundamente.

- "O que é que você quer, então, Keir?" Rhys ronronou.

Eu tinha a sensação de que se Keir me sugerisse de novo, ele acabaria salpicado na parede. Mas Keir



também deve ter percebido. E disse simplesmente a Rhysand: "Quero sair. Quero espaço. Eu quero o meu pessoal se livrando desta montanha. "

- "Você tem todo o conforto", eu finalmente disse. - "E ainda não é suficiente? "

Keir também me ignorou. Como eu tinha certeza que ele ignorou a maioria das mulheres em sua vida.

- "Você tem guardado segredos, Grão - Senhor," Keir disse com um sorriso odioso, entrelaçando as mãos e descansando-os na mesa maltratada. Bem no topo do sulco mais profundo. "Eu sempre quis saber onde todos vocês vão quando não estão aqui. Hybern respondeu à pergunta finalmente - graças a esse ataque em ... qual é o seu nome? Velaris.

Sim. Em Velaris. A Cidade da Luz Estelar ".

Mor ficou completamente imóvel.

- Quero acesso à cidade - disse Keir. - Para mim e para a minha corte.

- Não - disse Mor. A palavra ecoava nas colunas, no vidro, na rocha.

Eu estava inclinada a concordar. O pensamento destas pessoas, de Keir, em Velaris... manchando ela com suas presenças, seu ódio e sua pequenez, seu desdém e crueldade...

Rhys não recusou. Não afastou a sugestão.

*Você não pode estar falando sério.*

Rhys só observava Keir enquanto ele respondia pelo elo, *eu antecipei isso - e tomei precauções.*

Eu o contemplava. *O encontro com os Senhores dos Palácios... Isso estava ligado a isso?*

*Sim.*

Rhysand disse para Keir: "Haveria condições."

Mor abriu a boca, mas Azriel colocou uma mão marcada sobre a dela. Ela puxou a mão como se tivesse sido queimada - queimada como ele tinha sido.

A máscara de frio de Azriel nem sequer hesitou com a rejeição. Embora Eris riu suavemente. Suficiente para os olhos cor de avelã de Azriel extravasasse com raiva enquanto os estabeleceu sobre o filho do Grão - Senhor. Eris apenas inclinou sua cabeça para o encantador de sombras.

- Quero acesso irrestrito - disse Keir a Rhys.

- Você não vai entender - disse Rhys. "Haverá estadas limitadas, números limitados permitidos dentro se eu me decidir mais tarde. "

Mor virou os olhos suplicantes para Rhys. Sua cidade - o lugar que ela tanto amava.

Eu quase podia ouvir. A rachadura que eu sabia estava prestes a soar entre nosso próprio círculo.

Keir olhou para Mor finalmente - notou o desespero e a raiva. E sorriu.

Ele não tinha nenhum desejo real de sair daqui.

Apenas um desejo de tomar algo que ele tinha, sem dúvida, recolhido que sua filha querida. Eu poderia ter passado por sua garganta quando Keir disse, "Feito."

Rhys nem sequer sorriu. Mor só olhava fixamente para ele, aquela expressão suplicante amassando seu rosto.

- "Há mais uma coisa," eu adicionei, esquadrandos meus ombros. - Mais um pedido.

Keir se dignou a me reconhecer. - "Oh? "

- Preciso do espelho de Ouroboros - disse eu, disposto a meter gelo nas minhas veias. "Imediatamente."

O interesse e a surpresa brilharam nos olhos castanhos de Keir. Os olhos de Mor.

- "Quem te disse que eu tenho?" Ele perguntou calmamente.

- Isso importa? Quero isso.

- Sabe o que é o Ouroboros?

- Considere seu tom, Keir - advertiu Rhys.

Keir inclinou-se para a frente, apoiando os antebraços na mesa. "O espelho ..." Ele riu em voz baixa.

- Considere o meu presente de acasalamento. - Ele acrescentou com doce veneno: -

Se você puder olhá-lo.

Não era uma ameaça encará-lo, mas ... - "O que quer dizer? "

Keir levantou-se, sorrindo como um gato com um canário na boca. "Levar o Ouroboros, para reivindicá-lo, você deve primeiro olhar para ele." Ele foi para as portas, não esperando para ser dispensado. "E todo mundo que tentou fazê-lo ou ficou louco ou quebrado além de reparação. Mesmo um ou dois Lordes, se a lenda é verdadeira." Um encolher de ombros. - "Então, é teu, se você se atreve a enfrentá-lo. " Keir parou no limiar quando as portas se abriram com um vento fantasma. Disse a Rhys, talvez o mais próximo que tivesse vindo pedir permissão para sair, "Lorde Thanatos está tendo... dificuldades com sua filha novamente. Ele precisa da minha ajuda." Agitou uma mão, como se não tivesse apenas cedido nossa cidade ao macho. Keir empurrou o queixo para Eris. "Eu desejo falar com você em breve."

Uma vez que ele saiu se regozijando sobre sua vitória esta noite. O que nós tínhamos dado. E perdido.

Se os Ouroboros não pudessem ser recuperado, pelo menos sem um risco tão terrível... Eu excluí o pensamento, selando-o para mais tarde, como Keir deixou.

Deixando-nos sozinhos com Eris.

O herdeiro Outonal apenas sorveu seu vinho.

E eu tinha a terrível sensação de que Mor tinha ido para algum lugar distante, muito longe, enquanto Eris apoiava sua taça e disse: "Você está bem, Mor?"

- Você não fala com ela - disse Azriel suavemente.

Eris deu um sorriso amargo. "Eu vejo que você ainda está guardando rancor."

- "Esse arranjo, Eris" - disse Rhys -, "depende exclusivamente de você manter a boca fechada. "

Eris bufou um riso. "E eu não fiz um excelente trabalho? Nem mesmo meu pai suspeitava quando saí esta noite."

Eu olhei entre o meu companheiro e Eris. "Como isso veio à tona?"

Eris olhou para mim. A coroa e o vestido. "Você não pensou que eu não saberia que seu encantador de sombras estava farejando para ver se eu disse ao meu pai sobre seus...

poderes? Especialmente depois dos meus irmãos misteriosamente esquecerem sobre eles, também. Eu sabia que era uma questão de tempo antes que um de vocês chegasse para cuidar da minha memória também." Eris bateu o lado de sua cabeça com um dedo longo.

"Muito ruim para você, eu aprendi uma coisa ou duas sobre daemati. Muito ruim para meus irmãos que eu nunca me preocupei em ensiná-los."

Meu peito apertou. Rhys.

Para me manter a salvo da ira de Beron, para manter esta aliança em potencial com os Grão Senhores de desabar... Antes de começar... Rhys.

Foi um esforço para manter meus olhos secos.

Uma suave carícia sobre o vínculo era sua única resposta.

- É claro que não contei a meu pai - continuou Eris, bebendo novamente do vinho.

"Por que desperdiçar esse tipo de informação sobre o bastardo? Sua resposta seria caçar você e matá-la - não percebendo em quanta merda estamos com Hybern e que você pode ser a chave para parar."

- "Então ele planeja se juntar a nós..." Rhys disse.

- "Não se ele descobrir sobre seu pequeno segredo." Eris sorriu maliciosamente.

Mor piscou - como se percebesse que o contato de Rhys com Eris, seu convite aqui... O olhar que ela deu-me, claro e resolvido, me disse o suficiente. Magoa e raiva ainda rodopiado, mas compreensão, também.

- Qual é o preço, Eris? - Mor perguntou, apoiando os braços nus sobre o vidro escuro. "Outra pequena noiva para você torturar? "

Algo piscou nos olhos de Eris. "Eu não sei quem te deu essas mentiras para começar, Morrigan", ele disse com uma calma viciosa. "Provavelmente os bastardos com quem você se envolve." Um sorriso sarcástico para Azriel.

Mor rosnou, sacudindo as taças. "Você nunca deu nenhuma evidência do contrário.

Certamente não quando você me deixou naqueles bosques. "

- Havia forças no trabalho que você nunca considerou - disse Eris friamente. "E eu não vou desperdiçar meu fôlego explicando para você. Acredite no que você quiser sobre mim. "

- "Você me caçou como um animal", eu cortei. "Acho que vamos escolher acreditar no pior."

O rosto pálido de Eris corou. "Eu recebi uma ordem. E fui enviado para fazê-lo com dois dos meus... irmãos. "

- E o irmão que você caçou ao meu lado? Aquele cuja amante você ajudou a executar diante de seus olhos?

Eris pôs a mão sobre a mesa. "Você não sabe nada sobre o que aconteceu naquele dia. Nada."

Silêncio.

- "Dê-me algo bom", foi tudo que eu disse.

Eris me encarou. Eu olhei para trás.

- "Como você acha que ele chegou à fronteira da Corte Primavera", ele disse calmamente. "Eu não estava lá - quando eles fizeram isso. Pergunte a ele. Eu recusei. Foi a primeira e única vez que neguei a meu pai qualquer coisa. Ele me castigou. E quando eu me libertei... Eles iriam matá-lo também. Eu garanti que não. Certifiquei-me que Tamlin daria sua palavra anonimamente - para leva-lo como inferno até sua própria fronteira."

Onde dois dos irmãos de Eris haviam sido mortos. Por Lucien e Tamlin.

Eris pegou uma linha perdida no casaco. "Nem todos nós tivemos tanta sorte em nossos amigos e família como você, Rhysand. "

O rosto de Rhys era uma máscara de tédio. - Parece que sim. "

E nada disso apagava inteiramente o que ele tinha feito, mas... "Qual é o preço pedindo", eu repeti.

- "A mesma coisa que eu disse a Azriel quando eu o encontrei bisbilhotando na floresta do meu pai ontem."

Dor brilhou nos olhos de Mor quando ela chicoteou a cabeça em direção ao encantador de sombras. Mas

Azriel não a reconheceu quando ele anunciou, "Quando chegar a hora... nós devemos apoiar a oferta de Eris para tomar o trono."

Mesmo quando Azriel falou, aquela raiva congelada apagou seu rosto. E Eris era sábio o suficiente para finalmente parecer pálido com a visão. Talvez fosse por isso que Eris tinha mantido o conhecimento de seus poderes para si mesmo. Não apenas para este tipo de negociação, mas para evitar a ira do encantador de sombras. A lâmina a seu lado.

- "O pedido ainda está de pé, Rhysand" - disse Eris, dominando-se - "para matar o meu pai e eu posso prometer nossas tropas. "

Mãe acima. Ele nem sequer tentou escondê-lo com um olhar com remorsos. Foi um esforço para manter a minha mandíbula de cair para a mesa em sua intenção, a casualidade com que ele falou.

- "Tentador, mas muito confuso", Rhys respondeu. "Beron se juntou a nós na Guerra. Esperançosamente ele balançará isso de novo." Um olhar afiado para Eris.

- "Ele vai", Eris prometeu, passando um dedo sobre uma das marcas de garra arrastadas pela mesa. E vai permanecer felizmente inconscientes dos presentes de Feyre...

".

Um trono - em troca de seu silêncio. E influência.

- Faça que Keir não se preocupe com nada - disse Rhys, acenando com a mão na despedida.

Eris apenas se levantou. "Vamos ver." Franziu o cenho para Mor enquanto drenava seu vinho e apoiava a taça.

- Estou surpreso que você ainda não pode controlar-se em torno dele. Você tinha todas as emoções escritas nessa sua cara bonita. "

- Cuidado - avisou Azriel.

Eris olhou entre eles, sorrindo levemente. Secretamente. Como se soubesse algo que Azriel não sabia. "Eu não teria tocado você ", ele disse para Mor, que ficou pálida de novo. "Mas quando você fodeu aquele outro bastardo..." - Um grunhido foi arrancado da garganta de Rhys. E o minha. "Eu sabia por que você fez aquilo." Mais uma vez esse sorriso secreto que tinha Mor encolhendo-se. Encolhendo! "Então eu dei a você sua liberdade, terminando o noivado sem termos ".

- E o que aconteceu depois - rosnou Azriel.

Uma sombra cruzou o rosto de Eris. "Há poucas coisas que eu lamento. Essa é uma delas. Mas talvez um dia, agora que somos aliados, direi por quê. O que me custou. "

- "Eu não dou a mínima", Mor disse calmamente. Ela apontou para a porta. - "Saia."

Eris deu um sorriso zombeteiro para ela. Para todos nós. "Vejo você na reunião em doze dias."



Encontramos Nestha e Amren esperando do lado de fora da sala do trono, ambos parecendo irritadas e cansadas. Bem, isso fez seis de nós.

Não duvidei da afirmação de Keir sobre o espelho - e arriscando-me a olhá-lo...

Nenhum de nós podia pagar. Para ser quebrado. Enlouquecido. Nenhum de nós - não agora. Talvez o Entalhador de Ossos soubesse disso. Tinha me enviado para a tarefa de um tolo para divertir-se.

Nós não nos incomodamos com adeus a sussurrante corte quando atravessamos direto para casa da cidade. Para Velaris - a paz e a beleza que agora se sentiam infinitamente mais frágeis.

Cassian tinha saído do telhado em algum momento para se juntar a Lucien na sala de estar, os livros da parede espalhados na mesa de baixo entre eles. Ambos ficaram de pé com as expressões em nossos rostos.

Cassian estava a meio caminho de Mor quando ela girou sobre Rhys e disse: "Por quê? "

A voz dela quebrou. E algo no meu peito rachou, também, quando lágrimas começaram a correr pelo seu rosto.

Rhys ficou parado ali, olhando para ela. Seu rosto ilegível. Observando como ela bateu as mãos em seu peito e gritou: "Por quê? "

Ele deu um passo. "Eris encontrou Azriel - nossas mãos estavam amarradas. Eu fiz o melhor." Sua garganta balançou.

- "Eu sinto muito."

Cassian os avaliou, congelado no meio do quarto. E eu presumi que Rhys estava dizendo a ele mentalmente, assumiu que ele estava dizendo a Amren e talvez até mesmo a Lucien e Nestha, pela surpresa piscando em seus olhos.

Mor girou para Azriel. "Por que você não disse nada? "

Azriel manteve o olhar fixo. Não fez nenhum sussurro com suas asas. "Porque você teria tentado pará-lo. E não podemos perder a aliança de Keir - e enfrentar a ameaça de Eris."

- "Você está trabalhando com esse idiota", Cassian cortou, qualquer que seja a emoção que passou, ele se recuperou agora, aparentemente. Ele foi para o lado de Mor, com a mão em suas costas. Ele balançou a cabeça para Azriel e Rhys, com repugnância enrolando o lábio.

- Você deveria ter cravado a cabeça de Eris na fogueira dos portões da frente.

Azriel só os observava com aquela indiferença gelada. Mas Lucien cruzou os braços, apoiando as costas no sofá. "Eu tenho que concordar com Cassian. Eris é uma cobra. "

Talvez Rhys não o tivesse informado de tudo, então. Sobre o que Eris havia reivindicado do irmão mais novo da maneira que pudesse. Do seu desafio.

"Toda a sua família é desprezível", disse Amren a Lucien, de onde ela e Nestha se demoraram no arco. "Mas Eris pode ser uma alternativa melhor. Se ele puder encontrar uma maneira de matar Beron e o poder mudar para si mesmo".

- Tenho certeza de que sim - disse Lucien.

Mas Mor ainda olhava para Rhys, aquelas lágrimas silenciosas escorrendo por suas bochechas coradas. "Não é sobre Eris," ela disse, a voz balançando. "É sobre aqui." Ela acenou uma mão para a casa da cidade, a cidade. "Isso é minha casa, e você vai deixar Keir destruí-la. "

- "Eu tomei precauções" - disse Rhys - uma corte à sua voz que eu não tinha ouvido há algum tempo. "Muitos deles. Começando com a reunião com os Senhores dos Palácios e levando-os a concordar em nunca servir, abrigo, ou entreter Keir ou alguém da Corte dos Pesadelos. "

Mor piscou. A mão de Cassian se moveu para seu ombro e apertou.

- "Eles estão enviando a palavra a todos os empresários da cidade", continuou Rhys, "cada restaurante e loja local. Então Keir e sua vizinhança podem vir aqui... Mas eles não vão achar um lugar acolhedor. Ou um lugar onde eles podem até conseguir acomodações."

Mor balançou a cabeça enquanto sussurrava: - "Ele ainda a destruirá. "

Cassian deslizou seu braço em volta de seus ombros, seu rosto mais duro do que eu já tinha visto enquanto estudava Rhys.

Então Azriel. "Você deveria ter nos avisado."

- "Eu deveria ter," Rhys disse - embora ele não parecesse pesaroso por isso. Azriel apenas permaneceu um pé afastado, com as asas dobradas apertadas e cílios cintilando.

Entrei finalmente. "Definiremos limites - quando e com que frequência eles virão."

Mor balançou a cabeça, ainda não olhando para qualquer lugar, exceto para Rhys.

"Se Amarantha estivesse viva..." A palavra deslizou pela sala, escurecendo os cantos. "Se ela estivesse viva e me oferecesse para trabalhar com ela - até mesmo se fosse para nos salvar, como você se sentiria?"

Nunca... nunca tinham chegado tão perto de discutir o que tinha acontecido com ele. Aproximei-me do lado de Rhys, roçando meus dedos contra os dele. Seus próprios enrolado-se aos meus.

- "Se Amarantha nos oferecesse um tiro fino pela sobrevivência," Rhys disse, seu olhar inflexível, "então eu não daria uma merda que ela me fez fodê-la por todos esses anos."

Cassian se encolheu. O quarto inteiro estremeceu.



- "Se Amarantha aparecer naquela porta agora mesmo" - Rhys rosnou apontando para a entrada do vestibulo – "e dissesse que poderia nos comprar uma chance de derrotar Hybern, de manter todos vocês vivos, agradeceria a merda ao Caldeirão. "

Mor sacudiu a cabeça, as lágrimas escorregando livre novamente. - "Você não quer dizer isso. "

- Eu faço

*Rhys.*

Mas o vínculo, a ponte entre nós... era um vazio uivante. Uma tempestade furiosa e escura. Demasiado longe - isso estava empurrando os dois muito longe. Eu tentei pegar o olhar de Cassian, mas ele estava monitorando a pele marrom-dourada naturalmente ficando pálida. As sombras de Azriel se aproximaram, meio velando-o de vista. E

Amren... Amren pisou entre Rhys e Mor. Ambos se ergueram sobre ela.

- "Eu impedi esta unidade de quebrar por quarenta e nove anos", disse Amren, olhos brilhando como relâmpagos. "Eu sou não vou deixá-los se rasgar em pedaços agora."

Ela enfrentou Mor. "Trabalhar com Keir e Eris não é indulgente, e quando esta guerra acabar, eu vou caçá-los e matá-los com você, se é isso que você quer Mor." Ela apesar de não falar nada, enfim desviou o olhar de Rhys.

- Meu pai envenenará esta cidade.

- Não permitirei que o faça - disse Amren.

Eu acreditei nela.

E eu acho que Mor também, mesmo as lágrimas que continuaram deslizando livres... eles pareciam mudar, de alguma forma.

Amren virou-se para Rhys, cujo rosto agora se dirigia para a devastação.

Eu deslizei minha mão através da dele. " *Eu vejo você*, eu disse, dando a ele as palavras que eu uma vez sussurrei todos aqueles meses atrás, *e isso não me assusta*.

Amren disselhe: "Você é um desgraçado sorrateiro. Você sempre foi, e provavelmente sempre será. Mas isso não desculpa, garoto, de não nos avisar. Avise, logo onde esses dois monstros estão envolvidos. Sim, você fez a chamada certa - jogou bem.

Mas você também jogou mal."

Algo como vergonha obscureceu seus olhos. "Eu sinto muito."

As palavras - para Mor, para Amren.

Os cabelos escuros de Amren balançavam-se quando os avaliou. Mor apenas sacudiu a cabeça finalmente

– mais aceitação do que negação.

Eu engoli, minha voz áspera quando eu disse, "Esta é a guerra. Nossos aliados são poucos e já não confiam em nós. " Encontrei cada um deles no olho - minha irmã, Lucien, Mor, Azriel e Cassian. Então Amren. Então meu parceiro. Eu apertei sua mão com a culpa agora afundando suas garras profundamente dentro dele. "Todos vocês foram à guerra e voltaram-quando eu nunca pisei num campo de batalha. Mas... tenho de imaginar que não vamos durar muito se... nós nos separamos. Por dentro."

Tropeçando, palavras quase incoerentes, mas Azriel disse finalmente: - "Ela está certa. "

Mor não olhou em sua direção. Eu poderia ter jurado que culpa nublava os olhos de Azriel, mas se foi em um piscar de olhos.

Amren recuou para o lado de Nestha quando Cassian me perguntou: "O que aconteceu com o espelho?"

Eu balancei minha cabeça. "Keir diz que é meu, se eu me atrevo a levá-lo.

Aparentemente, o que você vê dentro quebrará você – ou o levará a insanidade. Ninguém nunca se afastou dela."

Cassian jurou.

- "Exatamente", eu disse. Era um risco que talvez nenhum de nós estivesse inteiramente preparado para enfrentar. Não quando todos eramos necessário - cada um de nós.

Mor acrescentou um pouco rouca, endireitando os plissados de ébano e saias de seu vestido de gaze, "Meu pai falou a verdade sobre isso. Eu fui criada com lendas do espelho.

Nenhuma era agradável. Ou obtinham sucesso. "

Cassian franziu o cenho para mim, para Rhys. "E daí-"

- Você está falando sobre os Ouroboros - disse Amren.

Eu pisquei. Merda. Merda -

- "Por que você quer esse espelho?" Sua voz tinha escorregado para um timbre baixo.

Rhys enfiou a mão livre no bolso. "Se a honestidade é o tema da noite... Porque o Entalhador de Ossos pediu. "

As narinas de Amren dilataram. - Você foi para a prisão.

- "Seus velhos amigos dizem olá", Cassian disse, inclinando um ombro contra o arco da sala de estar.

Amren apertou o rosto, Nestha olhando entre eles - cuidadosamente. Lendo-nos.

Especialmente a Amren.

Olhos de mercúrio giraram. "Porque você foi?"

Abri a boca, mas o ouro dos olhos de Lucien chamou minha atenção. Enlacei ele.

Minha hesitação deve ter sido indício suficiente de minha cautela.

Com a mandíbula apertada por um toque de frustração, Lucien se desculpou para seu quarto. Frustração - e talvez desapontamento. Eu bloqueei o que isso fez para o meu estômago.

- "Tivemos algumas perguntas para o Entalhador." Cassian deu a Amren um sorriso quando Lucien se foi.  
- "E temos algumas para você. "

Os olhos cheios de fumaça de Amren brilharam. - "Você vai libertar o Entalhador."

Eu disse simplesmente: "Sim." Um exército de um monstro.

- Isso é impossível.

- Eu vou lembrar que você, doce Amren, escapou. - Rhys respondeu suavemente. -

E continuou livre. Assim pode ser feito. Talvez você pudesse nos contar como você conseguiu.

Cassian se posicionara junto à porta, percebi, para estar mais perto de Nestha. Para agarrá-la se Amren decidisse que ela não se preocupava particularmente com a direção da conversa. Ou para qualquer um dos móveis em nesse cômodo.

Precisamente porque Rhys agora se colocou do outro lado de Amren - para atrair sua atenção para longe de mim, e Mor atrás de nós, cada músculo em seu corpo esticado em alerta.

Cassian estava olhando fixamente para Nestha - o suficiente para que minha irmã se virasse para ele. Encontrou seu olhar. Viu a cabeça inclinada ligeiramente. Uma ordem silenciosa.

Nestha, para meu choque, obedeceu. Dirigiu-se para o lado de Cassian enquanto Amren respondeu a Rhys: - Não.

- Não foi um pedido - disse Rhys.

Ele havia admitido que apenas questionar Amren tinha sido algo que ela tinha permitido que ele fizesse apenas nos últimos anos. Mas dar-lhe uma ordem, empurrando-a assim...

- Feyre e Cassian conversaram com o Entalhador de Ossos. Ele quer os Ouroboros em troca de nos servir - lutando contra Hybern para nós. Mas precisamos que você explique como tirá-lo.

O negócio é que Rhys ou eu atacáramos juntos para mantê-la em nossa vontade.

Sua voz era muito calma, muito doce.

- "Quando terminarmos com tudo isso", disse Rhys, "então minha promessa de meses atrás ainda se mantém: use o Livro para se mandar para casa, se quiser. "

Amren fitou-o. Estava tão quieto que o relógio na prateleira da sala de estar podia ser ouvido. E além disso - a fonte no jardim -

- Chame seu cachorro - disse Amren com aquele tom letal.

Porque a sombra no canto atrás de Amren... era Azriel. O punho de obsidiana da Reveladora da Verdade em sua mão cicatrizada. Ele tinha se movido sem que eu percebesse - embora eu não tivesse dúvida de que os outros provavelmente haviam sido conscientes.

Amren mostrou os dentes para ele. O belo rosto de Azriel não se modificou.

Rhys permaneceu onde estava quando perguntou a Amren: "Por que você não nos diz?"

Cassian casualmente deslizou Nestha atrás dele, seus dedos esbarrando nas saias de seu vestido preto. Como se para tranquilizar-se de que ela não estava no caminho direto de Amren. Nestha só subiu em seus dedos para seu ombro.

- "Porque a pedra embaixo desta casa tem orelhas, o vento tem orelhas - tudo isso escutando", disse Amren. "E se eu relatar... Eles vão se lembrar, Rhysand, que eles não me pegaram. E eu não vou deixar eles me colocarem naquele buraco negro novamente."

Minhas orelhas esticaram quando um escudo clicou o lugar. "Ninguém vai ouvir além deste cômodo."

Amren examinou os livros esquecidos na mesa baixa da sala de estar.

Suas sobrancelhas se estreitaram. "Eu tive que abrir mão de algo. Eu tive que desistir de mim. Para sair, eu tinha que me tornar algo completamente diferente, algo que a prisão não reconheceria. Então eu... eu me amarrei nesse corpo. "

Eu nunca a ouvi tropeçar em uma palavra antes.

- "Você disse que alguém mais te amarrou," Rhys questionou cuidadosamente.

- Eu menti - para cobrir o que eu tinha feito. Então ninguém poderia saber. Para escapar da prisão, eu me tornei mortal. Imortal como você é, mas... mortal em comparação com - ao que eu era. E o que eu era... eu não sentia, o caminho que eu sigo, da maneira faço agora. Algumas coisas - lealdade e ira e curiosidade - mas não o espectro completo."

Novamente, aquele olhar distante. "Eu era perfeita, de acordo com alguns. Eu não me arrependia, não chorava... e dor... Eu nunca a experimentei. E ainda... contudo eu acabei aqui, porque eu não era boa como os outros. Mesmo assim - Como o que eu era, eu era diferente. Muito curiosa. Muito questionante. O dia em que o rasgo apareceu no céu... foi a curiosidade que me levou. Meus irmãos e irmãs fugiram. Por ordens de nosso governante, nós tínhamos derrubado cidades geminadas, ferimos completamente em escombros uma planície, e ainda assim fugiram desse Mundo, mas eu queria olhar. Eu queria. Eu não era construído ou criado para sentir coisas tão egoístas como queriam. Eu tinha visto o que aconteceu com aqueles da minha espécie que se desviaram, que aprenderam a colocar suas necessidades em primeiro lugar. Quem desenvolveu...

sentimentos. Mas eu atravessei a lágrima no céu. E aqui estou eu."

- "E você deu tudo isso para sair da prisão?" Mor perguntou suavemente.

- Eu entreguei minha graça - minha perfeita imortalidade. Eu sabia que uma vez que eu fizesse... Eu sentiria dor. E arrependimento. Eu gostaria, e eu iria queimar com ele. Eu iria... cair. Mas eu estava... o tempo trancada lá embaixo... Eu não me importava.

Eu não tinha sentido o vento no meu rosto, não tinha cheirado a chuva... Eu nem me lembrava de como eles se sentiam. Não me lembrei da luz do sol.

Foi a Azriel que sua atenção se afastou - a escuridão da sombra se afastando para revelar os olhos Cheio de entendimento. Bloqueado.

- Então eu me amarrei nesse corpo. Empurrei minha graça ardente para dentro de mim. Eu desisti de tudo que eu era. A porta da cela... destrancou. E então eu saí.

Uma graça ardente... Isso ainda ardia lentamente dentro dela, visível apenas através da fumaça em seus olhos cinzentos.

- Esse será o custo da libertação do Entalhador - disse Amren. "Você terá que amarrá-lo em um corpo. Faça-o... Feérico. E eu duvido que ele concordará com isso.

Especialmente sem os Ouroboros.

Estávamos em silêncio.

- "Você deveria ter me perguntado antes de ir," ela disse, aquela nitidez retornando ao seu tom. "Eu iria ter poupado a visita. "

Rhysand engoliu em seco. - Você pode estar desvinculada?

- Não por mim.

- O que aconteceria se pudesse?

Amren olhou para ele por um longo tempo. Então para mim. Cassian. Azriel. Mor.

Nestha. Finalmente de volta para o meu companheiro.

- Eu não me lembraria de você. Eu não me importaria com nenhum de vocês. Eu iria matá-los ou abandoná-los. O que eu sinto agora... seria estranho para mim - não teria qualquer influência. Tudo que eu sou, este corpo... ele deixaria de existir ".

- "O que você era?" Nestha respirou, vindo em torno de Cassian para ficar ao seu lado.

Amren brincou com um de seus brincos de pérolas negras. - Um mensageiro e um soldado assassino. Para um Deus da Ira que governou um outro mundo.

Eu podia sentir as perguntas dos outros crescendo. Os olhos de Rhys estavam quase brilhando com eles.

- Amren era seu nome? - perguntou Nestha.

- "Não. " A fumaça ardia em seus olhos. "Eu não me lembro do nome que recebi.

Eu usei Amren porque... é uma longa história."

Eu quase implorei para ela contar, mas passos suaves bateram, e então -

- Oh.

Elain começou - o suficiente para que eu percebesse que ela não podia nos ouvir.

Não tinha ideia que estávamos aqui, graças ao escudo que impediu o som de escapar.

Instantaneamente caiu. Mas minha irmã permaneceu perto da escada. Ela cobriu sua camisola com uma xale de seda do mais pálido azul, seus dedos se agarrando ao tecido enquanto se segurava.

Eu fui até ela imediatamente. "Precisa de alguma coisa?"

"Não. Eu... eu estava dormindo, mas ouvi..." Ela balançou a cabeça e piscou para o nosso traje formal, a Coroa de escuridão em cima da minha cabeça – a de Rhysand. "Eu não ouvi você."

Azriel deu um passo à frente. - Mas você ouviu outra coisa.

Elain parecia estar a ponto de assentir, mas apenas recuou. - Acho que estava sonhando - murmurou ela. "Eu acho que estou sempre sonhando estes dias. "

- "Deixe-me pegar um pouco de leite quente", eu disse, colocando uma mão em seu cotovelo para guiá-la na sala de estar.

Mas Elain me sacudiu, voltando para a escada. Ela disse enquanto subia os primeiros degraus, "eu posso ouvir ela chorando. "

Agarrei o poste inferior do corrimão. "Quem?"

- "Todo mundo acha que ela está morta." Elain continuou andando. "Mas ela não está. Apenas diferente. Alterada. Como eu estava."

- "Quem", eu empurrei.

Mas Elain continuou subindo as escadas, aquele xale caindo pelas costas. Nestha se aproximou do lado de Cassian para abordar o meu próprio. Ambas sugamos uma respiração, para dizer o quê, eu não sabia, mas...

- "O que você viu?"- perguntou Azriel, e eu tentei não estremecer quando o encontrei no meu outro lado, não tendo visto se mexer. Novamente.

Elain fez uma pausa na metade da escada. Lentamente, ela se virou para olhar para ele. "Eu vi as mãos jovens murchar com a idade, vi uma caixa de pedra negra. Vi uma pena de fogo pousar na neve e

derreter." Meu estômago caiu no chão. Um olhar para Nestha confirmou que ela também sentia. Via isso. Loucura. Elain poderia muito bem ter ficado louca - "Estava com raiva," Elain disse calmamente. "Era assim, tão irritada que algo foi tomado. Então, foi preciso dar a eles um castigo ".

Não dissemos nada. Eu não sabia o que dizer - o que até mesmo pedir ou exigir. Se o Caldeirão tivesse feito algo para ela também. Enfrentei Azriel, expondo minhas palmas para ele. "O que isso significa?"

Os olhos castanhos de Azriel se agitaram enquanto estudava minha irmã, seu corpo muito magro. E sem uma palavra, ele atravessou. Mor observou o espaço onde ele estivera de pé muito tempo depois que ele se foi.

Esperei até que os outros tivessem saído - Cassian e Rhys escorregando para refletir sobre as possibilidades ou a falta delas e nossos supostos aliados, Amren irrompeu para se livrar de nós inteiramente, e Mor correndo para desfrutar o que ela considerou como seus últimos dias de paz nesta cidade, uma fragilidade ainda em sua voz - antes de eu encurralasse Nestha na sala de estar.

- O que aconteceu na cidade de Escavada - com você e Amren? Você não mencionou.

- Estava bem.

Apertei a mandíbula. "O que aconteceu? "

- Ela me levou para um quarto cheio de tesouros. Objetos estranhos. E ela... - Ela puxou a manga apertada de seu vestido – "Alguns pareciam querer nos machucar. Como se estivessem vivos. Como... como em todas aquelas histórias e mentiras que nós fomos alimentados sobre a Muralha. "

- "Você está bem?" Eu não conseguia encontrar nenhum sinal de dano em nenhum lugar, e nem tinha dito nada para sugerir...

- Foi um exercício de treinamento. Com uma forma de magia projetada para repelir intrusos. - As palavras pareciam recitadas - Como a Muralha provavelmente será. Ela queria que eu rompesse as defesas - encontrasse as fraquezas.

- E consertá-los?

- Só encontrar as fraquezas. Reparar é outra coisa, - disse Nestha, seus olhos distantes quando ela franziu o cenho para os livros ainda abertos na mesa baixa diante da lareira.

Suspirei. "Então... isso deu certo, pelo menos."

Aqueles olhos voltaram a ser nítidos. "Eu falhei. Toda vez, então não. Não deu certo. "

Eu não sabia o que dizer. Simpatia provavelmente me ganharia um chicote de língua. Então eu optei por outra rota. "Precisamos fazer algo sobre Elain".

Nestha endureceu. "E que solução você propõe, exatamente? Deixar seu companheiro entrar em sua mente para embaralhar coisas ao redor? "

- Eu nunca faria isso. Eu não acho que Rhys possa até mesmo... consertar coisas assim.

Nestha caminhou em frente à lareira escurecida. "Tudo tem um custo. Talvez o custo de sua juventude e imortalidade seria perdendo parte de sua sanidade".

Meus joelhos bambolearam o suficiente para que eu me sentasse no sofá profundamente almofadado. - Qual foi o seu custo?

Nestha parou de se mover. - Talvez seja ver Elain sofrer - enquanto eu escapava ilesa.

Eu atirei em meus pés. "Não se preocupe." Mas eu a segui arrastando-me enquanto ela caminhou para as escadas. Para onde Lucien estava agora descendo a passos rápidos-e estremeceu ao ver sua aproximação.

Ele deu a ela um amplo espaço enquanto passava por ele. Um olhar para seu rosto tenso me fez preparar - E voltar para a sala de estar.

Eu me afundei na poltrona mais próxima, surpresa ao encontrar-me ainda no meu vestido preto como o tecido raspado contra minha pele nua. Há quanto tempo eu estava de volta da cidade Escavada? Trinta minutos? Menos? E a prisão só tinha sido naquela manhã?

Parecia dias atrás. Eu reclinei minha cabeça contra a parte traseira bordada da cadeira e assisti Lucien tomar um assento no braço enrolado do sofá mais próximo.

"Longo dia?"

Eu resmunguei minha resposta.

Aquele olho metálico se apertou. - Pensei que a prisão fosse outro mito.

- Bem, não é.

Ele pesou o meu tom, e cruzou os braços. - Deixe-me fazer alguma coisa. Sobre Elain. Eu ouvi - do meu quarto tudo o que aconteceu agora. Não faria mal que um curandeiro a olhasse. Externamente e internamente.

Eu estava cansada o suficiente para que eu mal pudesse chamar uma respiração para perguntar: "Você acha que o Caldeirão a fez insana?"

- Acho que ela passou por algo terrível - respondeu Lucien com cuidado. "E não faria mal ter seu melhor curador fazendo um exame aprofundado."

Esfreguei minha mão sobre o rosto. "Tudo bem." Minha respiração pegou as palavras. - Amanhã de manhã.

Consegui um aceno de cabeça raso, reunindo minha força para me levantar da cadeira. Pesada - havia um velho peso em mim. Como se eu pudesse dormir por cem anos e não seria suficiente.

- "Por favor, me diga", Lucien disse quando eu cruzei o limiar no vestíbulo. "O que o curandeiro falar. Se... se precisar de mim para qualquer coisa."

Eu dei a ele um último aceno de cabeça, o discurso de repente me ultrapassou.



Eu sabia que Nestha ainda não estava dormindo enquanto eu passava pelo quarto dela. Sabia que ela tinha ouvido cada palavra da nossa conversa graças a essa audição Feérica. E eu sabia que ela ouviu quando a porta de Elain, bateu uma vez, e cutuquei minha cabeça para encontrá-la dormindo... respirando.

Mandeí um pedido a Madja, a curandeira preferida de Rhysand, para vir no dia seguinte às onze. Eu não expliquei o porque, quem ou o quê. Então entrei em meu quarto, rastejei para o colchão, e chorei.

Eu realmente não sei por quê.

Mãos fortes e largas esfregaram minha espinha, e eu abri meus olhos para encontrar o quarto inteiramente negro, Rhysand empoleirado no colchão ao meu lado. "Você quer alguma coisa para comer?" Sua voz era suave - tentativa.

Não levantei a cabeça do travesseiro. "Eu me sinto... pesado novamente," eu respirei, quebrando a voz.

Rhys não disse nada quando ele me pegou em seus braços. Ele ainda estava de casaco, como se tivesse acabado de entrar de onde quer que estivesse falando com Cassian.

No escuro, respirei seu cheiro, saboreei seu calor. "Você está bem?"

Rhys ficou quieto por um longo minuto. "Não."

Eu passei meus braços ao redor dele, segurando-o firmemente.

- "Eu deveria ter encontrado outra maneira", disse ele.

Passei os dedos pelos cabelos sedosos.

Rhys murmurou: "Se ela ...". Sua agonia era audível. "Se ela aparecesse nesta casa..." Eu sabia quem ele quis dizer. "Eu a mataria. Sem sequer deixá-la falar. Eu a mataria."

- "Eu sei." Eu também faria.

- Você me perguntou na biblioteca - ele sussurrou. "Por que eu... Por que eu prefiro levar tudo isso sobre mim mesmo. Hoje à noite é um bom motivo. Ver o choro de Mor é um por quê. Eu fiz uma chamada ruim. Tentei encontrar outra forma de contornar essa situação em que estamos... E perdi algo - Mor perdeu algo - no processo. "

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Horas. Duas almas, trançando no escuro.

Abaixei meus escudos, Deixei-o entrar completamente. Sua mente se enrolou ao redor da minha.

- Você se arriscaria a investigar isso - os Ouroboros? - Perguntei.

- Ainda não - disse Rhys, me segurando com mais força. "Ainda não."

CHAPTER

Eu me arrastei para fora da cama por pura vontade na manhã seguinte.

Amren tinha dito que o Entalhador não se ligaria a um corpo Feérico - tinha afirmado isso. Mas não faria mal tentar. Se nos dava a menor chance de segurar, de impedir Rhys de dar tudo ...

Ele já tinha ido embora quando eu acordei. Eu cerrei os dentes enquanto vestia meus couros e fui para a Casa do Vento. Eu tinha as minhas asas prontas quando bati nas alas protegendo-o, e consegui um deslize decente o suficiente na abertura sobre o Arco de treinamento em sua parte superior plana.

Cassian já estava esperando, mãos nos quadris. Observando como eu facilitei para baixo, para baixo... Muito rápido. Meus pés saltaram sobre a sujeira, saltando-me para cima...

- A parede!

Sua advertência chegou tarde demais.

Eu bati em uma parede de carmesim antes de obter o rosto em cheio na rocha vermelha, mas - eu jurei, o orgulho esfolado tanto quanto minhas palmas enquanto eu cambaleava para trás, minhas asas escorregadias atrás de mim. Os ombros de Cassian sacudiram enquanto segurava uma risada, e eu dei-lhe um gesto vulgar em troca.

- Se você entrar para um pouso dessa forma, certifique-se de ter espaço.

Eu fiz uma careta. "Lição aprendida."

- Ou espaço para um banco e círculo até que você aprender a ser lenta-

- Entendi.

Cassian levantou as mãos, mas a diversão se desvaneceu enquanto ele me observava dispensar as asas e a sujeira. "Você quer ir duro hoje, ou ficar mais tranquila?"

Eu não acho que os outros lhe deram crédito suficiente - para perceber a mudança na corrente emocional de alguém. Para comandar legiões, eu supus, ele precisava ser capaz de ler esse tipo de coisa, julgar quando seus soldados ou inimigos eram fortes ou quebrando.

Olhei para dentro, para aquele lugar onde eu agora me sentia como areia movediça, e disse, "Pesado. Eu quero perder aqui." Eu tirei a jaqueta de couro e enrolei as mangas da minha camisa branca. Cassian me olhou fixamente. Ele murmurou: "Também me ajuda, a atividade física, " - rodou os ombros enquanto eu começava a esticar. "Sempre me ajudou a me concentrar e depois da noite passada... " - Ele amarrou os cabelos escuros.

"Eu definitivamente preciso disso. "

Eu segurei minha perna dobrada atrás de mim, meus músculos protestando no estiramento. "Suponho que

haja piores métodos de enfrentamento ".

Um sorriso largo. - Na verdade, existem.

A lição de Azriel depois consistia em ficar em uma brisa e tentar memorizar suas instruções sobre correntes e direções, em como o calor e o frio poderiam dar forma ao vento e à velocidade. Durante todo tempo, ele estava quieto... distante. Mesmo para seus padrões.

Eu cometi o erro de perguntar se ele tinha falado com Mor desde que ele tinha saído na noite passada.

Não, ele não tinha. E foi isso.

Mesmo que ele continuasse flexionando sua mão cicatrizada ao seu lado. Como se recordando a sensação da mão que tinha chicoteado livre de seu toque durante a reunião.

De novo e de novo. Não ousei dizer-lhe sobre o tinha feito ou que talvez devesse falar com Mor, em vez de deixar que a culpa o coma. Os dois tinham o suficiente entre eles para me empurrar para dentro.

Eu estava realmente mancando pelo tempo que eu voltei para a casa da cidade horas depois, encontrando Mor na mesa de jantar, mastigando uma massa gigante que ela tinha agarrado de uma padaria em seu caminho.

- "Parece que uma equipe de cavalos pisoteou você", ela disse em torno de sua comida.

- "Bom", eu disse, tirando a massa de sua mão e terminando-a. Ela gritou de indignação, mas estalou os dedos, e um prato de melão esculpido da cozinha do corredor apareceu na polida mesa diante dela.

Logo em cima da pilha do que parecia ser cartas em várias peças de papelaria. "O

que é isso?" Eu disse, enxugando as migalhas da minha boca.

- "A primeira das respostas dos Grãos - Senhores" - disse ela docemente, arrancando uma fatia da fruta verde e mordendo um pedaço. Nenhum indício da raiva e do medo da noite passada.

- Foi agradável, hmm?

- Helion veio primeiro esta manhã. Entre todas as insinuações, acho que ele disse que estaria disposto a... nos apoiar.

Eu levantei minhas sobrancelhas. - "Isso é bom, não é? "

Um encolher de ombros. - "Helion, não estava preocupado. Os outros dois..." Ela terminou o melão, mastigando molhadamente- "Thesan diz que virá, mas não o fará a menos que esteja em um lugar verdadeiramente neutro e seguro. Kallias... Ele não confia em nenhum de nós depois... de Sob a Montanha. Ele quer trazer guardas armados. "

Diurna, Crepuscular e Invernal. Nossos aliados mais próximos. "Nenhuma palavra de mais ninguém?" Meu intestino apertou.

- Não. Primavera, Outono e Estival não enviaram uma resposta.

- Não temos muito tempo até a reunião. E se eles se recusarem a responder? - Eu não tinha coragem para perguntar em voz alta se Eris seria bom com sua palavra e se certificaria de que seu pai viria - e se juntaria a nossa causa. Não com a luz de volta em seu rosto.

Mor pegou outra fatia de melão. "Então nós vamos ter que decidir se Rhys e eu iremos arrastá-los por seus pescoços a esta reunião, ou se nós a teremos sem eles. "

- Sugiro a segunda opção.- Mor franziu as sobrancelhas. "A primeira," eu esclareci, "não soa conducente à formação de uma aliança ".

Embora fiquei surpresa que Tarquin não tivesse respondido. Mesmo com sua pedra de sangue conosco... O macho eu me encontrei, a quem eu ainda admiro tanto...

Certamente ele gostaria de se aliar contra Hybern. A menos que ele quisesse ir a favor para garantir que Rhys e eu estivéssemos apagados do mapa para sempre.

- Vamos ver - foi tudo o que Mor disse.

Eu soprei uma respiração através do meu nariz. "Sobre a noite passada-"

- "Não é nada." A rapidez com que ela falou sugeriu o contrário.

- Não é nada. Você tem permissão para se sentir assim.

Mor esfregou os cabelos. - Bem, isso não nos ajudará a vencer esta guerra.

- Não. Mas... não sei o que dizer.

Mor olhou para a janela por um longo momento. - "Entendo por que Rhys o fez. A posição que Eris está... Você sabe como ele é. E se ele estava realmente ameaçando vender informações sobre seus poderes para seu pai... Mãe acima, eu teria feito o mesmo negócio com Eris para impedir Beron de caçá-la."Algo em meu peito aliviou com. "É só...

Meu pai sabia - no segundo que ele ouviu do lugar, ele provavelmente sabia o que significava para mim. Não haveria nenhum outro preço pedido pelo meu pai para ajudar nesta guerra. Nenhum. Rhys sabia disso também. Tentou trazer Eris para adoçar o negócio com meu pai - possivelmente tentar evitar este resultado com Velaris, completamente. "

Eu ergui minhas sobrancelhas em pergunta silenciosa.

- Nós conversamos - Rhys e eu. Esta manhã. Enquanto Cassian estava chutando sua bunda.

Eu bufei. "E quanto a Azriel?" Tanto para a minha decisão de ficar fora dela.

Mor retomou a colheita no melão. "Az... Ele teve uma dura decisão a fazer, quando Eris o encontrou. Ele... " - ela mastigou seu lábio. "Eu não sei por que eu esperava que ele ficasse do meu lado, por que me pegou tão fora de guarda."

Eu me absteve de sugerir que ela lhe dissesse isso. Mor encolheu os ombros. "Só...

tudo me pegou de surpresa. E eu nunca ficarei feliz com qualquer destes termos, mas...

Meu pai vence, Eris ganha, todos os machos como eles ganham se eu deixar isso chegar a mim. Se eu deixar isso afetar minha alegria, minha vida. Meus relacionamentos com todos vocês." Ela suspirou para o teto. - "Odeio a guerra. "

- Da mesma forma eu.

- Não apenas pela morte e pelo horror - continuou Mor. - Mas por causa do que nos faz. Estas decisões.

Eu balancei a cabeça, mesmo que eu apenas estivesse começando a entender. As escolhas e os custos. Abri a boca, mas uma batida na porta da frente soou. Olhei para o relógio na sala de estar do outro lado do hall de entrada. Certo. A curandeira. Eu tinha mencionado a Elain esta manhã que Madja estava vindo vê-la as onze, e eu tinha recebido uma resposta não-comprometida. Melhor do que pura recusa, eu supus.

- Você vai responder a porta, ou eu deveria?

Fiz um gesto vulgar ao ouvir a pergunta de Mor, mas minha amiga segurou minha mão enquanto eu me levantava da minha cadeira.

- Se você precisar de alguma coisa... eu estarei bem aqui.

Dei a Mor um sorriso pequeno e agradecido. - Igualmente.

Ela ainda estava sorrindo para mim enquanto eu respirava fundo antes de ir para a entrada.

\*\*\*

O curandeira não encontrou nada.

Eu acreditei nela - só porque Madja era uma das poucas Grã - Feéricas que eu tinha visto cuja pele escura era gravada com rugas, seu cabelo quebradiço pela idade. Seus olhos castanhos ainda estavam claros e como uma chama interior, e suas mãos nodosas permaneceram firmes quando a passava sobre corpo de Elain enquanto minha irmã estava pacientemente, silenciosamente, na cama.

Magia, doce e refrescante, saíram da fêmea, enchendo o quarto de Elain. E quando ela gentilmente colocou suas mãos de cada lado da cabeça de Elain e eu tinha começado tremer, Madja tinha apenas sorrido ironicamente sobre ombro fino e me disse para relaxar.

Nestha, de olhos afiados no canto, tinha ficado quieta.

Depois de um longo minuto, Madja pediu-nos para irmos buscar junto a ela, uma xícara de chá para Elain - com um olhar aguçado para a porta. Nós duas tomamos o convite e deixamos nossa irmã em seu quarto iluminado pelo sol.

- O que você quer dizer, nada está errado com ela? Nesta sussurrou sob sua respiração enquanto a antiga fêmea apoiava uma mão no corrimão da escada para se ajudar. Fiquei ao lado do curandeira, com uma

mão em seu cotovelo, se ela precisasse.

Madja, eu me lembrava, tinha curado Cassian e Azriel - e inúmeras lesões além disso. Ela teria curou as asas de Rhys durante a guerra. Ela parecia antiga, mas eu não tinha dúvida de sua resistência - ou pura vontade para ajudar seus pacientes.

Madja não se dignou responder a Nestha até que estivéssemos no fundo dos degraus. Lucien já estava esperando na sala de estar, Mor ainda persistia na sala de jantar.

Os dois levantaram-se, mas permaneceram em seus respectivos locais, flanqueando o foyer.

- "O que quero dizer", Madja disse finalmente, avaliando Nestha, então eu ", é que eu não consigo encontrar nada de errado com ela. Seu corpo é fino - muito fino e precisa de mais comida e ar fresco, mas nada esta errado. E quanto à sua mente... eu não posso entrar nela. "

Eu pisquei. - Ela tem um escudo?

- Ela foi feita pelo Caldeirão - disse a curandeira, olhando novamente para Nestha.

"Você não é como o resto de nós. Eu não posso perfurar os lugares que tiveram sua marca mais profundamente." A mente. A alma. Ela me lançou um olhar de advertência.

- E eu não tentaria se eu fosse você, Senhora.

- Mas você acha que há algo errado, mesmo que não haja sinais? - Nestha empurrou.

- Já vi vítimas de trauma antes. Seus sintomas combinam bem com muitos das feridas invisíveis. Mas... ela também foi feita por algo que eu não entendo. Há algo de errado com... - Madja mastigou as palavras. "Eu não gosto dessa palavra - errado.

Diferente, talvez. Mudada. "

- "Ela precisa de mais ajuda?" Nestha disse através de seus dentes.

A antiga curandeira empurrou o queixo para Lucien. "Veja o que ele pode fazer. Se alguém pode sentir se algo está errado, é um companheiro. "

- "Como." A palavra era apenas mais do que um comando ladrado.

Eu me preparei para avisar Nestha para ser educada, mas Madja disse para minha irmã, como se ela fosse uma criança pequena.

- O vínculo conjugal. É uma ponte entre almas.

O tom do curandeiro fez minha irmã endurecer-se, mas Madja já estava coxeando para a porta da frente. Ela apontou para Lucien enquanto ela se dirigia para fora. - "Tente sentar com ela. Apenas falando... sentindo. Veja o que você pega. Mas não empurre."

Então ela foi embora.

Eu girei sobre Nestha. "Um pouco de respeito, Nestha-"

- Chame outro curandeiro.

- Não, se você está indo para expulsa-los fora de casa."

- Chame outro curandeiro.

Mor caminhou para nós com uma calma enganosa, e Nestha deu-lhe um olhar fulminante.

Eu peguei o olhar de Lucien. - Você tentaria?

Nestha grunhiu: "Você nem tenta..."

"Fique quieta", eu disse.

Nestha piscou.

Desnudei meus dentes para ela. - "Ele vai tentar. E se ele não encontrar nada errado, vamos considerar trazer outro curandeiro ".

- Você só vai arrastá-la aqui?

- Vou convidá-la.

Nestha enfrentou Mor, ainda assistindo do arco. - E o que você vai fazer?

Mor deu a minha irmã um meio sorriso. "Eu vou estar sentada com Feyre. Mantendo um olho nas coisas. "

Lucien murmurou algo sobre não precisar ser monitorado, e todos nós olhamos para ele com sobrancelhas erguidas. Ele apenas ergueu as mãos, afirmou que queria se refrescar e dirigiu-se para o corredor.

CHAPTER

Eram os 30 minutos mais desconfortáveis que eu poderia recordar.

Mor e eu bebericamos chá de hortelã frio na beira da janela, as respostas dos três GrãoSenhores empilhadas na pequena mesa entre nossas duas cadeiras, fingindo estar assistindo a rua beijada pelo verão além de nós, as crianças, Grão - Feéricos e feéricos, correndo com pipas e flâmulas e todos os tipos de brinquedos.

Fingindo, enquanto Lucien e Elain se sentavam em silêncio, calmos em frente a lareira, com um serviço de chá intocado entre eles. Eu não ousei perguntar se ele estava tentando entrar em sua cabeça, ou se ele estava sentindo um vínculo semelhante a aquela ponte negra e inflexível entre a mente de Rhys e a minha. Ou se em um vínculo de acasalamento normal isso seria completamente diferente.

Uma xícara de chá sacudiu e raspou contra um pires, Mor e eu olhamos de relance.

Elain pegou a xícara de chá, e agora bebeu o dela sem olhar para ele.

Na sala de jantar do outro lado do corredor, eu sabia que Nestha estava esticando o pescoço para olhar. Sabia, porque Amren estalou para minha irmã prestar atenção. Elas estavam construindo muros - em suas mentes, Amren tinha me dito que ela ordenou Nestha sentar-se na mesa de jantar, diretamente em frente dela.

Levantou as paredes que Amren estava a ensinando perceber - para então encontrar os buracos que ela tinha colocado em toda ela e repará-los. Se os objetos perdidos na Corte dos Pesadelos não permitiram que minha irmã entendesse o que deveria ser feito, então esta era a sua próxima tentativa - uma rota diferente e invisível. Nem toda magia era brilhante e reluzente, Amren tinha declarado, e então me expulsou.

Mas sobre qualquer sinal do poder dentro da minha irmã... Eu não podia ouvi-lo, ou ve-lo ou senti-lo. E nem tinha oferecido qualquer explicação para o que era, exatamente, que eles estavam tentando convocar de dentro dela. Fora da casa, o movimento novamente nos chamou a atenção, e encontramos Rhys e Cassian passeando pelo portão baixo da frente, retornando de seu primeiro encontro com os comandantes da legião da Escuridão de Keir – já em treinamento e preparação. Pelo menos aquilo tinha ido bem ontem.

Ambos olhando para a janela por uma batida de coração. Parou o frio.

*Não entre, eu o avisei através do vínculo. Lucien está tentando perceber o que há de errado com Elain.*

Rhys murmurou o que eu disse a Cassian, que agora inclinava a cabeça, muito parecido com o jeito que eu não tinha dúvida que Nestha tinha feito, para olhar além de nós.

Rhys disse ironicamente: *Elain sabe disso?*

*Ela foi convidada para tomar chá. Então nós estamos observando isso.*



Rhys murmurou de novo para Cassian, que se engasgou com uma gargalhada e virou à direita, indo para a rua.

Rhys demorou-se, enfiando as mãos nos bolsos. *Ele está indo tomar uma bebida.*

*Estou inclinado a me juntar a ele. Quando posso voltar sem temer pela minha vida?*

Dei-lhe um gesto vulgar através da janela. *Sou um guerreiro Illyriano grande e forte. E como tal sabemos quando escolher nossas batalhas. Com Nestha assistindo tudo como um falcão e vocês duas circulando como abutres... Eu sei quem vai se afastar dessa luta.*

Eu fiz o gesto novamente, e Mor descobriu o suficiente do que estava sendo dito para imitar o gesto. Rhys riu baixinho e arqueou a sombrancelha.

*Os Grão - Senhores enviaram respostas, eu disse enquanto ele se afastava. Diurna, Crepuscular e Estival virão.*

*Eu sei, ele disse. E eu acabei de receber a notícia de Cresseida que Tarquin está contemplando.*

*Melhor que nada.* Eu disse então.

Rhys sorriu para mim por cima do ombro. *Aprecie seu chá, você parece uma acompanhante arrogante.*

*Eu poderia ter usado você como acompanhante, percebe.*

*Você tinha quatro deles nesta casa.*

Eu sorri quando ele finalmente alcançou o baixo portão dianteiro onde Cassian esperou, aparentemente usando o atraso momentâneo para esticar suas asas, para o deleite da meia dúzia de crianças agora olhando para eles.

Amren sibilou do outro quarto, "Foco." A mesa de jantar chacoalhou.

O som pareceu assustar Elain, que rapidamente pousou a xícara de chá. Ela se levantou e Lucien também, rapidamente.

- "Desculpe," ele disse.

- O que... o que foi isso?

Mor pôs uma mão no meu joelho para me impedir de levantar também.

- Foi... foi um puxão. Sobre o vínculo.

Amren retrucou: - Você não... garota malvada.

Então Nestha estava de pé no limiar. "O que você fez?" As palavras eram tão afiadas quanto uma lâmina.

Lucien olhou para ela, depois para mim. Um músculo emplumado em sua mandíbula. "Nada", ele disse, e

novamente enfrentou sua parceira. - "Desculpe, se isso a perturbou. "

Elain se aproximou de Nestha, que parecia estar quase a ferver. "Parecia...

estranho", respirou Elain.

- Como se você tivesse puxado um fio amarrado a minha costela."

Lucien lhe expôs as palmas das mãos. "Eu sinto muito."

Elain só o encarou por um longo momento. E qualquer lucidez desapareceu quando ela balançou a cabeça, piscando duas vezes, e disse a Nestha: "Corvos gêmeos estão chegando, um branco e um preto."

Nestha escondeu bem a devastação. A frustração. - O que posso lhe trazer, Elain?

Só com Elain ela usou essa voz.

Mas Elain balançou a cabeça mais uma vez. "Brilho do sol."

Nestha me cortou um olhar furioso antes de guiar nossa irmã pelo corredor - para o jardim ensolarado na parte de trás. Lucien esperou até que a porta de vidro se abrisse e fechasse antes de soltar um longo suspiro.

- "Há um vínculo - é um fio real", disse ele, mais para si mesmo do que para nós.

- "E?" Mor perguntou.

Lucien passou as duas mãos pelo longo cabelo vermelho. Sua pele era mais escura - um profundo marrom-dourado, tornando palida a coloração de Eris. "E eu cheguei ao final dele quando Elain fugiu."

- Você sentiu alguma coisa?

- Não, não tive tempo. Eu a senti, mas... - Um rubor corou sua bochecha. O que quer que tivesse sentido, não era o que estávamos procurando. Mesmo que não tivéssemos idéia do que, precisamente, era isso.

- "Podemos tentar novamente - outro dia", eu ofereci.

Lucien assentiu, mas não pareceu convencido.

Amren estalou da sala de jantar, "Alguém vá buscar sua irmã. Sua lição não acabou."

Suspirei. - "Sim, Amren."

A atenção de Lucien deslizou atrás de mim, para as várias letras em diferentes estilos e marcas de papel. Aquele olho dourado estreitado-se. Como emissário de Tamlin, ele sem dúvida os reconheceu. "Deixe-me adivinhar: eles disseram que sim, mas escolher o local agora vai ser a dor de cabeça. "

Mor franziu o cenho. "Alguma sugestão?"

Lucien amarrou o cabelo com uma cinta de couro marrom. "Você tem um mapa?"

Eu supus que me restou recuperar Nestha.

\*\*\*

- Aquele pinheiro não estava lá há um momento.

Azriel soltou uma risada silenciosa de onde ele sentou-se sobre uma pedra dois dias depois, observando-me arrancar agulhas de pinheiro fora do meu cabelo e jaqueta.

"Julgando pelo seu tamanho, eu diria que está lá há... duzentos anos pelo menos".

Eu fiz uma careta, escovando os fragmentos de casca e meu orgulho ferido.

Aquela frieza, aquele distanciamento que tinha estado lá na esteira da raiva e da rejeição de Mor... Aqueceu depois que Mor escolheu sentar-se ao lado dele no jantar ontem à noite - uma oferta silenciosa de perdão... ou simplesmente precisando de tempo para se recuperar dela. Mesmo que eu pudesse ter jurado que algum grão de culpa tinha lampejado cada vez que Azriel olhara para Mor. O que Cassian tinha pensado disso, de sua própria raiva contra Azriel...

Ele tinha sido todos os sorrisos e comentários lascivos. Ainda bem que tudo estava de volta ao normal - pelo menos agora.

Minhas bochechas queimaram enquanto eu escalava a pedra que ele esperava, a queda de pelo menos quinze pés para o chão da floresta abaixo, o lago uma expansão espumante espreitava através dos pinheiros. Incluindo a árvore com a qual colidi na primeira e última tentativa de pular fora da rocha e simplesmente velejar para o lago.

Coloquei minhas mãos em meus quadris, examinando a queda, as árvores, o lago além. "O que eu fiz de errado?"

Azriel, que estava afiando a Reveladora da Verdade em seu colo, lançou seus olhos castanhos para mim. "Além da árvore?"

O encantador de sombras tinha um senso de humor. Seco e quieto, mas... sozinho comigo, surgia muito mais frequentemente do que entre nosso grupo. Eu tinha passado estes dois dias anteriores ou olhando sobre volumes antigos para qualquer dica sobre a reparação da Muralha para entregar a Amren e Nestha, que continuaram construindo e remendando silenciosamente, invisivelmente, mentalmente... Ou debatia com Rhys e os outros sobre como responder à saraivada de cartas trocados com os outros GrãoSenhores sobre o local onde a reunião se realizaria. Lucien tinha nos dado uma localização inicial, e vários mais quando aqueles foram negados. Mas isso era de se esperar, Lucien tinha dito, como se tivesse organizado tais coisas inúmeras vezes. Rhys apenas concordou com a cabeça e aprovou. E quando eu não estava fazendo isso... Eu estava penteando mais livros, qualquer e todos que Clotho poderia me encontrar, tudo sobre o Ouroboros. Como dominá-lo.

O espelho era notório. Todo filósofo conhecido tinha rumiado sobre ele. Alguns ousaram encará-lo – e enlouqueceram. Alguns haviam se aproximado - e fugiram aterrorizados. Eu não conseguia encontrar um conto de alguém que tivesse o dominado.

Enfrentado o que espreitava dentro e se afastado com o espelho em sua posse.

Salvo a Tecelã da Floresta - que certamente parecia insana o suficiente, talvez graças ao espelho que ela tanto amava. Ou talvez qualquer mal que estivesse escondido nela tivesse manchado o espelho, também. Alguns dos filósofos haviam sugerido isso, embora não soubessem o nome dela - só que uma rainha obscura tinha uma vez o possuído, a acalentava. Espiava o mundo com ele - e o usava para caçar bonitas jovens donzelas para mantê-la eternamente jovem.

Suponho que a família de Keir, proprietária do Ouroboros há milênios, sugerisse que a taxa de sucesso da caminhada era baixo. Não foi animador. Não quando todos os textos concordavam em uma coisa: não havia nenhuma maneira de contornar. Isto é, nenhuma lacuna. Enfrentar o terror dentro... era a única rota para reivindicá-lo.

O que significava que talvez eu tivesse que considerar alternativas - outras maneiras de atrair o Entalhador de Ossos para se juntar a nós.

Quando eu encontrasse um momento.

Azriel ergueu sua lendária espada de combate e examinou as asas que eu espalhara.

"Você está tentando guiar com seus braços. Os músculos estão nas asas-se e nas suas costas. Seus braços são desnecessários - eles são mais para equilibrar do que qualquer coisa. E mesmo isso é principalmente um conforto mental."

Foram mais palavras do que eu já o vi falar.

Ele levantou uma sobrancelha em minha expressão, e eu fechei minha boca. Franzi o cenho para a frente. "Novamente?" Eu resmunguei.

Um riso suave. "Nós podemos encontrar uma borda mais baixa para saltar, se você quiser."

Eu me encolhi. - "Você disse que isso era baixo. "

Azriel recostou-se em suas mãos e esperou. Paciente, tranquilo.

Mas eu senti uma gota escorrer em minhas palmas, a dor de meus joelhos em seu lado áspero - "Você é imortal", ele disse calmamente. "Você é muito difícil de quebrar."

Uma pausa. "Foi o que eu disse a mim mesmo."

- "Difícil de quebrar," eu disse melancolicamente, "mas ainda dói."

- Diga isso para a árvore.

Eu bucei uma gargalhada. "Eu sei que a queda não será tão alta, e eu sei que não vai me matar. Você não pode me empurrar?"

Pois era esse salto inicial de fé absoluta, esse impulso inicial de movimento que tinha meus membros bloqueados.

- "Não." Uma resposta simples.

Eu ainda hesitava. Inútil - esse medo. Eu tinha enfrentado Attor, caindo pelo céu por mil pés.

E a raiva por essa memória, no que tinha feito com sua vida miserável, o que mais poderia fazer, tinha-me cerrando os dentes e lançando-me fora do rochedo.

Eu estalei minhas asas para fora largamente, minhas costas protestaram enquanto travaram o vento, mas minha metade mais baixa começou a relaxar, minhas pernas um peso morto... A árvore infernal se levantou diante de mim, e eu desviei para a direita.

Direto em outra árvore.

Asas primeiro.

O som de osso e tendão na madeira, então na terra, me atingiu antes da dor. Azriel também maldição.

Um pequeno ruído saiu de mim. A picada de minhas palmas registradas primeiro -

em seguida, em meus joelhos. Então minhas costas...

- "Merda", era tudo o que eu podia dizer enquanto Azriel se ajoelhava diante de mim.

- Você está bem. Apenas atordoadada.

O mundo ainda estava girando.

- Você aterrisou bem - ele ofereceu.

- Em outra árvore.

- Estar ciente de seus arredors é metade de voar.

- "Você já disse isso," eu disse. Ele tinha. Uma dúzia de vezes esta manhã.

Azriel só se sentou em seus calcanhares e me ofereceu uma mão. Minha carne queimava enquanto segurava seus dedos, um mortificante número de agulhas de pinho e lascas caindo fora de mim. Minhas costas latejavam o suficiente para que eu abaixasse minhas asas, sem me importar se elas se arrastariam na sujeira quando Azriel me levou para a borda do lago.

No sol cegante contra a água azul-turquesa, suas sombras haviam desaparecido, seu rosto era rígido e claro. Mais... Humano do que eu jamais vira.

- "Não há nenhuma chance de eu ser capaz de voar nas legiões, não é?" Eu perguntei, ajoelhando ao lado dele enquanto ele se estendia para as minhas palmas descascadas com cuidado especializado e gentileza. O sol era brutal contra suas cicatrizes, não escondendo nenhuma mancha torcida, enrugada.

- Provavelmente não - disse ele. Meu peito esvaziou-se. "Mas não faz mal praticar até o último momento possível. Você nunca sabe quando qualquer medida de treinamento pode ser útil. "

Eu estremeci quando ele puxou para fora uma lasca grande da minha palma, em seguida, lavou-a.

- "Foi muito difícil para mim aprender a voar", disse ele. Eu não ousei responder.

"A maioria dos Illyrianos aprende quando crianças. Mas... suponho que Rhysand lhe contou os detalhes da minha infância. " Eu balancei a cabeça. Ele terminou uma mão e começou na outra. "Porque eu era tão velho, eu tinha medo de voar - não confiava em meus instintos. Foi um... embaraçoso ser ensinado tão tarde. Não só para mim, mas para todos no campo de guerra quando eu cheguei. Mas eu aprendi, muitas vezes tentando sozinho. Cassian, é claro, me encontrou primeiro. Zombou de mim, me espancou como inferno, então se ofereceu para me treinar. Rhys estava lá no dia seguinte. Eles me ensinaram a voar."

Ele terminou a outra mão e sentou-se na praia, as pedras murmurando enquanto se moviam debaixo dele. Eu sentei ao seu lado, apoiando minhas palmas doloridas viradas para cima em meus joelhos, deixando minhas asas caírem atrás de mim.

- Porque foi um esforço... alguns anos depois da Guerra, Rhys me contou uma história. Foi um presente... a história. Para mim. Ele... ele foi ver Miryam e Drakon em sua nova casa, a visita tão secreta que nós não tínhamos sabido o que estava acontecendo até que ele voltou. Sabíamos que seu povo não havia se afogado no mar, como todos acreditavam, como queriam que as pessoas acreditassem. Você vê, quando Miryam libertou seu povo da Rainha da Terra Negra, ela levou todos eles - quase cinquenta mil deles - através do deserto, todos caminhando pelas margens do mar Eritreia, a legião aérea de Drakon fornecendo cobertura. Mas eles chegaram ao mar e encontraram os navios que haviam arranjado para transportá-los pelo estreito canal para o próximo reino destruído.

Destruídos pela própria rainha, que enviou seus exércitos para arrastar seus antigos escravos de volta.

- O povo de Drakon - os Seraphins - são alados. Como nós, mas suas asas são emplumadas. E ao contrário de nós, seu exército e sociedade permitem que as mulheres conduzam, lutem, governem. Todos eles são dotados com poderosa magia de vento e ar.

E quando viram o exército que esperava por eles... eles sabiam que sua própria força era muito pequena para enfrentá-los. Assim, eles clivaram o próprio mar - fizeram um caminho através da água, todo o caminho através do canal, e ordenou aos seres humanos que corressem.

- Eles fizeram, mas Miryam insistiu em ficar para trás até que cada um dos seus povos tinha cruzado. Nenhum ser humano seria deixado para trás. Nenhum. Estavam na metade caminho da travessia quando o exército os alcançou. Os Seraphins estavam esgotados - sua magia mal podia segurar a passagem marítima. E Drakon sabia que se os segurassem por mais tempo... aquele exército iria atravessar e mataria os humanos que chegaram do outro lado. Os Seraphins lutaram contra a vanguarda no chão do mar, e foi sangrento, brutal e caótico... E durante a briga, eles não viram Miryam sendo atingida pela própria rainha. Drakon não viu. Ele pensou que ela tinha atravessado, carregada por um de seus soldados. Ele ordenou que o mar partido descesse para afogar a força inimiga.

- Mas uma jovem cartógrafa Seraphim, chamada Nephelle, viu Miryam cair. O

amante de Nephelle era um dos generais de Drakon, e foi ele que percebeu que Miryam e Nephelle estavam desaparecidas. Drakon ficou frenético, mas sua magia estava desgastada e nenhuma força no mundo poderia barrar um mar como aquele para baixo, e ninguém poderia chegar até sua parceira a

tempo. Mas Nephelle fez.

- Nephelle, você vê, era um cartógrafo porque tinha sido rejeitada das fileiras de combate da legião. Suas asas eram muito pequenas, a direita um pouco malformada. E

ela era ligeiramente pequena o suficiente para ser uma lacuna perigosa nas linhas de frente quando eles lutassem escudo contra escudo. Drakon tinha deixado ela experimentar um pouco da legião como uma cortesia para seu amante, mas Nephelle falhou. Ela mal podia carregar um escudo Seraphim, e suas asas menores não tinham sido suficientemente fortes para acompanhar os outros. Então ela se fez inestimável como cartógrafa durante a Guerra, ajudando Drakon e seu amante a encontrar as vantagens em suas batalhas. E ela também se tornou a amiga mais querida de Miryam durante aqueles longos meses.

- E naquele dia no fundo do mar, Nephelle lembrou-se de que sua amiga estava no fundo da linha. Ela voltou para ela, quando todos os outros fugiram para a costa distante.

Ela encontrou Miryam ferida pela lança da rainha, sangrando muito. A parede do mar começou a descer - na margem oposta. Matando o exército primeiro e correndo para eles.

- Miryam disse a Nephelle para se salvar. Mas Nephelle não abandonaria a amiga.

Ela a pegou e voou.

A voz de Azriel era suave com admiração.

- Quando Rhys falou com Drakon anos depois, ele ainda não tinha palavras para descrever o que aconteceu. Desafiava toda lógica, todo treinamento. Nephelle, que nunca tinha sido forte o suficiente para segurar um escudo seraphim, carregou Miryam que tinha o triplo do peso. E mais do que isso... Ela voou. O mar estava caindo sobre elas, mas Nephelle voou como o melhor dos guerreiros Seraphins. O fundo do mar era um labirinto de rochas, muito estreitas para os Seraphins voarem. Tentaram durante a fuga e caíram neles.

- Mas Nephelle, com suas asas pequenas... Se elas tivessem sido uma polegada mais largas, ela não teria cabido. Mas ela passou por eles, com Miryam morrendo em seus braços, tão rápido e hábil como o maior dos Seraphim. Nephelle, que tinha sido ultrapassada, que tinha sido esquecida... Ela superou a própria morte.

- Não havia um pé de quarto entre ela e a água em ambos os lados quando ela disparou do fundo do mar; a água seguindo seus pés. E mesmo com a sua envergadura muito pequena, aquela asa deformada ... elas não falharam com ela. Nem uma vez.

Nenhuma batida de asa.

Meus olhos ardiam.

- Ela conseguiu. Basta dizer que seu amante fez Nephelle sua esposa naquela noite, e Miryam ... bem, ela é viva hoje por causa de Nephelle.

Azriel pegou uma pedra branca, plana e virou-a em suas mãos.

- Rhys contou-me a história quando ele voltou. E desde então temos adaptado a filosofia de Nephelle para nossos próprios exércitos.

Eu levantei uma sobancelha. Azriel encolheu os ombros. "Nós - Rhys, Cass e eu -

ocasionalmente lembraremos uns aos outros que o que pensamos ser a nossa maior fraqueza às vezes pode ser a nossa maior força. E que uma pessoa improvável pode alterar o curso da história ".

- A Filosofia de Nephelle.

Ele assentiu. "Aparentemente, todos os anos em seu reino, eles têm a corrida Nephelle para honrar seu vôo. Em terra seca, mas... Ele e sua esposa coroam um novo vencedor todos os anos em comemoração do que aconteceu naquele dia." Ele jogou a pedra de volta entre suas irmãs na praia, o som batendo sobre a água.

- Então vamos treinar, Feyre, até o último dia possível. Porque nunca sabemos se apenas uma hora extra fará a diferença.

Eu pesava suas palavras, a história de Nephelle. Levantei-me e espalhei as minhas asas. - Então vamos tentar novamente.

\*\*\*

Eu gemia enquanto entrava em nosso quarto naquela noite para encontrar Rhys sentado na mesa, examinando mais livros.

- "Eu avisei que Azriel é um bastardo duro", ele disse sem me olhar. Ele levantou uma mão, e água gotejou no quarto de banho adjacente.

Eu resmunguei um agradecimento e caminhei em direção a ele, rangendo meus dentes contra a agonia em minhas costas, coxas e meus ossos. Cada parte doía, e desde que os músculos precisavam se reformular em torno das asas, eu tive que carregá-las, raspando ao longo da madeira e tapete, então madeira novamente, foi o único som além dos meus passos cansados. Eu vi o banho fumegante que exigiria algum equilíbrio para entrar e choraminguei.

Mesmo remover minha roupa implicaria usar os músculos que estavam quase saltando para fora.

Uma cadeira raspada no quarto, seguida por passos macios de gato, então -

- Eu tenho certeza que você já sabe disso, mas você precisa realmente tomar um banho para ficar limpo...

Não olhei para ele, isto é, eu não tinha forças para olhá-lo, e consegui um único tropeço, um passo duro em direção a água quando ele me pegou.

Minhas roupas desapareceram, presumivelmente para a lavanderia no andar de baixo, e Rhys varreu-me em seus braços, abaixando meu corpo nu na água. Com as asas, o ajuste era apertado, e - eu gemia profundamente na minha garganta, pelo calor glorioso e não me preocupei em fazer nada além de largar minha cabeça contra a parte de trás da banheira.



- "Eu já volto", ele disse, e saiu do banheiro, então do próprio quarto.

Quando ele voltou, eu só sabia que tinha adormecido, graças à mão que ele colocou no meu ombro. "Fora..."

Disse, mas ele mesmo me levantou, me enrolou em uma toalha e me levou para a cama. Deitou-me sobre a barriga, primeiro, e notei os óleos e bálsamos que havia colocado ali, o fraco odor de alecrim e... algo que eu estava muito cansada para perceber, mas cheirava encantador, flutuando para mim. Suas mãos brilharam quando ele aplicou quantidades generosas às palmas das mãos, e então suas mãos estavam sobre mim.

Meu gemido foi tão indigno quando ele amassou os músculos doloridos das minhas costas. As áreas mais úmidas produziam gemidos patéticos, mas ele os esfregava suavemente, até que a tensão foi para uma dor sem graça, em vez de dor aguda e cega.

E então ele começou em minhas asas.

Alívio e êxtase, à medida que os músculos se aliviavam e aquelas áreas sensíveis eram amorosamente, massageadas. Meus dedos do pé enrolaram, e assim que ele chegou ao ponto sensível que tinha meu estômago apertando, suas mãos deslizaram para as minhas panturrilhas. Ele começou uma progressão lenta, cada vez mais alto, subindo pelas minhas coxas, provocando traços entre elas que me deixaram ofegando pelo nariz.

Levantando-se até chegar às minhas costas, onde sua massagem era igualmente profissional e pecaminosa. E então para cima – sob a parte mais baixa das minhas asas.

Seu toque tornou-se diferente. Explorando. Cortes largos e outros sussurando, arcos e redemoinhos e linhas diretas, abrasante.

Meu núcleo aquecido, girando derretido, me fez morder o lábio enquanto ele raspava ligeiramente uma unha tão, tão perto desse ponto sensível no interior. "É uma pena que você esteja tão mal por treinar", Rhys pensou, fazendo círculos ociosos e preguiçosos.

Eu só conseguia controlar um fio de palavras ilegíveis que eram ao mesmo tempo insulto e súplica.

Ele se inclinou, sua respiração aquecendo o espaço da pele entre as minhas asas.

"Eu já lhe disse que você tem a boca mais suja que eu já ouvi?"

Eu murmurei palavras que só ofereciam mais provas dessa afirmação.

Ele riu e percorreu a borda daquele ponto sensível, bem quando sua outra mão deslizou entre minhas pernas. Brilhantemente, eu levantei meus quadris em silêncio. Mas ele apenas circulou com um dedo, tão preguiçoso quanto os golpes ao longo da minha asa. Ele beijou minha espinha. "Como vou fazer amor com você esta noite, querida Feyre?"

Eu me contorci, esfregando-me nas dobras dos cobertores debaixo de mim, desesperada por qualquer tipo de atrito enquanto ele balançou-me sobre essa borda.

- "Tão impaciente", ele ronronou, e esse dedo deslizou em mim. Eu gemi, a sensação extrema, com uma mão entre as pernas e a outra acariciando cada vez mais perto daquele ponto na minha asa, um predador que circunda presas.

- "Será que vai parar?", Ele pensou, mais para si mesmo do que eu, enquanto outro dedo se juntou ao que deslizava para dentro e fora de mim como insultos, traços indolentes. "Querendo você - a cada hora, a cada respiração. Eu não acho que posso suportar mil anos disto." Meus quadris se moveram com ele, dirigindo-o mais profundo.

"Pense em como minha produtividade vai despencar. "

Eu rosnei algo para ele que provavelmente não era muito romântico, e ele riu, escorregando para fora ambos dedos. Fiz um pequeno gemido de protesto. Até que sua boca substituiu onde seus dedos haviam estado, suas mãos agarrando meus quadris para me levantar, dar a ele melhor acesso enquanto festejava em mim. Eu gemi, o som abafado pelo travesseiro, e ele só mergulhou mais profundo, provocando e provocando com cada golpe.

Um gemido baixo saiu de mim, meus quadris rolando. O aperto de Rhys sobre eles se apertou, me segurando minhas ministrações. "Nunca cheguei a levá-la na biblioteca", disse ele, arrastando a língua para o meu centro.

- Teremos que remediar isso.

- "Rhys." Seu nome era um apelo em meus lábios.

- "Hmmm," foi tudo o que ele disse, um barulho de som contra mim... eu ofegava, mãos torcendo nos lençóis. Suas mãos se afastaram de meus quadris finalmente, e eu novamente respirava seu nome, em agradecimento, alívio e antecipando que ele finalmente me daria o que eu queria...

Mas sua boca fechou em torno do feixe de nervos no ápice de minhas coxas enquanto sua mão... Ele foi direito àquele ponto maldito na borda interna da minha asa esquerda e acariciou levemente.

Meu clímax rasgou-me com um grito rouco, me enviando para fora de meu corpo.

E quando as ondulações estremecedoras e a luz das estrelas... Uma exaustão até os ossos se instalou sobre mim, permanente e interminável como o elo de parceria entre nós.

Rhys se enrolou na cama atrás de mim, enfiando minhas asas para que ele pudesse me dobrar contra ele. "Isso foi um divertido experimento ", ele murmurou em meu ouvido.

Eu podia senti-lo contra minhas costas, duro e pronto, mas quando eu fui para alcançá-lo, os braços de Rhys se apertaram ao meu redor. "Durma, Feyre", ele me disse.

Assim, eu coloquei uma mão em seu antebraço, saboreando a força pura abaixo, e aninhado minha cabeça para trás contra seu peito. "Eu queria ter dias para passar com você - assim", eu consegui dizer enquanto minhas pálpebras caíam. "Somente eu e você."

- "Nós vamos." Ele beijou meu cabelo. "Nós vamos."

# CHAPTER

## 30

Eu ainda estava bastante dolorida no dia seguinte para que precisasse enviar uma mensagem para Cassian que eu não estaria treinando com ele. Ou Azriel. Um erro, talvez, dado que ambos apareceram na porta da casa da cidade em poucos minutos, exigindo saber o que inferno estava errado comigo, este último tendo uma lata de bálsamo para ajudar com as dores nas minhas costas.

Agradei a Azriel pelo bálsamo e disse a Cassian que se importasse com seu próprio negócio. E então pedi-lhe para voar Nestha para a Casa do Vento para mim, desde que eu certamente não poderia voar com ela - mesmo só alguns pés depois de atravessar.

Minha irmã, ao que parece, não encontrara nada em seus livros sobre reparar a Muralha - e como ninguém tinha ainda mostrado-lhe a biblioteca... Eu ofereci.

Especialmente desde que Lucien tinha partido antes do café da manhã para uma biblioteca na cidade para procurar algo em relação à criação da Muralha, uma tarefa que eu tinha sido mais do que dispostas a entregar. Eu poderia me sentir culpada por nunca ter feito uma boa turnê por Velaris, mas... ele parecia ansioso.

Mais do que ansioso - ele parecia estar ansioso para ir para a cidade sozinho.

Os dois Illyrianos pararam sua inspeção de mim o suficiente para notar minhas irmãs terminando o café da manhã, Nestha com um vestido cinza pálido que trazia para fora o aço em seus olhos, Elain em rosa empoeirado.

Ambos os machos deram um passo. Mas Azriel arqueou uma sombrancelha -

enquanto Cassian seguia para a mesa de jantar, alcançou sob o ombro de Nestha, e pegou um muffin de sua pequena cesta. "Bom dia, Nestha", disse no meio de uma mordida de mirtilo-limão - "Elain. "

As narinas de Nestha dilataram, mas Elain olhou para Cassian, piscando duas vezes.

"Ele estalou suas asas, quebrou seus ossos. "

Eu tentei impedir o som do grito de Cassian - a memória do sangue escorrendo.

Nestha olhou para o prato. Elain, pelo menos, estava fora do quarto dela, mas...

- "Vai levar mais do que isso para me matar", Cassian disse com um sorriso que não encontrou seus olhos.

Elain apenas disse a Cassian: "Não, não vai."

As escuras sobrancelhas de Cassian se estreitaram. Eu arrastei uma mão sobre o meu rosto antes de ir para Elain e tocá-la no ombro, muito magro. "Posso te esperar no jardim? As ervas que você plantou

estão crescendo bem."

- Posso ajudá-la - disse Azriel, pisando perto da mesa enquanto Elain se levantava silenciosamente. Sem sombras lhe sussurando, sem escuridão tocando seus dedos enquanto estendia a mão.

Nestha o monitorou como um falcão, mas ficou em silêncio enquanto Elain pegava sua mão, e saíram.

Cassian terminou o muffin, lambendo os dedos. Eu poderia ter jurado que Nestha assistiu a coisa toda com um olhar de soslaio. Ele sorriu para ela como se também soubesse. - Pronta para voar, Nes?

- Não me chame assim.

A coisa errada a dizer, pela forma como os olhos de Cassian se iluminaram. Eu escolhi esse momento para atravessar para os céus acima da casa, rindo quando o vento levou-me através do mundo. Talvez seja pagamento fraternal, eu supus, para a atitude geral de Nestha.

Felizmente, ninguém viu o meu acidente ligeiramente melhor pouso na varanda, e no momento em que a sombra de Cassian apareceu no céu, com os cabelos de Nestha brilhantes como bronze no sol da manhã, eu já tinha escovado fora a sujeira e poeira de meus couros.

O rosto de minha irmã estava enrubescido quando Cassian gentilmente a pôs no chão. Então ela caminhou para as portas de vidro sem um único olhar para trás.

- "Você é bem-vinda", Cassian a chamou, mais do que uma mordida em sua voz.

Seus dedos flexionaram e relaxaram em seus lados - como se estivesse tentando afrouxá-la de suas palmas.

- "Obrigado", eu disse a ele, mas Cassian não se incomodou em dizer adeus quando se lançou para o céu e desapareceu nas nuvens. A biblioteca debaixo da casa estava sombreada, quieta. As portas se abriram para nós, da mesma forma que se abriram quando Rhys e eu visitamos pela primeira vez.

Nestha não disse nada, apenas examinou cada pilha e alcova e lustre pendente enquanto eu a levei até o nível onde Clotho tinha encontrado os livros. Mostrei-lhe a pequena área de leitura onde eu estava trabalhando, e gesticulei para a mesa. "Eu sei que Cassian fica sob sua pele, mas eu estou curiosa, também. Como você sabe o que procurar em relação à Muralha? "

Nestha passou um dedo pela antiga escrivaninha de madeira. "Porque eu apenas sei."

- Como?

- Amren me disse para... ver se a informação clica.

E talvez isso a tinha assustado. Intrigou-a, mas assustou-a também. E ela não tinha contado a Cassian não por despeito, mas porque não queria revelar essa vulnerabilidade.

Essa falta de controle.

Eu não empurrei. Mesmo enquanto eu olhava para ela por um longo momento. Eu não sabia como - como abordar o assunto, como perguntar se ela estava bem, se eu poderia ajudá-la. Eu nunca tinha sido afetuosa com ela – eu nunca a abracei. Ou beijei sua bochecha. Eu não sabia por onde começar.

Então eu disse, "Rhys me deu um layout das pilhas. Acho que pode haver mais no Caldeirão e da Muralha alguns níveis para baixo. Você pode esperar aqui, ou...

- Eu vou te ajudar a olhar.

Seguimos o caminho inclinado em silêncio, o murmúrio de papel e o sussurro ocasional das vestes de uma sacerdotisa ao longo dos pisos de pedra os únicos sons. Eu expliquei calmamente para ela quem eram as sacerdotisas - por que elas estavam aqui. Eu expliquei que Rhys e eu planejamos oferecer um santuário a qualquer pessoa que pudesse vir para Velaris.

Ela não disse nada, e ficou cada vez mais tranqüila enquanto descemos, aquele poço negro à minha direita parecendo crescer mais grosso e mais profundo enquanto avançávamos.

Mas nós alcançamos um caminho de pilhas que viraram para a montanha em um longo corredor, luzes feéricas cintilando vida dentro de globos de vidro ao longo da parede quando passávamos. Nestha examinou as prateleiras enquanto caminhávamos, e eu lia os títulos - um pouco mais lentamente, ainda precisando de um pouco de tempo para processar o que era instinto para a minha irmã.

- "Eu não sabia que você não podia realmente ler," Nestha disse quando pausou antes de uma seção indescritível, percebendo como eu silenciosamente soava as palavras de um título. "Eu não sabia onde você estava em suas lições quando tudo aconteceu. Achei que você podia ler tão facilmente quanto nós. "

- Bem, eu não podia.

- Por que não nos pediu para te ensinar?

Eu passei um dedo sobre a fila pura de espinhas. - Porque eu duvidava que você concordasse em ajudar.

Nestha endureceu como se eu a tivesse atingido, a frieza florescendo naqueles olhos. Ela puxou um livro de uma prateleira.

- Amren disse que Rhysand te ensinou a ler.

Minhas bochechas aquecidas. "Sim." E lá, no fundo do mundo, com apenas escuridão para a companhia, eu perguntou: "Por que você empurra todos para fora, exceto Elain? Por que você sempre me empurrou para longe? "

Alguma emoção caiu em seus olhos. Sua garganta balançou. Nestha fechou os olhos por um momento, respirando Bruscamente "Porque-"

As palavras pararam.

Eu senti isso no mesmo momento que ela.

A ondulação e o tremor. Como... Como se algum pedaço do mundo tivesse se movido, como se tivesse

arrancado algum cordão desconhecido.

Nós nos viramos para o caminho iluminado que acabávamos de atravessar nas pilhas, então para o escuro adiante, infinito.

As luzes feéricas ao longo do teto começaram a falhar e morrer. Uma por uma.

Mais perto e mais perto de nós.

Eu só tinha uma faca illyriana ao meu lado.

- O que é isso? - sussurrou Nestha.

- "Corra", foi tudo que eu disse.

Eu não lhe dei a chance de contestar quando a agarrei pelo cotovelo e corri para as pilhas à frente.

Luzes feéricas piscando para vida quando passávamos apenas para ser devorada pela escuridão surgindo atrás de nós. Lenta - minha irmã estava tão malditamente lenta com seu vestido, sua falta geral de exercício...

*Rhys.*

Nada.

Se as barreiras ao redor da prisão eram grossas o suficiente para manter a comunicação fora... Talvez o mesmo seja aplicado aqui. Uma parede se aproximou - com um corredor diante dela. Uma segunda inclinação: a esquerda que subia, a direita que mergulha para baixo...

A escuridão escorregou de cima. Mas essa tinta obscura era mais profunda... fresca e aberta.

Eu fui para a direita. "Mais rápido", eu disse a ela. Se pudéssemos levar quem quer que fosse mais profundo, talvez pudéssemos, ir direto ao poço. Eu poderia atravessar...

Atravessar. Eu poderia atravessar agora -

Agarrei o braço de Nestha.

À medida que a escuridão atrás de nós parou, dois Grão - Feéricos saíram dela.

Ambos machos. Um de cabelos escuros, outro de cabelos claros. Ambos em casacos cinza bordados com fio de osso branco.

Eu sabia de onde era o brasão no ombro superior direito. Conhecia seus olhos mortos.

Hybern. Hybern estava aqui...

Eu não me movi rápido o suficiente quando um deles soprou para nós. Enquanto aquela poeira de faebane azul pulverizava meus olhos, minha boca, e minha mágica desapareceu.

O suspiro de Nestha me disse que sentia algo semelhante.

Mas foi na minha irmã que os dois se concentraram enquanto eu cambaleava para trás, lágrimas escorrendo pela poeira em meus olhos, cuspiendo para fora o faebane. Eu agarrei seu braço, tentando atravessar. Nada.

Atrás deles, uma sacerdotisa encapuzada caiu no chão.

- "Tão fácil de entrar em suas mentes, uma vez que nosso mestre nos deixou passar pelas alas", disse um deles – o macho de cabelos escuros - "Para fazê-los pensar que nós éramos estudiosos. Nós tínhamos planejado vir para você... Mas parece que você encontrou-nos primeiro."

Tudo falado para a minha irmã. O rosto de Nestha era quase branco, embora seus olhos não demonstrasse medo. "Quem é você?"

O de cabelos brancos sorriu amplamente quando se aproximou. "Nós somos os Reis Corvos. " Seu vôo distante. Olhos e garras. "E nós viemos te levar de volta. "

O rei - seu mestre. Ele... Mãe acima.

O rei estava aqui - em Velaris?

*Rhys.* Eu bati uma mão mental no laço. De novo e de novo. *Rhys.*

Nada.

A respiração de Nestha começou a acelerar. Espadas penduradas em seus lados -

duas cada um. Seus ombros eram largos, braços largos o suficiente para indicar que músculos preenchiam aquelas roupas finas.

- "Você não vai levá-la a lugar algum", eu disse, segurando minha faca. Como o rei tinha feito isso - chegado aqui despercebido, e quebrado nossas proteções? E se ele estava em Velaris... Eu empurrei para baixo o meu terror com o pensamento. No que ele poderia estar fazendo além desta biblioteca, invisível e escondido -

- "Você é um prêmio inesperado, também", disseme o moreno. "Mas sua irmã..."

Um sorriso que mostrou todos os seus dentes muito brancos. "Você tirou algo daquele Caldeirão, garota. O rei quer de volta. "

Foi por isso que o Caldeirão não conseguiu quebrar a Muralha. Não porque seu poder foi gasto.

Mas porque Nestha tinha roubado muito dele.

CHAPTER

Avaliei minhas opções diante de mim.

Eu duvidava que os Reis Corvos fossem estúpidos o suficiente para continuar falando o suficiente para que meus poderes retornassem. E se o rei estivesse realmente aqui... Eu tinha que avisar a todos. Imediatamente .

Deixou-me com três escolhas.

Levá-los em combate corpo-a-corpo com apenas um punhal, enquanto eles estavam armados com duas lâminas cada um e eram musculosos o suficiente para saber como usá-

los.

Fazer uma corrida por eles, e tentar sair da biblioteca - e arriscar as vidas e causar mais trauma as Sacerdotisas nos níveis acima.

Ou ...

Nestha estava dizendo para eles, "Se ele quer o que eu levei, ele pode vir buscá-lo."

- "Ele está muito ocupado para se preocupar", o macho de cabelos brancos ronronou, avançando mais um passo.

- Aparentemente você não está.

Agarrei os dedos de Nestha na minha mão livre. Ela olhou para mim.

Eu preciso que você confie em mim, eu tentei transmitir para ela.

Nestha leu a emoção em meus olhos - e deu o menor mergulho de seu queixo.

Eu disse a eles: "Você cometeu um grave erro vindo aqui. Para a minha casa. " Eles riram. Eu dei-lhes um sorriso de volta quando disse, "E espero que vocês sejam rasgados em fitas sangrentas."

Então eu corri, arrastando Nestha comigo. Não para os níveis superiores.

Mas para baixo.

Para baixo na escuridão eterna do poço no coração da biblioteca.

E para os braços de tudo o que espreitava dentro dele.

Ao redor e para baixo, ao redor e para baixo -



Prateleiras, papel, mobiliário e escuridão, o cheiro tornando-se mofado e úmido, pesando o ar, escuridão como o orvalho na minha pele - a respiração de Nestha era irregular, as saias rangendo com cada passo de corrida que dêmos.

Tempo... apenas uma questão de tempo antes de uma dessas sacerdotisas contactar Rhys.

Mas mesmo um minuto pode ser tarde demais.

Não havia escolha. Nenhuma.

As luzes feéricas pararam de aparecer à frente.

Um baixo e hediondo riso escorria atrás de nós. - Não é tão fácil, encontrar o seu caminho no escuro.

- "Não pare," eu ofeguei para Nestha, jogando-nos mais longe na escuridão.

Soava um ruído agudo. Como garras sobre pedra. Um dos Corvos cantou, "Você sabe o que aconteceu... as rainhas? "

- "Continue", eu respirei, segurando uma mão contra a parede para permanecer enraizada. Em breve - chegaremos ao fundo logo, e então... E então enfrentamos algum horror terrível o suficiente para que Cassian não falasse disso.

O menor de dois males - ou o pior deles.

- A mais nova - aquela vadia de cara chata - entrou no Caldeirão primeiro.

Praticamente pisoteado as outras para entrar depois que viu o que fez para você e sua irmã.

- "Não pare," eu repeti quando Nestha tropeçou. "Se eu morro, você corre."

Essa foi uma escolha que eu não precisava debater. Isso não me assustou. Nem por uma batida de coração.

Pedra gritou sob um conjunto de garras. "Mas o Caldeirão... Oh, sabia que alguma coisa tinha sido retirado dele. Não sensível, mas... sabia. Estava furioso. E quando a jovem rainha entrou... " Os Corvos riram. Riram com a cabeça inclinada para trás e nós nos encontramos no fundo da Biblioteca.

"Oh, ele deu a ela imortalidade. Fez dela Feérica. Mas desde que algo tinha sido tirado dele ... o Caldeirão tomou o que ela mais valorizava. Sua juventude. " Eles riram novamente. "Uma jovem entrou... mas uma garota murchada saiu ".

E das catacumbas da minha memória, soava a voz de Elain: " *Vi as mãos jovens murcharem com a idade.* "

- As outras rainhas não quiseram entrar no Caldeirão, para ter o terror do mesmo que aconteceu. E a mais nova... Oh, você deve ouvir como ela fala, Nestha Archeron. As coisas que ela quer fazer com você quando Hybern terminar... "

*Corvos gêmeos estão chegando.*

Elain sabia. Simplesmente. Tinha tentado nos avisar.

Havia pilhas antigas aqui embaixo. Ou, pelo menos eu sentia como se batêssemos em incontáveis bordas duras em nosso avanço cego.

*Onde estava, onde estava...*

Mais fundo na escuridão, corremos.

- "Estamos nos cansando dessa perseguição", disse um deles. "Nosso mestre está esperando por nós para recuperá-la."

Eu bufei alto o suficiente para eles ouvirem. "Estou chocado por ele poder reunir forças para quebrar a Muralha quando precisa de um conjunto de objetos mágicos para fazer o trabalho para ele. "

O outro sibilou, garras arranhando mais alto, "De quem era o livro de feitiços você acha que Amarantha roubou muitas décadas atrás? Quem sugeriu a diversão de fixar as máscaras nos rostos da Corte Primavera como castigo? Outro pequeno feitiço, aquele que ele queimou hoje - para atravessar suas tropas aqui. Só pode ser usado uma vez... uma pena. "

Estudei o leve fio de luz que eu podia distinguir - longe e alto. "Corra em direção à luz", eu sussurei para Nestha. "Eu vou segurá-los."

- Não.

- "Não tente ser nobre, se é isso que você está sussurrando", um dos Corvos gritou por trás. "Nós vamos pegar vocês duas de qualquer maneira. "

Nós não tivemos tempo - para o que quer que tivesse aqui para nos encontrar. Nós não tivemos tempo- "Corra," eu respirei. "Por favor."

Ela hesitou.

"Por favor," eu implorei, minha voz quebrando.

Nestha apertou minha mão uma vez.

E entre um suspiro e o outro, ela correu para o lado - em direção ao centro do poço.

A luz acima.

- O que... - um deles estalou, mas eu bati.

Cada osso do meu corpo latiu de dor quando eu o bati em uma das pilhas. Então de novo. Novamente. Até que ele balançou e caiu, desabando sobre o que estava ao lado.

*E o próximo. E o próximo...*

Estava bloqueando o caminho que Nestha tinha ido. E qualquer chance de minha saída, também. A madeira gemeu e estalou, os livros caíram para a pedra.

Mas um pouco...

Eu agarrei e acariciei a parede enquanto mergulhava mais adiante no chão do poço.

Minha magia era uma casca nas minhas veias.

- Ainda vamos pegá-la, não se preocupe - disse um deles. "Não queremos as queridas irmãs separadas.

*Onde você está, onde você está, onde está...*

Eu não vi a parede na minha frente. Meus dentes rangeram quando eu colidi com o rosto em primeiro lugar. Eu bati com a mão cegamente, buscando uma curva, a parede continuou. Fim da linha. Se fosse um beco sem saída...

- Nenhum lugar para descer aqui, Senhora - disse um deles.

Continuei me movendo, rangendo os dentes, avaliando o poder ainda congelado dentro de mim. Nem mesmo uma brasa para chamar para iluminar o caminho, para mostrar onde eu estava -

Para mostrar qualquer furo à frente -

O terror disso tinha meus ossos travados. Não. Não, continue andando, continue...

Eu estendi a mão, desesperada por uma prateleira para agarrar. Certamente não colocariam uma prateleira perto de um buraco na Terra-A escuridão vazia encontrou meus dedos, escorregou entre eles. De novo e de novo.

Eu tropecei um passo.

O couro encontrou meus dedos - couro sólido. Eu tateei as lombadas duras dos livros que encontram minhas palmas, e engoli meu soluço de alívio. Uma linha de vida em um mar violento; Eu senti meu caminho pela pilha, correndo agora. Terminou logo também. Eu dei um outro passo cego para a frente, toquei meu caminho em torno do canto de outra pilha assim que o Corvo sibilou com desagrado.

O som dizia o suficiente.

Eles me perderam - por um momento.

Eu caminhei lentamente, mantendo minhas costas em uma prateleira, acalmando meus pulmões até que minhas respirações se acalmassem – silenciosa.

- "Por favor," eu respirei na escuridão, apenas mais do que um sussurro. "Por favor me ajude."

À distância, um barulho estremeceu através do antigo chão.

- "Grã-Senhora da Corte da Noturna", um dos Corvos cantou. "Que tipo de gaiola nosso rei construirá

para você? "

O medo me mataria, o medo ...

Uma voz suave sussurrou em meu ouvido, *Você é a Grã-Senhora?*

A voz era jovem e velha, horrenda e bonita. "Sim, sim," eu sussurrei.

Eu não conseguia sentir nenhum calor corporal, não detectei presença física, mas...

Eu senti isso atrás de mim. Mesmo com minhas costas na prateleira, eu senti a massa dela espreitando atrás de mim. Ao meu redor. Como uma mortalha.

- Podemos cheirar você - disse o outro Corvo. "Como seu parceiro ficará com raiva quando ele ele descobrir que nós estamos com você! "

- "Por favor", eu respirei para a coisa agachada atrás de mim, sobre mim.

*O que você vai me dar?*

Uma pergunta tão perigosa. Nunca faça uma pechincha, Alis já havia me avisado antes Sob a Montanha. Mesmo se as pechinchas que eu tivesse feito... tivessem nos salvado. E me trouxe para Rhys.

- O que você quer?

Um dos Corvos disse: - Com quem ela está falando?

*A pedra e o vento ouvem tudo, falam tudo. Eles me sussurraram do seu desejo de manejar o Entalhador. Por uma troca.*

Minha respiração veio duro e rápido. "E daí?"

*Eu o conheci há muito tempo. Antes que tantas coisas rastejassem a terra.*

Os Corvos estavam perto - muito perto quando um deles sibilou: - O que ela está murmurando?

- Ela conhece um feitiço, como o mestre?

Eu sussurrei para a obscura escuridão atrás de mim, "Qual é o seu preço?"

Os passos dos Corvos soavam tão próximos que não poderiam estar a mais de vinte metros de distância. "Com quem você está falando? ", Perguntou um deles.

*Companhia. Envie-me companhia.*

Abri a boca, mas então disse: "Para comer?"

Uma risada que fez minha pele arrepiar. *Para me contar sobre a vida.*

O ar à frente mudou - quando os Corvos de Hybern se aproximaram. - Ai está você - disse um deles.

"Você tem um negócio", eu respirei. A pele ao longo do meu antebraço esquerdo formigava. A coisa atrás de mim... eu poderia jurar que a senti sorrir.

*Devo matá-los?*

- "P-por favor."

A luz gotejou diante de mim, e eu pisquei para a bola cegante da luz das estrelas.

Eu vi os Corvos gêmeos primeiro, aquela luz sob meu ombro para me iluminar para sua chegada. Suas atenções foram para mim. Então subiram sobre meu ombro. Minha cabeça.

O terror absoluto encheu seus rostos. No que estava atrás de mim.

*Feche os olhos*, a coisa ronronou no meu ouvido.

Eu obedeci, tremendo.

Então tudo que eu ouvi foram gritos. Gritos agudos e súplicas. Ossos estalando, o sangue salpicando como chuva, tecido rasgando, e gritos, gritos, gritos...

Eu apertei meus olhos fechados tão forte que doeram. Apeitei-os tão forte que eu estava tremendo. Então havia mãos quentes e ásperas em mim, arrastando-me para longe, e a voz de Cassian ao meu ouvido, dizendo: "Não olhe. Não olhe. "

Eu não olharia. Eu deixei ele me levar embora. Até que senti Rhys chegar. Senti-o pousar no chão do poço tão duro que toda a montanha estremeceu. Eu abri meus olhos então. Encontrei-o irrompendo em nossa direção, a noite se agitando, tanta fúria em seu rosto -

- Leve-as.

A ordem foi dada a Cassian.

Os gritos ainda estavam em erupção atrás de nós.

Eu rastejei em direção a Rhys, mas ele já havia partido, uma nuvem de escuridão se espalhando por ele.

Para proteger a visão de onde ele entrou. Sabendo que eu olharia.

Os gritos cessaram.

Em um silêncio terrível, Cassian me puxou para fora - em direção ao centro da cova.

Nestha estava de pé lá, braços ao redor dela, olhos arregalados.

Cassian apenas esticou um braço para ela. Como em transe, ela caminhou direto para o seu lado. Os braços dele apertaram ao redor de nós duas, Sifões flamejando, dourando a escuridão com luz vermelha.

Então nos lançamos para cima.

Assim quando os gritos começaram de novo.

CHAPTER

Cassian deu-nos um copo de conhaque. Um copo cheio.

Sentada em uma poltrona na biblioteca da família, Nestha bebeu o dela em um gole.

Eu reivindiquei a cadeira em frente a ela, tomei um gole, estremeci com o sabor, e fui para colocá-lo na mesa baixa entre nós.

- Continue bebendo - ordenou Cassian. A ira não era para mim.

Não - era para o que estava abaixo. O que tinha acontecido.

- "Você está ferida?", Cassian perguntou. Cada palavra era cortada - brutal.

Eu balancei uma cabeça. Ele não perguntou a Nestha ... ele deve ter encontrado ela primeiro. Determinado por si mesmo.

Eu comecei, "O rei está na cidade-"

- "Nenhum sinal dele." Um músculo torceu em sua mandíbula.

Ficamos em silêncio. Até que Rhys apareceu entre as portas abertas, sombras seguindo em seu rastro.

O sangue lhe cobria as mãos, mas nada mais.

Tanto sangue, rubi-brilhante no sol do meio da manhã. Como se ele tivesse rasgado neles com as próprias mãos.

Seus olhos estavam completamente congelados de raiva. Eles se dirigiram direto para meu braço esquerdo, a manga enrolada, suja – e como uma faixa fina de ferro preto em torno do meu antebraço, uma tatuagem agora estava lá.

*É costume na minha corte os acordos serem registrados permanentemente sobre a carne*, Rhys tinha me disse Sob a Montanha.

- "O que você deu." Eu não tinha ouvido essa voz desde aquela visita a Corte dos Pesadelos.

- Ele disse que queria companhia. Alguém para lhe contar sobre a vida. Eu disse sim.

- Você se voluntariou.

- "Não." Eu esgotei o resto do conhaque em um gole, seu rosto congelado. "Apenas disse alguém. E não especificou quando."

Eu fiz uma careta na faixa preta sólida, não mais grossa do que a largura do meu dedo, interrompido apenas por dois espaços estreitos perto do lado do meu antebraço. Eu tentei levantar, ir até ele, pegar aquelas mãos ensanguentadas. Mas meus joelhos ainda balançavam o suficiente para que eu não pudesse

me mexer. - "Os corvos do rei estão mortos? "

- "Quase estavam quando eu cheguei. Ele deixou o suficiente de suas mentes funcionando para mim ter o que olhar. E terminá-los quando eu tinha feito. "

Cassian estava com rosto de pedra, olhando entre as mãos sangrentas de Rhys e seus olhos gelados. Mas foi para minha irmã que meu companheiro se virou. "Hybern caça você por causa do que você tirou do Caldeirão. As rainhas querem você morta por vingança - por roubá-las da imortalidade.

- Eu sei - a voz de Nestha era rouca.

- O que você tomou?

- "Eu não sei." As palavras eram apenas mais do que um sussurro. - "Mesmo Amren não consegue entender. "

Rhys olhou para ela. Mas Nestha olhou para mim - e eu poderia ter jurado que o medo brilhava lá, e culpa e... algum outro sentimento. - "Você me disse para fugir. "

- "Você é minha irmã", foi tudo que eu disse. Ela já tentou atravessar a parede para me salvar.

Mas ela começou. "Elain-"

- "Elain está bem" - disse Rhys. - "Azriel estava na casa da cidade. Lucien está voltando, e Mor está quase lá e eles sabem da ameaça. "

Nestha inclinou a cabeça para trás contra a almofada da poltrona, parecendo um pouco desossada.

Eu disse a Rhys: "Hybern infiltrou nossa cidade. Novamente."

- O idiota se manteve firme com aquele feitiço fugaz até que ele realmente precisou.

- Feitiço fugaz?

- Um feitiço de grande poder, capaz de ser empunhado apenas uma vez - com grande efeito. Um capaz de atravessar. Ele deve ter esperado o seu tempo.

- As barreiras daqui...

- Amren está atualmente adaptando-as contra tais coisas. E então começará a pentear por esta cidade para descobrir se o rei também depositou outros camaradas antes de desaparecer.

Sob a raiva fria, havia uma nitidez afiada suficiente para eu perguntar, *O que há de errado?*

- "O que há de errado?", Ele respondeu, verbalmente, como se ele não pudesse mais distinguir entre os dois. "O que está errado é que esses pedaços de merda entraram em minha casa e atacaram minha parceira. O que está errado é que minhas malditas proteções trabalharam contra mim, e você tinha que fazer um acordo com essa coisa para se manter longe viva. O que está errado-"



- "Calma", eu disse tranquilamente, mas não fracamente.

Seus olhos brilharam, como relâmpagos que atingiram um oceano. Mas ele inalou profundamente, soprando a respiração através de seu nariz, e seus ombros afrouxaram -

um pouco.

- Você viu o que era - aquela coisa lá embaixo?

- "Eu adivinhei o suficiente para fechar os olhos", disse ele. "Eu só os abri quando me afastei".

A pele de Cassian tinha ficado cinza. Ele tinha visto. Tinha visto de novo. Mas ele não disse nada.

- Sim, o rei superou nossas defesas - disse a Rhys. "Sim, as coisas correram mal.

Mas não ficamos feridos. E os Corvos revelaram algumas informações-chave. "

Descuidado, eu percebi. Rhys tinha sido descuidado em matá-los. Normalmente, ele os teria mantido vivos para Azriel interrogar. Mas ele tinha tomado o que precisava, rápido e brutalmente, e terminou. Ele mostrou mais restrição sobre Attor-

- "Nós sabemos por que o Caldeirão não funciona em toda sua força agora", eu continuei. "Sabemos que Nestha é mais uma prioridade para o rei do que eu. "

Rhys refletiu sobre isso. "Hybern mostrou uma parte de sua mão, trazendo-os para cá. Ele tem que ter uma dúvida de sua vitória para se arriscar. "

Nestha parecia que ia ficar doente. Cassian encheu de novo o copo. Mas perguntei, "Como você sabia que estávamos em apuros? "

- Clotho - disse Rhys. - Há um alarme silencioso dentro da biblioteca. Ela tocou, e chegou para todos nós.

Cassian chegou lá primeiro.

Eu me perguntava o que tinha acontecido naqueles momentos iniciais, quando ele tinha encontrado minha irmã. Como se tivesse lido meus pensamentos, Rhys me enviou a imagem, sem dúvida cortesia de Cassian.

*Pânico e raiva. Isso era tudo o que sentia quando se atirou no coração do poço, invadindo a antiga escuridão que o tinha abalado uma vez até sua própria medula.*

*Nestha estava lá - e Feyre.*

*Ela foi a primeira que viu, tropeçando da escuridão, com os olhos arregalados, seu medo escancarado aguçava sua raiva em algo tão afiado que mal podia pensar, apenas respirar - ela soltou um pequeno som animal - como algum veado ferido - quando o viu.*

*Quando ele aterrissou tão difícil que seus joelhos estalaram.*

*Ele não disse nada enquanto Nestha se lançava em direção a ele, seu vestido sujo e desarrumado, seus braços esticando para ele. Ele abriu o seu próprio para ela, incapaz de parar sua abordagem. Ela segurou seus couros. "Feyre", ela roncou, apontando atrás dela com uma mão livre, sacudindo-o solidamente com a outra. Força - tal força inexplorada naquele corpo magro e bonito.*

*- Hybern.*

*Era tudo o que ele precisava ouvir. Ele desembainhou sua espada - então sentiu que Rhys estava chegando para eles, seu poder como uma maldita erupção vulcânica.*

*Cassian avançou na escuridão, seguindo os gritos...*

Eu me afastei, não querendo ver mais nada. Ver o que Cassian tinha testemunhado ali. Rhys caminhou para mim, e levantou uma mão para escovar o meu cabelo - mas parou ao ver o sangue escorrer por seu dedos, em vez disso, estudou a tatuagem que agora estragava meu braço esquerdo. "Enquanto não tivermos que o convidar para o jantar de solstício, eu posso viver com ela. "

- "Você pode viver com isso?" Eu levantei minhas sobrancelhas.

Um fantasma de um sorriso, mesmo com tudo o que tinha acontecido, que agora estava diante de nós. "Pelo menos agora, se um de vocês sair da linha, eu sei o castigo perfeito. Ir lá falar com aquela coisa durante uma hora. "

Nestha franziu o cenho com desgosto, mas Cassian soltou uma risada escura. "Eu vou preferir esfregar banheiros, obrigado."

- Seu segundo encontro pareceu menos doloroso do que o primeiro.

- "Não estava tentando me comer desta vez." Mas sombras ainda escureciam seus olhos.

Rhys também o viu. Viu e disse em silêncio, novamente com a voz do GrãoSenhor: "Avise quem quer que seja, a todos, para ficar dentro de casa hoje à noite. Crianças fora das ruas ao pôr-do-sol, nenhum dos Palácios permanecerá aberto ao nascer da lua.

Qualquer um nas ruas enfrentará as consequências. "

- "De quê?" Eu perguntei, o licor em meu estômago queimando agora.

A mandíbula de Rhys se apertou, e ele examinou a cidade cintilante além das janelas. - De Amren à caça.

Elain estava aninhada ao lado de uma Mor muito casual no sofá da sala de estar quando chegamos à casa da cidade. Nestha passou por mim, direto para Elain, e sentou-se do outro lado, antes de voltar sua atenção para onde ficamos no saguão. Esperando -

de algum modo sentindo a reunião que estava prestes a se desenrolar.

Lucien, parado junto à janela da frente, olhou para a rua. Monitorando-a. Uma espada e um punhal pendiam de seu cinto. Nenhum humor, nenhum calor enfeitou seu rosto - apenas uma determinação feroz e sombria.

"Azriel está descendo do telhado", Rhys disse para nenhum de nós em particular, encostado no arco na sala de estar e cruzando os braços.

E como se ele o tivesse convocado, Azriel saiu de um bolso de sombra pelas escadas e nos escaneou da cabeça aos pés. Seus olhos se demoraram sobre o sangue coagulando as mãos de Rhys.

Eu peguei um ponto no poste de entrada oposto enquanto Cassian e Azriel permaneceram entre nós.

Rhys ficou quieto por um momento antes de dizer: "As sacerdotisas ficarão caladas sobre o que aconteceu hoje e o povo desta cidade não vai saber por que Amren está se preparando para caçar. Não podemos dar ao luxo de deixar os outros GrãoSenhores saberem. Isso os desestabilizaria - e desestabilizaria a imagem com a qual trabalhamos tão arduamente para criar."

- O ataque a Velaris - respondeu Mor de seu lugar no sofá - já mostrava que estávamos vulneráveis."

- "Isso foi um ataque surpresa, que nós tratamos rapidamente", Cassian disse, sífões piscando. " Az fez com que a informação saísse nos retratando como vencedores - capazes de derrotar qualquer desafio que Hybern jogue em nosso caminho. "

- "Nós fizemos isso hoje," eu disse.

- É diferente - disse Rhys. "A primeira vez, tivemos o elemento de sua surpresa para nos desculpar. Esta segunda vez... isso nos faz parecer despreparados. Vulneráveis. Não podemos arriscar parecer assim antes da reunião em dez dias. Assim, para todas as aparências, permaneceremos imperturbáveis enquanto nos preparamos para a guerra. "

Mor afundou contra as almofadas do sofá. "Uma guerra onde não temos aliados além de Keir, seja em Prythian ou além dela."

Rhys lançou-lhe um olhar penetrante. Mas Elain disse em voz baixa: - A rainha pode vir.

Silêncio.

Elain estava olhando para a lareira apagada, olhos perdidos para aquela vaga obscuridade.

- Que rainha? - disse Nestha, com mais força do que costumava dizer à nossa irmã.

- Aquela que foi amaldiçoada.

- Maldito pelo Caldeirão - clarifiquei para Nestha, afastando-me do arco. "Quando você lançou sua birra depois que você... saiu. "

- "Não." Elain me estudou, depois ela. "Não aquela. A outra."

Nestha respirou fundo, abrindo a boca para levantar Elain ou seguir em frente.

Mas Azriel perguntou suavemente, dando um passo sobre o limiar e entrando na sala de estar, "Que outra?"

Elain franziu as sobrancelhas encando um ao outro. - A rainha... com as penas de chama.

O encantador de sombras inclinou a cabeça.

Lucien murmurou para mim, com os olhos ainda fixos em Elain, "Nós deveríamos...  
ela precisa...?"

- Ela não precisa de nada - respondeu Azriel sem olhar para Lucien.

Elain estava olhando para o mestre espião agora - sem piscar os olhos.

- "Somos nós que precisamos..." Azriel disse. - Um vidente - disse ele, mais para si mesmo do que para nós. O Caldeirão fez de você uma vidente.

CHAPTER

*Vidente.*

A palavra ecoou através de mim.

Ela sabia. Ela avisou NestHa sobre os Corvos. E no caos do ataque, aquela pequena percepção tinha escapado de mim. Deslizou de mim como realidade e sonho deslizado e entrelaçado para Elain.

Vidente

Elain virou-se para Mor, que agora estava olhando para minha irmã de seu lugar ao lado dela no sofá. "É o que é isso?"

E as palavras, o tom... eles soavam tão normais - que meu peito apertou.

O olhar de Mor atravessou o rosto de minha irmã, como se pesasse as palavras, a pergunta, se dizia a verdade ou a mentira. Mor finalmente piscou, separando a boca.

Como se sua magia tivesse resolvido algum quebra-cabeça. Lentamente, claramente, ela assentiu. Lucien deslizou silenciosamente para dentro de uma das cadeiras, diante da janela, aquele olho metálico zunindo quando focou sobre minha irmã.

Fazia sentido, supus, que Azriel sozinho a tivesse escutado. O homem que ouviu coisas que não podia... Talvez ele também tivesse sofrido como Elain antes de entender o dom que possuía. Ele perguntou a Elain. - Há outra rainha?

Elain apertou os olhos, como se a pergunta exigisse algum esclarecimento interior, algum... caminho para olhar de maneira correta em tudo o que tinha engolido e atormentado ela. "Sim."

- "A sexta rainha," Mor respirou. "A rainha que a dourada disse não estar doente..."

- "Ela disse para não confiar nas outras rainhas por causa disso", acrescentei.

E assim que as palavras saíram da minha boca... Foi como recuar de uma pintura para ver toda o cenário. De perto, as palavras haviam sido confusas e perdidas. Mas de longe...

- "Você roubou do Caldeirão", eu disse a Nestha, que parecia pronta para saltar entre todos nós e Elain. "Mas e se o Caldeirão deu algo para Elain?"

O rosto de Nestha escorria de cor. "O que?"

Igualmente cinza, Lucien parecia inclinado a fazer eco da pergunta rouca de Nestha.

Mas Azriel assentiu. - Você sabia - disse ele a Elain. - Sobre a jovem rainha se transformando em uma velha.

Elain piscou e piscou, os olhos se apagando novamente. Como se o entendimento, nosso entendimento...

tivesse libertado ela de qualquer reino obscuro que ela tinha estado.

- "A sexta rainha está viva?" Azriel perguntou, calmo e firme, a voz do espião do Grão - Senhor, que tinha inimigos quebrados e aliados encantados.

Elain inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo alguma voz interior. "Sim."

Lucien apenas olhava para minha irmã, como se nunca a tivesse visto antes.

Eu chicoteei meu rosto para Rhys. *Um aliado potencial?*

*Eu não sei*, ele respondeu. *Se as outras a amaldiçoavam ...*

- "Que tipo de maldição?" Perguntou meu companheiro antes mesmo de ele ter terminado de falar comigo. Elain virou o rosto para ele. Outro piscar. "Eles a venderam -

para... para alguma escuridão, para algum... Feiticeiro... " Ela balançou a cabeça. "Eu nunca posso vê-lo. O que ele é. Há uma caixa de ônix que ele possui, mais vital do que qualquer coisa... salvo por elas. As garotas. Ele mantém outras garotas - outras tão parecidas com ela - mas ela... De dia, ela tem uma forma, de noite, humana novamente. "

- "Um pássaro de penas ardentes," eu disse.

- "Passaro de fogo de dia," Rhys pensou, "mulher de noite... Então ela está mantida em cativeiro por este senhor feiticeiro?"

Elain sacudiu a cabeça. "Eu não sei, eu ouço ela - ela está gritando, com raiva, raiva..."

Mor estremeceu e inclinou-se para a frente. - Sabe por que as outras rainhas a amaldiçoaram... vendendo-a para ele?

Elain estudou a mesa. - Não. Isso é tudo névoa e sombra.

Rhys soltou um suspiro. "Você pode sentir onde ela está?"

"Há... um lago. No fundo do continente, eu acho. Escondido entre montanhas e florestas antigas. "

A garganta de Elain balançou. "Ele as mantém todos no lago."

- As outras mulheres gostam dela?

- Sim e não. Suas penas são brancas como a neve. Elas deslizam através da água -

enquanto ela corta através do céu acima dela.

Mor disse a Rhys: - Que informação temos sobre esta sexta rainha?

- Pouco - Azriel respondeu por ele. - Sabemos pouco. Jovem, em algum lugar entre seus vinte e poucos anos. Citimia fica ao longo da Muralha, para o leste. É o menor entre os reinos das rainhas humanas, mas

rico em comércio e armas. Ela se passa por Vassa, mas eu nunca recebi um relatório com seu nome completo.

Rhys pensou. "Ela deve ter colocado uma ameaça considerável para as rainhas se elas se viraram contra ela. E considerando sua agenda..."

- "Se pudermos encontrar Vassa", eu cortei, "ela poderia ser vital para convencer as forças humanas a lutar. E dando nosso aliado no continente".

- Se pudermos encontrá-la - Cassian respondeu, aproximando-se do lado de Azriel, as asas brilhando ligeiramente. "Isso poderia levar meses. Para não mencionar, com o homem que mantém seu cativeiro sendo feiticeiro, poderia ser mais difícil do que o esperado. Não podemos arcar com todos esses riscos potenciais. Ou o tempo que levaria.

Devemos concentrar-nos neste encontro com o outros Grão - Senhores primeiro."

- "Mas poderíamos ganhar muito", disse Mor. "Talvez ela tenha um exército..."

- Talvez sim - Cassian a interrompeu. "Mas se ela está amaldiçoada, quem vai liderá-la? E se seu reino é tão longe... eles têm que viajar a maneira mortal, também. Você se lembra de como eles facilmente morriam -"

- "Vale a pena tentar", Mor interrompeu.

- Você é necessária aqui - disse Cassian. Azriel parecia inclinado a concordar, mesmo enquanto ele se calava. "Eu preciso de você em um campo de batalha - não passeando pelo continente. E a metade humana dela. Se essas rainhas reuniram exércitos para oferecer Hybern, eles sem dúvida vão estar em pé entre você e a rainha Vassa."

- Você não me dá ordens...

- Não, mas eu sim - disse Rhys. "Não me dê esse olhar. Ele está certo, precisamos de você aqui, Mor."

- Scythia - disse Mor, balançando a cabeça. - Lembro-me deles. São pessoas com cavalo. Uma cavalaria montada poderia viajar muito mais rápido -"

- Não. A negativa brilhou nos olhos de Rhys. A ordem foi final.

Mas Mor tentou de novo. "Há uma razão pela qual Elain está vendo essas coisas.

Ela estava certa sobre a outra Rainha virando velha, sobre o ataque dos Corvos - por que ela está recebendo esta imagem? Por que ela está ouvindo essa rainha? Deve ser vital. Se o ignorarmos, talvez mereçamos fracassar."

Silêncio. Examinei todos eles. Vital. Cada um deles era vital aqui. Mas eu... Eu respirei.

- Eu irei.

Lucien olhava para Elain enquanto falava.

Todos olhamos para ele.

Lucien deslocou seu foco para Rhys, para mim. "Eu vou", ele repetiu, levantando-se. "Para encontrar esta sexta rainha."

Mor abriu e fechou a boca.

- O que o faz pensar que poderia encontrá-la? - Rhys perguntou. Não rudemente, mas da perspectiva de comandante avaliando as habilidades que Lucien oferecia contra os riscos, os benefícios potenciais.

- "Este olho..." Lucien fez um gesto para a armação de metal. "Pode ver coisas que os outros... não podem. Magias, glamours... Talvez possa me ajudar a encontrá-la. E

quebre sua maldição." Ele olhou para Elain, que estava novamente estudando seu colo.

"Eu não sou necessário aqui. Eu vou lutar se você precisar de mim, mas..." Ele me ofereceu um sorriso sombrio. "EU não pertencço à Corte Outonal. E eu estou disposto a apostar que não sou mais bem-vindo em... na Corte Primavera. *Em casa*, ele quase disse. "Mas eu não posso sentar aqui e não fazer nada. As rainhas com seus exércitos...

há uma ameaça a esse respeito, também. Então use-me. Me envie. Vou encontrar Vassa, ver se ela pode... trazer ajuda. "

- Você entrará no território humano - advertiu Rhys. "Eu não posso poupar uma força para te guardar..."

"Eu não preciso de um. Eu viajo mais rápido sozinho." Seu queixo levantou. "Vou encontrá-la. E se há um exército para trazer de volta, ou pelo menos alguma maneira de usar sua própria história para influenciar as forças humanas... Eu vou encontrar uma maneira de fazer isso, também."

Meus amigos se entreolharam. Mor disse: - Será... muito perigoso.

Um meio sorriso curvou a boca de Lucien. - Bom. Seria aborrecido do contrário.

Apenas Cassian devolveu o sorriso. "Eu vou carregar você com algum aço illyriano."

Elain olhou Lucien com cautela. Piscando de vez em quando. Ela não revelou qualquer indício do que poderia estar vendo ou sentindo. Nenhum.

Rhys empurrou o arco. "Eu vou atravessar você tão perto quanto podemos chegar a qualquer lugar que você precise para começar a caçar. " Lucien tinha estudado todos esses mapas ultimamente. Talvez em silêncio, alguma força nos tenha guiado. Meu companheiro acrescentou: "Obrigado."

Lucien encolheu os ombros. E foi esse gesto que me fez dizer, afinal: "Tem certeza?"

Ele apenas olhou para Elain, cujo rosto voltou a ser um vazio calmo enquanto ela traçava um dedo sobre os bordados nas almofadas do sofá. - Sim. Deixe-me ajudar da maneira que puder.

Mesmo Nestha parecia relativamente preocupada. Não com ele, sem dúvida, mas o fato de que se ele fosse ferido ou morto... O que faria a Elain? A separação do vínculo de acasalamento... Eu parei de



pensar no que isso faria comigo.

Perguntei a Lucien: "Quando você quer sair?"

- "Amanhã." Eu não tinha ouvido ele soar tão assertivo em... muito tempo. "Vou me preparar no restante de hoje, e partir depois do café da manhã amanhã." Ele acrescentou a Rhys, "Se isso funciona para você."

Meu companheiro acenou uma mão ociosa. "Pelo que você está prestes a fazer, Lucien, vamos fazer o trabalho."

O silêncio caiu mais uma vez. Se ele pudesse encontrar aquela rainha desaparecida e talvez trazer de volta algum tipo de exército, ou pelo menos influenciar as forças mortais esvrasas de Hybern... Se eu pudesse encontrar uma maneira de obter o Entalhador para a luta por nós que não envolvesse o uso desse espelho terrível... Seria suficiente?

A reunião com os Grão - Senhores, ao que parece, decidiria isso.

Rhys empurrou o queixo para Azriel, que o tomou como uma ordem para desaparecer - sem dúvida verificar Amren.

- "Descubram se Keir e sua legião da Escuridão tiveram algum ataque", meu companheiro ordenou a Mor e Cassian, que balançaram a cabeça e saíram também.

Sozinho com minhas irmãs e Lucien, Rhys e eu pegamos o olhar de Nestha.

E por uma vez, minha irmã levantou-se e veio em nossa direção, nós três não tão sutilmente, partimos para o andar de cima. Deixando Lucien e Elain sozinhos.

Era um esforço para não se demorar no topo da escada, para ouvir o que seria dito.

Se alguma coisa fosse dita.

Mas eu me fiz pegar a mão de Rhys, vacilando com o sangue ainda impregnado em sua pele, e o levei para a nossa sala de banho. A porta do quarto de Nestha clicou e fechou no corredor.

Rhys sem palavras olhou para mim enquanto eu ligava a torneira da banheira e peguava uma toalha da estante contra a parede. Tomei um assento na borda da banheira, testando a temperatura da água contra meu pulso, e dei um tapinha na borda de porcelana ao meu lado. "Sente."

Ele obedeceu, a cabeça inclinada enquanto se sentava.

Peguei uma de suas mãos, guiei-a até o fluxo de água gorgoteante e segurei-a embaixo.

O vermelho fluiu fora de sua pele, rodopiando na água embaixo. Eu arranquei o pano e esfreguei suavemente, sangue escamando, água espirrando para as mangas ainda imaculadas de sua jaqueta. "Por que não protegeu suas mãos?"

- Eu queria sentir isso - suas vidas terminando sob meus dedos.

Palavras frias e planas.

Eu esfreguei as unhas dele, o sangue cravado nas fendas onde encontrou sua pele.

Os arcos abaixo. "Porque diferente da emboscada do Attor, do ataque de Hybern na floresta, do ataque de Velaris... tudo isso... " Eu o tinha visto com raiva antes, mas nunca...

nunca tão distante. Como se a moralidade e bondade fossem coisas que espreitavam em uma superfície distante, muito acima das profundidades congeladas em que ele mergulhara.

Virei a palma da mão para dentro do jato, lavando o espaço entre seus dedos.

- "Qual é o ponto disso", disse ele, "de todo esse poder... se eu não puder proteger aqueles que são mais vulneráveis na minha cidade? Se não conseguir detectar um ataque?"

- Mesmo Azriel não soube disso...

- O rei usou um feitiço arcaico e entrou pela porta da frente. Se eu não posso... -

Rhys sacudiu a cabeça e eu abaixei a mão agora limpa e peguei a outra. Mais sangue manchou a água. "Se eu não puder proteger eles aqui... Como posso..." Sua garganta balançou. Levantei o queixo com a mão. A raiva gelada tinha caído e algo um pouco quebrado e dolorido surgiu - "Essas sacerdotisas já suportaram o suficiente. Eu falhei com eles hoje. Porque a Biblioteca... não vai mais parecer segura para elas. O único lugar que elas tiveram para si, onde elas sabiam que estavam protegidas... Hybern tirou isso hoje. "

E dele. Ele tinha ido para aquela biblioteca para sua própria necessidade de cura -

por segurança. Ele disse, "Talvez seja castigo por ter levado Velaris de Mor – por conceder Keir acesso aqui."

"Você não pode pensar assim - não vai acabar bem." Eu terminei de lavar a outra mão, enxuguei o pano, então comecei a passá-lo ao longo de seu pescoço, suas têmporas...

Calmante, prensas mornas, não para limpar, mas para relaxar.

- "Eu não estou zangado com o negócio", disse ele, fechando os olhos enquanto eu passava o pano sobre sua testa. "Caso você esteja... preocupada. "

- Eu não estou.

Rhys abriu os olhos, como se ele pudesse ouvir o sorriso em minha voz, e me estudou enquanto eu jogava o pano na banheira com uma batida molhada e desligava a torneira.

Ele ainda estava me estudando quando peguei seu rosto em minhas mãos úmidas.

"O que aconteceu hoje não foi sua falha", eu disse, as palavras preenchendo o quarto banhado pelo sol. "Nada disso. Tudo é por conta de Hybern – e quando enfrentarmos o rei de novo, vamos lembrar desses ataques, esses ferimentos para o nosso povo. Nós esquecemos o Livro de magia de Amarantha - para nossa própria perda. Mas temos um livro nosso - espero que com feitiços que precisamos. E por

enquanto... por agora, vamos nos preparar, e vamos enfrentar as consequências. Por agora, nós nos movemos adiante".

Ele virou a cabeça para beijar minha palma. "Lembre-me de lhe dar um aumento de salário."

Eu engasguei com uma tosse. "Pelo quê?"

- Pelo conselho sábio - e pelos outros serviços vitais que você me forneceu. - Ele piscou.

Eu ri com sinceridade, e apertei seu rosto enquanto estalava um beijo rápido em sua boca. "Namorado desavergonhado."

O calor retornou aos seus olhos finalmente.

Então eu peguei uma toalha cor marfim e juntei as mãos, agora limpas e quentes, nas dobras de macio tecido.

CHAPTER

Amren não encontrou outros assassinos de Hybern ou espiões durante sua longa noite de caça por Velaris. Como ela procurou-os, como distinguiu amigo de inimigo...

algumas pessoas, Mor me disse na manhã seguinte, a maioria na verdade, tiveram uma noite sem dormir e pintaram os seus limiares com sangue de cordeiro. Uma espécie de oferta para ela. E pagamento para ficar longe. Algumas deixaram copos dele em suas portas.

Como se toda a gente na cidade soubesse que a Segunda no comando do Grão Senhor, aquela fêmea de ossos pequenos... era o monstro que os defendeu dos outros horrores do mundo.

Rhys passara a maior parte do dia e da noite anterior tranquilizando as sacerdotisas de sua segurança, caminhando através das novas alas. A sacerdotisa que os havia deixado entrar... por qualquer motivo, Hybern tinha deixado ela viva. Ela permitiu Rhys em sua mente para ver o que tinha acontecido: uma vez que o rei tinha atravessado com esse feitiço fugaz, seus Corvos apareceram como dois velhos eruditos para fazer a sacerdotisa abrir a porta, em seguida, forçou seu caminho em sua mente para que ela recebê-los sem serem investigados.

A violação disso... Rhys passara horas com essas sacerdotisas ontem. Mor, também.

Falando, ouvindo as que podiam falar, segurando as mãos daqueles que não podiam.

E quando eles finalmente as deixaram... Havia uma paz entre meu companheiro e seu prima. Alguns persistentes receios tinham de alguma forma sido acalmados.

Nós não tínhamos muito tempo. Eu sabia. Senti com cada respiração. Hybern não estava vindo; Hybern estava aqui. Nosso encontro com os Grão - Senhores estava agora a pouco mais de uma semana - e ainda Nestha se recusou a se juntar a nós.

Mas foi bom. Nós conseguiríamos. Eu conseguiria.

Nós não tínhamos outra escolha.

E foi por isso que me encontrei parada no vestíbulo na manhã seguinte, vendo Lucien carregado. Ele usava couros illyrianos sob um casaco mais pesado, juntamente com camadas de roupas abaixo para ajudar ele sobreviver em climas variados. Ele tinha trançado para trás seu cabelo vermelho, o comprimento dele serpenteando em suas costas-bem em cima da espada illyriana amarrada por sua espinha.

Cassian tinha-lhe dado liberdade na tarde de ontem para saquear o seu esconderijo pessoal de armas, meu amigo tinha sido econômico sobre quais ele tinha selecionado. A lâmina, mais uma espada curta, mais uma variedade de adagas. Um alijava de flechas e um arco não trançado estavam amarrados à sua mochila.

- "Você sabe exatamente onde quer que Rhys o leve?" Eu perguntei finalmente.

Lucien assentiu, olhando para onde meu parceiro esperava na porta da frente. Ele levaria Lucien para a borda do continente humano - para onde Lucien tivesse decidido que seria o melhor ponto de pouso. Não mais, Azriel insistira. Seus relatórios indicavam que era muito observado, muito perigoso. Mesmo para um dos nossos.

Mesmo para o Grão – Senhor mais poderoso da história.

Dei um passo à frente, e não dei a Lucien tempo para dar um passo para trás enquanto eu o abraçava com força. "Obrigada," eu disse, tentando não pensar em todo o aço nele - se ele precisasse usá-lo.

- "Era hora," Lucien disse calmamente, me dando um aperto. - "Para eu fazer alguma coisa. "

Eu me afastei, examinando seu rosto marcado. "Obrigada", eu disse de novo. Era tudo que eu conseguia pensar em dizer.

Rhys estendeu a mão para Lucien.

Lucien estudou o rosto do meu companheiro. Eu quase podia ver todas as palavras odiosas que tinham falado balançando entre eles, entre a mão estendida e a própria de Lucien.

Mas Lucien pegou a mão de Rhys. Essa oferta silenciosa não só de transporte.

Antes que o vento escuro o varresse, Lucien olhou para trás. Não para mim, eu percebi - para alguém atrás de mim.

Pálida e magra, Elain estava no topo das escadas.

Seus olhares trancados e fixos.

Mas Elain não disse nada. Não deu nem um passo para baixo.

Lucien inclinou a cabeça em um arco, o movimento escondendo o brilho em seu olho - o desejo e tristeza. E quando Lucien se voltou para pedir a Rhys para ir... Ele não olhou de volta para Elain.

Não viu o meio passo que ela levou para a escada - como se ela falasse com ele.

Pare ele.

Então Rhys se foi, e Lucien com ele.

Quando me virei para oferecer o café-da-manhã Elain, ela já tinha ido embora.

Esperei no vestíbulo para que Rhys voltasse.

Na sala de jantar à minha esquerda, Nestha praticava silenciosamente a construção dessas paredes invisíveis em sua mente – nenhum sinal de Amren desde sua caça na noite passada. Quando perguntei se ela estava fazendo algum progresso, minha irmã tinha apenas dito: "Amren acha que estou chegando perto o suficiente para começar a tentar algo tangível."

E foi isso. Eu a deixei nisso, sem me preocupar em perguntar se Amren também tinha chegado perto de descobrir algum tipo de feitiço no Livro para reparar essa parede.

Em silêncio, contei os minutos, um por um.

Então um vento escuro e familiar rodou através do vestíbulo, e eu soltei um suspiro tão apertado quando Rhys apareceu no meio do tapete do salão. Nenhuma indicação de algum tipo de problema, nenhum sinal de ferida ou dano, mas eu deslizei meu braços ao redor de sua cintura, precisando senti-lo, cheirá-lo. - "Tudo correu bem? "

Rhys roçou um beijo no topo da minha cabeça. "Bem como pode ser esperado. Ele está agora no continente, indo para o leste ".

Ele notou Nestha estudando na mesa de jantar. - "Como está aguentado nossa nova vidente? "

Eu puxei para trás para explicar que eu tinha deixado Elain para seus próprios pensamentos, mas Nestha disse: "Não lhe chame disso."

Rhys deu-me um olhar incrédulo, mas Nestha voltou a folhear um livro, seu rosto vago, enquanto ela praticava com os exercícios de construção dos muros que Amren tinha ordenado. Eu cutuquei ele em suas costelas. *Não a provoque.*

Um canto de sua boca se ergueu - a expressão cheia de prazer malvado. *Posso provocar você em vez disso?*

Eu apertei meus lábios para não sorrir... A porta da frente se abriu e Amren entrou.

Rhys estava instantaneamente de frente para ela. "O que?"

Foi-se a diversão e a postura relaxada.

O rosto pálido de Amren permaneceu calmo, mas seus olhos... Eles rodavam de raiva.

- Hybern atacou a Corte Estival. Eles cercam Adriata enquanto falamos.

CHAPTER

Hybern tinha feito seu grande movimento finalmente. E nós não tínhamos previsto.

Eu sabia que Azriel assumiria a culpa para si mesmo. Um olhar para o encantador de sombras quando ele rondou através da porta da frente da casa da cidade minutos depois, Cassian em seus calcanhares, me disse que ele já fazia.

Ficamos no vestíbulo, Nestha sentando-se à mesa de jantar atrás de mim.

- Tarquin pediu ajuda? - perguntou Cassian a Amren.

Nenhum de nós ousou questionar como ela sabia.

Amren apertou a mandíbula. Eu recebi a mensagem, e nada mais.

Cassian assentiu uma vez e virou-se para Rhys. "A Corte Estival tinha uma força móvel de combate preparada quando você estava lá? "

- Não - disse Rhys. "Sua armada estava espalhada ao longo da costa." Um olhar para Azriel.

- A metade está em Adriata - a outra está dispersa - acrescentou o encantador de sombras. "Seu exército terrestre mudou-se para a fronteira da Corte Primavera... depois de Feyre. A legião mais próxima talvez esteja a três dias de distância. "

Poucos para poder ganhar.

- Quantos navios? - Rhys perguntou.

- Vinte em Adriata, totalmente armados.

Um olhar calculista para Amren. - Números de Hybern?

- Eu acho que eles estão sobrecarregados.

- "Qual era a mensagem exata?" Comando puro, implacável atando cada palavra.

Os olhos de Amren brilhavam como prata fresca. "Foi um aviso. De Varian. Para preparar o nossas defesas ".

Silêncio absoluto.

- O príncipe Varian lhe enviou uma advertência? - Cassian perguntou um pouco calmamente.

Amren olhou para ele. "É uma coisa que os amigos fazem."

Mais silêncio.

Eu encontrei o olhar de Rhys, senti o peso e o medo e a raiva queimando atrás das características frias. "Nós não posso deixar Tarquin enfrentá-los sozinhos", eu disse.

"Talvez Hybern tenha enviado os Corvos ontem para nos distrair do olhar além de nossas próprias fronteiras. Para ter nosso foco em Hybern, e não nas nossas próprias costas. "

A atenção de Rhys cortou para Cassian. "Keir e sua legião da Escuridão estão longe de estar prontos para marchar. Em quanto tempo as legiões Illyrianas podem voar?

Rhys imediatamente enviou Cassian para os campos de guerra para dar as ordens a por si mesmo. Azriel tinha desaparecido com eles, indo em frente depois para espiar Adriata, levando seus espiões mais confiáveis com ele.

Náusea tinha batido no meu intestino quando Cassian e Azriel bateram em Sifões de suas mãos e as Armaduras desdobraram através de seus corpos. Quando sete Sifões apareceram em cada um. Como o encantador de sombras com as mãos cheias de cicatrizes verificavam as fivelas nos cintos de suas facas e sua aljava, enquanto Rhys convocava laminas illyrianas extras para Cassian, duas às suas costas, uma a cada lado.

Então eles se foram - com o rosto de pedra e firmes. Prontos para o derramamento de sangue. Mor chegou momentos depois, fortemente armada, seus cabelos trançados para trás e cada centímetro dela vibrando com impaciência.

Mas Mor e eu esperamos - para que a ordem fosse dada. Para nos juntarmos a eles.

Cassian tinha posicionado as legiões illyrianas mais perto da fronteira sul nas semanas em que eu estava ausente, mas mesmo assim, eles não seriam capazes de voar sem pelo menos umas poucas horas de preparação. E isso exigiria que Rhys atravessasse a todos.

Para Adriata.

- Você vai lutar?

Nestha estava agora de pé alguns degraus acima da escadaria da casa da cidade, observando como Mor e eu nos preparavamos. Logo... Azriel ou Rhys entrariam em contato conosco logo com tudo limpo para atravessarmos para Adriata.

- "Vamos lutar se for necessário", eu disse, verificando mais uma vez que o cinto de facas estava seguro em meus quadris.

Mor também usava couros illyrianos, mas as lâminas nela eram diferentes. Mais finas, mais leves, algumas ligeiramente curvas. Como um relâmpago feito para carne.

Lâminas Seraphim, ela me disse. Dadas a ela pelo príncipe Drakon durante a Guerra.

- O que você sabe sobre batalha?

Eu não podia dizer se o tom da minha irmã era insultante ou meramente curioso.



- Sabemos muita coisa - disse Mor com firmeza, arrumando sua longa trança entre as lâminas cruzadas sobre suas costas, Elain e Nestha permaneceriam aqui, com Amren observando-as. E vigiando Velaris, junto com uma pequena legião de illyrianos que Cassian havia ordenado acampar nas montanhas acima da cidade. Mor tinha passado por Amren em seu caminho, a pequena fêmea aparentemente indo para o açougueiro para encher-se antes que ela voltasse para ficar aqui - por quanto tempo estivéssemos em Adriata. Se voltássemos.

Eu encontrei o olhar de Nestha novamente. Apenas uma distância cautelosa me cumprimentou. "Nós enviaremos notícias quando pudermos."

Um estrondo de trovão da meia-noite roçou as paredes da minha mente. Um sinal silencioso, lançado sobre terra e montanhas. Como se a concentração de Rhys estivesse agora totalmente voltada para outro lugar - e ele não ousou quebrá-la.

Meu coração tropeçou uma batida. Agarrei o braço de Mor, as escamas de couro cortando em minha palma. Eles chegaram. Vamos.

Mor voltou-se para minha irmã, e eu nunca tinha visto ela parecer tão... guerreira.

Eu sabia que estava escondido embaixo da superfície, mas aqui estava o Morrigan. A mulher que lutou na guerra. Quem sabia como acabar com uma vida com lâmina e magia.

- "Não é nada que não possamos lidar", disse Mor a Nestha com um sorriso arrogante, e então fomos embora.

O vento negro rugiu e rasgou-me, e eu agarrei-me a Mor enquanto ela nos guinava através das dobras, ela soltou uma respiração esfarrapada na minha orelha - então uma cegante luz, um sufocante calor e... gritos e o estrondoso som de metal em metal.

Balançei, afastando meus pés enquanto eu piscava. Enquanto tomava meus arredores.

Rhys e os illyrianos já haviam se juntado à briga.

Mor nos havia puxado para o topo estéril de uma das colinas que flanqueavam a baía de meio-lua de Adriata, oferecendo vistas perfeitas da ilha-cidade em seu centro e da cidade no continente abaixo.

As águas da baía estavam vermelhas.

A fumaça subia em colunas negras retorcidas de prédios e navios naufragados.

As pessoas gritavam, os soldados gritavam: São muitos.

Eu não tinha antecipado o escopo de quantos soldados haveriam. Em ambos os lados. Eu pensei que seriam linhas puras. Não caos em todos os lugares. Não Illyrianos no céu acima da cidade e no porto, explodindo seu poder e setas do exército de Hybern que chovia o inferno sobre a cidade. Tinha um navio enganchado em direção ao horizonte, cercado qualquer entrada para a baía. E na baía...

- Esses são os navios de Tarquin - disse Mor, com o rosto tenso, apontando para as velas brancas colidindo com força terrível contra as velas cinzentas da frota de Hybern.

Totalmente ultrapassados, e ainda tinham plumas de magia - Água e vento e chicotes de videiras - continuavam a atacar qualquer barco que se aproximasse. E aqueles que romperam a magia enfrentaram soldados armados com lanças, arcos e espadas.

E à frente deles, empurrando contra a frota... as linhas illyrianas.

Muitos. Rhys os tinha atravessado - todos eles. E drenado seu poder...

A garganta de Mor balançou. "Ninguém mais veio", ela murmurou. - "Não há outras Cortes. "

Nenhum sinal de Tamlin e da Corte Primavera do lado de Hybern, tampouco.

Um estrondoso de poder negro explodiu na frota de Hybern, espalhando navios -

mas não muitos. Até parece...

- "O poder de Rhys já está quase esgotado ou... eles têm algo funcionando contra isso?", eu disse.

- Mais do que isso?

- "Hybern seria estúpido para não usá-lo." Seus dedos enrolavam e desenrolavam em seus lados. Suor frizado em sua testa.

- Mor?

- "Eu sabia que estava chegando", ela murmurou. "Outra guerra, em algum momento. Eu sabia que batalhas viriam por Esta guerra. Mas... esqueci como é terrível.

Os filhos. Os cheiros. "

Na verdade, mesmo a partir do afloramento rochoso tão alto acima, era...

esmagadora. O sabor do sangue, os lamentos e gritos... E no meio disto... *Alis*. Alis havia deixado a Corte Primavera, temendo o inferno que eu iria desencadear lá - só para vir para cá. Para isso. Eu rezei para que ela não estivesse na cidade, rezei para que ela e seus sobrinhos estivessem seguros.

- Vamos para o palácio - disse Mor, esquadrandos os ombros. Eu não tinha ousado quebrar a concentração de Rhysand abrindo uma conversa no vínculo, mas parecia que ele ainda era capaz de dar ordens.

- Os soldados chegaram ao seu lado norte, e suas defesas estão cercadas.

Eu acenei com a cabeça uma vez, e Mor tirou sua esguia, curva lâmina. Brilhou tão forte como os olhos de Amren, a lâmina Seraphyn.

Desembainhei minha lâmina Illyriana de minhas costas, o metal escuro e antigo em comparação com a Viva chama de prata em sua mão.

- "Nós ficamos juntas - você não sai da vista," Mor disse, suavemente e precisamente. "Nós invadimos um salão ou escada sem avaliar primeiro. "

Eu assenti com a cabeça novamente, sem palavras. Meu coração batia a galope, minhas palmas se tornando suadas. Água... eu queria ter bebido água. Minha boca estava seca.

- "Se você não pode trazer-se para matar", ela acrescentou sem uma dica de julgamento, "então proteja minhas costas."

- "Eu posso fazer isto... matar," eu raspei. Eu tinha feito muita coisa naquele dia em Velaris.

Mor avaliou o aperto que eu mantinha na minha lâmina, o conjunto de meus ombros. "Não pare, e não demore. Avançamos até dizer que recuamos. Deixe os feridos para os curandeiros. "

Nenhum deles gostava disso, eu percebi. Meus amigos - eles tinham ido para a guerra e voltado, e não tinham encontrado um motivo digno para glorificação, não deixaram que sua memória se tornasse cor de rosa nos séculos seguintes. Mas eles estavam dispostos a mergulhar em seu inferno mais uma vez por causa de Prythian.

- "Vamos", eu disse. Cada momento que desperdiçamos aqui poderia soletrar a desgraça de alguém naquele palácio reluzente na baía.

Mor engoliu uma vez e nos introduziu no palácio.

Ela deve ter visitado algumas vezes ao longo dos séculos, porque ela sabia onde ir.

Os níveis médios do palácio de Tarquin tinham sido espaços comuns entre os andares inferiores que servos e Feéricos menores foram empurrados e os quartos residenciais brilhantes do alto para os Grão - Feéricos.

Quando eu vi pela última vez o salão de saudação vasto, a luz tinha sido clara e branca, as paredes incrustadas com conchas do mar, dançando ao longo dos rios correndo embutidos no chão. O mar além das imponentes janelas tinham sido turquesa manchado de safira vibrante.

Agora que o mar estava sufocado por poderosos navios e sangue, o céu límpido cheio de guerreiros illyrianos descendo sobre eles em linhas determinadas e inflexíveis.

Escudos de metal grossos cintilavam rosa quando os Illyrianos desciam, emergindo cada vez mais coberto de sangue. Quando voltavam para o céu.

Mas a minha tarefa estava aqui. Neste prédio.

Examinamos o chão, ouvindo.

Murmúrios frenéticos ecoaram das escadas que levavam para cima, junto com fortes batidas.

- "Eles estão se barricando para os níveis superiores", observou Mor quando minhas sobrancelhas se estreitaram. Deixando os feéricos menores presos abaixo. Sem ajuda.

- "Bastardos", eu respirei.

Os feéricos menores não tinham tanta magia entre eles - não da forma como os Grão – Feéricos tinham.

- Por aqui - disse Mor, empurrando o queixo para a escada que descia. "Eles estão três níveis abaixo, e subindo. Cinquenta deles.

O valor de um navio.

CHAPTER

A primeira e segunda orla de matanças foram as mais difíceis. Eu não desperdicei força física no conjunto de cinco soldados Grão-Feéricos de Hybern, não submissos como Attor - forçando seu caminho para uma sala barricada cheia de funcionários.

Não, mesmo enquanto meu corpo hesitava em matar, minha magia não.

Os dois soldados mais próximos a mim tinham escudos fracos. Eu rasguei através deles com uma parede de fogo. Fogo que então encontrou seu caminho em suas gargantas e queimou cada centímetro do caminho.

E então chiou pela pele, tendão e ossos e cortou as cabeças de seus corpos.

Mor acabou de matar o soldado mais próximo dela com uma boa decapitação à moda antiga.

Ela girou, a cabeça do soldado ainda caindo, e cortou a cabeça do que se aproximava de nós. O quinto e último soldado parou o assalto à porta fechada.

Olhou entre nós com olhos planos e cheios de ódio.

- "Faça, logo," ele disse, seu sotaque tão parecido com o dos Corvos.

Sua grossa espada subiu, o sangue escorregando pelo sulco mais grosso. Alguém soluçava de terror no outro lado daquela porta.

O soldado pulou para nós, e a lâmina de Mor piscou.

Mas eu bati em primeiro lugar, um jato de água pura golpeando seu rosto-impressionando ele. Então empurrando para baixo sem sua boca, sua garganta, até seu nariz. Selando qualquer ar.

Ele caiu no chão, agarrando seu pescoço como se quisesse liberar uma passagem para a água que agora o afogava. Nós o deixamos sem olhar para trás, o grunhido de sua asfixia logo se transformando em silêncio.

Mor me olhou de soslaio. "Lembre-me de não ficar no seu lado ruim."

Apreciei a tentativa de humor, mas... o riso era estranho. Havia apenas a respiração nos meus pulmões e o giro de magia através das minhas veias e a clara, inflexível observação da minha visão, avaliando tudo.

Encontramos mais oito no meio de matar e ferir, um dormitório transformado em suas próprias áreas de prazer. Eu não me importei com o que eles fizeram, e apenas marquei para que eu soubesse o quão rápido e facilmente poderia matar.

Os que morreram, morreram rapidamente.

Os outros... Mor e eu demoramos. Não muito, mas essas mortes foram mais lentas.

Deixamos dois deles vivos - feridos e desarmados, mas vivos - para que os feéricos sobreviventes os

matassem.

Dei-lhes duas facas illyrianas para fazê-lo.

Os soldados de Hybern começaram a gritar antes de limparmos o nível.

O corredor no andar de baixo estava coberto de sangue. O estrondo era ensurdecador. Uma dúzia de soldados de armadura prateada e azul da corte de Tarquin lutavam contra a maior parte da força Hybern, segurando o corredor. Eles foram quase empurrados de volta para as escadas que acabamos de sair, constantemente dominados pelo sólido números contra eles, os soldados de Hybern seguiam pisando e pisando sobre os corpos dos guerreiros da Corte Estival caídos.

Os soldados de Tarquin estavam se agitando, mesmo enquanto continuavam balançando, continuavam lutando. O mais próximo nos viu - abriu a boca para nos mandar correr. Mas então ele notou a armadura, o sangue em nós e nossas lâminas.

- "Não tenha medo", disse Mor, enquanto eu estendia a mão e a escuridão caiu.

Soldados de ambos os lados gritaram, revoltando-se, batendo as armaduras.

Mas eu mudei seus olhos, fiz-lhes ter visão noturna. Como eu tinha feito naquela floresta Illyriana, quando eu tinha caçado Hybern.

Mor, eu acho, nasceu capaz de ver na escuridão.

Atravessávamos o corredor coberto de ébano em breves estouros.

Eu podia ver seu terror enquanto eu os matava. Mas eles não podiam me ver.

Toda vez que aparecíamos diante dos soldados de Hybern, frenéticos na escuridão impenetrável, suas cabeças caíam.

Um após o outro. Atravessar; golpear. Atravessar; Bater... Até que não sobrasse nada além dos montes de seus corpos, as poças de seu sangue. Eu bani a escuridão do corredor, encontrando os soldados da Corte Estival ofegantes e boquiabertos. Para nós.

No que tínhamos feito em questão de minutos.

Eu não procurei muito tempo na carnificina. Mor também não.

- "Onde mais?" Foi tudo que eu pedi.

Limpamos o palácio em seus níveis mais baixos. Então nós fomos às ruas da cidade, a colina íngreme que levava para baixo para a água galopante com soldados de Hybern.

O sol da manhã subiu mais alto, batendo em nós, fazendo nossa pele lisa e inchada com suor sob nossos couros. Eu parei de discernir o suor em minhas palmas do sangue que o revestia.

Eu parei de ser capaz de sentir um grande número de coisas enquanto matamos e matamos, às vezes

partido em definitivo combate, às vezes com magia, às vezes ganhando nossas próprias e pequenas feridas.

Mas o sol continuou seu arco através do céu, e a batalha continuou na baía, as linhas illyrianas batendo a frota de Hybern acima, enquanto a armada de Tarquin empurrou por trás.

Lentamente, purgamos as ruas dos soldados de Hybern. Tudo o que eu sabia era que o sol cozinhava o sangue na pele, o sabor de cobre dele agarrado às minhas narinas.

Tínhamos acabado de limpar uma rua estreita, Mor atravessando os soldados de Hybern derrubados para garantir que qualquer sobrevivente... deixasse de sobreviver. Eu me encostei contra uma parede de pedra banhada de sangue, apenas ao lado de uma janela quebrada janela, observando a lâmina de mercúrio de Mor subir e descer em relâmpagos brilhantes.

Além de nós, ao redor de nós, os gritos dos moribundos eram como um interminável sino de aviso.

Água - eu precisava de água. Nem que fosse apenas para lavar o sangue da minha boca. Não o meu próprio sangue, mas o dos soldados que cortávamos. Sangue que tinha espirrado em minha boca, para cima em meu nariz, em meus olhos, quando terminamos.

Mor atingiu o último dos mortos, e aterrorizados Grão-Feéricos e feéricos finalmente cutucaram suas cabeças para fora das portas e janelas flanqueando a rua de paralelepípedos. Nenhum sinal de Alis, seus sobrinhos, ou primo – ou quem se parecia com eles, entre os vivos ou os caídos. Uma pequena bênção.

Nós tivemos que continuar nos movendo. Havia mais... tantos mais.

Quando Mor começou a caminhar de volta para mim, botas escorregando através das poças de sangue, eu alcancei uma mão mental para o vínculo. Rumo a Rhys - para qualquer coisa que fosse sólida e familiar.

Vento e escuridão me responderam.

Tornei-me apenas meio consciente da rua estreita, do sangue e do sol enquanto eu olhava para baixo pela ponte entre nós. *Rhys*.

Nada.

Eu me lancei ao longo dele, tropeçando cegamente por aquela tempestade furiosa de noite e sombra. Se o vínculo às vezes se sentia como uma faixa viva de luz, agora se transformara em uma ponte de obsidiana beijada pelo gelo.

E levantando-se na outra extremidade... sua mente. Os muros - seus escudos... Eles haviam se transformado em uma fortaleza.

Passei uma mão mental pelo negro adamantio, meu coração trovejando. O que ele estava enfrentando - o que ele viu para ter feito seus escudos tão impenetráveis?

Eu não podia senti-lo do outro lado.

Havia apenas a pedra, a escuridão e o vento.

*Rhys.*

Mor quase me alcançou quando sua resposta veio.

Uma rachadura no escudo - tão rápida que eu não tive tempo de fazer nada mais do que saltar para ele antes que tivesse se fechado atrás de mim. Fechando-me dentro com ele.

As ruas, o sol, a cidade desapareceram.

Só havia o aqui - só ele. E a batalha.

Olhando através dos olhos de Rhysand como eu fiz aquele dia Sob a Montanha...

Eu senti o calor do sol, o suor e o sangue escorregando por seu rosto, escorregando sob o pescoço de seu couro Illyriano negro, cheio de armaduras. A salmoura do mar e o sabor do sangue ao meu redor. Senti a exaustão rasgando-lhe, em seus músculos e em sua magia.

Senti o navio de guerra de Hybern tremer sob ele quando pousou em seu convés principal, uma lâmina illyriana em cada mão. Seis soldados morreram instantaneamente, suas armaduras e corpos se transformando em névoa de vermelho e prata. Os outros pararam, percebendo quem tinha pousado entre eles, no coração de sua frota.

Lentamente, Rhys examinou as cabeças de capacete diante dele, contou as armas.

Não importava. Todos eles seriam em breve névoa carmesim ou alimento para as bestas que circundam as águas em torno da armada de choque.

E então este navio seria estilhaços nas ondas uma vez que ele tivesse terminado.

Mas não eram os soldados comuns que ele procurava. Porque onde o poder deveria estar tamborilando nele, obliterando... Estava abafado.

Um estrondo sufocado ele localizara aqui - aquele estranho amortecedor em seu poder, no poder dos Sifões. Como se algum tipo de feitiço tivesse transformado seu poder oleoso em seu aperto. Mais difícil de manejar.

Era por isso que a batalha tinha durado tanto tempo. O golpe limpo e preciso que ele pretendia fazer ao chegar - o tiro único que salvaria tantas vidas... Tinha escapado de seu aperto.

Então ele o tinha caçado, aquele amortecedor. Batalhou seu caminho através de Adriata para chegar a este navio. E agora, a exaustão começando a rasgá-lo... Os soldados armados em torno de Rhysand se separaram - e ele apareceu.

Presa na mente de Rhysand, seus poderes sufocados e o corpo cansado, não havia nada que eu pudesse fazer senão ver quando o Rei de Hybern pisou de baixo e sorriu para meu companheiro.

CHAPTER



O sangue escorregou das pontas das lâminas duplas de Rhys para o convés. Uma gota-duas. Três.

Mãe acima. O rei—

O rei de Hybern usava suas próprias cores: cinza ardósia, bordado com fio de cor óssea. Nenhuma arma sobre ele. Nem um pingo de sangue.

Dentro da mente de Rhys, não havia nenhuma respiração irregular para mim tomar, nenhum batimento cardíaco a trovejar em meu peito.

Não havia nada que eu pudesse fazer, mas assistir e ficar calada, então eu não o distrairia, não correria o risco de tomar seu foco afastado nem por um piscar...

Rhys encontrou os olhos escuros do rei, brilhantes sob as pesadas sobrancelhas, e sorriu. "Fico feliz em ver que você ainda não está lutando suas próprias batalhas. "

O sorriso de resposta do rei era um corte brutal de branco. "Eu estava esperando uma pedreira mais interessante me encontrar. " Sua voz era mais fria do que o pico mais alto das montanhas illyrianas.

Rhys não ousou desviar o olhar dele. Não com sua magia desdobrada, cheirando todos os ângulos para matar o rei. Uma armadilha - tinha sido uma armadilha para descobrir qual Grão - Senhor caçava a fonte daquele amortecedor primeiro.

Rhys conheceria um deles - o rei, seus amigos - estaria esperando aqui.

Ele sabia, e veio. Sabia e não nos pediu para ajudá-lo-Se eu fosse esperto, Rhys me disse, sua voz calma e firme, *eu acharia alguma maneira de o levar vivo, fazer Azriel quebrá-lo para dar o Caldeirão. E fazer-lhe como exemplo outros bastardos pensando em derrubar aquela Muralha.*

*Não, eu implorei. Apenas mate-o - mate-o e termine com isso, Rhys. Termine esta guerra antes que ela possa realmente começar.*

*Uma pausa de consideração. Mas uma morte aqui, rápida e brutal... Seus seguidores a transformariam contra mim, sem dúvida.*

Se ele conseguisse. O rei não tinha lutado. Não tinha esgotado suas reservas de poder. Mas Rhys...

*Eu senti Rhys aumentar as chances ao meu lado. Deixe um de nós vir até você. Não o enfrente sozinho - Porque tentar levar o rei vivo sem acesso total a seu poder ...*

A informação correi em mim, refletindo com Rhys tinha visto e aprendido. Levar o rei vivo dependia se Azriel estar em boa forma para ajudar. Ele e Cassian tinham tomado alguns golpes, mas - nada que eles não poderiam lidar. Nada para assustar os Illyrianos ainda lutando sob seu comando.

"Parece que a maré está girando", Rhys observou enquanto a armada em torno deles realmente empurrou

as forças de Hybern para fora ao mar. Ele não tinha visto Tarquin.

Ou Varian e Cresseida. Mas a Corte Estival ainda lutava.

Ainda empurrava Hybern para trás, para trás, para trás do porto.

Tempo. Rhys precisava de tempo -

Rhys pulou para a mente do rei - e não encontrou nada. Nem um traço, nem um sussurro. Como se ele fosse nada além de pensamento mau e malícia antiga – O rei clicou em sua língua. - "Ouvi dizer que você era encantador, Rhysand. Mas aqui está você, tateando e batendo em mim como uma juventude verde. "

Um canto da boca de Rhys se contraiu. "Sempre um prazer decepcionar Hybern."

- Oh, pelo contrário - disse o rei, cruzando os braços, o músculo se movendo por baixo. "Você sempre foi uma fonte de entretenimento. Especialmente para minha querida Amarantha. "

Eu senti - o pensamento que escapou de Rhys.

Ele queria apagar esse nome da memória. Talvez um dia ele o fizesse. Um dia ele a apagaria de cada mente neste mundo, um por um, até que ela não fosse ninguém e nada.

Mas o rei sabia disso. Com aquele sorriso, ele soube.

E tudo o que ele tinha feito... Tudo isso...

*Mate-o, Rhys. Matá-lo é o que deve ser feito com ele.*

*Não é tão fácil,* foi sua resposta. *Não sem procurar neste navio, procurando por essa fonte do feitiço sobre nosso poder, e quebrá-lo.*

Mas se ele demorasse muito mais... Eu não tinha dúvida de que o rei tinha alguma surpresa desagradável esperando. Feito para dar o troco pela Corte Primavera, a qualquer momento. Eu sabia que Rhys também sabia disso.

Sabia, porque ele reuniu sua magia, avaliando e pesando, uma víbora se preparando para atacar.

- "O último relatório que recebi de Amarantha" - continuou o rei, deslizando as mãos nos bolsos – "ela ainda estava gostando de você." Os soldados riram.

Meu parceiro estava acostumado com aquela risada. Mesmo que isso me fizesse querer rugir contra eles, despedaçá-los. Mas Rhys não fez mais do que cerrar os dentes, embora o rei lhe deu um sorriso que me disse que ele estava bem ciente de que tipo de cicatrizes persistia. O que meu parceiro tinha feito para manter Amarantha distraída. Por que ele tinha feito isso.

Rhys sorriu maliciosamente. "Que pena que isso não tenha terminado tão agradavelmente para ela." Sua magia deslizou através do navio, caçando esse laço para o poder segurando nossas forças...

*Mate-o, mate-o agora.* A palavra era um canto no meu sangue, minha mente.

Na sua, também. Eu podia ouvi-lo, claro como meus próprios pensamentos.

"Uma garota tão notável - sua companheira", refletiu o rei. Nenhuma emoção, nada como um pouco de raiva além desse frio divertimento. "Primeiro Amarantha, então meu animal de estimação, o Attor... E então ela quebrou todos os meus feitiços em torno do meu palácio para ajudar a sua fuga. Sem mencionar..." Uma risada baixa. - "Minha sobrinha e sobrinho. "

Raiva - era raiva começando a enegrecer em seus olhos. - "Ela matou Dagdan e Brannagh - e por que razão?"

- "Talvez você devesse perguntar a Tamlin. " Rhys levantou uma sobrancelha. -

"Onde ele está, a propósito? "

- "Tamlin." Hybern saboreou o nome, o som dele. "Ele tem planos para você, depois do que você e sua parceira fizeram com ele. Sua corte. Que confusão para ele limpar-embora ela certamente tornou mais fácil para mim plantar mais de minhas tropas em suas terras. "

Mãe acima-Mãe acima, eu tinha feito isso -

- Ela ficará feliz em ouvir isso.

Demasiado longe. Rhys havia demorado muito tempo, e de frente para ele agora...

*Lute ou corra. Corra ou lute.*

- De onde vieram seus dons, eu me pergunto? Ou de quem?

O rei sabia. O que eu era. O que eu possuía.

- Eu sou um homem sortudo por tê-la como minha companheira.

O rei sorriu de novo. "Pelo pouco tempo que você tem restando."

Eu poderia ter jurado que Rhys bloqueou as palavras.

O rei continuou casualmente: "Vou levar tudo, você sabe. Por tentar me parar. Tudo o que você tem. E ainda não será suficiente. E quando você der tudo e estiver morto, Rhysand, quando sua parceira estiver de luto por seu cadáver, eu vou levá-la."

Rhys não deixou um piscar de emoção transparecer, deslizando sobre aquela máscara divertida, divertida sobre a raiva rugindo que cercou-me em sua mente, à ameaça.

Que se estabeleceu diante de mim como uma besta pronta para saltar, para defender.

- "Ela derrotou Amarantha e o Attor ", respondeu Rhys. - "Duvido que você também seja um grande esforço. "

- Veremos. Talvez eu a dê a Tamlin quando terminar.

Fúria aquecia o sangue de Rhys. E o meu.

*Ataque ou fuja, Rhys, eu implorei novamente. Mas faça agora.*

Rhys reuniu seu poder, e eu senti que ele se elevava dentro dele, senti-o lutando para sustentá-lo.

- O feitiço desaparecerá - disse o rei, acenando com a mão. "Outro pequeno truque que eu aprendi enquanto apodrecia afastado em Hybern. "

- "Eu não sei do que você está falando", Rhys disse suavemente.

Eles apenas sorriram um para o outro.

E então Rhys perguntou: "Por quê?" O rei sabia o que ele queria dizer.

- "Havia espaço na mesa para todos, você e sua classe disseram." O rei bufou. "Para os seres humanos, feéricos inferiores, para mestiços. Neste seu novo mundo, havia espaço na mesa para todos – então eles começaram a pensar como você. Mas os Leais... Como você se deleitava em nos tachar. Olhando para baixo e baixando seus narizes em nós."

Ele gesticulou para os soldados monitorando-os, a batalha na baía. "Você quer saber porque? Porque nós sofremos - quando você nos sufocou, quando você nos fechou." Alguns de seus soldados grunhiram em acordo. "Não tenho interesse em gastar mais cinco séculos vendo meu povo se curvar perante esses porcos humanos - vendo-os conseguir uma vida enquanto você serve de escudo e acompanha aqueles mortais, concedendo-lhes os nossos recursos e riqueza em troca de nada." Inclinou a cabeça.

"Então nós vamos recuperar o que é nosso. O que sempre foi nosso, e será sempre nosso."

Rhys ofereceu-lhe um sorriso malicioso. "Você certamente pode tentar."

Meu companheiro não se incomodou em dizer mais quando ele lançou um esbelto dardo de poder para ele, o tiro como precisão, como uma seta.

E quando chegou ao rei - passou por ele.

Ele ondulou e então se firmou. Uma ilusão. Uma sombra.

O rei deu uma risada. "Você achou que eu iria aparecer nesta batalha?" Ele acenou uma mão em direção aos soldados ainda assistindo. "Um gosto - esta batalha é apenas um gosto para você. Para abrir o apetite."

Então ele se foi.

A magia escapando do barco, o brilho oleoso que tinha sido colocado sobre o poder de Rhys... desapareceu também.

Rhys permitiu que os soldados de Hybern a bordo do navio, a bordo dos que o rodeavam, a honra de pelo menos levantar suas espadas. Depois, transformou-os em nada além de névoa vermelha e estilhaços flutuando nas ondas.



Mor estava me sacudindo. Eu só sabia porque Rhys me jogou fora de sua mente no momento em que ele desencadeou sobre os soldados.

*Você esteve aqui por muito tempo*, foi tudo o que ele disse, acariciando uma garra escura pelo meu rosto. Então eu estava fora, tropeçando pelo laço, seu escudo se fechando atrás de mim.

- "Feyre", Mor estava dizendo, dedos escavando em meus ombros através de meus couros. - Feyre.

Pisquei, o sol e o sangue e a rua estreita entrando em foco.

Pisquei - e depois vomitei por todos os paralelepípedos entre nós.

As pessoas, abaladas e petrificadas, só olhavam.

- Desta maneira - disse Mor, e passou o braço pela minha cintura enquanto me conduzia para um beco empoeirado e vazio. Longe de olhos. Eu apenas olhei pela cidade e baía, o mar além - encarei veios de um poderoso turbilhão de escuridão, água e vento que estavam empurrando a frota de Hybern de volta ao horizonte. Até lembrar que os poderes de Tarquin e Rhys haviam sido desencadeados pelo desaparecimento do rei.

Eu fiz isto e encarei uma pilha de pedras caídas do edifício meio-destruído ao nosso lado quando eu vomitei novamente. E novamente.

Mor pôs uma mão nas minhas costas, esfregando círculos suaves enquanto eu vomitava. "Eu fiz o mesmo depois da minha primeira batalha. Todos nós. "

Nem sequer era uma batalha - não da maneira que eu imaginava: exército contra exército em algum campo de batalha, caótico e enlameado. A verdadeira batalha de hoje estava no mar - onde os Illyrianos estavam agora navegando para o interior.

Eu não poderia suportar a começar a contar quantos fizeram a viagem de regresso.

Eu não sabia como Mor, Rhys, Cassian ou Azriel podiam suportar isso.

E o que eu acabei de ver... "O rei estava aqui", eu respirei.

A mão de Mor ficou calma nas minhas costas. "O que?"

Inclinei minha testa contra o tijolo aquecido pelo sol do prédio diante de mim e contei a ela - o que eu tinha visto na mente de Rhys. O rei - ele estava aqui e ainda não estava aqui. Outro truque - outro feitiço. Não admira que Rhys não tivesse sido capaz de atacar sua mente: o rei não estava presente para fazê-lo.

Fechei os olhos quando terminei, pressionando minha sobrancelha com mais força no tijolo. Sangue e suor ainda me cobriam. Eu tentei lembrar o ajuste usual de minha alma em meu corpo, a prioridade das coisas, a minha maneira de olhar para o mundo. O que fazer com meus membros na quietude. Como eu

costumava posicionar minhas mãos sem uma lâmina entre elas? Quando eu parei de mudar?

Mor apertou meu ombro, como se ela compreendesse os pensamentos acelerados, a estranheza de meu corpo. A guerra durou sete anos. Anos. Quanto tempo duraria esta última?

- "Devemos encontrar os outros", disse ela, e me ajudou a endireitar antes de voltar para o Palácio elevado.

Eu não poderia me concentrar para enviar outro pensamento pelo vínculo. Ver onde Rhys estava. Eu não queria ele me vendo - sentindo-me - em tal estado. Mesmo que eu soubesse que ele não julgaria.

Ele também tinha derramado sangue no campo de batalha hoje. E muitos outros antes dela. Todos os meus amigos tinham. E eu poderia entender - apenas por um piscar de olhos, quando o vento se arrastava ao nosso redor - por que alguns governantes, humanos e Feéricos, curvaram-se diante de Hybern. Cedendo, em vez de enfrentar isso.

Não era só o custo da vida que rasgava, devastava e se separava. Também da alma, alterada com a realização de que eu poderia talvez voltar para casa, para Velaris, talvez ver a paz alcançada e as cidades reconstruídas... mas esta batalha, esta guerra... Eu seria a coisa mudada para sempre.

A guerra ficaria comigo muito depois de ter terminado, uma cicatriz invisível que talvez desaparecesse, mas nunca completamente.

Mas para a minha casa, para Prythian e o território humano e tantos outros...

Eu iria limpar minhas espadas, e lavar o sangue da minha pele. E eu faria isso de novo, e de novo e de novo.

O nível médio do palácio estava agitado com o movimento: banhos de sangue corriam pela Corte Estival em torno dos curandeiros e dos empregados que apressavam-se aos feridos que estavam sendo colocados no assoalho.

O fluxo através do centro do salão ficou vermelho.

Cada vez mais, Grão-Feéricos. Alguns illyrianos - tão ensanguentados, mas com olhos claros - arrastados de seus próprios ferimentos através da abertura das janelas e portas de varanda.

Mor e eu examinamos o espaço, as multidões de pessoas, o cheiro da morte e os gritos dos feridos.

Eu tentei engolir, mas minha boca estava muito seca. "Onde estão-"

Reconheci o guerreiro no mesmo momento em que me olhou.

Varian, ajoelhado sobre um soldado ferido com a coxa entrelaçada, ficou completamente imóvel quando nossos olhos se encontraram. A pele marrom dele estava salpicada de sangue tão brilhante quanto os rubis que eles nos enviaram, seus cabelos brancos, como se tivesse acabado de tirar o capacete.

Ele assobiou entre os dentes, e um soldado apareceu ao seu lado, assumindo sua posição de amarrar um torniquete em torno da coxa do macho machucado. O príncipe de Adriata levantou-se.

Eu não tinha magia em mim para me proteger. Depois de ver Rhys com o rei, havia apenas um vazio, onde o meu medo tinha sido um mar selvagem, dentro de mim. Mas eu senti o poder de Mor deslizar no espaço entre nós.

Havia uma promessa de morte pela minha cabeça. Deles.

Varian aproximou-se lentamente. Rigidamente. Como se seu corpo inteiro doesse.

Embora seu belo rosto revelasse nada. Apenas esgotamento, cansado até os ossos.

Sua boca se abriu e depois se fechou. Eu também não tinha palavras.

Então Varian murmurou, sua voz rouca o suficiente para eu saber que ele esteve gritando por um longo, longo tempo.

- Na sala de jantar de carvalho.

A que eu tinha jantado com eles.

Eu apenas acenei com a cabeça para o príncipe e comecei a abrir caminho através da multidão, Mor mantendo-se ao meu lado.

Eu pensei que Varian indicara Rhysand.

Mas era Tarquin que estava em uma armadura de prata salpicada de vermelho na mesa de jantar, mapas e gráficos em sua frente, Feéricos da Corte Estival encharcado de sangue ou intocados enchendo a câmara ensolarada.

O Grã - Senhor da Corte Estival ergueu os olhos da mesa quando nos detínhamos no limiar. Observou a mim, então Mor. A bondade, a consideração que eu tinha visto pela última vez no rosto do GrãoSenhor tinha desaparecido. Substituída por uma desagradável coisa fria que fez meu estômago virar.

Sangue tinha coagulado de uma fatia grossa em seu pescoço, os pedaços se desintegrando enquanto Tarquin olhava para as pessoas na sala e disse: "Deixe-nos."

Ninguém ousou olhar duas vezes para ele quando saíram.

Eu tinha feito uma coisa horrível a última vez que estávamos aqui. Eu tinha mentido e roubado. Eu tinha avançado em sua mente e o enganado, o fazendo acreditar em minha inocência. Inofensiva. Eu não o culpei pelo rubi de sangue que enviara.

Mas se ele quisesse vingar-se agora...

- Eu ouvi que vocês duas limparam o palácio. E ajudaram a limpar a ilha.

Suas palavras estavam sem vida.

Mor inclinou a cabeça. - Seus soldados lutaram bravamente ao nosso lado.



Tarquin a ignorou, seus esmagadores olhos turquesas sobre mim. Tomando o sangue, as feridas, o couro. Então a faixa de acasalamento em meu dedo, a estrela safira maçante, sangue encrustada entre as delicadas dobras e arcos de metal.

- "Eu pensei que você tivesse vindo para terminar o trabalho", Tarquin disse para mim.

Não ousei me mexer.

- Ouvi dizer que Tamlin te levou. Então eu ouvi que a Corte Primavera caiu.

Desmoronou de dentro. Seu pessoal em revolta. E você tinha desaparecido. E quando eu vi a legião Illyriana chegar... Pensei que você tinha vindo para mim também. Para ajudar Hybern a acabar com a gente.

Varian não lhe tinha dito - da mensagem que ele tinha escapado para Amren. Não um pedido de ajuda, mas um alerta frenético para Amren salvar a si mesma. Tarquin não sabia que estaríamos chegando.

- Nós nunca nos aliaríamos com Hybern - disse Mor.

- Estou conversando com Feyre Archeron.

Eu nunca tinha ouvido Tarquin usar esse tom. Mor ficou eriçada, mas não disse nada.

- Por quê? - Tarquin exigiu, a luz do sol brilhando em sua armadura - cujas escamas delicadas e sobrepostas assemelhavam-se a um peixe. Eu não sabia o que ele queria dizer.

Por que o havíamos enganado e roubado? Por que nós viemos para ajudar? Por que a ambos?

- "Nossos sonhos são os mesmos", foi tudo que eu pude pensar em dizer.

Um reino unido, no qual as Feéricos inferiores não eram mais empurrados para baixo. Um mundo melhor. O oposto do que Hybern lutava. Pelo que seus aliados lutavam.

- Foi assim que justificou por roubar-me?

Meu coração tropeçou uma batida.

Rhysand disse por trás de mim, sem dúvida, tendo entrado: - Minha parceira e eu tivemos nossas razões, Tarquin.

Meus joelhos quase se dobraram com a uniformidade de sua voz, com o rosto manchado de sangue que ainda não revelava sinal de grande lesão, na armadura escura -

uma gêmea de Azriel e Cassian - que se mantinha intacta apesar de uns poucos arranhões profundos que eu mal conseguia notar. *Cassian e Azriel?*

*Bem. Supervisionando os Illyrianos feridos e acampando nas colinas.*

Tarquin olhou entre nós. "Parceira."

- "Não era óbvio?" Rhysand perguntou com uma piscadela. Mas havia uma borda em seus olhos - afiada e assombrada.

Meu peito apertou. *O rei deixou algum tipo de armadilha para...*

Ele deslizou uma mão contra minhas costas. *Não. Não, estou bem. Irritado, eu não vi que ele era uma ilusão, mas... bem.*

O rosto de Tarquin não se desviou daquela fria ira. "Quando você entrou na Corte Primavera, Tamlin também se enganou sobre a sua verdadeira natureza, quando você destruiu seu território... Você deixou a porta aberta para Hybern. Eles ancoraram em seus portos." Sem dúvida, para esperar que o muro colapse e depois velejar para o sul. Tarquin grunhiu, "Foi uma viagem fácil para a minha porta. Você fez isso."

Eu poderia ter jurado que senti que Rhys escorregava pelo vínculo. Mas meu companheiro disse calmamente, "Nós não fizemos nada. Hybern escolheu suas ações, não nós." Ele empurrou o queixo para Tarquin. "Minha força permanecerá acampada nas colinas até que você tenha considerado a cidade segura. Então partiremos. "

- E você planeja roubar qualquer outra coisa antes que parta?

Rhys ficou imóvel. Decidindo, eu percebi, se deveria pedir desculpas. Explicar.

Eu o poupei da escolha. - Cuide dos feridos, Tarquin.

- Não me dê ordens.

O rosto do antigo almirante da Corte Estival - o príncipe que tinha comandado a frota no porto até que o título fosse empurrado sobre ele. Eu peguei o cansaço enevoando seus olhos, a raiva e tristeza.

Pessoas tinham morrido. Muitas pessoas. A cidade que ele tinha lutado tão duro para reconstruir, as pessoas que tinham tentado luta após as cicatrizes de Amarantha...

- "Estamos à sua disposição", eu disse a ele, e saí.

Mor se manteve perto, e nós emergimos no hall para encontrar um grupo de seus conselheiros e soldados nos observando. Com delicadeza, Rhys disse a Tarquin: - "Eu não tinha escolha. Eu fiz aquilo para tentar evitar isso, Tarquin. Pára parar Hybern antes que ele chegasse até aqui. " - Sua voz estava tensa.

Tarquin apenas disse: "Saia. E leve o seu exército com você. Nós podemos segurar a baía agora que eles não têm a surpresa em seu lado. "

Silêncio. Mor e eu ficamos do lado de fora das portas abertas, sem nos virar para trás, mas ambas ouvindo.

Ouvindo como Rhysand disse, "eu vi bastante de Hybern na guerra para dizer-lhe que este ataque é apenas uma fração do que o rei pretende desencadear." Uma pausa. -

Venha para a reunião, Tarquin. Precisamos de você – Prythian precisa de você. "

Outra batida de silêncio. Então Tarquin disse: - Saia.

- A oferta de Feyre é válida: estamos à sua disposição.

- Leve sua parceira e vá embora. E eu sugeriria avisá-la de que não dê ordens como GrãoSenhores.

Eu me endireitei, prestes a girar, quando Rhys disse: "Ela é a Grã-Senhora da Corte Noturna. Ela pode fazer como ela deseja. "

O muro de Feéricos parados diante de nós se afastou ligeiramente. Agora me estudando, alguns boquiabertos. Um murmúrio passou através deles. Tarquin soltou uma risada baixa e amarga. - Você adora cuspir na tradição.

Rhys não disse mais nada, seus passos passeando sobre o chão de azulejos até que sua mão aqueceu meu ombro. Eu olhei para ele, ciente de todos os que ficaram olhando para nós. Para mim.

Rhys pressionou um beijo na minha testa suado e coberto de sangue e desapareceu.

CHAPTER

O campo illyriano permaneceu nas colinas acima de Adriata. Principalmente porque havia tantos feridos que não podíamos movê-los até que eles tivessem se curado o suficiente para sobreviver.

Asas trituras, tripas penduradas, caras maltratadas...

Eu não sei como meus amigos ainda estavam de pé, como eles tendiam para os feridos, tanto quanto eles podiam. Eu apenas vi Azriel, que tinha montado uma tenda para organizar as informações de seus espiões: Hybern tinha recuado. Não para a Corte Primavera, mas do outro lado do mar. Nenhum sinal de outras forças esperando para atacar. Nenhum sussurro de Tamlin ou Jurian.

Cassian, entretanto... Ele mancava através dos feridos colocados no chão rochoso e seco, oferecendo palavras de agradecimento ou conforto aos soldados que ainda não tinham sido cuidados. Com os Sifões, ele podia fazer um remendo no campo de batalha, mas... nada extenso. Nada intrincado.

Seu rosto, sempre que cruzávamos caminhos enquanto eu buscava suprimentos para os curandeiros trabalhando sem descanso, era sério. Desolado. Ele ainda usava sua armadura, e embora tivesse enxaguado o sangue de sua pele, ele se agarrava perto do colarinho de seu peitoral. O aborrecimento em seus olhos cor de avelã era o mesmo que o meu próprio refletia. E no de Mor. Mas Rhys... Seus olhos estavam claros. Alerta. Sua expressão sombria, mas... Foi para ele que os soldados olharam.

E ele era tudo o que ele deveria ser: um Grão - Senhor confiante em sua vitória, cujas forças haviam esmagado através da frota Hybern e salvado uma cidade de inocentes.

O preço que ele tinha tomado sobre seus próprios soldados era difícil, mas um custo digno para a vitória. Caminhou pelo acampamento - supervisionando os feridos, as informações que Azriel lhe entregava, checando com seus comandantes - ainda em sua armadura Illyriana. Mas asas se foram. Tinham desaparecido antes de aparecer na câmara de Tarquin.

O pôr do sol, deixando um cobertor de escuridão sobre a cidade abaixo. Tão mais escuro do que eu tinha contemplado no passado, viva e reluzente de luz. Mas esta nova escuridão... Nós tínhamos visto em Velaris após o ataque - agora o sabíamos muito bem.

Luzes feéricas saltaram sobre nosso acampamento, dourando as garras de todas aquelas asas Illyrianas enquanto trabalhavam ou se deitavam feridos. Eu sabia que muitos olhavam para mim - sua Grã - Senhora.

Mas não consegui convencer como Rhys. Seu triunfo silencioso.

Então eu continuei pegando tigelas de água doce, limpando os ensanguentados.

Ajudando a puxar para baixo os soldados gritando até que meus dentes batessem uns contra os outros com a força de seus lamentos.

Sentei-me apenas quando minhas pernas já não podiam manter-me ereta, em cima de um balde na tenda dos curandeiros. Apenas alguns minutos - eu sentaria por apenas alguns minutos.

Acordei dentro de outra tenda, deitada sobre uma pilha de peles, a luz feérica fraca e macia. Rhys sentou-se ao meu lado, pernas cruzadas, os cabelos em uma desordem incomum. Listrados com sangue - como se tivesse revestido em suas mãos quando ele os arrastou através deles.

- "Quanto tempo eu estive fora?" Minhas palavras eram roucas.

Ele levantou a cabeça de onde ele estava estudando uma série de papéis espalhados na pele diante dele.

- Três horas. Amanhecer ainda está longe - você deveria dormir.

Mas eu me apoiei nos cotovelos. "Você também. "

Ele encolheu os ombros, bebendo da taça de água colocada ao lado dele. "Não foi eu que caiu sentada de cara na lama. " Seu sorriso irônico desapareceu. "Como você está se sentindo?"

Eu quase disse bem, mas... "Eu ainda estou descobrindo o que sentir."

Um aceno de cabeça cuidadoso. "Guerra aberta é assim... Demora um pouco para decidir como lidar com tudo o que ela traz. Os custos."

Sentei-me completamente, examinando os papéis que estavam na sua frente. Listas dos feridos e mortos. Apenas uma centena de nomes sobre eles, mas... "Você os conheceu... os que morreram?"

Seus olhos violetas se fecharam. "Um pouco. Tarquin perdeu muito mais do que nós. "

- Quem fala para suas famílias?

- Cassian. Ele mandará as listas uma vez que o amanhecer chegue - quando vemos quem sobrevive à noite. Ele vai visitar suas famílias se ele as conhecesse.

Lembrei-me de que Rhys me dissera uma vez que havia escaneado listas de baixas buscando seus amigos na Guerra – o medo que todos sentiram, esperando para ver se um nome familiar aparecia para eles.

Tantas sombras obscureciam aqueles olhos violetas. Coloquei uma mão sobre a sua.

Ele estudou meus dedos nos dele, os arcos de sujeira sob minhas unhas.

- "O rei só veio hoje", disse ele finalmente, "para me provocar. O ataque da biblioteca, essa batalha... foi uma maneira de brincar comigo. Nós."

Eu toquei sua mandíbula. Fria - sua pele estava fria, apesar da quente noite de verão nos pressionando. "Você não vai morrer nesta guerra, Rhysand. "

Sua atenção se fixou em mim.

Eu coloquei seu rosto em ambas as mãos agora. "Você não dê atenção a uma palavra do que ele diz. Ele sabe... ele sabe sobre nós. Nossas histórias. "

E isso assustou Rhys até a morte.

- Ele conhecia a biblioteca... Ele escolheu pelo que significava para mim, não apenas para tomar Nestha.

- Então nós aprenderemos onde bater nele, e golpear duro. Melhor ainda, o matamos antes que ele possa fazer mais prejuízo.

Rhys balançou a cabeça levemente, tirando o rosto das minhas mãos. "Se fosse apenas o rei que tivéssemos que lidar... Mas com o Caldeirão em seu arsenal... "

E foi assim que seus ombros começaram a se curvar, a maneira como o queixo dele mergulhou tão ligeiramente... Eu agarrei sua mão novamente. "Precisamos de aliados,"

eu disse, meus olhos queimando. "Não podemos enfrentar o peso desta guerra sozinhos"

- "Eu sei. " As palavras estavam cansadas.

- Mude a reunião com os Grão – Senhores para mais cedo. Daqui a três dias.

- "Eu vou." Eu nunca tinha ouvido esse tom - essa calma.

E foi precisamente por isso que eu disse: "Eu te amo".

Sua cabeça se ergueu, os olhos se agitando. - "Houve um tempo em que sonhei em ouvir isso" - murmurou. "Quando eu nunca pensei que iria ouvir de você." Ele gesticulou para a tenda - para Adriata além dela. "Em nossa viagem aqui foi a primeira vez que eu me deixei... esperando. "

*Para as estrelas que escutam - e os sonhos que são respondidos.*

E ainda hoje, com Tarquin...

- "O mundo deve saber", eu disse. "O mundo deve saber como você é bom, Rhysand-quão maravilhosos todos vocês são. "

- Eu não posso dizer que deveria estar preocupado por você está dizendo coisas tão boas sobre mim. Talvez a provocação tenha chego até você. "

Eu apertei seu braço, e ele soltou uma risada baixa antes de levantar meu rosto para estudar meus olhos. Ele inclinou seu sua cabeça "Eu deveria estar preocupado?"

Coloquei uma mão em sua bochecha mais uma vez, a pele sedosa agora quente.

"Você é altruísta, corajoso e bondoso. Você é mais do que eu sempre sonhei para mim, mais do que eu... "As palavras sufocaram, e eu engoli, tomando uma respiração profunda.

Eu não tinha certeza se ele precisava ouvir aquilo depois do que o rei tinha dito, mas eu precisava dizer isto, ver a luz que agora dançava em seus olhos. Mas eu continuei: "Nestha reunião com os outros Grão - Senhores, que papel você vai jogar?"

- O de sempre.

Concordei, antecipando sua resposta. - E os outros também terão seus papéis normais.

- E?

Eu deslizei minha mão de seu rosto e coloquei sobre seu coração. "Acho que chegou a hora de removermos as máscaras e parar de tocar a peça. "

Ele esperou, me escutando.

- Velaris já não é segredo. O rei sabe muito sobre nós, quem somos. O que somos.

Se vamos nos aliar com os outros grão - senhores... Eu acho que eles precisam da verdade.

Eles precisarão da verdade para confiar em nós. A verdade sobre quem você realmente é - quem Mor e Cassian e Azriel realmente são. Veja como mal as coisas foram com Tarquin hoje. Não podemos... não podemos deixar que continue assim. Assim, não mais máscaras, não mais papéis a desempenhar. Nós vamos como nós mesmos. Como uma família.

Se tinha uma coisa que a provocação do rei tinha me dito, era isso. Os jogos acabaram. Não haveria mais disfarces, não mais mentiras. Talvez ele pensasse que nos levaria a continuar fazendo essas coisas. Mas para ter uma chance... talvez a vitória estivesse na outra direção. Em honestidade. Com nós de pé juntos - como exatamente quem eramos.

Esperei que Rhys me dissesse que eu era jovem e inexperiente, que não sabia nada de política e guerra. No entanto, Rhys apenas passou o polegar pela minha bochecha.

"Eles podem ficar zangados com as mentiras que os alimentamos por séculos ".

- Então deixaremos claro que compreendemos seus sentimentos - e deixamos claro que não tínhamos outra maneira de proteger nosso povo.

- Vamos mostrar-lhes a Corte dos Sonhos - disse ele calmamente.

Eu balancei uma cabeça. Mostrar-lhes - e também mostrar a Keir, Eris e Beron.

Mostrar quem nós éramos para nossos aliados - e nossos inimigos.

Estrelas brilhavam e queimavam naqueles lindos olhos. - "E quanto a seus poderes?

O rei também sabia deles, ou adivinhou. "

Eu sabia por seu tom cauteloso que ele já tinha uma opinião formada. Mas a escolha era minha - ele a enfrentaria ao meu lado, não importava o que eu decidisse. E quando pensei sobre isso... "Eu acho que eles vão ver a revelação dos nossos bons lados como manipulação se também mostrarmos que sua companheira roubou poder de todos eles. Se o rei planeja usar essa informação contra nós, lidaremos com isso mais tarde. "

- Tecnicamente, esse poder foi doado, mas... você está certa. Nós teremos que caminhar por uma linha bastante fina sobre como nós nos mostramos, lhes dando tudo de maneira direta assim para não pensem

que é uma armadilha ou esquema. Mas quando se trata de você... "A escuridão apagou as estrelas em seus olhos. A escuridão dos assassinos e ladrões, a escuridão da morte intransigente. "Você poderia inclinar a escala em favor de Hybern se algum deles estão considerando uma aliança. Beron sozinho poderia tentar matá-la, com ou sem esta guerra. Duvido mesmo que Eris pudesse impedi-lo. "

Eu poderia ter jurado que o campo de guerra estremeceu com o poder que retumbou acordado - a ira. Vozes fora da barraca caíram para um sussurro. Ou entraram em puro silêncio. Mas eu me inclinei e beijei-o levemente. "Vamos lidar com isso", eu disse em sua boca.

Ele puxou sua boca da minha, seu rosto grave. "Nós escondemos todos os seus poderes, mas os que eu dei para você não. Como minha Grã – Senhora, você deve ter recebido alguns. "

Engoli em seco, balançando a cabeça, e tomei um gole longo de sua taça de água.

Não mais mentiras, não mais decepções - além da minha magia. Que Tarquin seja a primeira e última vítima de nossa fraude.

Eu mastiguei meu lábio. - "E quanto a Miryam e Drakon? Você descobriu alguma coisa sobre onde eles poderiam ter ido?" Junto com aquela legião de guerreiros aéreos?

A pergunta parecia arrastá-lo de onde quer que ele tinha ido enquanto contemplava o que agora estava frente a nós. Rhys suspirou, examinando novamente as listas de baixas.

A tinta escura parecia absorver a fraca luz das estrelas. "Não. Os espiões de Az não encontraram nenhum vestígio deles em nenhum dos territórios vizinhos." Ele esfregou a têmpora. Como você desaparece um povo inteiro? "

Eu fiz uma careta. "Suponho que a tática de Jurian para tirá-los do esconderijo funcionou." Jurian - não havia dado um sussurro na batalha de hoje.

- "Parece que sim." Ele balançou a cabeça, a luz dançando nas mechas pretas de seu cabelo. "Eu deveria estabelecer protocolos com eles - séculos atrás. Maneiras de entrar em contato, para que eles entrem em contato conosco, se precisássemos de ajuda ".

- Por que não o fez?

- Eles queriam ser esquecidos pelo mundo. E quando eu vi quão pacífico Cretea se tornou... Eu não queria que o mundo se intrometesse neles também. " Um músculo tremeluziu em sua mandíbula.

- Se nós de alguma forma encontrássemos eles... seria suficiente, embora? Se nós pudermos parar a Muralha primeiro, quero dizer. Nossas forças e as de Drakon, talvez até a Rainha Vassa se Lucien puder encontrá-la, contra todos de Hybern? - Contra qualquer trapaça ou feitiços que o rei ainda planeje para lançar.

Rhys ficou quieto por um momento. – Pode ser que sim.

Era a maneira como sua voz ficara rouca, a maneira como seus olhos caíam, isso me fez pressionar um beijo na boca dele enquanto eu colocava uma mão em seu peito e empurrava-o sobre as peles.



Suas sobrancelhas se ergueram, mas um meio sorriso apareceu em seus lábios. -

"Há pouca privacidade em um campo de guerra" - advertiu ele, parte da luz voltando a seus olhos.

Eu apenas o estiquei, soltando o botão no topo de sua jaqueta escura. O outro abaixo. "Então eu suponho que você vai ter que ficar em silêncio", eu disse, trabalhando meu caminho até que a frente da jaqueta se abriu para revelar a camisa por baixo. Eu tracei um dedo da espiral de tatuagem espreitando para fora perto de seu pescoço.

"Quando eu vi você enfrentar o rei hoje... "

Ele roçou seus dedos contra minhas coxas. "Eu sentia você. "

Eu puxei a bainha de sua camisa, e ele se levantou em seus cotovelos, ajudando-me a remover seu casaco, então a camisa abaixo. Um hematoma atravessava suas costelas, "Está tudo bem," ele disse antes que eu pudesse falar. - "Um tiro de sorte. "

- Com o que ?

Novamente, aquele meio sorriso. "Uma lança?"

Meu coração parou. "A..." Eu delicadamente escovei o hematoma, engolindo com força.

- Me alcançou com faebane. Meu escudo bloqueou a maior parte - mas não o suficiente para evitar o impacto.

O medo ondulou em meu estômago. Mas eu me inclinei para baixo e escovei um beijo sobre o hematoma. Rhys soltou um longo suspiro, seu corpo parecia se acalmar.

Calma.

Então eu beijei o hematoma novamente. Movendo para baixo. Ele desenhou círculos ociosos no meu ombro, minhas costas.

Senti seu escudo se instalar em torno de nossa barraca enquanto eu desabotoava suas calças. Enquanto eu beijava meu caminho através dos músculos planos de seu estômago.

Mais baixo. As mãos de Rhys deslizaram em meu cabelo enquanto o resto de suas roupas desapareciam.

Eu o acariciei com minha mão uma vez, duas – saboreando a sensação dele, sabendo que ele estava aqui, nós estavam ambos aqui. Seguros.

Então ecoei o movimento com a minha boca.

Seus grunhidos de prazer encheram a tenda, afogando os gritos distantes dos feridos e moribundos. Vida e morte pairando tão perto, sussurrando em nossos ouvidos.

Mas eu provei Rhys, o adorava com minhas mãos e boca e depois com meu corpo - e esperava que esse fragmento de vida que oferecíamos, essa luz que iluminava entre nós, levaria a morte um pouco mais

longe. Pelo menos por outro dia.

\*\*\*

Somente alguns mais Illyrianos morreram durante a noite. Mas no alto das colinas, os gritos e lamentos do povo de Tarquín levantou-se para nós em ondas de fumaça dos incêndios que ainda queimavam por Hybern. Eles continuaram queimando quando partimos nas primeiras horas após o amanhecer, voltando para Velaris.

Cassian e Azriel continuaram a liderar as legiões Illyrianas para seu novo campo em nossas fronteiras do sul – e então de lá para voar para o estepe. Para oferecer suas condolências a algumas dessas famílias.

Nestha estava esperando por nós no átrio da casa da cidade, Amren fervendo em uma cadeira em frente a lareira sem luz da sala de estar. Nenhum sinal de Elain, mas antes que eu pudesse perguntar, Nestha exigiu: "O que aconteceu?"

Rhys olhou para mim, depois para Amren, que tinha se levantado e agora estava nos observando com a mesma expressão de Nestha. Meu parceiro disse a minha irmã: "Houve uma batalha. Nós ganhamos."

- Sabemos disso - disse Amren, seus pés pequenos quase silenciosos nos tapetes enquanto ela andava por nós. "O que aconteceu com Tarquin? "

Mor tomou fôlego para dizer algo sobre Varian que provavelmente não acabaria bem para nenhum de nós, então eu cortei -

- Bem, ele não tentou matar-nos à vista, então... as coisas correram decentemente?

Rhys me deu um olhar estupefato. "A família real permanece viva e bem. A armada de Tarquin sofreu perdas, mas Cresseida e Varian estão ilesos. "

Algo apertado no rosto de Amren parecia relaxar com as palavras - suas palavras diplomáticas e cuidadosas. Mas Nestha estava olhando entre todos nós todos, suas costas ainda rígidas, a boca uma linha fina.

- Onde ele está?

- "Quem?" Rhys cantou.

- Cassian.

Eu não acho que eu já ouvi o nome dele sair de seus lábios. Cassian sempre fora ele ou aquele. E Nestha estava... andando pelo saguão.

Como se estivesse preocupada.

Eu abri minha boca, mas Mor me cortou. - Ele está ocupado.

Eu nunca tinha ouvido sua voz tão...afiada. Gelada.

Nestha segurou o olhar de Mor. Sua mandíbula apertou, então relaxou, então apertou-se como se lutando alguma batalha com Mor para não desviar o olhar.

Mor nunca tinha ficado irritada com a menção das amantes passadas de Cassian.

Talvez porque elas nunca significavam muito - não da maneira que contava. Mas se o guerreiro Illyriano já não estivesse emocionalmente entre ela e Azriel... E pior, se a pessoa que causasse essa vaga fosse Nestha...

Mor disse sem rodeios: "Quando ele voltar, mantenha sua língua bifurcada atrás de seus dentes."

Meu coração disparou em uma batida furiosa, meus braços soltos em meus lados no insulto, a ameaça. Mas Rhys disse: "Mor".

Ela lentamente - tão lentamente - olhou para ele.

Não havia nada além de uma vontade intransigente no rosto de Rhys. "Partimos agora para a reunião em três dias. Envie os recados para os outros GrãoSenhores para informá-los. E os mande decidir onde me encontrar. Escolham um lugar e termine com isso. "

Ela olhou para ele por um piscar de olhos, então arrastou seu olhar de volta para minha irmã. O rosto de Nestha não tinha mudado, a frieza estava se curvando. Ela estava tão quieta que parecia mal estar respirando. Mas ela não hesitou. Não desviou os olhos da Morrigan.

Mor desapareceu com apenas um piscar de olhos.

Nestha apenas se virou e se dirigiu para a sala de estar, onde eu notei que os livros haviam sido colocados sob a mesa deitada diante da lareira.

Amren correu atrás dela, lançando um olhar para trás por cima de um ombro para Rhys. O movimento deslocou sua blusa cinza o suficiente para que eu pegasse o brilho de vermelho espreitando debaixo do tecido.

O colar de rubis que ela usava, escondido, debaixo da camisa. Presente de Varian.

Mas Rhys acenou com a cabeça para Amren, e a fêmea perguntou a minha irmã, "Onde estávamos?"

Nestha sentou-se na poltrona, segurando-se firmemente, o suficiente para que os nódulos arqueados de seus dedos ficassem brancos. "Você estava explicando como as linhas de território foram formadas entre as cortes."

As palavras eram distantes, frágeis. E *elas também tomaram lições de história?*

*Estou tão chocada quanto você que a casa ainda esteja em pé.*

Engoli meu riso, ligando meu braço ao dele e puxando-o pelo corredor. Tinha muito tempo desde de que eu o vi tão... sujo. Nós dois precisávamos de um banho, mas havia algo que eu tinha que fazer primeiro. Era necessário fazer.

Atrás de nós, Amren murmurou para Nestha, "Cassian foi à guerra muitas vezes, garota. Ele não é o General das forças de Rhys por nada. Esta batalha foi uma escaramuça em comparação com o que está por vir. Ele provavelmente está visitando o famílias dos mortos enquanto falamos. Ele voltará antes da reunião. "

Nestha disse: "Eu não me importo."

Pelo menos ela estava falando de novo.

Eu parei Rhys no meio do corredor.

Com tantos ouvidos na casa, eu disse por baixo do vínculo, *Leve-me para a prisão.*

*Agora mesmo.*

Rhys não fez perguntas.

CHAPTER

Eu não tinha nenhum osso para levar comigo. E apesar de cada passo pela encosta e, em seguida, para baixo no escuro pesava sobre mim, eu continuava me movendo. Me mantida plantando um pé na frente do outro.

Tive a sensação de que Rhys fazia o mesmo.

De pé diante do Entalhador de Ossos duas horas mais tarde, o antigo deus da morte ainda usando o corpo do meu suposto filho, eu disse: "Encontre outro objeto que você deseja."

Os olhos violeta do Entalhador brilharam. - Por que o Grão - Senhor permanece no corredor?

- Ele tem pouco interesse em vê-lo.

Parcialmente verdade. Rhys se perguntava se o golpe em seu orgulho funcionaria a nosso favor.

- "Você cheira a sangue e morte." O Entalhador respirou enchendo seus pulmões de ar. Do meu perfume.

- "Escolha outro objeto além do Ouroboros", foi tudo o que eu disse.

Hybern conhecia nossas histórias, nossos supostos aliados. Tinha um pinga de esperança de que ele não via o Entalhador vindo.

- Não desejo nada além da minha janela para o mundo.

Evitei o desejo de fechar as mãos em punhos.

- "Eu poderia te oferecer tantas outras coisas." Minha voz ficou baixa, querida.

- "Você tem medo de reclamar o espelho. " O Entalhador de Ossos inclinou a cabeça. "Porque?"

- Você não tem medo disso?

- "Não. " Um pequeno sorriso. Ele se inclinou para o lado. - "Você também tem medo, Rhysand? "

Meu companheiro não se incomodou em responder do corredor, embora ele tivesse se encostado na soleira, cruzando os braços. O Entalhador suspirou ao vê-lo - a sujeira, o sangue e as roupas amassadas, e disse: "Oh, eu prefiro muito você assim, ensanguentado."

- Escolha outra coisa - respondi. E não uma tarefa de tolo desta vez.

- "O que você me daria? As riquezas não me fazem bem aqui. O poder não tem qualquer influência sobre a pedra. " Ele riu. "E o seu primogênito?" Um sorriso secreto enquanto ele gesticulava com a mão do garotinho para ele mesmo.

A atenção de Rhys deslizou para mim, surpresa... surpresa e algo mais profundo, mais terno cintilava em seu rosto. *Não qualquer menino, então.*

Minhas bochechas aquecidas. *Não. Não qualquer garoto.*

- É rude, Suas Majestades, falar quando ninguém puder te ouvir.

Eu cortei um olhar para o Entalhador. "Não há nada mais, então?" Nada mais que não me quebre apenas por olhar?

- Traga-me o Ouroboros e eu sou seu. Você tem minha palavra.

Eu pesava a expressão beatífica no rosto do Entalhador antes de sair.

- "Onde está o meu osso?" A demanda rachou através da escuridão.

Eu continuei andando. Mas Rhys jogou algo nele. - Do almoço.

O sibilo do escândalo de indignação quando um osso de galinha tombou sobre o chão nos seguiu para fora. Em silêncio, começamos a caminhada pela Prisão.

O espelho - eu teria que encontrar uma maneira de obtê-lo. Depois da reunião. Só no caso de que realmente... me destruísse.

*Como ele é?*

A pergunta era suave - tentando. Eu sabia quem ele queria dizer.

Eu entrelacei meus dedos nos de Rhysand e apertei firmemente. *Deixe-me te mostrar.* E enquanto caminhávamos através da escuridão, para aquela luz distante, ainda escondida, eu fiz.

Estávamos passando fome no momento em que voltamos para a casa da cidade. E

como nenhum de nós sentiu vontade de esperar a comida ser preparado, Rhys e eu fomos direto para a cozinha, passando por Amren e Nestha com pouco mais do que uma onda.

Minha boca já estava cheia de água enquanto Rhys empurrava a porta balançando para dentro da cozinha. Mas vimos o que estava dentro e paramos.

Elain estava entre Nuala e Cerridwen na longa mesa de trabalho. Todos as três cobertas de farinha. Algum tipo de bagunça pastosa na superfície ante elas.

As duas espiãs-servas se curvaram instantaneamente para Rhys, e Elain... havia um leve brilho em seus olhos castanhos. Como se ela estivesse se divertindo com elas.

Nuala engoliu em seco. "A senhora disse que ela estava com fome, então fomos fazer algo para ela. Mas ela disse que queria aprender como, então..." Mãos enroladas em sombras levantadas em um gesto desamparado, farinha voando fora delas como véus de neve. - "Estamos fazendo pão. "

Elain olhava para todos nós, e quando seus olhos começaram a se fechar, dei-lhe um amplo sorriso e disse: "Espero que esteja pronto em breve - estou faminta."

Elain ofereceu um leve sorriso em troca e assentiu.

Ela estava melhor. Ela estava... fazendo algo. Aprendendo algo.

- "Nós vamos nos banhar", eu anunciei, mesmo quando meu estômago resmungou.

"Vamos deixar vocês com seu assado."

Eu puxei Rhys para o corredor antes que elas terminassem de dizer adeus, a porta da cozinha se fechando atrás de nós. Coloquei uma mão no meu peito, apoiado-me nos painéis de madeira da parede da escada. A mão de Rhys cobriu a minha um batimento cardíaco mais tarde.

- "Era o que eu sentia", disse ele, "quando eu vi você sorrir naquela noite quando jantamos ao longo do Sidra."

Eu me inclinei para a frente, descansando minha sobrancelha contra seu peito, bem sobre seu coração. "Ela ainda tem um longo caminho para percorrer."

- Todos nós temos.

Ele acariciou-me as costas. Eu me inclinei para toque, saboreando seu calor e força.

Por longos minutos, ficamos ali. Até que eu disse, "Vamos encontrar um lugar para comer fora."

- "Hmmm." Ele não mostrou nenhum sinal de me deixar ir.

Eu olhei para cima. Encontrei seus olhos brilhando com aquela familiar luz perversa. "Eu acho que estou com fome de outra coisa ", ele ronronou.

Meus dedos do pé enrolaram em minhas botas, mas eu levantei minhas sobrancelhas e disse friamente, "Oh?"

Rhys mordiscou o lóbulo da minha orelha, então sussurrou em meu ouvido enquanto nos levava para o quarto, onde dois pratos de comida agora esperavam na mesinha. "Eu te devo por ontem à noite, parceira."

Ele me deu a cortesia, pelo menos, de me deixar escolher o que ele consumia primeiro: eu ou a comida.

Eu escolhi sabiamente.

\*\*\*

Nestha estava esperando na mesa do café da manhã seguinte. Não por mim, percebi que seu olhar se deslizou sobre mim como se eu fosse apenas uma serva. Mas para alguém atrás.

Mantive minha boca fechada, sem me preocupar em dizer a ela que Cassian ainda estava de pé nos campos de guerra. Se ela não perguntar... eu não estava ficando no meio disso.

Não quando Amren afirmou que minha irmã estava perto - tão perto - de agarrar qualquer habilidade que envolvia potencialmente remendar a Muralha. *Se ela só se libertasse*, Amren disse. Eu não ousei sugerir

que talvez o mundo não estivesse preparado para isso.

Eu comi meu café da manhã em silêncio, meu garfo raspando todo o prato. Amren disse que estava perto de encontrar o que precisávamos no Livro também - qualquer que fosse o período que minha irmã usasse. Como Amren sabia, eu não tinha idéia. Não parecia sábio perguntar.

Nestha só falou quando me levantei. "Você vai para a reunião em dois dias?"

- Sim.

Eu me preparei para o que ela pretendia dizer.

Nestha olhou para as janelas da frente, como se ainda estivesse esperando, ainda buscando.

- Você foi para a batalha. Sem um segundo pensamento. Por quê?

- Porque eu tinha que ir. Porque as pessoas precisavam de ajuda.

Seus olhos azul-acinzentados estavam perto da cor prata no fio da luz da manhã.

Mas Nestha não disse mais nada, e depois de esperar por outro momento, saí, indo para a Casa do Vento para a minha aula de vôo com Azriel.

CHAPTER



Os dois dias seguintes estavam tão ocupados que aquela aula com Azriel foi a única vez que treinei com ele. O mestre-espião tinha voltado do processo de despachar as mensagens que Mor escrevera sobre a reunião sendo antecipada.

Eles tinham concordado com a data, pelo menos. Mas a declaração de Mor sobre o local, apesar de sua linguagem inflexível, tinha sido universalmente rejeitada. Assim continuou a interminável ida e volta entre as Cortes.

Sob a Montanha já havia sido seu ponto de encontro neutro. Mesmo que não tivesse sido selado, ninguém estava inclinado a se encontrar lá agora.

Então, o debate se desencadeou sobre quem iria acolher a reunião de todos os GrãoSenhores. Bem, seis deles. Beron, por fim, tinha-se dignado juntar-se. Mas nenhuma palavra veio da Corte Primavera, embora soubéssemos que as mensagens haviam sido recebidas.

Todos nós iríamos - salvo Amren e Nestha, que insistia precisar praticar mais.

Especialmente quando Amren tinha encontrado uma passagem no Livro ontem à noite que poderia ser o que precisávamos para consertar a Muralha.

Com apenas algumas horas de folga na noite anterior, foi finalmente acordado que a reunião se realizaria na Corte Crepuscular. Estava perto o suficiente do meio dos reinos, e como Kallias, o GrãoSenhor da Invernal, não permitia que ninguém entrasse em seu território depois dos horrores que Amarantha havia feito ao seu povo, era a única outra área que flanqueava aquela terra intermediária neutra.

Rhys e Thesan, GrãoSenhor da Corte Crepuscular, estavam em condições decentes. A Crepuscular era na maior parte neutra em todo o conflito, mas como uma das três cortes solares, sua fidelidade inclinou sempre para nós. Não é um aliado tão forte como o Helion, o GrãoSenhor e feiticeiro da Corte Diurna, mas forte o suficiente.

Não impediu que Rhys, Mor e Azriel se reunissem em torno da mesa de jantar na casa da cidade na noite anterior para examinar cada informação que eles tinham aprendido sobre o palácio de Thesan - sobre possíveis feitiços e armadilhas. E rotas de fuga.

Foi um esforço não interromper, para perguntar se talvez os riscos superaram os benefícios. Tanta coisa deu errado em Hybern. Tanta coisa estava errada em todo o mundo. Toda vez que Azriel falava, eu ouvia seu rugido de dor quando aquela flecha atravessou seu peito. Toda vez que Mor contestava uma discussão, eu a via pálida e afastando-me do rei. Toda vez que Rhys pedia minha opinião, eu o vi ajoelhado no sangue de seus amigos, implorando ao rei para não cortar nosso vínculo.

Nestha e Amren faziam uma pausa de praticar na sala de estar, de vez em quando, para que essa última pudesse dar um pouco de aconselhamento ou aviso sobre a reunião.

Ou para que Amren pudesse retrucar a Nestha para se concentrar, para empurrar com mais força. Enquanto ela mesma folheava o Livro.

*Mais alguns dias*, Amren declarou quando Nestha subiu finalmente, queixando-se de uma dor de cabeça. Um pouco mais de dias, e minha irmã, através de qualquer misteriosa força, poderia ser capaz de fazer alguma coisa. Isso é, Amren acrescentou, se ela conseguisse quebrar aquela seção promissora do Livro a tempo. E com isso, a mulher de cabelos escuros nos desejou uma boa noite – e foi até que seus olhos sangrassem, ela afirmou.

Considerando o quão terrível era o Livro, eu não tinha certeza se ela estava brincando. Os outros também não.

Eu mal toquei no meu jantar. E mal dormi naquela noite, torcendo os lençóis até que Rhys acordou e me escutou com paciência murmurando meus medos até que não passassem de sombras.

O amanhecer quebrou, e quando eu me vesti, a manhã inocente em um dia ensolarado, seco. Embora estivéssemos indo para a reunião como realmente éramos, nosso traje habitual seguia o mesmo: Rhys em sua jaqueta preta preferida e calças, Azriel e Cassian em sua armadura illyriana, todos os sete Sifões polidos e reluzentes. Mor tinha trocado seu vestido vermelho habitual para um azul da meia-noite. Estava cortada com as mesmas fendas reveladores e as saias fluidas, mas havia algo... retido nela. Régio. Uma princesa do reino.

Traje usual, exceto o meu.

Eu não tinha encontrado um vestido novo. Pois não havia outro vestido que pudesse estar a cima do que eu usava agora enquanto esperava no vestíbulo o relógio na cornija da sala de estar bater onze.

Rhys ainda não tinha descido, e não havia sinal de Amren ou Nestha para nos ver.

Quase recuei alguns minutos antes, mas... Eu olhei para mim novamente. Mesmo na fachada morna do vestíbulo, o vestido brilhava e reluzia como uma jóia recém-cortada.

Tínhamos tomado meu vestido da Queda das Estrelas e remodelado, acrescentando uma capa de seda pura para os ombros nas costas, o material brilhante como estrela estrelada que fluía atrás de mim em vez de um véu ou capa. Se Rhysand era a Noite Triunfante, eu era a estrela que só brilhava graças à sua escuridão, a luz apenas visível por causa dele.

Fiz uma careta subindo as escadas. Ou seja, se ele não preocupou em aparecer na hora certa.

Meu cabelo, Nuala tinha varrido em um arco ornamentado, elegante através de minha cabeça, e na frente dela... Eu peguei Cassian olhando para mim pela terceira vez em menos de um minuto e exigi: "O quê?"

Seus lábios se contraíram nos cantos. "Você parece tão..."

- "Aqui vamos nós." Mor murmurou de onde ela bateu suas unhas vermelhas contra o corrimão da escada. Anéis brilhavam em todos os dedos, em todos os dedos; Pilhas de pulseiras tilintavam uma contra a outra em ambos punhos.

- "Oficial", Cassian disse com um olhar incrédulo em sua direção. Ele acenou com uma mão coberta por um Sifão para mim. "Chique."

- "Mais de quinhentos Anos" - disse Mor, sacudindo tristemente a cabeça -, "um guerreiro hábil e

General, famoso em todos os territórios, e elogiar as damas é algo que ele encontra ser quase impossível. Lembre-me por que o trazemos em reuniões diplomáticas? "

Azriel, envolto em sombras pela porta da frente, riu baixinho. Cassian lhe lançou um olhar. - "Não vejo você falando poesia, irmão. "

Azriel cruzou os braços, ainda sorrindo fracamente. "Eu não preciso recorrer a ela."

Mor soltou uma gargalhada, e eu bufei, ganhando uma cutucada nas costelas de Cassian. Eu afastei a mão dele, mas me absteri do empurrão que eu queria lhe dar, só porque era a primeira vez que eu o tinha visto desde de Adriata e sombras ainda escureciam seus olhos - e por causa do sentimento precário que a coisa em cima da minha cabeça me dava.

*A coroa.*

Rhys havia me coroado em cada reunião e função que tínhamos, muito antes de eu ser sua companheira, muito antes de eu ser sua Grã-Senhora. Mesmo sob a montanha.

Eu nunca questionei as tiaras, diademas e coroas que Nuala ou Cerridwen teciam em meu cabelo.

Nunca me opusera a elas - mesmo antes que as coisas entre nós tivessem sido assim.

Mas esta... eu espiei as escadas quando os passos de Rhys, sem pressa, batiam no tapete.

Esta coroa era mais pesada. Não indesejável, mas... estranho. E quando Rhys apareceu no alto da escada, resplandecente na jaqueta preta, com as asas afastadas e brilhando como se as tivesse polido, eu estava novamente naquela câmara para o qual ele me levou tarde na noite passada, depois que eu o despertei com minha inquietude e torção na cama.

Estava contida um nível acima da biblioteca na Casa do Vento, e protegida com tantos feitiços que lhe levara alguns momentos passar através deles. Só ele e eu - *e qualquer futuro filho*, acrescentou com um sorriso suave - conseguiremos entrar. A menos que trouxessemos convidados.

*A câmara era fria e negra - como se tivéssemos entrado na mente de alguma besta dormindo. E dentro de seu espaço redondo brilharam luzes. De jóias.*

*Dez mil anos de tesouro.*

*Era ordenadamente organizado, em pódios e gavetas abertas, estantes e racks.*

- *As jóias da família - disse Rhys com um sorriso tortuoso. "Algumas das peças que não gostamos são mantidas na Corte dos Pesadelos, apenas para que não fiquem irritados e porque às vezes as emprestamos à família de Mor, mas estas... são para a família".*

*Ele me guiou por exposições que brilhavam como pequenas constelações, o valor de cada uma... Mesmo como filha de um comerciante, eu não conseguia calcular o valor de nada disso.*

*E para a parte de trás da câmara, envolta em uma escuridão mais pesada...*

*Eu tinha ouvido falar de catacumbas no continente, onde os crânios de pessoas amadas ou infames eram mantidos em pequenas alcovas - dezenas ou centenas deles a uma parede.*

*O conceito aqui era o mesmo: esculpido na rocha havia uma parede inteira de coroas. Cada uma tinha seu próprio lugar de descanso, forrado com veludo preto, cada uma iluminada por...*

*- Espiritos estelares - Rhys contou-me que as pequenas gotas azuladas, cobertas pelos arcos de cada recanto, pareciam brilhar como todo o céu noturno. Na verdade... O*

*que eu tinha imaginado ser pequenas luzes feéricas no teto alto acima... Era tudo estrela cadente. Azul pálido e turquesa, sua luz tão sedosa como o luar, iluminando as jóias com seu fogo antigo e silencioso.*

*- "Escolha uma," Rhys sussurrou em meu ouvido.*

*- Uma estrela?*

*Ele beliscou meu lóbulo da orelha. "Espertinha." Ele me conduziu de volta para a parede de coroas, cada uma completamente diferente - tão individual como crânios.*

*"Escolha qual coroa você gosta."*

*- Eu não posso simplesmente tomar uma.*

*- Você certamente pode. Elas pertencem a você.*

*Levantei uma sobrancelha. "Não - não realmente."*

*- Por lei e tradição, isso é tudo seu. Venda, derreta, use-os, faça o que quiser.*

*- "Você não se importa com isso?" Eu gesticulei para o tesouro que valia mais do que a maioria dos reinos.*

*- Oh, eu tenho peças favoritas que eu poderia convencê-la a poupar, mas... Estas são suas. Cada último pedaço delas. "*

*Nossos olhos se encontraram, e eu sabia que ele, também, lembrava das palavras que eu sussurrei para ele meses atrás. - Cada pedaço do meu coração ainda curando pertencia a ele. - Eu sorri, e escovei uma mão por seu braço antes de me aproximar da parede das coroas.*

*Eu tinha estado aterrorizada uma vez, na corte de Tamlin, por ter recebido uma coroa. Tinha-a temido. E eu percebi que eu nunca tinha me preocupado com isso quando se tratava de Rhys. Como se uma pequena parte de mim soubesse que este era o lugar onde eu significaria algo: ao seu lado, como sua igual. Sua rainha.*

*Rhys inclinou a cabeça como se quisesse dizer sim - via e compreendia e sempre soube.*

*Agora andando pelas escadas da casa da cidade, a atenção de Rhys foi direto para aquela coroa em cima da minha cabeça. E a emoção que ondulava em seu rosto era suficiente para fazer Mor e Cassian olharem*

para longe.

Eu deixei a coroa me chamar. Eu não tinha escolhido por estilo ou conforto, mas pelo que eu senti, como se ela fosse o anel da casa da tecelã.

Minha coroa foi trabalhada em prata e diamante, todas em forma de redemoinhos de estrelas e várias fases da lua. Seu ápice arqueado sustentava uma lua crescente de diamante sólido, flanqueada por duas estrelas em explosão.

E com o vestido cintilante da Queda das Estrelas...

Rhys saiu da escada e pegou minha mão.

Noite Triunfante - e as Estrelas Eternas.

Se ele era a escuridão doce, aterrorizante, eu era a luz brilhante que só suas sombras poderiam fazer brilhar.

- Pensei que vocês estivessem saindo - a voz de Nestha caiu de cima das escadas.

Eu me preparei, arrastando minha atenção para longe de Rhys.

Nestha estava em um vestido do azul mais escuro, sem jóias para ser vistas, seu cabelo escovado e sem adornos também. Eu supunha que com sua beleza deslumbrante, ela não precisava de ornamentos. Teria sido como colocar jóias em um leão. Mas para ela estar vestida assim..

Ela desceu as escadas, e quando os outros se calaram, eu percebi...

Tentei não parecer muito óbvia quando olhei para Cassian.

Não se viam desde Adriata.

Mas o guerreiro apenas lhe deu uma olhada superficial e voltou-se para Azriel para dizer alguma coisa. Mor estava observando os dois cuidadosamente - o aviso que ela tinha dado a minha irmã soando silenciosamente entre elas. E Nestha, maldita mãe, parecia lembrar. Parecia controlar as palavras que ela estava prestes a cuspir e apenas se aproximou de mim.

E quase fez meu coração parar de choque quando ela disse: "Você está linda."

Eu pisquei para ela.

Mor disse: "Isso, Cassian, era o que você estava tentando dizer."

Ele resmungou algo que escolhemos não ouvir. Eu disse a Nestha, "Obrigada. Você também. " Nestha apenas encolheu os ombros.

Eu a empurrei, "Por que você está tão bem vestida? Você não deveria estar praticando com Amren? "

Senti a atenção de Cassian deslizar para nós, senti todos eles olharem quando Nestha disse: "Eu vou com

você."

CHAPTER

Ninguém disse nada.

Nestha apenas ergueu o queixo. "Eu ..." Eu nunca a tinha visto tropeçar por palavras.

"Eu não quero ser lembrada como covarde."

- "Ninguém diria isso", eu ofereci calmamente.

- "Eu o faria." Nestha examinou todos nós, seu olhar saltando Cassian. Não para o ofender, mas... evitar responder ao olhar que ele estava lhe dando. Aprovação e mais... -

"Era uma coisa distante" - disse ela. "Guerra. Batalha. Ela... não é mais. Eu vou ajudar, se eu puder. Se isso significa... contar a eles o que aconteceu. "

- "Você já deu o suficiente", eu disse, meu vestido sussurrando enquanto eu enfrentava um passo solitário para ela. "Amren afirmou que você estava perto de dominar qualquer habilidade que você precise. Você deve se concentrar nisso."

- "Não." A palavra era firme, clara. "Um dia ou dois de atraso com meu treinamento não fará qualquer diferença. Talvez pelo tempo que nós retornarmos, Amren terá decodificado aquele feitiço no Livro." Ela deu de ombros com um ombro. - "Você foi para a batalha por uma corte que você mal conhece - que mal vê você como amiga. Amren me mostrou o rubi de sangue. E quando eu perguntei por que... você disse porque era a coisa certa. Pessoas precisavam de ajuda." Sua garganta balançou. "Ninguém vai lutar para salvar os humanos debaixo da Muralha. Ninguém se preocupa, mas eu faço." Ela brincou com uma dobra em seu vestido. Rhys se aproximou do meu lado.

- Como Grã-Senhora, Feyre não é mais minha emissária para o mundo humano. -

Ele deu a Nestha um sorriso tentativo. - "Quer o emprego? "

O rosto de Nestha não rendeu nada, mas eu poderia ter jurado uma faísca queimando. "Considere esta reunião uma base experimental. E eu farei você pagar pelos meus serviços. "

Rhys arqueou a sombrancelha. "Eu não esperaria nada menos de uma irmã Archeron." Eu cutuquei ele nas costelas, e ele bufou uma risada. - "Bem-vinda a Corte"

- disse a ela. "Você está prestes a ter um inferno de um primeiro dia."

E para meu choque eterno, um sorriso puxou a boca de Nestha.

- Não está na hora? - disse Cassian a Rhys, gesticulando para suas asas.

Rhys enfiou as mãos nos bolsos. "Eu acho que é hora de o mundo saber quem realmente tem a maior envergadura."

Cassian riu, e até Azriel sorriu. Mor me deu uma olhada que me fez morder o lábio para não gritar.

- Vinte marcas de ouro que há uma briga na primeira hora - disse Cassian, ainda não olhando para Nestha.

- Trinta, e digo dentro de quarenta e cinco minutos - disse Mor, cruzando os braços.

- Vocês se lembram que há votos e feitiços de neutralidade? - Rhys disse suavemente.

- Você não precisa de punhos nem magia para lutar - exclamou Mor.

Azriel disse da porta: - Cinquenta, e digo dentro de trinta minutos. Iniciando por Autumn.

Rhys revirou os olhos. "Tente não parecer que vocês estão todos apostando neles.

E nenhuma batota provocando brigas." Os sorrisos de resposta deles não foram nada reconfortantes. Rhys suspirou. "Cem marcas em uma luta dentro de quinze minutos."

Nestha deixou escapar um bufo suave. Mas todos olharam para mim, esperando.

Dei de ombros.

- Rhys e eu somos uma equipe. Ele pode apostar nosso dinheiro nessa merda.

Todos pareciam profundamente ofendidos.

Rhys passou o cotovelo pelo meu. - Uma rainha em aparência...

- Nem sequer termine isso, - eu disse.

Ele riu. "Devemos?"

Ele me convenceu, Mor agora tomaria Cassian e Nestha, e Azriel se carregaria.

Rhys olhou para o relógio da sala de estar e deu um sinal de assentimento ao espião.

Azriel desapareceu instantaneamente. O primeiro a chegar - primeiro para ver se alguma armadilha aguardava.

Em silêncio, esperamos. Um minuto. Dois.

Então Rhys soltou um suspiro e disse: - Pronto.

Ele enfiou os dedos nos meus, apertando com força. Mor abaixou um pouco, jóias brilhando com o movimento, e pegou o braço de Cassian.

Mas ele finalmente se aproximou de Nestha. E enquanto o mundo começava a se transformar em sombras e ventos, eu vi Cassian sobre minha irmã, vi seu queixo elevar-se desafiadoramente, e o ouvi rosnar, "Olá, Nestha".



Rhys se deteve de sua passagem enquanto minha irmã dizia: - Então você está vivo.

Cassian mostrou os dentes em um sorriso feroz, as asas se abrindo ligeiramente. -

Você esperava o contrário?

Mor estava observando - observando de perto, cada músculo tenso. Ela voltou a agarrar o braço dele, mas Cassian se inclinou fora de alcance, não rasgando os olhos do olhar ardente de Nestha.

Nestha disse, "Você não veio para..." Ela parou.

O mundo parecia estar completamente imóvel naquela frase interrompida, nada e ninguém mais do que Cassian. Ele examinou seu rosto como se estivesse furiosamente lendo algum relatório de batalha.

Mor apenas observou quando Cassian pegou a mão esguia de Nestha, entrelaçando os dedos. Quando ele dobrou as asas dele e cegamente alcançou sua outra mão de volta para Mor em uma ordem silenciosa para transportá-los.

Os olhos de Cassian não saíram de Nestha; Nem os dela deixaram os dele. Não havia calor, nem ternura em nenhum dos seus rostos. Só essa intensidade furiosa, essa mistura de desprezo, compreensão e fogo.

Rhys começou a nos atravessar, e assim que o vento escuro nos varreu, eu ouvi Cassian dizer a Nestha, sua voz baixa e áspera: - Da próxima vez, Emissária, eu virei dizer olá.

Eu tinha aprendido bastante com Rhys sobre o que esperar da Corte Crepuscular, mas mesmo as imagens que ele pintou para mim não fizeram justiça a visão.

Foram as nuvens que eu vi primeiro.

Nuvens enormes flutuando no céu de cobalto, macias e magnânimas, ainda tingidas pelos restos de rosa do nascer do sol, suas bordas redondas douradas com a luz dourada.

A frescura do orvalho da manhã se demorava no ar gelado enquanto olhávamos para o palácio da montanha em espiral nos céus acima.

Se o palácio acima da Corte dos Pesadelos tinha sido trabalhado em pedra de lua, este foi feito de... Pedra do sol.

Eu não tinha uma palavra para a pedra dourada quase opalescente que parecia segurar o brilho de mil nasceres do sol dentro dela. Passarelas, varandas, arcos e pontes ligavam as torres e as cúpulas douradas do Palácio, as flores matinais da pervinca escalando os pilares e os blocos bem cortados de pedra para sumir na névoa dourada flutuando.

Flutuando, porque a montanha em que o palácio estava... Havia uma razão para eu ver as nuvens primeiro.

A varanda em que tínhamos aparecido estava vazia, com exceção de Azriel e um atendente de cabelos finos com uma armadura de ouro e rubi da Corte Crepuscular. Luz, camadas de vestes soltas e ainda lisonjeiro.

O macho curvou-se, sua pele marrom suave com juventude e beleza. "Bem vindo, Grão - Senhor."

Até sua voz era tão linda como o primeiro vislumbre de ouro no horizonte. Rhys retornou seu arco com um aceno de cabeça raso, e ofereceu seu braço para mim.

Mor murmurou atrás de nós, caindo na posição com Nestha ao seu lado, "Se você já pensou em construir uma casa nova, Rhys, vamos usar esta para inspiração".

Rhys lançou-lhe um olhar incrédulo por cima de um ombro. Cassian e Azriel bufaram suavemente.

Olhei para Nestha enquanto o atendente não nos levava para a arcada que ficava além da varanda, mas para as escadas em espiral que subiam para cima - ao longo da face nua de uma torre.

Nestha parecia fora de lugar como todos nós - salvo Mor - mas...

Isso era admiração no rosto de minha irmã.

Um temor total no castelo nas nuvens, na paisagem verdejante ondulando longe, bem distante, salpicada de pequenas aldeias cobertas de telhados vermelhos e rios largos e cintilantes. Um campo exuberante, eterno, rico com o peso do verão sobre ele.

E eu me perguntava se meu rosto tinha parecido assim - no dia em que vi Velaris pela primeira vez. A mistura de temor e raiva e a percepção de que o mundo era grande e belo, e às vezes tão esmagador em sua maravilha que era impossível beber tudo de uma vez.

Havia outros palácios dentro do território Crepuscular - ambientados em pequenas cidades que se especializavam em mexericos e coisas inteligentes. Aqui... além dessas pequenas aldeias aninhadas nas colinas do campo, não havia indústria. Nada além do palácio, do céu e das nuvens.

Nós subimos as escadas em espiral, a gota fora da borda muito perto caindo em rochas de cores quentes salpicado com uma aglomeração de rosas pálidas e macias, peônias magenta. Uma morte bonita, colorida.

Cada passo me fez preparar enquanto subíamos e subíamos a torre, o aperto de Rhys em minha mão era inabalável.

As asas ficaram para fora. Ele não hesitou um único passo.

Seus olhos deslizaram para os meus, divertidos e questionando. Ele disse pelo vínculo, *E você acha que eu preciso redecorar a nossa casa?*

Passamos por câmaras ao ar livre cheias de gordas, almofadas de seda e tapetes de pelúcia, passavam janelas cujas vidraças estavam dispostas em mosaicos coloridos, passavam urnas transbordando de lavanda e fontes borbulhando água mais clara sob os suaves raios do sol.

*Não é uma competição*, eu trinei para ele.

Sua mão apertou a minha. *Bem, mesmo se Thesan tem um palácio mais bonito, eu sou o único abençoado com uma Grã - Senhora ao meu lado.*

Eu não pude evitar meu rubor.

*Especialmente*, - Rhys acrescentou – *Por hoje à noite, eu quero que você use essa coroa na cama. Somente a coroa.*

*Canalha.*

*Sempre.*

Eu sorri, e ele se inclinou suavemente para roçar um beijo na minha bochecha.

Mor murmurou um pedido de misericórdia de parceiros.

Vozes abafadas nos alcançaram da câmara ao ar livre sobre a torre de pedra -

algumas profundas, algumas afiadas, algumas cantando - antes de terminar a última rotação em torno da escada, as janelas arqueadas, sem vidro, não oferecendo barreira para a conversa interior.

*Três outros já estão aqui*, Rhys me advertiu, e eu tinha a sensação de que era o que Azriel agora estava murmurando para Mor e Cassian. *Helion, Kallias e Thesan.*

Os Grão -Senhores da Diurna, Invernal, e nosso anfitrião, Crepuscular.

Significava que Outonal e Estival - Beron e Tarquin - ainda não tinham chegado.

Ou Primavera.

Ainda duvidava que Tamlin chegasse, mas Beron e Tarquin... Talvez a batalha tivesse mudado a mente de Tarquin. E Beron era terrível o suficiente para talvez ter tomado partido de Hybern já, independentemente da manipulação de Eris.

Eu peguei o movimento da garganta de Rhys enquanto davíamos nossos passos finais para a porta aberta. Uma longa ponte ligava a outra metade da torre ao interior do palácio, os seus trilhos caindo de glicínias pálidas. Eu me perguntei se os outros haviam sido levados por essas escadas, ou se de alguma forma isso significava um insulto.

*Escudos levantados?* Rhys perguntou, mas eu sabia que ele estava ciente de que a minha tinha sido levantada desde Velaris.

Assim como eu estava ciente de que ele colocara um escudo, mental e físico, em torno de todos nós, termos de paz ou não. E embora seu rosto estivesse calmo, com seus ombros jogados para trás, eu disse, *Eu vejo você todo, Rhys. E aqui está, não existe uma parte que eu não ame com tudo que eu sou.*

Sua mão apertou a minha em resposta antes de pousar meus dedos em seu braço, erguendo-o o suficiente para que fossêmos pintados como um retrato bastante cortês quando entramos na câmara.

*Não se curve a ninguém*, foi tudo o que ele respondeu.



A câmara era e não era o que eu esperava. Cadeiras de carvalho com almofadões profundos haviam sido arranjadas em um círculo maciço no coração da sala - o suficiente para todos os Senhores e seus comandantes. Algumas, eu percebi, tinham sido moldadas para acomodar asas.

Parecia que não era incomum. Estavam agrupados em torno de um homem bonito, delgado que eu imediatamente me lembrei de Sob a Montanha, era um Feérico alado. Se os Illyrianos tinham asas de morcego, estes... eram como pássaros.

*Os Peregryns estão distantemente relacionados com o povo Seraphym de Drakon e oferecem a Thesan uma pequena legião aérea,* Rhys disseme dos machos e fêmeas musculosos, dourados e blindados. *O macho à sua esquerda é seu capitão e amante.* De fato, o belo macho estava um pouco mais perto de seu Grão - Senhor, uma mão na fina espada ao seu lado. *Nenhum vínculo de parceiria ainda,* Rhys continuou, *mas eu acho que Thesan não ousou reconhecer enquanto Amarantha reinou. Ela se deleitava em arrancar suas penas - uma por uma. Ela tirou uma inteira deles uma vez.*

Eu tentei não estremecer enquanto entramos no chão de mármore polido, a pedra aquecida com o sol fluindo pelos arcos abertos. Os outros olharam para nós, alguns murmurando ao ver as asas de Rhys, mas minha atenção foi para a verdadeira jóia da câmara: a piscina de reflexão.

Ao invés de uma mesa ocupando o espaço entre o círculo de cadeiras, uma rasa, piscina de reflexão circular foi esculpida no próprio chão. Sua água escura estava carregada de lírios-de-água-de-rosa e dourados, as pétalas largas e planas como a mão de um macho, e debaixo deles peixes de abóbora e marfim nadavam preguiçosamente.

*Isto,* eu admiti a Rhys, *talvez precise ter.*

Um pulso irônico de humor passou o vínculo. *Vou anotá-lo para o seu aniversário.*

Mais glicínias retorcidas sobre as colunas flanqueando o espaço, e ao longo das mesas colocadas contra as poucas paredes, cachos de peônias cor de vinho desdobraram suas camadas de seda. Entre os vasos, pratos e cestas de comida haviam sido colocados -

pequenas tortas, carnes curadas e guirlandas de fruta acenavam antes de suar jarras de estanho de algum refresco.

Depois, estavam os três Grão - Senhores.

Não éramos os únicos que se vestiram bem.

Rhys e eu paramos no meio do espaço.

Eu conhecia todos - lembrava daqueles meses sob a montanha. Rhys me ensinara suas histórias enquanto treinávamos. Eu me perguntei se eles sentiram o poder deles dentro de mim quando sua atenção deslizou entre nós.

Thesan deslizou para a frente, seus sapatos bordados, requintados, silenciosos no chão. Sua túnica era apertada em seu peito esbelto, mas as calças flutuantes - muito parecidas com as que Amren preferia - sussurravam com o movimento quando ele se aproximava. Sua pele e cabelos castanhos eram beijados com ouro, como se o nascer do sol os tivesse banhado permanentemente, mas os seus olhos arregalados, o rico marrom de campos recém-cultivados, eram o seu mais bonito traço. Ele parou a poucos metros de distância, tomando Rhys e eu, nossa comitiva. As asas que Rhys mantinha dobradas atrás de ele.

- "Bem-vindo", Thesan disse, sua voz tão profunda e rica como aqueles olhos. Seu amante acompanhou cada respiração de alguns metros atrás, sem dúvida percebendo nossos próprios companheiros fazendo o mesmo atrás de nós.

- "Ou," Thesan refletiu, "desde que você chamou esta reunião, talvez você deveria estar fazendo o acolhimento?"

Um sorriso fraco flutuou pelo rosto perfeito de Rhys, as sombras se entrelaçando entre as mechas de seu cabelo. Ele afrouxou o amortecedor em seu poder - apenas um pouco. Todos tinham. - "Talvez eu tenha pedido a reunião, Thesan, mas você foi a pessoa suficientemente amável para oferecer sua bela residência. "

Thesan fez um aceno de agradecimento, talvez julgando impróprio perguntar sobre as asas recém-reveladas de Rhysand, e então se virou para mim.

Nós olhamos um para o outro enquanto meus companheiros se curvavam atrás de mim. Como a esposa de um Grão - Senhor deveria ter feito o mesmo que eles.

Mas eu simplesmente fiquei de pé. E olhei fixamente.

Rhys não interferiu - não nesse primeiro teste.

Crepuscular - o dom da cura. Foi seu presente que me permitiu salvar a vida de Rhysand. Isso tinha me enviado ao Suriel, naquele dia eu tinha aprendido a verdade que alteraria minha eternidade.

Eu ofereci a Thesan um sorriso contido. - Sua casa é adorável.

Mas a atenção de Thesan tinha ido para a tatuagem. Eu sabia que ele percebeu isso no momento em que notou que a tinta cobria a mão errada. Então a coroa em cima da minha cabeça. Suas sobrelanceiras franziram.

Rhys só deu de ombros.

Os outros dois Grãosenhores se aproximaram agora.

- Kallias - disse Rhys ao de cabelos brancos, cuja pele estava tão pálida que parecia congelada. Até mesmo seus esmagadores olhos azuis pareciam lascas de gelos enquanto estudava as asas de Rhys e parecia imediatamente dispensá-las. Ele usava uma jaqueta azul royal bordada com fio de prata, o colarinho e as mangas cobertas de pêlo de coelho branco. Eu teria pensado que era muito quente para o dia ameno, especialmente as botas marrons forradas até o joelho, mas, dada a totalidade da expressão, talvez seu sangue congelasse.

Um trio de Grão-Feéricos similarmente coloridos permaneceram em seus assentos, um deles uma jovem atordoada que olhou direito para Mor - e sorriu.

Mor voltou o olhar, saltando de um pé para o outro quando Kallias abriu a boca...

E então minha amiga gritou.

Guinchou.

Ambas as fêmeas se atiravam uma à outra, e o grito de Mor se transformou em um soluço silencioso quando ela abraçou a esbelta estranha e apertou-a com força. Os próprios braços da mulher tremiam quando ela agarrou Mor.

Em seguida, elas estavam rindo e chorando e dançando em torno de si, parando para estudar os rostos uma da outra, para enxugar as lágrimas, e depois abraçar novamente.

- Você parece a mesmo, - a estranha estava dizendo, sorrindo de orelha a orelha.

"Eu acho que é o mesmo vestido que eu vi você em..."

- Você parece a mesma! Vestindo peles no meio do verão - como absolutamente típico...

- Você trouxe os suspeitos usuais, parece...

- Felizmente, o grupo foi melhorado com alguns recém-chegados... - Mor me acenou. Tinha séculos desde que eu a vi brilhando assim. - "Viviane, conheça Feyre.

Feyre, conheça a Viviane, esposa de Kallias."

Olhei para Thesan e Kallias, o último dos quais observava sua esposa e Mor com as sobrancelhas arqueadas. "EU tentei sugerir que ela ficasse em casa" - disse Kallias secamente -, "mas ela ameaçou congelar minhas bolas. "

Rhys soltou uma risada escura. "Soa familiar."

Lancei-lhe um olhar sobre um ombro cintilante - bem a tempo de ver o sorriso desaparecer do rosto de Kallias quando ele realmente olhou Rhys. Não apenas as asas desta vez. A diversão do meu parceiro diminuiu, algum fio de tensão entre ele e Kallias...

Mas eu tinha alcançado Mor e Viviane, e limpado a curiosidade de meu rosto enquanto apertava a mão da fêmea, surpreendida ao encontrá-la quente.

Seus cabelos prateados brilharam ao sol como neve fresca. - "Esposa" - disse Viviane, clicando em sua língua. "Você sabe, ainda soa estranho para mim. Toda vez que alguém diz, eu continuo olhando por cima do meu ombro como se fosse outra pessoa. "

Kallias disse a nenhuma de nós, em particular, de onde ele permaneceu em frente a Rhys, rígido e firme, "Eu tenho que decidir ainda se acho insultante. Desde que ela diz isso todos os dias. "

Viviane estendeu a língua para ele.

Mas Mor agarrou seu ombro e apertou. "Já estava na hora."

Um rubor corou o rosto pálido de Viviane. "Sim, bem - tudo era diferente depois de Sob a Montanha."

Seus olhos de safira deslizaram para os meus e ela inclinou a cabeça. - Obrigada, por me devolver meu parceiro.

- Parceiros? - Escapou, olhando entre eles. - "Casados e companheiros? "

- Vocês duas percebem que esta é uma reunião séria? - disse Rhys.

- E que os peixes na piscina são muito sensíveis a sons agudos? - acrescentou Kallias.

Viviane deu a ambos um gesto vulgar que me fez instantaneamente gostar dela.

Rhys olhou para Kallias com o que eu presumi que era uma espécie de expressão masculina sofrida. Mas o GrãoSenhor não o devolveu.

Quando ele olhou para Rhys, divertindo-se outra vez - aquela frieza se instalou em seu rosto.

Havia... tensão com o Corte Invernal, Mor tinha explicado quando eles tinham resgatado Lucien e eu no gelo. Uma raiva persistente sobre algo que tinha ocorrido Sob a Montanha -

Mas o terceiro GrãoSenhor finalmente se aproximou do outro lado da piscina.

Meu pai havia comprado e trocado um pingente de ouro e lapislázuli que nascia de um árido reino do sudeste, onde os Feéricos haviam governado como deuses em meio a palmeiras balançando e palácios varridos de areia. Eu tinha sido hipnotizada pelas cores, a arte, mas mais interessada no envio de mirra e figos que vieram com ele - alguns dos últimos meu pai tinha sussurrado a mim enquanto eu vagava em seu escritório.

Mesmo agora, eu ainda podia provar sua doçura na minha língua, sentia seu cheiro de terra, e eu não poderia explicar por que, mas... eu me lembrei do antigo colar e as iguarias requintadas quando ele rondou em nossa direção.

Suas roupas eram formadas por um único pedaço de tecido branco - não uma túnica, não um vestido, mas sim algo intermediário, plissado e drapejado sobre seu corpo musculoso. Um punho dourado de uma serpente erguida cercava um bíceps poderoso, compensando sua pele escura e brilhante, e uma coroa radiante de picos dourados - os raios do sol, eu percebi - cintilavam sobre seus cabelos de ônix.

O sol personificado. Poderoso, preguiçoso e com graça, capaz da bondade e da ira.

Quase tão bonito quanto Rhysand. E de alguma forma - de algum modo mais frio do que Kallias.

Sua comitiva Feérica era quase tão grande quanto a nossa, vestida com mantos semelhantes de cores variados - cobalto e carmesim e ametista - alguns com olhos habilmente delineados com Kohl, todos eles se encaixando e brilhando com saúde.



Mas talvez o poder físico deles - dele fosse o truque da mão.

Para o outro título de Helion, feiticeiro, e suas mil bibliotecas tinham rumores de conter o conhecimento do mundo. Talvez todo esse conhecimento o tivesse tornado muito consciente, muito frio por atrás desses olhos brilhantes.

Ou talvez isso tivesse acontecido depois que Amarantha tivesse roubado algumas dessas bibliotecas. Perguntei-me se ele tinha recuperado o que ela tinha tomado - ou se ele lamentou o que ela tinha queimado.

Mesmo Mor e Viviane pararam sua reunião enquanto Helion parava a uma distância sábia.

Foi seu poder que tirou meus amigos de Hybern. Seu poder que me fez brilhar sempre que Rhys e eu estávamos emaranhados um no outro e cada batida do coração doía com alegria.

Helion empurrou o queixo quadrado para Rhys, o único deles, ao que parece, que não se surpreendeu com o Asas do meu parceiro. Mas seus olhos - um amarelo brilhante - caíram sobre mim.

- Tamlin sabe o que ela é?

Sua voz era mais fria do que a de Kallias. E a pergunta - tão cuidadosamente redigida.

- Se você quer dizer bonita e inteligente, então sim... acho que sim - respondeu Rhys.

Helion nivelou um olhar fixo nele. - Ele sabe que ela é sua companheira... e Grã-

Senhora?

- Grã-Senhora? - Viviane soltou um grito, mas Mor a deixou em silêncio, afastando-se para sussurrar.

Thesan e Kallias me observaram. Lentamente.

Cassian e Azriel casualmente deslizaram mais perto, não mais do que uma brisa noturna.

- Se ele chegar, - Rhys disse suavemente, "eu suponho que nós vamos descobrir."

Helion soltou uma risada escura. Perigoso - ele era absolutamente letal, este GrãoSenhor beijado pelo sol. - "Eu sempre gostei de você, Rhysand. "

Thesan deu um passo à frente, sempre o bom anfitrião. Porque esse riso realmente prometeu a violência. Seu amante e os outros Peregrins pareciam mudar para posições defensivas - ou para guardar o seu GrãoSenhor ou simplesmente para nos lembrar que éramos convidados em sua casa.

Mas a atenção de Helion passou para Nestha.

Demorou.

Ela só olhou para ele de volta. Imperturbável, não impressionada.

- "Quem é o sua convidada?", Perguntou o GrãoSenhor da Diurna, um pouco em silêncio, para o meu gosto.

Cassian não revelou nada - nem mesmo um vislumbre que ele conhecia Nestha.

Mas ele não se moveu uma polegada de sua posição defensiva casual. Nem Azriel.

- Ela é minha irmã, e nossa emissária para as terras humanas, - eu disse finalmente a ele, pisando para seu lado. - "Ela contará sua história quando os outros estiverem aqui."

- Ela é Feérica.

- Não merda, - Viviane murmurou em voz baixa, e o buço de Mor foi cortado quando Kallias ergueu suas sobancelhas para elas. Helion as ignorou.

- "Quem a fez?" Thesan perguntou educadamente, inclinando a cabeça.

Nestha examinou Thesan. Então Helion. Então Kallias.

- "Hybern me fez", ela disse simplesmente. Nem um piscar de medo em seus olhos, em seu queixo erguido.

Silêncio atordoado.

Mas eu tinha tido o suficiente da minha irmã sendo vigiada. Eu liguei os cotovelos com ela, dirigindo-nos para as cadeiras mais baixas que eu assumi que eram para nós.

- Eles a jogaram no Caldeirão, - eu disse. - "Junto com minha outra irmã, Elain. "

Sentei-me, colocando Nestha ao meu lado, e olhei para os três GrãoSenhores reunidos, sem um pinga de maneiras, nem gentileza, nem lisonja. "Depois que a Sacerdotisa Ianthé e Tamlin se venderam Prythian e minha Família para eles."

Nestha assentiu com a confirmação silenciosa.

Os olhos de Helion brilharam como uma forja. "Essa é uma acusação pesada a fazer, especialmente contra seu ex-amante."

- Não é acusação, - eu disse, dobrando as mãos no meu colo. "Estávamos todos lá.

E agora vamos fazer algo sobre isso. "

O orgulho desceu pelo vínculo.

E então Viviane murmurou para Kallias, batendo em suas costelas: - "Por que não posso ser a Grã-Senhora também? "

Os outros chegaram tarde.

Nós sentamos em nossos lugares em volta da piscina de reflexão, Thesan impecavelmente educado, nos trazia placas de alimentos e taças de sucos exóticos das mesas contra a parede. A conversa parou de fluir, Mor e Viviane sentando-se ao lado uma da outra para recuperar o atraso no que parecia ser cinquenta anos de fofocas.

Viviane não tinha estado Sob a Montanha. Como sua amiga de infância, Kallias tinha sido protetor com ela ao longo dos anos - tinha colocado a mulher afiada em serviço de fronteira por décadas para evitar a conspiração de sua corte. Ele também não a deixou perto de Amarantha. Não permitiu que alguém notasse o que sentia por sua amiga de cabelos brancos, que não tinha a menor idéia - nem uma só - de que a tinha amado durante toda a vida. Naqueles últimos momentos, quando seu poder tinha sido arrancado dele por aquele feitiço... Kallias tinha jogado para fora os remanescentes para a advertir. Para dizer a Viviane que a amava. E então ele implorou a ela para proteger seu povo.

Então ela tinha.

Como Mor e meus amigos tinham protegido Velaris, Viviane tinha velado e guardado a pequena cidade sob sua asa, oferecendo porto seguro para aqueles que queriam.

Nunca esquecendo o GrãoSenhor e amigo preso sob a montanha, nunca cessando sua caça para encontrar uma maneira de libertá-lo. Especialmente enquanto Amarantha desencadeou seus horrores em sua corte para quebrá-los, puni-los. Contudo, Viviane os manteve unidos. E durante aquele reinado de terror - durante todos aqueles anos - ela percebeu o que Kallias era para ela, o que ela sentia por ele em troca.

No dia em que ele voltou para casa, ele tinha buscado ela.

Ela o beijou antes que ele pudesse falar uma palavra. Em seguida, ajoelhou-se e pediu-lhe para ser sua esposa.

Eles foram uma hora depois a um templo e juraram seus votos. E naquela noite -

durante o seu - você sabe, Viviane sorriu para Mor - o laço de parceria finalmente se encaixou no lugar.

A história ocupava nosso tempo enquanto esperávamos, já que Mor queria detalhes.

Muitos deles. Uns que empurrou os limites do permitido e deixou Thesan sufocando em seu vinho de sabugueiro. Mas Kallias sorriu para sua esposa e parceira, quente e brilhante o suficiente para que, apesar de sua coloração gelada, ele cabia bem como GrãoSenhor da Diurna.

Não o afiado, brutal Helion, que assistiu minha irmã e eu como uma águia. Uma grande, dourada Águia - com garras muito afiadas.

Perguntei-me qual seria a sua forma de besta; Se cresciam asas como Rhysand. E

garras. Se Thesan tivesse, suas asas também seriam brancas como o vigilante Peregryns que se mantinha quieto, o feroz Amante não dizia uma palavra a ninguém. Talvez os Grão - Senhores das cortes solares possuísem asas sob sua pele, um presente dos céus que suas cortes reivindicaram.

Depois de uma hora Thesan anunciou: "Tarquin está aqui."

Minha boca ficou seca. Um desconfortável silêncio se espalhou.

- Ouvi sobre os rubis de sangue. - Helion sorriu para Rhys, brincando com o punho de ouro em seu bíceps. "Essa é uma história que eu quero que você conte."

Rhys acenou com uma mão ociosa. "Tudo a seu tempo." *Alfinetando*, ele me disse com uma piscadela.

Mas então Tarquin terminou o primeiro degrau, Varian e Cresseida o acompanharam. Varian olhou entre nós para alguém que não estava lá – o olhar se tornando furioso quando viu Cassian, sentado à esquerda de Nestha. Cassian apenas lhe deu um sorriso arrogante.

*Eu destruí um edifício*, Cassian tinha dito uma vez sobre sua última visita a Corte Estival, onde ele estava agora proibido. Aparentemente, mesmo ajudando-os na batalha não o tinham esquecido.

Tarquin ignorou Rhysand e eu - ignorou todos nós, as asas de Rhys incluídas - com vagas desculpas pelo atraso, culpando o ataque. Possivelmente verdade. Ou ele estava decidindo até o último minuto se estava viria, apesar da aceitação do convite.

Ele e Helion estavam tão tensos, e só Thesan parecia estar em condições decentes com ele. Neutro de fato. Kallias se tornara ainda mais frio.

Mas as apresentações foram feitas, e então... Um acompanhante sussurrou a Thesan que Beron e todos os seus filhos haviam chegado. O sorriso desapareceu instantaneamente da boca de Mor, dos seus olhos.

O meu próprio também.

A violência queimando meus amigos era suficiente para ferver a piscina em nossos dedos dos pés quando o GrãoSenhor Outonal se registrou através do arco, seus filhos em posição atrás dele, sua esposa - a mãe de Lucien - ao seu lado.

Seus olhos avermelhados examinaram a sala, como se procurasse o filho desaparecido. Em vez disso, pararam em Helion, que lhe deu uma inclinação zombeteira de sua cabeça escura. Ele rapidamente desviou o olhar.

Ela salvou minha vida uma vez – Sob a Montanha. Em troca de ter poupado Lucien.

Será que ela queria saber onde estava seu filho perdido agora? Ela tinha ouvido os rumores do que eu tinha feito, das mentiras que eu tinha girado? Eu não poderia dizer a ela que Lucien atualmente caçava no continente, esquivando de exércitos, por uma rainha encantada. Para encontrar um pedaço de salvação.

Beron - de rosto esbelto e cabelos castanhos - não se incomodou em olhar para qualquer lugar, a não ser para os GrãoSenhores reunidos. Mas seus filhos restantes zombaram de nós. Descarados o suficiente para que os Peregrins eriçassem suas penas.

Até mesmo Varian abriu os dentes, advertindo o olhar que Cresseida obtinha de um deles. Seu pai não se incomodou em adverti-los.

Mas Eris fez.

Um passo atrás de seu pai, Eris murmurou, "Basta", e seus irmãos mais novos entraram em linha. Todos os três.

Se Beron notou ou se importou, ele não mostrou. Não, ele simplesmente parou no meio do quarto, as mãos cruzadas diante dele, e franziu o cenho - como se fôssemos um bando de mestiços.

Beron, o mais velho entre nós. O mais horrível.

Rhys o cumprimentou suavemente, embora seu poder fosse uma montanha escura tremendo sob nós, "Não é nenhuma surpresa que você esteja atrasado, visto que seus próprios filhos foram muito lentos para caçar minha parceira. Suponho que seja de família. "

Os lábios de Beron se curvaram ligeiramente quando ele olhou para mim, minha coroa. – Parceira e Grã-Senhora.

Cortei um olhar furioso para ele. Passando por seus filhos odiosos. Por Eris. Eris apenas sorriu para mim, divertido e distante. Será que ele usaria essa máscara quando ele terminasse a vida de seu pai e roubasse seu trono?

Cassian estava observando o suposto GrãoSenhor como um falcão estudando sua próxima refeição. Eris deu uma olhada ao general illyriano e inclinou sua cabeça em convite, sutilmente acariciando seu estômago. Pronto para a segunda rodada.

Então a atenção de Eris mudou para Mor, varrendo sobre ela com um desdém que me fez ver vermelho. Mor apenas olhava fixamente para ele. Entediada. Até Viviane estava mordendo o lábio. Então ela sabia do que tinha sido feito para Mor - o que a presença de Eris desencadearia.

Inconsciente do encontro que já tinha ocorrido, a aliança profana que fora feita.

Azriel estava tão imóvel que eu não tinha certeza se ele estava respirando. Se Mor notou, se ela sabia que, embora ela tivesse tentado esquecer o acordo que havíamos feito, a culpa dele ainda assombrava Azriel, ela não deixou.

Eles preencheram os assentos finais.

Não, restava uma cadeira vazia à esquerda. O que disse o suficiente sobre os planos de Tamlin.

Eu tentei não afundar na minha cadeira quando os atendentes cuidaram da Corte Outonal, como todos nós fomos.

Thesan, como anfitrião, começou. - "Rhysand, você convocou esta reunião. Nos empurrou para nos reunirmos mais cedo do que acordamos. Agora seria o momento de explicar o que é tão urgente. "

Rhys piscou lentamente. - "Certamente os exércitos invasores que pousam em nossas costas explicam o suficiente. "

- Então você nos chamou para fazer exatamente o quê? - Helion desafiou, apoiando os antebraços em suas musculosas e brilhantes coxas. - "Levantar um exército unificado?"

- Entre outras coisas, - Rhys disse suavemente. "Nós-"

Era quase igual... sua entrada. Quase a mesma da noite na casa velha da minha família, quando a porta se quebrou e uma besta entrou com o frio gelado e rugiu para nós.

Ele não se incomodou com a varanda de desembarque, ou os acompanhantes. Ele não tinha uma comitiva.

Como um raio de relâmpago, vicioso como uma tempestade de primavera, ele atravessou na própria câmara. E meu sangue ficou mais frio do que o gelo de Kallias quando Tamlin apareceu, e sorriu como um lobo.

CHAPTER

Absoluto silêncio. Silêncio absoluto.

Senti o tremor de magia escorregar pelo quarto quando escudo após escudo foi selado em torno de cada GrãoSenhor e suas comitivas. O que Rhysand já tinha estalado ao nosso redor, agora reforçando... A raiva atou em sua essência. Ira e raiva. Mesmo que o rosto do meu parceiro estivesse entediado - preguiçoso.

Eu tentei transmitir pelo meu a cautela fria com que Nestha olhou para ele, ou o vago desagrado em Mor. Eu tentei - e falhei completamente.

Eu conhecia seu humor, seu temperamento.

Aqui estava o GrãoSenhor que tinha rasgado os naga em fitas sangrentas; Aqui estava o GrãoSenhor que empalara Amarantha na espada de Lucien e arrancou a garganta com os dentes.

Tudo isso, brilhando naqueles olhos verdes enquanto eles se fixavam em mim, em Rhys. Os dentes de Tamlin eram brancos como ossos de galinha e sorriam amplamente.

Thesan levantou-se, seu capitão permanecendo sentado a seu lado - embora com uma mão em sua espada. - "Não o esperávamos, Tamlin." Thesan gesticulou com uma mão esguia em direção a seus atendentes encolhidos. "Traga ao GrãoSenhor uma cadeira."

Tamlin não tirou seu olhar de mim. De nós.

Seu sorriso tornou-se subjugado - mas de algum modo mais irritante. Mais cruel.

Ele usava sua túnica verde habitual - nenhuma coroa, nenhum adorno. Nenhum sinal de outro coldrie para substituir o que eu tinha roubado.

- Admitirei, Tamlin, que estou surpreso ao vê-lo aqui. - Tamlin não alterou seu foco de mim. De cada respiração que eu tomei. "Rumores afirmam que sua fidelidade agora está em outro lugar."

O olhar de Tamlin deslocou-se, mas para baixo. Para o anel no meu dedo. À

tatuagem que adorna minha mão direita, que fluía como uma luva brilhante, sob o azul pálido de meu vestido. Então subiu - direito à coroa que eu escolhi para mim.

Eu não sabia o que dizer. O que fazer com meu corpo, minha respiração.

Não mais máscaras, não mais mentiras e decepções. A verdade, agora esparramada aberta e sem truques diante dele.

O que eu tinha feito na minha raiva, as mentiras que eu tinha lhe alimentado. As pessoas e as terras que eu colocara vulneráveis a Hybern. E agora que eu tinha voltado para minha família, meu parceiro...

Minha raiva derretida tinha esfriado em algo afiado e frágil.

Os assistentes puxaram uma cadeira, colocando-a entre um dos filhos de Beron e a comitiva de Helion.

Nenhum dos dois parecia excitados, embora eles não fossem estúpidos o suficiente para recuar fisicamente enquanto Tamlin se sentava.

Ele não disse nada. Nenhuma palavra.

Helion acenou com uma mão cheia de cicatrizes. "Vamos continuar com isso, então."

Thesan limpou a garganta. Ninguém olhou para ele.

Não quando Tamlin examinou a mão que Rhys tinha apoiado no meu joelho cintilante. A aversão nos olhos de Tamlin praticamente fervilhava.

Ninguém, nem mesmo Amarantha, tinha me olhado com tanto ódio.

Não, Amarantha realmente não me conhecia - o seu ódio fora superficial, a história que envenenou tudo. Tamlin... Tamlin me conhecia. E agora odiava cada centímetro do que eu era.

Ele abriu a boca e me preparei.

- Parece que os parabéns estão em ordem.

As palavras eram planas e ainda afiadas como suas garras, atualmente escondidas sob sua pele dourada.

Eu não disse nada Rhys apenas segurou o olhar de Tamlin. Segurou-o com um rosto parecido como gelo, mas ainda assim a fúria se agitava debaixo dela.

Raiva cataclísmica, subindo e contorcendose pelo elo entre nós.

Mas meu parceiro dirigiu-se a Thesan, que tinha recuperado seu assento, mas parecia longe de qualquer tipo de tranquilidade, "Nós podemos discutir o assunto em questão mais tarde. "

Tamlin disse calmamente: - Não pare por minha conta.

A luz dos olhos de Rhysand apagaram, como se uma mão da escuridão limpasse aquelas estrelas. Mas ele reclinou em sua cadeira, retirando a mão do meu joelho para traçar círculos ociosos no braço de madeira do seu assento. "Eu não estou no confortável de discutir nossos planos com os inimigos. "

Helion, através da piscina de reflexão, sorriu como um leão.

- Não, - Tamlin disse com igual facilidade, "você está apenas confortável de fodê-los."

Todo pensamento e som saíam da minha cabeça.

Cassian, Azriel e Mor ainda eram como a morte - a fúria deles ondulando em ondas silenciosas. Mas se



Tamlin notou ou se importou que três das pessoas mais mortíferas nesta sala estavam contemplando sua morte, ele não mostrou.

Rhys deu de ombros, sorrindo fracamente. - Parece uma alternativa muito menos destrutiva à guerra.

- E, no entanto, aqui está você, tendo começá-la em primeiro lugar.

O piscar de Rhysand foi o único sinal de sua confusão.

Uma garra escapou das juntas de Tamlin.

Kallias se esticou, uma mão se inclinando para o braço da cadeira de Viviane - como se ele fosse se jogar na frente dela. Mas Tamlin apenas arrastou essa garra levemente pelo braço esculpido de sua própria cadeira - como ele uma vez os arrastou sob minha pele.

Ele sorriu como se soubesse exatamente que memória ela acionou, mas disse para meu parceiro: "Se você não tivesse roubado minha noiva naquela noite, Rhysand, eu não teria sido forçado a tomar tão drásticas medidas para recuperá-la".

Eu disse calmamente, "O sol estava brilhando quando eu deixei você."

Aqueles olhos verdes deslizaram para mim, vidrados e estranhos. Ele deixou escapar um bufo baixo, depois desviou o olhar.

Rejeitando.

Kallias perguntou: "Por que você está aqui, Tamlin?"

A garra de Tamlin cavou na madeira, perfurando profundamente mesmo que sua voz permanecesse suave. Eu não tinha dúvida de que o gesto era para mim, também. "Eu troquei o acesso a minhas terras para recuperar a mulher que eu amo de um sádico que joga com mentes como se fossem brinquedos. Eu queria lutar contra Hybern - para encontrar uma maneira de contornar o negócio que fiz com o rei, uma vez que ela estava de volta. Mas Rhysand e sua cabala a haviam transformado em um deles. E ela se deliciou em abrir meu território para Hybern invadir. Tudo por um rancor mesquinho - ou seu próprio ou de seu... mestre.

- Você não conseguiu reescrever a narrativa, - eu respirei. "Você não pode girar isso a seu favor."

Tamlin inclinou a cabeça apenas para Rhys. "Quando você a fode, você já reparou no barulho que ela faz pouco antes de chegar ao clímax?"

O calor manchou minhas bochechas. Esta não era uma batalha em absoluto, mas um reparo constante e cuidadoso da minha dignidade, da minha credibilidade. Beron sorriu, encantado - enquanto Eris monitorava cuidadosamente.

Rhys virou a cabeça, olhando-me da cabeça aos pés. Então de volta para Tamlin.

Uma tempestade prestes a ser desencadeada.

Mas foi Azriel quem disse, sua voz como morte fria, "Cuidado como você fala sobre minha Grã-Senhora."

Surpresa brilhou nos olhos de Tamlin - então desapareceu. Desaparecida, engolida pela fúria pura quando ele percebeu que a tatuagem que estava cobrindo minha mão era para isso. "Não foi suficiente se sentar ao meu lado, não é?" Um sorriso de ódio curvou seus lábios. "Você me perguntou uma vez se você seria minha Grã-Senhora, e quando eu disse não..." Uma risada baixa.

- Talvez eu tenha subestimado você. Por que servir na minha corte, quando você poderia governar em sua?

Tamlin finalmente enfrentou os outros Grãosenhores reunidos e seus séquitos.

"Eles pedalam histórias sobre defender nossa terra e paz. E, no entanto, ela veio às minhas terras e as colocou nuas para Hybern. Ela tomou minha GrãSacerdotisa e entortou sua mente - depois que ela quebrou seus ossos por despeito. E se você está se perguntando o que aconteceu com aquela menina humana que foi Sob a Montanha para nos salvar... Olhe para o homem sentado ao lado dela. Pergunte o que ele está ganhando - o que eles estão a ganhar com esta guerra, ou a falta dela. Será que nós lutaremos contra Hybern, só para nos deparar com uma Rainha e um Rei de Prythian? Ela provou sua ambição - e vocês viram como ele estava mais do que feliz em servir Amarantha para permanecer ileso. "

Foi um esforço para não grunhir, não agarrar os braços da minha cadeira e rugir para ele.

Rhys soltou uma risada escura. - Bem jogado, Tamlin. Você está aprendendo.

Ira contorceu o rosto de Tamlin ante a condescendência. Mas ele enfrentou Kallias.

"Você perguntou por que eu estou aqui? Eu poderia perguntar o mesmo de você." Ele empurrou o queixo para o GrãoSenhor Invernal, para Viviane - e os poucos outros membros de seu séquito que tinham permanecido em silêncio. - "Você quer me dizer que depois de Sob da Montanha, você tem estômago para trabalhar com ele? " Um dedo jogado na direção de Rhysand.

Eu queria arrancar aquele dedo da mão de Tamlin. E alimentá-lo para o verme de Middengard.

O brilho prateado sobre Kallias se apagou.

Mesmo Viviane parecia escurecer. "Viemos aqui para decidir isso por nós mesmos."

Mor olhava para a amiga em silêncio. Viviane, pela primeira vez desde que chegou, não olhou para ela. Só para seu parceiro.

Rhys disse suavemente para eles, para todos: - Eu não tinha nenhum envolvimento nisso. Nenhum.

Os olhos de Kallias brilharam como chama azul. "Você ficou ao lado de seu trono enquanto a ordem foi dada."

Eu assisti, torcendo o estômago, enquanto a pele dourada de Rhys empalideceu. -

Tentei parar com isso.

- Diga isso aos pais das duas dúzias de rapazes que ela massacrou - disse Kallias. -

"Que você tentou. "

Eu esqueci. Esqueci aquele pedaço da história desprezível de Amarantha. Tinha acontecido enquanto eu ainda estava na Corte Primavera - um relatório que um dos contatos de Lucien na Corte Invernal conseguiu contrabandear. De duas dúzias de crianças mortas pela "praga". Por Amarantha.

Rhys apertou a boca. "Não há um dia que passe que não me lembre", disse ele para Kallias, para Viviane. Aos seus companheiros. - "Nem um dia. "

Eu não sabia.

Ele me disse uma vez, todos aqueles meses atrás, que havia lembranças que ele não conseguia dividir comigo. Eu tinha assumido que era apenas em relação ao que Amarantha tinha feito com ele. Não...

O que ele poderia ter sido forçado a testemunhar, também. Forçado a suportar, amarrado e preso. E de pé, amarrado a Amarantha, enquanto ela ordenava o assassinato dessas crianças -

- Recordar - disse Kallias - não os traz de volta, não é?

- Não - disse Rhys claramente. - Não, não. E agora estou lutando para ter certeza de que isso nunca mais aconteça.

Viviane olhou para o marido e Rhys. "Eu não estava presente sob a montanha. Mas não eu ouvi, GrãoSenhor, como você tentou-detê-la." A dor apertou seu rosto. Ela também não pode evitá-lo enquanto guardava sua pequena fatia de território.

Rhys não disse nada.

Beron bufou. - Finalmente sem fala, Rhysand?

Coloquei a mão no braço de Rhys. Não tive dúvida de que Tamlin a marcou. E eu não me importei. Eu disse ao meu parceiro, não incomodando-me a manter a minha voz baixa, "eu acredito em você."

- Diz a mulher - replicou Beron - que deu o nome de uma menina inocente em seu lugar – para o açougueiro de Amarantha também.

Eu bloqueei as palavras, a memória de Clare.

Rhys engoliu em seco. Eu apertei meu aperto em seu braço.

Sua voz era áspera quando disse a Kallias: "Quando seu povo se rebelou..." Eles lembraram. A Invernal tinha se rebelado contra Amarantha. "As crianças... essa tinha sido a resposta de Amarantha. A punição pela desobediência. Ela estava furiosa. Ela queria você morto, Kallias. "

O rosto de Viviane se esvaziou de cor.

Rhys prosseguiu: - "Eu... a convenci de que isso não serviria para nada. "

- "Quem sabia", pensou Beron, "que um galo poderia ser tão persuasivo?"

- "Pai." A voz de Eris estava baixa com advertência.

Cassian, Azriel, Mor e eu tínhamos fixado nossos olhares em Beron. E nenhum de nós estava sorrindo.

Talvez Eris fosse o GrãoSenhor mais cedo do que ele planejava.

Mas Rhys disse para Kallias, "Ela recuou da idéia de matar você. Seus rebeldes estavam mortos – eu tinha a convencido de que era o suficiente. Pensei que fosse o fim -

" - Sua respiração se acelerou ligeiramente. "Só descobri quando você o fez. Eu acho que ela viu minha defesa de você como um sinal de alerta - ela não me contou nada disso. E

ela me manteve... confinado. Eu tentei invadir a mente dos soldados que ela enviou, mas seu amortecedor no meu poder era muito forte para mantê-los - e já estava feito. Ela...

enviou uma daemati com eles. Pára... " Ele hesitou. "As mentes das crianças - elas haviam sido destruídas. " Rhys engoliu em seco. "Eu acho que ela queria que você suspeitasse de mim. Para nos impedir de aliar-nos contra ela. "

O que ele deve ter testemunhado na mente desses soldados ...

- Onde ela confinou você? - A pergunta veio de Viviane, seus braços envoltos em torno de si.

Eu não estava inteiramente pronto para isso quando Rhys disse, "Seu quarto."

Meus amigos não esconderam sua raiva, seu pesar pelos detalhes que mantiveram até mesmo deles.

- Histórias e palavras - disse Tamlin, descansando na cadeira. - Há alguma prova?

- Prova - Cassian rosnou, meio se levantando em seu assento, asas começando a abrir.

- Não, - Rhys interrompeu enquanto Mor bloqueava Cassian com um braço, forçando-o a sentar-se. Rhys acrescentou a Kallias: - "Mas eu juro, pela da vida de minha parceira. " Sua mão finalmente descansou sobre a minha.

Pela primeira vez desde que eu o conhecia, a pele de Rhys estava úmida.

Tateei o laço, mesmo quando Rhys olhava para Kallias. Eu não tinha palavras. Só eu, só a minha alma, enquanto eu me encolhia contra seus escudos altos de escuridão inflexível.

Ele sabia o que esperar ao vir aqui, apresentando-nos como estávamos, custaria a ele. O que ele poderia ter que revelar além das asas que amava tão carinhosamente.

Tamlin revirou os olhos. Levou cada pedaço de restrição para me impedir de me lançar para ele - de rasgar os olhos.

Mas o que Kallias leu no rosto de Rhys, suas palavras... Ele fixou Tamlin com um olhar duro enquanto

perguntava novamente: "Por que você está aqui, Tamlin?"

Um músculo tremeluziu na mandíbula de Tamlin. "Estou aqui para ajudá-lo a lutar contra Hybern."

- Merda, - Cassian murmurou.

Tamlin olhou para ele. Cassian, dobrando suas asas em ordenadamente quando ele se recostou em sua cadeira mais uma vez, apenas oferecendo um sorriso torto em troca.

- "Você vai nos perdoar," Thesan interrompeu graciosamente, "se estamos duvidosos. E hesitantes em compartilhar qualquer plano. "

- Mesmo quando tenho informações sobre os movimentos de Hybern?

Silêncio. Tarquin, do outro lado da piscina, observava e ouvia, ou porque ele era o mais novo deles, ou talvez soubesse de alguma vantagem em nos permitir lutar por nós mesmos.

Tamlin sorriu para mim. "Por que você acha que eu os convidei para a casa? Em minhas terras? "Ele soltou um grunhido baixo, e senti Rhys ficar tenso quando Tamlin me disse: "Uma vez eu disse que lutaria contra a tirania, contra esse tipo de mal. Você achou que era suficiente para me desviar disso? " Seus dentes brilhavam como ossos.

"Isto foi tão fácil para você, me chamar de monstro, apesar de tudo que eu fiz por você, por sua família."

Nestha, que franzia o cenho com desgosto. "No entanto, você testemunhou tudo o que ele fez Sob a Montanha, e ainda estendeu suas pernas para ele. Encaixe, eu suponho.

Ele perseguiu Amarantha por décadas. Por que não deveria ser sua puta em troca?

- "Cuidado com a boca," Mor estalou. Eu estava tendo dificuldade em engolir -

respirar.

Tamlin a ignorou completamente e acenou com a mão para as asas de Rhysand. "Eu às vezes esqueço - o que você é. As máscaras já foram tiradas, ou isso é mais um estratagema?

- Você está começando a ficar tedioso, Tamlin - disse Helion, apoiando a cabeça em uma mão. "Cuspa em seus amantes em outro lugar e deixe o resto de nós discutir guerra."

- Você ficaria muito feliz com a guerra, considerando o quão bem você fez na última.

- Ninguém diz que a guerra não pode ser lucrativa - respondeu Helion. O lábio de Tamlin enrolou-se em um grunhido silencioso que me fez pensar se ele teria ido a Helion para romper meu negócio com Rhys - se Helion tinha recusado.

- Chega - disse Kallias. "Temos nossas opiniões sobre como o conflito com Hybern deve ser tratado."

Aqueles olhos glaciais endureceram quando ele voltou a observar Tamlin. - Você está aqui como aliado de Hybern ou Prythian?

O brilho zombador e odioso desapareceu com resolução de granito. "Eu estou contra Hybern."

- "Prove-o", Helion incitou.

Tamlin ergueu a mão e uma pilha de papéis apareceu na mesa ao lado da cadeira.

"Gráficos de exércitos, munições, depósitos de faebane... Tudo cuidadosamente colhido nestes meses."

Tudo isso dirigido a mim, quando eu me recusava tanto a abaixar meu queixo.

Minhas costas doíam de mantê-lo tão reto, uma pontada de dor flanqueando cada lado da minha coluna.

- Nobre como parece, - continuou Helion, "quem pode dizer que a informação está correta - ou que você não é um agente de Hybern, tentando nos enganar?"

- Quem pode dizer que Rhysand e seus amigos não são agentes de Hybern, tudo isso um artil para fazer vocês cederem sem perceber?

Nestha murmurou: "Você não pode estar falando sério." Mor deu a minha irmã um olhar como se dissesse que ele certamente estava.

- Se precisamos nos aliar contra Hybern - disse Thesan -, você está fazendo um bom trabalho para nos convencer de não nos unirmos, Tamlin.

- Estou simplesmente avisando que eles podem apresentar a aparência de honestidade e amizade, mas o fato é que ele aqueceu a cama de Amarantha por cinquenta anos, e só trabalhou contra ela quando parecia que a maré estava virando. Estou avisando que, embora ele alegue que sua própria cidade foi atacada por Hybern, eles saíram notavelmente bem - como se estivessem antecipando isso. Não pense que ele não iria sacrificar alguns edifícios e feéricos menores para atraí-los em uma aliança, em pensar que vocês tem um inimigo comum. Por que é que só a Corte Noturna soube sobre o ataque a Adriata - e foram os únicos a chegar a tempo de desempenhar o papel de salvador?

- Receberam notícias - interrompeu Varian friamente -, porque eu os avisei.

Tarquin virou a cabeça para o primo, as sobrancelhas franzidas de surpresa.

- Talvez você também esteja trabalhando com eles - disse Tamlin ao príncipe de Adriata. "Você é o próximo na fila, depois de tudo."

- Você está louco, - eu respirei para Tamlin enquanto Varian mostrava os dentes.

"Você ouve o que está dizendo?" Eu apontei para Nestha. "Hybern transformou minhas irmãs em Feéricas - depois que sua cadela de sacerdotisa as vendeu!"

- Talvez a mente de Ianthe já estivesse na escravidão de Rhysand. E que tragédia ser jovem e bonita. Você é uma boa atriz, tenho certeza de que o traço funciona na família.

Nestha soltou uma gargalhada. "Se você quer alguém para culpar por tudo isso," ela disse a Tamlin, "talvez você deva primeiro olhar no espelho."

Tamlin rosnou para ela.

Cassian rosnou de volta, "Olhe."

Tamlin olhou para minha irmã e para Cassian - seu olhar persistia nas asas de Cassian, escondidas atrás dele. Bufou. - Parece que outras preferências são da família Archeron também.

Meu poder começou a rugir – uma onda se levantando, bocejando acordada.

- O que você quer? - Eu assobieei. "Uma desculpa? Para eu rastejar para trás em sua cama e jogar a esposa pequena agradável? "

- Por que eu deveria querer bens estragados retornados para mim? - Minhas bochechas aqueceram. Tamlin rosnou, "No momento em que você o deixou a foder como uma ..."

Por uma batida de coração, as palavras envenenadas estavam vomitando de sua boca - onde os dentes se alongaram.

Então pararam.

A boca de Tamlin simplesmente parou de emitir sons. Ele fechou a boca, abriu-a -

tentou novamente. Nenhum som, nem mesmo um rosnado, saiu.

Não havia nenhum sorriso no rosto de Rhysand, nem um brilho dessa diversão irreverente enquanto descansava sua cabeça contra o encosto de sua cadeira. - "O olhar dos peixinhos é bom para você, Tamlin. "

Os outros, que estavam observando com desdém, diversão e tédio, agora se voltaram para meu parceiro. Agora possuíam uma sombra de medo em seus olhos quando perceberam quem e o que, exatamente, estava sentado entre eles.

Irmãos, e ainda não. Tamlin era um GrãoSenhor, tão poderoso quanto qualquer um deles. Exceto para o que estava ao meu lado. Rhys era tão diferente deles quanto os humanos eram para os Feéricos.

Esqueceram-se, às vezes, do quão profundo era esse poço de poder. Que tipo de poder Rhys tinha. Mas quando Rhysand arrancou a habilidade de Tamlin de falar, eles se lembraram.

CHAPTER

Só os meus amigos não pareciam surpresos.

Os olhos de Tamlin eram uma chama verde, luz dourada tremulando ao redor dele quando sua magia procurou sair livre do controle de Rhysand. Como ele tentou e tentou falar.

- Se você quer provas de que não estamos tramando com Hybern - Rhysand disse suavemente a todos – considere o fato de que me custaria menos tempo cortar em suas mentes e fazerem vocês aceitarem a minha licitação.

Apenas Beron era estúpido o suficiente para zombar. Eris estava apenas inclinando seu corpo em sua cadeira - bloqueando o caminho para sua mãe.

- Mas aqui estou - Rhysand prosseguiu, sem se dignar a dar a Beron um olhar de reconhecimento. "Aqui nós todos estamos."

Absoluto silêncio.

Então Tarquin, calado e atento, limpou a garganta.

Eu esperei por ele - pelo golpe que certamente nos mataria. Nós éramos ladrões que o haviam enganado, nós tínhamos ido para sua casa em paz e roubado dele, tínhamos rasgado em suas mentes para garantir o nosso sucesso.

Mas Tarquin me disse, disse a Rhysand, "Apesar da advertência não autorizada de Varian..." Um olhar para seu primo, que não parecia arrependido, "Vocês foram os únicos que vieram ajudar. Os únicos. E, no entanto, você não pediu nada em troca. Por quê?"

A voz de Rhys estava um pouco rouca quando ele perguntou: "Não é isso que os amigos fazem?"

Uma sutil, calma oferta.

Tarquin a recebeu. Então eu. E os outros. "Eu rescindi os rubis de sangue. Não há dívidas entre nós."

- Não espere que Amren devolva a sua - murmurou Cassian. "Ela está ficando ligada a ele."

Eu poderia ter jurado um sorriso surgindo na boca de Varian.

Mas Rhys enfrentou Tamlin, cuja boca permaneceu fechada. Seus olhos ainda lívidos. E meu parceiro disse a ele, "eu acredito em você. Que você vai lutar por Prythian."

Kallias não parecia tão convencido. Nem Helion.

Rhys afrouxou sua mão na voz de Tamlin. Eu só sabia porque um pequeno rosnado escorregou dele. Mas Tamlin não fez nenhum movimento para atacar, nem mesmo falar.

- A guerra está sobre nós - Rhysand declarou. "Não tenho interesse em desperdiçar energia discutindo



entre nós."

O melhor homem. Sua contenção, sua escolha de palavras... Tudo isso um retrato cuidadoso da razão e poder. Mas Rhysand... eu sabia que ele queria dizer o que ele disse.

Mesmo que Tamlin tivesse sido da morte de sua própria família, mesmo se ele tivesse desempenhado seu papel em Hybern... para nossa casa, para Prythian, ele a deixaria de lado. UM sacrifício que não prejudicaria ninguém além de sua própria alma.

Mas Beron disse: "Você pode estar inclinado a acreditar nele, Rhysand, mas como alguém que compartilha uma fronteira com sua corte, eu não estou tão facilmente acreditando." Um olhar irônico. - "Talvez meu filho errante possa esclarecer. Solicito, onde ele está? "

Até mesmo Tamlin olhou para nós - para mim.

- "Ajudando a proteger nossa cidade" - foi tudo que eu disse. Não é uma mentira, não inteiramente.

Eris bufou e examinou Nestha, que olhou para ele com aço em seu rosto. - "Lamento que não tenha trazido a outra irmã. Ouvi dizer que a parceira do nosso irmãozinho é uma beleza. "

Se sabiam que Elain era a parceira de Lucien... Agora era outra via, eu percebi com muito horror. Outra maneira de atacar o irmão mais novo que eles odiavam tão ferozmente, tão irracionalmente. O negócio de Eris conosco não incluía a proteção de Lucien. Minha boca ficou seca.

Mas Mor respondeu suavemente: - Você ainda gosta de se ouvir falar, Eris. É bom saber que algumas coisas não mudam ao longo dos séculos.

A boca de Eris se curvou em um sorriso às palavras, o jogo cuidadoso de fingir que não tinham se visto em anos. - É bom saber que, depois de quinhentos anos, você ainda se veste como uma puta.

Um momento, Azriel estava sentado.

No próximo, ele explodiu através do escudo de Eris como um raio de luz azul e atacou-o para trás, a madeira quebrando sob eles.

- "Merda", Cassian cuspiu, e foi instantaneamente lá, só para encontrar uma barreira azul.

Azriel os tinha selado e, quando suas mãos cicatrizadas envolveram a garganta de Eris, Rhys disse: - Chega.

Azriel apertou mais, Eris se debatendo embaixo dele. Nenhuma briga física - havia uma regra contra isso, mas Azriel, com o poder que aquelas sombras lhe davam...

- Chega, Azriel - ordenou Rhys. Talvez aquelas sombras que agora deslizavam e rodopiavam em sua volta, o escondiam da ira da magia vinculativa. Os outros não fizeram qualquer movimento para interferir, como se estivessem se perguntando o mesmo.

Azriel cavou seu joelho - e todo seu peso - no intestino de Eris. Ele ficou em silêncio, completamente silencioso enquanto arrancava o ar do corpo de Eris. As chamas de Beron golpearam o escudo azul, uma

e outra vez, mas o fogo escorregou fora como se caísse em água. Todos os que avançaram foram rasgados em pedaços pelas sombras.

- Chame seu bastardo crescido - ordenou Beron a Rhys.

Rhys estava gostando, negociando com Eris ou não - poderia ter terminado há alguns segundos. Ele me deu um olhar como se quisesse dizer: faz as honrras?

Levantei-me com joelhos surpreendentemente firmes.

Senti todos eles tensos, o olhar de Tamlin como uma marca enquanto eu andava em direção ao espião, meu vestido cintilante sibilando ao longo do chão atrás de mim.

Quando coloquei uma mão tatuada na curva dura e quase invisível do escudo e disse: -

Venha, Azriel.

Azriel parou.

Eris ofegou por ar quando as mãos cicatrizadas o soltaram. Enquanto Azriel virou o rosto para mim... A raiva congelada ali me enraizou até no local. Mas debaixo dela, eu quase podia ver as imagens que o assombravam: a mão que Mor tinha tido arrancada, seu rosto choroso e perturbado quando ela gritara com Rhys.

E agora, atrás de nós, Mor estava tremendo em sua cadeira. Pálida e tremendo.

Só ofereci minha mão a Azriel. "Venha se sentar ao meu lado."

Nestha já havia movido seu assento, e uma cadeira extra apareceu ao lado da minha.

Eu não deixei minha mão tremer enquanto eu a mantive estendida. E esperei.

Os olhos de Azriel deslizaram para Eris, o filho do GrãoSenhor arquejando debaixo dele. E se inclinou para sussurrar alguma coisa em seu ouvido que fez Eris ficar mais branco.

Mas o escudo caiu. As sombras se iluminaram com luz do sol.

Beron golpeou - apenas para que seu fogo rebatesse em minha própria barreira.

Levantei o olhar para o GrãoSenhor da Outonal. "Isso são duas vezes agora que nós poupamos seus traseiros. Acho que você ficaria doente com a humilhação. "

Helion riu. Mas minha atenção voltou para Azriel, que pegou minha mão ainda oferecida e levantou-se. As cicatrizes eram ásperas contra meus dedos, mas sua pele estava como gelo. Gelo puro.

Mor abriu a boca para dizer algo a Azriel, mas Cassian pôs uma mão sobre seu joelho nu e sacudiu a cabeça. Levei o encantador de sombras para a cadeira vazia ao lado da minha - então fui até a mesa para servir um copo de vinho.

Ninguém falou até que eu ofereci a ele e me sentei.

- "Eles são minha família", eu disse às sobranceiras arqueadas que recebi por minha atitude. Tamlin apenas balançou a cabeça em desgosto e finalmente deslizou aquela garra de volta em sua mão. Mas eu encontrei o olhar fumegante de Eris, minha voz tão fria quanto o rosto de Azriel quando eu disse, "Eu não me importo se nós somos aliados nesta guerra. Se você insultar minha amiga de novo, eu não vou impedi-lo da próxima vez. "

Só Eris sabia até que ponto essa aliança ia - informações que poderiam condenar essa reunião se qualquer um dos lados a revelasse. Informações que o poderiam arrancar da terra por seu pai.

Mor olhava fixamente para Azriel, que se recusava a olhar para ela, que se recusou a fazer qualquer coisa, mas deu a Eris aquele olhar de morte.

Eris, sabiamente, desviou os olhos. E disse: "Desculpe, Morrigan."

Seu pai realmente ficou boquiaberto com as palavras. Mas algo parecido como aprovação brilhou no rosto da Senhora da Corte Outonal quando seu filho mais velho se acomodou mais uma vez.

Thesan esfregou as têmporas. "Isso não augura bem."

Mas Helion sorriu para sua comitiva, cruzando um tornozelo sobre um joelho e mostrando aquelas poderosas e elegantes coxas. "Parece que você me deve dez marcas de ouro."

Parecia que não éramos os únicos que colocaram apostas. Mesmo que nem um dos companheiros de Helion respondesse ao seu sorriso zombeteiro com um dos seus.

Helion acenou com a mão, e as pilhas de papéis que Tamlin tinha compilado se aproximaram dele em um vento fantasma. Com um estalar de seus dedos - com várias cicatrizes - outras pilhas apareceram ante cada cadeira na sala. Incluindo a minha própria.

"Réplicas," ele disse sem olhar para cima enquanto folheava os Documentos.

Um truque útil - para um homem cujo tesouro não era em ouro, mas em conhecimento.

Ninguém fez qualquer movimento para tocar os papéis diante de nós.

Helion estalou a língua. - Se tudo isso for verdade – anunciou, Tamlin rosnando com o tom arrogante -, "então eu sugiro duas coisas: primeiro, destruir os estoques de Hybern de faebane. Não vamos durar muito se eles a usarem em tantas armas versáteis.

Vale a pena correr o risco de destruí-las. "

Kallias arqueou uma sobranceira. "Como você sugere que façamos isso?"

- Vamos cuidar disso - Tarquin ofereceu. Varian assentiu. - Devemos a eles por Adriata.

Thesan disse: "Não há necessidade."

Todos nós piscamos para ele. Mesmo Tamlin. O GrãoSenhor da Diurna apenas dobrou as mãos em seu colo. - "Um mestre mineiro espera há várias horas. Gostaria que ela se juntasse a nós agora."

Antes que alguém pudesse responder, uma fêmea Grção-Feérica apareceu na borda do círculo. Ela se curvou tão rapidamente que eu mal vislumbrei mais do que sua pele marrom claro e cabelos pretos longos e sedosos. Ela usava roupas semelhantes às de Thesan, e ainda - suas mangas tinham sido enroladas até os antebraços, a túnica desabotoada em seu peito. E sua mão - Imaginei quem ela era antes de se levantar. Sua mão direita era de ouro sólido e mecânico. Da mesma maneira como Lucien fazia. Clicou e zumbiu em silêncio, atraindo os olhos de todos os imortais na sala quando encarou o seu GrãoSenhor. Thesan sorriu com uma recepção calorosa.

Mas seu rosto... Eu me perguntava se Amren teria modelado suas próprias características depois ver uma linhagem semelhante quando ela se amarrou no corpo feérico: o queixo afiado, as bochechas redondas e os deslumbrantes olhos levantados.

Mas onde Amren era essa prata profana, esta fêmea era escura como onyx. E ciente -

totalmente ciente de nossos espantos sobre sua mão, sua chegada - ela disse a Thesan, "Meu Senhor."

Thesan gesticulou para a fêmea de pé diante do grupo reunido. - Nuan é um dos meus mais hábeis artesãos.

Rhys se recostou no banco, com as sobrancelhas erguidas, reconhecendo o nome, e empurrou o queixo para Beron, para Eris. "Vocês podem conhecê-la como a pessoa responsável por conceder ao seu... filho errante, como você o chamou, a habilidade de usar seu olho esquerdo depois que Amarantha o removeu."

Nuan acenou com a cabeça uma vez em confirmação, seus lábios apertando em uma linha fina quando ela tomou na família de Lucien. Ela não se virou na direção de Tamlin - e certamente não se incomodou em reconhecê-lo, independentemente do passado que os unisse, seu amigo em comum.

- E o que isso tem a ver com o faebane? - perguntou Helion. O amante de Thesan se chocou com o tom do GrãoSenhor da Diurna, mas um olhar de Thesan fez o homem relaxar.

Nuan se virou, seu cabelo escuro escorregou por cima de um ombro enquanto estudava Helion. E não parecia impressionada. "Porque eu encontrei uma solução para ele."

Thesan acenou com a mão. "Nós ouvimos rumores de faebane sendo usada nesta guerra - usada no ataque em sua cidade, Rhysand. Pensamos em examinar a questão antes que ela se tornasse uma fraqueza mortal para todos nós." Ele acenou para Nuan. "Além de seu incomparável hobby, ela é uma alquimista qualificada."

Nuan cruzou os braços, o sol brilhando sob sua mão de metal. "Graças a amostras obtidas após o ataque em Velaris, eu fui capaz de criar um... antídoto, algo parecido."

- Como você conseguiu essas amostras? - Cassian exigiu.

Um rubor rastejou sobre as bochechas de Nuan. "Eu... ouvi os rumores e assumi que Lucien Vanserra estaria morando lá depois... do que aconteceu." Ela ainda não olhou para Tamlin, que permaneceu calado e meditativo.

- Consegui entrar em contato com ele alguns dias atrás - pedi que ele enviasse amostras. Ele fez... e não lhe disse, - ela acrescentou rapidamente a Rhysand, "porque ele não queria aumentar suas esperanças. Não até encontrar uma solução. "

Não era de admirar que ele estivesse tão ansioso para ir sozinho para Velaris naquele dia que tinha ido nos ajudar a pesquisar. Eu dei uma olhada em Rhys. *Parece que Lucien ainda pode jogar de raposa.*

Rhys não olhou para mim, embora seus lábios se contraíram quando ele respondeu, *De fato.*

Nuan prosseguiu: - A Mãe nos forneceu tudo o que precisamos nesta terra. Então, foi uma questão de encontrar o que, exatamente, ela nos deu em Príthian para combater um material de Hybern capaz de aniquilar nossos poderes.

Helion se moveu com impaciência, aquele tecido branco reluzente deslizando sobre seu peito musculoso.

Thesan leu que a impaciência, também e disse: "Nuan foi capaz de criar rapidamente um pó para nós ingerirmos na bebida, comida, como quisermos. Ele concede imunidade ao faebane. Já tenho trabalhadores em três de minhas cidades fabricando o máximo possível para entregar aos nossos exércitos unificados."

Mesmo Rhys parecia impressionado com o furtivo, o desvelamento. *Estou surpresa que você não tenha uma grande revelação de sua própria autoria hoje*, eu brinquei pelo vínculo.

*Cruel, linda Senhora*, ele ronronou, com os olhos brilhando.

Tarquin perguntou: - "Mas e os objetos físicos feitos de faebane? Eles possuíam manoplas na batalha para esmagar escudos. " - Ele empurrou seu queixo para Rhys. - "E

quando eles atacaram sua própria cidade. "

- Contra isso - disse Nuan - "você só tem a sua inteligência para protegê-lo. " Ela não quebrou o olhar de Tarquin, e ele se endireitou, como se estivesse surpreso. "O

composto que eu fiz só irá proteger você - seus poderes - de se tornar vazio pelo faebane.

Talvez se você for perfurado com uma arma banhada por faebane, ter o composto em seu sistema negará seu impacto."

Silencio caiu.

Beron disse: "E nós devemos confiar em você" - um olhar para Thesan, depois para Nuan - "com esta... substância que devemos cegamente ingerir."

- Você prefere enfrentar Hybern sem nenhum poder? - Thesan exigiu. - "Meus mestres alquimistas e artesões não são tolos. "

- Não - disse Beron, franzindo o cenho -, "mas de onde ela veio? Quem é você? "

O último trecho dirigido a Nuan.

- Eu sou a filha de dois Grão-Feéricos de Xian, que se mudaram para dar aos filhos uma vida melhor, se é isso que você está exigindo saber, - Nuan respondeu com firmeza.

Helion perguntou a Beron: - O que isso tem a ver com alguma coisa?

Beron encolheu os ombros. - "Se a família dela for de Xian - que eu vou fazer você se lembrar de ter lutado pelos Leais - então, de quem são os interesses?"

Os olhos âmbar de Helion brilharam.

Thesan cortou bruscamente, "Vou fazer você se lembrar, Beron, que minha própria mãe veio de Xian. E uma grande maioria da minha corte também. Cuidado com o que você diz. "

Antes que Beron pudesse assobiar uma retorta, Nuan disse ao GrãoSenhor da Outonal, seu queixo alto, "eu sou uma filho de Prythian. Eu nasci aqui, nesta terra, assim como seus filhos. "

O rosto de Beron escureceu. - Cuidado com o tom, garota.

- Ela não precisa ter cuidado com nada. - Eu cortei. "Não quando você atira esse tipo de golpe para ela." Eu olhei para o alquimista. - "Tomarei seu antídoto. "

Beron revirou os olhos. Mas Eris disse: "Pai".

Beron levantou uma sobrancelha. "Você tem algo a acrescentar?"

Eris não se encolheu, mas pareceu escolher suas palavras muito, muito cuidadosamente. "Eu vi os efeitos do faebane." Ele balançou a cabeça para mim. "Isso realmente nos torna incapazes de explorar nosso poder. Se é usada contra nós na guerra ou além dela...

- Se for, vamos enfrentá-lo. Não vou arriscar meu pessoal ou família a testar uma teoria.

- Não é uma teoria, - disse Nuan, com a mão mecânica clicando e zumbindo quando enrolou-se em um punho. "Eu não estaria aqui se não tivesse sido provada sem dúvida."

Uma mulher de orgulho e trabalho duro.

Eris disse: "Eu vou usá-lo."

Foi o mais... decente que eu já ouvi dele. Até mesmo Mor piscou.

Beron estudou seu filho com um escrutínio que fez uma parte pequena e minúscula de mim se perguntar se Eris poderia ter crescido para ser um bom macho se ele tivesse um pai diferente. Se ainda se escondia ali, por séculos de veneno.

Porque Eris... Como foi para ele, Sob a Montanha? Que jogos ele tinha jogado - o que ele tinha sofrido? Preso por quarenta e nove anos. Eu duvidava que ele arriscaria que tal coisa acontecesse novamente. Até se o colocasse em oposição a seu pai - ou talvez por causa disso.

Beron apenas disse: "Não, você não vai. Embora eu tenha certeza de que seus irmãos vão se arrepender de ouvir isso." Na verdade, os outros pareciam bastante decepcionados que sua primeira barreira ao trono não estava prestes a arriscar sua vida ao testar a solução de Nuan.

Rhys disse simplesmente: - Então não a pegue. Eu vou. Minha corte inteira, assim como os meus exércitos." Ele deu um aceno agradecido a Nuan.

Thesan fez o mesmo - em agradecimento e despedida - a mestre de carpintaria curvou-se mais uma vez e saiu.

- Pelo menos você tem exércitos para dar, - Tamlin disse suavemente, quebrando seu silêncio irritante. Um sorriso para mim. "Embora talvez isso fosse parte do plano.

Desativar minha força enquanto a sua própria crescia. Ou foi apenas para ver o meu povo sofrer? "

Uma dor de cabeça estava começando a bater na minha têmpora direita.

Essas garras cutucaram seus nós dos dedos novamente. "Certamente você sabia que quando você voltasse minhas forças contra mim, deixaria meu povo indefeso contra Hybern."

Eu não disse nada. Mesmo quando eu bloqueava as imagens da minha mente.

- Você preparou a minha Corte para cair - disse Tamlin com um silêncio venenoso.

- E foi assim. Aqueles vilarejos que você queria tanto ajudar a reconstruir? Agora não são mais que cinzas.

Ela também exclui isso. Ele disse que eles permaneceriam intocados, que Hybern tinha prometido - "E enquanto vocês estão fazendo antídotos e se lançando como salvadores, eu tenho reconstruído minhas forças - recuperando sua confiança, seus números. Tentando reunir meu povo no Oriente, onde Hybern ainda não marchou."

Nestha disse secamente, "Então você não vai tomar o antídoto."

Tamlin a ignorou, enquanto suas garras afundavam no braço da cadeira. Mas eu acreditei nele - que ele havia movido o maior número possível de seu povo para o lado leste do território. Como ele disse tanto tempo antes de eu voltar para casa.

Thesan limpou a garganta e disse a Helion, "Você disse que tinha duas sugestões com base nas informações que você analisou."

Helion encolheu os ombros, o sol apanhando o fio bordado de ouro de sua túnica.

"Na verdade, parece que Tamlin já está à minha frente. A Corte Primavera deve ser evacuada. Seus olhos âmbar se lançaram entre Tarquin e Beron. - Certamente seus vizinhos do norte os receberão.

O lábio de Beron se curvou. "Nós não temos os recursos para tal coisa."

- Certo - disse Viviane -, porque todo mundo está muito ocupado em polir todas as jóias daquele tesouro.

Beron lançou-lhe um olhar que tinha Kallias tenso - As esposas foram convidadas como cortesia, não como consultoras.

Os olhos de safira de Viviane brilharam como se fossem atingidos por relâmpagos.

"Se esta guerra vai mal, nós estaremos sangrando ao lado de vocês, então eu acho que nós malditamente vamos ter uma palavra a dizer sobre coisas."

- Hybern fará coisas muito piores do que matá-las - disse Beron friamente. - Uma coisa jovem e bonita como você, especialmente.

O rosnado de Kallias ondulou a água na piscina de reflexão, ecoada pelo próprio rosnado de Mor.

Beron sorriu um pouco. "Apenas três de nós estavam presentes na última guerra."

Um aceno para Rhys e Helion, cujos rostos escureceram. "Não se esqueçam facilmente o que Hybern e os Leais fizeram com as mulheres capturadas em seus campos de guerra. O

que eles reservavam para as fêmeas dos GrãoSenhores que lutaram pelos seres humanos ou com as famílias que capturaram." Ele colocou uma mão pesada sobre o braço muito magro de sua esposa. "Suas duas irmãs a compraram tempo para correr quando as forças de Hybern emboscaram suas terras. As duas senhoras não saíram daquele campo de guerra novamente. "

Helion estava observando Beron de perto, seu olhar fervilhava de censura.

A senhora da Corte Outonal manteve seu foco na piscina de reflexão. Qualquer vestígio de cor escorrera de seu rosto. Dagdan e Brannagh atravessaram minha mente -

junto com os cadáveres daqueles humanos. O que eles tinham feito com eles antes e depois que eles tinham morrido.

- Vamos aceitar o seu povo - Tarquin interrompeu calmamente Tamlin.

"Independentemente do seu envolvimento com Hybern... seu povo é inocente. Há muito espaço no meu território. Vamos tomar todos eles, se necessário."

Um aceno de cabeça era o único reconhecimento e gratidão de Tamlin.

Beron disse: - Então as Cortes Sazonais vão se transformar em hotel e albergues, enquanto as Cortes Solares permanecem intocados aqui no Norte?

- Hybern concentrou seus esforços na metade sul, - disse Rhys. "Perto da Muralha - e das terras humanas."

Agora, Nestha e eu trocamos olhares.

Rhys prosseguiu: - Por que se preocupar em percorrer os climas do norte - através de territórios feéricos, quando você poderia reivindicar o Sul e usá-lo para ir diretamente para as terras humanas do continente?



Thesan perguntou: - E você acredita que os exércitos humanos se curvarão a Hybern?

- Suas rainhas nos venderam, - disse Nestha. Ela ergueu o queixo, preparada como qualquer emissário. "Pelo dom da imortalidade, as rainhas humanas permitirão a Hybern varrer toda resistência. Poderiam muito bem passar o controle de seus exércitos para ele."

Nestha olhou para mim, para Rhys. "Para onde os humanos em nossa ilha vão? Nós não podemos evacuá-los para o continente, e com a Muralha intacta... Muitos podem correr o risco de esperar do que atravessar a Muralha de qualquer maneira. "

- O destino dos humanos abaixo da Muralha - interrompeu Beron - não é da nossa conta. Especialmente um pedaço de terra sem rainha, sem exército.

- É minha preocupação - disse eu, e a voz que saiu de mim não foi da Feyre, a caçadora, ou Feyre, o Quebradora de Maldições, mas Feyre, a Grã-Senhora. "Os seres humanos são quase indefesos contra a nossa espécie."

- Então vá desperdiçar seus próprios soldados defendendo-os, - disse Beron. "Eu não enviarei minhas próprias forças para proteger bens dispensáveis."

Meu sangue aqueceu, e eu tomei um fôlego para resfriá-lo, para resfriar o crepitar mágico no insulto. Não adiantou nada.

Se era impossível conseguir que todos se aliassem contra Hybern...

- Você é um covarde, - eu respirei para o GrãoSenhor da Outonal. Até mesmo Rhys ficou tenso.

Beron apenas disse: "O mesmo poderia ser dito de você."

Meu estômago batia. "Eu não preciso me explicar para você."

- Não, mas talvez para a família daquela menina - mas eles também estão mortos, não estão? Amassados e queimados até a morte em suas próprias camas. Engraçado, que você busca agora procurar defender os seres humanos quando você estava muito feliz de oferecê-los para salvar a si mesmo.

Minhas palmas se aqueceram, como se os sóis gêmeos construíssem e rodassem debaixo delas. *Acalme-se*, Rhys ronronou. *Ele é um velho bastardo irritadiço*.

Mas mal pude ouvir as palavras por trás do emaranhado de imagens: o corpo mutilado de Clare pregado na parede; As cinzas da casa dos Beddors manchando a neve como um punhado de sombras; O sorriso do Attor enquanto me arrastava através daquelas salas de pedra Sob a Montanha-

- Como disse minha senhora - disse Rhys, - ela não precisa se explicar para você.

Beron recostou-se na cadeira. - Então acho que também não preciso explicar minhas motivações.

Rhys levantou uma sobrancelha. "Sua generosidade é impressionante, você vai juntar nossas forças?"

- Ainda não decidi.

Eris foi tão longe que deu ao pai um olhar próximo a reprovação. De alarme genuíno ou pelo que essa recusa poderia significar para nossa própria aliança secreta, eu não poderia dizer.

- Os exércitos levam tempo para se levantar - disse Cassian. "Você não tem o luxo de sentar em sua bunda. Você precisa reunir seus soldados agora. "

Beron apenas zombou. - Não recebo ordens de bastardos de putas menores.

Meu batimento cardíaco era tão selvagem que eu podia ouvi-lo em cada canto do meu corpo, senti-lo batendo em meus braços, meu intestino. Mas não era nada comparado com a ira no rosto de Cassian - ou a raiva gelada em Azriel e Rhys.

E o desgosto em Mor.

- Esse bastardo - disse Nestha com uma frieza absoluta, embora seus olhos comessem a arder - "pode acabar sendo a única pessoa que está no caminho das forças de Hybern e seu povo. "

Ela não olhou para Cassian enquanto dizia. Mas ele olhou para ela - como se ele nunca a tivesse visto antes.

Este argumento era inútil. E eu não me importava quem eles fossem ou quem eu era, quando eu disse a Beron: "Saia, se você não vai ser útil."

Ao seu lado, Eris tinha a inteligência necessária para parecer preocupado. Mas Beron continuou a ignorar o olhar afiado de seu filho e sibilou em mim: "Você sabia que enquanto seu parceiro estava aquecendo a cama de Amarantha, a maioria do nosso povo estava trancado embaixo daquela montanha?"

Eu não me dignei respondendo.

- Você sabia que enquanto ele tinha a cabeça entre as pernas, a maioria de nós estava lutando para manter nossas famílias de se tornarem o entretenimento noturno?

Tentei excluir as imagens. A fúria cegante pelo que tinha sido feito, o que ele tinha feito para manter Amarantha distraída - os segredos que ele ainda guardava por vergonha ou desinteresse em compartilhar, eu não sabia.

Cassian estava agora tremendo dois assentos para baixo - com contenção. E Rhys não disse nada.

Tarquin murmurou: - Basta, Beron.

Tarquin, que tinha adivinhado o sacrifício de Rhysand, seus motivos.

Beron o ignorou. "E agora Rhysand quer jogar de herói. A Prostituta de Amarantha se torna o Destruidor de Hybern. Mas se ficar mal... " Um sorriso cruel e frio. "Ele vai ficar de joelhos para Hybern? Ou apenas espalhar sua- "

Eu parei de ouvir as palavras. Parou de ouvir nada além do meu coração, minha respiração.

Fogo explodiu de mim.

Uma chama ardente e quente que explodiu em Beron como uma lança.

CHAPTER

Beron foi o bastante rápido para me bloquear, mas a chama acariciou o braço de Eris - através do pano.

E o braço pálido e adorável da mãe de Lucien.

Os outros gritaram, levantando-se, mas eu não conseguia pensar, não conseguia ouvir nada além das palavras de Eris, ver aqueles momentos Sob a Montanha, ver aquele pesadelo de Amarantha levando Rhys pelo corredor, o que Rhys tinha suportado -

*Feyre.*

Eu ignorei. E enviou uma onda de água da lagoa de reflexão para cercar Beron e sua cadeira. Uma bolha sem ar. A chama bateu contra ela, transformando a água em vapor, mas eu empurrei com mais força.

Eu o mataria. Mataria alegremente ele.

*Feyre.*

Eu não podia dizer se Rhysand estava gritando, se ele estava murmurando pelo vínculo. Talvez ambos.

A barreira de chama de Beron bateu na minha água, com tanta força que ondulações começaram a se formar, o vapor sibilando entre eles.

Assim, descobri os dentes e enviei um punho de luz branca batendo naquele escudo ardente - a luz branca da Corte Diurna.

Desfazendo as amarras. Cortando a divisão.

Os olhos de Beron se arregalaram quando seus escudos começaram a se desfazer.

Como aquela água sendo empurrada dentro.

Então mãos estavam em meu rosto. E os olhos violetas estavam diante dos meus, calmos e ainda insistentes. "Você provou o seu ponto, meu amor," Rhys disse. - "Mate-o, e Eris tomará seu lugar. "

*Então eu mato todos eles.*

- Por mais interessante que seja essa experiência - rizou Rhys -, só complicaria as coisas.

Em minha mente ele sussurrou, *E u te amo. As palavras desse bastardo odioso não significam nada. Ele não tem nada de alegria em sua vida. Nada bom. Nós temos.*

Comecei a ouvir coisas - a água gotejante da piscina, o crepitar das chamas, a respiração rápida daqueles que nos cercavam, a maldição de Beron presa naquele casulo apertado de luz e água.

*Eu te amo,* Rhys disse novamente.

E eu soltei minha magia.

As chamas de Beron explodiram como uma flor que desabrochava... e saltaram inofensivamente do escudo que Rhys lançara ao nosso redor.

Não para se proteger contra Beron.

Mas dos outros GrãoSenhores que estavam agora de pé.

- Foi assim que você atravessou minhas alas - murmurou Tarquin.

Beron estava ofegando tão forte que parecia que ele poderia vomitar fogo.

Mas Helion esfregou a mandíbula enquanto se sentava mais uma vez. "Eu me perguntei para onde tinha ido esse pedaço. Assim, pequeno - como um peixe com uma única escama faltando. Mas eu ainda sentia sempre que algo roçava contra aquele vazio."

Um sorriso para Rhys. - "Não é de admirar que você a tenha feito sua Grã-Senhora".

- "Eu fiz a Grã-Senhora," Rhys disse simplesmente, baixando as mãos de meu rosto, mas não deixando meu lado, "porque eu a amo. Seu poder era a última coisa que eu considerava. "

Eu estava além das palavras, além dos sentimentos básicos. Helion perguntou a Tamlin: - Você sabia de seus poderes?

Tamlin estava apenas observando a mim e Rhys, a declaração de *minha parceira* pendurada entre nós. "Não é da sua conta", foi tudo o que Tamlin disse para Helion. A todos eles.

- O poder pertence a nós. Acho que é da nossa conta sim - berrou Beron.

Mor ergueu um olhar para Beron que teria enviado machos menores correndo.

A Senhora da Outonal estava segurando seu braço, um vermelho irritado salpicado ao longo da pele lua-branca. Não tinha um brilho de dor naquele rosto, no entanto. Eu disse a ela enquanto recuperava meu assento, "Me desculpe."

Seus olhos se ergueram para mim, redondos como pires.

Beron cuspiu, "Não fale com ela, sua imundície humana."

Rhys despedaçou o escudo de Beron, seu fogo, suas defesas.

Despedaçou-os como uma pedra arremessada em uma janela, e bateu seu poder sombrio em Beron tão duro que ele balançou de volta em seu assento. Então, aquele assento se desintegrou em uma poeira negra e cintilante sob ele. Deixando Beron para cair em sua bunda.

Pó de ébano resplandecente flutuava em um vento fantasma, manchando o casaco carmesim de Beron, agarrando-se como torrões de cinzas em seus cabelos castanhos.

- Nunca mais - disse Rhys, com as mãos escorregando nos bolsos -, fale com minha parceira assim.

Beron levantou-se, sem se preocupar em limpar a poeira, e declarou a ninguém em particular: - A reunião terminou. Espero que Hybern faça um açougue com todos vocês.

Mas Nestha levantou-se da cadeira. "Esta reunião não terminou."

Até Beron fez uma pausa em seu tom. Eris dimensionou o espaço entre minha irmã e seu pai.

Ela estava erguida, um pilar de aço. "Vocês são tudo que existe", disse ela a Beron, a todos nós. "Vocês são tudo aquilo que há entre Hybern e o fim de tudo o que é bom e decente. Beron, inflexível e feroz, você lutou contra Hybern na última guerra. Por que você se recusa a fazê-lo agora?"

Beron não se dignou responder. Mas ele não saiu. Eris suavemente fez um gesto para que seus irmãos se sentassem.

Nestha notou o gesto - hesitou. Como se percebendo que ela de fato tinha a sua completa atenção. Que cada palavra importava. "Você pode nos odiar. Eu não me importo se você faz. Mas eu me importo se você deixar inocentes sofrerem e morrerem. Seu pessoal. Como Hybern vai fazer um exemplo deles. De todos nós. "

- E você sabe como? - Beron zombou.

- Entrei no Caldeirão - disse Nestha. "Isso me mostrou o coração dele. Ele derrubará a Muralha, matará aqueles de cada lado dela."

Verdade ou mentira, eu não poderia dizer. O rosto de Nestha não revelou nada. E

ninguém ousava contradizê-la. Ela olhou para Kallias e Viviane. "Sinto muito pela perda dessas crianças. A perda de um é abominável." Ela balançou a cabeça. "Mas debaixo da Muralha, vi crianças - famílias inteiras - morrerem de fome." Ela empurrou seu queixo para mim. "Se não fosse por minha irmã... eu estaria entre eles."

Meus olhos ardiam, mas eu pisquei.

- Demasiado - disse Nestha. "Por muito tempo os seres humanos sob a Muralha sofreram e morreram enquanto vocês em Prythian prosperaram. Não durante o reinado daquela rainha. " Ela recuou, como se odiasse até mesmo falar o nome de Amarantha.

"Mas muito antes. Se vocês vão lutar por qualquer coisa - lutem agora, para proteger aqueles que vocês esqueceram. Deixe eles saberem que não estão mais esquecidos. Só desta vez."

Thesan limpou a garganta. "Embora seja um sentimento nobre, os detalhes do Tratado não exijam nada de nossos vizinhos humanos. Deveriam ficar sozinhos. Então obedecemos.

Nestha ficou de pé. "Passado é passado. O que me importa é o caminho pela frente.

Eu me importo em me certificar de que nenhuma criança – Feérica ou humana – seja prejudicada. Vocês foram encarregados de proteger este Terra." Ela examinou os rostos ao redor dela. - "Como vocês não

podem lutar por isso? "

Ela olhou para Beron e sua família quando ela terminou. Somente a Senhora e Eris pareciam estar considerando - oprimidos, até, pela estranha e fervilhante mulher diante deles.

Eu não tinha as palavras em mim - para transmitir o que estava em meu coração.

Cassian parecia da mesma forma.

Beron apenas disse: "Eu considerarei." Um olhar para sua família, e eles desapareceram.

Eris foi o último a virar, algo conflituoso dançando sobre seu rosto, como se este não fosse o resultado que ele tinha planejado. Esperado.

Mas ele também se foi, o espaço onde estavam vazios, a não ser por aquela poeira negra e cintilante.

Lentamente, Nestha sentou, seu rosto novamente frio - como se fosse uma máscara para esconder o que sentiu com o desaparecimento de Beron.

Kallias me perguntou calmamente: "Você dominou o gelo?"

Eu dei um aceno de cabeça raso. "Tudo."

Kallias esfregou seu rosto enquanto Viviane colocava uma mão em seu braço. - Faz alguma diferença, Kal?

- Eu não sei, - ele admitiu.

Que rápido, esta aliança desandou. Muito rápido - por causa da minha falta de controle, minha... *Ou teria sido isso ou outra coisa*, Rhys disse de onde ele estava ao lado da minha cadeira, uma mão brincando com as fendas cintilantes na parte de trás do meu vestido. *Melhor agora do que mais tarde. Kallias não vai retroceder - ele só precisa resolver isso por conta própria.*

Mas Tarquin disse: "Você nos salvou Sob a Montanha. Perder um grão de poder parece uma digna forma de pagamento."

- Parece que ela levou muito mais do que isso, - argumentou Helion, "se ela podia estar à de segundos de afogar Beron apesar das proteções."

- Talvez eu tivesse conseguido em torno delas simplesmente por ser diferente de qualquer coisa os feitiços pudessem reconhecer.

O poder de Helion, quente e claro, roçou meu escudo, arrastando pelo ar entre nós.

Até parecia estar testando a ligação. Como se eu fosse algum parasita, um poder que incomodava o dele. E ele o cortaria com prazer.

Thesan declarou: "O que está feito está feito. Além de matá-la" - o poder de Rhys atravessou a sala com palavras - "não há nada que possamos fazer".

Não era inteiramente aplacante, seu tom. Palavras de paz, contudo o tom era conciso. Como se... se não fosse por Rhys e seu poder, ele consideraria me amarrar em um altar e me abrir para ver onde estava seu poder - e como recuperá-lo.

Fiquei de pé, olhando Thesan nos olhos. Então Helion. Tarquin. Kallias.

Exatamente como Nestha tinha feito. "Eu não tomei seu poder. Vocês me deram, junto com o dom da minha vida imortal. Sou grata por ambos. Mas eles são meus agora. E farei com eles o que quiser. "

Meus amigos tinham se levantado, agora em posição atrás de mim, Nestha à minha esquerda. Rhys se aproximou da minha direita, mas não me tocou. Deixou-me ficar sozinha, olhando para todos eles.

Eu disse calmamente, mas não fracamente: "Vou usar esses poderes - meus poderes - para esmagar Hybern em pedaços. Eu vou queimá-los, e afogá-los, e congelá-los. Vou usar esses poderes para curar os feridos. Quebrar através dos feitiços de Hybern. Eu já fiz isso, e vou fazê-lo novamente. E se vocês acham que minha posse de um grão de sua magia é o seu maior problema, então suas prioridades estão severamente fora de ordem."

O orgulho desceu o vínculo. Os GrãoSenhores e seus séquitos não disseram nada.

Mas Viviane assentiu com o queixo alto, e levantou-se. "Eu vou lutar com você."

Cresseida depois com um batimento cardíaco – Assim como eu.

Ambas olharam para os machos em sua corte.

Tarquin e Kallias subiram.

Então Helion, sorrindo para mim e Rhys.

E finalmente Thesan... Thesan e Tamlin, que não respiraram em minha direção, mal se moviam ou falavam nos últimos minutos. Era a menor das minhas preocupações, desde que todos estavam em pé.

*Seis de sete.* Rhys deu uma risadinha. *Não é ruim, Quebradora de Maldições. Nada mal.*

CHAPTER



Nossa aliança não começou bem.

Apesar de termos conversado por duas horas depois... as brigas, as ida e a volta, continuaram. Com Tamlin lá, ninguém declararia que números tinham, que armas, que fraquezas.

À medida que a tarde caia e a noite entrava, Thesan empurrou a cadeira para trás.

"Vocês são bem-vindos para passar a noite e retomar a discussão pela manhã - a menos que desejem retornar às suas casas para a noite."

- Nós vamos ficar, - Rhysand disse. *Preciso falar com alguns dos outros sozinhos.*

Na verdade, os outros pareciam ter pensamentos semelhantes, pois todos decidiram ficar.

Mesmo Tamlin.

Nós fomos levados em direção às suítes apontadas para nós – a pedra de sol transformada em um ouro profundo no sol do fim da tarde. Tamlin foi escoltado primeiro, pelo próprio Thesan e um atendente trêmulo. Ele tinha sabiamente escolhido não atacar Rhys ou eu durante o debate, embora sua recusa em nos reconhecer não passou despercebida. E quando ele saiu, com os braços esticados, não disse uma palavra. Boa.

Então Tarquin foi levado para fora, então Helion. Até que apenas a comitiva de Kallias e a nossa própria esperaram.

Rhys levantou-se do banco e passou a mão pelo cabelo. "Correu bem. Parece que nenhum de nós ganhou nossa aposta sobre quem lutaria primeiro."

Azriel olhou para o chão, de pedra. "Desculpe." A palavra era sem emoção -

distante. Ele não tinha falado, mal se movia, desde seu selvagem ataque. Levava Mor trinta minutos para parar de tremer.

- Ele estava quase indo também, - disse Viviane. "Eris é um pedaço de merda."

Kallias virou-se para sua parceira com sobrancelhas altas.

- O que? - Ela pôs uma mão em seu peito. "Ele é... "

- Seja como for, - disse Kallias com humor frio, "a questão permanece se Beron lutará conosco".

- Se todos os outros se aliarem - disse Mor com voz rouca, suas primeiras palavras em horas -, "Beron se juntará. Ele é esperto demais para arriscar-se a tomar decisões com Hybern e perder. E tenho certeza que se as coisas vão mal, ele vai mudar facilmente."

Rhys assentiu, mas enfrentou Kallias. - Quantas tropas você tem?

- Insuficiente. Amarantha fez bem o seu trabalho. - Mais uma vez, aquela ondulação de culpa pulsou pelo vínculo.

- Nós temos o exército que Viv comandou e escondeu, mas não muito mais. Você?

Rhys não revelou um sussurro da tensão que se apertava em mim, como se fosse minha. "Temos forças consideráveis. Principalmente legiões illyrianas. E alguns milhares da Legião da Escuridão. Mas precisamos de todos os soldados que possam marchar.

Viviane caminhou até onde Mor permaneceu sentada, ainda pálida, e apoiou as mãos nos ombros de sua amiga. "Eu sempre soube que nós lutaríamos uma ao lado da outra um dia."

Mor arrastou os olhos castanhos para cima. Mas ela olhou para Kallias, que parecia estar tentando o seu melhor para não parecer preocupado. Mor deu ao GrãoSenhor um olhar como se quisesse dizer que cuidaria dela antes de sorrir para Viviane. "É quase o suficiente para me fazer sentir mal por Hybern."

- Quase. - Viviane sorriu perversamente. "Mas não exatamente. "

Fomos levados a uma suíte construída em torno de uma área de estar pródiga e sala de jantar privada. Tudo isso esculpido naquela pedra de sol, adornada com tecidos em tons de jóia, amplas almofadas agrupadas ao longo dos espessos tapetes e dominadas por ornamentadas gaiolas douradas cheias de pássaros de todas as formas e tamanhos. Eu espiei pavões que desfilavam pelos inúmeros pátios e jardins enquanto caminhávamos pela casa de Thesan, alguns se acovardando na sombra sob as figueiras em vasos.

- Como Thesan impediu Amarantha de destruir este lugar? - Perguntei a Rhys enquanto examinávamos a sala de estar que se abria para a confusão do campo, bem longe.

- É a sua residência particular. - Rhys demitiu suas asas e caiu sobre uma pilha de almofadas de esmeralda perto da lareira escurecida. "Provavelmente ele a protegeu da mesma forma que eu e Kallias."

Uma decisão que pesaria sobre eles durante muitos séculos, eu não tinha dúvida.

Mas eu olhei para Azriel, atualmente encostado na parede ao lado da janela do chão ao teto, sombras tremulando ao redor dele. Até mesmo os pássaros em suas gaiolas nas proximidades permaneceram em silêncio.

Eu disse pelo vínculo, *Ele está bem?*

Rhys colocou as mãos atrás da cabeça, embora a boca se apertasse. *Provavelmente não, mas se tentarmos conversar com ele sobre isso, só vai piorar as coisas.*

Mor estava de fato esparramado em um sofá - um olho cauteloso em Azriel. Cassian sentou-se ao lado dela, segurando seus pés em seu colo. Tinha o lugar mais próximo de Azriel, bem entre eles. Como se ele pular em seu caminho, se necessário.

*Você o tratou muito bem,* Rhys acrescentou. *Tudo isso.*

*Apesar da minha explosão?*

*Por causa da sua explosão.*

Eu encontrei seu olhar fixo, sentindo as emoções rodando abaixo enquanto eu reivindiquei um assento em uma cadeira estofada perto do monte de almofadas do meu parceiro. *Eu sabia que você era poderoso.* Mas eu não percebi que você tinha tanta vantagem sobre os outros.

Os olhos de Rhys se fecharam, mesmo quando ele me deu um meio sorriso. *Nem sei se Beron sabia até hoje. Suspeitado, talvez, mas... Ele agora estará desejando que tivesse encontrado uma maneira de me matar no berço.*

Um arrepio deslizou pela minha espinha. *Ele sabe que Elain é a parceira de Lucien.*

*Ele faz um movimento para prejudicá-la ou levá-la, e ele está morto.*

Intransigencia varreu as estrelas em seus olhos. *Vou matá-lo, se o fizer. Ou prendê-lo tempo suficiente para você fazer o trabalho. Acho que gostaria de assistir você.*

*Vou mantê-lo em mente para o seu próximo aniversário.* Eu tamborilei meus dedos no braço polido da cadeira, a madeira tão lisa quanto o vidro. *Você realmente acredita na afirmação de Tamlin de que ele tem trabalhado para o nosso lado?*

*Sim.* Uma batida de silêncio abaixo do vínculo. *E talvez lhe temos um trabalho por não considerar a possibilidade. Talvez até eu tenha começado a pensar nele como algum bruto guerreiro.*

Sentia-me cansada - em meus ossos, minha respiração. *Mas isso muda alguma coisa?*

*De certa forma, sim. Em outros...* Rhys me examinou. *Não. Não, não.*

Pisquei, percebendo que estava perdida no vínculo, mas encontrei Azriel ainda perto da janela, Cassian agora esfregando os pés de Mor. Nestha tinha se recolhido em seu próprio quarto sem uma palavra - e permaneceu lá. Perguntei-me se Beron ia embora mesmo apesar de suas palavras... Talvez tivesse a jogado.

Eu fiquei de pé, endireitando as dobras de meu vestido cintilante. *Eu deveria verificar Nestha. Falar com ela.*

Rhys afundou-se mais profundamente em sua extensão de travesseiros, enfiando as mãos atrás da cabeça. *Ela se saiu bem hoje.*

O orgulho vibrou com o elogio enquanto cruzava o quarto. Mas cheguei até a entrada do vestíbulo quando uma batida soou na porta que se abria para o corredor ensolarado. Eu parei, as fendas do meu vestido balançando, brilhando como fogo azul pálido na luz dourada.

- Não a abra - advertiu Mor do seu lugar no sofá. - Mesmo com o escudo, não a abra.

Rhys se endireitou. "Sábio," ele disse, rondando além de mim para a porta da frente, "mas desnecessário." Ele abriu a porta, revelando Helion sozinho.

Helion apoiou uma mão na moldura da porta e sorriu. "Como você convencer Thesan para lhe dar a melhor visão?"

- Ele acha que meus machos são mais bonitos do que os seus, eu acho.

- Eu acho que é um fetiche de asa.

Rhys riu e abriu a porta mais largamente, acenando para ele. - Você realmente dominou a atuação arrogante, por sinal. Perfeitamente.

A túnica de Helion balançava com seus graciosos passos, roçando suas poderosas coxas. Ele me espiou de pé junto à mesa redonda no centro do vestíbulo e curvou-se.

Profundamente.

- Desculpas pelo ato bastardo, - ele me disse. "Velhos hábitos e tudo."

Aqui estava - a diversão e alegria em seus olhos âmbar. A leveza que levou ao meu próprio brilho perdido para pura felicidade. Helion franziu o cenho para Rhys. "Você estava em um comportamento pouco natural hoje. Eu estava apostando que Beron estaria morto até o final - você não pode imaginar meu choque quando ele saiu vivo. "

- Minha parceira sugeriu que seria favorável aparecer como realmente somos.

- Bem, agora eu pareço tão ruim quanto Beron. - Ele passou por mim com uma piscadela, passeando pelo quarto quando sorriu para Azriel. "Você está acabando com a bunda de Eris será a minha nova fantasia da noite, a propósito."

Azriel nem se deu ao trabalho de olhar por cima do ombro para o Grão - Senhor.

Mas Cassian bufou. "Eu estava me perguntando quando começariam os vamos-lá. "

Helion se jogou no sofá em frente a Cassian e Mor. Ele tinha abandonado aquela coroa radiante em algum lugar, mas manteve a braçadeira de ouro da serpente. "Tem sido o que - quatro séculos agora, e vocês três ainda não aceitaram minha oferta. "

Mor inclinou a cabeça para o lado. "Eu não gosto de compartilhar, infelizmente."

- Você nunca sabe até que você tente, - Helion ronronou.

Os três na cama... com ele? Devo estar piscando como uma tola, porque Rhys me disse: *Helion aceita tanto machos como fêmeas. Normalmente juntos em sua cama. E tem perseguido o Trio por séculos.*

Eu considereei... a beleza de Helion e os outros... *Por que diabos eles não disseram sim?*

Rhys soltou um riso que tinha todos olhado para ele com as sobrancelhas arqueadas.

Meu companheiro apenas veio atrás de mim e deslizou seus braços em volta da minha cintura, pressionando um beijo no meu pescoço. *Será que você gostaria que alguém se juntasse a nós na cama,*

*querida Feyre?*

Minha pele esticou sobre os meus ossos com o tom, a sugestão. *Você é incorrigível.*

*Acho que você gostaria que dois homens te adorassem.*

Meus dedos do pé enrolaram.

Mor limpou a garganta. "O que quer que vocês estejam dizendo mente a mente, ou compartilhem ou vão para outro quarto assim nós não teremos que nos sentar aqui, e cheirar tudo em seus perfumes. "

Estendi a língua. Rhys riu de novo, beijando meu pescoço mais uma vez antes de dizer: "Desculpas por ofender sua delicada sensibilidade, prima. "

Eu empurrei fora de seu abraço, fora do toque que ainda me deixava tonta o suficiente para que um pensamento básico se tornasse difícil, e reivindiquei uma cadeira adjacente ao sofá de Mor e Cassian.

Cassian disse a Helion: - Suas forças estão prontas?

A diversão de Helion desapareceu - remodelando aquele exterior duro e calculista.

"Sim. Eles se encontrarão com o seu no Myrmidons. "

A cordilheira que compartilhamos em nossa fronteira. Ele se recusou a divulgar essa informação antes.

- Ótimo - Cassian disse, esfregando o arco do pé de Mor. "Vamos para o sul a partir daí."

- Com o acampamento final onde? - Mor perguntou, retirando o pé das mãos de Cassian e colocando ambos os pés debaixo dela. Helion traçou a curva de sua perna nua, seus olhos âmbar um pouco vidrados quando encontrou os dela.

Mor não hesitou com o olhar aquecido. E um tipo afiado de consciência parecia ultrapassá-la – como se cada nervo em seu corpo tremia acordado. Não ousei olhar para Azriel.

Deve ter havido vários escudos ao redor da sala, em torno de cada fenda e abertura onde a espionagem de olhos e ouvidos podiam estar espreitando, porque Cassian disse: "Nós nos juntamos às forças de Thesan, o acampamento ao longo da fronteira sudoeste de Kallias - perto da Corte Estival."

Helion desviou o olhar de Mor o tempo suficiente para perguntar a Rhys: - Você e o lindo Tarquin tiveram um momento hoje. Você realmente acha que ele vai se juntar a nós?

- Se você quer dizer na cama, definitivamente não,- Rhys disse com um sorriso irônico quando ele novamente se esparramou em sua propagação de almofadas. "Mas se você quer dizer nesta guerra... Sim. Eu acredito que ele quer lutar. Beron, por outro lado..."

- Hybern está se concentrando no Sul, - disse Helion. "E independentemente do que você acha que Tamlin está fazendo, a Corte Primavera está agora na maior parte ocupada.

Beron tem que perceber que sua corte será um campo de batalha se ele não se juntar a nós para empurrar

para o sul, especialmente se a Estival se juntar a nós. "

O que significa que a Corte Primavera e as terras humanas veriam o peso das batalhas.

- Será que Beron vai escutar a razão? - murmurou Mor.

Helion bateu um dedo contra o braço esculpido de seu sofá. "Ele jogou na Guerra e custou-lhe caro. Seu povo ainda se lembra dessas escolhas - essas perdas. Sua própria maldita esposa se lembra. "

Helion tinha olhado repetidamente para a Senhora da Corte Outonal durante a reunião. Eu perguntei, com cuidado e casualmente: "O que você quer dizer?"

Mor balançou a cabeça, não pelo que eu dissera, mas pelo que acontecera.

Helion fixou toda a sua atenção em mim. Era um esforço não se encolher com o peso desse foco, a intensidade. O corpo musculoso era apenas uma máscara - para esconder essa mente astuta abaixo. Perguntei-me se Rhys tinha escolhido isso sob ele.

Helion dobrou um tornozelo sobre um joelho. "As duas irmãs mais velhas da Senhora da Corte Outonal foram de fato..." Ele procurou uma palavra. - "Amassadas.

Atormentadas, e depois massacradas, durante a Guerra. "

Fechei os gritos de Nestha, afastando os soluços de Elain enquanto ela era levada para aquele Caldeirão. As tias de Lucien. Mortas antes que ele tivesse existido. Sua mãe já lhe contara essa história?

Rhys explicou-me: "As forças de Hybern já haviam submerso nossas terras por esse ponto."

Helion apertou a mandíbula. "A Senhora da Corte Outonal foi enviada para ficar com suas irmãs, seus filhos mais novos embalados para outros parentes. Para espalhar a linhagem." Ele passou uma mão pelo seu sable. Hybern atacou sua propriedade. Suas irmãs compraram seu tempo para correr. Não porque estivesse casada com Beron, mas porque se amavam. Ferozmente. Ela tentou ficar, mas elas a convenceram a ir. Assim ela fez - correu e correu, mas os animais de Hybern ainda eram mais rápidos. Mais fortes.

Eles a encurralaram em um desfiladeiro, onde ela ficou presa no topo de uma borda, as bestas estalando a seus pés. "

Ele não falou por um longo momento.

Demasiados detalhes. Ele sabia tantos detalhes.

Eu disse em voz baixa: "Você a salvou. Você a encontrou, não foi? "

Uma coroa de luz pareceu cintilar sobre aquele espesso cabelo preto. "Eu fiz."

Havia bastante peso, raiva, e algo mais nessas duas palavras quando estudei o GrãoSenhor da Diurna.

- O que aconteceu?

Helion não quebrou meu olhar. "Eu rasguei os animais separados com minhas mãos."

Um calafrio escorregou pela minha espinha. "Porque?"

Ele poderia ter terminado isso de outras mil maneiras. Maneiras mais fáceis.

Maneiras mais limpas. As mãos ensangüentadas de Rhys depois do ataque dos Corvos atravessaram minha mente.

Helion não se deslocou em sua cadeira. "Ela ainda era jovem - embora ela estivesse casada com aquele homem encantador por quase duas décadas. Casaram muito jovem, o casamento arranjado quando tinha vinte anos. "

As palavras foram cortadas. E vinte e tantos. Tão jovem quanto Mor quando sua própria família tentou casá-la com Eris.

- "Então?" Uma pergunta perigosa, sarcástica.

E seus olhos queimavam, brilhando como os sóis.

Mas foi Mor quem disse friamente: "Eu ouvi um rumor uma vez, Helion, que ela esperou antes de concordar com esse casamento. Por um certo alguém que a conheceu por acaso em um círculo de equinócio no ano anterior. "

Eu tentei não piscar, para não deixar qualquer um dos meus interesses crescentes.

O fogo se tornou brasas e Helion jogou um meio sorriso na direção de Mor.

"Interessante. Ouvi dizer que sua família queria vínculos internos com esse poder, e que não lhe deram uma escolha antes de vendê-la a Beron. "

Vender ela. As narinas de Mor dilataram. Cassian passou a mão pelos cabelos.

Azriel nem se afastou de sua vigília na janela, embora eu pudesse ter jurado que suas asas estavam dobradas um pouco mais apertadas.

- Pena que eles são apenas rumores, - Rhys cortou suavemente, "e não pode ser confirmado por ninguém."

Helion apenas brincou com o punho de ouro em seu braço esculpido, torcendo a serpente para o centro de seu bíceps. Mas franzi as sobrancelhas. "Beron sabe que você salvou sua esposa na Guerra?" Ele não tinha mencionado nada durante a reunião.

Helion soltou uma risada escura. "Caldeirão, não." Havia tanto humor irônico, que eu me endireitei.

- Você teve... um caso depois que a salvou?

A diversão só crescia, e Helion empurrou um dedo contra seus lábios em um aviso zombeteiro. "Cuidadoso Grã-Senhora. Até os pássaros se reportam a Thesan aqui. "

Franzi o cenho para os pássaros em gaiolas em toda a sala, ainda em silêncio na presença sombria de Azriel.

*Eu joguei escudos em torno deles*, Rhys disse pelo vínculo.

- Quanto tempo durou o caso? - Perguntei. Essa mulher fria... Eu não podia imaginar isso.

Helion bufou. - É uma pergunta educada a ser feita por uma Grã-Senhora?

Mas a maneira como ele falou, aquele sorriso...

Eu só esperei, usando o silêncio para empurrá-lo em seu lugar.

Helion encolheu os ombros. "Dentro e fora por décadas. Até que Beron descobriu.

Dizem que a senhora era todo o brilho e sorrisos antes disso. E depois que Beron terminou com ela... Você viu o que ela é.

- O que ele fez com ela?

- As mesmas coisas que ele faz agora. - Helion acenou uma mão. "Espanca, deixa contusões onde ninguém mas os verá. "

Apertei os dentes. "Se você era seu amante, por que você não parou com isso?"

A coisa errada a dizer. Completamente errada, pela fúria escura que ondulou através do rosto de Helion. "Beron é um GrãoSenhor, e ela é sua esposa, mãe de sua ninhada.

Ela escolheu ficar. Escolheu. E com os protocolos e Regras, Senhora, você vai achar que a maioria das situações, como a que ela estava, não terminam bem para aqueles que interferem."

Não recuei, não me desculpei. "Você quase nem olhou para ela hoje."

- Temos assuntos mais importantes à mão.

- Beron nunca te chamou por isso?

- Fazer publicamente isso seria admitir que sua posse o fez um tolo. Então continuamos nossa pequena dança, pelos séculos mais tarde." Eu de alguma forma duvidava que sob esse charme pateta e irreverência, Helion sentia que era uma dança em tudo.

Mas se tivesse terminado séculos atrás, e ela nunca o tivesse visto novamente, teria deixado Beron tratá-la tão abominável...

*O que você acabou de descobrir*, Rhys disse, *é melhor parar de parecer tão chocada com isso.*

Eu forcei um sorriso no meu rosto. – Os GrãoSenhores realmente amam um melodrama, não é?

O próprio sorriso de Helion não alcançou seus olhos. Rhys perguntou: - Em suas bibliotecas, você já



encontrou uma menção de como a Muralha pode ser reparada?

Helion começou a perguntar por que queríamos saber, o que Hybern estava fazendo com o Caldeirão... e Rhys lhe deu respostas, com facilidade e suavidade.

Enquanto falávamos, eu disse pelo vínculo, *Helion é o pai de Lucien*.

Rhys ficou em silêncio. Então... Santo inferno ardente.

Seu choque foi uma estrela cadente entre nós.

Deixei meu olhar atravessar a sala, prestando bastante atenção à reflexão de Helion da Muralha e como repará-la, então ousei estudar o GrãoSenhor por um batimento cardíaco. Olhe para ele. O nariz é o mesmo, o sorriso.

A voz. Até a pele de Lucien é mais escura do que a de seus irmãos. Um marrom dourado comparado as suas colorações pálidas.

Isso explicaria porque seu pai e seus irmãos o detestam tanto - por que o atormentaram toda a sua vida.

Meu coração apertou com aquilo. E por que Eris não queria que ele morresse. Ele não era uma ameaça ao poder de Eris - Seu trono. Engoli em seco. *Helion não faz idéia, não é?*

*Parece que não.*

O filho favorito da Senhora do Outonal - não só pela bondade de Lucien. Mas porque ele era a criança que ela sonhara ter... com o macho que ela amava sem dúvida.

Beron deve ter descoberto o caso quando ela estava grávida de Lucien.

Ele provavelmente suspeitava, mas não havia como provar isso, não se ela também compartilhava sua cama. O desgosto de Rhys era uma espiga na minha boca. *Não tenho dúvida de que Beron debatia matá-la pela traição, e até mesmo depois. Mesmo quando Lucien podia ser razoável como sua própria prole - o suficiente para fazê-lo duvidar de quem tinha gerado seu último filho.*

Eu envolvi minha cabeça em torno dele. Lucien não era filho de Beron, mas de Helion. *Seu poder é chama, embora.*

*Eles pensaram que o dom de Beron poderia passar para ele. A família de sua mãe é forte - foi por isso que Beron queria uma noiva de sua linha. O presente poderia ser dela.*

*Você nunca suspeitou?*

*Nenhuma uma vez. Estou mortificado, eu nem sequer considerei.*

*Mas o que isso significa?*

*Nada, em última análise, nada. Além do fato de que Lucien poderia ser o único herdeiro de Helion.*

E isso... nada mudava nessa guerra. Especialmente com Lucien no continente, caçando aquela rainha encantada. Um pássaro de fogo... e um senhor de fogo. Eu me perguntei se eles encontraram um ao outro já.

Uma porta se abriu e fechou no vestíbulo além, e eu me preparei quando Nestha apareceu. Helion fez uma pausa de debater a Muralha para examiná-la cuidadosamente, como fizera antes.

Feiticeiro. Esse era o título dele.

Ela examinou-o com seu habitual desdém.

Mas Helion deu a ela o mesmo arco que ele me ofereceu - embora seu sorriso fosse afiado com bastante sensualidade que até meu coração acelerou um pouco. Não admira que a Senhora da Outonal não tivesse tido uma chance. "Eu não acho que fomos apresentados adequadamente mais cedo", ele cantou para Nestha. "Eu estou-"

- Eu não me importo, - disse Nestha com um estalo de seu pulso, passando por ele e chegando ao meu lado. "Eu gostaria de ter uma palavra," ela disse. "Agora."

Cassian estava mordendo os nós dos dedos para não rir - com a surpresa e choque no rosto de Helion. Não era todos os dias, eu supus, que qualquer, um de ambos os sexos, o despedia tão completamente. Eu joguei ao GrãoSenhor um olhar semi-apologético e levei minha irmã para fora da sala.

- O que é?, - perguntei quando Nestha e eu entramos em seu quarto, o espaço decorado em seda e ouro rosa, acentos de marfim espalhados por toda parte. A prodigalidade daquilo realmente colocava as nossas várias casas em vergonha.

- Precisamos ir, - disse Nestha. "Agora mesmo."

Cada sentido ficou em alerta. "Porque?"

- Parece errado. Alguma coisa está errada.

Estudei-a, o céu claro além das janelas altas, emolduradas por cortinas. "Rhys e os outros não sentiriam isso. É provável que você esteja se recuperando de todo o poder aqui reunido. "

- Algo está errado - insistiu Nestha.

- Eu não estou duvidando que você se sinta assim, mas... Se nenhum dos outros está pegando-

- Eu não sou como os outros. - A garganta dela balançou. "Precisamos ir embora."

- Posso mandar você de volta para Velaris, mas temos coisas para discutir aqui...

- Eu não me importo comigo, eu...

A porta se abriu, e Cassian entrou, rosto grave. A visão das asas, a armadura illyriana neste quarto opulento e cheio de rosa se plantou em minha mente, a pintura já tomando forma, quando ele disse: "O que há de errado?"

Ele estudou cada centímetro dela. Como se não houvesse nada e ninguém mais aqui, em qualquer lugar.

Mas eu disse: "Ela sente que algo está errado - diz que precisamos sair imediatamente."

Esperei a demissão, mas Cassian inclinou a cabeça. "O que, precisamente, parece errado?"

Nestha endureceu, boca franzindo enquanto pesava seu tom. "Parece que há esse...

medo. Este sentido que... como se me esquecesse de algo mas não me lembro o que. "

Cassian olhou para ela por um momento mais. - Vou dizer a Rhys.

E ele fez.

Em momentos, Rhys, Cassian e Azriel haviam desaparecido, deixando Mor e Helion em alerta silencioso. Eu esperava com Nestha. Cinco minutos. Dez. Quinze.

Trinta minutos depois, eles voltaram, balançando a cabeça. Nada.

Não no palácio, nem nas terras ao redor, nem nos céus acima, nem na terra abaixo.

Não para milhas e milhas. Nada. Rhys chegou mesmo a verificar com Amren, e não encontrou nada errado em Velaris-Elain, misericordiosamente, segura e sadia.

Nenhum deles, no entanto, era estúpido o suficiente para sugerir que Nestha tinha inventado. Não com esse poder de outro mundo em suas veias. Ou que talvez o pavor fosse um efeito prolongado de seu tempo em Hybern.

Como o pânico esmagador que eu tinha lutado para enfrentar, que ainda me despertava algumas noites.

Portanto, se hospedaram. Nós comemos em nossa sala de jantar privada, Helion se juntou a nós, nenhum sinal de Tarquin ou Thesan-certamente não Tamlin.

Kallias e Viviane apareceram no meio da refeição, e Mor chutou Cassian fora de seu assento para dar espaço para sua amiga. Conversavam e fofocavam, mesmo que Mor continuasse a olhar para Helion.

E o GrãoSenhor da Diurna continuava olhando para ela.

Azriel mal falou, aquelas sombras ainda empoleiradas em seus ombros. Mor mal olhou para ele.

Mas jantamos e bebemos por horas, até que a noite estava terminando. E embora Rhys e Kallias estivessem tensos, cuidadosos um com o outro... No final da refeição, eles estavam falando pelo menos.

Nestha foi a primeiro a sair da mesa, ainda cautelosa e atenta. Os outros fizeram uma última verificação dos terrenos antes de caímos nos lençóis de seda de nossas camas moles.

Rhys e eu deixamos Mor e Helion falando joelho a joelho nas almofadas da sala de estar, Viviane e Kallias voltaram para sua suíte. Eu não fazia ideia para onde Azriel partira - ou Cassian, por causa disso.

E quando saí para lavar-me na sala de banho de marfim e ouro, o murmúrio profundo de Helion e o riso sensual de Mor entraram no corredor - quando eles passaram por nossa porta e então sua porta rangeu aberta e fechada...

As asas de Rhysand estavam dobradas firmemente enquanto examinava as estrelas além das janelas do quarto. Mais quieto e menor aqui, de alguma forma.

- Porque?

Ele sabia o que eu queria dizer.

- Mor ficou assustada. E o que Az fez hoje assustou a merda dela.

- A violência?

- A violência como resultado do que ele sente, persistente culpa sobre o negócio com Eris - e que nenhum deles vai enfrentar.

- Você não acha que já passou tempo suficiente? E que levar Helion para a cama é provavelmente a pior coisa possível a fazer?

Mas eu não tinha dúvida de que Helion precisava de uma distração tanto quanto Mor. De pensar demais sobre as pessoas que amavam - quem não podiam ter.

- Mor e Azriel se apaixonaram ao longo dos séculos - disse, com as asas ligeiramente deslocadas. "A única diferença aqui é a proximidade".

- Você parece muito bem com isso.

Rhys olhou por cima de um ombro para onde eu me demorava ao pé da cama maciça de marfim, sua cabeceira esculpida formada por lírios sobrepostos. "É a vida deles - o relacionamento deles. Ambos tiveram muitas oportunidades de confessar o que sentem.

Mas não fizeram. Mor especialmente. Por razões particulares, tenho certeza. Minha intromissão não vai melhorar. "

- Mas... mas ele a ama. Como ele pode ficar de braços cruzados?

- Ele acha que ela é mais feliz sem ele. - Seus olhos brilharam com a memória - de sua própria escolha para se sentar costas. "Ele acha que não é digno dela. "

- Parece uma característica illyriana.

Rhys bufou, voltando para as estrelas. Eu vim até seu lado e passei meu braço em torno de sua cintura. Ele abriu seu braço para mim, segurando meu ombro enquanto eu descansava minha cabeça contra aquele ponto macio onde seu próprio ombro se encontrava com seu peito. Um batimento cardíaco mais tarde, sua asa curvou em torno de mim, também, envolvendo-me em seu calor sombreado.

- Chegará um dia em que Azriel terá que decidir se ele vai lutar por ela ou deixá-la ir. E não será porque

algum outro homem a insulta ou a acopla.

- E o Cassian? Ele está emaranhado... e habilitando essa tolice.

Um sorriso irônico. "Cassian vai ter que decidir algumas coisas, também. No futuro próximo, eu acho. "

- Ele e Nestha...?

- Eu Não Sei. Até que o vínculo se encaixe no lugar, pode ser difícil de detectar. -

Rhys engoliu uma vez, olhar fixo nas estrelas. Eu simplesmente esperei. "Tamlin ainda ama você, você sabe. "

- Eu sei.

- Isso foi um encontro feio.

- Tudo isso foi feio, - eu disse. O que Beron e Tamlin tinham trazido com Amarantha, o que Rhys tinha sido forçado a revelar... "Você está bem?" Eu ainda podia sentir a umidade de sua mão sobre a minha quando ele falou do que Amarantha tinha feito.

Ele passou o polegar pelo meu ombro. "Não foi... fácil." Ele emendou, "Eu pensei que eu vomitaria por todo o chão."

Eu apertei-o um pouco mais forte. "Eu sinto muito que você teve que compartilhar essas coisas - desculpe... sinto muito por tudo isso, Rhys." Eu respirei seu cheiro, levando isto profundamente em meus pulmões. Nós tínhamos feito isso. "E eu sei que provavelmente não significa nada, mas... estou orgulhosa de você. Que você foi corajoso o suficiente para dizer a eles. "

- Isso não significa nada, - ele disse suavemente. - "Que você sente isso por mim, por hoje. " - Ele beijou minha têmpora e o calor brilhou ao longo do vínculo. "Significa..."

Sua asa se curvou mais perto de mim. "Eu não tenho as palavras para dizer o que isso significa." Mas, como esse amor, aquela alegria e luz brilhavam através do vínculo... Eu entendi.

Ele olhou para mim. - E você... está bem?

Eu aninhei minha cabeça mais em seu peito. "Eu apenas me sinto... cansada. Triste.

Triste que ficou tão horrível - e ainda... ainda furiosa sobre tudo o que aconteceu comigo, com minhas irmãs. Eu... " Eu soltei um longo suspiro. "Quando eu estava de volta a Corte Primavera... " - Engoli em seco. - "Procurei pelas asas. "

Rhys ficou completamente imóvel, e eu peguei sua mão, apertando com força, enquanto ele apenas dizia: "Você as encontrou?" As palavras eram apenas um toque de ar.

Eu balancei a cabeça, mas disse antes que o pesar em seu rosto pudesse crescer, "Eu descobri que ele as queimou - há muito tempo."

Rhys não disse nada por um momento prolongado, sua atenção retornando às estrelas. "Obrigado por lembrar, por arriscar-se a procurá-las." O único vestígio - os terríveis remanescentes - de sua mãe e irmã.

- Eu não... Eu estou feliz que ele as queimou," Rhys admitiu. "Eu poderia matá-lo feliz, por tantas coisas, e ainda assim..." Ele esfregou o peito. - "Estou feliz por ele ter oferecido essa paz, pelo menos. "

Eu balancei uma cabeça. "Eu sei." Eu corri meu polegar sobre o dorso de sua mão.

E talvez por causa do silêncio cru e áspero, eu confessei, "É estranho, compartilhar um quarto, uma cama, com você sob o mesmo teto que ele."

- Eu posso imaginar.

Em algum lugar deste palácio, Tamlin estava deitado na cama - bem ciente de que eu estava prestes a deitar com Rhysand. O passado emaranhado e rosnado, e eu sussurrei, "Eu não acho - eu não acho que eu posso ter sexo aqui. Com ele tão perto. " Rhys permaneceu quieto. "Desculpe se... "

- Você não precisa se desculpar. Nunca.

Olhei para cima, encontrando seu olhar em mim - não zangado ou frustrado, mas...

triste. Entendendo. "Eu quero compartilhar esta cama com você, porém," eu respirei. "Eu quero que você me abrace."

Estrelas ganharam a vida em seus olhos. "Sempre," ele prometeu, beijando minha sobrancelha, suas asas agora me envolvendo completamente. Sempre.

CHAPTER

Helion escorregou do quarto de Mor antes de acordarmos - embora eu certamente os ouvisse durante toda a noite. O suficiente para que Rhys colocasse um escudo em torno do nosso quarto. Azriel e Cassian não retornaram.

Mor não parecia uma mulher que estava saindo com um lindo GrãoSenhor, no entanto, quando ela escolheu seu café da manhã. Havia algo vazio em seus olhos castanhos, uma palidez em sua pele ordinariamente dourada.

Cassian se pavoneou finalmente, saudando Mor com uma lasca: - "Você está horrível... Helion manteve você acordada a noite toda? "

Ela jogou sua colher nele. Em seguida, seu mingau.

Cassian pegou o primeiro e se protegeu contra o outro, seu Sifão flamejando como uma brasa despertando.

Mingau deslizou para o chão.

- Helion queria que você se juntasse, - ela respondeu, recarregando seu chá.

"Bastante."

- Talvez da próxima vez, - Cassian disse, caindo no assento ao meu lado. "Como está a sua irmã?"

- Ela parecia bem - ainda preocupada.- Eu não perguntei onde ele e Azriel estiveram a noite toda. Apenas porque eu não tinha certeza Mor queria ouvir a resposta.

Cassian serviu-se das bandejas de frutas e doces, franzindo a testa com a falta de carne. "Pronta para outro dia cheio de discussões e conspirações?"

Mor e eu resmungamos. Rhys entrou, o cabelo ainda úmido do banho e sorriu. "Esse é o espírito."

Apesar do dia cheio de dificuldades, sorri para meu parceiro.

Ele me abraçou a noite toda, encostada no peito dele, sua asa pendurada sobre mim.

Um tipo de intimidade diferente do sexo - mais profundo. Nossas almas entrelaçadas, segurando apertado.

Eu tinha acordado com sua asa ainda sobre mim, sua respiração fazendo cócegas no meu ouvido. Minha garganta fechou-se enquanto eu estudava seu rosto adormecido, meu peito apertando até o ponto de dor. Eu estava bem consciente do quão selvagemmente eu o amava, mas olhando para ele assim... Eu senti em cada poro do meu corpo, senti como se ele pudesse me esmagar, me consumir. E da próxima vez que alguém o insultasse...

A idéia ainda estava rondando em minha mente enquanto terminávamos o café da manhã, vestida e voltando para aquela câmara no topo do palácio. Para começar a formar a espinha dorsal desta aliança.

Eu mantive a coroa de ontem, mas troquei meu vestido da Queda das Estrelas por um de um preto brilhante, o vestido feito de seda de ébano sólido coberto com brilhantes de obsidiana. Suas saias fluíam atrás de mim, as mangas apertadas se afunilavam em pontos que roçavam o centro da minha mão, enroladas ao redor da minha cintura com um anel de ônix anexado. Se eu fosse uma estrela caída ontem, hoje o misterioso traje de Rhys me transformou na Rainha da Noite.

O resto dos meus companheiros vestiram-se de acordo.

Ontem, tínhamos sido nós mesmos - abertos e amigáveis e carinhosos. Hoje mostramos as outras Cortes o que iremos desencadear sobre nossos inimigos. Do que fomos capazes se provocados.

Helion estava de volta ao seu afastamento, arrogante distanciamento, descansando em sua cadeira quando nós entramos naquela encantadora câmara em cima de um dos palácios de muitas torres douradas. Ele deu a Mor um olhar extra, lábios curvando-se em diversão sensual. Ele estava resplandecente hoje em trajes de cobalto bordado em ouro que compensaram sua pele marrom reluzente, sandálias douradas em seus pés. Azriel, as sombras flutuando de seus ombros e pés, ignorou-o quando passou. No entanto, o encantador de sombras não tinha mostrado um tremor de emoção a Mor quando nos encontrou no saguão.

Ela não tinha perguntado onde ele esteve toda a noite e a manhã, e Azriel não tinha oferecido nada. Mas ele não parecia inclinado a ignorá-la, pelo menos. Não, ele tinha acabado de se acomodar em seu habitual silêncio vigilante, e Mor se contentara em deixá-

lo, mostrando um pouco de alívio assim que ele se virou para nos levar ao encontro, provavelmente já tendo rastreado a caminhada minutos atrás.

Thesan foi a única pessoa que se preocupou em saudar-nos quando passamos pelo arco drapeado, mas ele deu uma olhada no nosso traje, nos nossos rostos, e murmurou uma oração para o Caldeirão. Seu amante, voltou a vestir a armadura de capitão, nos fitou, as asas se abrindo ligeiramente, mas manteve-se com os outros Peregrins.

Tamlin chegou por último, olhando sobre todos nós enquanto ele se sentava. Eu não me incomodei em reconhecê-lo.

E Helion não esperou que Thesan acenasse para começar. Ele apenas cruzou um tornozelo sobre um joelho e disse, "Eu revisei completamente os gráficos e as figuras que você compilou, Tamlin."

- E? - Tamlin mordeu. Hoje seria incrivelmente bem, então.

- E, - Helion disse simplesmente, sem um rastro do homem rindo e fácil da noite anterior, "se você puder reunir suas forças rapidamente, você e Tarquin poderão ser capazes de manter a linha de frente o tempo suficiente para aqueles de nós acima do meio levarmos as legiões maiores. "

- Não é tão fácil - disse Tamlin com os dentes. "Eu tenho um terço deles à esquerda."

Um olhar de relance em direção a mim. - Depois que Feyre destruiu sua fé em mim.



Eu tinha feito isso - na minha raiva, minha necessidade de vingança... eu não tinha pensado a longo prazo. Não tinha considerado que talvez precisássemos desse exército.

Mas-Nestha deixou escapar um barulho soproso e agudo e saltou da cadeira.

Eu me atirei para ela, quase tropeçando nas saias do meu vestido enquanto ela cambaleava para trás, uma mão segurando seu peito.

Outro passo a teria feito tropeçar na piscina de reflexão, mas Mor saltou para frente, segurando-a. "O que há de errado?" Mor perguntou, segurando minha irmã erguida enquanto seu rosto se contorcia no que parecia ser - dor. Confusão e dor.

O suor umedeceu a testa de Nestha, embora seu rosto ficasse pálido. "Algo..." A palavra foi interrompida por um gemido baixo. Ela cedeu, e Mor a pegou completamente, examinando o rosto de Nestha. Cassian estava instantaneamente ali, com a mão em suas costas, os dentes descobertos diante da ameaça invisível.

- Nestha, - eu disse, alcançando ela.

Nestha agarrou-se e então torceu através de Cassian para esvaziar seu estômago na piscina de reflexão.

- Poção? - Kallias perguntou, empurrando Viviane atrás dele. Ela apenas pisou em torno de seu braço. Tamlin permaneceu sentado, sua mandíbula uma linha dura, monitorando todos nós.

Mas Helion e Thesan caminharam para frente, sombrios e concentrados. O poder de Helion tremeluziu ao seu redor como um vaga-lumes brilhante, lançando-se para minha irmã, pousando sobre ela suavemente.

Thesan, dourado e rosado, pôs uma mão no braço de Nestha. Cura.

- Nada, - eles disseram juntos.

Nestha apoiou a cabeça contra o ombro de Mor, sua respiração irregular. "Algo está errado," ela conseguiu dizer. "Não comigo. Eu não."

Mas com o Caldeirão.

Rhys estava tendo uma espécie de conversa silenciosa com Azriel e Cassian, este último monitorando cada respiração que minha irmã tomava. Mas os dois Illyrianos acenaram com a cabeça para Rhys, e começaram a caminhar para as janelas abertas – para voar.

Nestha gemeu, corpo tenso como se fosse vomitado novamente. Mas então nós sentimos isso.

Um estremecimento através da terra. Através de ar, pedra e plantas, crescendo coisas.

Como se algum grande deus tivesse soprado uma respiração pela terra.

Então o impacto veio.

Rhys se atirou sobre mim tão rápido que não registrei completamente que a própria montanha tremia, que o edifício balançava. Atingimos as pedras quando os detritos choviam, e eu o sentia se preparando para

atravessar... Então parou.

Gritos surgiram do vale abaixo. Mas o silêncio reinava no palácio. Entre nós.

Nestha voltou a vomitar, e Mor a deixou cair no chão desta vez.

- Que diabos ... - começou Helion.

Mas Rhys tirou seu corpo do meu, seu rosto bronzeado perdendo a cor. Seus lábios ficaram sem sangue enquanto olhava para o sul. Longe, muito para o sul.

Senti sua lança mágica, uma estrela cadente em toda a terra.

E quando ele olhou para nós, seus olhos foram diretos para mim. Era o medo neles - a tristeza e o medo - que fez minha boca ficar completamente seca. Isso fez meu sangue correr gelado.

Rhys engoliu em seco. Uma vez. Duas vezes. Então ele declarou com voz rouca: -

O Rei de Hybern usou o Caldeirão para atacar a Muralha.

Murmurios e alguns suspiros.

Rhys engoliu uma terceira vez, e o chão escorregou para debaixo de mim enquanto ele esclareceu, "A Muralha se foi. Quebrou. Em Prythian, e no continente." Ele disse novamente, como se convencendo a si mesmo, "Estávamos atrasados demais - muito lento. Hybern simplesmente destruiu a Muralha. "

CHAPTER

A conexão de Nestha com o Caldeirão, Rhys meditou enquanto nos reuníamos em volta da mesa de jantar na casa da cidade, lhe permitiu sentir que o rei de Hybern estava reunindo seu poder.

Da mesma forma que eu era capaz de manejar a conexão com os GrãoSenhores e rastrear seus vestígios de poder, como para encontrar o Livro e o Caldeirão, o próprio poder de Nestha - a própria imortalidade - estava tão ligada ao Caldeirão que sua presença terrível, quando acordado, ecoava através dela, também.

Por isso a caçava. Não só pelo poder que ela tinha tomado... mas pelo fato de que Nestha era um sino de advertência.

Nós todos partimos da Corte Crepuscular dentro de minutos, Thesan prometendo grandes remessas de antídoto de faebane a cada GrãoSenhor e seus exércitos dentro de dois dias, e que seus Peregrinos começariam a preparar-se sob o comando de seu capitão – e se juntariam aos Illyrianos no céu.

Kallias e Helion juraram que seus próprios exércitos terrestres marchariam o mais rápido possível. Apenas Tamlin, cuja fronteira sul cobria toda a muralha, não sabia - seus exércitos estavam em ruínas. Helion apenas disse a Tamlin antes que ele saísse: - "Tire sua gente. Traga qualquer família que você possa reunir. "

Permaneceu atrás de mim.

Tarquin ecoou o sentimento, junto com sua promessa de oferecer um porto seguro para a Corte Primavera. Tamlin não respondeu a nenhum deles. Não confirmou se estaria trazendo suas forças antes que ele ganhasse -

Não olhou para mim. Um pequeno alívio, já que eu não tinha decidido se exigia sua ajuda ou cuspia nele.

As despedidas foram breves. Viviane abraçou Mor com força, depois a mim, para minha surpresa. Kallias apenas apertou a mão de Rhys, um gesto tenso, tentativo, e desapareceu com sua parceira. Então Helion, com um piscar de olhos. Tarquin foi o último a ir, Varian e Cresseida flanqueando-o. Sua armada, eles decidiram, seria deixada para guardar suas próprias cidades enquanto o grosso de seus soldados marcharia em terra.

Os esmagadores olhos azuis de Tarquin brilharam quando seu poder se reuniu para atravessar. Mas Varian disse - para mim, para Rhys - "Diga a ela obrigado." Ele pôs uma mão em seu peito, o fino fio de ouro e prata de sua jaqueta de cerceta brilhando no sol da manhã. "Diga a ela..." O príncipe de Adriata sacudiu a cabeça. "Eu vou dizer a ela mesma na próxima vez que eu a vir." Parecia mais uma promessa - que Varian iria ver Amren novamente, com guerra ou não.

Então eles se foram.

Nenhuma palavra chegou de Beron antes de termos pronunciado nossas despedidas e gratidão a Thesan. Nem um sussurro que Beron pudesse ter mudado de idéia. Ou que Eris poderia tê-lo persuadido.

Mas isso não era minha preocupação. Ou de Nestha.

Se a Muralha tinha caído... Tarde demais. Tínhamos chegado tarde demais. Toda aquela pesquisa... Eu deveria ter insistido que se Amren considerava Nestha quase pronta, então nós deveríamos ter ido direto para a Muralha. Ver o que ela poderia fazer, decifrando o Livro ou não.

Talvez tenha sido minha culpa, por querer protegê-la, construir sua força, por deixá-la ficar retraída.

Mas se eu tivesse empurrado e empurrado...

Mesmo agora, sentada em torno da sala de jantar em Velaris, eu não tinha decidido se o potencial de quebrar a minha irmã permanentemente valia o custo de salvar vidas.

Eu não sabia como Rhys e os outros haviam tomado tais decisões - há anos.

Especialmente durante o reinado de Amarantha.

- Devíamos ter evacuado meses atrás, - disse Nestha, seu prato de frango assado e legumes intocados. Foram as primeiras palavras que qualquer um de nós falou em minutos, enquanto todos nós tínhamos escolhido a nossa comida.

Elain tinha sido informada por Amren. Ela agora estava sentada à mesa, mais reta e com os olhos mais claros do que eu a tinha visto. Teria ela observado isso, em qualquer andar que aquela nova visão interior lhe concedesse? Teria o Caldeirão lhe sussurrado enquanto estávamos ausentes? Eu não tinha o coração pronto para perguntar a ela.

Rhys estava dizendo a Nestha: "Podemos ir à sua propriedade esta noite - evacuar sua casa e trazê-los aqui."

- Eles não virão.

- Então eles provavelmente morrerão.

Nestha endireitou o garfo e a faca ao lado do prato. "Você não pode levá-los para algum lugar no sul... longe daqui?"

- São muitas pessoas? Não sem primeiro encontrar um lugar seguro, o que levaria tempo que não temos.

Rhys pensou. - Se pegarmos um navio, podem navegar...

- Eles vão exigir que suas famílias e amigos venham.

Uma batida de silêncio. Não uma opção. Então Elain disse em voz baixa: -

Poderíamos levá-los para a propriedade de Graysen.

Todos nós a encaramos com a regularidade de sua voz.

Ela tragou, sua garganta esbelta tão pálida, e explicou, "Seu pai tem paredes altas -

feitas de pedra grossa. Com espaço para muitas pessoas e suprimentos." Todos nós fizemos questão de não olhar para aquele anel que ela ainda usava. Elain prosseguiu: -

"Seu pai tem planejado algo assim por... há muito tempo. Eles têm defesas, lojas..." Uma respiração rasa. "E um bosque de árvores de Freixo, com um estoque de armas feitas delas."

Um rosnado de Cassian. Apesar de seu poder, seu poder... No entanto, essas árvores tinham sido criadas, algo na madeira da Freixo cortava direito através das defesas Feéricas. Eu tinha visto em primeira mão - matei um dos sentinelas de Tamlin com uma flecha na garganta.

- Se os feéricos que atacarem possuírem magia – Cassian disse, e Elain recuou com o tom áspero -, então a pedra grossa não vai fazer muito.

- Há túneis de fuga - sussurrou Elain. - Talvez seja melhor do que nada.

Um olhar entre os Illyrianos. - Podemos preparar um guarda... - começou Cassian.

- Não, - Elain interrompeu, sua voz mais alta do que eu tinha ouvido em meses.

"Eles... Graysen e seu pai... "

Cassian apertou a mandíbula. "Então nós vestimos-"

- Eles têm cachorros. Criados e treinados para caçar você. Detectá-lo.

Um silêncio rígido enquanto meus amigos contemplavam como, exatamente, aqueles cães de caça tinham sido treinados.

- Você não pode querer deixar seu castelo sem defesa, - Cassian tentou um tom mais suavemente. "Mesmo com o freixo, não será suficiente. Precisamos estabelecer alguns limites no mínimo. "

Elain pensou. - Posso falar com ele.

- Não, - eu disse no mesmo momento que Nestha fez.

Mas Elain nos cortou. "Se... se você e... eles" - um olhar para Rhys, meus amigos -

"vierem comigo, seu cheiro feérico pode distrair os cães. "

- Você também é feérica - disselhe Nestha.

- Me aplique Glamour, - disse Elain para Rhys. "Me faça parecer humana. Só o tempo suficiente para convencê-lo a abrir seus portões para aqueles que procuram santuário. Talvez até mesmo deixe que você defina esses feitiços em torno da propriedade."

E com nossos cheiros para confundir os cães... "Isso poderia acabar muito mal, Elain."

Ela escovou seu polegar sobre o anel de noivado de ferro e diamante. "Já terminou mal. Agora é apenas uma questão de decidir como vamos enfrentar as consequências. "

- Sabiamente dito, - Mor ofereceu, sorrindo suavemente para Elain. Ela olhou para Cassian. "Você precisa mover as legiões Illyrianas hoje."

Cassian assentiu, mas disse a Rhys: "Com a Muralha caída, precisamos que você faça algumas coisas claras para os Illyrianos. Preciso de você no acampamento comigo, para dar um de seus lindos discursos antes de irmos.

A boca de Rhys se contraiu em direção a um sorriso. - "Podemos ir, então vamos para as terras humanas. " - Ele examinou-nos, a casa da cidade. - "Temos uma hora para nos preparar. Encontramo-nos aqui, depois saímos. "

Mor e Azriel imediatamente saíram, Cassian caminhou para Rhys para perguntar-lhe sobre os soldados da Corte dos Pesadelos e sua preparação. Nestha e eu apontámos para Elain, "Tem certeza?", perguntei ao mesmo tempo que Nestha disse: "Eu posso ir -

deixe-me falar com ele."

Elain só se levantou. "Ele não te conhece", ela disse para mim. Então ela enfrentou Nestha com um olhar franco e estupefato. - "E ele odeia você. "

Alguma parte podre de mim se perguntou se o seu noivado sendo rompido era para o melhor, então. Ou se Elain sugerira de algum modo esta visita, logo depois de Lucien ter deixado Prythian, por alguma chance de... Eu não me deixei terminar o pensamento.

Eu disse, observando o espaço onde meus amigos haviam desaparecido da casa da cidade, "Eu preciso que você entenda, Elain, que se isto vai mal... se ele tentar prejudicar você, ou qualquer um de nós ..."

- Você defenderá o seu povo.

- Eu vou te defender.

Uma expressão vaga nevoou sobre seus olhos. Mas Elain ergueu o queixo. "Não importa o quê, não o mate. Por favor."

- Tentaremos...

- Jure. - Eu nunca tinha ouvido esse tom dela. Nunca.

- Eu não posso fazer essa promessa. - Eu não recuaria, não sobre isso. - "Mas farei tudo o que estiver ao meu alcance para evitá-lo. "

Elain parecia perceber isso também. Ela olhou para si mesma, para o simples vestido azul que usava. "Eu preciso me vestir."

- Vou ajudá-la - ofereceu-se Nestha.

Mas Elain sacudiu a cabeça. - Nuala e Cerridwen vão me ajudar.

Então ela se foi - os ombros um pouco mais erguidos.

A garganta de Nestha balançou. Eu murmurei: "Não foi sua culpa - que a Muralha tenha caído antes que pudéssemos impedir."

Olhos cheios de aço cortaram-me. - Se eu tivesse ficado para praticar...

- Então você teria estado aqui enquanto esperava que voltássemos da reunião.

Nestha alisou uma mão por seu vestido escuro. "O que eu faço agora?"

Um propósito, eu percebi. Assignando-lhe a tarefa de encontrar uma maneira de reparar os buracos na Muralha... tinha dado à minha irmã o que talvez nossas vidas humanas nunca lhe tivessem concedido.

- Você vem com a gente para a propriedade de Graysen e depois viaja com o exército. Se você estiver conectada com o Caldeirão, então precisamos que você sinta.

Precisamos que você nos diga quando for empunhado novamente.

Não era uma missão, mas Nestha balançou a cabeça da mesma forma.

Assim quando Cassian bateu Rhys no ombro e rondou em nossa direção. Ele parou a um pé de distância, e franziu a testa. "Vestidos não são bons para voar, senhoras."

Nestha não respondeu.

Ele levantou uma sobrancelha. "Nenhum latido ou mordida hoje?"

Mas Nestha não se levantou para encontrá-lo, seu rosto ainda drenado e pálido. "Eu nunca usei calças," foi tudo o que ela disse.

Eu poderia ter jurado que interesse atravessou as características de Cassian. Mas ele o afastou e disse: - Não tenho dúvidas de que você começaria um tumulto se o fizesse.

Nenhuma reação. Talvez o Caldeirão...

Cassian pisou no caminho de Nestha quando ela tentou passar por ele. Pôs uma mão bronzeada e calosa em sua testa. Ela sacudiu o toque, mas ele agarrou seu pulso, forçando-a a encontrar seu olhar fixo. - "Qualquer um desses idiotas humanos faz um movimento para te machucar" - ele suspirou - "e você os mata."

Ele não estaria vindo - não, estaria reunindo todo o poder das legiões Illyrianas.

Azriel estaria se juntando a nós, entretanto.

Cassian apertou uma de suas facas na mão de Nestha. - "Freixo pode te matar agora"

- disse ele com uma calma letal enquanto olhava para a lâmina. "Um arranhão pode fazer você ficar enjoada o suficiente para ser vulnerável. Lembre-se onde as saídas estão em cada quarto, cada cerca e pátio... marque-os quando você entrar, e marque quantos homens estão ao seu redor. Marque, onde Rhys e os outros estão. Não esqueça que você é mais forte e mais rápida. Aponte para as partes macias," ele adicionou, dobrando seus dedos em torno do punho. "E se alguém te colocar em um porão..." Minha irmã não disse nada quando Cassian mostrou-lhe as áreas sensíveis em um homem. Não apenas a virilha, mas o interior do pé, beliscando a coxa, usando seu cotovelo como uma arma. Quando ele terminou, ele deu um passo para trás, seus olhos castanhos revolvendo com alguma emoção que eu não conseguia determinar.

Nestha examinou a adaga fina em sua mão. Então ergueu a cabeça para olhar para ele.

- Eu disse para você vir para o treinamento, - Cassian disse com um sorriso arrogante, e saiu andando.

Eu estudei Nestha, a adaga, seu rosto quieto, imóvel.

- Nem comece, - ela me avisou, e foi para a escada.

Encontrei Amren em seu apartamento, xingando o Livro.

- Vamos embora dentro de uma hora - eu disse. - Você tem tudo o que precisa aqui?

- Sim. - Amren levantou a cabeça, aqueles olhos prateados virados de ira. Não para mim, eu percebi com um alívio pequeno. No fato de que Hybern tinha batido-nos para a parede. Batido nela.

Esse não era o meu problema.

Não como as palavras daquela reunião com os GrãoSenhores. Não quando eu vi novamente Beron sair, nenhum soldado ou ajuda prometida. Não quando eu ouvi Rhys e Cassian discutindo quão poucos soldados os outros possuíam em comparação com forças de Hybern.

A provocação do rei a Rhys estava passando por meus pensamentos há dias.

Hybern esperava que ele desse tudo - tudo - para detê-los. Tinha alegado apenas que nos daria um tiro de combate. E eu conhecia meu parceiro. Talvez melhor do que eu imaginava. Eu sabia que Rhys iria gastar tudo de si mesmo, se destruir, se isso significasse uma chance de ganhar. De sobreviver.

Os outros GrãoSenhores... Eu não podia arriscar-me a contar com eles. Helion, forte como ele era, nem sequer pisou para salvar sua própria amante. Tarquin, talvez. Mas os outros... Eu não os conhecia. Não tive tempo para conhece-los. E eu não apostaria sua lealdade. Eu não apostaria Rhys.

- O que você quer? - Amren estalou quando eu fiquei olhando para ela.

- Há uma criatura debaixo da biblioteca. Você sabe?

Amren fechou o Livro. - Seu nome é Bryaxis.

- O que é isso?



- Você não quer saber, garota.

Eu empurrei para trás o braço do meu vestido de ébano, a elegância tão em desacordo com o loft, sua bagunça. "Eu fiz um acordo com ela." Mostrei-lhe a banda de tatuagem em torno do meu antebraço. - "Suponho que sim. "

Amren ficou de pé, limpando a poeira de suas calças cinzas. "Eu ouvi sobre isso.

menina tola."

- Eu não tive escolha. E agora estamos ligadas uma a outra.

- E o quê?

- Quero pedir outro acordo. Preciso que você examine os feitiços que a prendem lá embaixo - e para explicar as coisas." Eu não me preocupei em parecer agradável. Ou desesperada. Ou grata. Eu não me preocupei em limpar a máscara fria e dura do meu rosto quando eu acrescentei: "Você está vindo comigo. Agora mesmo."

CHAPTER

Não havia nenhuma sacerdotisa esperando para nos levar para o poço negro no coração da biblioteca. E Amren, por uma vez, se manteve quieta. Chegamos ao nível inferior, aquele escuro impenetrável, nossos passos como único som.

- Eu quero falar com você, - eu disse na escuridão acenando além do fim da luz vazando para baixo do alto acima.

*Ninguém me convoca.*

- Eu convoco você. Estou aqui para te oferecer companhia. Como parte do nosso negócio.

Silêncio.

Então eu senti, serpenteando e ondulando em torno de nós, engolindo a luz. Amren jurava baixinho.

*Você trouxe... o que trouxe?*

- Alguém como você. Ou você poderia ser como eles.

*Você fala em enigmas.*

Uma mão fria, insubstancial, roçou minha nuca e tentei não olhar para a luz.

- Bryaxis. Seu nome é Bryaxis. E alguém o trancou aqui há muito tempo.

A escuridão pausou.

- Estou aqui para lhe oferecer outro acordo.

Amren permaneceu imóvel e em silêncio, como eu disse a ela, me oferecendo um único aceno de confirmação. Ela poderia realmente cortar as divisões segurando Bryaxis aqui - quando fosse a hora.

- Há uma guerra, - eu disse, lutando para manter minha voz firme. "Uma guerra terrível a ponto de atravessar a Terra, se eu puder te libertar, você vai lutar por mim? Para mim e meu Grão - Senhor?

A coisa - Bryaxis - não respondeu.

Eu empurrei Amren com meu cotovelo.

Ela disse, sua voz tão jovem e velha como a da criatura: "Nós lhe ofereceremos a liberdade deste lugar em troca da sua ajuda".

Uma barganha. Uma magia simples e poderosa. Tão grande quanto qualquer livro poderia reunir.

*Esta é a minha casa.*

Eu considerei. - Então o que você quer em troca?

Silêncio.

*Luz solar. E luar. As estrelas.*

Eu abri a boca para dizer que não estava inteiramente certa de que, mesmo como Grã-Senhora da Corte Noturna, eu poderia prometer tais coisas, mas Amren pisou no meu pé e murmurou: "Uma janela. Bem no alto."

Não era um espelho, como o Entalhador queria. Mas uma janela na montanha. Nós teríamos que esculpir muito, muito para cima, mas -

- É isso aí?

Amren pisou no meu pé desta vez.

Bryaxis sussurrou em meu ouvido, Será que vou ser capaz de caçar sem restrição nos campos de batalha? Beber seu medo e temor até que eu esteja saciado?

Sentime um pouco mal por Hybern quando eu disse: "Sim, só Hybern. E só até a guerra acabar." De uma maneira ou de outra.

Uma batida de silêncio. *O que você quer que eu faça, então?*

Eu gesticulei para Amren. "Ela vai explicar. Ela desabilitará os feitiços, quando precisarmos de você.

*Então eu vou esperar.*

- Então é um acordo. Você obedecerá nossas ordens nesta guerra, lute por nós até que não mais precisemos de você, e em troca... vamos trazer para você o sol, a lua e as estrelas. Em sua casa." Outro prisioneiro que tinha chegado a amar a sua cela. Talvez Bryaxis e o Entalhador se encontrem. Um antigo deus-morte e o rosto dos pesadelos. A pintura, terrível ainda que sedutora, começou a arrastar raízes profundamente dentro de minha mente.

Eu mantive meus ombros soltos, postura tão casual como eu poderia chamar enquanto a escuridão deslizou em torno de mim, Enrolando entre mim e Amren, e sussurrou em meu ouvido, *É um acordo.*

Eu contei os minutos. Quando todos nós nos reunimos no foyer da casa de cidade mais uma vez para atravessar ao acampamento Illyriano, eu tinha mudado para meus couros de luta, minha nova tatuagem escondida embaixo.

Ninguém perguntou onde eu tinha ido. Mor me olhou e perguntou: - Onde está Amren?

- Ainda no porão sobre o Livro, - eu respondi quando Rhys apareceu na casa da cidade. Não é uma mentira. Amren ficaria aqui até que precisássemos dela nos campos de batalha.

Rhys inclinou a cabeça. "Procurando o que? A Muralha se foi. "

- Por qualquer coisa, - eu disse. "Para outra maneira de anular o Caldeirão que não envolva o interior da minha cabeça escorrendo pelo nariz. "

Rhys se encolheu e abriu a boca para objetar, mas eu o interrompi. "Deve haver outra maneira – Amren pensa que deve haver outro caminho. Não faz mal olhar. E tem sua caça para qualquer outro feitiço que possa parar o rei ".

E quando Amren não estava fazendo isso... ela buscaria como derrubar aqueles feitiços complexos contendo Bryaxis sob a biblioteca - para ser cortada apenas quando eu pedisse por Bryaxis. Somente quando o poder do exército de Hybern estivesse completamente em cima de nós. Se eu não poderia obter o Ouroboros para o Entalhador...

então Bryaxis era melhor do que nada.

Eu não estava inteiramente certa porque eu não a mencionei aos outros.

Os olhos de Rhys piscaram, sem dúvida, guerreando com a idéia do papel que qualquer outra rota exigiria de mim em relação ao Caldeirão, mas ele acenou com a cabeça.

Eu entrelacei meus dedos com os dele, e ele apertou uma vez.

Atrás de mim, Mor pegou Nestha e Cassian pela mão, preparando-se para os levar ao acampamento, enquanto sombras se juntaram ao redor de Azriel, Elain ao seu lado, de olhos arregalados para a exibição do espião.

Mas nós hesitamos - todos nós. E eu me permiti uma última vez observá-lo, o mobiliário, a madeira e luz solar. Ouvir os sons de Velaris, o riso das crianças nas ruas, a canção das gaivotas.

No silêncio, eu sabia que meus amigos também estavam.

Rhys limpou a garganta e acenou para Mor. Então ela se foi, Cassian e Nestha com ela. Então Azriel, tomando gentilmente a mão de Elain na sua, como se temesse que suas cicatrizes a machucassem.

Sozinha com Rhys, eu saboreava o sol amanteigado que escorria pelas janelas da porta da frente. Respirei o cheiro do pão que Nuala e Cerridwen tinham assado naquela manhã com Elain.

- A criatura na biblioteca - murmurei. - Seu nome é Bryaxis.

Rhys levantou uma sobrancelha. - Oh?

- Eu ofereci um acordo. Para lutar por nós.

Estrelas dançavam naqueles olhos violetas. - E o que Bryaxis disse?

- Só que ele quer uma janela - para ver as estrelas e a lua e o sol.-

- Você explicou que precisa matar apenas nossos inimigos, não é?

Eu o cutuquei com um quadril. "A biblioteca é sua casa. Ele só queria alguns ajustes feitos. "

Um sorriso torto puxou a boca de Rhys. "Bem, eu suponho que se eu tenho que redecorar meu próprio alojamento para combinar com o esplendor de Thesan, eu poderia muito bem adicionar uma janela para a pobre criatura. "

Eu o cutuquei nas costelas daquele momento. Ele ainda usava suas vestes elegâtes do encontro. Rhys riu entre dentes. "Assim nosso exército cresce por um. Pobre Cassian nunca se recuperará quando ele vir o seu novo recruta. "

- Com sorte, Hybern também não.

- E o Entalhador?

- Ele pode apodrecer lá. Eu não tenho tempo para seus jogos. Bryaxis terá que ser suficiente.

Rhys olhou para o meu braço, como se pudesse ver a nova segunda banda ao lado da primeira. Ele ergueu nossas mãos juntas e pressionou um beijo na parte de trás da minha palma.

Mais uma vez, olhamos em silêncio para a casa da cidade, analisando todos os detalhes, o silêncio que agora jazia como uma camada de poeira sobre ela.

Rhys disse suavemente, "Eu me pergunto se nós vamos vê-la novamente."

Eu sabia que ele não estava apenas falando sobre a casa. Mas eu me levantei na ponta dos pés e beijei sua bochecha. "Nós iremos", eu prometi quando um vento escuro se reuniu para nos varrer para o campo de guerra Illyriano. Segurei-o com firmeza enquanto eu acrescentava: - "Vamos ver tudo de novo. "

E quando aquele vento beijado pela noite nos invadiu, afastou-nos para a guerra, para um incontável perigo... Rezei para que minha promessa fosse verdadeira.

# PART THREE

## High Lady

### CHAPTER

Mesmo no auge do verão, o acampamento Illyriano estava úmido. Refrescante.

Havia alguns dias verdadeiramente encantadores, Rhys assegurou-me no momento em que eu franzi as sombrancelhas quando atravessamos nele, mas o tempo mais fresco era melhor de qualquer maneira, quando um exército estava envolvido. O calor fazia subir os temperamentos. Especialmente quando era muito quente para dormir confortavelmente.

E considerando que os Illyrianos eram um lote muito irritadiços para começar... Era uma bênção que o céu estivesse nublado e o vento fresco.

Mas mesmo o tempo não era suficiente para fazer a vista agradável.

Eu só reconheci um dos Illyrianos musculosos vestidos com armadura completa esperando por nós. Senhor Devlon. O sorriso ainda estava em seu rosto - embora mais suave em comparação com o desprezo puro contorcendo as características de alguns.

Como Azriel e Cassian, eles possuíam cabelos escuros e olhos de avelã e marrom. E, como meus amigos, sua pele era de uma rica tonalidade de marrom dourado, alguns salpicados com cicatrizes de cor osso-branco de variandas gravidades.

Mas ao contrário dos meus amigos, um ou dois Sifões adornavam suas mãos. Os sete que Azriel e Cassian usavam parecia quase vulgar em comparação.

Mas os homens reunidos apenas olhavam para Rhys, como se os dois Illyrianos que o acompanhassem não fossem mais do que Árvores. Mor e eu ficamos em ambos os lados de Nestha, que usava um vestido azul escuro e prático, e agora examinava o acampamento, os guerreiros alados, o tamanho do acampamento reunido à nossa volta ...

Mantivemos Elain meio escondida atrás da parede de nossos corpos. Considerando a visão atrasada dos illyrianos em relação às fêmeas, eu sugeri que continuássemos um fora da reunião - literalmente. Havia apenas algumas lutadoras na legião... Agora não era o momento de testar a tolerância dos illyrianos.

Mais tarde, mais tarde, se ganharmos essa guerra. Se sobrevivermos.

Devlon falava: "É verdade, então. A Muralha caiu. "

- Um fracasso temporário - Rhys cantou. Ele ainda estava vestindo sua jaqueta fina e calças da reunião com os GrãoSenhores. Por alguma razão, ele não tinha escolhido usar os couros illyrianos. Ou as asas.

*É porque sabem que eu treinei com eles, sou um deles. O que precisam lembrar é que também sou o seu GrãoSenhor. E não tenho intenção de soltar a coleira.*

As palavras eram uma carícia de seda coberta de pregos na minha mente.

Rhys começou a dar instruções inabaláveis e frias sobre o iminente fluxo para o sul.

A voz do GrãoSenhor - a voz de um guerreiro que tinha lutado na Guerra e não tinha intenção de perder esta.

Cassian frequentemente acrescentava suas próprias ordens e esclarecimentos.

Azriel... Azriel apenas olhou para todos eles. Ele não queria vir para o campo há meses.

Não gostava de estar de volta aqui. Odiava essas pessoas, sua herança.

Os outros senhores continuavam a olhar para o encantador de sombras com medo, raiva e desgosto. Ele apenas nivelou aquele olhar letal para eles.

Continuaram, até que Devlon olhou para o ombro de Rhys - para onde estávamos.

Uma carranca para Mor. Uma carranca para mim - sabiamente subjugada. Então notou Nestha.

- O que é isso? - perguntou Devlon.

Nestha apenas olhou para ele, uma mão apertando as bordas de seu manto cinza juntos em seu peito. Um dos outros senhores de acampamento fez algum sinal contra o mal.

- Isso, - Cassian disse em voz baixa, "não é da sua conta".

- Ela é uma bruxa.

Abri a boca, mas Nestha disse categoricamente: - Sim.

E eu assisti como nove chefes illyrianos crescidos, resistentes, estremeceram.

- Ela pode agir como uma às vezes, - Cassian esclareceu, "mas não - ela é Grão-Feérica."

- Ela não é mais Grão-Feérica do que nós - respondeu Devlon.

Uma pausa que durou muito tempo. Até mesmo Rhys parecia sem palavras. Devlon se queixara quando nos vimos pela primeira vez que Amren e eu éramos outra coisa.

Como se ele tivesse algum sentido para tais coisas. Devlon murmurou: "Mantenha-a longe das fêmeas e das crianças. "

Agarrei a mão livre de Nestha em alerta silencioso para ficar quieta.

Mor deixou escapar um bufo que fez os Illyrianos endurecerem. Mas ela mudou de posição, revelando Elain atrás dela. Elain estava apenas piscando, de olhos arregalados, no acampamento. No Exército.

Devlon soltou um grunhido ao vê-la. Mas Elain envolveu seu próprio manto azul ao redor de si mesma, desviando os olhos de todos esses guerreiros, musculosos, o acampamento do exército se apressando em direção ao horizonte... Ela era uma flor rosa em um campo de lama. Cheio de cavalos galopantes.

- Não tenha medo deles - disse Nestha sob as sobrancelhas abaixadas.



Se Elain era uma flor nesse acampamento militar, então Nestha ... ela era uma espada recém-forjada, esperando para tirar sangue.

*Leve-os para nossa cabanah de guerra*, Rhys disse em silêncio para mim. *Devlon honestamente pode querer atacar brilhantemente se tiver que enfrentar Nestha por mais um minuto.*

*Eu pagaria um bom dinheiro para ver isso.*

*Eu também*

Escondi o meu sorriso. "Vamos encontrar algo quente para beber", eu disse para minhas irmãs, acenando para Mor se juntar. Nós caminhamos para a maior das tendas no acampamento, uma bandeira preta cosida com uma montanha e três estrelas de prata batendo de seu ápice. Guerreiros e mulheres trabalhando em torno dos fogos silenciosamente nos monitoraram. Nestha olhou para todos. Elain manteve seu foco no terreno seco e rochoso.

O interior da tenda era pequeno, mas luxuoso: tapetes grossos cobriam a plataforma de madeira baixa na qual a tenda fora erguida para manter a umidade; Braseiros de luzes piscavam por toda parte, cadeiras e algumas espreguiçadeiras espalhadas, cobertas de grossas peles. Uma enorme mesa com várias cadeiras ocupava metade do espaço principal. E atrás de uma cortina na parte de trás... Eu assumi que nossas camas esperavam.

Mor se jogou na espreguiçadeira mais próxima. - "Bem-vinda a um campo de guerra Illyriano, senhoras. Tente manter o seu temor contido. "

Nestha caminhou em direção à mesa, os mapas no topo. "Qual é a diferença", ela perguntou a nenhum de nós em particular, "entre um feérico e uma bruxa?"

- As bruxas acumulam poder além de sua reserva natural - respondeu Mor com súbita seriedade. "Elas usam feitiços e ferramentas arcaicas para aproveitar mais poder do que o Caldeirão lhe concedeu, e usá-lo para o que quiserem, bom ou mau".

Elain examinou silenciosamente a tenda, inclinando a cabeça para trás. Sua massa de pesados cabelos castanho-dourados se movia com o movimento, as luzes feéricas dançando entre os fios de seda. Ela tinha deixado a metade presa, o estilo arranjado para esconder suas orelhas se os glamours falharem na propriedade de Graysen. Tamlin não tinha conseguido enganar Nestha - talvez Graysen e seu pai teriam uma imunidade semelhante a essas coisas.

Elain enfiou-se finalmente na cadeira perto de Mor, seu vestido cor-de-rosa do amanhecer - mais fino do que ela usou geralmente - enrugando abaixo dela. - "Muitos desses soldados morrerão? "

Eu me encolhi, mas Nestha disse: "Sim." Eu quase podia ver as palavras não ditas por Nestha, que seu parceiro poderia morrer mais cedo do que eles, no entanto.

Mor disse: "Quando você estiver pronta, Elain, vou jogar o Glamour."

- Será que vai doer? - Elain perguntou.

- Não doeu Tamlin alterou nossas memórias, - Nestha disse, encostado na mesa.

Mor ainda disse: "Não. Poderia... formigar. Basta agir como você faria se fosse humana. "

- É o mesmo que eu atuo agora. - Elain começou a torcer seus dedos delgados.

- Sim, - eu disse, "mas... tente manter as visões e profecias... para si mesmo.

Enquanto estivermos lá." Eu adicionei rapidamente,"A menos que seja algo que você não pode... "

- Eu posso, - Elain disse, esquadrandos seus ombros magros. "Eu vou."

Mor sorriu com força. "Respire profundamente."

Elain obedeceu. Eu pisquei, e estava feito.

O leve brilho da saúde imortal desapareceu. O rosto que se tornara um pouco mais nítido. Foram-se as orelhas pontiagudas, a graça. Silenciosa e monotona - ou na maneira que alguém tão bonita como Elain poderia.

Até mesmo seus cabelos pareciam ter perdido o brilho, o ouro resplandecente agora, como um mosse marrom.

Elain estudou suas mãos, virando-as. "Eu não tinha percebido... quão ordinária me parecia."

- Você ainda é linda - Mor disse um pouco suavemente.

Elain ofereceu um meio sorriso. - "Suponho que a guerra faz com que coisas assim não sejam importantes. "

Mor estava quieto por um batimento cardíaco. "Possivelmente. Mas você não deve deixar a guerra roubá-la de você mesma independentemente. "

A palma de Elain estava pegajosa na minha enquanto Rhys nos atravessava para as terras humanas, Mor levando Azriel e Nestha. E embora seu rosto estivesse calmo quando nos encontramos piscando com o calor e a luz do sol de um mortal verão, seu aperto em minha mão era tão forte quanto o anel de ferro em torno de seu dedo.

O calor pesava sobre a propriedade que agora enfrentávamos - a casa de guarda de pedra, uma única abertura eu podia ver em qualquer direção.

Uma única abertura na imponente parede de pedra se erguendo diante de nós, sólida como uma fera de mamute, tão alta que tive de inclinar meu pescoço para espiar as pontas que sobressaíam de seu topo.

Os guardas nos portões grossos de ferro...

Rhys enfiou as mãos nos bolsos, um escudo já ao nosso redor. Mor e Azriel assumiram a defensiva em nossos lados.

Doze guardas neste portão. Todos armados, rostos escondidos sob capacetes grossos, apesar do calor. Os corpos de deles estavam igualmente cobertos de armadura chapeada, até as botas.

Qualquer um de nós poderia terminar suas vidas sem levantar uma mão. E o muro que guardavam, os portões que seguravam... Eu também não achava que durariam muito.

Mas... se pudéssemos colocar proteções aqui, talvez construíssemos um bastião de guerreiros Feéricos... através dessas portas abertas, vislumbrei extensas terras - campos e pastagens e bosques e um lago... E além dele... uma sólida e volumosa fortaleza de pedra marrom escura.

Nestha estava certa. Era como uma prisão, este lugar. Seu senhor tinha a preparado para resistir à tempestade, um rei sobre esses recursos. Mas havia espaço. Muito espaço para as pessoas.

E a pretensa dona daquela prisão... com a cabeça erguida, Elain disse para os guardas, para a dúzia de flechas que agora apontavam para sua garganta delgada: - Diga a Graysen que sua noiva veio para ele. Diga a ele... diga a ele que Elain Archeron implora por um santuário.

CHAPTER

Esperamos fora dos portões, enquanto um guarda montado em um cavalo galopou pelo caminho, a estrada poeirenta em direção à própria fortaleza. Uma segunda parede de feitiços seriam colocadas ao redor do edifício volumoso. Com nossa visão Feérica, pudemos ver como os portões se abriram, em seguida, um outro par.

- Como você mesmo pode encontrá-lo, - eu murmurei para Elain quando permanecemos sob a sombra dos carvalhos fora do portão, “se ele está preso aqui?”

Elain olhou e olhou para a fortaleza distante. “Por uma bola - a bola de seu pai.”

- Eu fui a funerais que eram mais alegre, - Nestha murmurou. Elain cortou-lhe um olhar.

- Esta casa não tem o necessário toque de uma mulher há anos. - Nenhum de nós disse que parecia provável que ela seria a única. Azriel se manteve a poucos passos de distância, pouco mais que a sombra de um dos carvalhos atrás de nós. Mas Mor e Rhys...

eles monitoraram tudo. Os guardas, cujos medo... que era salgado, suor escorrendo por cada nervo. Mas mantiveram-se firmes. As flechas com pontas de freixo apontadas para nós.

Longos minutos se passaram. Em seguida, finalmente, uma bandeira amarela foi elevada nos portões da fortaleza distante. Preparamo-nos. Mas um dos guardas ante nós resmungou: “Ele vai sair para vê-la. ”

Nós não estávamos permitidos dentro da fortaleza. Para ver as suas defesas, os seus recursos. A guarita foi o mais longe que nos permitiram ir. Eles nos levaram para dentro, e embora tenhamos tentado manter a nossa alteridade ao mínimo... os cães nas coleiras presas nas paredes rosnaram. De maneira tão violenta para que os guardas os conduzissem para fora. O quarto principal da guarita era abafado e apertado, mais ainda com todos nós lá dentro, e embora eu tenha oferecido a Elain um assento perto da janela fechada, ela permaneceu de pé-na frente da nossa comitiva. Olhando para a porta de ferro fechada. Eu sabia que Rhys estava ouvindo cada palavra que os guardas proferiam lá fora, seus tentáculos do poder à espera de sentir qualquer alteração em suas intenções.

Eu duvidava que a pedra e ferro do edifício poderiam prender qualquer um de nós, certamente não juntos, mas... Deixá-los nos calar aqui para esperar... Isso atingiu contra algum nervo. Fez meu corpo inquieto, um suor frio descer. Muito pequeno, o ar não era o suficiente.

*Está tudo bem*, Rhys me acalmou. *Este lugar não pode prendê-la*. Eu balancei a cabeça, embora ele não tivesse falado, tentando engolir o sentimento das paredes e do teto empurrando para mim.

Nestha estava me observando atentamente. Admiti-lhe: “Às vezes... Eu tenho problemas com pequenos espaços.” Nestha estudou-me por um longo momento.

E então ela disse com igual calma, embora todos nós poderíamos sentir o medo, “Eu não posso entrar em uma banheira mais. Eu tenho que usar baldes.”

Eu não tinha entendido até que pensei no banho, submergindo na água... Eu sabia que seria melhor apenas

lhe tocar a mão. Mas eu disse: “Quando chegarmos em casa, vamos instalar outra coisa para você. ” Eu poderia jurar que havia gratidão em seus olhos, que ela poderia ter dito outra coisa quando os cavalos se aproximaram.

- Duas dúzias de guardas,- Azriel murmurou para Rhys. Um olhar Elain. “E o Senhor Graysen e seu pai, Senhor Nolan.” Elain ficou imóvel como uma corça quando os passos rangiam lá fora.

Eu chamei a atenção de Nestha, ela entendeu meu olhar, e assentiu. Qualquer tentativa para ferir Elain... E eu não ligo para o que tinha prometido a minha irmã. Eu deixaria Nestha rasgar-lo. Na verdade, os dedos de minha irmã mais velha tinham se enrolado, como se garras invisíveis estivessem neles. Mas a porta se abriu, e...

O jovem ofegante era tão... humano. Bonito, de cabelos castanhos, olhos azuis, mas... humano. Solidamente construído debaixo de sua armadura leve, tal... talvez um como aquelas ideias mortais de um cavaleiro que resgataria uma linda donzela em seu cavalo e passeariam pelo do sol. Tão em desacordo com força selvagem dos Illyrianos, a letalidade cultivada de Mor e Amren. De minha própria e de Nestha, arranhando e rasgando.

Um pequeno som saiu de Elain, quando ela viu Graysen. Quando ele recuperava o fôlego, examinando-a da cabeça aos pés. Ele cambaleou um passo em direção a ela... Uma mão larga, salpicada de cicatrizes agarrou a parte de trás da armadura de Graysen, fazendo-o parar.

O homem que parou o jovem senhor entrou plenamente no quarto apertado. Alto e magro, com nariz de falcão e olhos cinzentos ... “Qual é o significado disso?”

Todos nós olhamos para ele sob as sobrancelhas abaixadas. Elain estava tremendo.

“Sen-Senhor Nolan...” As palavras falharam enquanto ela novamente olhava para seu noivo, que não tinha tirando seus sinceros olhos azuis dela, nem por um batimento cardíaco.

- A Muralha foi derrubada, - disse Nestha, pisando ao lado de Elain. Graysen reconheceu Nestha. Choque queimando com o que ele viu: as orelhas, a beleza, o... poder sobrenatural que zumbia ao redor dela.

- Como? - disse ele, a voz baixa e rouca.

- Eu fui sequestrada, - Nestha respondeu friamente, nem uma centelha de medo em seus olhos “ e fui tomada pelo exército invasor destas terras e me transformou contra a minha vontade.”

- Como? - Nolan repetiu.

- Há um Caldeirão, uma arma. Que confere ao proprietário seu poder para... fazer essas coisas. Eu fui um teste.” Nestha em seguida, lançou-se em uma breve explicação afiada, das rainhas, de Hybern, de por que a Muralha tinha caído.

Quando ela terminou Senhor Nolan exigiu unicamente: “E quem são seus companheiros?” Foi um teste - sabíamos quem eramos. Não precisávamos dizer, quando sabiam muito bem o terror que qualquer Feérico, muito mais os GrãoSenhores...

Mas dei um passo adiante. “Meu nome é Feyre Archeron. Sou a Grã-Senhora da Corte Noturna. Este é

Rhysand, meu marido.” Eu duvidava que parceiro iria passar por cima como um termo.

Rhys veio para o meu lado. Alguns dos guardas se moveram e murmuraram com terror. Alguns se encolheram quando a mão de Rhys levantou com um gesto para atrás dele. “Nossa terceira no comando, Morrigan. E o nosso espião, Azriel.”

Senhor Nolan, para seu crédito, não recuou. Graysen fez, mas manteve-se estável.

“Elain,” Graysen respirava. “Elain-por que você está com eles?”

- Porque ela é nossa irmã, - Nestha respondeu, seus dedos ainda enrolados com aquelas garras invisíveis. “E não há lugar mais seguro para ela durante esta guerra do que com a gente.”

Elain sussurrou, “Graysen... nós... eu te imploro...” Um olhar suplicante para o pai.

“Tanto para você... Abra os portões para todos os seres humanos que podem caber aqui.

Para famílias. Com a Muralha caída... A-acreditem... Não há tempo suficiente para uma evacuação. As rainhas não vão enviar ajuda do continente. Mas aqui, eles podem ter uma chance.”

Nenhum dos homens respondeu, embora Graysen agora olhava para o anel de noivado de Elain. Seus olhos azuis ondulado com dor. “Eu estaria inclinado a acreditar em você”, ele disse calmamente, “se você não estivesse mentindo para mim com cada fôlego.”

Elain piscou. “Eu-eu não estou, eu...”

- Será que você pensa, - Senhor Nolan disse, e Nestha e eu cercamos em torno de Elain quando ele deu um passo para nós - “, que poderia vir a minha casa e enganar-me com sua magia feérica?”

Rhys disse: “Não importa no que você acredita. Nós só vemos pedir-lhe para ajudar aqueles que não podem se defender.”

- E ganhar o que? O risco para seu próprio lugar?

- Você tem um arsenal de armas de freixo, - eu disse. “Eu acho que o risco para nós é aparente.”

- E para sua irmã também, - Nolan cuspiu em direção Elain. “Não se esqueça de incluí-la.”

- Qualquer arma pode ferir um mortal, - Mor disse suavemente.

- Mas ela não é uma mortal, é? - Nolan zombou.

- Não, eu tenho toda certeza que Elain Archeron foi transformada em feérica primeiro. E que agora tem o filho de um GrãoSenhor como parceiro.

- E quem, exatamente, lhe disse isso?, - Disse Rhys erguendo a testa, não mostrando uma pinga de ira, de surpresa.

Passos soaram. Todos nós fomos para as nossas armas quando Jurian entrou na guarita e disse: “Eu fiz.”



Jurian ergueu as mãos bronzeadas, novos calos pontilhando as palmas das mãos e dedos. Nova para o corpo refeito que ele teve que treinar para lidar com armas nestes meses.

- Eu vim sozinho, - disse Jurian. “Você pode parar de rosar.” Elain começou a tremer, seja na verdade revelada, ou as memórias que surgiram nela, surgiram em Nestha, na visão dele. Jurian inclinou a cabeça para minhas irmãs. “Senhoras.”

- Elas não são senhoras, - Senhor Nolan zombou.

- Pai, - Graysen advertiu. Nolan ignorou.

- Após a sua chegada, Jurian explicou o que tinha sido feito para você, com você.

O que as rainhas fizeram sobre o continente.

- E o que foi isso? - Rhys perguntou, sua voz um sussurro enganoso.

- Por poder. Juventude, - disse Jurian com um encolher de ombros. “As coisas normais.”

- Por que você está aqui? - eu quis saber. Mata-lo, devemos matá-lo agora antes que ele pudesse nos prejudicar mais, matá-lo para que a flexa que ele colocou no peito de Azriel e a ameaça que ele tinha feito para Miryam e Drakon, talvez levando-os a desaparecer e deixar-nos para lutar esta guerra em nossos próprios...

- As rainhas são cobras, - disse Jurian, apoiando-se contra a borda de uma mesa apoiada na parede. “Elas merecem ser massacradas por sua traição. Não levou nenhum esforço da minha parte quando Hybern me enviou para atraí-las para a nossa causa.

Apenas uma delas era nobre o suficiente para entender que tinha sido dada uma mão de merda e jogá-la o melhor que podia. Mas quando ela ajudou você, as outras descobriram.

E deram-lhe a Attor.” Os olhos de Jurian brilhavam, não com loucura, eu percebi. Mas a clareza.

E eu tinha o sentido do mundo deslizando para fora dos meus pés quando Jurian disse: “Ele me ressuscitou para trazê-las para a sua causa, acreditando que eu tinha enlouquecido durante os quinhentos anos que fiquei preso com Amarantha. Então, eu estava renascido, e me vi cercado por meus velhos inimigos, rostos que eu tinha uma vez marcado para matar. Eu encontrei-me no lado errado de uma Muralha, com o reino humano prestes a quebrar abaixo dela.” Jurian olhou direito para Mor, cuja boca era uma linha apertada. “Você era minha amiga”, disse ele, a voz esforçada. “Nós lutamos lado a lado durante algumas batalhas. E ainda assim você acreditou, à primeira vista, que eu tinha deixado-os me virar.”

- Você ficou louco com... com Clythia. Foi uma loucura. Destruíu você.

- E eu estava feliz por ficar. - Jurian rosou. “Eu estava feliz por fazê-lo, se ele nos comprava uma



vantagem nessa guerra. Eu não ligo para o que ela fez para mim, o que ela quebrou em mim. Se isso significava que poderia ser livre. E eu tive quinhentos anos para pensar sobre isso. Enquanto era mantido prisioneiro pelo meu inimigo. Quinhentos anos, Mor.”

A maneira como ele disse o nome dela, tão familiar e conhecendo.

- Você jogou o vilão de forma convincente o suficiente, Jurian. - Rhys ronronou.

Jurian virou o rosto para Rhys. “Você deveria ter olhado. Eu esperava que você olhasse na minha mente, para ver a verdade. Por que não fez?”

Rhys ficou em silêncio por um longo momento. Em seguida, ele disse suavemente, “Porque eu não queria vê-la.” Ver qualquer traço de Amarantha.

- Você quer dar a entender, - Mor empurrou, “que você tem trabalhado para nos ajudar durante este tempo?”

- Onde melhor para traçar a morte de seu inimigo, para aprender suas fraquezas, do que ao seu lado? - Ficamos em silêncio, Senhor Graysen e seu pai assistindo - ou o último fez. Graysen e Elain estavam apenas olhando um para o outro.

- Por que essa obsessão para encontrar Miryam e Drakon? - Perguntou Mor.

- É o que o mundo espera de mim. O que Hybern espera. E se ele concede meu preço para encontrá-los... Drakon tem uma legião capaz de virar a maré em batalha. Foi por isso que eu me aliei com ele durante a guerra. Não duvido que Drakon esteja treinado e pronto. A notícia terá atingido ele por agora. Especialmente que eu estou procurando por eles.

Um aviso. A única maneira que Jurian poderia enviar um, tornando-se o caçador.

Eu disse a Jurian - “Você não quer matar Miryam e Drakon.”

Havia uma honestidade gritante nos olhos de Jurian quando ele balançou a cabeça uma vez. “Não”, ele disse asperamente. “Eu quero implorar seu perdão.”

Olhei para Mor. Lágrimas acumularam-se em seus olhos, e ela as piscou furiosamente. “Miryam e Drakon desapareceram”, disse Rhys. “As pessoas com eles.”

- Então encontre-os. - disse Jurian. Ele empurrou o queixo para Azriel. “Envie o encantador de sombras, envie quem você confia, mas encontre-os.” Silêncio. “Olhe na minha mente”, disse Jurian para Rhys. “Olhe, e veja por si mesmo.”

- Por agora, - disse Rhys.

- Agora. - Jurian fixou seu olhar. “Porque a Muralha caiu, e agora eu posso me mover livremente para avisar os humanos daqui. Porque...” Ele soltou um longo suspiro.

“Porque Tamlin correu de volta para Hybern após a sua reunião ter terminado esta manhã.

Contou sobre seu acampamento na Corte Primavera, onde Hybern agora planeja lançar um ataque terrestre na tarde de amanhã”.

CHAPTER

Jurian não era meu inimigo. Eu não poderia envolver minha mente em torno disso.

Mesmo quando Rhys e eu nos olhamos.

Eu não vou demorar muito tempo.

A dor, a culpa e raiva, o que tinha visto e sofrido... Mas Jurian falou verdade. Deuse nu para nós. Ele sabia o local que eles planejavam atacar. Onde, quando e quantos.

Azriel desapareceu sem um olhar para qualquer um de nós, para avisar Cassian e mover a legião. Jurian estava dizendo para Mor, “Eles não mataram a sexta rainha. Vassa. Ela viu através de mim, ou eu pensava que ela fazia... desde o início. As advertiu contra isso.

Lhes disse que se eu renasci, era um mau sinal, e que deviam reunir suas forças para enfrentar a ameaça antes que ela crescesse muito. Mas Vassa é muito ousada, muito jovem. Ela não jogou da maneira como a dourada, Demetra, fez. Não viu a luxúria em seus olhos quando eu disse a elas dos poderes do Caldeirão. Não sabia que a partir do momento em que as mentiras de Hybern começaram a girar... elas se tornaram suas inimigas. Elas não podiam matar Vassa - a próxima na linha para o trono dela era muito mais firme. Então, eles encontraram um senhor da morte, mais velho que a Muralha, com uma propensão para escravizar as mulheres jovens. Ele xingou, e roubou-a para longe...

O mundo inteiro acredita que ela está doente nos últimos meses.”

- Nós sabemos, - disse Mor, e nenhum de nós ousou olhar para Elain. “Descobrimos sobre isso.” E mesmo com a verdade posta nua... nenhum de nós lhe disse que Lucien tinha ido atrás dela.

Elain pareceu se lembrar, no entanto. Quem foi a caça para a rainha faltando. E ela disse a Graysen, impassível e triste por tudo isso, “Eu não quis te enganar.”

Seu pai respondeu: “Acho que eu tenho dificuldade em acreditar nisso.”

Graysen respirou. “Você achou que poderia voltar aqui e viver comigo com esta...

mentira?”

- Não. Sim. Eu... eu não sei o que eu queria.

- E você é dignada a algum macho... Feérico. O filho de um GrãoSenhor.

Herdeiro de um outro GrãoSenhor, provavelmente, eu queria dizer.

- O nome dele é Lucien. - Eu não tinha certeza se eu já tinha ouvido o nome dele de seus lábios.

- Eu não ligo para como ele se chama.- As primeiras palavras afiadas de Graysen.

“Você é sua parceira. Você nem sabe o que isso significa?”

- Isso não significa nada. - Disse Elain, com a voz embargada. "Não significa nada.

Eu não me importo quem decidiu o que ou por que eles fizeram-”

- Você pertence a ele.

- Eu não pertenço a ninguém. Mas meu coração pertence a você.

O rosto de Graysen endureceu. “Eu não quero isso.” Teria sido melhor bater nela, pelo quão profunda foi a dor em seus olhos. E vendo o rosto se deformando... Eu me aproximei, empurrando-a para atrás de mim.

- Aqui está o que vai acontecer. Você vai tomar quaisquer pessoas que puderem aqui. Nós forneceremos paredes enfeitadas.

- Nós não precisamos delas - zombou Nolan.

- Devo demonstrar para você, - eu disse, “como você está errado? Ou você deve tomar minha palavra de que eu poderia reduzir este muro a escombros com metade de um pensamento? E isso é não nada se comparado aos meus amigos. Você vai descobrir, Senhor Nolan, que deseja nossas proteções, e nossa ajuda. Tudo em troca de tomar quaisquer seres humanos que precisam de segurança.

- Eu não quero ralé vagando por aqui.

- Então, só os ricos e escolhidos vão atravessar os portões? - Perguntou Rhys, arqueando uma sobrancelha. “Eu não posso imaginar a aristocracia estar contente em trabalhar sua terra, os peixes em seu lago ou no açougueiro em sua carne.”

- Temos muitos trabalhadores aqui para fazer isso. - Ele estava questionando novamente. Outra luta com tacanha, pessoas odiosas... Mas Jurian disse aos senhores, - Eu lutei ao lado de seu ancestral. E ele teria vergonha se você trancasse para fora quem precisava. Você iria cuspir no seu túmulo por fazê-lo. E mantendo uma posição de confiança com Hybern, uma palavra minha, e tenho certeza de que sua legião fará uma visita aqui. Para você.

- Você vai ameaçar trazer o próprio inimigo do qual você luta para nos proteger?

Jurian deu de ombros. “Eu também posso convencer Hybern para ir para longe. Ele confia em mim. Você deixa as pessoas entrarem... e eu farei o meu melhor para manter seus exércitos longe.” Ele deu Rhys um olhar, desafiando-o a duvidar.

Nós ainda estávamos muito chocados para mesmo tentar um olhar neutro. Mas, em seguida, Nolan disse: “Não tenho a pretensão de ter um grande exército. Apenas uma unidade considerável de soldados. Se o que você diz é verdade...” Um olhar sobre Graysen. “Vamos recebê-los. Quem puder vir.” Gostaria de saber se o senhor mais velho seria o único a repensar suas ideias com esse tipo de estímulo.

Especialmente quando Graysen disse Elain, “Retire esse anel.”

Os dedos de Elain curvaram-se em um punho. “Não” - Feio. Isso estava prestes a ficar feio no pior caminho.

- Tire. Isto. Fora.

Foi a vez de Nolan murmurar um aviso para seu filho. Graysen ignorou. Elain não se moveu.

- Tire! - A palavra rugiu sobre as pedras.

- Isso é o suficiente - disse Rhys, sua voz mortalmente calma. “A senhora mantém o anel, se ela quer. Embora nenhum de nós será particularmente triste ao vê-lo ir. As fêmeas tendem a preferir ouro ou prata ao ferro.”

Graysen nivelou um olhar fervente em Rhysand. “Isto é o começo? Vocês Feéricos machos virão tomar nossas mulheres? Sua própria não foda não são o suficiente?”

- Cuidado com a língua, garoto. - disse o pai. Elain ficou branca com a linguagem grosseira.

Graysen disse só para ela: “Eu não vou casar com você. O nosso compromisso acabou. Vou tomar todas as pessoas que ocupam suas terras. Mas não você. Nunca você.”

As lágrimas começaram correr pelo rosto de Elain, seu cheiro enchendo a sala com sal. Nestha avançou um passo. Em seguida, outro. E outro. Até que ela estava na frente de Graysen, mais rápido do que qualquer um poderia ver. Nestha bateu-lhe com força o suficiente para que sua cabeça virasse para o lado.

- Você nunca a mereceu. - Nestha rosnou para o silêncio atordoado quando Graysen segurou seu rosto e jurou, curvando-se. Nestha unicamente olhou para mim. Raiva, não filtrada e queimando, girando em seus olhos. Mas sua voz era como pedra fria quando ela me disse, “Eu suponho que terminamos aqui.”

Dei-lhe um aceno de cabeça sem palavras. E orgulhosa como qualquer rainha, Nestha segurou o braço de Elain e levou-a para saída da guarita. Mor arrastou-se atrás, guardando suas costas quando entraram no campo, com verdadeiras armas e cães rosnando esperando lá fora. Os dois senhores se viram sem um adeus.

Sozinho, Jurian disse: “Diga ao encantador de sombras que sinto muito sobre a flecha no peito.”

Rhys balançou a cabeça. “Qual é o próximo passo, então? Eu suponho que você está fazendo mais do que advertir os seres humanos a fugir ou se esconder.”

Jurian empurrou para fora da mesa. “O próximo passo, Rhysand, está me levando para o campo de guerra de Hybern e jogando que minha busca por Miryam e Drakon não foi frutífera. Meu passo depois é tomar outra viagem ao continente e semear a discórdia entre as Cortes das Rainhas. Para deixar algumas coisas vitais deslizarem sobre a sua agenda. Com quem elas realmente contam. O que elas realmente querem. Isso irá mantê-

las muito ocupadas com seu conflito interno para se preocupar com quem navega aqui. E

uma vez feito isso... quem sabe? Talvez eu vá acompanhá-lo no campo de batalha.”

Rhys esfregou as sobrancelhas com um polegar e o indicador, as mechas de seu cabelo deslizando para frente quando ele abaixou a cabeça. “Eu não acreditaria em uma palavra, só que eu olhei para que sua

mente.”

Jurian bateu uma mão na moldura da porta. “Diga a Cassian para martelar o flanco esquerdo duro amanhã. Hybern está colocando seus nobres não treinados lá para alguma distração – para mimá-los e não testá-los. Nivele as fileiras lá, e eles vão se assustar com os grunhidos. Atinga-os com tudo o que tem, e rápido, para não dar-lhes tempo de reunir ou encontrar sua coragem.” Jurian me deu um sorriso triste. “Eu nunca felicitei-a pelo abate de Dagdan e Brannagh. Boa viagem.”

- Eu fiz isso pelos Filhos dos Abençoados, - eu disse. “Não por glória.”

- Eu sei, - disse Jurian, sacudindo as sobrancelhas. “Por que você acha que eu decidi confiar em você?”

CHAPTER

- Estou velha demais para esse tipo de surpresas. - Mor reclamou na tenda de do acampamento de guerra, enquanto um vento uivava da montanha para a fronteira norte da Corte Invernal, o exército Illyriano estabelecendo-se para a noite. Para esperar o ataque amanhã.

Eles tinham voado todo o dia, para um local remoto o suficiente para manter até mesmo um exército de nosso tamanho escondido. Até amanhã, pelo menos. Nós tínhamos advertido Tarquin e despachado mensagens para Helion e Kallias para se juntem, se pudessem fazê-lo em tempo.

Uma hora antes do amanhecer, a legião Illyriana irá levantar para o céu e voar duro para que campo de batalha do sul. Eles iriam pousar, esperançosamente, antes de começar.

Flanqueados com Keir e seus comandantes que atravessaram a legião da Escuridão da Corte Noturna. E então o abate começaria. Em ambos os lados. Se o que Jurian disse era verdade. Cassian tinha engasgado sobre o conselho de batalha de Jurian. Com uma reação mais suave, Azriel disse, que a resposta inicial.

Perguntei a Mor de onde eu estava sentada ao pé do chaise coberto de pele que atualmente compartilhava com ela: “Você nunca suspeitou que Jurian pudesse ser...

bom?”

Ela bebeu um gole de seu vinho e recostou-se contra as almofadas empilhadas no encosto de cabeça. Minhas irmãs estavam em outra tenda, não tão grande, mas igualmente luxuosa, seus alojamentos ladeados pelas tendas de Cassian e de Azriel, a Mor de na frente. Ninguém iria chegar a elas sem que meus amigos soubessem. Mesmo que Mor estivesse atualmente aqui comigo.

- Eu não sei, - disse ela, puxando um pesado cobertor de lã lance sobre as pernas.

“Eu nunca fui tão próxima a Jurian como eu era com alguns dos outros, mas... nós lutamos juntos. Salvamos um ao outro. Eu presumi que Amarantha o tinha quebrado”.

- Partes dele estão quebradas, - disse, tremendo ao recordar as memórias que eu tinha visto, os sentimentos. Eu puxei um pouco de seu cobertor sobre meu colo.

- Nós estamos todos quebrados. - disse Mor. “Em nossos próprios caminhos... em lugares que ninguém pode ver.” Eu inclinei a cabeça para questionar, mas ela perguntou: “E Elain... tudo bem?”

- Não. - foi tudo o que eu disse. Elain não estava bem. Ela tinha calmamente chorado enquanto nós atravessávamos para cá. E nas horas depois, enquanto o exército chegava e o acampamento era reconstruído. Ela não tirou o seu anel. Ela só estava deitada no berço em sua tenda, embalada entre as peles e cobertores, e olhando para o nada. Qualquer pouca melhora, qualquer avanço... tinha ido.

Eu me debati retornar para esmagar todos os ossos do corpo de Graysen, mas resisti apenas porque daria a Nestha licença para desencadear-se sobre ele. E a morte nas mãos de Nestha... eu me perguntei se eles teriam que inventar uma nova palavra para matar quando ela terminasse com Graysen.

Então Elain chorou silenciosamente, as lágrimas tão intermináveis que me perguntei se era algum sinal de seu coração sangrando. Alguns raios de esperança tinham se quebrado hoje. Que Graysen ainda a amasse, que ainda se casasse com ela, e que o amor seria trunfo mesmo sob o vínculo de acasalamento. A corda final tinha sido partida da vida nas terras humanas. Só o nosso pai, onde quer que estivesse, manteve-se como qualquer tipo de conexão.

Mor ler o que estava no meu rosto e largou o vinho sobre a mesa de madeira pequena ao lado do chaise. “Nós devemos dormir. Eu nem sei por que eu estou bebendo. ”

- Hoje foi... inesperado.

- É muito mais difícil, - disse ela, gemendo enquanto jogava o resto do cobertor no meu colo e se levantava. “Quando os inimigos se transformam em amigos. E o oposto, eu suponho. O que eu não vi? O que devo ignorar ou demitir? Ele sempre me faz reavaliar-me mais do que eles “.

- Outra alegria de guerra?

Ela bufou, indo para as abas da barraca. - Não... de vida.

Eu mal dormi naquela noite. Rhys não veio para a tenda, nenhuma vez. Eu deslizei da nossa cama quando a escuridão estava apenas começando a se tornar cinza, me deixei ser guiada pelo elo de ligação da parceria, como havia feito naquele dia Sob a Montanha.

Ele estava no topo de um afloramento rochoso com crosta de manchas de gelo, olhando as estrelas desaparecem uma a uma sobre o acampamento ainda adormecido. Eu silenciosamente deslizei o braço em volta de sua cintura, e ele retraiu suas asas para me dobrar em seu lado.

- Uns montes de soldados vão morrer hoje. - Ele disse calmamente.

- Eu sei.

- Isso nunca fica mais fácil, - ele sussurrou. Os fortes ângulos de seu rosto estavam tensos, e prata alinhava-se a seus olhos quando ele estudou as estrelas. Só aqui, só por agora, ele iria mostrar a dor... sua preocupação e dor. Nunca ante seus exércitos; nunca ante seus inimigos.

Ele soltou um longo suspiro. “Você está pronta? ”

Gostaria de ficar perto da parte de trás das linhas com Mor para começar uma sensação para a batalha. O fluxo, o terror e estrutura. Minhas irmãs permaneceriam aqui até que fosse seguro transporta-las depois. Se as coisas não forem para o inferno em primeiro lugar. “Não”, eu admiti. “Mas eu não tenho outra escolha senão estar pronta. ”

Rhys beijou o topo da minha cabeça, e nós olhamos para as estrelas que se apagavam em silêncio.

- Eu sou grato, - disse ele depois de um tempo, com o campo abaixo de nós agitando luz à luz em cada tenda. “Por ter você ao meu lado. Eu não sei se eu já lhe disse, o quanto sou grato por você ficar comigo”. Eu pisquei de volta a queimação em meus olhos e peguei sua mão. A coloquei no meu coração, deixando-o sentir sua batida enquanto eu o beijei uma última vez, quando a última das estrelas desapareceu e o exército abaixo de nós acordava para ir a batalha.





Jurian estava certo. Nós tínhamos visto dentro de sua mente, mas ainda duvidávamos. Ainda nos perguntávamos se nós chegaríamos a encontrar Hybern, se haviam mudado sua posição, ou atacado em outro lugar. Mas a horda de Hybern estava precisamente onde Jurian alegou que eles estariam.

E com o exército Illyriano varrendo sobre eles enquanto marchavam ao longo da fronteira das Cortes Primavera e Estival... As forças de Hybern certamente parecia chocadas.

Rhys tinha camuflado nossas forças... todas elas. O suor deslizava pela sua testa com o esforço, em manter a massa de nós escondidos da visão, som e cheiro, enquanto voávamos milha após milha. Minhas asas não eram fortes o suficiente, então Mor nos atravessou através do céu, mantendo o ritmo com eles. Mas chegamos juntos. E, quando Rhys rasgou as proteções, revelando Illyrianos com fome de batalha espalhados pelos céus em puras linhas, precisas... Quando ele revelou a legião da Escuridão de Keir vindo atrás, envoltos em fios de noite e armados com aços estelares brilhantes... era difícil não ser presunçoso ao pânico que ondulava sobre a massa da marcha de Hybern.

Mas o exército de Hybern... Ele se esticava longa e profundamente. Destinados a varrer tudo em seu caminho.

- Escudos! - Cassian gritou para a linha de frente. Um por um por um, escudos de cores vermelho, azul e verde cintilavam para vida em torno dos Illyrians e suas armas, sobrepondo-se como as escamas de um peixe. Se sobrepondo como os escudos de metal sólidos que cada um tinha no braço esquerdo, de bloqueio do tornozelo ao ombro.

Abaixo, as tropas de Keir ondulavam com escudos sombrios queimando na frente deles. Mor nos atravessou para a colina coberta de árvores, com vista para o campo que Cassian tinha considerado ser o melhor lugar para atingi-los com base na investigação de Azriel. Houve uma inclinação para a grama... em nossa vantagem. Um terreno elevado, um estreito e um rio raso não estava muito para trás do exército de Hybern. O sucesso na batalha, Cassian tinha me dito naquela manhã, durante um pequeno-almoço rápido, muitas vezes era decidido não por números, mas por escolher onde lutar.

O exército de Hybern pareceu perceber sua desvantagem dentro de momentos. Mas os Illyrianos haviam pousado ao lado dos soldados de Keir. Cassian, Azriel e Rhys espalharam-se entre as linhas de frente, todos vestidos com suas armaduras illyrianas blindadas de preto, todos armados como os outros soldados alados estavam: escudo segurado na mão esquerda, lâmina Illyriana na direita, uma variedade de punhais sobre eles, e capacetes. Os capacetes eram os únicos marcadores de quem eles eram. Ao contrário dos domos lisos dos outros, Rhys, Azriel, e Cassian usavam capacetes pretos cujas laterais da face havia sido alongadas e varreu para cima como asas de corvos.

Embora bonitas, as asas dos corvos afiadas que se projetavam em ambos os lados do capacete, bem acima do ouvido... O efeito, eu admiti, era aterrorizante. Especialmente com as outras duas espadas amarradas em suas costas, as luvas que cobriam cada polegada de suas mãos, e os Sifões brilhando entre as armaduras de ébano de Cassian e Azriel. O

próprio poder de Rhys girava em torno dele, preparando-se para martelar o flanco direito, enquanto

Cassian apontava para a esquerda.

Rhys conservaria seu poder para o caso de o rei chegar. Ou pior, o Caldeirão. Este exército, no entanto, enorme... Não parecia que o rei estava lá para conduzi-lo. Ou Tamlin.

Ou Jurian. Apenas um prenúncio de invasão da força que estava por vir, mas grande o suficiente para gerar dano... podíamos facilmente espionar o dano por trás do exército, as plumas de coloração de cinza no céu de verão sem nuvens.

Mor e eu dissemos pouco nas horas que se seguiram. Eu não tinha em mim palavras, para qualquer tipo de discurso coerente, enquanto observávamos. Seja através de nossa surpresa ou pura sorte, não havia nenhum sinal de que faebane.

Eu estava inclinada a agradecer a Mãe para isso. Mesmo que cada soldado no nosso acampamento esta manhã tivesse misturado o antídoto de Nuan em seu mingau, ele não faria nada contra o bloqueio de armas banhadas no faebane. Apenas impedia contra a sufocação da magia, só por entrar em contacto com o pó maldito... ou por ser empalado por uma arma passada na mesma.

Sorte... tanta sorte não estava em uso hoje. Porque ver a carnificina, a fina linha de controle... Não havia lugar para mim sobre essas linhas de frente, onde os Illyrianos lutaram pela força de sua espada, seu poder e sua confiança no homem a cada lado deles.

Mesmo Keir lutou com uma obediência inabalável, atacando com sombras e aço.

Eu teria sido uma fissura na impenetrável armadura que Cassian e os Illyrianos desencadeavam sobre Hybern... Cassian bateu pelo lado esquerdo. Sifões desencadearam explosões de energia que, por vezes, saltava fora dos escudos, às vezes encontrado o seu destino e desfiando carne e osso. Mas onde os escudos mágicos de Hybern se estendiam...

Rhys, Azriel, e Cassian enviavam explosões de seu próprio poder para quebrar-los.

Deixando-os vulneráveis a esses Sifões ou puro aço Illyriano. E se isso não os derrubou...

Keir e suas Sombras limpavam o resto. Precisamente. Friamente.

O campo tornou-se um poço de lama encharcada de sangue. Corpos brilhavam ao sol da manhã, luz refletindo das armaduras. Hybern entrou em pânico com as linhas Illyrianas inquebráveis que empurravam e empurravam de volta. Golpeado eles. E quando o flanco esquerdo se partiu, quando seus nobres caíram ou se viravam para fugir... Os outros soldados de Hybern começaram a fugir em pânico também.

Havia um comandante montado que não foi tão facilmente. Que não virou seu cavalo em direção a esse rio atrás deles para fugir. Cassian selecionou-o como o seu adversário. Mor apertou minha mão forte o suficiente para machucar quando Cassian saiu daquela linha de frente impenetrável de escudos e espadas, os soldados ao seu redor imediatamente fechando a lacuna.

Lama e sangue espalhados pelo capacete escuro de Cassian, sua armadura. Ele abandonou seu escudo alto para um primeiro round amarrando-o nas costas, trabalhado a partir do mesmo metal ébano. E então ele lançou-se em uma corrida. Eu podia jurar que mesmo Rhys fez uma pausa na outra extremidade do campo de batalha para ver como Cassian cortaria seu caminho através desses soldados inimigos,

apontando para o comandante Hybern montado. Que percebeu o que e quem estava chegando para ele e começou a procurar uma arma melhor.

Cassian tinha nascido para isso... esses campos, este caos e brutalidade e cálculo.

Ele não parou de se mover, parecia saber onde todos os adversários lutaram tanto à frente e atrás, parecia respirar no fluxo da batalha em torno dele. Ele mesmo deixou o escudo de seus Sifões suspensos para chegar mais perto, sentir o impacto das setas que tomava naquele escudo ébano. Se ele batia o escudo em um soldado, o outro braço já estava balançando a espada para o próximo adversário. Eu nunca tinha visto nada parecido, a habilidade e precisão. Era como uma dança.

Devo ter dito isso em voz alta, porque Mor respondeu: “Para ele, isso é o que batalha é. Uma sinfonia “. Seus olhos não se desviaram da dança mortal de Cassian. Três soldados foram corajosos ou estúpidos o suficiente para tentar interrompê-lo. Cassian os tinha mortos com quatro manobras.

- Santa Mãe. - Eu respirei. Era ele quem estava me treinando. Por isso os feéricos tremiam com o seu nome. Por isso os guerreiros Illyrianos legítimos tinham tido ciúmes o suficiente para querer vê-lo morto. Mas Cassian continuou, ninguém entre ele e o comandante.

O comandante tinha encontrado uma lança descartada. Ele jogou. Rápido e bem direcionado, eu contei uma batida do coração com o giro de Cassian. Seus joelhos dobraram, asas flexionaram apertadas, escudo torcendo... Ele pegou a lança no escudo com um impacto. Eu poderia jurar que ouvi, em seguida, cortou o eixo da lança e continuou correndo.

Dentro de um outro batimento cardíaco, Cassian tinha embainhado tanto seu escudo como a espada nas costas. E eu teria perguntado por que, mas ele já tinha pego outra lança caída. Já a tinha lançado, seu corpo inteiro focando para o lance, o movimento tão perfeito que eu sabia que um dia pintaria.

Ambos os exércitos pareciam parar para o lance. Mesmo com a distância, a lança de Cassian atingiu o destino. Ela atravessou o peito do comandante, tão forte que tirou o macho de seu cavalo. Até o momento que ele tinha caído, Cassian estava lá. Sua espada refletiu a luz solar quando ele a levantou e mergulhou para baixo. Cassian tinha marcado bem a seu ponto.

Hybern fugia agora. Efetivamente viraram-se e fugiram para o rio. Mas Hybern encontrou o exército de Tarquin esperando na sua margem oposta, exatamente onde Cassian tinha ordenado que ele aparecesse. Preso com os Illyrianos e a Escuridão de Keir em suas costas e dois mil soldados de Tarquin do outro lado do rio estreito... Foi mais difícil assistir o abate.

Mor me disse: “Acabou.” O sol estava alto no céu, o calor subindo a cada minuto.

“Você não precisa ver isso”, acrescentou. Porque alguns dos soldados de Hybern estavam se rendendo. Em seus joelhos. Como era o território de Tarquin, Rhys deixou a decisão sobre o que fazer com os prisioneiros. De longe, eu enxerguei Tarquin em sua armadura mais ornamentada do que a de Rhysand, mas ainda brutal. Nadadeiras e escamas pareciam ser o objetivo, e seu manto azul fluía através da lama atrás dele enquanto passava por cima de corpos caídos para chegar à algumas centenas inimigo que sobreviveram. Tarquin olhou para onde o inimigo estava ajoelhado, o capacete mascarando suas feições. Perto dali, Rhys, Cassian, e Azriel monitorando, falando com Keir e os capitães Illyrianos.

Eu não vi muitas asas entre os caídos no campo. A misericórdia. A única misericórdia, ao que parece, quando Tarquin fez um movimento com a mão. Alguns dos soldados de Hybern começaram a gritar por clemência, suas ofertas para vender informações e lutar, mesmo para nós. Tarquin apontou para alguns deles, e eles foram levados embora pelos seus soldados. Para serem questionados. E eu duvidava que seria agradável.

Mas os outros... Tarquin estendeu a mão em direção a eles. Levei um piscar de olhos para perceber por que os soldados de Hybern estavam se debatendo e agarrando-se, alguns tentando se arrastar para longe. Mas, em seguida, um deles entrou em colapso, e luz solar pegou seu rosto. E mesmo com a distância, eu poderia dizer... poderia dizer que era água agora borbulhando fora de seus lábios. Fora dos lábios de todos os soldados de Hybern quando Tarquin os afogou em terra seca.

Eu não vi Rhys ou os outros por horas... não quando ele estava dando ordens para que o campo de guerra Illyriano fosse movido da fronteira da Corte Invernal e reconstruída na borda do campo de batalha. Então Mor e eu atravessamos para os campos quando a migração começou. Nós trouxemos minhas irmãs atravessando, esperando até que muitos dos corpos viraram pó preto por Rhysand.

O sangue e lama permaneceu, mas o acampamento seria mantido em boa posição para se preocupar, ou perder tempo encontrando um outro. Elain não parecia se importar.

Não pareceu nem notar que atravessamos ela. Ela só saiu de sua tenda para os braços de Mor, em seguida, voltou para a mesma tenda reconstruída no novo acampamento. Nestha, no entanto... eu disse a ela ao chegar que todos estavam bem. Mas quando nós atravessamos para o campo de batalha... Ela olhou para aquele maldito chão plano, lamacento. Para as armas dos soldados que ambas as Cortes estavam saqueando dos inimigos caídos.

Nestha ouviu os soldados Illyrianos de baixo nível sussurrando sobre com Cassian tinha jogado aquela lança, como ele cortou soldados como talos de trigo, como ele lutou como Enalius - o guerreiro-deus mais antigo e o primeiro dos Illyrianos. Tinha tido um tempo, ao que parece, que tinham visto Cassian em batalha aberta. Desde a Guerra, quando ele ainda era jovem, e agora... os olhares que deram a Cassian quando ele passou...

eles eram os mesmos que os GrãoSenhores tinham dado a Rhys ao ver seu poder. Como eles, e ainda diferente.

Nestha observava, e ouvia tudo, enquanto o acampamento era construído em torno de nós. Ela não perguntou onde os corpos tinham ido antes de sua chegada. Ela totalmente ignorou o acampamento que Keir e sua Legião da Escuridão construíram ao lado, os soldados com armadura de ébano que zombaram dela, de mim, dos Illyrianos.

Nestha só teve certeza de que Elain estava cochilando em sua tenda, e, em seguida, ofereceu-se para ajudar reduzir o linho para ataduras. Nós estávamos fazendo exatamente isso ao redor do fogo no início da noite, quando Rhys e Cassian se aproximaram, ainda em sua armadura, Azriel longe de ser encontrado.

Rhys tomou um assento no banco que eu estava empoleirada, batendo sua armadura, e silenciosamente deu-me um beijo na testa. Ele cheirava a metal, sangue e suor. Seu capacete apoiado no chão aos nossos pés. Eu silenciosamente entreguei-lhe um jarro de água, e fui para pegar um copo quando Rhys apenas levantou o recipiente de estanho e bebeu direito dele. Espirrou para os lados, água caindo contra o metal

negro revestimento suas coxas, e quando ele finalmente o trouxe para baixo, ele parecia...

cansado. Em seus olhos, Rhys parecia cansado.

Nestha tinha levantado a seus pés, olhando para Cassian, para o capacete que ele tinha enfiado na dobra do braço, as armas ainda cutucando acima de seu ombro, que precisavam de limpeza. Seu cabelo escuro colado com suor, seu rosto estava coberto de lama, onde até mesmo o capacete não tinha mantido fora. Mas ela pesquisou seus sete Sifões, as pedras vermelhas vibrantes. E então ela disse: “Você está ferido.”

Rhys agarrou a atenção para isso. O rosto de Cassian era sombrio, seus olhos vidrados. “Está tudo bem.” Mesmo as palavras foram atadas com exaustão. Mas ela estendeu a mão para seu braço - o braço que segurava o escudo. Cassian pareceu hesitar, mas ofereceu a ela, batendo o sifão no topo de sua palma. A armadura deslizou para trás uma fração em seu antebraço, revelando...

- Você sabe melhor do que isso para andar por aí com uma lesão. - Rhys disse um pouco tenso.

- Eu estava ocupado. - Disse Cassian, não tirando seu foco de Nestha enquanto ela estudava o pulso inchado. Como ela tinha detectado através da armadura... Ela deve ter lido isso em seus olhos, sua postura. Eu não tinha percebido que ela estava observando o general Illyriano o suficiente para notar os detalhes.

- E vai estar curando em um dia. - Cassian acrescentou, desafiando Rhys para dizer o contrário. Mas os dedos pálidos de Nestha suavemente sondaram sua pele marrom-dourada, e ele assobiou por entre os dentes.

- Como faço para corrigir isso? - Ela perguntou. Seu cabelo tinha sido amarrado com um nó frouxo no alto da cabeça no início do dia, e nas horas que tinha trabalhado para preparar e distribuir suprimentos para os curandeiros, através do calor e umidade, gavinhas estavam livres para enrolar sobre sua testa, sua nuca. Uma cor fraca tinha manchado o rosto do sol, e seus antebraços, nus debaixo das mangas que ela tinha enrolado, estavam salpicados de lama. Cassian lentamente se sentou no banco onde ela estava um momento antes, gemendo baixinho, como se o movimento custasse a ele.

- Crosta de gelo normalmente ajuda, mas envolvê-lo vai bloqueá-lo no lugar o tempo suficiente para a entorse se repare. - Ela pegou a cesta de ataduras que tinha preparado, em seguida, a jarra a seus pés. Eu estava cansada demais para fazer qualquer coisa diferente de olhar enquanto ela lavava seu pulso, sua mão, seus próprios dedos suaves. Cansado demais para perguntar se ela possuía a magia para curar a si mesma.

Cassian parecia cansado demais para falar também, enquanto ela embrulhou ataduras em torno de seu pulso, um único grunhindo para confirmar se estavam muito apertadas ou muito soltas, foi sua única ajuda.

Ele observou-a... não tirando os olhos de seu rosto, as sobrancelhas juntas e os lábios franzidos em concentração. E quando ela o amarrou perfeitamente, seu pulso envolto em branco, quando Nestha foi puxar para trás, Cassian agarrou seus dedos em sua mão boa. Ela levantou o olhar para ele.

- Obrigado. - Disse ele com voz rouca. Nestha não puxou a mão. Não abriu a boca para alguma réplica farpada. Ela só olhou e olhou para ele, para a amplitude de seus ombros, ainda mais poderosa em sua

armadura negra bonita, para coluna forte do pescoço, depois para acima dele, suas asas. E então os olhos cor de avelã, ainda cravados em seu rosto. Cassian escovou um polegar para baixo na parte de trás da sua mão.

Nestha abriu a boca, finalmente, e eu preparei a mim mesmo “Você está ferido?”

Ao som da voz de Mor, Cassian puxou sua mão para trás e girou em direção Mor com um sorriso preguiçoso.

- Nada para você chorar, não se preocupe.

Nestha arrastou seu olhar de seu rosto para sua mão agora vazia, seus dedos ainda enrolados como se a palma da mão ainda estivesse ali. Cassian não olhou para Nestha quando ela se levantou, pegando o jarro, e murmurou algo sobre a obtenção de mais água do interior da tenda. Cassian e Mor caíram em suas brincadeiras, rindo e provocando uns aos outros sobre a batalha e aquelas que virão.

Nestha não voltou a sair por algum tempo. Eu ajudei com os feridos durante toda a noite, Mor e Nestha trabalhando ao meu lado. Um longo dia para todos nós, sim, mas os outros... Eles lutaram por horas. Pelo ângulo apertado da mandíbula de Mor quando ela atendia a Escuridão e Illyrianos feridos da mesma forma, eu sabia que os vários recontos da batalha, não a atingiam como contos de glória, mas como o único lembrete de que ela não tinha estado lá para lutar ao lado deles.

Mas entre as forças da Escuridão e dos Illyrianos... Eu me perguntei onde ela lutaria.

Quem ela comandaria ou responderia. Definitivamente não Keir, mas... eu ainda estava mastigando isso quando finalmente deslizei entre os lençóis quentes da minha cama e enrolando meu corpo em Rhys. Seu braço instantaneamente deslizou sobre minha cintura, me puxando para mais perto.

- Você cheira a sangue. - Ele murmurou na penumbra.

- Desculpe. - Eu disse. Eu lavei minhas mãos e antebraços antes de deslizar para a cama, mas um banho completo... Eu mal tinha conseguido caminhar através do campo momentos atrás. Ele deslizou a mão sobre a minha cintura, até o meu quadril.

- Você deve estar exausta.

- E você deveria estar dormindo. - Eu repreendi, ao me aproximar, deixando seu calor e perfume envolverem em mim.

- Não é possível. - Admitiu ele, seus lábios roçando minha testa.

- Por quê? - Sua mão flutuou à minha volta, e eu arqueei para ela, arrastando arrepios ao longo da minha espinha.

- Demora um tempo... para voltar a mim mesmo após a batalha. - Tinha sido horas e horas desde que a luta havia cessado. Os lábios de Rhys começaram uma viagem da minha têmpora a minha mandíbula. E mesmo com o peso do cansaço pressionando em mim, quando sua boca roçou por cima do meu queixo, quando ele beliscou meu lábio inferior... Eu sabia que ele estava pedindo.

Rhys suspirou quando tracei os contornos de seu estômago musculoso, como fiquei maravilhada com a suavidade de sua pele, a força do corpo por baixo. Ele deu um beijo suave nos meus lábios. “Se você está cansada demais”, ele começou, e ficou totalmente imóvel enquanto meus dedos continuaram a viagem, passado os músculos esculpidos de seu abdômen. Respondi-lhe com um beijo. E outro. Até que sua língua deslizou sobre a costura dos meus lábios e eu abri para ele. Nossa união foi rápida, e dura, e eu estava arranhando suas costas antes do final quebrar através de nós dois, arrastando minhas mãos sobre suas asas.

Por longos minutos depois, ficamos lá, minhas pernas sobre os ombros, a ascensão e queda do seu peito empurrando em mim um eco persistente dos movimentos dos nossos corpos. Em seguida, retirou-se, baixando suavemente minhas pernas dos seus ombros.

Ele beijou o interior de cada um dos meus joelhos quando fez isso, colocando-os em ambos os lados dele quando se levantou para ajoelhar-se diante de mim. As tatuagens em seus joelhos estavam quase engolidas pelos lençóis amarrotados, o projeto se estendeu com a posição. Mas tracei meus dedos por cima das aquelas montanhas, as três estrelas com tinta sobre elas, quando ele permaneceu ajoelhado entre minhas pernas, olhando para mim.

- Eu pensei em você a cada momento que estava no campo de batalha. - Disse ele suavemente. “Me mantece focado, centrando-me, me permitindo passar por isso.” Eu acariciava aquelas tatuagens de joelhos novamente.

- Estou feliz. Eu acho... Eu acho que uma parte de mim estava lá naquele campo de batalha com você, também. - Eu olhei para sua armadura, limpa e exibida em um manequim perto da pequena área de vestir. Seu capacete alado brilhava como uma estrela escura na penumbra. “Vendo como trabalham hoje... Foi diferente daquele dia em Adriata.” Rhys só ouvia, os olhos salpicados de estrelas, olhos pacientes. “Em Adriata, eu não...” Lutei para as palavras. “O caos da batalha em Adriata era mais fácil, de alguma forma. Não é fácil, eu dizer-”

- Eu sei o que você quis dizer.- Eu suspirei, sentando-se para que possamos ficar joelho-a-joelho e face-a-face.

- O que estou tentando e falhando miseravelmente para explicar é que os ataques como o de Adriata, em Velaris... Eu posso lutar naqueles. Há pessoas a defender, e a desordem dele... posso... eu vou com prazer lutar nessas batalhas. Mas o que eu vi hoje, esse tipo de guerra...” Eu engoli. “Você vai se envergonhar de mim se eu admitir que eu não tenho certeza se estou pronta para esse tipo de luta?” Linha contra linha, balançando e esfaqueando até que eu não diferenciasse o alto do baixo, até que a lama e sangue turvassem a linha entre inimigo e inimigo, contando tanto com os guerreiros ao meu lado como meu próprio conjunto de habilidades. E a proximidade dela, os sons e escala do banho de sangue... Ele pegou meu rosto em suas mãos, beijando-me uma vez.

- Nunca. Eu nunca vou ter vergonha de você. Certamente não por causa disso. - Ele manteve a boca perto do minha, partilhando a respiração. “A Batalha de hoje foi diferente de Adriata e Velaris. Se tivéssemos mais tempo para treiná-la com uma unidade, você poderia facilmente lutar entre as linhas e manteria a sua própria. Mas só se você quiser.

E, por enquanto, essas batalhas iniciais... Ter-te no matadouro não é algo que eu desejo para você.” Ele me beijou novamente. “Estaremos juntos”, disse ele contra os meus lábios. “Se você deseja lutar ao meu



lado, será a minha honra.” Eu puxei minha cabeça para trás, franzindo a testa para ele.

- Eu me sinto como um covarde agora. - Ele acariciou o polegar sobre meu rosto.

- Ninguém nunca pensaria isso de você, não com tudo o que fez, Feyre. - Uma pausa. “A guerra é feia, e confusa, e implacável. Os soldados fazendo os combates são apenas uma fração dela. Não subestime o quão longe você vai por ajuda-los aqui, cuidando dos feridos e participando das reuniões e conselhos.” Eu considerei, deixando meus dedos derivarem através das tatuagens Illyrianas sobre o peito e ombros. E talvez tenha sido o brilho da nossa união, talvez tenha sido a batalha hoje, mas... eu acreditei nele.

O exército de Tarquin não se misturou com o nosso como os de Keir fizeram, mas acamparam ao lado. Azriel liderou equipe após equipe de batedores para encontrar o resto do exército de Hybern, descobrir seu próximo movimento... Mas nada. Eu me perguntava se Tamlin estava com eles, se ele sussurrou para Hybern tudo o que havia sido discutido na reunião. Os pontos fracos entre as cortes.

Não me atrevi a perguntar a qualquer um. Mas eu ousava questionar Nestha sobre se sentiu alguma agitação de poder do Caldeirão. Misericordiosamente, ela relatou sentir nada de errado. Mesmo assim... Eu sabia que Rhys estava frequentemente verificando Amren em Velaris - perguntando se ela tinha feito quaisquer descobertas com o livro. E

mesmo que ela encontrasse alguma forma alternativa de parar com isso, o Caldeirão...

precisávamos saber onde o rei estava escondendo o resto do seu exército em primeiro lugar.

Não para que pudéssemos enfrentá-lo, não sozinhos. Não para que pudéssemos trazer outros para terminar o trabalho. Mas logo que soubéssemos onde o resto do exército de Hybern estava, eu poderia liberar Bryaxis. Não seria bom ter Hybern sabendo da existência de Bryaxis e ajustar seus planos. Não, somente quando o exército completo estivesse em cima de nós... Só então eu a mandaria em cima deles.

Os três primeiros dias depois da batalha, os exércitos curando suas feridas e descansado. No quarto, Cassian ordenou-lhes fazer tarefas domésticas para afastar qualquer inquietação e chances para resmungos perigosos. Sua primeira ordem: cavar uma trincheira ao redor de todo o acampamento. Mas o quinto dia, a trincheira na metade para acabar... Azriel apareceu, ofegante, no meio da nossa tenda de guerra.

Hybern tinha de alguma forma nos contornado inteiramente, e enviado uma força marchando até a fronteira entre a Corte Outonal e Estival. Dirigindo-se para a fronteira da Corte Invernal. Nós não poderíamos entender o motivo. Azriel não tinha descoberto um, qualquer um. Eram metade de um dia voando de onde estávamos. Ele já havia enviado avisos para Kallias e Viviane. Rhys, Tarquin, e os outros debateram por horas, pesando as possibilidades.

Abandonando esse local pela fronteira, nós poderíamos estar jogando nos planos de Hybern. Mas deixar que o exército fosse para o norte, garantiria que poderiam se manter indo para o norte na medida em que quisessem. Não podíamos nos dar ao luxo de dividir o nosso próprio exército em dois, não havia soldados suficientes de sobra. Até que Varian veio com uma idéia. Ele dispensou todos os capitães e generais, Keir e Devlon nada satisfeitos ao olhar para ele quando saíram, rejeitou a todos, exceto sua irmã, Tarquin, e minha própria família.

- Nós marchamos para norte e nós ficamos. - Rhys arqueou uma sobrancelha.

Cassian fez uma careta. Mas Varian apontou um dedo no mapa aberto sobre a mesa que tinham se reunido ao redor. “Tecemos um glamour. Assim que, se alguém anda por aqui, eles verão, ouvirão e sentirão o cheiro de um exército. Colocamos algo no lugar para repeli-los se de fato chegarem a ele. Mas deixe os olhos de Hybern relatem que ainda estamos aqui. Que nós escolhemos para ficar aqui.”

- Enquanto nós marchamos para o norte sob um escudo de vista. – Cassian murmurou, esfregando sua mandíbula. “Poderia funcionar.” Ele acrescentou com um sorriso para Varian, “Se você ficar doente de toda a luz do sol, você pode vir jogar conosco em Velaris.” Embora Varian franzisse a testa, algo brilhou em seus olhos. Mas Tarquin disse Rhys, - Você poderia fazer tal glamour? - Rhys assentiu e piscou para mim. “Com a ajuda da minha companheira.” Eu rezei para que eu tivesse descansado o suficiente quando todos olharam para mim.

Eu estava quase drenada pelo tempo que Rhys e eu terminamos naquela noite. Eu segui as instruções dele, marcando rostos e detalhes, fazendo a mágica que muda a forma e cria o ar, dar-lhes sua própria vida.

Foi como... aplicar uma película fina sobre todos os que vivem no campo, em seguida, separá-la para quando nos movermos ela cresça como uma própria entidade que andava, falava e fazia todo tipo de coisas aqui. Enquanto nós marchávamos para interceptar o exército de Hybern, escondido da vista por Rhys. Mas funcionou. Crescida, hábilmente glamour-se, e trabalhou pessoalmente sobre os soldados da Corte Estival.

Ela e eu estávamos ambas ofegantes e suadas horas depois, e eu acenei meus agradecimentos quando ela me entregou uma meada de água. Ela não era um guerreiro treinado como seu irmão, mas ela era uma sólida, presença necessária entre seu exército - os soldados olhavam para ela para orientação e estabilidade.

Nós nos mudamos outra vez, um exército muito maior do que a que tinha voado para cá. Os soldados da Corte Estival e a legião de Keir não podiam voar, mas Tarquin cavou fundo em seus reservatórios e os guiou junto com a gente. Ele estaria totalmente vazio no momento em que atingisse o inimigo, mas ele insistiu que era melhor em combate com aço de qualquer maneira.

Encontramos o exército de Hybern no extremo norte da poderosa floresta que se estendia ao longo da fronteira leste da Corte Estival. Azriel havia observado a terra com antecedência para Cassian, descreveu-lhe em detalhes precisos. Já era tarde o suficiente para que Hybern estivesse se preparando para se estabelecer para a noite. Cassian tinha deixado nosso exército descansar durante todo o dia, antecipando isso. Sabendo que no final de um longo dia de marcha, as forças de Hybern estariam esgotadas, confusas. Outra regra da guerra, ele me disse. Saber quando escolher suas batalhas poderia ser tão importante quanto onde você lutava com eles.

Com uma chuva pesada e nuvens varrendo do leste, o sol afundando em direção às árvores atrás dos carvalhos e sicômoros que se erguiam altas, pousamos. Rhys arrancou o glamour que nos rodeava. Ele queria que a palavra de que tinham sido encontrados se espalhasse entre as forças de Hybern. Abatendo-os. Mas eles já sabiam.

Mais uma vez, eu assisti a partir do próprio campo, no topo de uma borda larga que conduzia ao pequeno vale verde onde Hybern tinha planejado descansar.

Elain mergulhou em sua tenda no momento em que os guerreiros Illyrianos construíram para ela. Apenas Nestha caminhou em direção à borda das tendas para assistir à batalha no fundo do vale abaixo. Mor juntou-se a ela, então eu. Nestha não vacilou no confronto e estrando da batalha. Ela só ficou olhando para uma figura em preto blindado, levando as linhas, ocasionalmente empurrando ou segurando o flanco, latindo ordens para o outro lado da batalha. Porque para esta batalha... Hybern estava pronto.

A aparência que tinham dado, de um exército cansado pronto para descansar durante a noite... tinha sido um ardil, como a nossa própria tinha sido. Os soldados de Keir começaram a descer primeiro, sombras brilhantes. Suas linhas de frente se dobraram.

Mor assistiu, encarando rigidamente. Eu não tinha dúvida de que ela estava meio que esperando seu pai juntar-se aos mortos que agora se acumulavam. Mesmo quando Keir conseguiu reunir a Escuridão, remontado a linha de frente após Cassian ter rugido para ele para corrigi-la. E do outro lado do campo... Rhys e Tarquin estavam drenados o suficiente para que eles realmente lutassem espada contra espada contra soldados.

E, novamente, nenhum sinal do rei, Tamlin ou Jurian. Mor ficou pulando de um pé para o outro, olhando para mim de vez em quando. O derramamento de sangue, a brutalidade... cantou para uma parte dela. Estar aqui comigo... Não era onde ela queria estar. Mas essa... essa corrida de exércitos, lutando para permanecer à frente...

Ela não iria fornecer uma solução. Não por muito tempo. Os céus se abriram, e a batalha se transformou em abate imediato lamacento. Sifões queimando, soldados morrendo. Hybern exercia a sua própria magia em nossas forças, flechas com pontas de faebane finalmente fizeram uma aparição, junto com as nuvens do mesmo, que felizmente não duraram muito tempo na chuva. E não teve impacto... não com o antídoto de Nuan em nossos sistemas.

As setas, foram habilmente evitadas com escudos ou a destruição absoluta de seus eixos, deixando a pedra a cair inofensivamente do céu. Cassian, Azriel, e Rhys continuaram a luta, mantiveram a matança. Tarquin e Varian realizavam a sua própria -

espalhando seus soldados para ajudar na linha de Keir que mais uma vez caía.

Muito tarde. De longe, através da chuva, podíamos ver perfeitamente como a linha escura dos soldados de Keir cediam a um ataque da cavalaria de Hybern.

- Merda. - Mor respirou, agarrando o meu braço apertado o suficiente para uma contusão, a chuva quente de verão encharcando nossas roupas, nossos cabelos. "Merda."

Como uma represa estourando, os soldados de Hybern se derramaram, cortando a força de Keir pela metade.

Berros de Cassian eram audíveis até mesmo do morro, então ele estava subindo, esquivando de flechas e lanças, seu Sifão tão fraco que mal segurava algo contra ele. Eu podia jurar Rhys rugiu alguma ordem para ele, uma que Cassian desconsiderou quando ele caiu no meio, bem no meio dessas forças inimigas invadindo nossas linhas, e desencadeou-se.

Nestha inalou com um alto suspiro afiado. Mais e mais de Hybern se espalhavam, mais longe e mais

além. O poder de Rhys bateu no flanco deles, tentando empurrá-los para trás. Mas seu poder foi drenado, exausto da noite passada. Dezenas caíram para aquelas sombras atiradas, ao invés de centenas.

- Reformar as linhas - Mor estava murmurando, liberando-me para andar, a chuva escorrendo pelo rosto. “Re-formem as linhas malditos!”

Cassian estava tentando. Azriel tinha pulado para a briga, nada mais do que sombras com pontas em luz azul, lutando contra o seu caminho para onde Cassian lutava, totalmente cercado.

- Mãe acima. - Nestha disse suavemente. Não em reverência. Não... não, era medo em sua voz.

E na minha própria quando eu disse - “Eles podem corrigir isso.”

Ou eu rezava para que pudessem. Mesmo se esta batalha... isso não era tudo o que Hybern tinha para oferecer contra nós. Isso não era tudo o que tinha para oferecer, e ainda estávamos sendo empurrados para trás, para trás, preto e vermelho queimado no coração da batalha como uma brasa explodindo. Um círculo de soldados morrera. Porém, mais dos soldados de Hybern empurravam em torno de Cassian. Mesmo Azriel não conseguiu chegar a seu lado.

Meu estômago virou-se, mais e mais. Hybern tinha escondido a maior parte de sua força de algum lugar. Nossos batedores não poderiam encontrá-lo. Azriel não conseguiu encontrá-lo. E Elain... Ela não podia ver o poderoso exército, ela disse. Em seus sonhos acordada ou dormindo. Eu sabia pouco de guerra, de batalha. Mas isso... parece como remendar buracos em um barco enquanto ele afundava.

Enquanto a chuva nos encharcava, com Mor passeando e xingando o abate, os corpos começam a amontoar-se do nosso lado, as linhas de afundamento... Eu percebi o que eu tinha que fazer, se eu não poderia estar lá, lutando.

Quem eu tinha que caçar e perguntar sobre a localização do verdadeiro exército de Hybern.

O Suriel.

# CHAPTER

57

- Absolutamente não! - Mor disse quando eu a puxei alguns pés longe de Nestha, o barulho da batalha e da chuva abafando as nossas vozes. "Absolutamente não."

Eu empurrei minha cabeça para o vale abaixo. "Vá se juntar a eles. Você está perdida aqui. Eles precisam de você." Era verdade. "Cassian e Az precisam de você para empurrar para trás as linhas de frente". O Sifão de Cassian estavam começando a falhar.

- Rhys vai me matar se eu te deixar aqui.

- Rhys não vai fazer tal coisa, e você sabe disso. Ele colocou proteções em torno deste acampamento, e eu não sou totalmente indefesa, você sabe. " Eu não estava mentindo, exatamente, mas... O Suriel pode muito bem não aparecer se Mor estiver lá. E

se eu lhe dissesse onde estava indo... não tinha dúvida de que ela iria insistir em vir comigo.

Nós não temos o luxo de esperar por Jurian para nos dar informações. Sobre muitas coisas. Eu precisava sair, agora. "Vá lutar. Faça esse pedaço Hybern gritar um pouco."

Nestha tirou sua atenção longe do abate tempo suficiente para adicionar: "Ajudá-

os. " Por que Cassian, estava fazendo uma outra carga em direção a um comandante de Hybern. Na esperança de assustar os soldados novamente. Mor franziu a testa profundamente, saltou uma vez na ponta dos pés.

- Apenas... fiquem de guarda. Vocês duas.

Eu dei-lhe um olhar irônico antes que ela corresse para sua tenda. Eu esperei até que ela surgiu novamente, carregada de armas, e me saudou antes de atravessar a distância. Para o campo de batalha. Direito para o lado de Azriel, logo quando um soldado quase conseguiu um golpe em suas costas. Mor enfiou sua espada através da garganta do soldado antes que ele pudesse finalizar esse ataque. E então, Mor começou a cortar um caminho para Cassian, em direção à linha da frente, quebrando através dela, seu cabelo dourado úmido como um raio de sol em meio à lama e armaduras escuras.

Os soldados começaram a gritar. Gritaram um pouco mais quando Azriel, Sifão azul queimando, foi para o lado dela. Juntos, eles limparam um caminho para Cassian, ou tentaram.

Eles fizeram isso talvez por dez pés antes que fossem cercados novamente. Antes que a imprensa de corpos fizesse até mesmo o cabelo de Mor desaparecer na lama e chuva.

Nestha colocou uma mão contra sua garganta nua, chuva escorrendo. Cassian começou outro assalto a um capitão de Hybern – mais devagar desta vez do que ele tinha feito.

Agora. Eu tinha que ir agora rapidamente. Eu dei um passo para longe da visão. Minha irmã estreitou as

sobrancelhas para mim. "Onde você está indo?"

- Eu volto. - Foi tudo o que eu disse. Não me atrevi a pensar o quanto de nosso exército seria abatido quando eu fizesse. Até o momento que eu me afastei, Nestha já havia enfrentado a batalha mais uma vez, a chuva grudando seu cabelo na cabeça.

Retomando sua vigília interminável da luta no fundo do vale abaixo.

Eu tinha que encontrar o Suriel. E mesmo que Elain não pudesse ver onde Hybern estava... Valia a pena tentar. Sua tenda era pequena, e tranquila... os sons do abate longe, como um sonho. Ela estava acordada, olhando fixamente para o teto de lona.

- Eu preciso de você para encontrar algo para mim. - Eu disse, pingando água por toda parte, quando coloquei um mapa através de suas coxas. Talvez não tão suave quanto eu deveria ter sido, mas ela, pelo menos, sentou-se no meu tom. Piscou para o mapa de Prythian.

- É o chamado Suriel-é um dos muitos que tem esse nome. Mas... mas parece que ele... - eu disse, e pegou a mão dela para mostrar a ela. Eu hesitei. "Posso mostrá-lo?" Os olhos castanhos de minha irmã estavam vidrados. "Plantar a imagem em sua mente," Eu esclareci. "Então você sabe o que procurar."

- Eu não sei como olhar. - Elain murmurou.

- Você pode tentar. - Eu deveria ter pedido a Amren para treiná-la também. Mas Elain me estudou, o mapa, em seguida, assentiu. Ela não tinha escudos mentais, nem barreiras.

Os portões para sua mente... de ferro maciço, cobertos de trepadeiras de flores, ou teriam sido. As flores foram todos podadas, botões enfiados em emaranhados de folhas e espinhos. Dei um passo para além deles, apenas para a antecâmara de sua mente, e plantei a imagem do Suriel ali, tentando infundir-la com segurança, a verdade de que parecia terrível, mas não tinha me prejudicado. Ainda assim, Elain estremeceu quando eu puxei para fora.

- Por quê?

- Ele tem respostas que eu preciso. Imediatamente. - Ou então podemos não ter muito de um exército para lutar contra todo o exercito de Hybern uma vez que eu localizá-

lo. Elain novamente olhou para o mapa. Para mim. Em seguida, fechou os olhos. Seus olhos se moveram sob suas pálpebras, a pele tão delicada e incolor que as veias azuis debaixo eram como pequenos riachos.

- Ele se move... - ela sussurrou. "Ele se move através do mundo como... como o sopro do vento ocidental."

- Onde ele está indo? - Seu dedo levantado, pairando sobre o mapa, as Cortes.

Lentamente, ela o abaixou.

- Não... - ela suspirou. "Vá lá. Agora." Eu olhei para onde ela tinha colocado o dedo e senti o sangue do meu rosto drenar. O meio. O Suriel estava indo para a floresta antiga no Oriente. Apenas ao sul – a

milhas, talvez... da Tecelã da Floresta.

Eu atravesssei em cinco saltos. Eu estava sem fôlego, meu poder quase drenado graças ao glamour que tinha feito ontem. Convoquei uma chama para secar-me, e então tinha me tirado da batalha para ir em direção ao coração da Floresta Antiga.

O ar pesado, antigo, era tão terrível quanto eu me lembrava, a densa floresta de musgo que sufocavam as faias retorcidas e as pedras cinzentas espalhadas por toda parte.

Em seguida, houve o silêncio.

Eu me perguntava se eu deveria ter, de fato trazido Mor comigo. Quando eu buscava com minha magia restante por qualquer sinal dele. O musgo tanto amortecia meus passos como aliviava a caminhada.

Digitalizei, escutei. Como estava longe, quão pequena, que a batalha para o sul se sentia. Minha respiração era alta em meus ouvidos. Outras coisas além da Tecelã rondava estas Florestas. E a tecelã... Stryga, o Entalhador de Ossos a tinha chamado. Irmã dele.

Ambos os irmãos de uma criatura horrível, um macho escondido em outra parte do mundo. Eu saquei a lâmina illyriana, cantando o metal no ar.

Mas então uma antiga, voz áspera perguntou atrás de mim: - Você veio para me matar, ou para pedir a minha ajuda, mais uma vez, Feyre Archeron?

CHAPTER

Virei-me, mas não embainhei minha lâmina nas costas. O Suriel estava a poucos passos de distância, coberto não no manto que eu tinha dado meses atrás, mas um diferente, mais pesado e mais escuro, o tecido já rasgado e desfiado. Como se o vento que ele viajasse o tinha rasgado através dele com garras invisíveis.

Apenas alguns meses desde que eu o tinha visto pela última vez - quando ele tinha me dito que Rhys era meu parceiro. Isso poderia muito bem ter sido uma vida atrás. Seus excessivos e grandes dentes estalaram fracamente.

- Três vezes agora, nós nos encontramos. Três vezes agora, você tem caçado por mim. Desta vez, enviou uma corsa tremendo para me encontrar. Eu não esperava ver esses olhos de corça buscando por mim em todo o mundo.

- Sinto muito se foi uma violação. - Eu disse tão firme o quanto pude. “Mas é um assunto urgente.”

- Você deseja saber onde Hybern está escondendo seu exército.

- Sim. E outras coisas. Mas vamos começar com isso. - Um sorriso horrível e hediondo.

- Mesmo eu não posso vê-lo.

Meu estômago se apertou. “Você pode ver tudo, mas não isso?” O Suriel inclinou a cabeça de uma forma que me fez lembrar do fato que era um predador. E não havia armadilha desta vez para segurá-lo.

- Ele usa a magia para encobrir-lo... magic muito mais velha do que eu.

- O Caldeirão. - Outro sorriso horrível.

- Sim. Isso, é uma coisa má e poderosa. Essa tigela de morte e vida. - Ele estremeceu com o que eu poderia ter jurado que era prazer.

- Você tem uma que pode encontrar Hybern.

- Elain diz que não pode vê-lo... ver através da sua magia.

- Logo, use a outra para segui-lo.

- Nestha. Usar Nestha para acompanhar o Caldeirão?

- Como gostamos de chamar. Será que o Rei de Hybern viajar sem o Caldeirão?

Então, onde está, ele e seu exército? Diga a bela ladra para encontrá-lo.

Os pelos de meus braços levantaram. “Como?” Ele inclinou a cabeça, como se estivesse ouvindo.

- Se ela é inexperiente... os ossos vão tentar falar para ela.



- Vidência... quer dizer vidência com os ossos?

- Sim. - Essas vestes esfarrapadas esvoaçavam com um vento fantasma. “Ossos e pedras.” Eu engoli novamente.

- Por que o Caldeirão não reagiu quando entrei com o livro e falei o feitiço para anular seu poder?

- Porque você não o segurou por muito tempo.

- Ele estava me matando.

- Você acha que poderia por uma coleira em seu poder sem um custo?

Meu coração gaguejou. “Eu precisaria... morrer para ele ser parado? ”

- Tão dramática, coração de humano. Mas sim... sim, aquela mágica teria drenado a vida de você.

- Há... há outro feitiço para usar em vez disso? Para anular seus poderes?

- Se houvesse uma coisa dessas, você ainda teria que chegar perto o suficiente do caldeirão para fazê-lo. Hybern não vai cometer esse erro duas vezes.

Engoli em seco. “Mesmo que eu anule o Caldeirão... será o suficiente para parar Hybern? ”

- Depende de seus aliados. Se eles sobreviverem o tempo suficiente para lutar depois.

"Será que o Entalhador de Ossos faria a diferença? ” *E Bryaxis?*

O Suriel não tinha pálpebras. Mas seus olhos leitosos queimaram com surpresa. “Eu não posso ver, não ele. Ele não foi... nascido nesta terra. Sua linha não foi tecida aqui. ”

Sua boca torcia apertada. “Você deseja salvar Prythian tanto que arriscaria desencadea-lo? ”

- Sim. - No momento em que localizasse o exército, eu desencadearia Bryaxis sobre eles. Mas, como faria com o Entalhador...

- Ele queria... o espelho. Em troca. O Ouroboros.

O Suriel soltou um som que poderia ter sido um suspiro de prazer ou horror, eu não sabia. “O Espelho de começos e fins.”

- Sim, mas... eu não posso recuperá-lo.

- Você está com medo de olhar. De ver o que está dentro.

- Será que vai me conduzir a loucura? Me quebrar? - Foi um esforço não vacilar para aquele rosto monstruoso, para os olhos leitosos e a boca sem lábios. Todos focados em cima de mim.

- Só você pode decidir o que quebra você, Quebradora de Maldições. Só você.

Não era uma resposta, não realmente. Certamente não o suficiente para arriscar a recuperação do espelho. O Suriel novamente ouviu o que o vento fantasma dizia. “Diga a mensageira de olhos de prata que a resposta estão na segundo e penúltima páginas do livro. Juntos, eles detêm a chave.”

- A chave para o quê?

O Suriel clicou seus dedos ossudos juntos, como os membros de um crustáceo muitos... articulados, ponta batendo umas contra as outras. “A resposta para o que você precisa parar de Hy-”

Levei um piscar de olhos para registrar o que aconteceu. Para identificar a coisa de madeira que irrompeu pela garganta do Suriel como uma seta cinza. Para perceber que o que pulverizou no meu rosto, caindo na minha língua e com gosto do solo, era sangue negro. Para perceber que o Suriel poderia mesmo gritar... quando mais uma batida de flechas vieram.

O Suriel tropeçou em seus joelhos, um som abafado sai da sua boca. Ele tinha medo do Naga naquele dia na floresta. Sabia que poderia ser morto. Eu corri em direção a ele, espalmando uma faca com a mão esquerda, espada dobrando-se. Outra flecha disparada, e eu nos escondi atrás de uma árvore retorcida. O Suriel soltou um grito com o impacto.

Aves levantaram vôo, e os meus ouvidos cantaram.. e então sua respiração difícil, molhada encheu a Floresta. Até que uma voz feminina cantou alegremente sussurrando: - Por que falar com você, Feyre, quando nem sequer se dignou a falar comigo?

Eu conhecia aquela voz. O riso abaixo das palavras.

Ianthe. Ianthe estava aqui. Com dois soldados de Hybern atrás dela.

CHAPTER

Escondidos atrás da árvore, eu tomei ao meu redor. Estava exausta, mas... Eu poderia atravessar. Eu poderia atravessar e ir embora. As setas cinzas que tinham acertado o Suriel, no entanto... Eu reconheci pelos seus olhos, ali, sangrando sobre o musgo. As mesmas flechas de cinzas que haviam sido lançadas em Rhys. Mas as do meu parceiro foram cuidadosamente atiradas para desativar ele. Estas tinham sido destinadas para matar.

Essa boca com dentes grandes demais formaram uma palavra silenciosa. *Corra.*

- Levou ao Rei de Hybern dois dias para desvendar o que você fez para mim. -

Ianthe ronronou, sua voz se aproximando. “Eu ainda não posso usar minha mão.”

Eu não respondi. Atravessar... eu deveria atravessar. Sangue negro gotejou do pescoço do Suriel, a partir da vulgar ponta de seta, uma vez que se projetava acima de sua pele grossa. Eu não poderia curá-lo, não com aquelas setas cinzas ainda na sua carne. Não até que elas fossem tiradas.

- Eu tinha ouvido falar de Tamlin como você capturou este. - Ianthe continuou, chegando cada vez mais perto. “Então, eu adaptei seus métodos. E ele não me dizia nada.

Mas desde que você fez contato tantas vezes, o manto eu dei-lhe...” Eu podia ouvir o sorriso em sua voz. “Um feitiço de rastreamento simples, um presente do rei. Para ser desencadeado em sua presença. Se você o chamasse novamente. ”

Executado, a boca do Suriel mais uma vez, jorrou sangue passando seus lábios murchos. Isso era dor em seus olhos. Dor real, mortal como qualquer criatura. E se Ianthe o levava vivo para Hybern... O Suriel sabia que era uma possibilidade. Ele tinha me implorado pela liberdade uma vez... no entanto, estava disposto a ceder. Para eu correr.

Seus olhos leitosos estreitaram-se com dor e compreensão. *Sim*, ele parecia dizer. *Vá.*

- O rei construiu escudos em minha mente. - Ianthe tagarelou, “para impedi-la de me prejudicar novamente quando eu te encontrasse.”

Olhei ao redor da árvore para espiar seu pé na borda da clareira, franzindo a testa para o Suriel. Ela usava suas vestes pálidas, com a pedra azul coroando seu capuz. Apenas dois guardas com ela. Mesmo depois de todo esse tempo... Ela ainda me subestimava.

Eu abaixei de volta antes que ela pudesse me identificar. Encontrei mais uma vez o olhar do Suriel. E o deixei ler cada uma das emoções que solidificaram em mim com absoluta clareza. O Suriel começou a sacudir a cabeça. Ou tentou. Mas eu dei-lhe um sorriso de despedida. E entrei na clareira.

- Eu deveria ter cortado sua garganta naquela noite na tenda. - Eu disse à sacerdotisa.

Um dos guardas atirou uma flecha para mim. Eu a bloqueei com uma parede de ar duro que instantaneamente se quebrou. Drenada... principalmente drenado. E se ele tomasse outra batida de uma

seta cinza...

O rosto de Ianthe apertou. “Você vai encontrar-se querendo reconsiderar como você fala comigo. Eu serei sua melhor defensora em Hybern.”

- Eu suponho que você vai ter que me pegar primeiro. - Eu disse friamente e corri.

Eu podia jurar que a antiga floresta mudou-se para fazer um caminho para mim. Poderia ter jurado que, também, tinha lido meus pensamentos finais ao Suriel, e abriu o caminho.

Mas não para eles.

Arremessei cada pedaço de força em minhas pernas, para me manter na posição vertical, quando eu corria através das árvores, saltando por cima de rochas e riachos, esquivando de pedregulhos com musgo revestido. No entanto, os guardas, mesmo Ianthe, conseguiram manter-se logo atrás, mesmo quando xingavam os troncos que pareciam mudar para o seu caminho, as pedras que estava soltas sob seus pés.

Eu só tinha que ultrapassá-los por um tempo. Só por algumas milhas. Atraí-los para longe do Suriel, comprar-lhe tempo para fugir. E certificar-me que eles pagaram pelo que haviam feito. Tudo isso. Abri os sentidos, permitindo ver o caminho.

A floresta fez o resto. Talvez ela estivesse esperando por mim. Talvez ela tinha ordenado a floresta para abrir um caminho. Os guardas de Hybern ganharam terreno para mim. Meus pés voaram debaixo de mim, veloz como um cervo.

Comecei a reconhecer as árvores, as rochas. Lá, eu tinha ficado com Rhys... lá, eu tinha flertado com ele. Lá, ele tinha descansado sobre um ramo enquanto esperava por mim. O ar atrás de mim separou-se com uma seta. Virou a esquerda, quase batendo em uma árvore. A seta atingiu ao lado.

A luz mudou a frente... brilhante. A clareira. Deixei escapar um gemido de alívio que tenho a certeza que ouviram. Eu quebrei a partir da linha de árvore em um salto, os joelhos estalando quando eu voei sobre as pedras que levam a essa cabana de cabelos - Ajude-me. - Eu respirei, certificando-me que ouviam isso, também. A porta de madeira já estava entreaberta. O mundo desacelerou e limpou a cada passo, cada batimento cardíaco, quando eu arremessava sobre o limiar.

Na casa da Tecelã.

CHAPTER

Segurei a maçaneta da porta enquanto passava do limiar, cavando meus saltos e jogando cada pedaço de força em meus braços para impedir essa porta de fechar. De me trancar lá.

Mãos invisíveis empurraram contra ela, mas eu cerrei os dentes e apoiou um pé contra a parede, ferro mordendo minhas mãos. O quarto atrás de mim estava escuro.

- Ladra. - Entoou uma voz encantadora na escuridão.

- Você sabe, - Ianthe cantou do campo de fora da casa, seus passos diminuindo para uma caminhada - “que nós vamos ter que matar quem está aí dentro com você. Egoísta da sua parte, Feyre. ” Eu respirei, segurando a porta aberta, certificando-me de que ela não poderia me ver do outro lado.

- Você viu meu gêmeo. - A tecelã assobiou suavemente, com uma pitada de admiração. “Sinto o cheiro dele em você. ”

Lá fora, Ianthe e o guarda se aproximavam. Cada vez mais perto. Em algum lugar no fundo da sala, senti seu movimento. Senti ela ficar de pé. E dar um passo em minha direção. “O que você é?” a tecelã suspirou.

- Feyre, você pode ser bastante tediosa. - Disse Ianthe. Direito fora. Eu mal podia distinguir suas vestes pálidas pela fresta entre a porta e o limiar. “Você acha que você pode nos emboscar aí? Eu vi o seu escudo. Você está drenada. E eu não acho que seu truque brilhante vai ajudar. ”

O vestido da Tecelã farfalhou quando ela chegou mais perto na escuridão. “Quem você trouxe, pequena loba? Quem você trouxe para mim? ” Ianthe e seus dois guardas passaram pelas escadas. Em seguida, outros passos. Passaram pela porta aberta. Eles não me viram nas sombras atrás deles.

- Jantar. - Eu disse para a Tecelã, girando em torno da porta para o exterior. E

soltando a maçaneta. Assim que a porta se fechou com força suficiente para sacudir a casa, vi a luz feérica que Ianthe levantou para iluminar o quarto. Vi o rosto horrível da Tecelã, a boca cheia de dentes aberta amplamente, perplexa com prazer e uma fome profana. A deusa da morte antiga tinha fome pela vida. E com uma bela sacerdotisa diante dela... Eu já estava me arremessado para as árvores quando os guardas e Ianthe começaram a gritar. Seus gritos intermináveis me seguiram por meia milha. No momento em que cheguei ao ponto onde eu tinha deixado o Suriel, tinham desaparecido.

Esparramado no chão, o peito ósseo do Suriel se movimentada de forma desigual, suas respirações lentas e distantes entre si. Morrendo.

Eu deslizei de joelhos diante dele, afundando no musgo sangrento. “Deixe-me ajudá-lo. Eu posso curá-lo.” Eu fazia da mesma maneira que eu tinha ajudado Rhysand.

Retirar as flechas e oferecer meu sangue. Estendi a mão para a primeira, mas uma mão seca e óssea segurou no meu pulso.

- Sua magia... - ele murmurou, “esta pouca. Não desperdice.”

- Eu posso te salvar. - Ele só seguiu segurando eu pulso.

- Eu já me vou.

- O que... o que posso fazer? - As palavras se tornaram quebradiças.

- Fique... - ele respirou. “Fique... até o fim.”

Eu tomei a sua mão na minha. “Eu sinto muito.” Era tudo que eu conseguia pensar para dizer. Eu tinha feito isso, eu tinha trazido-o aqui.

- Eu sabia. - Ele suspirou, sentindo a minha mudança de pensamentos. “O

rastreamento... Eu sabia disso. ”

- Então por que veio?

- Você... era amável. Você... lutou contra seu medo. Você foi... corajosa. - ele disse novamente. Comecei a chorar. “E você foi gentil comigo”, eu não impedi as lágrimas que caíam sobre seu ensanguentado robe, esfarrapado. “Obrigada-por me ajudar. Quando ninguém mais o faria. “ Um pequeno sorriso em que a boca sem lábios. “Feyre Archeron.”

– uma respiração ofegante. “Eu disse a você, para ficar com o GrãoSenhor. E você fez.”

Sua advertência para mim na primeira vez que nos conhecemos.

- Você, você falou de Rhys.

Todo esse tempo. Tudo esse tempo... “Fique com ele... e viva para ver tudo ser corrigido.”

- Sim. Eu fiz e farei.

- Ainda não... não. Fique com ele.

- Eu vou. Eu sempre o farei. - Seu peito subiu, então desceu. “Eu nem sei o seu nome.” eu sussurrei. O Suriel, era um título, um nome para seu tipo. Esse pequeno sorriso novamente.

- Será que isso importa, Quebradora de Maldições?

- Sim.

Seus olhos amoleceram, mas não me disse. Ele só falou: “Você deve ir agora.

Coisas... piores, coisas piores estão chegando. O sangue... chama-os.” Eu apertei sua mão ossuda, a pele curtida ficando mais fria.

- Eu posso ficar um pouco mais.- Eu tinha matado animais suficientes para saber quando um corpo se aproximava da morte. Em breve, agora seria uma questão de respirações.

- Feyre Archeron. - O Suriel disse novamente, olhando para a copa frondosa, o céu espreitando através dela. A inspiração dolorosa. "Um pedido." Inclinei-me para perto.

- Qualquer coisa.

Outra respiração tremida. “Deixe este mundo... um lugar melhor do que como você o encontrou. ” E quando seu peito subiu e parou completamente, quando a respiração escapou em um último suspiro, eu entendi por que o Suriel tinha vindo me ajudar, uma e outra vez. Não apenas por bondade... mas porque era um sonhador. E foi o coração de um sonhador que tinha deixado de bater dentro daquele peito monstruoso. Seu súbito silêncio ecoou em meu próprio. Eu coloquei minha cabeça em seu peito, em um peito ósseo que agora estava silencioso, e chorei.

Chorei e chorei, até que senti uma forte mão em meu ombro. Eu não conhecia o cheiro, a sensação da mão. Mas eu reconheci a voz de Helion quando disse baixinho para mim: “Vem, Feyre. Não é seguro aqui. Venha.” Eu levantei minha cabeça. Helion estava lá, sombrio, sua pele marrom, pálida.

- Eu não posso deixá-lo aqui. - Eu disse, recusando-me a soltar sua mão. Eu não me importava em como Helion tinha me encontrado. Por que ele me encontrou. Ele olhou para a criatura caída, boca aberta.

- Eu vou cuidar dele. – Queimá-lo com o poder do sol. Deixei que ele me ajudasse a levantar. Deixe-o estender a mão em direção a esse corpo...

- Espere. - Helion obedeceu. “Dê-me sua capa. Por favor. ” Com as sobrancelhas estreitando, Helion desatou o manto vermelho rico preso em cada ombro. Não me preocupei em explicar enquanto cobria o corpo do Suriel com o tecido fino. De longe mais fino do que os trapos de ódio que Ianthe tinha dado. Enfiar manto do GrãoSenhor delicadamente em torno de seus ombros largos, seus braços ossudos. “Obrigada”, eu disse uma última vez para o Suriel, e me afastei da chama que Helion lançou, um branco cegante puro. Queimou o Suriel em cinzas dentro de um batimento cardíaco.

- Venha. - Helion disse novamente, estendendo a mão. “Vamos levá-la para o acampamento. ” Foi a bondade em sua voz que rachou meu peito. Mas segurei a mão de Helion. Quando uma luz quente estalou no local para nos levar, eu podia jurar que a pilha de cinzas foi agitada por um vento fantasma.

CHAPTER

Helion nos atravessou para o campo. Direto para a tenda de guerra de Rhys. Meu parceiro estava pálido. Sangue e sujeira salpicado, desde de sua pele exposta pela armadura para o seu cabelo. Abri a boca... para perguntar como foi a batalha, para dizer o que tinha acontecido, eu não sei. Mas Rhys apenas estendeu a mão para mim, me dobrou em seu peito. E com o cheiro, o calor e solidez dele... Eu comecei a chorar novamente.

Eu não sabia quem estava na tenda. Quem tinha sobrevivido a batalha. Mas todos eles saíram pela esquerda, enquanto o meu parceiro me segurava, me balançando suavemente, enquanto eu chorei e chorei. Ele só me disse o que tinha acontecido quando minhas lágrimas se acalmaram. Quando ele tinha lavado o sangue negro do Suriel das minhas mãos, do meu rosto.

Eu estava fora da tenda um segundo depois, empurrando através da lama, esquivando-me dos soldados exaustos e cansados. Rhys estava um passo atrás de mim, mas não disse nada enquanto eu empurrava através da abas de outra tenda e fazia uma avaliação do que e quem estava diante de mim.

Mor e Azriel estavam diante da cama, monitorando cada movimento que o curador sentado ao lado deles fazia. Enquanto segurava suas mãos brilhantes sobre Cassian.

Compreendi então, o silêncio, que Cassian tinha mencionado uma vez para mim. Estava agora na minha cabeça enquanto eu olhava para sua lamacenta face - aflita... aflito, mesmo em inconsciência. Ouvi sua respiração difícil, molhada. E vi o corte curvando-se do seu umbigo até a parte inferior do seu esterno. A carne dividida. O sangue -

principalmente apenas um fio.

Eu balancei - somente para ter Rhys me agarrando pelos cotovelos. O curador não se virou para olhar para mim, sua testa enrugada em concentração, mãos queimando com luz branca. Abaixo delas, lentamente, as bordas da ferida alcançaram uma para o outra.

Se fosse o pior de agora - “Como?” Eu perguntei asperamente. Rhys tinha me dito três coisas há pouco: Nós tínhamos ganhado... por pouco. Tarquin tinha decidido novamente o que fazer com todos os sobreviventes. E Cassian tinha sido gravemente ferido.

- Onde você estava? - foi tudo o que Mor disse para mim. Ela estava encharcada, sangrenta, e revestida de lama. Azriel também. Nenhum sinal de lesões para além de pequenos cortes, misericordiosamente. Eu balancei minha cabeça. Eu deixara Rhys em minha mente enquanto ele me segurava. Mostrei-lhe tudo, explicando sobre Ianthe, o Suriel e a Tecelã. O que ele tinha me dito. Os olhos de Rhys ficaram distantes por um momento, e eu sabia que Amren estava em seu caminho, o Livro no reboque. Para ajudar Nestha a controlar o Caldeirão ou tentar. Ele poderia explicar a Mor.

Ele só percebeu que eu tinha ido embora depois que a batalha acabou, quando ele percebeu que Mor tinha estado lutando. E que eu não estava no acampamento mais. Ele tinha acabado de chegar a tenda de Elain quando Helion mandou dizer que ele tinha me encontrado. Usando o dom que possuía que lhe permitia sentir essas coisas. E foi me buscar. Vagas, um breve resumo das informações.



- Será que ele... que ele vai...

Eu não poderia terminar o resto. Palavras haviam se tornado tão estranhas e de difícil acesso, como as estrelas. “Não”, disse o curador sem olhar para mim. “Ele vai estar dolorido por alguns dias, no entanto.” Na verdade, ele tinha começado a tecer ambos os lados da ferida juntos. Bile subiu pela minha garganta com a visão da carne...

- Como? - perguntei novamente.

- Ele não esperou por nós. - Mor disse categoricamente. “Ele continuou tentando cobrir e reformar a linha. Um dos seus comandantes o atingiu. Ele não desistiu. No momento em que Az chegou lá, ele estava para baixo.” O rosto de Azriel era uma pedra fria, assim como seus olhos castanhos fixos implacavelmente sobre aquela ferida sendo costurada. Mor disse de novo: “Onde você foi?”

- Se você está prestes a lutar, - o curador disse rispidamente, “vá para fora. Meu paciente não precisa ouvir isso.” Nenhum de nós se moveu. Rhys passou a mão pelo meu braço.

- Você é, como sempre, livre para ir onde e quando quiser. Mas o que acho que Mor está dizendo é... para tentar deixar uma nota na próxima vez.” As palavras eram casuais, mas tinha pânico em seus olhos. Não, não o medo controlador que Tamlin tinha uma vez sucumbido, mas... genuíno terror de não saber onde eu estava, se eu precisava de ajuda.

Assim como eu gostaria de saber onde ele estaria, se precisava de ajuda, caso ele desaparecesse enquanto nossos inimigos nos cercavam.

- Sinto muito. - Eu disse. Para ele, para os outros. Mor não fez nada além de olhar para mim.

- Você não tem nada que se desculpar. - Rhys respondeu, mão deslizando para o minha bochecha. “Você decidiu levar as coisas em suas próprias mãos, e nos trouxe informações valiosas no processo. Mas...” Seu polegar acariciou minha bochecha.

“Temos tido sorte”, ele respirou. “Mantendo-se um passo à frente, mantendo-se fora das garras de Hybern. Mesmo hoje... hoje não houve tanta sorte no campo de batalha. Mas o cínico em mim pergunta se a nossa sorte está prestes a expirar. E eu preferiria que ela não acabasse com você.”

Todos eles pensavam que eu era jovem e imprudente. *Não*, Rhys disse através do vínculo, e eu percebi que tinha deixado meus escudos abertos. *Acredite, se você soubesse metade da merda que Cassian e Mor ter feito, você ia saber que eles não pensam isso.*

*Eu só... deixe uma nota. Ou me diga da próxima vez.*

*Você teria me deixar ir, se eu tivesse?*

*Eu não a proíbo de fazer qualquer coisa. Ele inclinou para meu rosto, Mor e Azriel olhando para longe. Você é sua própria dona, você faz suas próprias escolhas. Mas nós somos parceiros... eu sou seu, e você é minha. Nós impedimos um ao outro de fazer as coisas, como se ditássemos os movimentos um do outro. Mas... Eu poderia ter insistido que eu fosse com você. Meso que para o meu próprio bem-estar mental, apenas para saber que estava a salvo.*

*Você estava ocupado. O início de um sorriso.*

*Se você fosse teimosa sobre ir para o Oriente, eu teria me desocupado da batalha.*

Eu esperava que ele me repreendesse por não esperar até que estivesse terminado, sobre tudo isso, mas... ele inclinou a cabeça.

- Eu me pergunto se a Tecelã perdoa você agora. - Ele pensou em voz alta. Mesmo o curandeiro parecia tremer com nome... as palavras. Um arrepio percorreu minha espinha. “Eu não quero saber.” Rhys soltou uma risada baixa. “Então não vamos tentar descobrir.” Mas a diversão desapareceu quando ele novamente avaliou Cassian. A ferida que agora estava selada. *O Suriel não foi sua culpa.*

Eu soltei uma respiração quando as pálpebras de Cassian começaram a mexer e vibrar. *Eu sei.* Eu já tinha adicionado a sua morte à minha lista, sempre crescente, de coisas que eu, em breve, faria Hybern pagar. Longos minutos se passaram, e nós ficamos em silêncio.

Eu não perguntei onde Nestha estava. Mor mal me reconheceu. E Rhys... Ele empoleirou-se no pé da cama quando os olhos de Cassian, finalmente abriram, e o General deixou escapar um gemido de dor. “Isso é o que você ganha...” - o curador repreendeu, reunindo seus materiais - “por pisar na frente de uma espada.” Ele franziu a testa para ele.

“Descanse hoje à noite e amanhã. Eu sei melhor, que não adianta insistir em um terceiro dia depois disso, mas tente não pular na frente de lâminas tão cedo.”

Cassian apenas piscou vez aturdido para ele antes de se curvar para Rhys e cair.

“Quão ruim?” - ele perguntou, sua voz rouca.

- Quão ruim foi a sua lesão - Rhys disse suavemente, “ou o quanto nós também tivemos nossos traseiros chutados?” Cassian piscou novamente. Lentamente. Como se todo o sedativo que lhe tinha sido dado ainda o dominasse. “Para responder à segunda questão,” Rhys continuou, Mor e Azriel recuando um passo ou dois quando algo afiado atingiu a voz de meu parceiro - “nós conseguimos. Keir teve muitas baixas, mas... nós vencemos. Mal. Para responder à primeira...” Rhys mostrou os dentes. “Você nunca puxe esse tipo de merda de novo.” O sedativo desgastou fora dos olhos de Cassian quando ouviu o desafio, a raiva, e tentou sentar-se. Ele assobiou, franzindo a testa para baixo, para a fatia de vermelho raivoso no peito. “Suas vísceras estavam pendurados para fora, seu estúpido idiota”, Rhys retrucou. “Az segurou-as para você.”

De fato, as mãos do encantador de sombras tinham sangue de Cassian se solidificando. E seu rosto... frio com... raiva. “Eu sou um soldado”, Cassian disse categoricamente. “É parte do trabalho.”

- Eu lhe dei uma ordem para esperar. - Rhys grunhiu. “Você ignorou. ” Eu olhei para Mor, a Azriel... a pergunta silenciosa para saber se devemos permanecer. Eles estavam muito ocupados assistindo Rhys e Cassian para notar.

- A linha estava quebrando. - Cassian replicou. “Seu pedido era besteira. ”

Rhys apoiou as mãos em ambos os lados das pernas de Cassian e rosnou na cara dele: “Eu sou o seu GrãoSenhor. Você não começa a ignorar as ordens que você não gosta.” Cassian sentou-se, desta vez,

xingando a dor persistente em seu corpo.

- Você não puxe esse título só porque está chateado-”

- Você e sua teatralidade maldita no campo de batalha quase te mataram.” E assim que Rhys cuspiu as palavras... era pânico, mais uma vez, em seus olhos. A voz dele. “Eu não estou chateado. Estou furioso.”

- Então, você está autorizado a ficar louco sobre nossas escolhas para protegê-lo e não estamos autorizados a ficar furiosos com você por suas besteiras de autosacrifício?

Rhys apenas olhou para ele. Cassian olhou de volta. “Você poderia ter morrido”, foi tudo que Rhys disse, com a voz rouca. “Então, você pode.” - Outro momento de silêncio e nesse momento, a raiva mudou. Rhys disse calmamente: “Mesmo depois de Hybern... eu não tenho estômago para isso.” Vê-lo ferido. Qualquer um de nós machucados. E a maneira como Rhys falou, a maneira que Cassian se inclinou para frente, encolhendo-se de novo, e segurou o ombro de Rhys... Eu sai da tenda. Deixa-os conversar. Azriel e Mor seguiram atrás de mim.

Eu olhava os últimos fios de luz antes da verdadeira escuridão surgir. Quando minha visão ajustou... Nestha estava ao lado da tenda mais próxima, um balde de água vazio entre seus pés. Seu cabelo, uma bagunça úmida sobre sua cabeça, salpicado de lama. Nos observando surgir, com uma face desagradável - "Ele está bem. Curado e acordado.” - Eu disse rapidamente. Os ombros de Nestha cederam um pouco. Ela me salvou do trabalho de caça-la para lhe perguntar sobre o andamento do Caldeirão. Melhor fazê-lo agora, com um pouco de privacidade. Especialmente antes que Amren chegasse.

Mas Mor disse friamente: “Você não deveria estar recarregando esse balde?”

Nestha ficou rígida. Avaliou Mor. Mas Mor não vacilou daquele olhar. Depois de um momento, Nestha pegou o balde, lama endurecida até suas canelas, e continuou, passos duros. Virei-me, encontrando Azriel caminhando para a barraca dos comandantes, mas Mor - lívida. Ela estava absolutamente lívida quando me encarou.

- Ela não se preocupou em dizer a ninguém que você saiu.” Daí a raiva. “Nestha é muitas coisas, mas ela é certamente leal.” Mor não sorriu. Não quando ela disse, “Você mentiu.” Ela investiu para sua própria tenda, e com esse comentário... Eu não tinha escolha a não ser segui-la. O espaço foi ocupado principalmente com sua cama e uma pequena mesa repleta de armas e mapas.

- Eu não menti. - Eu disse, estremeando. “Eu só... não disse o que planejava fazer.”

Ela se abriu para mim.

- Você me cutucou para deixá-la, insistindo que você estaria segura no acampamento.

- Sinto muito. - Eu disse.

- Desculpa? Desculpe? - Ela abriu os braços. Pedacos de lama voaram. Eu não sabia o que fazer com o meu próprio corpo até olhar nos olhos dela. Eu a tinha visto louca antes, mas nunca... nunca comigo. Eu nunca tive um amigo para discutir... que se importava o suficiente. “Eu sei tudo o que você está prestes a dizer, cada desculpa para por que eu não poderia ir com você”, Mor estalou. “Mas nada disso é desculpa para ter mentido para mim. Se você tivesse explicado, eu teria que deixá-la ir... se você tivesse confiado

em mim, eu teria a deixado ir. Ou talvez falado que era uma idéia idiota que poderia matar você. Eles estão caçando você. Eles querem colocar as mãos em você e usá-la. Machucar você. Você viu apenas uma amostra do que Hybern pode fazer, o que os deliciam. E para quebrar a sua vontade, o rei vai fazer pouco.”

Eu não sabia o que dizer para além de, “Precisávamos desta informação.”

- Claro que nós precisamos. Mas você sabe o que é olhar nos olhos Rhys e dizer-lhe que eu não tinha idéia de onde você estava? Para dizer a ele, que você tinha desaparecido, e provavelmente me enganado em permitir...” Ela esfregou o rosto sujo, espalhando a lama ainda mais. “Eu pensei que você fosse mais esperta do que isso. Melhor do que esse tipo de coisa.”

As palavras enviaram uma linha de fogo ardente por toda a minha visão, queimando minha espinha. “Eu não vou ouvir isso.” Virei-me para sair, mas Mor já estava lá, segurando meu braço.

- Oh, sim, você é. Rhys pode ser todos os sorrisos e perdão, mas você ainda tem que nos responder. Você é minha Grã-Senhora. Você entende o que isso significa, o que implica quando não confia em nós para ajudá-la? Para respeitar os seus desejos se você quiser fazer algo sozinha? Quando você mente para nós?”

- Você quer falar sobre a mentira? - Eu nem sabia o que saiu da minha boca. Eu gostaria de ter matado Ianthe mim mesmo, só para livrar a raiva que se contorcia ao longo dos meus ossos. “Como sobre o fato de que você mente para si mesmo e todos nós todos os dias?” Ela ficou imóvel, mas não afrouxou seu aperto no meu braço.

- Você não sabe o que você está falando.

- Por que você nunca fez um movimento para Azriel, Mor? Por que você convidou Helion para sua cama? Ficou claro que não tem prazer nisso... vi o jeito que você ficou no dia seguinte. Portanto, antes de me acusar de ser um mentirosa, eu sugiro que você olhe para si mesmo longa e duramente-

- Isso é o suficiente.

- É? Não gosta de alguém empurrando-a sobre isso? Sobre suas escolhas? Bem, nem eu.

Mor soltou meu braço. “Saia.”

- Tudo bem. - Eu não olhei para trás quando saí. Eu me perguntei se ela podia ouvir meu coração estrondoso com cada passo duro que dei enquanto cruzei o campo lamacento. Amren me encontrou dentro de vinte passos, um pacote envolto em seus braços. “Parece que toda vez que vocês me deixam em casa, alguém consegue ser eviscerado.”

CHAPTER

Eu não poderia me fazer sorrir para Amren. Eu mal conseguia manter meu queixo erguido.

Ela olhou atrás de mim, como se pudesse ver o caminho que eu tinha tomado a partir da tenda de Mor, cheirando a luta em mim. “Tenha cuidado”, advertiu Amren quando segui ao lado dela, indo para nossa barraca de novo - “, de como você a empurra.

Existem algumas verdades que mesmo a Morrigan não permite a si mesma enfrentar. “

A raiva quente foi rapidamente escoada para algo frio, enjoado e pesado. “Todos nós brigamos de vez em quando, menina”, disse Amren. “Ambos devem arrefecer os calcanhares. Fale amanhã.”

- Tudo bem. - Amren me lançou um olhar penetrante, seu cabelo balançando com o movimento, mas tínhamos chegado a minha tenda. Rhys e Azriel estavam segurando Cassian entre eles enquanto gentilmente o colocavam em uma cadeira na recepção com papéis espalhados. O rosto do General ainda estava acinzentado, mas alguém tinha encontrado uma camisa para ele e lavado o sangue.

Pela maneira que Cassian caiu naquele assento... Ele deve ter insistido vir. E da forma como Rhys levemente despenteou o cabelo dele enquanto caminhava para o outro lado da mesa... essa ferida, também, foi remendada. Rhys levantou uma sobrancelha quando entrei, ainda pisando um pouco duro. Eu balancei minha cabeça. *Eu vou te dizer mais tarde.* A carícia de garras na minha barreira, um toque reconfortante, mais íntimo.

Amren colocou o livro sobre a mesa com um baque que ecoou na terra sob os nossos pés.

- A segunda e penúltima páginas. - Eu disse, tentando não vacilar com o poder do Livro deslizando pela tenda. “O Suriel afirmou que a chave que você procura está aí. Para anular o poder do Caldeirão. “ Presumi que Rhys havia dito Amren o que tinha ocorrido e assumi que ele tinha dito a alguém para buscar Nestha, desde que ela empurrou as abas pesadas um momento depois.

- Você os trouxe? - Rhys perguntou a Amren quando Nestha silenciosamente se aproximou da mesa. Ainda revestida de lama até suas canelas, minha irmã parou do outro lado da tenda de onde Cassian agora sentava-se. Olhou para ele. Seu rosto não revelou nada, mas suas mãos... eu podia jurar um leve tremor percorreu seus dedos antes que ela fechasse os punhos e enfrentasse Amren. Cassian a olhou por um longo momento antes de virar a cabeça para Amren também. Quanto tempo Nestha ficou no topo daquela colina, observando a batalha? Ela tinha visto ele cair? Amren enfiou a mão no bolso de sua capa de estanho e jogou um saco de veludo negro sobre a mesa. Ele estalou e clicou quando atingiu a madeira.

- Ossos e pedras. - Nestha unicamente inclinou a cabeça com a visão do saco.

*Sua irmã veio imediatamente quando eu expliquei o que precisávamos,* disse Rhys.

Eu acho que vendo Cassian ferido a convenceu de não comprar uma briga hoje. Ou convenceu minha irmã para comprar uma briga com alguém completamente diferente.

Nestha levantou o saco.

- Então, eu espalho estes como alguns charlatões de beco e vão encontrar o Caldeirão? - Amren soltou uma risada baixa.

- Algo assim. - Arcos de lama estavam sob as unhas de Nestha. Ela não pareceu notar quando desatou a pequena bolsa e despejou seu conteúdo. Três pedras, quatro ossos.

Os últimos eram castanhos e brilhavam com a idade; as primeiras eram brancas como a lua e lisas como vidro, cada uma marcada com uma letra fina, esganiçada que eu não reconheci.

- Três pedras para os rostos da Mãe, - Amren disse ao ver as sobrancelhas erguidas de Nestha - “quatro ossos... por qualquer motivo que os charlatões falaram que eu não posso me incomodar em lembrar. ” Nestha bufou. Rhys ecoou o sentimento. Minha irmã disse: - Então, o que... eu apenas os sacudo em torno de minhas mãos e jogo-os? Como eu não vejo sentido em nada disso?

- Podemos descobrir isso. - Disse Cassian, sua voz áspera e cansado. “Mas comece com pegando-os em suas mãos e pensando... sobre o Caldeirão. ”

- Não basta pensar sobre isso. - Amren corrigiu. “Você deve converter sua mente em direção a ele. Encontre o vínculo que os liga. “ Mesmo eu parei com isso. E Nestha, pedras e ossos agora na mão... ela não fez nenhum movimento para fechar os olhos.

- Eu... eu devo... tocá-lo?

- Não. - Amren advertiu. “Basta chegar perto. Encontre-o, mas não interaga.”

Nestha ainda não se moveu. Ela não podia usar a banheira, ela me disse. Porque as memórias a arrastavam para cima. Cassian disse a ela: “Nada pode prejudicá-la aqui. ”

Ele respirou, gemendo baixinho, e levantou-se. Azriel tentou impedi-lo, mas Cassian o empurrou e caminhou para o lado da minha irmã. Apoiou uma mão sobre a mesa quando ele finalmente parou. “Nada pode prejudicá-la” - ele repetiu. Nestha ainda estava olhando para ele quando ela finalmente fechou os olhos. Eu me mexi, e o ângulo permitiu-me ver o que eu não tinha percebido antes. Nestha de pé diante do mapa, um punho de ossos e pedras cerrados sobre ele.

Cassian permaneceu em seu lado - sua outra mão em sua parte inferior das costas.

E fiquei maravilhada com o toque que ela se permitiu, tão maravilhada com isso quanto com a mão suja de lama que ela estendeu. A concentração que caiu sobre seu rosto. Seus olhos movendo-se sob as pálpebras, como se digitalizasse o mundo. “Eu não vejo nada.

”

- Vá mais profundo. - Amren pediu. “Encontre essa corda entre vocês. ” Ela endureceu, mas Cassian chegou mais perto, e ela se estabeleceu novamente. Um minuto se passou. Em seguida, outro. Um músculo se contraiu na testa de Nestha. Sua mão balançava. Sua respiração então ficou rápida e forte, seus lábios curvando-se para trás enquanto ela ofegava por entre os dentes.

- Nestha. - Cassian advertiu.

- Quietos. - Amren estalou. Um pequeno ruído saiu dela e um de terror. “Onde ele está, menina? ” Amren persuadiu. “Abra sua mão. Deixe-nos ver.”

Os dedos de Nestha seguraram mais apertado, o branco de seus dedos tão gritante quanto as pedras mantidas dentro deles. Tudo o que ela fez a levou muito profundo... eu me lancei para ela. Não fisicamente, mas com a minha mente.

Se os portões mentais de Elain eram as de um jardim para dormir, os de Nestha...

eles pertenciam a uma antiga fortaleza, afiada e brutal. O tipo que imaginei um dia ter pessoas empaladas em cima. Mas eles estavam abertos. E dentro... escuro. Escuro como eu nunca tinha visto, mesmo com Rhysand. *Nestha*. Dei um passo em sua mente. A imagem bateu em mim. Uma após a outra, eu as vi.

O exército que se estendia no horizonte. As armas, o ódio, o tamanho.

Eu vi o rei de pé sobre um mapa em uma tenda de guerra, ladeado por comandantes, Jurian e outros, o Caldeirão apoiado no centro da sala por trás deles. E havia Nestha. De pé naquela tenda, observando o rei, o Caldeirão. Congelada no lugar. Com medo não diluído.

*Nestha*. Ela não pareceu me ouvir enquanto olhava para eles. Peguei a mão dela.

*Você achou. Eu posso ver onde ele está.* O rosto de Nestha parecia sem nenhuma gota de sangue. Mas ela finalmente arrastou sua atenção para mim.

*Feyre*. Surpresa acendeu nos olhos arregalados de terror.

*Vamos voltar*, eu disse. Ela assentiu, e viramos. Mas sentimos... ambas fizemos.

Não o rei ou os seus comandantes de plotagem com ele. Não Jurian enquanto jogava seu jogo mortal de traição. Mas o Caldeirão. Como se alguma grande besta que estava dormindo abrisse um olho.

O Caldeirão pareceu nos sentir assistindo. Nos sentiu lá. Eu senti a agitação... como seria lançada para Nestha. Peguei minha irmã e corri. *Abra o seu punho*, eu pedi enquanto nós corríamos para os portões de ferro da sua mente.

*Abra-o agora*. Ela só ofegava, e que a força monstruosa cresceu atrás de nós, uma onda negra subindo. *Abra-o agora, ou ele vai entrar aqui. Abra-o agora, Nestha!* Eu ouvi as palavras quando me joguei para fora de sua mente... ouvi-me, porque eu estava gritando naquela tenda. Com um suspiro, os dedos de Nestha espalharão amplamente, despejando pedras e ossos sobre o mapa. Cassian pegou com um braço em torno da sua cintura, enquanto ela balançava. Ele vaiou de dor com movimento.

- Que diabos-

- Olha - Amren sussurrou. Não havia chance que isso poderia ser feito – exceto por alguém abençoado por magia. As pedras e ossos formaram um círculo perfeito e fechado em torno de um ponto no mapa. Nestha e eu ficamos pálidas. Eu já tinha visto o tamanho desse exército... nós duas vimos.

Hybern estava dirigindo-nos para o norte, deixando-nos persegui-los nestas duas batalhas... Enquanto o rei acumulava o seu exército ao longo da borda ocidental do território humano. Talvez não mais de uma

centena de milhas de propriedade de nossa família.

Rhys chamou Tarquin e Helion para mostrar-lhes o que tinha sido descoberto.

Muito pouco. Tínhamos muitos poucos soldados, mesmo com três exércitos aqui, para ser o anfitrião. Eu tinha mostrado a Rhysand o que tinha visto e ele mostrou para os outros.

- Kallias chegará em breve. - Disse Helion, arrastando as mãos pelos cabelos de ônix.

- Ele teria que trazer quarenta mil soldados. - Disse Cassian. “Eu duvido que ele tenha metade disso.” Rhys estava olhando e olhando para aquele aglomerado de pedras e ossos no mapa. Eu podia sentir a ira ondulando fora dele, não apenas por Hybern, mas por não pensar que Hybern poderia estar deliberadamente brincando conosco.

Posicionando-nos aqui. Nós tínhamos ganhado o terreno, ganhando estas duas batalhas...

e Hybern havia vencido o terreno para ganhar nesta guerra.

Ele sabia o que esperava no Oriente. E Hybern tinha agora nos obrigado a nos reunirmos aqui, neste ponto... para que ele e seu exército gigante pudessem nos conduzir para o norte. Uma varredura limpa a partir do Sul, acabaria nos levando para o Oriente ou forçando-nos a quebrar para evitar o emaranhado letal de árvores e seus habitantes. E

se tentássemos uma batalha contra eles... podíamos cortejar a morte.

Nenhum de nós era tolo o suficiente para arriscar a construção de quaisquer planos em torno de Jurian, independentemente de onde sua verdadeira lealdade estava. Nossa melhor chance era a compra de tempo para outros aliados chegarem. Kallias. Thesan.

Tamlin tinha escolhido ficar atrás nesta guerra. E mesmo se ele tivesse escolhido Prythian, ele teria sido deixado com o problema de reunir uma força na Corte Primavera depois de eu ter destruído sua fé nele. E Miryam e Drakon... *não havia tempo suficiente*, Rhys me disse. *Para caçar por eles, encontrá-los, e trazer de volta o seu exército. Poderíamos voltar a encontrar Hybern limpando nosso próprio exercito fora do mapa.*

Mas havia o Entalhador... se eu me atrevesse ao risco de recuperar seu prêmio. Eu não mencionei isso, não o ofereci. Não até que eu pudesse saber ao certo, até que eu não esteja prestes a desmaiar de exaustão.

- Nós vamos descansar e pensar sobre isso. - Disse Tarquin, soprando para fora uma respiração. “Na madrugada de amanhã. Tomar uma decisão depois de um longo dia nunca ajudou ninguém.” Helion concordou, e atravessou para fora. Era difícil não olhar, para comparar seus traços com os de Lucien. Seu nariz era o mesmo, assustadoramente idênticos. Como ninguém nunca o reconheceu? Eu supunha que era a menor das minhas preocupações.

Tarquin franziu a testa para o mapa uma última vez e declarou: “Nós vamos encontrar uma maneira de enfrentar isso.” Rhys balançou a cabeça, enquanto a boca de Cassian se curvaram para o lado. Ele deslizou para trás em sua cadeira para uma discussão, e agora abasteci uma xícara de alguma bebida de cura que Azriel tinha buscado para ele. Tarquin se virou para mesa, assim quando as abas da tenda se



separaram por um par de ombros largos - Varian.

Ele não fez mais do que olhar para o seu GrãoSenhor, seu foco foi direto para onde Amren estava sentada à cabeceira da mesa. Como se tivesse percebido só agora que ela estava aqui, ou alguém tinha o relatado. E ele viera correndo.

Os olhos de Amren desviaram-se do livro quando Varian inrrompeu. Um sorriso tímido em seus lábios vermelhos. Ainda havia sangue e sujeira espalhados na pele marrom da Varian, revestindo a sua armadura de prata e contrastando seu cabelo curto branco. Ele não pareceu notar ou se importar enquanto caminhava para Amren.

E nenhum de nós se atreveu a falar quando Varian caiu de joelhos diante da cadeira de Amren, tomou seu rosto chocado em suas mãos grandes, e beijou-a profundamente.

CHAPTER

Nenhum de nós ficou muito tempo depois do jantar. Amren e Varian nem sequer se preocuparam em se juntar a nós. Não... ela tinha acabado envolvendo as pernas ao redor de sua cintura, logo ali, na frente de nós, e ele ficou de pé, levantando-a em um movimento rápido. Eu não estava inteiramente certa de como Varian conseguiu caminhar com eles para fora da tenda, enquanto ainda a beijava, as mãos de Amren arrastando pelo seu cabelo, deixando ruídos que eram irritantemente como um ronronado quando desapareceram no acampamento.

Rhys tinha soltado uma risada baixa quando todos nós ainda estávamos boquiabertos olhando seu rastro. “Eu suponho que é como Varian decidiu que ele iria dizer Amren que ele estava sentindo-se um pouco grato por ela nos ordenar ir para Adriata. ”

Tarquin se encolheu. “Vamos alternar quem terá que lidar com eles nas férias. ”

Cassian riu com a voz rouca, e olhou para Nestha, que permaneceu pálida e quieta. O que ela tinha visto, o que eu tinha visto em sua mente... O tamanho desse exército...

- Comer ou dormir? - Cassian tinha perguntado a Nestha, e eu honestamente não poderia dizer se ele quis dizer isso como algum convite. Eu me debati em dizer que ele não estava em forma.

Nestha disse apenas: “Cama”. E certamente não havia convite na resposta esgotada.

Rhys e eu conseguimos comer, calmamente discutindo o que nós tínhamos visto.

Exaustão ponderava cada respiração minha, e eu mal tinha terminado o meu prato de cordeiro assado antes que rastejasse na cama e desmaiasse em cima dos cobertores. Rhys me acordou só para puxar as minhas botas e jaqueta.

Amanhã de manhã. Nós descobriríamos como lidar com tudo amanhã de manhã.

Eu ia falar com Amren sobre finalmente reunir Bryaxis para nos ajudar a acabar com o exército. Talvez houvesse alguma outra coisa que não estávamos vendo. Alguns tiros adicionais para a salvação além daquele feitiço de anulação. Meus sonhos foram um jardim emaranhado, espinhos enrolando em mim enquanto tropeçava através deles.

Sonhei com o Suriel, sangrando e sorrindo.

Sonhei com a boca aberta da Tecelã rasgando Ianthe enquanto ela ainda gritava.

Sonhei com Lord Graysen, tão mortal e jovem, de pé na beira do campo, acenando para Elain. Dizendo-lhe que tinha vindo por ela. Para voltar para casa com ele. Que tinha encontrado uma maneira de desfazer o que tinha sido feito para ela, para fazê-la humana novamente.

Sonhei com o Caldeirão na tenda do rei de Hybern, tão escuro e adormecido...

despertando quando Nestha e eu estávamos ali, invisíveis. Como ele tinha visto através.

Reconhecido a nós. Eu podia senti-lo me observando, mesmo agora. Nos meus sonhos.

Sinta-o estender uma antiga gavinha negra para mim .

- Eu sacudidi acordada. O corpo nu de Rhys estava enrolado em torno meu, seu rosto se suavizando com o sono. Na escuridão da tenda, eu escutei. A crepitação do fogo lá fora. Os murmúrios sonolentos dos soldados para o relógio. O gemido do vento ao longo das barracas de lona, estalando nas bandeiras coroadas. Olhei para o escuro, ouvindo. A pele dos meus braços arranhando.

- Rhys.

Ele ficou imediatamente sentado... acordando. “O que é isso? ”

- Alguma coisa... - eu escutei tão duro, com minhas orelhas tensas. “Algo está aqui.

Algo está errado. ” Ele se moveu, puxando as calças e uma adaga. Eu fiz o mesmo, ainda tentando ouvir, dedos tropeçando nas fivelas.

- Sonhei - eu sussurrei. “Eu sonhei com o Caldeirão... que ele estava assistindo novamente. ”

- Merda. - A palavra era um silvo de respiração.

- Acho que abrimos uma porta - eu respirei, empurrando meus pés em minhas botas.

“Eu acho... Eu acho...” Eu não consegui terminar a frase enquanto eu corria para as abas da tenda, Rhys nos meus calcanhares. Nestha. Eu tinha que encontrar Nestha – o cabelo castanho dourado brilhou à luz do fogo, e ela já estava lá, correndo para mim, ainda de camisola.

- Você ouviu isso, também - ela ofegava. Ouvir, eu não podia ouvir, apenas sentir...

a pequena figura de Amren correu em torno de uma das tendas, usando o que parecia ser a camisa de Varian. Ela ia até os joelhos, e seu proprietário estava realmente atrás dela, com o peito nu como Rhys estava, e com os olhos arregalados.

Os pés descalços de Amren ficaram salpicados de lama e grama. “Ele veio aqui, o seu poder. Eu posso senti-lo deslizando ao redor. Olhando.”

- O Caldeirão - Varian disse, sobranceiras estreitando. “Mas, é consciente?”

- Nós cavamos muito profundo. - disse Amren. “Batalha de lado, ele sabe onde estamos, tanto quanto sabemos agora sua localização.”

Nestha levantou a mão. “Ouça.” Eu ouvi em seguida. Era uma canção e um convite, um conjunto de notas cantadas por uma voz que era do sexo masculino e feminino, jovens e velhas, assombrando e... seduzindo.

- Eu não consigo ouvir nada. - Disse Rhys.

- Você não foi feito. - Amren estalou. Mas nós fomos. Três de nós... mais uma vez, o Caldeirão cantou seu canto de sereia. Meus ossos recuaram.

- O que ele quer? – Eu o senti se afastando, o senti escorregar para a noite. Azriel saiu de uma sombra.

- O que é isso? - ele assobiou. Minhas sobrancelhas subiram.

- Você ouve isso? - Um aceno de cabeça.

- Não, mas as sombras, o vento... eles recuaram. - O Caldeirão cantou novamente.

Distante, atrativo.

- Eu acho que está indo. - Eu sussurrei. Cassian tropeçou e cambaleou para nós um momento depois, uma mão apoiada no peito, Mor em seus calcanhares. Ela não fez mais do que olhar para mim, e eu a ela, quando Rhys disse a eles o que houve.

De pé juntos na calada da noite... o Caldeirão cantou uma última nota, então ficou em silêncio. A presença, o peso... desapareceu. Amren soltou um suspiro. “Hybern sabe onde estamos agora. O Caldeirão provavelmente queria ter um olhar para si mesmo.

Depois que provocamos isso.”

Esfreguei meu rosto. “Vamos orar para que essa seja a última vez que vemos ele.”

Varian inclinou a cabeça.

- Então vocês três... porque vocês foram feitas, podem ouvi-lo? Sentir isso?

- Parece que sim. - Disse Amren, parecendo inclinada a puxar-lo de volta para onde eles tinham estado, para terminar o que eles tinham, sem dúvida, ainda no meio de fazer.

Mas Azriel, pediu suavemente: - Que tal Elain?

Algo frio passou por mim. Nestha estava apenas olhando para Azriel. Olhando e encarando... então ela começou a correr. Seus pés descalços deslizaram pela lama, me salpicando quando corriamos para a tenda de nossa irmã.

- Elain... - Nestha empurrou a tenda. Ela parou tão rápido que bati nela. A tenda...

a tenda estava vazia. Nestha atirou-se para dentro, jogando fora cobertores, como se Elain, de alguma forma tivesse afundado no chão. “Elain! ” Virei-me para o campo, examinando as tendas nas proximidades.

Um olhar para Rhys transmitiu o que tínhamos encontrado dentro. Uma lâmina Illyriana apareceu em sua mão antes que ele atravessasse. Azriel apareceu ao meu lado, à direita da tenda onde Nestha havia caído em seus pés. Ele fechou suas asas firmemente quando passou através do espaço estreito, ignorando o grunhido de advertência de Nestha, e ajoelhou-se na cama. Ele passou a mão cicatrizada ao longo dos cobertores amarrotados.

“Eles ainda estão quentes. ” Lá fora, Cassian estava latindo ordens, agitando o acampamento.

- O Caldeirão... - eu sussurrei. “O Caldeirão foi desaparecendo para o curso de algum lugar-” Nestha já estava em movimento, correndo para onde nós tínhamos ouvido aquela voz. Atraindo Elain para fora. Eu sabia como ele tinha feito isso. Eu sonhara com isso. Graysen de pé na beira do campo, chamando ela, prometendo lhe amor e cura.

Chegamos ao bosque de árvores na beira do campo, assim que Rhys apareceu, sua lâmina agora embainhada em suas costas. Havia algo em suas mãos. Nenhuma emoção em seu rosto cuidadosamente neutro. Nestha soltou um som que poderia ter sido um soluço quando percebi o que ele tinha encontrado na borda da floresta.

O que o Caldeirão tinha deixado para trás em sua pressa de voltar ao campo de guerra de Hybern. Ou como um presente de zombaria. O manto azul escuro de Elain, ainda quente do seu corpo.

CHAPTER

Nestha sentou-se com a cabeça entre as mãos dentro da minha tenda. Ela não falou, não se mexeu. Enrolada em si mesma, agarrando-se para ficar inteira é o que seu olhar dizia. Como eu me sentia.

Elain foi levada para o exército de Hybern. Nestha havia roubado algo vital do Caldeirão. E naqueles momentos que Nestha o caçou para nós... o Caldeirão percebeu o que era vital para ela.

Assim, o Caldeirão tinha roubado algo em troca.

- Nós vamos trazê-la de volta. - Cassian disse de onde ele estava sentado no braço da chaise ao longo da área de estar pequena, observando-a com cuidado. Rhys, Amren, e Mor estavam reunidos com os outros Gão-Senhores, informando-os do que tinha acontecido. Ver se eles sabiam alguma coisa. Se tinham alguma forma de ajudar.

Nestha baixou as mãos, erguendo a cabeça. Seus olhos estavam vermelhos, lábios comprimidos. “Não, você não vai. ” Ela apontou para o mapa sobre a mesa. “Eu vi o exército. O tamanho dele. Eu vi, e não há nenhuma chance de qualquer um de vocês entrar em seu coração. Mesmo você...” - ela adicionou quando Cassian abriu a boca novamente.

“Especialmente quando você está ferido.”

E o que Hybern faria para Elain, o que já poderia estar fazendo... Das sombras perto da entrada da tenda, Azriel disse, como que em resposta a algum debate tácito: “Eu estou trazendo-a de volta.”

Nestha deslizou seu olhar para o encantador de sombras. Os olhos castanhos de Azriel brilhavam como ouro nas sombras. Nestha disse: “Então você vai morrer.”

Azriel unicamente repetiu, com olhar refletindo raiva, “Eu estou trazendo-a de volta.” Com as sombras, ele pode ter uma chance de se esconder. Mas haviam feitiços a considerar, a antiga magia do rei, e a magia do Caldeirão...

Por um momento, eu vi aquele conjunto de tintas que Elain uma vez me comprou com o dinheiro extra que ela tinha guardado. O vermelho, amarelo e azul que eu tinha saboreado, usado para pintar a cômoda na nossa casa. Eu não tinha pintado em anos naquele ponto, não ousara gastar o dinheiro comigo... Mas Elain tinha.

Eu fiquei de pé. Encontrei o olhar irado de Azriel. “Eu vou com você”, eu disse.

Azriel unicamente assentiu. “Você nunca vai se afastar longe o suficiente do campo”, Cassian advertiu. “Eu estou indo por terra pela direita. ” E quando eles estreitaram suas sobranças, eu me transformei. Não um glamour, mas uma verdadeira mudança de características. “Merda”, Cassian sussurrou quando eu terminei.

Nestha levantou-se. “Eles já deve saber que ela está morta.” Para eles eu seria o rosto de Ianthe, seu cabelo, que agora possuía. Estava quase drenada, o que restava da minha magia esvaziou. Nada mais... eu não teria o suficiente para manter seus traços no lugar. Mas havia outras maneiras. Rotas. Para o resto do

que eu precisava.

- Eu preciso de um de seus Sifões. - Eu disse a Azriel. O azul era um pouco mais profundo, mas à noite ... eles podem não notar a diferença.

Ele estendeu a mão, uma pedra azul plana redonda aparecendo nela, e atirou-a para mim. Eu passei meus dedos ao redor da pedra quente, o seu latejante poder pulsando em minhas veias como um batimento cardíaco sobrenatural, olhei para Cassian. “Onde está o ferreiro?”

O ferreiro do acampamento não fez nenhuma pergunta quando eu entreguei os castiçais de prata da minha tenda e o sifão de Azriel. Quando lhe informei sobre o modelo de diadema que queria. Fez imediatamente.

Um ferreiro mortal poderia ter levado um tempo, dias. Mas um Feérico... No momento em que ele terminou, Azriel tinha ido para a sacerdotisa do acampamento e pegado um conjunto de reposição de suas vestes. Talvez não seja idêntico ao de Ianthe, mas perto o suficiente. Como GrãSacerdotisa, ninguém se atreveria a olhar muito de perto. Perguntar.

Eu tinha acabado de encaixar o aro no topo da minha cabeça, quando Rhys entrou em nossa tenda. Azriel estava afiando a reveladora da verdade com foco incansável, Cassian afiando as armas que eu estava para prender sob o manto... em cima dos couros Illyrianos.

- Ele vai sentir o seu poder. - Eu disse a Rhys antes que ele pudesse falar.

- Eu sei. - Rhys disse com voz rouca. E eu percebi... entendi que os outros GrãoSenhores tinham decidido por não fazer nada. Minhas mãos começaram a tremer. Eu sabia das probabilidades. Sabia o que eu iria enfrentar lá dentro. Eu tinha visto isso pela mente de Nestha horas atrás.

Rhys fechou a distância entre nós, segurando minhas mãos. Olhando para mim, e não para o rosto de Ianthe, como se ele pudesse ver a alma por baixo. “Há proteções ao redor do acampamento. Você não pode atravessar. Você tem que andar para dentro e fora.

Então você pode atravessar de volta para cá. ”

Eu balancei a cabeça. Ele deu um beijo na minha testa. “Ianthe usou suas irmãs”, disse ele, sua voz voltando a ser afiada e dura. “É justo que você use-a para obter Elain de volta.”

Ele agarrou os lados do meu rosto, trazendo-nos cara a cara. “Não se distraia. Não demore. Você é uma guerreira, e guerreiros sabem quando escolher suas lutas.” Eu balancei a cabeça, misturando nossas respirações. Rhys grunhiu. “Eles pegaram o que é nosso. E nós não permitiremos que esses crimes fiquem impunes.” Seu poder ondulou e girou em torno de mim. “Você não teme”, Rhys respirou. “Você não vacila. Você não cede. Você entra, você pegue-a, e você saia de novo.”

Eu balancei a cabeça novamente, segurando seu olhar. “Lembre-se que você é um lobo. E você não pode ser enjaulado.” Ele beijou minha testa mais uma vez, meu sangue rugindo e fervendo em mim, uivando para tirar sangue. Comecei a afivelar as armas que Cassian tinha alinhado em fileiras sobre a mesa, Rhys me ajudar com as alças e loops, posicionando-os de modo que não seriam visíveis sob meu manto. A única que eu não poderia encaixar seria a espada llyriana, não havia maneira de escondê-la e ser capaz

de desembainha-la facilmente. Cassian me deu uma adaga extra para compensar a sua ausência.

- Você garanta que ela entre e saia novamente, encantador de sombras”, disse Rhys para Azriel enquanto eu caminhava para o lado do espião, me acostumando a sensação do peso das armas e o fluxo do pesado manto. “Eu não me importo quantos deles você tem que matar para fazê-lo. Ambos tem que sair.”

Azriel deu um aceno firme, estável. “Eu juro, GrãoSenhor.” As palavras formais, títulos formais. Segurei a mão cheia de cicatrizes de Azriel, o peso de seu sifão pressionando em minha testa através da capa. Olhamos para Rhys, de Cassian e Nestha, e Mor a direita, quando ela apareceu, sem fôlego, entre as abas da barraca. Seus olhos foram para mim, então o encantador de sombras, e queimaram com choque e medo mas estávamos indo. A brisa escura de Azriel era diferente de Rhys. Mais fria. Trapaceira. Ele atravessou o mundo como uma lâmina, espetando-nos em direção a esse acampamento do exército.

A noite ainda estava presente, o amanhecer talvez a duas horas de distância, quando ele nos pousou em uma floresta densa no topo de uma colina, com vista para os arredores do acampamento poderoso.

O rei tinha usado os mesmos feitiços que Rhys tinha colocado ao redor de Velaris e nossas próprias forças. Feitiços para escondê-lo de vista, e dissipar as pessoas que chegavam muito perto.

Nós saímos de dentro deles, graças a especificidades de Nestha. Com uma vista perfeita da cidade de soldados que se esparrava fora para a noite.

Fogueiras queimado, tão numerosas quanto as estrelas. Bestas estalavam e rosnavam, puxando coleiras e correntes. Isso que o exército era, um terror de cócoras para beber a vida da terra.

Azriel silenciosamente desapareceu na escuridão, até que ele era minha própria sombra e nada mais. Alisei o manto pálido da sacerdotisa, ajustei o diadema sobre minha cabeça, e comecei a fazer meu caminho descendo a colina.

Para o coração do exército de Hybern.



# CHAPTER

## 65

O primeiro teste seria o mais perigoso e informativo.

Passar pelos guardas estacionados na beira do campo e descobrir se eles tinham ouvido falar da morte de Ianthe. Aprender que tipo de poder Ianthe realmente exercia aqui.

Eu mantive meus recursos em que máscara beatífica, a mesma que ela sempre teve estampada no rosto, cabeça erguida, o meu anel de casamento virado para baixo e colocado na outra mão, algumas pulseiras de prata que Azriel tinha pego emprestadas da sacerdotisa do acampamento penduradas nos meus pulsos. Eu as deixei soar alto, como ela, como um gato com um sino em seu colarinho.

Um animal de estimação... eu supunha que Ianthe não era mais que um animal de estimação do rei. Eu não podia ver Azriel, mas eu podia senti-lo, como se o sifão desfarçado como a jóia de Ianthe fosse uma corda. Ele morava em qualquer bolso de sombra, lançando-se para frente e para trás.

Os seis guardas que ladeavam a entrada do acampamento monitoraram Ianthe, surgindo fora da escuridão, com desgosto desmascarado. Firmei meu coração, tornei-me ela, arrumanda e tímida, vaidosa e predatória, santa e sensual.

Eles não pararam a mim quando passei por eles indo para a longa avenida que atravessava o campo sem fim. Não pareciam confusos ou expectantes.

Eu não me atrevi deixar meus ombros caírem, ou mesmo dar um suspiro de alívio em absoluto. Não enquanto descia a ampla artéria ladeada por tendas e forjas, incêndios e... e coisas que eu não queria olhar, nem sequer me voltava para os sons que saíam delas dirigidas para mim.

Este lugar fez a Corte dos Pesadelos parecer uma sala de estar humana, cheia de moças castas bordando em almofadas.

E em algum lugar neste inferno... Elain.

Teria o Caldeirão apresentado-a ao rei? Ou estava em algum lugar no meio, presa em todo o mundo escuro que o Caldeirão ocupava?

Eu tinha visto a tenda do rei na visão de Nestha. Ela não parecia tão grande quanto parecia agora, subindo como, um animal espinhoso gigantesco no centro do acampamento. A entrada que apresentaria um outro conjunto de obstáculos.

Se nós fossemos tão longe sem sermos notados. A hora da noite funcionou a nosso favor. Os soldados que estavam acordados ou estavam envolvidos em atividades de diferentes graus de horror, ou estavam de guarda e desejando que poderiam não estar. O

resto estava dormindo.

Foi estranho, eu percebi a cada passo dado e os silvos de jóias em direção ao coração do acampamento, considerar que Hybern realmente precisava de descanso.

Eu de alguma forma assumi que estavam além disso... míticos, sem fim em sua força e raiva. Mas eles também cansavam. E comiam. E dormiam. Talvez não tão facilmente ou tanto quanto os seres humanos, mas, com duas horas até o amanhecer, nós tivemos sorte. Uma vez que o sol afugentasse as sombras, embora... uma vez que ele mostrasse algumas lacunas no meu traje muito claro...

Foi difícil fazer a varredura das tendas por onde passamos, difícil de focar nos sons do acampamento enquanto fingia ser alguém totalmente acostumada com isso. Eu nem sequer sei se Ianthe tinha uma tenda aqui, se ela era autorizada perto do rei sempre que quisesse.

Eu duvidava... duvidava que seria capaz de caminhar direto para sua tenda pessoal e encontrar onde quer que o inferno que Elain estava.

Uma grande fogueira ardia e crepitava perto do centro do acampamento, os sons da folia nos alcançaram muito antes de nós termos um bom visual.

Eu sabia que dentro de alguns instantes a maioria dos soldados não estariam dormindo. Eles estavam aqui. A comemorar. Alguns dançavam em círculos perversos ao redor do fogo, suas formas contorcidas, pouco mais do que sombras torcidas arremessando-se durante a noite. Alguns bebiam de barris de carvalho enormes de cerveja. Eu os reconheci como sendo das lojas de Tamlin. Alguns se contorciam entre si, alguns apenas observavam.

Mas através do riso, canto e música, sobre o rugido do fogo... gritos. Uma sombra agarrou meu ombro, lembrando-me para não correr. Ianthe não iria correr, não mostraria alarme. Minha boca ficou seca quando aquele grito soou novamente. Eu não podia suportá-lo... deixá-lo ir, para ver o que estava sendo feito... a mão em forma de sombra de Azriel agarrou a minha, me puxando para mais perto. Sua raiva ondulando fora de sua forma invisível.

Fizemos um circuito preguiçoso pela folia, outras partes se tornando claras. O

grito... não era Elain. Não era Elain que pendia de uma prateleira perto de um estrado improvisado de granito. Era um dos filhos dos Abençoados, jovem e esbelta... meu estômago revirou, ameaçando subir até minha garganta. Dois outros foram acorrentados ao seu lado. Do jeito que caíam, os ferimentos em seu troncos... nus... Clare. Era como Clare, o que tinha sido feito para eles. E como Clare, tinham sido deixados lá para apodrecer, para os corvos que certamente chegariam ao amanhecer.

Com esta se estenderiam por mais tempo. Eu não podia. Não podia... não podia deixá-la lá... mas se eu demorasse muito tempo, eles veriam. E chamaria a atenção para mim... Eu poderia viver com isso? Uma vez eu tinha matado dois inocentes para salvar Tamlin e seu povo. Seria o mesmo que matá-la se eu a deixasse lá em favor de salvar a minha irmã...

Desconhecida. Ela era uma estranha...

- Ele está procurando por você. - Falou lentamente uma voz masculina dura. Girei para encontrar Jurian andando a passos largos entre duas tendas, segurando seu cinto com uma espada. Olhei para o estrado. E como se uma mão invisível limpasse a fumaça...

Lá estava o Rei de Hybern. Ele descansava em sua cadeira, a cabeça apoiada em um punho, no rosto uma máscara de vaga diversão enquanto inspecionava a folia, a tortura e tormento. A adulação da multidão que, ocasionalmente, virou-se para brindar ou curvar-se a ele.

Eu fiz minha voz suavizar-se, adaptado a cadência. “Tenho estada ocupada com minhas irmãs. ”

Jurian olhou para mim por um longo momento, os olhos percorrendo o sifão no topo de minha cabeça. Eu sabia o momento em que percebeu quem eu era. Aqueles olhos castanhos queimando... mal. “Onde está ela? ” - foi tudo que sussurrei. Jurian deu um sorriso arrogante. Não dirigido a mim, mas a alguém nos observando.

- Você me cobiçou por estas últimas semanas. - Ele ronronou. “Aja como tal. ”

Minha garganta se contraiu. Mas eu coloquei a mão em seu antebraço, batendo meus cílios para ele quando me aproximei. Um bufo confuso. “Eu tenho dificuldade em acreditar que é assim que você ganhou o coração dele. ” Tentei não fazer uma careta.

- Onde ela está?

- A salvo. Intocada. - Meu peito cedeu com palavra. “Não por muito tempo”, disse Jurian. “Ele teve um choque quando ela apareceu aqui com o Caldeirão. Ele se manteve contido. Veio aqui para meditar sobre o que fazer com ela. E como fazer você pagar por isso. ”

Corri a mão pelo seu braço, então descansei sobre seu coração. "Onde. Está. Ela? “

Jurian se inclinou como se fosse me beijar, e levou a boca ao meu ouvido.

- Você foi inteligente o suficiente para matá-la antes de tomar sua pele?

Minhas mãos apertaram sua jaqueta. “Ela teve o que merecia. ” Eu podia sentir o sorriso de Jurian contra a minha orelha.

- Ela está na tenda dele. Acorrentada com aço e um pouco de magia de seu livro favorito.

Merda. Merda. Talvez eu deveria ter trago Helion, que poderia quebrar quase qualquer... Jurian pegou meu queixo entre o polegar e o indicador. “Venha à minha tenda comigo, Ianthe. Deixe-me ver o que essa linda boca pode fazer. ”

Foi um esforço para não recuar, mas deixei Jurian colocar uma mão nas minhas costas, embaixo. Ele riu. “Parece que você já tem um pouco de aço em você. Não há necessidade do meu“.

Eu dei-lhe um sorriso caloroso e bonito. “O porque da menina pregada? ” Escuridão cintilaram naqueles olhos.

- Tem havido muitos antes dela, e muitos virão depois.

- Eu não posso deixá-la aqui. - Eu disse entre dentes. Jurian me levou para o labirinto de barracas, indo para o círculo interno.

- Sua irmã ou ela, você não será capaz de tomar dois para fora.

- Leve-a para mim, e eu vou fazer isso acontecer.

Jurian murmurou: “Digamos que você gostaria de rezar diante do caldeirão, antes de se deitar. ” Eu pisquei e percebi que haviam guardas... guardas e essa gigante, colorida como osso, tenda à frente de nós. Eu apertei minhas mãos antes de mim e disse a Jurian: - Antes de nos.... deitarmos, gostaria de rezar diante do grande Caldeirão. Para dar graças por hoje.

Jurian enfureceu como um homem pronto para o que tinha sido adiado. “Faça isso rápido”, disse ele, empurrando o queixo para os guardas de ambos os lados das abas da barraca. Eu peguei o olhar que eles deram de homem para homem. Eles não se preocuparam em esconder seu olhar malicioso enquanto eu passava.

E desde que eu era *Ianthe*... eu dei a cada um sorriso sensual, avaliando-os para conquista de um tipo diferente do que aquela que viera fazer a Prythian.

Pelo sorriso satisfeito da direita me disse que ele era meu para tomar. *Mais tarde*, eu quis dizer com meus olhos. *Quando eu terminar com o humano*. Ele ajustou o cinto um pouco quando escorreguei para dentro da tenda.

Turva e fria. Como o céu antes do amanhecer, é como a tenda se sentia. Sem braseiros crepitando, sem luzes feéricas. E no centro da enorme tenda... uma escuridão que devorava a luz. O Caldeirão.

Os cabelos em meus braços levantaram. Jurian sussurrou em meu ouvido: “Você tem cinco minutos para tirá-la. Leve-a para o edge ocidental, há uma falésia com vista para o rio. Eu te encontro lá. ”

Pisquei para ele. O sorriso de Jurian era uma barra de branco na escuridão. “Se você me ouvir gritar, não entre em pânico. ” Ele brincou e sorriu para as sombras. “Espero que você possa transportar três, encantador de sombras. ”

Azriel não confirmou que estava lá, que ele tinha ouvido. Jurian me estudou por um batimento cardíaco a mais. “Guarda um punhal para seu próprio coração. Se eles pegarem você viva, o rei vai...” Ele balançou a cabeça. “Não deixe que eles te peguem viva”.

Em seguida, ele se foi. Azriel emergiu das sombras profundas no canto da tenda um batimento cardíaco mais tarde. Ele empurrou o queixo em direção as cortinas na parte de trás. Comecei entoando uma das muitas orações de Ianthe, um discurso longo que eu a ouvi dizer mil vezes na Corte Primavera.

Corremos através dos tapetes, esquivando-se das mesas e móveis. Eu cantava suas orações durante todo o tempo. Azriel deslizou a cortina... Elain estava de camisola.

Amordaçada, punhos envoltos de aço que brilhavam violeta. Seus olhos se arregalaram quando ela nos viu... Azriel e a mim.

Mudei meu rosto de volta para o meu próprio, levantando a mão aos meus lábios enquanto Azriel se ajoelhava diante dela. Eu mantive a minha ladainha de oração, suplicando ao Caldeirão para fazer meu ventre fértil, enquanto Azriel gentilmente tirou a mordaça da boca dela.

- Você está ferido? - Ela balançou a cabeça, devorando a visão dele como se não acreditasse.

- Você veio para mim. - O encantador de sombras unicamente inclinou a cabeça.

- Depressa. - Eu sussurrei, em seguida, retomei a minha oração. Teríamos que correr para fora. Sifões de Azriel queimado, a de cima da minha cabeça aquecendo. A magia não fez nada quando ele entrou em contato com essas correntes. Nada. Só mais alguns versos de minha oração e eu deixaria de cantar. Seus pulsos e tornozelos estavam amarrados. Ela não podia correr daqui com eles. Estendeu a mão para ela, lutando por um fio do poder de Helion para desvendar o feitiço do rei nas correntes. Mas minha magia ainda estava esgotada.

- Não temos tempo. - Azriel murmurou. “Ele está vindo. ” A gritaria começou.

Azriel pegou Elain, ergueu os braços amarrados ao seu pescoço. “Segure firme”, ordenou a ela, “e não faça nenhum som. ”

Latidos e grungidos percorreram a noite. Eu retirei o manto, e guardei o Sifão de Azriel antes desembainhar duas facas. “Saimos pela parte de trás? ”

Um aceno de cabeça. “Prepare-se para correr. ” Meu coração trovejou. Elain olhou entre nós, mas não tremeu. Não se encolheu. “Corra, e não pare”, ele me disse. “Nós correremos para a borda ocidental do penhasco. ”

- Se Jurian não estiver lá com a menina a tempo-

- Então você vai atravessar. Eu vou buscá-la.

Eu soltei um suspiro, firmando-me. Os latidos e rosnados ficaram mais altos e mais perto. “Agora. ” Azriel vaiou, e nós corremos. Seus Sifões brilharam, e a tela da parte de trás da tenda derreteu em nada. Nós atravessamos através dela antes que os guardas próximos tivessem notado.

Eles não reagiram a nós. Apenas olharam para o buraco. Azriel nos fez invisíveis -

nos vinculando as sombras. Nós ultrapassamos as tendas, pés voando sobre a grama e sujeira. “Depressa”, ele sussurrou. “As sombras não vão durar muito. ”

Para o leste, atrás de nós... o sol estava começando a subir. Um uivo penetrante dividiu a noite morrendo. E eu sabia que tinham percebido o que tinha sido feito. Que estávamos aqui. E mesmo que não pudessem nos ver.... o Rei dos cães de Hybern poderia nos cheirar.

- Rápido. - Azriel rosnou. A terra estremeceu atrás de nós. Eu não ousava olhar para trás. Nos aproximamos de um rack de armas. Eu embainhei minhas facas, liberando minhas mãos quando nos arremessamos por ele, peguei um arco e flechas. Flechas cinzas.

As flechas estalaram enquanto pendurada a aljava sobre um ombro. Quando encaixei uma flecha no lugar. Azriel cortou a direita, desviando em torno de uma tenda.

E com o ângulo.... Virei-me e atirei. O cão mais próximo não era um cão, eu percebi quando a flecha seguiu em espiral para a sua cabeça. Mas algum primo do Naga... alguma coisa monstruosa, que rugia e

corria de quatro, rosnando com um rosto serpentino e cheio de dentes... branco... para retalhamento ósseo.

Minha flecha atravessou sua garganta. Ele caiu, e nós demos a volta na tenda, arremessando para o horizonte ocidental ainda amanhecendo. Eu encaixei outra flecha.

Três outros. Mais três atrás de nós, ganhando com cada arranhado e passo... eu podia senti-los em torno de comandantes de Hybern, correndo junto com os cães de caça, seguindo os animais, porque eles ainda não podiam nos ver. Essa flecha que eu tinha disparado lhes tinha dito o suficiente sobre a distância. Mas no momento os cães nos apanham... esses comandantes iriam aparecer. Nos matar ou nos arrastar para longe.

Fileira após fileira de tendas, lentamente despertando no tumulto do centro do acampamento. O ar ondulado, e eu olhei para cima para ver a chuva de flechas cinzas desencadeadas por trás, tamanha eram uma tentativa cega para bater qualquer alvo.

O Sifão azul de Azriel estremeceu com o impacto, mas segurou. No entanto, nossas sombras tremeluziram e desapareceram. Os cães de caça focando, dois romperam-se para cortar para o lado. Para nos agrupar. Para que fossemos para o penhasco na outra extremidade do campo. Um precipício com uma longa queda, e rio implacável abaixo.

E de pé no final, amontoada em uma capa escura... Isso, era a garota. Jurian tinha deixado lá, para nós. Onde ele tinha ido... Eu não vi nenhum sinal dele.

Mas por trás de nós, enchendo o ar como se ele tivesse usado magia para fazê-lo...

O rei falou. “Que intrépidos ladrões”, ele demorou, as palavras em todos os lugares e em lugar nenhum. “Como hei de castigá-los? ” Eu não tinha dúvida de que as proteções terminavam apenas depois da borda do penhasco. Foi confirmado pelos rosnados dos cães, que pareciam saber que sua presa iria escapar em menos de cem jardas. Se pudéssemos saltar longe o suficiente para ser escaparmos deles.

- Leve-a, Azriel. - Eu implorei a ele, ofegante. “Eu vou pegar o outra. ”

- Estamos todos-

- Isso é uma ordem. - Um tiro limpo, um caminho desimpedido direito da borda do penhasco, e à liberdade além- “Você precisa para-” Minhas palavras foram cortadas. Senti o impacto antes da dor. Uma dor escaldante, queimando que irrompeu através do meu ombro. Uma flecha cinza.

Meus pés desabaram debaixo de mim, sangue pulverizando, e eu caí no chão rochoso tão duro que meus ossos gemeram. Azriel jurou, mas com Elain em seus braços, uma luta com os cães não duraria um segundo. Atirei uma flecha em um, meu ombro gritando com o movimento. O cão caiu, abrindo a vista para trás.

Revelando o rei caminhando para baixo da linha de tendas, sem pressa, com certeza da nossa captura, um arco pendurado em sua mão. O arco que tinha entregue a seta agora perfurando através do meu corpo.

- Torturar você seria tão sem graça. ” O rei meditou, voz ainda ampliada. “Pelo menos, o tipo tradicional de tortura. ” Cada passo era lento, intencional. “Como Rhysand vai ficar furioso. Como ele vai entrar em

pânico. Sua parceira, finalmente veio me ver “.

Antes que eu pudesse alertar Azriel se apressar, os outros dois cães estavam em mim. Uma saltou certa para mim. Eu levantei meu arco para interceptar suas mandíbulas.

O cão encaixou, lançando a madeira longe. Peguei uma faca, assim quando o segundo saltou...

Um rugido me ensurdeceu, girei minha cabeça, assim que um dos cães foi jogado de cima de mim. Eu sabia que rugido era aquele, sabia... uma besta de pelo dourado com chifres ondulados rasgou os cães.

- Tamlin. - Eu sussurei, mas seus olhos verdes se estreitaram. *Corra*, ele parecia dizer. Ele estava do nosso lado. Tentando encontrar-nos. Ele rasgou e desfiou, os cães se lançaram totalmente nele. O rei fez uma pausa, e embora ele permanecesse longe, eu poderia claramente distinguir a surpresa surgir em seu rosto.

*Agora*. Eu tinha que ir agora... eu me levantei, retirando a flecha com um grito abafado. Azriel já estava lá, não mais do que alguns instantes a frente... me agarrou pelo colarinho, e uma teia de luz azul prendeu-se no meu ombro. Segurando o sangue em um curativo.

- Você precisa voar. - Ele ofegava. Mais seis cães fechado Tamlin, que ainda lutava contra os outros, ganhando... segurando sozinho a linha. “Precisamos decolar”, disse Azriel, um olho agora para o rei quando retomou sua, ironicamente, lenta abordagem.

"Você pode fazer isso?"

A jovem ainda estava de pé na beira do precipício. Nos observando com olhos arregalados, cabelo preto chicoteando acima de seu rosto.

Eu nunca tinha feito uma decolagem certa antes. Eu mal tinha sido capaz de manter-me nos céus. Mesmo se Azriel pegasse a menina no braço livre... eu não me deixei considerar a alternativa. Eu iria ficar no ar. Apenas o tempo suficiente para passar ao longo desse precipício, e atravessar fora quando tivesse passado borda das proteções.

Tamlin soltou um grito do que parecia ser de dor, seguido por outro rugido tremendo terra. O resto dos cães o tinham alcançado. Ele não vacilou, não deu uma polegada a eles-Chamei as asas. A mudança e o peso delas... Mesmo com o Sifão fazendo curativo, dor arrasava meus sentidos no puxão em meus músculos.

Eu respirei através dos meus dentes cerrados quando Azriel mergulhou em frente, asas começam a bater. Não há espaço suficiente na borda saliente para nós fazermos isso lado a lado. Eu devorei os detalhes de sua decolagem, a batida de suas asas, o ângulo de deslocamento de seu corpo.

- Agarre-o! - Elain ordenou para a garota humana de olhos arregalados quando Azriel trovejou em direção a ela. A menina parecia uma corça prestes a ser atropelada por um lobo.

A menina não abriu os braços enquanto se aproximavam. Elain gritou para ela: “Se você quer viver, faça isso agora!” A menina deixou cair a capa, abriu os braços. Seu cabelo preto aparecendo por trás de Azriel, entrelaçando entre suas asas quando ele praticamente abordou-a para o céu. Mas eu vi, mesmo enquanto eu corria, as mãos pálidas de Elain correndo para agarrar a garota pelo pescoço, segurando-a

tão firmemente quanto pôde. E bem a tempo.

Um dos cães passou por Tamlin em um salto poderoso. Eu abaixei, preparando-me para o impacto. Mas não estava apontando para mim. Dois passos abaixo da borda do penhasco e outro salto... o rugido de Azriel ecoou nas rochas quando o cão bateu nele, arrastando essas garras de destruição por sua espinha, suas asas...

A menina gritou, mas Elain se moveu. Enquanto Azriel lutava para mantê-los no ar, manter o controle sobre eles, minha irmã mandou um chute feroz no rosto do animal.

Seu olho. Outro. Outro. Ele gritou, e Elain bateu com o pé nu e enlameado em seu rosto novamente. O golpe atingiu o destino. Com um grito de dor, ele soltou suas garras e mergulhou no desfiladeiro.

Tão rápido. Aconteceu tão rápido.

E sangue... sangue escorrendo das costas, das asas... mas Azriel permaneceu no ar.

A luz azul espalmadas sobre as feridas. Estancando o sangue, estabilizando suas asas. Eu ainda estava correndo para o penhasco quando ele girou, revelando um rosto pálido... com dor, enquanto ele agarrava as duas mulheres com força.

Mas ele viu quem estava depois de mim. Arranquei à frente. E pela primeira vez desde que o conhecera, havia terror nos olhos de Azriel, enquanto observava-me fazer essa corrida.

Eu batia as asas, uma corrente ascendente puxando meus pés para cima, em seguida, batendo-os para baixo na rocha. Eu tropecei, mas continuei a correr, continuei batendo, as costas gritando...

Outro dos cães quebrou a guarda de Tamlin. Veio correndo pela estreita faixa de rocha, garras arrancando as pedras abaixo. Eu podia jurar que o rei riu por trás.

- Mais rápido! - Azriel rugiu, o sangue escorrendo com cada batida de asa. Eu podia ver a aurora através dos pedaços na membrana. "Flexione!"

A pedra ecoou com os passos estrondosos do cão nos meus calcanhares. O fim da rocha apareceu. Uma queda livre havia além. E eu sabia que o cão pularia comigo. O rei teria que me recuperar por qualquer meio necessário, mesmo que meu corpo estivesse quebrado no rio muito, muito abaixo. Com essa altura, me esparramaria como um ovo que caiu de uma torre.

E ele manteria o que restava de mim, como Jurian tinha sido mantido, vivo e consciente. “Mantenha-se alto!” Estiquei minhas asas na medida em que corria. Trinta passos entre mim e a borda. “Pernas para cima!” Vinte passos. O sol apareceu sobre o horizonte leste, dourando a armadura sangrenta de Azriel como ouro. O rei disparou outras duas flechas. Um para mim, e outra subindo para Elain com as costas expostas.

Azriel bateu ambas longe com um escudo azul. Eu não olhei para ver se esse escudo estendia-se para Tamlin.

Dez passos. Eu bati minhas asas, músculos gritando, o sangue escorrendo, mesmo com a bandagem do sifão. Os esqueci enquanto eu enviava uma onda de vento levantando-me por baixo, ar enchendo a



membrana flexível, assim como os ossos e tendões se esforçaram para agarrar.

Meus pés levantaram do chão. Em seguida, encostaram novamente. Eu empurrei com o vento, batendo as asas como o inferno. O cão ganhou espaço para mim.

Cinco passos. Eu sabia... eu sabia que alguma força tinha me obrigado a aprender a voar... de alguma forma, sabia. Que este momento estava por vir. Tudo isso, tudo isso, para este momento.

E com apenas três passos para a beira do precipício... um vento quente me beijou com lilás e grama nova, aumentou-se debaixo de mim. Um vento de primavera. Me levantando, enchendo minhas asas.

Meus pés se ergueram. E subiram. E subiram. O cão saltou depois de mim.

“Ladeira!” Eu joguei meu corpo para os lados, as asas me balançando. O amanhecer subindo, então uma queda, o céu inclinou e girou antes de nivelar.

Olhei para trás para ver aquele cão-naga saltando para onde eu tinha sido. E, em seguida, mergulhar para baixo, para baixo, para dentro da ravina e do rio abaixo.

O rei disparou novamente, a seta com ponta brilhando um poder azul. O escudo de Azriel suportou... por pouco. Seja qual for a mágica que o rei tinha em torno dele... Azriel grunhiu de dor. Mas ele rosnou, “Voe”, e eu desviei para o caminho que eu seguia, voltando a tremer com o esforço para manter meu corpo na posição vertical. Azriel virou, a menina gemendo de terror quando ele perdeu alguns pés para o céu, antes que ele nivelasse e subisse ao meu lado.

O rei latiu um comando, e um barulho de flechas surgiu a partir do acampamento, logo chovendo sobre nós. O escudo de Azriel dobrou, mas se manteve sólido. Eu batia as asas, de volta aos gritos. Apertei a mão na minha ferida, assim como as proteções empurraram contra mim. Empurrado e empurrando como se tentassem me conter, para segurar Azriel onde ele agora se agitava como o inferno contra elas, o sangue escorrendo das asas feridas, deslizando por suas costas destroçadas.

Eu desencadeei uma luz branca de Helion. Queimando, saporando, derretendo. Um buraco rasgou pelas proteções. Apenas suficientemente amplo.

Nós não hesitamos quando navegamos através, mesmo enquanto eu ofegava para recuperar o fôlego. Mas eu olhei para trás. Só uma vez. Tamlin estava cercado pelos cães.

Sangrando, ofegante, ainda nessa forma de besta. O rei estava talvez à trinta pés de distância, lívido... absolutamente lívido quando ele viu o buraco que eu novamente rasguei seus feitiços.

Tamlin tirou o máximo de sua distração. Ele não olhou para nós quando fez uma pausa na borda do penhasco. Ele saltou extremamente longe. Mais longe do que qualquer animal ou Feérico devia ser capaz de fazer. Aquele vento que ele tinha enviado no meu caminho agora sendo reforçado, orientando-o para a abertura que eu tinha feito.

Tamlin limpou a distância e atravessou, ainda não olhando para mim quando segurei a mão de Azriel e desaparecemos também.

O poder de Azriel nos deixou na borda de nosso acampamento.

A menina, apesar das queimaduras e marcas em sua pele branca como a lua, era capaz de andar. A luz cinzenta da manhã tinha surgido no mundo, névoa agarradas aos nossos tornozelos enquanto iam para o acampamento, Azriel ainda embalando Elain no peito. Ele pingava sangue atrás de si o tempo todo, gotejando em comparação com a torrente que deveria estar vazando. Contido apenas pelas manchas de poder que ele tinha aplicado nele. Ajuda... ele precisava de um curandeiro imediatamente.

Nós dois precisávamos. Eu apertei a mão contra a ferida no meu ombro para manter o mínimo de sangramento. A menina foi tão longe que até mesmo ofereceu seus restos remanescentes de roupa para usarmos.

Eu não tinha fôlego para explicar que eu era Feérica, e talvez tivesse cinzas na minha pele. Eu precisava ver um médico antes de curar e selar quaisquer estilhaços.

Então, eu só perguntei seu nome.

*Briar*, ela disse, com voz rouca de gritar. O nome dela era Briar. Ela não pareceu se importar com a lama que esmagava debaixo dos seus pés e que espalhava para suas pernas nuas. Ela só olhou para as tendas, os soldados que tropeçavam fora. Um viu Azriel e gritou para um curandeiro se apressar para a tenda do espião.

Rhys atravessou em nosso caminho antes que tivéssemos conseguido vencer a primeira linha de tendas. Seus olhos foram direto para as asas de Azriel, em seguida, a ferida no meu ombro, a palidez do meu rosto. Para Elain, em seguida, Briar.

- Eu não podia deixá-la. - Eu disse, surpresa ao encontrar a minha própria voz rouca.

Passos correndo se aproximaram, e depois Nestha dando a volta em uma tenda, derrapando até parar na lama. Ela deixou escapar um soluço com a visão de Elain, ainda nos braços de Azriel. Eu nunca tinha ouvido um som como esse partir dela. Nem uma única vez.

*Ela não está ferida*, eu disse a ela, em que uma câmara em sua mente. Porque as palavras... Eu não poderia formá-las. Nestha investiu em outra corrida. Estendi a mão para Rhysand, o rosto tenso enquanto ele espreitava para meu ferimento... mas Nestha chegou lá primeiro. Eu engoli o meu grito de dor quando os braços de Nestha passaram pelo meu pescoço e ela me abraçou com tanta força que arrancou meu fôlego.

Seu corpo tremia... tremia enquanto ela chorava e disse repetidas vezes: “Obrigada.” Rhys foi para Azriel, tirando Elain dele e gentilmente colocando a minha irmã para baixo. Azriel murmurou, balançando em seus pés: “Precisamos de Helion para obter estas correntes dela.”

No entanto, Elain parecia não as notar quando ela se levantou na ponta dos pés e beijou a bochecha do encantador de sombras. E, em seguida, caminhou até mim e Nestha, que se afastou o tempo suficiente para observar o rosto limpo de Elain, seus olhos claros.

- Precisamos levá-lo ao Thesan. - Disse Rhys para Azriel. “Agora.” Antes que eu pudesse voltar atrás, Elain jogou os braços em volta de mim. Eu não me lembro quando comecei a chorar depois de sentir aqueles braços delgados me segurar, apertados como o aço.

Eu não lembro do curador que me remendoou, ou quando Rhys me deu banho.

Quando eu disse a ele o que aconteceu com Jurian e Tamlin, Nestha oscilando em torno de Elain quando Helion veio para remover suas correntes, amaldiçoando a obra do rei, assim como ele admirava sua qualidade.

Mas lembrei-me de ser deitada no tapete de pele de urso, uma vez que foi feito.

Quando senti o corpo magro de Elain encostar junto ao meu e enrolar-se no meu lado, cuidando para não tocar a ferida enfaixada no meu ombro. Eu não tinha percebido quão fria eu estava até que seu calor infiltrou em mim.

Um momento depois, um outro corpo quente situou-se à minha esquerda. O cheiro de Nestha vagou sobre mim, fogo, aço e uma vontade inflexível.

Distante, ouvi Rhys se juntar a todos na verificação de Azriel, agora sob os cuidados de Thesan.

Eu não sei quanto tempo as minhas irmãs e eu ficamos lá, juntas, assim como tínhamos compartilhado uma vez aquela cama esculpida naquela casa em ruínas. Mas naquela época, tínhamos nos chutado, torcido e lutado por qualquer pouco de espaço, qualquer espaço para respirar.

Mas naquela manhã, enquanto o sol nascia pelo mundo, eu as segurei firme. E não as deixaria ir.

CHAPTER

Kallias e seu exército chegaram ao meio-dia. Foi apenas o som dele que me acordou de onde minhas irmãs e eu cochilávamos no chão. Isso, e um pensamento que soou através de mim. *Tamlin*. Suas ações cobririam a traição de Jurian. Eu não tinha dúvida de que Tamlin tinha voltado para o exército de Hybern após a reunião conosco, não para nos trair, mas para jogar de espião.

Embora depois de ontem à noite... era improvável que chegar perto de Hybern novamente. Não quando o próprio rei tinha presenciado tudo. Eu não sabia o que fazer com ele. Que ele tinha me... salvado, tinha desistido de seu jogo para fazê-lo.

Para onde ele tinha ido para quando atravessou? Nós não tínhamos ouvido nada sobre as forças da Corte Primavera. E aquele vento que tinha enviado... Eu nunca tinha visto ele usar tal poder. A filosofia de Nephelle, de fato. A fraqueza que tinha se transformado em uma força não foram minhas asas, meu vôo. Mas Tamlin. Se ele não tivesse interferido... eu não me deixei considerar.

Elain e Nestha ainda estavam cochilando no tapete de pele de urso quando eu escorreguei fora de seu emaranhado de pernas. Lavei o rosto na bacia de cobre situado perto da minha cama. Um olhar no espelho acima dela revelou que tinha visto melhores dias. Semanas. Meses.

Observei o pescoço da minha camisa branca para franzir a testa para a ferida enfaixada no meu ombro. Eu estremei, girando o ombro, maravilhada com o quanto ele já tinha curado. Minhas costas, no entanto... dor e dor sacudiram e ondulavam ao longo de toda ela. Em meu abdômen, também. Músculos que eu tinha empurrado para o ponto de ruptura para decolar. Franzindo a testa para o espelho, eu trançei meu cabelo e dei de ombros em minha jaqueta, sibilando para o movimento no meu ombro. Mais um dia ou dois, e a dor pode ser mínima suficiente para manejar uma espada. Talvez.

Orei para que Azriel estivesse em melhor forma. Se Thesan mesmo tinha ido curá-

lo, talvez ele estivesse. Se tivéssemos sorte. Eu não sabia como Azriel conseguiu permanecer no ar... permanecer consciente durante aqueles minutos no céu. Eu não me deixaria pensar sobre como, quando e por que ele tinha aprendido a controlar a dor assim.

Eu calmamente perguntei pelo acampamento sobre a cozinha mais próxima para desenterrar alguns pratos de comida para minhas irmãs. Elain estava provavelmente morrendo de fome, e eu duvidava que Nestha tivesse comido durante as horas que tinha ido. A matrona alada unicamente me perguntou se eu precisava de alguma coisa, e quando eu disse a ela que eu estava bem, ela apenas estalou a língua e disse que teria certeza de que alimentos encontrassem seu caminho para mim, também.

Eu não tinha coragem de pedir para ela encontrar alguns dos alimentos preferidos de Amren também. Mesmo se eu não tivesse dúvidas de que Amren precisaria deles...

suas atividades com Varian noite passada. A menos que ele... eu não me deixaria pensar sobre isso enquanto eu apontava para sua tenda.

Nós tínhamos encontrado o exército de Hybern. E o tínhamos visto na noite passada... eu ofereceria a Amren qualquer ajuda que pudesse na decodificação das páginas que Suriel tinha apontado em sua

direção. Qualquer coisa, se isso significava parar o Caldeirão. E quando tivéssemos escolhido nosso campo de batalha final... então, só então, eu iria desencadear Bryaxis sobre Hybern.

Eu estava quase em sua tenda, oferecendo sorrisos sombrios em troca dos acenos e olhares cautelosos que os guerreiros Illyrianos me davam, quando avistei a comoção perto da borda do campo. A poucos passos extras eu podia observar claramente uma linha de demarcação fina de grama e lama para o acampamento da Corte Invernal, agora quase construído em todo o seu esplendor.

O exército de Kallias ainda estava atravessando suprimentos e unidades de guerreiros, sua corte feita de Grão-Feéricos com cabelos brancos como a neve ou negros como a noite, as peles variando de lua pálida a marrom rico. Os feéricos enores... ele tinha trago feéricos menores mais do que qualquer um de nós, se excluirmos os Illyrianos.

Foi um esforço não ficar de boca aberta quando eu parei na borda de onde começava seu acampamento. Criaturas de pernas compridas, como cacos de gelo dada a forma que andavam, altas o suficiente para plantar as bandeiras de prata cobalto em cima de várias tendas; vagões eram puxados por renas de pé firmes e pesados, ursos brancos com armaduras ornamentadas, alguns tão profundamente conscientes quando caminhavam que eu não teria ficado surpresa se eles pudessem falar. Raposas brancas passando entre os pés, tendo o que parecia ser mensagens amarradas a seus pequenos coletes bordados.

Nosso exército Ilyriano era brutal, básico... poucas variedades e simplicidade reinavam. O exército de Kallias, ou, suponho, o exército que Viviane tinha mantido junto durante o reinado de Amarantha era... bonito, uma coisa complexa. Ordenado, e ainda vibrando com vida. Todos tinham um propósito, todos pareciam ansiosos em fazê-lo de forma eficiente e com orgulho.

Vi Mor andando com Viviane e uma, incrivelmente, bela jovem que parecia ser familiar ou mesmo irmã de Viviane. Viviane estava radiante, Mor talvez mais subjugada, por uma vez, e como ela virou... minhas sobranceiras subiram. A menina humana, Briar, estava com elas. Agora aninhada sob o braço de Viviane, o rosto ainda machucado e inchado em alguns pontos, mas... sorrindo timidamente para as senhoras da Corte Invernal. Viviane começou a levar Briar para longe, conversando alegremente, Mor e a possível irmã de Viviane demoram-se para observá-las.

Mor disse algo para a estranha que a fez sorrir, bem, um pouco. Era um sorriso contido, e desapareceu rapidamente. Especialmente quando um soldado Grão-Feérico passou caminhando, sorriu para ela com alguma observação provocadora, e depois continuou. Mor observou o rosto da fêmea cuidadosamente e rapidamente desviou o olhar quando ela se virou para ela, tocou no ombro de Mor, e afastou-se seguindo para sua possível irmã e Briar.

Lembrei-me de nossa discussão no momento em que Mor virou para mim. Lembrei-me das palavras que tinha deixado por dizer, das que eu provavelmente não deveria ter falado. Mor jogou o cabelo sobre o ombro e se dirigiu para mim. Falei antes que ela pudesse obter a primeira palavra, “Você entregou Briar a eles?”

Nós caminhamos lado a lado para trás em direção ao nosso próprio acampamento.

- Az explicou o estado que você a encontrou. Eu não achava que ser exposta aos Illyrianos prontos para a batalha iria fazer muito para acalmá-la.

- E o exército da Corte Invernal é muito melhor?

- Eles têm animais fofos.

Eu suspirei, balançando a cabeça. Esses enormes ursos eram realmente fofos se ignorássemos as garras e dentes. Mor olhou de soslaio para mim. “Você fez uma coisa muito corajosa ao salvar Briar.”

- Qualquer um teria feito isso.

- Não. - Ela disse, ajustando sua jaqueta Illyrianana apertada. “Eu não tenho certeza...

Eu não tenho certeza se até mesmo eu teria tentado salva-la. Se eu teria considerado que o risco valia a pena. Eu tive missões o suficientes, onde as coisas foram tão mal que eu...”

Ela balançou a cabeça. Engoli em seco.

- Como está Azriel?

- Vivo. Sua recuperação está boa. Mas Thesan não curou muitas asas Ilyrianas, de modo que a cura está... lenta. Diferente da reparação de asas Peregryn, aparentemente.

Rhys chamou Madja. – A curandeira de Velaris. “Ela vai ficar aqui, até mais tarde hoje ou amanhã para trabalhar com ele.”

- Será que ele vai... voar de novo?

- Considerando que as asas de Cassian estavam em pior forma, eu diria que sim.

Mas... talvez não na batalha. Não tão cedo.

Meu estômago se apertou. “Ele não vai ficar feliz com isso.”

- Nenhum de nós está.

Para perder Azriel no campo... Mor parecia ler o que eu estava pensando e disse: “É melhor do que estar morto.” Ela passou a mão pelos seus cabelos dourados. “Teria sido tão fácil para que as coisas tivessem corrido mal na noite passada. E quando eu vi vocês dois desaparecerem... Eu tinha esse pensamento, esse terror, que eu não poderia voltar a vê-lo novamente. Para fazer as coisas direito.”

- Eu disse coisas que eu realmente não quis dizer-

- Nós duas fizemos. - Ela me levou até a linha de árvore na fronteira de ambos os nossos campos, e eu sabia porque estávamos sozinhas... Eu sabia que ela estava prestes a me dizer algo que ela não queria que ninguém ouvisse. Algo que valia atrasar o meu encontro com Amren por um tempo. Ela se inclinou contra um carvalho altaneiro, pés batendo no chão.

- Sem mais mentiras entre nós. - Culpa puxou meu intestino.

- Sim - eu disse. ”E... Eu sinto muito por ter te enganando. Eu só... eu cometi um erro. E eu sinto muito.”

Mor esfregou o rosto.

- Você estava certo sobre mim, no entanto. Você foi... - Sua mão tremia quando ela a abaixou. Ela mordeu o lábio, engoliu seco. Seus olhos finalmente encontraram os meus e estavam brilhantes de medo e angustia. Sua voz se quebrou quando ela disse: - Eu não amo Azriel. - Fiquei perfeitamente imóvel. Ouvindo. “Não, isso não é verdade, também. E... eu o amo. Como minha família. E às vezes eu me pergunto se ele pode ser... mais, mas... eu não o amo. Não da maneira que ele se sente por mim.” As últimas palavras eram um sussurro tremulo.

- Você já o amou? Dessa forma?

- Não. - Ela colocou os braços em torno de si mesma. "Não. Eu não... você vê..."

Eu nunca a vi em tal perda para palavras. Ela fechou os olhos, os dedos cavando em sua pele. “Eu não posso amá-lo assim.”

- Por quê?

- Porque eu prefiro mulheres.

Por um segundo, só o silêncio percorreu por mim.

- Mas... você dorme com homens. Você dormiu com Helion... - E ela parecia terrível no dia seguinte. Torturada e não de toda satisfeita. Não apenas por causa de Azriel, mas...

porque não era o que ela queria.

- Eu encontro prazer neles. Em ambos. - Suas mãos tremiam tão ferozmente que ela se agarrou ainda mais apertado. “Mas eu percebi, desde que eu era pouco mais que uma criança, que eu preferia fêmeas. Que eu sou... atraída por elas mais do que pelos homens.

Que eu me conecto com elas, cuido delas mais profundamente, nesse nível de alma. Mas na Cidade Escavada... todos eles se preocupam em criar suas linhagens, fazendo alianças através do casamento. Alguém como eu... se eu fosse casar de acordo com o que meu coração desejava, não haveria descendentes, a linhagem de meu pai teria terminado comigo. Eu sabia que, sabia que eu nunca poderia dizer-lhes. Nunca. Pessoas como eu...

somos insultados por eles. Consideradas egoístas, por não sermos capaz de passar a linhagem. Então, eu nunca respirava uma palavra sobre isso. E depois... então meu pai me desposou com Eris, e... E não foi só a perspectiva do casamento com ele que me assustou. Não, eu sabia que poderia sobreviver a sua brutalidade, sua crueldade e frieza.

Seria mais forte do que ele. Foi... foi a idéia de ser feita como uma égua prêmio, de ser forçada a desistir de uma parte de mim...” Sua boca tremeu, e eu peguei a mão dela, erguendo-a pelo braço. Eu apertei delicadamente enquanto as lágrimas começaram a correr pelo seu rosto corado.

- Eu dormi com Cassian porque eu sabia que isso significaria pouco para ele, também. Porque eu sabia que fazer seria comprar-me uma chance de liberdade. Se eu tivesse dito aos meus pais que eu preferia fêmeas... Você conheceu meu pai. Ele e Beron teriam me amarrado ao leito conjugal para Eris.

Literalmente. Mas manchada... Eu sabia que minha chance de liberdade estava ali. E eu via como Azriel olhava para mim... sabia como ele se sentia. E se eu tivesse escolhido ele..." Ela balançou a cabeça. "Não teria sido justo com ele. Então eu dormi com Cassian, e Azriel... pensei que ele me consideraria inadequada, e então tudo aconteceu e..." Seus dedos apertaram os meus. "Depois que Azriel me encontrou com essa nota pregada em meu ventre... Eu tentei explicar. Mas ele começou a confessar o que sentia, e eu entrei em pânico, e... e para fazê-lo parar, para evitar que ele dissesse que me amava, eu só virei e sai, e... e eu não poderia enfrenta-lo para explicar depois disso. Para Az, para os outros." Ela soltou um suspiro trêmulo. "Eu durmo com homens, em parte porque eu gosto, mas... também para manter as pessoas de olhar muito de perto."

- Rhys não se importaria... eu não acho que ninguém em Velaris faria. - Um aceno.

- Velaris é... um refúgio para pessoas como eu. Rita... a proprietária é como eu.

Muitos de nós vamos lá... sem que ninguém realmente nunca saiba. - Não admira que ela praticamente vivia na casa de festa.

- Mas essa parte de mim... - Mor enxugou as lágrimas com a mão livre. "Não importava tanto, quando minha família me renegou. Quando me chamaram de prostituta e um pedaço de lixo. Quando eles me machucaram. Porque essas coisas... eles não eram parte de mim. Não de verdade, e não eramos... íntimos. Eles não podiam me quebrar, porque... porque nunca tocaram a parte mais íntima de mim. Eles nunca sequer imaginaram. Mas eu escondi isso... eu escondi isso porque..." Ela inclinou a cabeça para trás, olhando para o céu. "Porque eu vivo com o terror da minha família descobrir e me envergonhar, ferindo-me sobre uma coisa que mantive totalmente minha. Esta parte de mim. Eu não vou deixá-los... não vou deixá-los destruir. Ou tentar. Então eu raramente..."

Durante a guerra, eu finalmente tomei minha primeira amante mulher."

Ela ficou em silêncio por um longo momento, enquanto enxugava as lágrimas. "Foi Nephelle e sua amante, agora sua esposa, suponho... que me fizeram atrever a tentar. Elas me deixaram com tanto ciúmes. Não delas pessoalmente, mas só... do que elas tinham.

Sua abertura. Que elas viviam em um lugar, com um povo que não pensava nada sobre isso. Mas com a guerra, viajando por todo o mundo... Ninguém de casa estava comigo por meses durante um tempo. Era seguro, por uma vez. E uma das rainhas humanas..."

As amigas que ela tinha tão apaixonadamente mencionado, tinha conhecido tão intimamente.

- O nome dela era Andrômaca. E ela era... tão bonita. E certa. E eu a amava... tanto.

Humana. Andrômaca tinha sido humana. Meus olhos ardiam.

- Mas ela era humana. E uma rainha... que precisava continuar sua linhagem real, especialmente durante uma época tão tumultuada. Então eu a deixei... fui para casa após a última batalha. E quando eu percebi que foi um erro, que eu não me importava se eu só teria sessenta anos com ela... A muralha foi erguida naquele dia." Um pequeno soluço saiu dela. "E eu não podia... eu não estava autorizado ou era capaz de atravessá-la. Eu tentei. Durante três anos, tentei várias vezes. E pelo tempo que eu consegui encontrar uma brecha para atravessar... Ela tinha casado. Com um homem. E tinha uma filha... esperando outro a



caminho. Eu não pus os pés dentro do seu castelo. Nem sequer tentei vê-la. Eu só virei-me e fui para casa.”

- Sinto muito - eu sussurei, minha voz falhando.

- Ela deu à luz a cinco filhos. E morreu como uma mulher velha, segura em sua cama. E eu vi o espírito dela de novo, na rainha dourada. Sua descendente. - Mor fechou os olhos, sua respiração ondulando seus lábios trêmulos. “Por um tempo, eu lamentei por ela. Enquanto ela viveu e depois que ela morreu. Por algumas décadas, não houve amantes... de qualquer tipo. Mas então... um dia eu acordei, e eu queria... Eu não sei o que eu queria. O oposto dela. Encontrei-os com mulheres, machos. Tive alguns amantes ao longo destes séculos passados, as fêmeas sempre as escondidas e eu acho que é por isso nunca durou com elas, o porque elas sempre terminavam. Eu nunca poderia ser...

aberta sobre isso. Nunca ser vista com elas. E, com os machos... nunca foi tão profundo.

A ligação, quero dizer. Mesmo se eu ainda tinha quisesse, você sabe, de vez em quando.”

Uma risada abafada ecoou. “Mas todos eles... Não era o mesmo que Andrômaca.

Eles não se sentiam o mesmo aqui “, ela respirou, colocando uma mão sobre o coração.

“E os amantes do sexo masculino que tive... tornaram-se uma maneira de manter Azriel afastado, mesmo querendo saber por que, por que eu não o notava. Impedir de fazer esse movimento. Você vê quão maravilhoso ele é. Como é especial. Mas se eu dormir com ele, mesmo uma vez, só para experimentar, para ter certeza... Eu acho que depois de todo esse tempo, ele pensaria que era um ponto culminante... um final feliz. E... eu acho que pode quebrar-lhe se eu revelar mais tarde que... Eu não tenho certeza se posso dar todo o meu coração para ele dessa forma. E... e eu o amo o suficiente para querer que ele encontre alguém que possa realmente amá-lo como ele merece. E eu me amo... Eu me amo o suficiente para não querer assumir até eu encontre essa pessoa, também.” Um encolher de ombros. “Se eu puder mesmo trabalhar essa coragem de dizer ao mundo pela primeira vez. Meu dom é a verdade e ainda assim tenho vivido uma mentira toda a minha existência. “

Eu apertei a mão dela mais uma vez. “Você vai dizer-lhes quando estiver pronta. E

eu estarei com você, não importa o quê. Até lá... seu segredo está seguro. Eu não vou contar a ninguém, mesmo Rhys “.

- Obrigada - ela sussurrou. Eu balancei minha cabeça.

- Não, obrigada por me contar. Estou honrada.

- Eu queria dizer-lhe. Percebi que eu queria te dizer no momento em que Azriel atravessou para o acampamento de Hybern. E o pensamento de não ser capaz de dizer-lhe...” Seus dedos apertaram ao redor dos meus. “Eu prometi a Mãe que se você voltasse com segurança, eu diria a você.”

- Parece que ela estava feliz de ter o negócio. - Eu disse com um sorriso. Mor enxugou o rosto e sorriu. Ele desapareceu quase que instantaneamente.

- Você deve pensar que eu sou horrível por amarrar Azriel e Cassian juntos.”

Eu considereei. "Não. Não, eu não."

Então, muitas coisas, tantas coisas agora faziam sentido. Como Mor tinha fugido do calor nos olhos de Azriel. Como ela tinha evitado esse tipo de intimidade romântica, mas tinha estado pronta para defendê-lo se ela sentisse que seu bem-estar físico ou emocional estava em jogo. Azriel a amava, eu não tinha dúvidas. Mas Mor... eu estava cega para não ver. Não perceber que havia uma maldita boa razão para que quinhentos anos se passassem e Mor não tivesse aceitado o que Azriel tão claramente oferecia a ela.

- Você acha que Azriel suspeita? - Perguntei. Mor retirou a mão da minha e deu alguns passos.

- Talvez. Eu não sei. Ele é muito atento para não, mas... Eu acho que o confunde sempre que eu passeio com o lado masculino.

- Então a coisa com Helion ... Por quê?

- Ele queria uma distração de seus próprios problemas, e eu..." Ela suspirou.

"Sempre que Azriel faz seus sentimentos claros, como fez com Eris... É estúpido, eu sei.

É tão estúpido e cruel fazer isso, mas... Eu dormi com Helion apenas para lembrar Azriel...

Deuses, eu não posso mesmo dizer isso. Parece ainda pior dizendo."

- Para lembrá-lo que você não está interessada.

- Eu deveria dizer a ele. Eu preciso dizer a ele. Mãe acima, depois da noite passada, eu deveria. Mas..." Ela torceu a massa de cabelos dourados sobre um ombro. "Ele sente isso por tanto tempo. Tanto tempo. Estou petrificada para enfrentá-lo... para dizer que ele passou quinhentos anos ansiando por alguém e algo que nunca vai existir. A mudança em potencial... eu gosto de coisas do jeito que são. Mesmo que eu não posso... não possa realmente ser eu, eu... as coisas são boas o suficiente."

- Eu não acho que você deve se contentar com 'bom o suficiente'". - Eu disse calmamente. "Mas eu entendo. E, mais uma vez... quando você decidir que é a hora certa, seja amanhã ou daqui a quinhentos anos... eu vou estar com você." Ela piscou as lágrimas novamente. Virei-me para o campo, e um leve sorriso floresceu em minha boca.

- O quê? - Ela perguntou, vindo para o meu lado.

- Eu estava pensando, - eu disse, o sorriso crescendo "que quando que você estiver pronta... Eu estava pensando sobre o quão divertido será jogar de casamenteira para você." O sorriso em resposta de Mor era mais brilhante do que a totalidade da Corte Diurna.

\*\*\*

Amren tinha isolado a si mesma em uma tenda, e não deixava ninguém entrar. Nem eu, ou Varian, ou Rhysand. Eu certamente tentei, sibilando enquanto empurrava contra suas proteções, mas até mesmo a magia de Helion não poderia quebrá-las. Não importava como exigi, persuadi e pedi, ela não respondeu. Seja o que for que Suriel tinha me dito para sugerir a ela sobre o livro... ela considerou mais vital, ao que parece, do que até mesmo o por que de eu vir falar com ela: se juntar a mim na libertação de Bryaxis.

Eu provavelmente poderia fazê-lo sem ela desde que ela já havia desativado os feitiços que continham Bryaxis, mas... a presença de Amren seria... bem-vindo. A meu ver, pelo menos. Talvez me fizesse uma covarde, mas enfrentar Bryaxis sozinha, para vinculá-lo em um corpo ligeiramente mais tangível e invocá-lo aqui para esmagar o exército de Hybern... Amren seria melhor... na conversação, na ordenação. Mas desde que eu não estava prestes a começar a gritar sobre meus planos no meio do acampamento... Eu amaldiçoei Amren profundamente e voltei para a minha tenda de guerra. Apenas para descobrir que meus planos não poderiam ser executados de qualquer maneira. Pois mesmo que eu trouxesse Bryaxis para o exército de Hybern... esse exército não estava mais onde deveria estar.

De pé ao lado da enorme mesa de trabalho na tenda de guerra, todos os lados ladeados com os GrãoSenhores e seus comandantes, eu cruzei os braços quando Helion deslizou um número inquietante de figuras por toda a metade inferior do mapa de Prythian.

- Meus batedores dizem que Hybern está em movimento desde esta tarde.

Azriel, sentado em um banquinho, suas asas e costas enfaixadas, o rosto ainda acinzentado devido a perda de sangue, acenou com a cabeça uma vez. “Meus espiões dizem o mesmo.” Sua voz ainda estava rouca de tanto gritar. Os ardentes olhos de âmbar de Helion se estreitaram.

- Ele mudou as direções, embora. Ele tinha planejado mover o exército para o norte... nos levando de volta dessa maneira. Agora ele está marchando para o leste.” Rhys apoiou as mãos na mesa, seu cabelo escuro deslizando para frente quando estudou o mapa.

- Então, ele está agora indo direto para a ilha, para quê? Teria sido melhor velejar ao redor. E eu duvido que ele mudou de idéia sobre nos encontrar em batalha. Mesmo com Tamlin agora se revelado como um inimigo. – Todos ficaram discretamente chocados, alguns aliviados, ao ouvi-lo. Embora não tivéssemos nenhum sussurro de Tamlin, se estaria agora marchando sua pequena força para nós. E nada de Beron, tampouco.

Tarquin franziu a testa. “Perder Tamlin não vai custar-lhe muitas tropas, mas Hybern poderia estar indo de encontro a outro aliado no leste da costa ou indo encontrar-se com o exército dessas rainhas humanas do continente.”

Azriel balançou a cabeça, estremecendo com o movimento e o que certamente fez caminho para as costas. “Ele enviou as rainhas de volta para suas casas, e lá elas permaneceram, seus exércitos nem sequer levantaram. Ele vai esperar para exercer essa cartada até que chegar no continente.” Uma vez que ele nos aniquilasse. E se nós não fôssemos amanhã... haveria qualquer pessoa para desafiar Hybern no continente?

Especialmente uma vez que essas rainhas reuniram seus exércitos humanos à seus domínios.

- Talvez ele esteja nos levando para uma outra perseguição. - Kallias pensou com uma careta, Viviane olhando para o mapa ao lado dele.

- Não é o estilo de Hybern. - Disse Mor. “Ele não estabelece padrões, ele sabe que estamos ciente do seu primeiro método de alongamento dessa batalha. Agora ele vai tentar de outra maneira.” Enquanto ela falava, Keir, em pé com dois capitães da Legião da Escuridão, silenciosamente a estudou de perto. Eu me preparei para qualquer tipo de zombaria, mas o macho apenas retomou a examinar o mapa.

Estas reuniões tinham sido o único lugar onde ela se preocupava em reconhecer o papel de seu pai nesta guerra e, mesmo assim, mesmo agora, ela mal olhou em seu caminho. Mas era melhor do que a hostilidade, embora eu não tinha dúvida de que Mor era suficiente sábia para não provocar Keir quando ainda precisávamos de sua Legião.

Especialmente após a legião de Keir ter sofrido tantas perdas naquela segunda batalha.

Se Keir estava furioso sobre essas vítimas, ele não tinha demonstrado, nem qualquer um de seus soldados, que não falavam com ninguém além de suas próprias fileiras, e apenas o que era necessário. Silêncio, eu supunha, era de longe preferível. O senso de auto-preservação de Keir, sem dúvida, manteve sua boca fechada nestas reuniões e acatou as ordens que foram enviadas em seu caminho.

- Hybern está atrasando o conflito. - Helion murmurou. “Por quê?” Eu olhei para Nestha, sentada com Elain perto dos braseiros de luz feérica.

- Ele ainda não tem a peça que faltava. Do poder do Caldeirão. - Rhys inclinou a cabeça, estudando o mapa, em seguida, minhas irmãs.

- Cassian. - Ele apontou para o rio enorme serpenteando pelo interior da Corte Primavera. “Se fôssemos cortar ao sul de onde estamos agora, a direita da ponta inferopr para as terras humanas... você atravessaria o rio, ou iria para o oeste longe o suficiente para evitá-lo?”

Cassian deu um passo a frente. Foi-se o rosto pálido e com dor de ontem. Uma pequena misericórdia. No lado oposto da mesa, Senhor Devlon parecia inclinado a abrir a boca para dar a sua opinião. Ao contrário de Keir, o comandante Illyriano não tinha tais escrúpulos em fazer o seu desdém por nós conhecido. Especialmente no que diz respeito às ordens de Cassian. Mas antes que Devlon pudesse se enfiar em seu caminho, Cassian disse: - A travessia do rio com todos seria demorada e perigosa. O rio é muito largo.

Mesmo com poucos, teríamos de construir barcos ou pontes para atravessar. E um exército deste tamanho... Nós teríamos que ir para o oeste, em seguida, cortar pelo sul. -

Quando as palavras desapareceram, o rosto de Cassian empalideceu. E eu olhei para onde o exército de Hybern agora estava marchando, para o leste, abaixo desse poderoso rio. De onde estávamos agora...

- Ele queria nós esgotar atravessando os exércitos para cá. - Disse Helion, pegando o fio do pensamento de Cassian. “Lutando nessas batalhas. Para que quando ele decidisse, não tivéssemos forças para atravessar pelo rio. Nós teríamos que ir a pé e tomar o caminho mais longo para evitar a travesseira.” Tarquin jurou agora. “Assim, ele poderia marchar para o sul, sabendo que estaríamos dias atrás. E entrar nas terras humanas sem resistência.”

- Ele poderia ter feito isso desde o início. - Kallias rebateu. Meus joelhos começaram a tremer.

- Por que agora?- Foi Nestha que disse de seu assento do outro lado da sala, perto do braseiro de luz feérica.

- Porque o insultamos. Eu e... e minhas irmãs.

Todos os olhos se voltaram para nós. Elain colocou a mão em sua garganta. Ela sussurrou. - “Ele vai

marchar sobre as terras... humanas, e matar cruelmente. Por nossa causa?”

- Eu matei sua sacerdotisa, - eu murmurei. - ”Você roubou do Caldeirão,” eu disse para Nestha. “E você...” Eu examinei Elain. “Roubar você de volta foi o insulto final.”

Kallias disse: “Só um louco iria usar o poder de seu exército apenas para se vingar de três mulheres.” Helion bufou.

- Você esquece que alguns de nós lutaram na Guerra. Nós sabemos em primeira mão qão desequilibrado, ele pode ser. E que algo como isso seria exatamente o seu estilo.

Eu chamei a atenção de Rhys.

*O que nós fazemos?* O polegar de Rhys escovou nas costas da minha mão.

- Ele sabe que iremos.

- Eu diria que ele está assumindo muito sobre o quanto nos preocupamos com os seres humanos. - Disse Helion. Keir parecia inclinado a concordar, mas sabiamente permaneceu em silêncio. Rhys deu de ombros.

- Ele pode ter visto a nossa priorização sobre a segurança de Elain como prova de que as irmãs Archeron mantem o domínio aqui. Ele acha que vai nos convencer a transportar os nossas bundas lá para baixo, provavelmente para um campo de batalha com algumas vantagens, e sermos aniquilados.

- Então, nós não vamos? - Tarquin franziu a testa.

- É claro que vamos. - Disse Rhys, endireitando-se à sua altura máxima e levantando o queixo.

- Nós estaremos em desvantagem, e exaustos, e isso não vai acabar bem. Mas isso não tem nada a ver com a minha parceira, ou suas irmãs. A Muralha caiu. Já se foi. É um mundo novo, e temos de decidir como devemos acabar com este antigo e começa-lo de novo. Temos de decidir se vamos começar ele, permitindo que aqueles que não podem se defender caiam no matadouro. Se somos esse o tipo de pessoas. Não cada Corte individualmente. Mas, nós, como povo Feérico. Nós deixaremos os seres humanos ficarem sozinhos?”

- Nós todos vamos morrer juntos, então. - Disse Helion.

- Bom, - disse Cassian, olhando para Nestha, - “Se eu acabar com a minha vida defendendo aqueles que mais precisam, então eu vou considera-la como uma morte bem gasta.” Senhor Devlon, por uma vez, acenou com a aprovação. Eu me perguntava se Cassian notou... se é que ele se importava. Seu rosto não revelou nada, não quando seu foco permaneceu totalmente em minha irmã.

- Assim eu, - disse Tarquin. Kallias olhou para Viviane, que estava sorrindo tristemente para ele. Eu podia ver o arrependimento... pelo tempo que tinham perdido.

Mas Kallias disse: “Vamos precisar partir até amanhã, se quisermos ter uma chance em interromper a matança.”

- Mais cedo do que isso. - Disse Helion, dando um sorriso deslumbrante. “ Em algumas horas.” Ele empurrou o queixo para Rhys. “Você percebe que os seres humanos vão ser abatidos antes de podermos chegar lá?”

- Não se pudermos agir mais rápido. Eu disse, girando meu ombro. Ainda rígido e dolorida, mas curando rápido. Todos eles levantaram as sobrancelhas. “Hoje à noite,” eu disse. “Nós atravessamos aqueles de nós que pudermos. Para as casas humanas da cidade.

E nós os atravessamos o quanto for possível antes do amanhecer “.

- E onde é que vamos colocá-los? - Helion exigiu.

- Velaris.

- Muito longe. - Rhys murmurou, examinando o mapa ante nós. “Para fazer tudo atravessando“. - Tarquin bateu um dedo no mapa... em seu território.

- Em seguida, os levamos para Adriata. Vou enviar Cresseida junto, deixá-la supervisionando-os.

- Vamos precisar de toda a força que temos para lutar contra Hybern. - Kallias disse cuidadosamente.

- Desperdiçá-la atravessando humanos...

- Não é lixo. - Eu disse. - “Uma vida pode mudar o mundo. Onde vocês todos estariam se tivessem considerado que salvar a minha vida foi um desperdício de tempo?”

Eu aponte para Rhys. “Se ele tivesse considerado que salvar minha vida Sob a Montanha era um desperdício de tempo? Mesmo que seja apenas vinte famílias, ou dez... Eles não são um desperdício. Não para mim - ou a você.”

Viviane estava dando a seu parceiro um olhar afiado, com reprovação, e Kallias teve o bom senso de balbuciar um pedido de desculpas. Então Amren disse atrás de nós, caminhando através das abas da barraca, “Espero que todos tenham votado para enfrentar Hybern na batalha.” Rhys arqueou uma sobrancelha.

- Nós fizemos. Por quê? - Amren definiu o livro sobre a mesa com um baque.

- Porque vamos precisar disso como uma distração. - Ela sorriu severamente para mim. “Precisamos chegar ao Caldeirão, menina. Todos nós.”

E eu sabia que ela não se referiu aos GrãoSenhores. Mas sim os quatro de nós, que tinham sido feitos. Eu, Amren... e minhas irmãs.

- Você encontrou outra maneira de pará-lo? - Perguntou Tarquin.

O queixo pontudo de Amren cortou em um aceno de cabeça.

- Melhor ainda. Eu encontrei uma maneira de parar todo o seu exército.



Precisaríamos de acesso ao Caldeirão, ser capaz de tocá-lo. Juntas. Sozinha, ele tinha quase me matado. Mas dividir entre outras que foram feitas... Poderíamos suportar seu poder letal. Se nós tivérmos tudo sob nosso controle, com um só feitiço poderíamos aproveitar seu poder para vincular o rei ao seu exército. E limpa-los da terra.

Amren tinha encontrado o feitiço para fazê-lo. Direto onde o Suriel havia afirmado que estaria codificado no Livro. Ao invés de anular os poderes do Caldeirão... nós anuláramos a pessoa que o controlava. E todo o seu exército. Mas nós tínhamos que alcançar o Caldeirão em primeiro lugar. E com os dois exércitos preparados para lutar...

nós iríamos nos mover somente quando a carnificina estivesse no seu auge. Quando Hybern estivesse distraído em meio ao caos.

A menos que ele planejasse usar o poder do caldeirão no campo de matança. O que era uma grande possibilidade. Não havia chance de nos infiltrarmos no acampamento do exército de novo, não depois que eu tinha roubado Elain. Então, teríamos de esperar até que ele caísse na armadilha que ele mesmo estabeleceu para nós. Esperar até que tomassemos posições desvantajosas no campo de batalha que ele selecionou, chegando exaustos das batalhas, e depois disso, a caminhada para lá. Exaustos de atravessar as famílias humanas para fora do seu caminho.

O que faremos. Naquela noite, qualquer um de nós que pudesse atravessar... eu iria para o minha velha vila com Rhysand.

\*\*\*

Fui para as casas onde eu já havia deixado ouro como uma mulher mortal. No início, eles não me reconheceram. Então eles perceberam o que eu era. Rhys segurou suas mentes suavemente, acalmando-os, enquanto eu explicava. O que tinha acontecido comigo, o que estava por vir. O que precisávamos fazer.

Eles não tinham tempo para embalar mais do algumas coisas. E todos foram tremendo enquanto atravessávamos por entre os mundos, para o calor de uma exuberante floresta, fora de Adriata, Cresseida já esperando com alimentos e um pequeno exército de funcionários para ajudar e organizar.

A segunda família não acreditou em nós. Pensavam que era algum truque dos feéricos. Rhys tentou segurar suas mentes, mas seu pânico era muito profundo, seu ódio muito tangível. Eles queriam ficar. Rhys não deu-lhes uma escolha depois disso. Ele atravessou toda a família, todos eles gritando. Eles ainda estavam gritando quando surgimos naquela floresta, mais humanos ao seu redor, nossos companheiros surgindo com novas famílias para Cresseida documentar e acalmar.

Então, nós continuamos. De casa em casa. Família por família. Qualquer um que estivesse no caminho de Hybern. A noite toda. Cada GrãoSenhor do nosso exército, qualquer comandante ou nobre com o dom e força. Até que estavam ofegantes. Até haver uma pequena cidade de seres humanos amontoados naquela floresta em pleno verão.

Até mesmo a força de Rhys sinalizado e ele mal podia atravessar de volta a nosso tenda. Ele desmaiou



antes que sua cabeça tivesse atingido o travesseiro, suas asas abertas sobre a cama. Muita pressão, muitos confiando em seu poder.

Eu o assisti dormir, contando suas respirações. Sabíamos... todos nós entendíamos.

Sabíamos que ele não iria se afastar do campo de batalha. Talvez fosse para inspirar outros a lutar, mas... nós sabíamos. Meu parceiro, minha família... eles lutariam, comprariam-nos tempo com suas vidas, enquanto Amren, minhas irmãs e eu tentávamos impedir o Caldeirão. Alguns iriam cair antes que pudéssemos alcançá-lo. E eles estavam dispostos a fazê-lo.

Se estavam com medo, nenhum deles deixou transparecer. Eu afastei o cabelo úmido de suor de Rhys da testa. Eu sabia que ele daria tudo antes que qualquer um de nós pudesse oferecer isso. Sabia que ele ia tentar. Era uma parte dele como seus membros, esta necessidade de sacrificar-se, para proteger.

Mas eu não iria deixá-lo fazer isso... não sem tentar de tudo.

Amren não tinha mencionado Bryaxis em nossas conversas anteriores. Parecia ter esquecido isso. Mas nós ainda tínhamos uma batalha a travar amanhã. E se Bryaxis poderia comprar a meus amigos, poderia comprar a Rhys, qualquer tempo extra enquanto eu caçava o Caldeirão... se pudesse lhes dar uma chance mais fina de sobrevivência...

Então o Entalhador de Ossos poderia também.

Eu não me importava com o custo. Ou o risco. Não quando olhei para o meu parceiro dormindo, cansado alinhando seu rosto. Ele tinha dado o suficiente. E se isso me quebrasse, me deixasse louca, levando-me distante...

Tudo que Amren precisaria era a minha presença, meu corpo, amanhã com o Caldeirão. Qualquer outra coisa... se era o que eu tinha que dar... a mim mesma como custo para comprar a eles qualquer chance de sobrevivência ... Eu ficaria feliz em pagar.

Encararia. Então eu reuni os restos do meu poder, atravessei e atravessei para o norte. Para a Corte dos Pesadelos.

Havia uma escada em caracol, nas profundezas da montanha. Isso levava a um único lugar: a câmara perto do pico mais alto. Eu tinha aprendido tanto com minha pesquisa. Eu estava na base daquela escada, olhando para a escuridão impenetrável, minha respiração condensando na minha frente.

Mil degrais. Eram muitos passos entre mim e o Ouroboros. O espelho de começos e finais.

*Só você pode decidir o que te quebra, Quebradora de Maldições. Só você.*

Eu acendi uma bola de luz féérica sobre a minha cabeça e comecei a subir.

CHAPTER

Eu não esperava a neve. Ou a luz da lua. A câmara deveria ter ficado abaixo do palácio da Montanha, não no pico mais alto dela, acolhendo montes de neve e o luar.

Rangi os dentes contra o frio intenso, o vento uivando através das rachaduras como lobos fúriosos além da montanha. A neve brilhava sobre as paredes e o chão, escorregando sobre minhas botas com as rajadas de vento.

O luar iluminou dentro, brilhante o suficiente para que eu dispensasse minha bola de luz feérica, banhando toda a câmara em azul e prata. E lá, contra a parede oposta da câmara, com crostas de neve em sua superfície, em seu invólucro de bronze... O

Ouroboros.

Era um enorme e redondo disco, tão alto quanto eu. Mais alto até. E o metal em torno dele tinha sido formado como uma serpente enorme, o espelho surgindo dentro do seu corpo, uma vez que consumia o seu próprio rabo.

Terminando e começando.

Do outro lado da sala, com a neve... eu não podia vê-lo.

O que estava dentro.

Obriguei-me a dar um passo adiante. Outro. O espelho em si era negro como a noite, ainda que... totalmente claro. Eu mesmo me vi chegando. Assisti o braço que eu tinha levantado contra o vento e a neve, a expressão pinçada em meu rosto. A exaustão. Parei três pés de distância. Eu não ousei tocá-lo.

Ele só me mostrou a mim mesmo.

Nada.

Olhei para o espelho para qualquer sinal de... algo para empurrar ou tocar com a minha magia. Mas havia apenas a cabeça devorando a serpente, sua goela escancarada, com gelo em suas brilhantes presas. Estremeci contra o frio, esfregando os braços. Meu reflexo fez o mesmo.

- Olá? - Eu sussurrei. Não havia nada. Minhas mãos queimavam pelo frio. De perto, a superfície do Ouroboros era como um cinza, um mar calmo. Imperturbável.

Adormecido. Mas no seu canto superior... movimentos. Não... não movimentos do espelho.

Atrás de mim.

Eu não estava sozinha.

Rastejando pela parede beijando a neve, uma besta maciça de garras, escamas e dentes para retalhar

peles avançou em direção ao chão. Para mim. Eu mantive minha respiração estável. Não o deixando cheirar uma mecha do meu medo, fosse o que fosse.

Alguns guardiões deste lugar, uma criatura que se arrastava através das rachaduras...

suas enormes patas eram quase silenciosas no chão, a pele sobre ela era uma mistura de preto e dourado. Não uma besta projetada para caçar nestas montanhas. Certamente não com o cume de escalas escuras as suas costas. E os grandes olhos brilhantes. Eu não tive tempo para uma observação sobre aqueles olhos azul-acinzentados, quando a besta atacou.

Virei-me, punhal Illyriano na minha mão congelando, abaixando-me e apontando para cima, para o coração. Mas nenhum impacto veio. Apenas neve, frio e vento. Não havia nada ante mim.

Atrás de mim. Nenhuma das impressões de patas na neve.

Virei-me para o espelho. Onde eu estava de pé... a besta agora estava sentada, cauda balançando através da neve, braços cruzados. Me assistindo. Não... não assistindo.

Olhando de volta para mim.

*Meu reflexo.*

Do que se escondia debaixo da minha pele.

Minha faca caiu para as pedras e a neve. E eu olhei para o espelho.

\*\*\*

O Entalhador de Ossos óssos estava sentado contra a parede quando entrei em sua cela.

- Não acompanha o tempo?

Eu só olhava para ele, aquele menino. *Meu filho*. E pela primeira vez, o Entalhador parecia estar muito calmo e quieto. Ele sussurrou: “Você recuperou.”

Eu olhei para um canto da cela. O Ouroboros apareceu, neve e gelo ainda fazendo crostas nele.

- Você é meu para convocar, onde e quando quiser.

- Como?

As palavras ainda soavam estrangeiras, como algo estranho. Este corpo para o qual eu tinha voltado... era estranho, também. Minha língua estava seca como papel, quando eu disse, “Eu olhei.”

- O que você viu? – O Entalhador de Ossos se levantou.

Eu afundei um pouco mais para trás em meu corpo. Apenas o suficiente para sorrir um pouco. “Isso não é da sua preocupação.”

Para o espelho... eu tinha me mostrado. Tantas coisas. Eu não sabia quanto tempo tinha passado. O tempo tinha sido diferente dentro do espelho. Mesmo algumas horas poderiam ter sido demasiado tempo - eu apontei para a porta. “Você tem o seu espelho.

Agora defenda até o fim. A batalha aguarda. ”

O Entalhador de Ossos olhou entre mim e o espelho. E sorriu. "Seria um prazer."

E a maneira como ele disse... eu estava repentinamente seca, minha alma nova trêmula, e ainda assim eu perguntei: “O que você quer dizer? ”

O Entalhador simplesmente ajeitou a roupa. “Eu tenho pouca necessidade para essa coisa”, disse ele, apontando para o espelho.

- Mas você pediu. - Eu pisquei lentamente.

- Eu queria ver quanto valia minha ajuda. - O Carver continuou. “É raro uma pessoa enfrentar quem eles realmente são e não fugir disso, não ser quebrado por isso. Isso é o que o Ouroboros mostra a todos os que olham para ele: quem são, cada polegada desprezível e profana. Alguns olham por seus ombros sem nem sequer perceber que o horror que eles estão vendo é deles, mesmo que o terror os deixe louco. Alguns pela arrogância, são quebrados pela pequena criatura, de dar pena que encontram em seu lugar.

Mas você... sim, realmente raro. Eu não podia correr o risco de sair daqui por nada menos.”

Raiva... raiva começou a borbulhar e preencher os buracos deixados pelo o que eu tinha contemplado nesse espelho. “Você queria ver se eu era digna? ”

Que pessoas inocentes eram dignas de serem ajudadas.

Um aceno de cabeça. "Eu fiz. E você é. E agora vou ajudá-la. ”

Eu me debatido sobre empurrar aquela porta da cela na cara dele. Mas eu só disse calmamente: “Bom. ”

Eu andei até ele. E eu não estava com medo quando agarrei a mão fria do Entalhador de Ossos. “Então vamos começar.”

CHAPTER

O amanhecer, dourava as brumas baixas que serpenteavam sobre as planícies da terra mortal. Hybern tinha arrasado tudo, desde a Corte Primavera até poucas milhas antes de o mar. Incluindo a minha aldeia. Não havia mais nada além de cinzas e fumaça, até as pedras se desintegravam quando nós marchamos por elas.

E a propriedade do meu pai... um terço da casa permaneceu de pé, o resto foi destruído. Janelas quebradas, paredes rachadas até a parte baixa da fundação. O jardim de Elain foi pisoteado, era pouco mais que um poço de lama. O carvalho orgulhoso perto da borda da propriedade... onde Nestha gostava de ficar na sombra e olhar para as nossas terras... ele havia sido queimado até uma casca esquelética.

Foi um ataque pessoal. Eu sabia. Todos nós sabíamos.

O rei havia ordenado matar o nosso gado. Eu tinha conseguido levar os cães e cavalos na noite anterior, juntamente com os funcionários e suas famílias. Mas as riquezas, os toques pessoais... saqueados ou destruídos.

*Isso porque Hybern não se demorou para dizimar o que estava de pé a esquerda da casa, Cassian me disse, sugeria que ele não nos queria ganhando muito terreno sobre ele. Ele queria estabelecer sua vantagem... escolheria o campo de batalha direito.*

Nós não tínhamos dúvida de que encontrar as aldeias vazias ao longo do caminho aguçou a fúria do rei. E havia suficientes cidades e aldeias que não tínhamos atingido a tempo, mesmo nós nos apressando.

Um feito mais fácil na teoria do que na prática, com um exército do nosso tamanho e feito de tantos soldados com diferentes treinamentos, com tantos líderes dando ordens sobre o que fazer.

Os Illyrianos estavam irritados... puxando a coleira, mesmo sob o comando estrito do Senhor Devlon. Irritados que nós tivemos que esperar pelos outros, que não poderiam apenas voar em frente e interceptar Hybern, detê-los antes que eles pudessem selecionar o campo de batalha. Eu assisti Cassian se lançar sob dois capitães diferentes dentro do período de três horas, observei-o ameaçar os soldados que resmungavam para transportar carros e vagões de suprimentos, ao invés de ter a honra na linha de frente. Assim que os outros viram que ele quis dizer cada palavra, cada ameaça... a queixa cessou.

Keir e sua Legião da Escuridão assistiram Cassian, também, e foram sábios o suficiente para manter qualquer descontentamento longes de suas línguas, seus rostos.

Para manter a marcha, sua armadura escura se misturando com cada milha que passava.

Durante a breve pausa do meio-dia em um grande prado, Nestha e eu subimos dentro de um dos vagões cobertos da caravana de abastecimento para vestirmos os couros de combate Illyrianos. Quando surgimos, Nestha até mesmo embainhou uma faca ao seu lado. Cassian tinha insistido, mesmo admitindo que desde que ela era inexperiente, era tão susceptível de ferir a si mesma com a faca do que machucar alguém. Elain... ela tinha dado uma olhada em nós e desviou os olhos para as gramas balançando fora daquele vagão, depois de ver as pernas e tudo mais que ficava em exibição, corou carmesim.

Viviane entrou em cena, oferecendo um traje da Corte de Invernal que era muito menos escandaloso: calças de couro, mas emparelhadas com um manto azul com comprimento até a coxa, com uma pele branca como colar. No calor, seria miserável, mas Elain estava agradecida o suficiente para que ela não se queixasse quando novamente saiu do vagão coberto e encontramos os nossos companheiros esperando.

Ela recusou a faca que Cassian entregou-lhe, no entanto. Ficou branca como a morte com a visão dela. Azriel, ainda mancando, apenas empurrou de lado Cassian e estendeu outra opção.

- Esta é a Reveladora da Verdade. - Ele disse a ela suavemente. “Eu não vou usá-la hoje, então eu quero que fique com você.” Suas asas tinha curado, embora longas cicatrizes finas agora rasgassem até embaixo. Ainda não estavam fortes o suficiente, Madja tinha advertido, para voar hoje.

A discussão com Rhys esta manhã tinha sido rápida e brutal: Azriel insistiu que ele poderia voar, lutar com as legiões, como tinham planejado. Rhys recusou. Cassian recusou. Azriel ameaçou escorregar em uma sombra e lutar de qualquer maneira. Rhys se limitou a dizer que se ele chegasse a tentar, ele prenderia Azriel a uma árvore. E Azriel...

foi só quando Mor tinha entrado na tenda e pedido-lhe... lhe implorado com lágrimas nos olhos, que ele cedeu.

Concordou em ser os olhos e ouvidos e nada mais. E agora, de pé entre o sussurro do prado de gramíneas em sua armadura Illyriana, todos os sete Sifão reluzentes... os olhos de Elain se arregalaram com a lâmina de obsidiana, empunhada na mão cheia de cicatrizes de Azriel. As runas na bainha escura.

- Ela nunca me falhou uma vez. - Disse o encantador de sombras, o sol do meio-dia sendo devorada pela lâmina escura. “Algumas pessoas dizem que é mágica e sempre mostra a verdade.” Ele gentilmente pegou sua mão e apertou o punho da lâmina lendária nela. “Ela irá atendê-la bem.”

- Eu... eu não sei como usar ela-

- Eu vou ter certeza que você não precise. - Eu disse, a grama sendo triturada quando eu me aproximei. Elain pesava minhas palavras... e lentamente fechou os dedos em torno da lâmina.

Cassian olhava boquiaberto para Azriel, e me perguntei quantas vezes Azriel havia emprestado essa adaga.

*Nunca*, Rhys disse de onde ele terminava de amolar suas próprias armas contra o lado do vagão. *Eu nunca vi, sequer uma vez, Azriel deixar outra pessoa tocar essa adaga.*

Elain olhou para Azriel, unindo seus olhos, sua mão ainda persistente no punho da lâmina. Eu vi a pintura na minha mente: uma linda jovem corsa, a primavera florescendo vibrante atrás dela. Morte, sombras e terrores espreitando sobre seu ombro. Luz e escuridão, o espaço entre seus corpos uma mistura dos dois. A única ponte de ligação...

essa adaga.

*Pinte que quando chegarmos em casa.*

*Intrometido.* Olhei por cima do meu ombro para Rhys, que se aproximou de nosso pequeno círculo na

grama. Seu rosto permanecia mais abatido do que o habitual, linhas de tensão marcando sua boca. E eu percebi... eu não consegui passar a última noite com ele. Essa tinha sido a última noite. Havíamos passado atravessando...

*Não pense assim. Não vá para esta batalha pensando que você não vai voltar novamente.* Seu olhar era afiado. Inflexível.

Minha respiração tornou-se difícil. *Está é nossa última pausa, é a última vez que todos nós estaremos assim conversando.* Esta era a etapa final da marcha, estávamos prestes a... Isso nos levaria direto para o campo de batalha.

Rhys levantou uma sombrancelha. *Você gostaria de entrar nesse vagão por alguns minutos, então? É um pouco apertado entre as armas e suprimentos, mas posso fazê-lo funcionar.*

O humor... foi tanto para mim como para ele. Peguei a mão dele, percebendo que os outros estavam falando baixinho, Mor já estando com a armadura completa, escuro, Amren... Amren estava em couros Illyrianos, também. Eram tão pequenos que deviam ter sido feitos para uma criança.

*Não diga a ela, mas eles foram.* Meus lábios puxaram em direção a um sorriso. Mas Rhys olhou para todos nós, de alguma forma aqui reunidos nas gramíneas abertas banhadas pelo sol sem ter sido dada a ordem. Nossa família... nossa Corte. A Corte dos Sonhos.

Todos se acalmaram. Rhys olhou-os cada um nos olhos, até mesmo minhas irmãs, sua mão escovando a parte de trás da minha própria.

- Vocês querem a conversa inspiradora ou aquela sombria? - Perguntou.

- Queremos a que for real. - Disse Amren. Rhys empurrou os ombros para trás, elegantemente dobrando suas asas atrás dele.

- Eu acredito que tudo acontece por uma razão. Se foi decidido pela Mãe, ou pelo Caldeirão, ou algum tipo de tapeçaria do Destino, eu não sei. Eu realmente não me importo. Mas eu sou grato a isso, seja o que for. Grato que ele trouxe todos para minha vida. Se não tivesse... eu poderia ter me tornado tão terrível como essa vespa que vamos enfrentar hoje. Se eu não tivesse conhecido um guerreiro Illyriano em treinamento,“ -

disse ele a Cassian, - “eu não teria conhecido as verdadeiras profundezas da força, da resistência, da honra e lealdade.” Os olhos de Cassian ficaram brilhantes.

Rhys disse a Azriel, “Se eu não tivesse conhecido um encantador de sombras, eu não teria descoberto que família é aquela que você faz, não a que você nasce, é que importa. Eu não saberia o que é verdadeiramente ter esperança, mesmo quando o mundo lhe envia para o desespero.” Azriel curvou a cabeça em agradecimento. Mor já estava chorando quando Rhys falou com ela. “Se eu não tivesse conhecido minha prima, eu nunca teria aprendido que a luz pode ser encontrada mesmo no mais escuro dos infernos.

Que a bondade pode prosperar mesmo entre a crueldade.”

Ela enxugou as lágrimas enquanto concordava. Esperei por Amren oferecer uma réplica. Mas ela só

estava esperando. Rhys inclinou a cabeça para ela. “Se eu não tivesse encontrado um pequeno monstro que acumula jóias mais ferozmente do que um dragão cuspidor de fogo...” Isso arrancou um riso tranquilo de todos nós. Rhys sorriu suavemente. “Meu próprio poder teria me consumido há muito tempo.”

Rhys apertou minha mão quando ele olhou para mim finalmente. - “E se eu não tivesse conhecido a minha parceira...” Suas palavras falharam quando prata alinharam-se em seus olhos. Ele disse pelo vínculo, *Eu teria esperado quinhentos anos mais por você.*

*Mil anos. E se isso é todo o tempo que fomos autorizados a ter... A espera valeu a pena.*

Ele enxugou as lágrimas correndo pelo meu rosto.

- Eu acredito que tudo aconteceu, exatamente do jeito que tinha que ser... para que eu pudesse encontrá-la.  
- Ele beijou outra lágrima. E então ele disse às minhas irmãs, “Nós não nos conhecemos há muito tempo. Mas eu tenho que acreditar que vocês foram trazidas aqui, para nossa família, por uma razão também. E talvez hoje nós descobriremos por que “.

Ele examinou a todos de novo, e estendeu a mão para Cassian. Cassian tomou-a, e estendeu a outra para Mor. Então Mor estendeu a outra para Azriel. Azriel para Amren.

Amren para Nestha. Nestha à Elain. E Elain para mim. Até que todos estávamos ligados, todos unidos. Rhys disse: “Caminharemos para esse campo e só aceitaremos a Morte quando ela vier transportar-nos para o Outro Mundo. Vamos lutar pela vida, pela sobrevivência, pelo nosso futuro. Mas se for decidido por essa tapeçaria do Destino, ou o Caldeirão ou a Mãe que nós não andaremos para fora desse campo hoje...” Seu queixo levantou. “A grande alegria e honra da minha vida foi os ter conhecido. E poder chamá-

los de minha família. E eu sou grato, mais do que posso dizer, pelo tempo que me foi dado com todos vocês.“

- Nós que estamos gratos, Rhysand. - Amren disse calmamente. “Mais do que você imagina.” Rhys lhe deu um pequeno sorriso, enquanto os outros murmuraram de acordo.

Ele apertou minha mão novamente quando disse: “Então vamos fazer Hybern muito infeliz por ter nos conhecido, também.”

\*\*\*

Eu podia sentir o cheiro do mar muito antes de contemplarmos o campo de batalha.

Hybern tinha escolhido bem.

Uma vasta planície gramínea se estendia até a margem. Por uma milha antes, ele havia plantado seu exército. Ele ondulava distante, uma massa escura se espalhando pelo horizonte oriental. Montes rochosos se erguiam às suas costas - alguns de seus exércitos também estavam em cima deles. Na verdade, até a planície parecia inclinar-se para o leste.

Fiquei ao lado de Rhysand, no topo de uma larga colina com vista para a planície, minhas irmãs, Azriel e Amren atrás. Na linha de frente, bem à frente, Helion, que resplandecia em uma armadura dourada e uma



capa vermelha ondulada, deu ordem para parar. Os exércitos obedeceram, mudando-se para as posições que tinham estabelecido.

Quem enfrentaríamos, entretanto... eles estavam esperando. Equilibrados.

Eram muitos. Eu sabia sem contar que estávamos em grande desvantagem.

Cassian pousou dos céus, com o rosto inexpressivo, todos os seus Sifões ardendo enquanto cruzava a colina do topo em alguns passos.

- Ele tomou cada polegada de terreno elevado e vantajoso que pode encontrar. Se quisermos derrotar eles, nós teremos que os perseguir dentro daqueles montes. Que eu não tenho nenhuma dúvida que foi calculado. Provavelmente definiu todos os tipos de surpresas.

Ao longe, aqueles cães - Naga começaram a rosar e uivar. Com fome. Rhys unicamente perguntou: “Quanto tempo você acha que temos?” Cassian apertou a mandíbula, olhando para minhas irmãs. Nestha o observava profundamente; Elain monitorava o exército da nossa pequena elevação, com o rosto branco de medo.

- Temos cinco GrãoSenhores, e lá há apenas um. Vocês todos podem proteger-nos por um tempo. Mas não é do nosso interesse drenar todos vocês, nem do dele. Ele terá escudos, também, e o Caldeirão. Ele tem sido cuidado em não deixar-nos ver toda a extensão do seu poder. Não tenho dúvidas de que estamos prestes a descobrir, no entanto.”

- Ele provavelmente vai estar usando feitiços. - Eu disse, lembrando do que ele tinha retomado de Amarantha.

- Certifique-se de que Helion esteja em alerta. - Azriel ofereceu, mancando para o lado de Rhys. “E Thesan.”

- Você não respondeu minha pergunta; - Disse Rhys para Cassian.

Cassian avaliou exército interminável de Hybern, então o nosso.

- Vamos dizer tudo vai mal. Se depois de o escudo quebrar, ele decidir usar o caldeirão... poucas horas.

Fechei os olhos. Durante esse tempo, eu teria que atravessar o campo de batalha ante nós, encontrar onde quer que ele mantinha o caldeirão, e pará-lo.

- Minhas sombras estão caçando por ele - Disse Azriel para mim, lendo meu rosto quando eu abri meus olhos. Sua mandíbula se apertou com as palavras. Deveria estar procurando por ele mesmo. Seus sifões queimaram e ele ajustou suas asas, como se as testasse. “Mas as proteções são fortes... sem dúvidas reforçadas pelo rei depois de invadirmos seu no acampamento. Você pode ter que ir a pé. Aguarde até que o abate comece a ficar desleixado. “

Cassian abaixou a cabeça e disse a Amren: “Você vai saber quando.”

Ela assentiu bruscamente, cruzando os braços. Eu me perguntei se ela tinha dito adeus a Varian. Cassian

bateu no ombro de Rhys.

- Em seu comando, eu vou pegar os Illyrianos e ir para os céus. Nós avançamos em seu sinal depois disso.

Rhys assentiu, distante, a atenção ainda fixa no exército esmagador. Cassian deu um passo para longe, mas olhou para Nestha. Seu rosto estava duro como granito. Ele abriu a boca, mas pareceu decidir contra o que ele estava prestes a dizer. Minha irmã não disse nada quando Cassian se atirou para o céu com um poderoso impulso de suas asas.

No entanto, ela acompanhou seu vôo até que ele era pouco mais que uma mancha escura.

- Eu posso lutar no chão. - Disse Azriel para Rhys.

- Não.

Não havia como discutir com esse tom. Azriel parecia que queria debater, mas Amren balançou a cabeça em sinal de advertência e ele recuou, sombras enrolando em seus dedos. Em silêncio, vimos o nosso exército estabelecer-se em linhas limpas, sólidas.

Assistidos pelos Illyrianos que levantaram aos céus por uma ordem silenciosa de Rhys enviadas para Cassian, formando linhas espelhadas acima. Sifões de varias cores cintilavam, e escudos bloqueavam o lugar, tanto mágicos como de metal.

O próprio chão balançou a cada passo em direção a essa linha de demarcação. Rhys disse em minha mente, *Se Hybern tem um bloqueio no meu poder, ele vai sentir-me esgueirando pelo campo de batalha.*

Eu sabia o que ele estava querendo dizer. *Você é necessário aqui.*

*Se ambos desaparecem, ele saberá.* Uma pausa. *Você está com medo?*

*Você está?* Seus olhos violeta pegaram os meu. Poucas estrelas brilhavam dentro deles.

“Sim”, ele respirou.

*Não por mim.*

*Por todos vocês.*

Tarquin gritou uma ordem muito à frente, e nosso exército unificado chegou a um impasse, como um animal poderoso sendo pausado.

Estival, Invernal, Diurna, Crepuscular, e as forças da Corte Noturna, cada Corte claramente marcada pelas alterações de cor e armadura.

Feéricos e GrãoSenhores lutando lado a lado, etéreo e mortal. Uma legião de Peregryns do Thesan s estabeleceram em sua formação ao lado dos Illyrianos, sua armadura dourada brilhante contra o preto sólido da nossa própria.

Nenhum sinal de Beron ou Eris, nenhum sussurro da Outonal chegando para nos ajudar. Ou Tamlin. Mas o exército de Hybern não avançou. Eles podiam muito bem terem sido estátuas. O silêncio, eu sabia, era mais para nos enervar.

- Magia em primeiro lugar. - Amren estava explicando para Nestha. “Ambos os lados vão tentar derrubar os escudos em torno dos exércitos.”

Como se em resposta, eles fizeram. Minha magia se contorceu em resposta aos GrãoSenhores desencadeando todo seu poder, menos Rhysand. Ele estava guardando seu poder para quando os escudos caíssem. Eu não tinha dúvidas de que Hybern estava fazendo a mesma coisa através da planície.

Os escudos falham em ambos os lados. Alguns morreram. Não muitos, mas alguns.

Magia contra magia, o tremor da terra, a grama entre os exércitos queimando e transformando-se em cinzas.

- Eu esqueci como é chato esta parte. - Amren murmurou. Rhys lhe lançou um olhar seco. Mas ele caminhou para a borda da nossa pequena colina, como se sentisse que o impasse estava prestes a quebrar.

Ele lançaria um poderoso golpe, devastando o exército no momento que seus escudos dobrassem. Uma onda autêntica ao poder da noite surgindo. Seus dedos flexionaram em seus lados. À minha esquerda, os Sifões de Azriel brilhavam, preparando-se para desencadear explosões ecoando as de Rhysand. Ele poderia não ser capaz de lutar, mas iria exercer o seu poder a partir daqui.

Eu fui para o lado de Rhys. À frente, ambos os escudos deram seu último balanço.

- Eu nunca lhe dei um presente de casamento. - Eu disse. Rhys acompanhava a batalha pela frente. Seu poder retumbando abaixo de nós, surgindo a partir do coração sombrio do mundo. Em breve. Era uma questão de momentos. Meu coração trovejou, suor surgiu em minha testa, não apenas do calor do verão que agora engrossava em todo o campo. “Eu estive pensando e pensando,” eu continuei, “sobre o que te dar.”

Lentamente, muito lentamente, os olhos de Rhys deslizaram para os meus. Apenas um abismo de poder estava dentro deles, apagando aquelas estrelas. Eu sorri para ele, banhando-me em seu poder, e enviei uma imagem em sua mente.

Da minha coluna, agora coberto desde a minha base até a minha nuca com as quatro fases da lua. E uma pequena estrela no meio delas.

- Mas, eu admito, - eu disse enquanto seus olhos queimavam, “este presente de acasalamento é, provavelmente, para nós dois.”

O escudo de Hybern desabou. Minha magia estalou através de mim, cortando através do mundo. Tirando o glamour eu mantive no lugar por horas. Antes da nossa linha de frente... Uma nuvem de escuridão apareceu, contorcendo-se e girando sobre si mesmo.

- Mãe acima. - Azriel respirava. A direita uma figura masculina apareceu ao lado da fumaça de ébano. Ambos os exércitos pareciam fazer uma pausa de surpresa.

- Você recuperou os Ouroboros. - Rhys sussurrou. Diante de Hybern estavam o Entalhador de Ossos e no ninho vivo de sombras estava Bryaxis, que na noite passada foi libertada e contida em um corpo Feérico por mim. Ambos obrigados a obedecer pela barganha simples que agora tinha marcada com tinta em minha espinha.

- Eu fiz.

Ele me varreu da cabeça aos pés, o vento agitando seu cabelo negro-azulado quando ele pediu suavemente: “O que você viu?”

Hybern estava se mexendo, freneticamente avaliando quem e o que agora estava diante deles. O Entalhador tinha escolhido a forma de um soldado Illyriano no seu auge.

Bryaxis quis permanecer dentro da escuridão turva em torno dele, a tapeçaria viva que usaria para revelar os pesadelos de suas vítimas.

- Eu mesmo. Eu disse finalmente. “Eu me vi.”

Era, talvez, a única coisa que eu nunca iria mostrar a ele. A ninguém. Como eu tinha encolhido-me, me enfurecido e chorado. Como eu tinha vomitado, gritado, e agarrado o espelho. Batendo meus punhos nele. E depois me enrolado, tremendo a cada coisa horrível, cruel e egoísta que eu tinha contemplado nesse monstro dentro de mim. Mas eu tinha me mantido assistindo. Eu não desviei dele. E quando o meu tremor parou, eu estudei. Todas essas coisas miseráveis.

O orgulho, a hipocrisia e a vergonha.

A raiva, a covardia e a dor.

Então eu comecei a ver outras coisas. Coisas mais... mais importantes, vitais.

- E o que eu vi, - eu disse baixinho a ele quando o Entalhador levantou a mão. “Eu acho que... eu acho que adorei. Perdoei-me. Por tudo.”

Foi só nesse momento que eu soube... eu entendi o que a frase do Suriel significava.

Só eu poderia permitir que o mau me quebrasse. Que eu poderia possuí-lo, abraçá-lo. E

quando eu percebi isso... o Ouroboros se rendeu a mim. Rhys arqueou uma sobrancelha, quando um temor rastejou em seu rosto.

- Você aceita tudo isso, o bom e o mau? - Eu sorri um pouco.

- Especialmente o mau.

As duas figuras pareciam tomar um fôlego, uma poderosa inspiração que teve reflexo na nuvem escura de Bryaxis. Preparando-se para a diversão. Inclinei minha cabeça para meu parceiro.

- Aqui estamos, a um longo, acasalamento feliz, Rhys.

- Parece que você chegou antes de mim.

- Para quê?

Com uma piscadela, Rhys apontou para Bryaxis e o Entalhador. Outra figura apareceu.

O Entalhador tropeçou um passo para trás.

E eu sabia de quem era a figura esguia, fêmea, com um fluxo escuro de cabelos, que teve uma vez... que tinha novamente um belo rosto...

Eu sabia quem ela era.

Stryga, a Tecelã. E no topo dos cabelos escuros da Tecelã... uma jóia azul pálida brilhava. A jóia de Ianthe. Um troféu de sangue. A Tecelã sorriu para seu irmão gêmeo, deu-lhe um arco de zombaria, e enfrentou o inimigo diante deles.

O Entalhador interrompeu seu retiro lento, olhou para sua irmã por um longo momento, então virou-se para o exército mais uma vez.

- Você não é o único que pode oferecer pechinchas, você sabe.” Rhys falou lentamente com um sorriso malicioso. O Tecelã. Rhys tinha feito a Tecelã se juntar a nós.

- Como?

Ele inclinou seu pescoço, revelando um pequeno, círculo de tatuagem atrás da orelha. “Eu mandei Helion para negociar em meu nome, por isso que ele estava no Centro aquele dia que encontrou você. Para se oferecer para quebrar o feitiço de contenção sobre a tecelã... em troca de seus serviços hoje.”

Eu pisquei para meu parceiro. Então sorri, sem me preocupar em esconder a selvageria dentro dele.

- Hybern não tem idéia do inferno que está prestes a chover sobre eles.

- Aqui é uma reunião de famílias. - Foi tudo que Rhys disse. Em seguida, a Tecelã, o Entalhador e Bryaxis desencadearam-se sobre Hybern.

CHAPTER

- Você realmente fez isso. - Amren murmurou, observando quando os três imortais bateram nas linhas de Hybern, e os gritos começaram. Corpos caíram diante deles; corpos eram deixados em seu caminho... alguns como meras cascas envoltas de armadura.

Drenados pelo Entalhador e a Stryga. Alguns fugiam do que viam em Bryaxis, a face de seus medos mais profundos.

Rhys ainda estava sorrindo para mim quando ele estendeu a mão para o exército de Hybern, agora tentando ajustar-se à devastação desenfreada. Com seus dedos apontados, poder obsidiano irrompeu deles. Um pedaço enorme do exército de Hybern apenas...

enevoaram-se. Névoa vermelha e metal desabando no lugar onde eles estavam.

Rhys ofegou, com os olhos um pouco selvagem. O ataque foi bem colocado.

Dividindo o exército em dois. Azriel desencadeou uma segunda rodada de luz azul no flanco agora exposto. Dirigindo-os afastados.

Os Illyrianos se moveram.

Esse tinha sido o sinal de Rhys.

Eles desciam dos céus, exatamente quando uma legião de Hybern se levantou, repleta de coisas como o Attor. Escondidos entre as fileiras de Hybern. Sifões queimaram, escudos de bloqueio no lugar e os Illyrians lançaram setas com uma precisão mortal. Mas a legião Attor estava bem preparada. E quando eles responderam com um remate de suas próprias... flechas, essas com pontas feitas de faebane. Mesmo que o antídoto de Nuan estivesse nas veias de nossos soldados, isso não se estendia a sua magia que não ofereceu nenhuma defesa contra a própria pedra.

As flechas de Faebane perfuraram os escudos dos Sifões... tão facilmente como manteiga. O rei tinha adaptado-se, melhorou o seu arsenal. Alguns Illyrianos caíram rapidamente. Os outros perceberam a ameaça e usaram seus escudos de metal, os desprendendo das costas.

Em terra, Tarquin, Helion e os soldados de Kallias começaram a avançar. Hybern soltou seus cachorros e outros animais. E quando esses dois lados correram um para o outro... Rhys enviou outra explosão, seguida por uma onda de energia a partir de Tarquin.

Dividindo e empurrando linhas de Hybern em grupos irregulares.

E através disso tudo, Bryaxis... tudo que eu podia ver dele era um borrão de constante mudança, garras, presas, asas e músculos, mudando e girando dentro dessa nuvem negra que atacava e sufocada. Sangue pulverizando onde quer que ela mergulhou soldados gritando. Alguns pareciam morrer de puro terror.

O Entalhador de Ossos lutava perto de Bryaxis. Nenhuma arma a vista além de uma cimitarra de marfim – osso - nas mãos masculinas. Ele varria-o diante de si, como se estivesse podando o trigo. Soldados

caiam mortos antes qualquer golpe atingisse sobre eles. Mesmo o corpo Feérico que estava não poderia conter ou sufocar esse letal poder.

Hybern fugia diante dele. Da Tecelã. Que estava do outro lado do Entalhador, deixando cascas de cadáveres em seu rastro... Stryga estava trançando através de Hybern em um emaranhado de cabelos negros e membros brancos. Nossos próprios soldados, felizmente, não hesitavam enquanto corriam para as linhas inimigas. Enviei uma ordem rugida pela ligação dupla que agora me unia ao Entalhador e Bryaxis, lembrando-lhes, com meus dentes cerrados, que os nossos soldados não deveriam ser incluídos nos seus jogos. *Apenas Hybern e seus aliados.* Ambos se enfureceram contra a ordem, puxando a coleira. Eu reuni cada pedaço de noite e da luz das estrelas que tinha e rosnei para me obedecerem.

Eu podia jurar sentir um descrente sentimento sobrenatural e resmungos sobre isso em resposta. Mas eles ouviram. E não atingiram nossos soldados que finalmente interceptaram as linhas de Hybern.

O som quando ambos os exércitos colidiram... eu não tinha palavras para ele. Elain tapou os ouvidos, encolhendo-se. Meus amigos estavam lá embaixo. Mor lutava com Viviane, mantendo um olho sobre ela como tinha prometido a Kallias, enquanto ele lançava seu poder em sprays de gelo que trituravam peles.

Cassian... eu não poderia mesmo vê-lo através das largas chamas de seus Sifões perto das linhas de frente, vermelhas, brilhando em meio às sombras viciosas da Legião da Escuridão de Keir enquanto eles usavam-nas para a sua vantagem: colocando faixas de soldados de Hybern na escuridão repentina... em seguida, cegando-os duplamente quando retiravam aquelas sombras e não deixavam nada além da luz solar flagrante. Não lhes restava nada, além de aguardar as lâminas.

- Já está ficando confuso. - Disse Amren, apesar de nossas linhas, especialmente as dos Illyrianos e dos Peregrins de Thesan Peregrins estarem limpas.

- Ainda não. - Disse Rhys. “Grande parte do exército ainda não está envolvida além das linhas de frente. Precisamos do foco de Hybern em outro lugar.”

Começando com Rhys pondo os pés naquele campo de batalha. Minhas entranhas torceram. O exército de Hybern começou a se mover, pressionando à frente. A Tecelã, o Entalhador e Bryaxis mergulharam profundamente nas fileiras, mas os soldados de Hybern rapidamente surgiam para estancar os buracos nas linhas.

Helion gritou para nossas linhas de frente para segurarem firme. Flechas foram lançadas e caíram em ambos os lados. As que foram feitas com faebane encontrando a sua marca. Uma e outra vez. Como se o rei lhes tivesse dito onde caçar seus alvos.

- Isso vai acabar antes mesmo de descermos esta colina. - Amren estalou. Rhys rosnou para ela.

- Não ainda. - Uma buzina soou no Norte. Ambos os exércitos pareciam fazer uma pausa para olhar. E Rhys única sussurrou para mim - “Agora. Você tem que ir agora.”

Porque o exército que quebrava sobre o horizonte norte... Três exércitos. Um mostrando uma bandeira laranja, a chama de Beron. O outro, uma bandeira verde-grama do Corte Primavera. E um... um do mundo mortal, com uma armadura de ferro. Uma bandeira de cobalto com um texugo impressionante. O símbolo dos Graysen.

De um rasgo do mundo, Eris apareceu no topo de nossa colina, vestido dos pés à cabeça com armadura de prata, uma capa vermelha derramando de seus ombros. Rhys grunhiu uma advertência, afundando longe demais em seu poder para se preocupar em controlar ele mesmo.

Eris apenas descansou a mão no punho da sua espada fina e disse: “Nós pensamos que você pudesse precisar de alguma ajuda.”

O pequeno exército de Tamlin, Beron e de Graysen... agora eles estavam correndo, atravessando e explodir pelas fileiras de Hybern. E conduzindo o exército humano...

*Jurian.*

E Beron. Beron tinha vindo. Eris registrou o nosso choque com isso, também e disse: “Tamlin o convenceu. Arrastou meu pai por seu pescoço.” Um meio sorriso. “E foi delicioso.” Eles tinham vindo e Tamlin tinha conseguido reunir essa força que eu tinha tão alegremente destruído.

- Tamlin pediu por ordens. - Disse Eris. “Jurian também.” A voz de Rhys era baixa e áspera.

- E seu pai?

- Nós estamos cuidando de um problema. - Foi tudo que Eris disse, e apontou para o exército de seu pai. Aqueles eram seus irmãos se aproximando da linha de frente, atravessando em rajadas através dos navios. Indo para a direita depois da linha de frente e atacando os vagões que estavam espalhados por todas as fileiras de Hybern. Vagões cheios de faebane, percebi quando eles estalavam com o fogo azul e, em seguida, viravam cinzas, sem sequer um traço de fumaça. Seus irmãos atravessavam para cada depósito, cada arsenal. Chamas explodiam em seu caminho. Destruindo a oferta de faebane mortal.

Queimando-o em nada.

Como se alguém, Jurian ou Tamlin, lhes tivessem dito precisamente onde cada um estaria. Rhys piscou, seu único sinal de surpresa. Ele olhou para mim, então Amren, e assentiu.

*Vão. Agora.* Enquanto Hybern estava voltado para a aproximação do exército, tentando calcular os riscos, estancando o caos que Beron e seus filhos desencadearam com seus ataques direcionados. Tentando descobrir o que diabos Jurian estava fazendo lá, e quantos pontos fracos ele tinha descoberto. E que agora exploraria.

Amren empurrou minhas irmãs para a frente, mesmo quando Elain deixou escapar um soluço baixo com a visão da bandeira dos Graysen.

- Agora. Rápida e tranquila como sombras.

Nós estávamos descendo... para a batalha. Bryaxis e o Entalhador ainda estavam rasgando entre as linhas, ainda abatendo vidas pouco além das linhas inimigas. E a Tecelã... onde estava a Tecelã?

Lá. Lentamente arando um caminho fino de carnificina. Como Rhys havia instruído seus momentos antes.

- Por aqui. - Eu disse a elas, mantendo um olho no caminho de horror da Stryga.



Elain estava tremendo, ainda olhando em direção ao exército humano e seu noivo. Nestha monitorizava as legiões Illyrianas que passavam sobrecarregadas, mas com suas linhas firmes.

- Eu suponho que nós vamos estar seguindo o caminho dos corpos. - Amren murmurou para mim. “Como é que a Tecelã sabe como encontrar o Caldeirão?”

Rhys parecia estar ouvindo, quando nós nos viramos, seus dedos roçaram os meus em uma despedida silenciosa. Eu apenas disse: “Porque ela parece ter um anormalmente bom senso de cheiro.” Amren bufou, e caiu na posição do flanco em torno de minhas irmãs. Um glamour de invisibilidade nos permitiria contornar a extremidade sul do campo de batalha, juntamente com as sombras de Azriel, enquanto nos monitorava por trás. Mas uma vez que chegassemos atrás das linhas inimigas... Olhei para trás à medida que me aproximava da borda da colina.

Só uma vez.

Para Rhys, onde ele agora estava falando com Azriel e Eris, explicando o plano para retransmitir para Tamlin, Beron e Jurian. Os irmãos de Eris conseguiram voltar para trás das linhas de fogo de seu pai que agora queimava por todo o exército de Hybern. Não o suficiente para impedi-los, mas... pelo menos as faebane tinham sido eliminados.

Por agora. A atenção de Rhys deslizou para mim. E mesmo com a batalha em torno de nós, o inferno desencadeando por toda parte... por um segundo, nós éramos as únicas duas pessoas nesta planície. Eu abri minhas barreiras mentais para falar com ele. Só mais uma despedida, uma mais...

Nestha soltou um suspiro trêmulo. Tropeçou e derrubou Amren quando ela tentou mantê-la de pé. Rhys estava instantaneamente ali, quando a compreensão clareou sobre mim. *O Caldeirão*. Hybern despertou o Caldeirão. Amren se contorceu para sair debaixo de Nestha, girando em direção ao campo de batalha.

- Escudos - Eris atravessou para avisar seu pai, sem dúvida. Nestha empurrou-se sobre os cotovelos, cabelos balançando livre de sua trança, lábios sem sangue. Ela levantou da grama. A magia de Rhys se lançou fora dele, arqueando em torno de todo o nosso exército, sua respiração aumentando... com as mãos molhadas Nestha lutava na grama para levantar a cabeça, fazendo uma varredura do horizonte.

Como se ela pudesse ver diretamente de onde o caldeirão estava agora prestes a ser desencadeado. O poder de Rhys corria e corria para fora dele, se preparando para o impacto. Os Sifões de Azriel brilharam, um escudo cobalto se alastrando bloqueando sobre o de Rhysand, sua respiração tão pesada como a do meu parceiro... e então Nestha começou a gritar. Não de dor. Mas um nome. De novo e de novo.

- Cassian!

Amren estendeu a mão para ela, mas Nestha rugiu, “Cassian!”

Ela ficou de pé, como se estivesse prestes a saltar para o céu. Seu corpo balançou, e ela caiu, levantando novamente. Uma figura se atirou a partir das fileiras da Illyrianas, cortando para nós, batendo duro, Sifões vermelhos ardendo...

Nestha gemeu, contorcendo-se no chão. A terra parecia tremer em resposta.

Não... não em resposta a ela. Mas para o terror da coisa que irrompeu do exército de Hybern.

Eu entendi por que o rei tinha escolhido essas colinas rochosas. Não para nos fazer cansar com a subida se tivéssemos que empurrá-los como fizemos até agora. Mas para posicionar o Caldeirão. Pois foi a partir do afloramento rochoso que um aríete de luz branca da morte se arremessou para o nosso exército. Apenas no nível da legião Illyriana no céu, pois a legião do Attor caiu para a terra, e se abaixaram para se proteger. Deixando os Illyrianos expostos.

Cassian estava a meio caminho para nós quando explosão do Caldeirão atingiu as forças Illyrianas. Eu o vi gritar, mas não ouvi nada. A força desse poder... ele desfiou o escudo de Azriel. Então o de Rhysand. E então desfiou aqueles feitos dos sifões.

Entrou em meus ouvidos e queimou meu rosto. E onde milhares de soldados tinham estado um segundo antes... cinzas choviam sobre os nossos soldados de infantaria. Nestha tinha percebido. Ela ficou boquiaberta para mim, terror e agonia em seu rosto, em seguida, escaneou os céus por Cassian, que estava parado no lugar, como se dividido entre vir para nós ou voltar para as filas dispersas de Illyrianos e Peregrins. Ela sabia onde aquela explosão iria ser lançada. Cassian tinha estado bem no centro dela. Ou teria estado, se não o tivesse chamado. Rhys estava olhando para ela como se ele entendesse também. Como se ele não soubesse se a repreendia pela culpa que Cassian, sem dúvida, sentiria, ou agradecia a ela por salvá-lo.

O corpo de Nestha ficou rígido de novo, um gemido baixo rompendo com ela. Senti Rhys expulsar seu poder em sinal de alerta silencioso. Os outros GrãoSenhores levantaram seus escudos desta vez, apoiando o que ele fez.

Mas o Caldeirão não atingiu o mesmo local duas vezes. E Hybern estava disposto a incinerar parte de seu próprio exército se isso significava acabar com a nossa força.

Cassian estava novamente voando para nós, pois Nestha estava esparramada no chão, quando aquela luz e calor profanos do Caldeirão foram desencadeadas novamente. Para a direita em suas próprias linhas.

Onde o Entalhador de Ossos estava alegremente retalhando através dos soldados, drenando a vida deles com fortes rajadas de um vento mortal. Um sobrenatural grito feminino rompeu do fundo das forças de Hybern. Um aviso... e dor de uma irmã. Assim quando a luz branca bateu no Entalhador de Ossos. Mas o Entalhador... eu poderia jurar que ele olhou para mim quando o poder do Caldeirão colidiu com ele. Poderia ter jurado que ele sorriu... e não era uma coisa horrorosa em tudo. E... desapareceu.

O Caldeirão matou-o sem qualquer sinal de esforço.

## CHAPTER

Eu mal podia ouvir, mal podia pensar na imensidão do poder do Caldeirão. Na faixa de vazio, que explodiu na planície onde o Entalhador tinha estado. No frio repentino que estremeceu pela minha espinha, quando a tatuagem de tinta se desfez. E então o silêncio, silêncio em alguma câmara da minha mente quando essa ligação dupla de controle desapareceu na escuridão sem fim. Deixando nada para trás.

Gostaria de saber quem iria esculpir sua morte na prisão. Se ele já teria talvez a esculpido para si mesmo nas paredes daquela cela. Se ele queria ter certeza que eu era digna não apenas para me insultar, mas porque ele queria que seu fim... ele queria que seu fim valesse a pena em uma escultura. E enquanto eu olhava para que a parte dizimada da planície, as cinzas Illyrianas ainda caíam... eu me perguntava se o Entalhador tinha visto. Para onde quer que ele tinha sido tão curioso sobre ir.

Enviei uma oração silenciosa para ele, para todos os soldados que tinham estado lá e agora eram cinzas no vento... enviei uma oração para aqueles que achavam que tudo o que lhes esperava seria isso.

Foram os Illyrianos que me tiraram do silêncio, o zumbido nos meus ouvidos.

Mesmo quando nosso exército começou a entrar em pânico pela faixa de poder do Caldeirão, a maior parte restante das legiões Illyrianas re-formaram suas linhas e seguiram em frente, os Peregryns de Thesan totalmente intercalados com eles agora.

O exército humano de Jurian, composto dos homens de Graysen e outros... para seu crédito, eles não vacilaram. Não quebraram, mesmo quando caíam um por um. Se o Caldeirão desse outro golpe... Nestha tinha a testa sob a grama quando Cassian aterrissou com tanta força que o chão estremeceu. Ele estava com ela no momento seguinte enquanto ofegava: “O que é, o que-”

- Ele ficou em silêncio de novo. Nestha suspirou, deixando Cassian levá-la em uma posição sentada enquanto examinava seu rosto. Devastação e raiva estavam em seu próprio. Será que ele sabia? Que ela tinha gritado por ele, sabendo que ele viria... que ela tinha feito isso para salvá-lo?

Rhys unicamente ordenou-lhe, - “Volte para a linha. Os soldados precisam de você lá.”

Cassian mostrou os dentes. “Que diabos podemos fazer contra isso?”

- Eu vou entrar. - Disse Azriel.

- Não. - Rhys retrucou.

Mas Azriel já estava abrindo suas asas, a luz do sol tão forte sobre as novas asas que reduziam as cicatrizes da membrana. “Corrente-me a uma árvore, Rhys.” Azriel disse suavemente. “Vá em frente.” Ele começou a verificar as fivelas em suas armas. “Eu vou rasgá-la fora e voar do jeito que estiver de volta.”

Rhys apenas o encarou-as asas. Em seguida, a forças Illyrianas dizimadas.

Qualquer chance que tivemos de vitória... Nestha não ia a lugar nenhum. Ela mal conseguia ficar sentada.

E Elain... Amren estava segurando Elain em pé enquanto ela vomitava na grama. Não pelo Caldeirão. Mas por puro terror. Mas se não pararmos o Caldeirão antes de ele recarregar novamente... nós iríamos morrer dentro de mais alguns ataques.

Eu encontrei o olhar de Amren.

*Isso pode ser feito apenas comigo?*

Seus olhos se estreitaram. *Talvez.* Uma pausa. *Talvez.* *Ele nunca especificou quantos. Entre dois de nós... poderia ser o suficiente.*

Eu me ergui para os meus pés. A visão da batalha era muito pior.

Helion, Tarquin, e Kallias lutavam para manter nossas linhas. Jurian, Tamlin, e Beron ainda golpeando o flanco norte, enquanto os Illyrianos e Peregryns batiam para trás a legião aérea; A legião da Escuridão de Keir agora pouco mais do que fios de sombra em meio ao caos, mas... mas não era o suficiente. Para a dimensão de Hybern... estávamos começando a ser empurrados para trás. Começaram a submergir-nos.

Mesmo pelo momento em Amren e eu cruzássemos as milhas de campo de batalha...

O que restaria? Quem sobraria? Havia um outro ponto, então. Eu sabia que não pertencia a qualquer aliado. Assim como eu sabia que Hybern tinha não só escolhido este campo de batalha para as suas vantagens físicas... mas as geográficas. Porque através do mar, navegando pelo oeste, depois de Hybern... uma armada apareceu.

Tantos navios. Todos repletas de soldados. Eu peguei o olhar entre Cassian, Azriel, e Rhys quando eles viram a outra remessa do exército em nossas costas. Não outro exército. O resto do exército de Hybern. Nós ficamos presos entre eles.

Amren jurou. “Talvez seja necessário eliminá-los, Rhysand. Antes de que alcancem a terra firme.”

Nós não poderíamos lutar com ambos os exércitos. Não poderíamos mesmo lutar com um. Rhys virou-se para mim.

*Se você pode ir através desse campo de batalha a tempo, então, faça-o. Tente parar o exército. O rei. Mas se você não pode, quando tudo for para o inferno... Quando não restar nenhum de nós...*

Não. Eu implorei a ele. *Não diga isso.*

*Eu quero que você faça. Eu não me importo com o custo. Você corre. Vá para longe, e viva para lutar outro dia. Você não olha para trás.*

Comecei a balançar a cabeça. *Você disse sem despedidas.*

- Azriel. - Rhys disse calmamente. Rouco. “Você lidera o restante dos Illyrianos no flanco norte.” Culpa... e medo ondulavam nos olhos de meu parceiro com o comando.

Sabendo que Azriel não estava totalmente curado... Azriel não deu a Rhys a chance de reconsiderar. Não disse adeus a qualquer um de nós. Ele atirou para o céu, essas asas ainda curando batendo duro quando

elas o levaram para o flanco norte ainda lutando.

Enquanto isso a armada navegou mais perto. Hybern, sentindo que seus reforços estariam logo em terra firme, aplaudiram e empurraram. Difícil. Tão difícil as linhas Illyrianas dobravam-se. Azriel navegou mais perto e mais perto deles, Sifões arrastando tentáculos de chama azul em seu rastro.

Rhys o observou por um momento, garganta balançando antes de dizer: “Cassian, você toma o flanco sul.”

Era isso. Os últimos momentos... a última vez que iria ver todos. Eu não iria correr.

Se tudo fosse para o inferno, eu faria valer a pena e usaria meu próprio último suspiro para obter esse exército e o rei varridos da terra.

Mas agora... a armada de Hybern vinha diretamente para a praia distante. Se eu não fosse agora, eu teria que cobrar através delas. A Tecelã já estava desacelerando na frente oriental, sua dança da morte tendo prejudicado muitos inimigos. Bryaxis continuou a rasgar através das linhas, faixas de mortos em seu caminho. Mas ainda não era suficiente.

Tudo que o planejamos... ainda não era o suficiente.

Cassian disse a Rhys, para mim, para Nestha, “Vejo vocês do outro lado.”

Eu sabia que ele não quis dizer o campo de batalha. Suas asas se moveram, preparando-se para levantá-lo.

Uma explosão trombetas clivou o mundo.

Uma dúzia de trombetas, tocadas em perfeita e poderosa harmonia.

Rhys ficou imóvel. Absolutamente imóvel ao som dessas trombetas a distância. Do leste do mar. Ele virou a cabeça para mim, me agarrou pela cintura e me puxou para o céu. Um segundo depois, Cassian estava ao nosso lado, Nestha em seus braços, como se ela tivesse pedido para ver.

E lá... navegando ao longo do horizonte leste... eu não sabia para onde olhar. Para os milhares e milhares de soldados alados voando em linha reta em direção a nós, bem acima do oceano. Ou para a armada de navios estendendo-se abaixo deles.

Mais do que a armada de Hybern. Muito, muito mais.

Eu sabia quem eles eram no momento que notei o branco, asas de penas dos soldados aéreos tornando-se visíveis.

Os Seraphim.

A legião de Drakon.

E naqueles navios abaixo... tantos navios diferentes. Mil navios de inúmeras nações, pareciam. O povo de Miryam. Mas os outros navios...

Saindo das das nuvens, um guerreiro Seraphim, de cabelos e pele escuras surgiu para nós.

O riso sufocado de Rhys foi o suficiente para me dizer quem era. Quem agora agitava diante de nós, com um largo sorriso.

- Você poderia ter pedido ajuda, você sabe. - Falou lentamente o macho... Drakon.

“Em vez de deixar-nos ouvir sobre tudo isso através de boatos. Parece que chegamos apenas no tempo.”

- Fomos à tua procura e o que encontrei foi nada. - Disse, mas Rhys tinha lágrimas em seus olhos. “Faz com que seja difícil para alguém pedir ajuda.”

Drakon bufou. “Sim, nós percebemos isso. Miryam percebeu isso... porque não tínhamos ouvido falar de você ainda.” Suas asas brancas eram quase ofuscantes no sol.

“Três séculos atrás, tivemos alguns problemas em nossas fronteiras e criamos um glamour para manter a ilha protegida. Amarrada a... você sabe. Para que qualquer pessoa que se aproximasse só visse ruínas e estaria inclinado a voltar.” Ele piscou para Rhys. “Miryan teve a ideia a partir de você e de sua cidade.” Drakon estremeceu um pouco. “Acontece que funcionou muito bem, se manteve fora os inimigos e amigos.”

- Você está me dizendo, - Rhys disse suavemente, “que você esteve em Cretea esse tempo todo?” Drakon fez uma careta.

- Sim. Até... ouvimos sobre Hybern. Sobre Miryam estar sendo... caçada novamente.”

Por Jurian. O rosto do príncipe apertou com raiva, mas ele me examinou, em seguida, Nestha e Cassian, com um agudo escrutínio nos olhos.

- Vamos ajudá-lo, ou apenas ficar aqui, falando? - Rhys inclinou a cabeça.

- Para o seu lazer, o príncipe. - Ele olhou para a armada agora apontando para as forças de Hybern. “Seus amigos?” A boca de Drakon se curvou para o lado.

- Amigos seus, eu acho. - Meu coração parou. “Alguns dos barcos de Miryam estão lá embaixo, com ela, mas a maioria veio para você.”

- O que? - Nestha nitidamente disse, não é bem uma pergunta. Drakon apontou para os navios.

- Nós nos encontramos com eles no vôo para aqui. Os vimos cruzar o canal e decidimos juntar as fileiras. É por isso que estamos um pouco atrasados, embora nós lhes demos um pouco de impulso para frente.

De fato, o vento estava agora chicoteando em suas velas brancas, impulsionando esses barcos cada vez mais rápidos em direção a armada de Hybern. Drakon esfregou o queixo.

- Eu não posso nem começar a explicar a história complicada que me disseram, mas... - Ele balançou a cabeça. “Eles estão liderados por uma rainha chamada Vassa.”

Comecei a chorar. “Quem aparentemente foi encontrada por-”

- Lucien. - Eu respirei.

- Quem? - As sobancelhas de Drakon estreitaram. “Oh, o macho com um olho.

Não. Ele encontrou-se com eles mais tarde... lhes disse para onde ir. Para vir agora, na verdade. Tão agressivo, vocês machos de Prythian. Ainda bem que, pelo menos, já estávamos em nosso caminho para ver se você precisava de ajuda.”

- Quem encontrou Vassa? - Nestha perguntou com aquele mesmo tom plano. Como se ela de alguma forma já soubesse. Mais perto, os navios humanos navegavam. Tantos...

eram tantos, tendo uma variedade de diferentes bandeiras que eu poderia apenas começar a fazer contar, graças à minha vista Feérica.

- Ele chama-se o príncipe de Merchants. - Disse Drakon. “Aparentemente, ele descobriu que as rainhas humanas eram traidoras meses atrás e tem reunido um exército humano independente para enfrentar Hybern desde então. Ele conseguiu encontrar a rainha Vassa e juntos eles reuniram este exército.” Drakon deu de ombros. “Ele me disse que ele tem três filhas que vivem aqui. A quem ele falhou por muitos anos. Mas ele não iria falhar com elas neste momento.” Os navios na frente da armada humana tornaram-se claros, junto com as letras douradas em seus lados. “Ele nomeou seus três navios pessoais com os nomes delas.” – Disse Drakon com um sorriso. E lá, velejando na frente... Vi os nomes desses navios.

O Feyre.

O Elain.

E conduzindo a tropa contra Hybern, voando sobre as ondas, inflexível e sem um pinga de medo... A Nestha. Com meu pai... nosso pai no comando.

CHAPTER

O vento açoitava as lágrimas que rolavam pelo rosto de Nestha com a visão dos navios de nosso pai. À vista do navio que tinha escolhido para navegar para a batalha, para a filha, que o odiava por não lutar por nós, quem o havia odiado pela morte de nossa mãe, pela a pobreza, o desespero e os anos perdidos.

Drakon disse secamente: “Acho que você está familiarizado?”

Nosso pai... tinda ido por meses e meses sem nenhuma palavra. Ele havia viajado, minhas irmãs uma vez tinham dito, para participar de uma reunião sobre a ameaça acima da Muralha. Nessa reunião, talvez tenha ficado claro que tinham sido traídos pela sua própria espécie? E ele tinha então partido, sob tal segredo, que não arriscaria enviar mensagens para nós, para não cair nas mãos erradas, para encontrar ajuda? Para nós. Para mim, e as minhas irmãs.

Rhys disse a Drakon, “Pai de Nestha. E da minha parceira, Feyre.”

Nenhum de nós olhou para o príncipe. Somente para a frota do nosso pai ... para os navios que ele tinha nomeado em honra de nós.

- Falando de Vassa, - disse Rhys para Drakon, “sua maldição acabou?” A armada humana e as tropas de Hybern se aproximavam, e eu sabia que o impacto seria letal. Vi escudos mágicos de Hybern subir. Vi os Seraphim aumentar os seus próprios.

- Veja por si mesmo. - Disse Drakon.

Pisquei para o que começou a disparar entre os barcos humanos. O que disparou sobre a água, rápido como uma estrela cadente. Direto para Hybern. Vermelho, dourado e branco vibrante como metal fundido. Eu podia jurar que a frota de Hybern começou a entrar em pânico, pois rompeu pelas linhas da armada humana e fechou a distância entre eles. Como se espalhasse suas asas largas, arrastando faíscas e brasas sobre as ondas, eu percebi que... o que agora voou em direção ao inimigo.

O Passáro de Fogo.

Queimando tão quente e furiosa como o coração de uma forja.

Vassa, a rainha perdida.

Rhys beijou as lágrimas escorrendo pelo meu próprio rosto quando a Rainha Passáro de Fogo se chocou contra a frota de Hybern. Cascas queimadas de navios foram deixadas em seu rastro.

Nosso pai e o exército humano ampliando a disseminação. Para apanhar os outros.

Rhys disse a Drakon: “Obtenha seu legião em terra.”

Oportunidade. Tínhamos uma oportunidade, uma chance fina de ganhar esta coisa.

Ou estancar a matança. Os olhos de Drakon ficaram vidrados de uma forma que me disse que ele estava



transmitindo ordens para alguém ao longe.

Eu me perguntava se Nephelle e sua esposa estavam com suas espadas nessas legiões... se a última vez que eles tinham ido para a batalha foi a muito tempo no fundo do mar.

Rhys parecia estar lembrando do passado, também. Porque ele murmurou para Drakon sobre o barulho explodindo fora do mar e da batalha que seguia: “Jurian está aqui.” A graça casual e arrogante do príncipe desapareceu. Raiva fria endureceu suas feições em algo aterrador. E seus olhos castanhos... eles ficaram totalmente pretos. “Ele está lutando por nós.”

Drakon não parecia convencido, mas balançou a cabeça. Ele empurrou o queixo para Cassian. “Eu suponho que você é Cassian.”

O queixo do General mergulhou. Eu já podia ver as sombras em seus olhos, pela perda dos soldados.

- Minha legião é sua. Comande-os como você gosta. - Cassian digitalizou nosso inimigo naufragando, o flanco norte que Azriel foi retomou e deu Drakon algumas ordens concisas.

Drakon bateu aquelas asas brancas, em tão gritante contraste com a pele cor de mel, e disse a Rhys “Miryam está furiosa com você, pelas suas maneiras. Trezentos e cinquenta e um anos desde a sua última visita. Se sobreviver, esperamos faze-lo rastejar.”

Rhys raspou uma risada. “Diga a essa bruxa que vai nos dois sentidos.” Drakon sorriu, e com uma poderosa varredura de suas asas, ele se foi.

Rhys e Cassian olharam ele, depois para as armadas agora envolvidas em derramamento de sangue total. Nosso pai estava lá em baixo... nosso pai, que eu nunca tinha visto empunhar uma arma em sua vida. O Passaro de Fogo chovia o inferno em cima dos navios. Literalmente. Queimando, gerando um inferno derretido quando ela batia neles e enviava seus soldados em pânico para o fundo do mar.

- Agora. - Eu disse a Rhys. “Amren e eu precisamos ir agora.” O caos estava completo. Com uma grande batalha em todas as direções... Amren e eu poderíamos fazê-

lo. Talvez o rei estaria preocupado. Rhys começou a me levar de volta para o chão, onde Amren e Elain ainda estavam esperando.

Nestha disse: “Espere.” Rhys obedeceu. Nestha olhou em direção a essa armada, em direção ao nosso pai lutando na mesma. “Use-me. Como isca.”

Eu pisquei no mesmo momento Cassian disse: *Não!*

Nestha ignorou. “O rei está provavelmente esperando ao lado do Caldeirão. Mesmo que você chegue lá, você vai tê-lo de enfrentar. Tire-o. Atraía-o para longe. Para mim.”

- Como? - Rhys disse suavemente.

- A ligação vai nos dois sentidos. - Nestha murmurou, como se as palavras anteriores do meu parceiro tivessem lhe provocado a idéia. “Ele não sabe o quanto eu tomei. E se... se eu fizer parecer como se eu estivesse prestes a usar o seu poder... Ele vai vir correndo. Só para me matar.”

- Ele vai matar você. - Cassian rosnou. Sua mão se apertando em seu braço.
- Isso é... é aí que você entra. - Para protegê-la. Protegê-la. Para preparar uma armadilha para o rei.
- Não. - Disse Rhys. Nestha bufou.
- Você não é meu Grão Senhor. Eu posso fazer o que eu quiser. E uma vez que ele vai sentir que você está comigo... você precisa estar muito longe, também.

Rhys disse Cassian: “Eu não vou deixar você jogar sua vida fora por isso.” Eu estava inclinado a concordar.

Cassian examinou as linhas Illyrianas empobrecidas, que agora seguravam forte quando Azriel os reunia. “Az tem o controle das linhas.”

- Eu disse que não. - Rhys retrucou. Eu nunca tinha ouvido ele usar esse tom com Cassian, com qualquer um deles.

Cassian disse firmemente: “É a única chance que temos de uma distração. Atraí-lo para longe desse Caldeirão.” Suas mãos apertaram Nestha. “Você deu tudo, Rhys. Você passou por aquele inferno por nós, por cinquenta anos.” Ele nunca tinha abordado isso...

não totalmente. “Você acha que eu não sei o que aconteceu? Eu sei, Rhys. Todos nós sabemos. E nós sabemos que você fez isso para nos salvar, nos poupar.” Ele balançou a cabeça, luz solar brilhando sobre o capacete escuro. “Vamos devolver o favor. Vamos pagar a dívida.”

- Não há nenhuma dívida para pagar. - A voz de Rhys quebrou. E esse som rachou meu coração.

A própria voz de Cassian quebrou quando disse: “Eu nunca cheguei a pagar sua mãe por sua bondade. Deixe-me fazê-lo desta forma. Deixe-me comprar-lhe tempo.”

- Eu não posso. - Eu não tinha certeza se em toda a história Illyriana, já tinha existido tal discussão.

- Você pode. - Cassian disse gentilmente. “Você pode, Rhys.” Ele deu um sorriso preguiçoso. “Salve um pouco da glória para o resto de nós.”

- Cassian—

Mas Cassian perguntou a Nestha: “Você tem o que precisa?” Nestha assentiu.

- Amren me mostrou o suficiente. O que fazer para reunir o poder para mim. - E se Amren e eu pudermos controlar o Caldeirão entre nós... a distração que eles oferecem...

Nestha olhou para baixo, para Elain... nossa irmã monitorando o banho de sangue à frente.

Então para mim. Ela disse calmamente: “Diga... obrigada ao pai.”

Ela colocou os braços firmemente em torno de Cassian, aqueles olhos cinza-azul brilhantes, em seguida, eles foram embora. O corpo de Rhys ficou tenso com o esforço de não ir atrás deles, enquanto eles

subiram para um bosque de árvores muito atrás do campo de batalha.

- Ele pode sobreviver. - Eu disse suavemente.

- Não. - Rhys disse, nós voamos para baixo para Amren e Elain. “Ele não vai.”

Eu tinha esperado por Rhys mover Elain para os confins do nosso acampamento. E

quando ele voltou, meu parceiro unicamente deu um beijo na minha boca antes que fosse para o céu, direto para o coração da batalha, dos combates mais pesados. Eu mal podia suportar olhar... para ver onde ele pousou.

Sozinha com Amren, ela me disse: “Proteja-nos da vista, e corra o mais rápido que puder. Não pare; tente não matar. Isso vai deixar um rastro.”

Eu balancei a cabeça, verificando as minhas armas. Os Seraphim foram surgindo em cima agora, asas brilhantes como o sol na neve. Eu estabeleci um glamour em torno de nós, velando e abafando nossos sons.

- Rapidamente. - Amren repetiu, olhos de prata girando como trovões em nuvens.

“Não olhe para trás.”

Então eu não olhei.

CAPÍTULO

O Caldeirão estava aninhado em um mirante gramado.

A Tecelã tinha feito bem seu trabalho. Guardas e mensageiros eram pouco mais que pilhas úmidas vermelhas de ossos e tendões. E eu sabia que quando eu a visse novamente... ela seria ainda mais incrivelmente bela.

O poder de Amren deflagrou uma e outra vez, rompendo proteções em nosso caminho até chegarmos ao matadouro da Stryga. O que quer que o rei tinha posto explicitamente... Amren estava preparada. Com fome deles. Ela quebrou todos com um sorriso selvagem.

Mas a colina cinzenta estava cheia com os comandantes Hybern, aqueles que tinham deixado seus subordinados lutar. Esperando até que o campo de matança terminasse, grunhindo que enfrentariam os verdadeiros guerreiros.

Eu podia ouvi-los sibilando sobre quem do nosso lado eles queriam assumir pessoalmente.

Helion e Tarquin foram os dois desejos mais frequentes.

Tamlin era o outro. Tamlin, por sua mentira, por suas duas caras.

E Jurian.

Como fariam eles sofrerem.

Varian. Azriel. Cassian. Kallias e Viviane. Mor.

Eles disseram os nomes dos meus amigos como se fossem cavalos em uma corrida.

Quem iria durar o suficiente para que eles se enfrentassem. Quem iria puxar o parceiro d Grão Senhor da Invernal para aqui. Quem iria quebrar a Morrigan no fim. Quem iria levar para casa asas Illyrianas para fixar na parede.

Meu sangue estava fervendo, assim como os meus ossos estremeciam. Eu esperava que Bryaxis devorasse todos... que os fizesse se molhar de terror antes. Mas eu ousei olhar para trás uma vez. Mor e Viviane não estavam vindo para este campo em breve. Elas estavam rodeadas por um grupo inteiro de soldados de Hybern, ladeadas por mulheres de cabelos brancos que eu tinha visto no acampamento da Invernal e uma unidade desses ursos poderosos que desfiavam através dos soldados com golpes de suas enormes patas.

Amren vaiou um aviso e eu enfrentei a frente quando começamos a escalar a lateral tranquila da colina cinzenta. Nenhum sinal da Stryga, embora ela tivesse parado aqui, na base da colina, onde, no topo o Caldeirão se encontrava. Eu já podia sentir a sua presença, o terrível aceno.

Amren e eu subimos lentamente. Ouvindo após cada trecho. A batalha se desenrolava atrás de nós. Nos céus, na terra e no mar. Eu não acho que... mesmo com Drakon e o exército humano... eu não acho que

estava indo bem. Minhas mãos doeram um pouco contra a rocha cinzenta afiada da face do penhasco da colina, corpo tenso enquanto me puxava para cima, Amren subindo com facilidade.

Nestha tinha que atrair o rei para longe em breve, ou estaríamos face-a-face com ele. Um movimento na base da rocha me chamou a atenção. Eu sentia como se fosse a morte. Uma bela e jovem mulher de cabelos escuros estava lá. Olhando para nós, olhando e cheirando.

Um sorriso floresceu em seus... em sua boca sangrenta, vermelha. Ela sorriu na minha direção. Revelando dentes revestidos de sangue.

Stryga.

A Tecelã tinha esperado. Se escondeu aqui. Até que chegassemos. Ela passou a mão branca como neve sobre a tatuagem de uma lua crescente que agora marcava em seu antebraço.

O acordo... a marca de Rhys. Um lembrete e alerta.

*Vá. Apresse-se.*

Ela enfrentou nosso caminho rochoso pouco visível, a jóia de lanthe salpicada de sangue refletiu de onde estava apoiada no alto da cabeça. Ela andou a passos largos direto para os guardas ali parados na face do penhasco que estávamos evitando escalar. Alguns deles estremeceram. A Stryga sorriu uma vez, um sorriso odioso e terrível, antes de saltar sobre eles. Uma diversão.

Amren estremeceu, mas nos lançamos em movimento mais uma vez. Os guardas estavam focados em seu abate, correndo de seus postos até a colina para combatê-la.

Tínhamos que ir mais rápido, nós não tínhamos muito tempo.

Eu podia sentir o Caldeirão reunindo sua energia... não. Não é o Caldeirão. Esse poder... ele veio de trás.

Nestha.

- Boa menina. - Amren murmurou baixinho. Pouco antes de ela me agarrar pela parte de trás do meu casaco e me bater de frente para a pedra, esquivando-se por baixo.

Bem a tempo quando um par de botas passeou pelo caminho estreito.

Eu conhecia o som desses passos. Eles assombravam os meus sonhos.

O Rei de Hybern passou direto por nós. Focado na Stryga e no ruído distante do poder de Nestha. A Tecelã parou quando ela viu quem se aproximava. Sorriu, sangue escorrendo de seu queixo.

- Como você é linda. - Ele murmurou, sua voz um sussurro sedutor. “Que magnífica, tão antiga.” Ela escovou o cabelo escuro sobre um ombro magro.

- Você pode se ajoelhar, rei. Como muitos já fizeram.

O Rei de Hybern caminhou até ela. Sorriu para o rosto requintado da Stryga. Então ele tomou aquele

rosto em suas mãos grandes, mais rápido do que ela pode se mover, e estalou seu pescoço.

Pode não ter a matado. A Tecelão era uma Deusa da Morte, desafiava sua própria existência. Portanto, rachaduras em sua coluna vertebral não poderiam ter matado ela.

O rei, então, jogou seu corpo para baixo, para os dois cães – Naga raivosos, no sopé da colina. Eles rasgaram o corpo mole da Tecelã sem hesitação. Mesmo Amren soltou um som de consternação. Mas o rei estava olhando para o norte. Em direção à Nestha.

Para este poder que subia novamente. Acenando, como o Caldeirão no topo desta rocha, que agora chamava por mim.

Ele olhou em direção ao mar... para a batalha feroz que acontecia lá. Eu podia jurar que ele estava sorrindo quando atravessou a distância.

- Agora. - Amren sussurrou. Eu não podia me mover. Cassian e Nestha, mesmo Rhys achavam que não havia uma chance de sobrevivência. “Você fará valer a pena.” - Amren estalou, e era verdadeira a dor brilhando em seus olhos. Ela sabia o que estava prestes a acontecer. A chance que tinha sido comprada. Eu engoli o meu desespero, meu terror e cobri a distancia do rochedo.

Para onde o Caldeirão estava. Guardado. Esperando por nós.

O livro apareceu em pequenas mãos de Amren.

O Caldeirão era quase tão alto quanto ela. Um iminente buraco negro de ódio e poder. Eu poderia parar com isso. Agora mesmo. Parar este exército e o rei antes que ele matasse Nestha e Cassian.

Amren abriu o livro. Olhou para mim com expectativa.

- Coloque sua mão sobre o Caldeirão. - Ela disse calmamente.

Obedeci. O poder infinito do Caldeirão bateu em mim, uma onda ameaçando me varrer para baixo, uma tempestade sem fim. Eu mal conseguia manter um pé neste mundo, mal me lembrava do meu nome. Agarrei-me ao que eu tinha visto no Ouroboros, me agarrava a cada reflexão e memória que eu havia enfrentado e tomado como minha, o bom, o mau, o cinza.

Quem eu era, quem eu era, quem eu fui...

Amren me observou por um longo momento.

E não leu o livro.

Não o colocou em minhas mãos. Ela fechou as páginas de ouro e empurrou-o atrás dela com um pontapé.

Amren tinha mentido.

Ela não pretendia por uma coleira no rei ou no seu exército com o Caldeirão e o Livro. E o que quer que fosse a armadilha que ela tinha criado... eu tinha caído direto nela.



Agarrei o meu senso de auto preservação frente a garganta negra do Caldeirão.

Apertei-a com tudo o que eu tinha.

Amren disse apenas: “Me desculpe, eu menti para você.”

Eu não poderia retirar minha mão.

Não era possível erguer os dedos para longe.

Eu estava sendo rasgada em pedaços, lentamente, cuidadosamente. Liberei minha magia, desesperada por qualquer coisa deste mundo que pudesse me salvar, me impedir de ser devorada pela coisa eterna, terrível que agora tentava me arrastar para seu abraço.

Fogo, água, luz, vento, gelo e noite.

Todos se reuniram.

Todos falharam.

Alguns escorregaram e minha mente deslizou mais perto dos braços estendidos do Caldeirão. Eu o senti me tocar. E então eu estava sumindo. Metade lá, de pé silenciosamente ao lado do caldeirão, mão colada à borda preta. Metade... em outro lugar.

Voando pelo mundo. Procurando. O Caldeirão agora perseguido esse poder que tinha chegado tão perto... e que agora zombava ele.

*Nestha.*

O Caldeirão procurava por ela, procurou-a como o rei procurava agora. Ele matava pelo campo de batalha como um inseto sobre a superfície de uma lagoa.

Estávamos perdendo. Seriadamente. Seraphim e Illyrianos estavam sangrando e sendo arrastados para fora do céu. Azriel tinha sido forçado para o chão, as asas arrastando na lama sangrenta enquanto lutava espada contra espada no ataque sem fim. Nossos soldados tinham quebrado as linhas em alguns lugares, Keir gritava com sua Legião da Escuridão para recuperarem a sua posição, plumas de sombras queimavam dele.

Vi Rhysand.

Na borda dessas linhas que se quebravam. Lutando lindamente manchado de sangue. Eu o vi avaliar o campo de frente... e transformar-se.

As garras vieram primeiro. Substituindo os dedos das mãos e pés. Então escamas escuras ou talvez penas, eu não poderia obter um bom olhar, cobria suas pernas, os braços, o peito. Seu corpo se



contorceu, ossos e músculos crescendo e mudando.

A besta que Rhys tinha mantido escondido.

Que nunca gostou de desencadear. A menos que fosse terrível o suficiente para fazê-lo.

Antes que o Caldeirão varresse-me embora, vi o que aconteceu com a cabeça, seu rosto. Era uma coisa de pesadelos. Nada humano ou Feérico nele. Era uma criatura que vivia em poços negros e só saía à noite para caçar e festejar.

O rosto... era como aquelas criaturas que haviam sido esculpidas na rocha da Corte dos Pesadelos. Que decorava o seu trono. O trono não era só uma representação do seu poder... mas do que se escondia dentro. E com as asas... soldados de Hybern começaram a fugir. Helion viu o que aconteceu e correu também, mas para Rhys. Mudando também.

Se Rhys era um terror alado trabalhado a partir de sombras e luar frio, Helion era seu equivalente diurno. Penas de ouro, garras para retalhamento e as asas de penas. Juntos, meu parceiro e o Grão Senhor da Corte Diurna desencadearam-se sobre Hybern. Até que houve uma pausa. Até que um magro e pequeno macho saiu das fileiras em direção a eles, um dos comandantes de Hybern, sem dúvida.

O rosnado de Rhys sacudiu a terra. Mas foi Helion, brilhando com luz branca, que avançou para enfrentar o macho, garras afundando profundamente na lama. O

comandante não fez mais do que desembainhar uma espada. Somente finas roupas cinzas e uma expressão vagamente divertida no rosto. Luz ametista girava em torno dele.

Helion rosnou para Rhys... uma ordem. E meu parceiro assentiu, sague pingando de sua boca, antes que ele se lançasse de volta para a briga. Deixando o comandante e Helion lutarem sozinhos, espada contra espada. Feitiço contra feitiço.

Soldados de ambos os lados começaram a fugir. Mas o Caldeirão me chicoteou para longe quando Helion desencadeou uma explosão de luz em direção ao comandante, e me levou para uma pedreira que não poderia ser encontrada nesse campo de batalha.

*Venha, o poder de Nestha parecia cantar. Venha.*

O Caldeirão pegou o cheiro dela e nos arremessou para a frente. Chegamos antes que o rei fizesse. O Caldeirão parecia derrapar para uma parada na clareira. Parecia se retrair e retrair para trás, como uma cobra pronta para atacar.

Nestha e Cassian estavam ali, sua espada, os olhos de Nestha brilharam como chamas de um fogo interior, profano.

- Prepare-se. - Ela respirou. "Ele está vindo."

O poder que Nestha estava segurando... ela mataria o rei de Hybern. Cassian seria a distração... enquanto seu golpe acertava o alvo. O tempo pareceu abrandar e deformar.

O poder sombrio do rei lanceou em nossa direção. Como nessa clareira em que eu não era vista nem

ouvida, onde eu não era nada, além de um pedaço de alma levada com um vento negro.

O Rei do Hybern atravessou bem na frente deles. O poder de Nestha se reuniu e depois desapareceu. Cassian não se moveu. Não se atreveu. Porque o Rei do Hybern segurava meu pai antes dele, uma espada em sua garganta.

Por isso ele tinha olhado para o mar.

Ele sabia que Nestha iria atirar para matar no momento em que ele aparecesse, e a única maneira de pará-la... um escudo humano. Um que ela pensaria duas vezes antes de permitir morrer. Nosso pai estava salpicado de sangue, mais magro do que a última vez que eu o vi.

- Nestha. - Ele respirou, observando as orelhas, a graça feérica. O poder girando de forma catódica seus olhos. O rei sorriu.

- Um pai tão amoroso trazendo um exército inteiro para salvar suas filhas.

Nestha não disse nada. A atenção de Cassian se lançou através da clareira, avaliando todas as vantagens, todos os ângulos.

*Salve-o*, eu implorei ao Caldeirão pelo meu pai. *Ajude-os*.

O Caldeirão não respondeu. Ele não tinha voz, nem consciência para salvar alguma coisa, apenas precisava tomar de volta o que tinha sido roubado. O Rei do Hybern inclinou a cabeça para olhar para o rosto barbado e curtido pelo tempo de meu pai.

- Então, muitas coisas mudaram desde seu último retorno. Três filhas, agora Feéricacs. Uma delas se casou muito bem.

Meu pai só olhou para a minha irmã. Ignorou o monstro atrás dele e disselhe: “Eu te amei desde o primeiro momento que a segurei em meus braços. E eu sou... eu sinto muito, Nestha... minha Nestha. Eu sinto muito, por tudo isso.”

- Por favor. - Nestha disse ao rei. Sua única palavra, gutural e rouca. “Por favor.”

- O que você vai me dar, Nestha Archeron? - Nestha olhou e olhou para o meu pai, que estava balançando a cabeça. A mão de Cassian se contraiu, a lâmina subindo.

Tentando obter um bom tiro.

- Você vai dar de volta o que você tirou?

- Sim.

- Mesmo se eu tiver que rasgar fora de você?

Nosso pai rosou, “Você não vai colocar suas mãos sujas na minha filha-”

Eu ouvi o estalo antes que percebesse o que aconteceu. Antes que eu visse a maneira como a cabeça de

meu pai torceu. Viu a luz congelar em seus olhos.

Nestha não fez nenhum som. Não mostrou nenhuma reação quando o Rei de Hybern rompeu o pescoço de nosso pai. Comecei a gritar. Gritar e me debater dentro de aderência do Caldeirão. Implorando-o para pará-lo... para trazê-lo de volta, para acabar com ele...

Nestha olhou para o corpo de meu pai quando ele caiu no chão da floresta.

E como o rei havia previsto... o poder de Nestha se apagou. Mas o de Cassian não tinha. Flechas de um vermelho que cegava foram atiradas para o Rei de Hybern, com um escudo de bloqueio em torno Nestha quando Cassian se lançou para a frente. E quando Cassian alcançou o rei, que riu e parecia disposto a se envolver em um pouco de esgrima...

olhei para meu pai por esse motivo. A seus abertos, olhos cegos.

Cassian empurrou o rei, as espadas e a magia para longe do corpo de meu pai. Não por muito tempo. Apenas o tempo suficiente para segurá-lo distraído... para Nestha talvez executar o plano. Para eu terminar o que eu tinha deixado que minha família desse suas vidas. Mas o Caldeirão ainda me segurou lá. Mesmo enquanto eu tentava voltar para aquela colina onde Amren tinha me traído, tinha me usado para qualquer fim próprio...

Nestha ajoelhou-se diante do nosso pai, seu rosto vazio. Ela olhou em seus olhos ainda abertos. Fechou-os suavemente. Mãos firmes como pedra. Cassian tinha empurrado o rei mais profundo nas árvores. Seus gritos soaram.

Nestha se inclinou para pressionar um beijo para a testa manchada de sangue de nosso pai.

E quando ela levantou a cabeça... O Caldeirão goleou e enervou-se. Para o que viu nos olhos de Nestha, ilustrado em sua pele... o poder puro.

Ela olhou em direção ao rei e Cassian. Assim que um grito de dor de Cassian cortou em nossa direção. O poder em torno dela estremeceu.

Nestha se levantou. Então Cassian gritou novamente.

Eu olhei para ele. Para longe de meu pai. A menos de vinte pés afastado, Cassian estava no chão. Asas tremendo em alguns pontos. Sangue vazando a partir delas. Um osso se projetava em sua coxa. Seus Sifões apagados. Vazios. Ele já tinha esgotado-os antes de vir aqui.

Estava exausto.

Mas ele tinha vindo por ela.

Por nós.

Ele estava ofegante, sangue escorrendo de seu nariz. Braços tremendo quando ele tentou se erguer. O Rei de Hybern estava sobre ele, e estendeu a mão. Cassian arqueou do chão, gritando de dor. Um osso estalando em algum lugar em seu corpo.

- Pare.

O rei olhou sobre um ombro quando Nestha avançou.

Cassian abriu a boca para dizer para ela correr, sangue escapando de seus lábios e caindo sobre o musgo debaixo dele. Nestha olhou seu corpo quebrado, a dor nos olhos de Cassian, e inclinou a cabeça.

O movimento não era humano.

Não era Feérico.

Puramente animal. Puramente predador. E quando seus olhos ergueram para o rei de novo...

- Eu vou matar você. - Ela disse calmamente.

- É mesmo? - Perguntou o rei, levantando uma sobrancelha. “Porque eu posso pensar em muito mais coisas interessantes a ver com você.”

De novo não. Eu não poderia assistir a este jogo novamente. Ficando de prontidão, ociosa, enquanto aqueles que eu amava sofriam. O Caldeirão arrastou-se para junto de Nestha, como um cão ao seu lado. Os dedos de Nestha enrolaram-se.

O rei bufou. E trouxe o pé para cima da asa mais próxima de Cassian. Osso estalou.

E seu grito... eu bati contra o aperto do Caldeirão. Golpei e arranhei.

Nestha explodiu. Todo esse poder, tudo de uma vez... o rei atravessou para fora do caminho. Seu poder alastrando as árvores atrás dele, tornando cinzas. Alcançando o campo de batalha em um arco baixo, em seguida, caindo bem nas fileiras de Hybern.

Matando centenas antes que eles soubessem o que aconteceu. O rei apareceu, talvez a trinta pés afastados e riu das ruínas fumegantes atrás dele.

- Magnífica. - Disse ele. “Mal treinada, impetuosa, mas magnífica.” Os dedos de Nestha enrolaram-se novamente, como se reunindo esse poder. Mas ela gastou tudo em um só golpe. Seus olhos eram azul acizentado mais uma vez.

- Vá. - Cassian conseguiu respirar. “Vá.”

- Isso parece familiar. - O rei meditou. “Era ele ou o outro bastardo que se arrastou em direção a você naquele dia?”

Cassian estava, de fato, agora rastejando em direção a ela, asas e perna quebradas arrastando, deixando um rastro de sangue sobre a grama e raízes. Nestha correu para ele e caiu de joelhos.

Não para confortar. Mas para pegar sua lâmina Illyriana. Cassian tentou impedi-la.

Mas Nestha levantou a espada diante do Rei dos Hybern. Ela não disse nada. Apenas se manteve firme. O rei riu e inclinou a própria lâmina.

- Devo ver o que os Illyrianos te ensinaram? - Ele estava sobre ela antes que ela pudesse levantar a espada de forma correta. Nestha saltou para trás, escorando sua espada em seus próprios olhos, a poucos centímetros. O rei se lançou de novo, e Nestha novamente se esquivou e se moveu por entre as árvores. Levando-o para longe, longe de Cassian. Ela conseguiu atraí-lo mais alguns pés antes que o rei parecesse entediado. Em dois movimentos, ele a tinha desarmado. Em outro, ele a golpeou no rosto, tão forte que ela caiu. Cassian gritou seu nome, tentou novamente rastejar para ela. O rei unicamente embainhou a espada, elevando-se sobre ela quando ela empurrou fora da terra.

- Bem? O que mais você tem? - Nestha virou, e jogou a mão. Um poder quente e branco atirou para fora de sua mão e bateu em seu peito.

Um estratagema. Para atraí-lo perto. Para abaixar a guarda. Seu poder o fez voar para trás, árvores sendo arrancadas debaixo dele. Uma após a outra. O Caldeirão pareceu se resolver. Tudo o que restava... era dele. Tudo o que restava de seu poder.

Nestha levantou-se, cambaleando através da clareira, sangue escorrendo de sua boca por onde ele bateu nela e atirou-se de joelhos diante Cassian.

- Levante-se. - Ela soluçou, o apoando no seu ombro. "Levante-se." Ele tentou e falhou. "Você é muito pesado", ela implorou, mas ainda tentou levantá-lo, os dedos arranhando sua negra armadura, ensanguentada. "Eu não posso, ele é vindo-"

- Vá. - Cassian gemeu. Seu poder tinha acabado ao atirar o rei para o outro lado da floresta. Ele agora estava caminhando em direção a eles, limpando as lascas e as folhas de sua jaqueta em seu tempo. Sabendo que ela não o deixaria. Saboreando o abate que o aguardava. Nestha cerrou os dentes, tentando puxar Cassian, mais uma vez. Um som quebrado de dor rasgou dele. "Vá! " Ele gritou para ela.

- Eu não posso. - Ela respirou, com a voz quebrada. "Eu não posso." As mesmas palavras que Rhys lhe dera. Cassian grunhiu de dor, mas levantou as mãos ensanguentadas para seu rosto.

- Eu não tenho arrependimentos na minha vida, além de nós. - Sua voz tremia com cada palavra. "Por nós não termos tempo. Que eu não tenha tido tempo com você, Nestha." Ela não o impediu quando ele se inclinou e beijou-a de leve. Pelo tempo que ele pode controlar.

Cassian disse baixinho, enxugando a lágrima que riscou seu rosto, "Eu vou te encontrar novamente na próxima vida, através do mundo. E nós vamos ter esse tempo.

Eu prometo."

O Rei do Hybern entrou naquela clareira, seu poder sombrio flutuando entre seus dedos. E até mesmo o Caldeirão parecia fazer uma pausa de surpresa... surpresa ou algum... sentimento quando Nestha olhou para o rei, para a morte entrelaçando em torno de suas mãos, em seguida, para baixo, para Cassian. E cobriu o corpo de Cassian com o dela mesmo. Cassian ficou imóvel, então sua mão deslizou sobre suas costas.

Juntos. Eles iriam juntos.

*Vou oferecer-lhe um negócio, eu disse para o Caldeirão. Vou oferecer-lhe a minha alma. Salve-os.*

- Romântico, - disse o rei, “mas mal aconselhado. ”

Nestha não se moveu de onde ela protegia o corpo de Cassian. O rei levantou a mão, o poder girando como uma galáxia escura na palma. Eu sabia que ambos morreriam no momento em que o poder os atingisse.

*Qualquer coisa*, eu implorei ao Caldeirão.

Nada... mas a mão do rei começou a descer. E depois parou.

Um ruído de asfixia saiu dele. Por um momento, pensei que o Caldeirão tinha respondido minhas súplicas. Mas então uma lâmina preta rompeu a garganta do rei, pulverizando sangue, e percebi que outra pessoa respondeu.

Elain saiu de uma sombra atrás dele e empurrou a Reveladora da Verdade até o punho na parte de trás do pescoço do rei enquanto ela rosnava em seu ouvido: "Você não toca minha irmã".

## CAPÍTULO

O Caldeirão ronronou na presença de Elain quando o Rei de Hybern caiu de joelhos, agarrando a faca que se projeta através de sua garganta. Elain recuou um passo.

Sufocando, sangue escorrendo dos lábios, o rei ficou boquiaberto para Nestha.

Minha irmã se pós de pé. Não indo para Elain. Mas para rei.

Nestha envolveu a mão no punho de obsidiana da Reveladora da Verdade. E

lentamente, como se saboreando cada bocado de esforço que levou... Nestha começou a rodar a lâmina.

Não uma rotação do seu próprio punho, mas da lâmina rotando em seu pescoço.

Elain correu para Cassian, mas o guerreiro estava ofegante... sorrindo tristemente e ofegando, quando Nestha torceu e retorceu a lâmina no pescoço do rei. Cortando a carne, osso e tendão. Nestha olhou para o rei antes que fizesse o passe final, com as mãos ainda tentando se erguer, para agarrar a lâmina. E nos olhos de Nestha... era a mesma aparência, o mesmo brilho que ela tinha tido aquele dia em Hybern. Quando ela apontou o dedo para ele em uma promessa de morte. Ela sorriu um pouco, como se lembrasse também. E então ela empurrou a lâmina, como um trabalhador levantando o raio de uma roda poderosa, moendo.

Os olhos do rei queimaram, então sua cabeça caiu de seus ombros.

- Nestha. - Cassian gemeu, tentando alcançá-la.

O sangue do rei manchava seus couros, seu rosto. Nestha não parecia se importar com isso quando se agachou. Quando ela pegou a cabeça dele caída e levantou-a.

Levantou-o no ar e olhou para ele, para os olhos mortos de Hybern, sua boca aberta.

Ela não sorriu. Ela só olhou, olhou e olhou. Selvagem. Inflexível. Brutal.

- Nestha. - Elain sussurrou.

Nestha piscou e pareceu perceber a cabeça que estava segurando. O que ela e Elain tinham feito. A cabeça do rei rolou de suas mãos ensanguentadas. O Caldeirão pareceu perceber o que tinha sido feito também, quando sua cabeça bateu no chão coberto de musgo. Que Elain... Elain tinha defendido essa ladra.

*Elain*, ele retirou os olhos de Elain por um momento, e os dela caíram sobre nosso pai morto, deitado na clareira ao lado. No momento em que um grito saiu dela.

*Não*. Corri para eles, mas o Caldeirão foi muito rápido. Muito forte. Ele chicoteou-me de volta, de volta... através de todo o campo de batalha. Ninguém parecia saber que o rei estava morto. E os nossos exércitos... Rhys e os outros Grão Senhores deram-se inteiramente aos monstros que espreitavam sob

suas peles, faixas de soldados inimigos morrendo em seus rastros, picados, eviscerados ou divididos em dois.

E Helion... o Grão Senhor da Diurna estava sangrando, sua pele dourada chamuscada e rasgada, mas ele ainda lutava contra o comandante de Hybern. O

comandante permaneceu intacto. Seu rosto sereno. Como se soubesse que poderia muito bem ganhar de Helion apenas com uma espada hoje.

Nós estávamos a um arco de distância, do outro lado do campo. Passando por Bryaxis... ainda lutando. Segurando a linha para os homens de Graysen. A nuvem negra cortava um caminho para eles, os protegendo. Bryaxis, o próprio medo, protegendo os mortais.

Passamos por Drakon e uma mulher de cabelos negros com a pele como de mel escuro, ambos voltados para... Jurian. Eles estavam lutando com Jurian. Drakon tinha um rancor antigo demais para contentar-se e assim o fez Miryam. Nós passamos tão rapidamente que não pude ouvir o que foi dito, não poderia ver se Jurian estava realmente lutando voltando atrás ou tentando afastá-los enquanto ele explicava.

Mor entrou na briga, sangrando e mancando, gritando com eles, era o menor dos nossos problemas. Porque os nossos exércitos... Hybern estava nos esmagando. Sem o rei, sem o Caldeirão, eles ainda estavam. O fervor que o rei tinha despertado neles, sua crença de que eles haviam sido injustiçados e esquecidos... eles continuariam lutando.

Nenhuma solução seria capaz de apaziguá-los além da conquista completa do que eles ainda acreditavam que lhes era um direito merecido.

Eram muitos. Muitos. E estávamos todos drenados.

O Caldeirão se dirigiu para longe, indo em direção a si mesmo. Houve um rugido de dor... um rugido que eu reconheci, mesmo com a forma diferente, angustiante.

*Rhys.*

Rhys... ele estava vacilante, precisava de ajuda... o Caldeirão me sugou de volta para si mesmo, e eu estava novamente no topo de que da colina. Novamente olhando para Amren, que estava batendo em meu rosto, gritando meu nome.

- Garota estúpida. Ela gritou. "Lute!"

Rhys ficou ferido. Rhys estava sendo sobrecarregado... eu bati de volta para o meu corpo. Minha mão permaneceu no topo do Caldeirão. Um vínculo vivo. Mas com o Caldeirão contido em si... eu pisquei. Por eu poder piscar, Amren soltou um suspiro.

- O que no inferno-

- O rei está morto, - eu disse, minha voz fria e distante - “ assim como você vai estar em breve, também.” Eu vou matá-la por isso, por nós trair seja qual for a razão-

- Eu sei, - Amren disse calmamente, - “e eu preciso de você para me ajudar a fazê-



lo.” Eu quase soltei o Caldeirão com as suas palavras, mas ela balançou a cabeça. “Não quebre o contato. Eu preciso de você para ser... um canal.”

- Eu não entendo.

- O Suriel... deu-lhe uma mensagem. Para mim. Só para mim. - Minhas sobrancelhas estreitaram-se.

Amren disse: “A resposta no Livro não era um feitiço de controle. Eu menti sobre isso. Era... um feitiço para libertar. A mim.”

- O quê? - Amren olhou para a carnificina, os gritos dos moribundos nos alcançando.

- Eu pensei que precisaria de suas irmãs para ajudar a controlar o Caldeirão, mas depois que você enfrentou o Ouroboros... eu sabia que você poderia fazê-lo. Só você. E

apenas você. Porque quando você me desvincular com o poder do Caldeirão, na minha forma real... Eu vou limpar esse exército para longe. Cada último pedaço deles.

- Amren-Mas uma voz masculina implorou por trás.

- Não. - Varian apareceu do caminho pedregoso, ofegante, salpicado de sangue.

Amren sorriu.

- Como um cão atrás de um cheiro.

- Não. - Foi tudo Varian disse.

- Liberte-me. - Disse Amren, ignorando-o. “Deixe-me acabar com isso.”

Eu comecei balançando a cabeça. “Você, você terá ido. Você disse que não vai se lembrar de nós, não será mais você mesma assim que estiver liberta.”

Amren sorriu levemente para mim, para Varian. “Eu os assisti por tantas eras. Os seres humanos, no meu mundo, havia seres humanos, também. E eu assisti-lhes amar e guerrear sem sentido, sentir ódio e encontrar a tão preciosa paz. Assisti-os construir vidas, construir mundos. Eu estava... eu nunca fui permitida a essas coisas. Eu não tinha sido concebida dessa forma, não tinha sido ordenada a fazê-lo. Então, eu assisti. E naquele dia que eu vim para cá... foi a primeira coisa egoísta que eu tinha feito. Por um longo, longo tempo eu pensei que era uma punição por desobedecer às ordens do meu pai, por querer.

Eu pensei que este mundo era um pequeno inferno que ele tinha me trancado por desobediência. ” Amren ingeriu ar. “Mas eu acho que... eu me pergunto se meu pai sabia.

Se ele viu como eu assisti-lhes contruir amor e ódio, e abriu aquele rasgo no mundo não como castigo... mas como um presente.” Seus olhos brilharam. “Porque foi um presente.

Este tempo com você. Com todos vocês. Foi um presente.”

- Amren. - Varian disse, e se afundou em seus joelhos. “Estou pedindo para você”

- Diga ao Grão Senhor, - ela disse suavemente, “brindar um copo para mim.”

Eu não acho que tinha forças no meu coração para outra onda de tristeza. Segurei o Caldeirão um pouco mais firme quando minha garganta engrossou.

- Eu vou. - Ela olhou para Varian, um sorriso irônico em sua boca vermelha. “Eu assisti os humanos que amavam. Eu nunca entendia isso... como acontecia. Por que isso acontecia.” Ela parou a um passo do Caldeirão. “Eu acho que eu poderia ter aprendido com você, no entanto. Talvez fosse um último presente, também.”

O rosto de Varian torceu com angústia. Mas ele não fez mais nenhum movimento para impedi-la. Ela se virou para mim. E falou as palavras na minha cabeça... o feitiço, o que devo pensar, sentir e fazer. Eu balancei a cabeça.

- Quando eu estiver livre, - Amren nos disse: “não corram. Isso vai atrair minha atenção.” Ela levantou uma mão firme para o meu braço. “Estou feliz que nos conhecemos, Feyre.” Eu sorri para ela, curvando minha cabeça.

- Eu também, Amren. Eu também.

Amren agarrou meu pulso. E virou-se para o Caldeirão. Eu lutei. Eu lutei com cada respiração para passar o feitiço, meu braço semisubmerso no caldeirão quando Amren entrou sob a água escura que tinha enchido nele. Eu disse as palavras com a minha língua, disselhes com o meu coração, sangue e ossos. Gritei-as.

Sua mão desapareceu do meu braço, derretendo como o orvalho sob o sol da manhã.

O feitiço terminou, estremecendo fora de mim e eu fui lançada de volta, perdendo o meu domínio sobre o Caldeirão. Varian me pegou antes de eu cair e me agarrou firme enquanto olhávamos para a massa negra na superfície do Caldeirão.

Ele sussurrou: “É ela-”

Começou muito, muito abaixo de nós. Como se ela tivesse ido para o núcleo da Terra. Eu deixei Varian transportar-me a poucos passos quando a ondulação trovejou através do chão, vindo para nós, pelo Caldeirão. Nós só tivemos tempo suficiente para lançar-nos atrás da rocha mais próxima quando ele nos atingiu.

O Caldeirão quebrou em três pedaços, abrindo-se como um florescimento de uma flor... e em seguida, ela surgiu. Ela explodiu a partir dessa concha mortal, iluminando-nos, cegando.

Luz e fogo.

Ela estava rugindo, com vitória, raiva e dor. E eu poderia jurar que vi grandes asas em chamas, cada pena uma brasa latente, bem abertas. Podia jurar que existia uma coroa de luz incandescente flutuando logo acima de seu cabelo em chamas.

Ela fez uma pausa.

A coisa que estava dentro de Amren pausou.

Nos olhou, olhou para o campo de batalha e todos os nossos amigos, nossa família ainda lutando nele. Como se dissesse, *eu lembro de você*. E então ela se foi.

Ela abriu as asas, chamas e luz ondulando e abrangendo a partir dela, um gigante queimando que varreu para baixo sobre o exército de Hybern. Eles começaram a correr.

Amren desceu sobre eles como um martelo, chover fogo e enxofre. Ela varreu-os, queimou-os, bebendo sua morte. Alguns morreram no mero sussurro de sua passagem.

Ouvi Rhys gritando e o som era igual ao dela. Vitória, raiva e dor. E alerta. Um aviso para não fugir.

Pouco a pouco, ela destruiu o exército infinito de Hybern.

Pouco a pouco, ela limpou sua mácula, a sua ameaça. O sofrimento que haviam trazido. Ela se lançou por esse comandante de Hybern, que estava pronto para atacar Helion com um golpe mortal. Atravessando por esse comandante como se ele fosse feito de vidro. Ela deixou apenas cinzas para trás.

Mas esse poder... ele estava desaparecendo. Fugindo brasa por brasa. No entanto Amren foi para o mar, onde o meu pai e o exército de Vassa lutaram ao lado do povo de Miryam. Barcos inteiros cheios de soldados de Hybern caíam depois que ela passava.

Como se ela tivesse inalado a vida para fora deles. Mesmo quando sua própria vida se esvaia. Amren alcançou-se para o último o barco... o navio final do nosso inimigo, e não era mais que uma chama na brisa. E quando esse navio, também, ficou em silêncio...

Havia apenas luz.

Luz limpa, brilhante, dançando sobre as ondas.

CHAPTER

Lágrimas deslizaram pela pele salpicada de sangue de Varian enquanto observávamos o ponto no mar, onde Amren tinha desaparecido. Abaixo, além, nossas forças começavam a gritar com a vitória, com alegria.

Na colina... calma absoluta. Olhei em direção aos três pedaços quebrados do Caldeirão. Talvez eu tivesse feito isso. Desvinculando ela, talvez eu tenha desvinculado o Caldeirão. Ou talvez Amren com seu poder desencadeado... talvez tenha sido muito grande para o Caldeirão.

- Nós devemos ir. - Eu disse a Varian. Os outros estariam procurando por nós. Eu tinha que buscar o meu pai.

Tinha que enterrá-lo.

Ajudar Cassian.

Tinha que ver quem mais estava entre os mortos, ou estariam.

Oca... eu estava tão cansada e oca.

Eu consegui ficar em pé. Dei um passo antes de senti-lo. A... coisa no Caldeirão.

Ou a falta dela. Era nada e substância, ausência e presença. E... ele estava vazando para o mundo. Eu ousei dar um passo em direção a ele. E o que vi nessas ruínas do Caldeirão...

era um vazio. Mas também não um total vazio, um crescimento.

Ele não pertencia aqui.

*Não pertença a lugar algum.*

Havia mãos no meu rosto, me virando, me tocando.

- Você está ferida, você está... - O rosto de Rhys estava golpeado... sangrento. Suas mãos ainda estavam terminando em garras, seus caninos ainda alongados. Ainda envolvido naquela forma animal.

- Você, você libertou ela... - Ele estava gaguejando. Tremendo. Eu não tinha certeza de como ele permanecia até mesmo em pé. Eu não sabia por onde começar. Como explicar.

Eu o deixei entrar em minha mente, sua presença gentil e tão exausta quanto eu estava, o deixei ver o meu pai. Nestha e Cassian. O rei. E Amren. Tudo. Incluindo aquela coisa atrás de nós. Aquele buraco. Rhys dobrou-me em seus braços, só por um momento.

- Nós temos um problema. - Varian murmurou, apontando atrás de nós.

Nós seguimos a linha do seu dedo. Para onde essa fissura no mundo dentro dos fragmentos do Caldeirão... estava crescendo. O Caldeirão nunca poderia ser destruído, foi o que nos tinham avisado.

Porque o nosso próprio mundo foi criado a partir disto. Se o Caldeirão fosse destruído... nós também seríamos.

- O que eu fiz? - Eu respirei. Eu tinha protegido nossos amigos somente para nos amaldiçoar.

Feito. *Feito e refeito.*

Eu tinha quebrado. Eu poderia refazê-lo novamente.

Corri para o livro, escancarando as páginas. Mas o ouro estava gravado com símbolos que apenas um ser nesta terra sabia ler, e ela foi embora. Eu arremessei a maldita coisa para o vazio dentro do Caldeirão. Ele desapareceu e não surgiu novamente.

- Bem, essa é uma maneira de tentar. - Disse Rhys. Virei-me diante do humor, mas seu rosto estava duro. Sombrio.

- Eu não sei o que fazer. - Eu sussurrei. Rhys estudou as ruínas.

- Amren disse que você era um canal. - Eu assenti. “Então, seja um novamente.”

- O quê?

Ele olhou para mim como se eu fosse a única louca quando ele disse: “Refaça o Caldeirão. Forje-o de novo.”

- Com que poder?

- O meu próprio.

- Você está... está drenado, Rhys. Assim como eu, como todos nós estamos.

- Tente. Use-me.

Eu pisquei, a borda do pânico suavizando um pouco. Sim.. sim, com ele, com meu parceiro... procurei através do feitiço que Amren tinha me mostrado. Se eu mudasse uma coisa pequena... era uma aposta. Mas poderia funcionar.

- Melhor do que nada. - Eu disse, soprando para fora uma respiração. “Esse é o espírito.” Humor dançou em seus olhos. Os mortos se espalhavam por milhas, gritos dos feridos e luto começando a surgir, mas... tínhamos parado Hybern. Paramos o rei. Talvez tenhamos... tenhamos sorte com isso também.

Estendi a mão para ele, com a minha mão, a minha mente. Seus escudos eram as sólidas paredes ele tinha erguido para a batalha. Eu passei a mão ao longo de uma, mas ela manteve-se. Rhys sorriu para mim, me beijou uma vez.

- Lembre-me de nunca chegar ao lado ruim de Nestha.

Que ele não queria fazer piada, mas era uma forma de resistir. Para nós dois. Porque a alternativa ao riso... o rosto devastado de Varian, nos observando em silêncio, era a alternativa. E com essa coisa frente

para nós, essa tarefa final... então, eu consegui uma risada. E eu ainda estava sorrindo, só um pouco, quando novamente coloquei minha mão sobre os cacos quebrados do Caldeirão. Era um buraco. Sem ar. Nenhuma vida poderia existir ali. Sem luz.

Era... era o que existia no início. Antes que todas as coisas tivessem explodido a partir dele. Ele não pertencia aqui.

Talvez um dia, quando a terra tivesse envelhecido e morresse, quando as estrelas tiverem desaparecido também... talvez então, gostaria de voltar a este lugar.

Hoje não. Agora não.

Fiquei tanto sólida como vazia. E atrás de mim... o poder de Rhys era uma corda.

Um relâmpago sem fim que surgia de mim neste... lugar. Para ser moldado como eu quisesse.

Feito e refeito.

De um canto distante da minha memória, da minha mente humana... me lembrei de um mural pintado que eu tinha visto na Corte Primavera. Escondido em uma biblioteca empoeirada, não utilizado. Ele contava a história de Prythian. Ele contava a história de um Caldeirão. Este Caldeirão. E quando foi manipulado pelas mãos de uma fêmea... toda a vida fluindo a partir dele.

Eu alcancei meu poder, o poder de Rhys ondulando através de mim. Unidos. Unidos como um só. Pergunta e resposta. Eu não estava com medo. Não com ele lá.

Apoiei minhas mãos de maneira que os três pedaços do Caldeirão pudessem caber dentro delas. O universo inteiro na palma da minha mão. E comecei a falar o último feitiço que Amren havia encontrado para nós. Falando, pensando e sentindo. Palavra, respiração e sangue.

O poder de Rhys fluiu através de mim, para fora de mim. O Caldeirão apareceu.

Luz dançando ao longo das fissuras onde os três pedaços uma vez se uniram.

Lá... lá eu precisaria unir. Soldar. Para ligar. Eu coloquei a mão contra o lado do Caldeirão. Um fluxo de poder brutal em saiu em cascata para fora de mim. Eu me inclinei para ele, sem medo desse poder, desse macho que me segurava. Ele corria e corria, uma represa estourando da noite. As rachaduras piscaram e se tornaram turvas. Esse vazio começou a deslizar de volta. *Mais*. Precisávamos de mais.

Ele deu-me.

Rhys entregou tudo. Eu era um portador, um navio, uma conexão.

*Eu te amo*, ele sussurrou em minha mente. Eu só recostei-me contra ele, saboreando seu calor, mesmo neste não-lugar. Poder estremeceu através dele. Envolvendo-se em torno do Caldeirão. Eu recitei o feitiço mais, mais e mais.

A primeira rachadura se uniu. Em seguida, a segunda. Eu o senti tremer atrás de mim, ouvi sua respiração cortar o ar. Tentei virar - *Eu te amo*, ele disse novamente. A terceira e última fissura começou a soldar.

Seu poder começou a gaguejar.

Mas ele o manteve fluindo para fora. Eu joguei o meu para ele, faíscas, neve, luz e água. Juntos, jogamos tudo dentro. Nós demos até a última gota. Até aquele caldeirão estar inteiro. Até que a coisa que o continha... estivesse lá. Trancada. Até que eu pudesse sentir o sol novamente aquecendo meu rosto. E visse o Caldeirão apoiado diante de mim...

abaixo da minha mão.

Eu retirei meus dedos da borda de ferro gelada. Olhou para as profundezas escuras.

Sem rachaduras. Inteiro. Eu soltei um suspiro trêmulo. Nós tínhamos feito isso. Tínhamos feito... virei.

Levei um momento para entender.

O que eu vi.

Rhys estava esparramado no chão rochoso, asas abertas atrás dele. Parecia que ele estava dormindo. Mas enquanto eu respirava... não o sentia lá. Aquela coisa que subia e descia com cada respiração. Que ecoava a cada batimento cardíaco.

O elo de parceria.

Ele não estava lá.

Ele se foi.

Porque o próprio peito dele... não estava se movendo. E Rhys estava morto.

CAPÍTULO

Tinha apenas o silêncio na minha cabeça.

Só o silêncio, quando comecei a gritar.

Gritando, gritando e gritando.

O vazio no meu peito, minha alma sentindo a falta do vínculo, da vida... eu estava tremendo, gritando seu nome e sacudindo-o, meu corpo deixou de ser o meu corpo e só se tornou essa coisa que me segurava a esta falta dele, eu não conseguia parar de gritar e gritar... então Mor estava lá. E Azriel, balançando em seus pés, um braço enganchado ao redor de Cassian, exatamente como o vi, sangrento e mal, de pé graças aos curativos azuis do Sifão que se mantinham em cima dele. Sobre os dois.

Eles estavam dizendo coisas, mas tudo que eu podia ouvir era o último *Eu te amo*, que não tinha sido uma declaração, mas um adeus. E ele tinha percebido. Ele sabia que não restaria nada, que teria que dar tudo. Custaria-lhe tudo. Ele manteve seus escudos para que eu não visse, porque eu não teria dito sim, eu teria deixado o mundo acabar, não aceitaria essa coisa que ele tinha feito e... esse vazio que restou, onde estava-Alguém estava tentando me puxar para longe dele, e deixei escapar um som que poderia ter sido um grunhido ou outro grito, então eles me deixaram ir. Eu não poderia viver com isso, não podia suportar isso, não poderia lutar... havia mãos... mãos desconhecidas na sua garganta. Tocando ele... corri para elas, mas alguém me segurou.

- Ele está vendo se há algo a ser feito. - Disse Mor, com a voz firme.

Ele. Thesan. Grão Senhor da Corte Diruna. E da cura.

Corri novamente, para pedir-lhe, para implorar... mas ele sacudiu a cabeça.

Não para Mor. Para os outros. Tarquin estava lá. Helion. Ofegante e machucado.

- Ele... - Helion murmurou, depois sacudiu a cabeça, fechando os olhos. “Claro que ele fez.” - Disse ele, mais para si mesmo do que ninguém.

- Por favor. - Eu disse e não tinha certeza para quem eu estava falando. Meus dedos roçando a armadura de Rhys, tentando chegar ao coração por baixo. O Caldeirão... talvez o Caldeirão... eu não conhecia essas magias. Como colocá-lo e certificar-me que ele voltasse. Mãos escuras enrolaram-se nas minhas. Elas estavam salpicadas de sangue e cortes, mas era suave. Eu tentei afastar, mas elas mantiveram-se firme quando Tarquin se ajoelhou ao meu lado e disse: “Sinto muito.”

Foram essas duas palavras que me quebraram. Me quebraram de uma maneira que eu não sabia que ainda poderia ser quebrada, um rasgo em cada corda e elo.

*Fique com o Grão Senhor. Último aviso do Suriel. Fique... e viva para ver tudo corrigido.*

Uma mentira.



Uma mentira, como Rhys havia mentido para mim.

Fique com o Grão Senhor. Fique. Do outro lado... os pedaços do vínculo de parceria rasgados. Flutuando em um vento fantasma dentro de mim. Agarrei-os... os puxei, como se ele respondesse.

Fique. *Fique, fique, fique.*

Agarrei-me a esses restos e vestígios, arranhando o vazio que se escondia além.

*Fique.*

Eu olhei para Tarquin, lábio curvando sobre meus dentes. Olhei para Helion. E

Thesan. E Beron, Kallias, Viviane chorando ao seu lado. E rosnei: “Tragam-o de volta.”

Rostos em branco.

Eu gritei com eles:

- Tragam-o de volta!

Nada.

- Vocês fizeram isso por mim, - eu disse, respirando com dificuldade - “agora façam isso por ele.”

- Você era um ser humano. - Helion disse cuidadosamente. “Não é o mesmo-”

- Eu não me importo. Façam-o.

Quando eles não se mexeram, eu reuni os restos do meu poder, preparando-me para rasgar suas mentes e forçá-los, não me importando quais regras ou leis quebraria. Eu não me importaria, apenas se... Tarquin deu um passo adiante. Ele lentamente estendeu a mão para mim.

- Pelo que ele deu. - Tarquin disse calmamente. “Por hoje e durante muitos anos antes.”

E quando as sementes de luz apareceram na palma da mão... comecei a chorar de novo. Assistia cair sobre a garganta nua de Rhys e desaparecer na pele por baixo, um eco de luz queimando uma vez.

Helion avançou. Esse núcleo de luz na mão cintilou quando caiu sobre a pele de Rhys. Então Kallias. E Thesan. Até que apenas Beron estava lá. Mor desembainhou sua espada e colocou-a em sua garganta. Ele empurrou, não tendo sequer visto seu movimento.

- Eu não me importo de causar mais uma morte hoje. - Disse ela.

Beron deu-lhe um olhar fulminante, mas empurrou para fora da espada e avançou.

Ele praticamente jogou a mancha de luz sobre Rhys. Eu não me importava com isso também. Eu não sabia qual era o feitiço, de onde o poder vinha. Mas eu era uma Grã Senhora.

Estendi minha mão. Desejando que a centelha de vida aparecesse.

Nada aconteceu. Respirei firme, lembrando como se parecia.

- Diga-me como. - Rosnei para ninguém. Thesan tossiu e deu um passo adiante.

Explicando sobre o núcleo de poder e assim por diante... eu não me importava, mas eu escutei, até... lá. Tão pequena, como uma semente de girassol, apareceu em minha palma.

Um pouco de mim, minha vida. Eu coloquei-a suavemente na garganta coberta com crosta de sangue de Rhys. E eu percebi, assim que aconteceu, o que estava faltando.

Tamlin estava ali, convocado por qualquer sinal de morte de um colega Grão Senhor ou por um dos outros ao meu redor. Ele estava salpicado de lama e sangue, sua nova bandoleira de facas quase vazia.

Ele estudou Rhys, sem vida diante de mim. Estudou todos nós, as palmas ainda erguidas. Não havia bondade em seu rosto. Sem piedade.

- Por favor. - Foi tudo o que eu disse a ele.

Então Tamlin olhou entre nós, eu e meu parceiro. Seu rosto não se alterou.

- Por favor. - Eu chorei. “Vou... vou dar-lhe qualquer coisa.”

Algo mudou em seus olhos com isso. Mas sem bondade. Nenhuma emoção em tudo. Eu coloquei minha cabeça no peito de Rhysand, escutando para qualquer tipo de batimento cardíaco por aquela armadura.

- Qualquer coisa.

Eu sussurei para ninguém em particular.

- Qualquer coisa.

Passos arranharam o chão rochoso. Eu me preparei para um outro conjunto de mãos tentando me afastar e cavei os dedos mais difícil. Os passos permaneceram atrás de mim por muito tempo, o suficiente para que eu olhasse.

Tamlin ali. Olhando para mim. Aqueles olhos verdes brilhando com alguma emoção que eu não poderia entender.

- Seja feliz, Feyre. - Disse ele calmamente. E deixou cair essa semente final de luz sobre Rhysand.

Eu não tinha testemunhado... quando tinha sido feito para mim. Então, tudo que fiz foi segurá-lo. O seu corpo, os farrapos de que restou do vínculo.

*Fique*, eu implorei. *Fique*. Luz brilhava além de minhas pálpebras fechadas.

*Fique*.

E no silêncio... comecei a dizer a ele. Sobre a primeira noite que eu o vi. Quando eu ouvi aquela voz me chamando para as colinas. Quando eu não pude resistir a sua convocação, e agora... agora eu me

perguntava se eu o tinha ouvido chamar por mim no Calanmai. Se tinha sido sua voz que me levou lá naquela noite. Eu disse a ele como eu tinha caído no amor por ele, cada olhar, cada nota e coxar de risadas que ele arrancava de mim. Eu disse a ele tudo o que tinha feito, e o que tinha significado para mim, e tudo o que eu ainda queria fazer. Toda a vida que ainda restava diante de nós. E em troca... um baque soou.

Abri os olhos.

Outro baque. E então seu peito subiu, levantando minha cabeça com ele. Não podia me mover, não podia respirar... uma mão roçou a minha.

Então Rhys gemeu.

- Se estamos todos aqui, ou as coisas deram errado, muito errado... ou muito certo.

Uma risada quebrada de Cassian escapou fora dele.

Eu não conseguia levantar a cabeça, não podia fazer nada, além de segurá-lo, saboreando cada batimento cardíaco, respiração e o barulho da sua voz quando Rhys raspou “Vocês todos ficaram satisfeitos em saber... que meu poder permanece o mesmo.

Sem roubos aqui.”

- Você sabe como fazer uma entrada. - Helion pausou. “Ou eu deveria dizer saída?”

- Você é horrível. - Viviane estalou. “Isso não é nem remotamente engraçado-”

Eu não ouvi o que mais eles disseram. Rhys sentou-se, levantando-me com ele. Ele afastou os cabelos que se agarraram as minhas bochechas úmidas. “Fique com o Grão Senhor”, ele murmurou.

Eu não tinha acreditado, até que olhei para aquele rosto. Aqueles olhos salpicados de estrelas. Não tinha me deixado acreditar que não era nada além de alguma ilusão-

- É verdade. - Disse ele, beijando minha testa. “E... há uma outra surpresa.” Ele apontou com a mão curada em direção ao Caldeirão. “Alguém pesque a querida Amren antes que ela pegue um resfriado.” Varian se voltou para nós.

Mas Mor foi correndo para o Caldeirão, e gritou quando chegou lá.

- Como? - Eu respirei. Azriel e Varian estavam lá, ajudando Mor a erguer uma forma encharcada fora da água escura. Seu peito subia e descia, ela parecia a mesma, mas...

- Ela estava lá. - Disse Rhys. “Quando o Caldeirão foi refeito. Indo... para onde quer que vamos.” Amren cuspiu água, vomitando no chão rochoso. Mor bateu nas suas costas, persuadindo-a.

- Então, eu estendi a mão. - Rhys disse tranquilamente. “Para ver se ela poderia querer voltar.” E quando Amren abriu os olhos, quando Varian deixou escapar um som abafado de alívio e alegria... eu sabia... o que a tinha feito desistido de ir.

Grã Feérica e apenas isso. Os olhos pratas eram sólidos. Imóveis. Sem fumaça, nenhuma névoa queimando neles. Uma vida normal, nenhum traço de seus poderes a ser visto. E quando Amren sorriu para mim.. eu me perguntava se isso tinha sido seu último presente. Se tudo... se tudo tinha sido um presente.

CHAPTER

Entre o campo alastrando de cadáveres e feridos, havia um corpo que eu queria enterrar. Apenas Nestha, Elain e eu voltamos para aquele monte, uma vez que Azriel tinha dito a todos, de forma clara que a batalha estava bem e verdadeiramente acabada. Tirando Rhys fora da minha vista para reunir os nossos exércitos que se espalharam, classificar os vivos e mortos, e manter alguma aparência de ordem, o que seria um esforço de autocontrole.

Eu quase implorei para Rhys vir com a gente, então eu não teria que soltar sua mão, que eu não tinha parado de segurar desde aqueles momentos em que ouvi seus batimentos cardíacos firmes ecoando em seu corpo mais uma vez. Mas esta tarefa, esta despedida...

eu sabia que, no fundo, era apenas para minhas irmãs e eu. Então eu soltei a mão de Rhys, beijando-o uma vez, duas vezes, e o deixei no campo da batalha ajudando Mor a transportar um Cassian em mal estado para o curandeiro mais próximo.

Nestha os observava quando cheguei onde ela e Elain estavam na borda arborizada.

Ele tinha conseguido se recuperar, de alguma forma, nesses momentos depois que ela cortou a cabeça do rei? Ou teria sido o sangue imortal de Cassian e os curativos improvisados de campo de batalha de Azriel que já tinham curado o suficiente para o permitir ficar de pé, mesmo com a asa e perna quebrados?

Eu não perguntei a minha irmã, e ela não forneceu nenhuma resposta enquanto pegava o balde de água pendurado nas mãos ainda sangrentas de Elain, e eu as segui através das árvores.

O cadáver do rei de Hybern estava na clareira, os corvos já rondando ele. Nestha cuspiu nele antes de nós nos aproximarmos nosso pai. Os corvos espalhados com o tempo.

Os gritos e gemidos dos feridos surgiam de uma parede distante, som de um outro mundo longe da clareira salpicada de sol.

Sangue ainda fresco no musgo e grama.

Eu bloqueei a cor acobreada do sangue deles... de Cassian, o sangue do rei, o sangue de Nestha.

Só o nosso pai não tinha sangrado.

Ele não tinha tido a oportunidade. E graças a qualquer pequena benção da Mãe, os corvos não tinham começado com ele.

Elain calmamente lavou o rosto.

Penteou o cabelo e a barba.

Ajeitou a roupa.

Ela encontrou flores em algum lugar. Colocou-as em sua cabeça, no peito. Nós olhamos para ele em

silêncio.

- Eu te amo. - Elain sussurrou, com a voz embargada.

Nestha não disse nada, o rosto ilegível. Havia tantas sombras em seus olhos. Não tinha dito a ela que eu tinha visto... queria deixá-las me dizerem o que queriam.

Elain sussurrou: “Devemos... dizer uma oração?”

Nós não tínhamos essas coisas no mundo humano, eu me lembrei. Minhas irmãs não tinham orações para lhe oferecer. Mas, em Prythian...

- Que a Mãe o acompanhe, - eu sussurrei, recitando palavras que eu não tinha ouvido desde aquele dia Sob a Montanha, - “que você possa passar pelos portões; possa sentir o cheiro da terra imortal, de leite e mel.”

Acedi uma chama na ponta dos dedos. Tudo o que eu poderia reunir. Tudo o que restou.

- Não tema nenhum mal. Não sinta nenhuma dor. - Minha boca tremia enquanto eu respirava... “Que você possa entrar na eternidade.”

Lágrimas deslizaram pelas bochechas pálidas de Elain enquanto ajustava uma flor errante no peito de nosso pai, uma branca pétala delicada, e depois afastou-se para meu lado com um aceno de cabeça. O rosto de Nestha não mudou quando mandei que o fogo queimasse o corpo de nosso pai.

Ele seria cinzas no vento em questão de momentos.

Olhamos a laje queimada de terra por longos minutos, o sol mudando no horizonte.

Passos rangiam na grama atrás de nós. Nestha girou, mas...Lucien.

Era Lucien.

Lucien, abatido e sangrento, ofegante. Como se ele tivesse corrido desde a costa.

Seu olhar pousou em Elain, e ele relaxou um pouco. Mas Elain unicamente colocou os braços em torno de si e ficou ao meu lado.

- Você está ferida? - Ele perguntou, vindo em nossa direção. Espiando o sangue manchando as mãos de Elain. Ele parou a uma curta distancia quando notou a cabeça do rei de Hybern decapitada do outro lado da clareira.

Nestha ainda estava encharcada com seu sangue.

- Eu estou bem. - Elain disse calmamente. E então perguntou, notando o sangue dele, as roupas rasgadas e as armas ainda... sangrentas - “Você está...”

- Bem, eu nunca quero lutar em outra batalha, enquanto eu viver, mas... sim, eu estou inteiro.

Um leve sorriso floresceu nos lábios de Elain. Mas Lucien notou a mancha queimada de grama atrás de nós e disse: “Eu ouvi... o que aconteceu. Sinto muito pela sua perda. Todas vocês.”

Eu só caminhei até ele e joguei meus braços em volta de seu pescoço, mesmo se não fosse o abraço que ele estava esperando.

- Obrigada... por vir. Para a batalha, quero dizer.

- Eu tenho um inferno de uma história para contar. - Ele disse, apertando-me com força. “E não me surpreenderia se os cantos de Vassa surgirem assim que os navios estejam ancorados. E o sol se ponha.”

- Ela está realmente...

- Sim. Mas seu pai, sempre o negociador... – Um pequeno sorriso triste, para a grama queimada. “Ele conseguiu fazer um acordo com o guardião de Vassa para ela vir aqui. Temporariamente, mas... melhor do que nada. Mas sim.. rainha, pela noite, pássaro de fogo durante o dia.” Ele soltou um suspiro. “Maldição desagradável.”

- As rainhas humanas ainda estão lá fora. - Eu disse. Talvez eu vá caçá-las.

- Não por muito tempo, não com Vassa se envolvendo com isso.

- Você soa como um acólito.

Lucien corou, olhando para Elain. “Ela tem um mau humor e uma boca tão suja.”

Ele me cortou um olhar irônico. “Vocês vão se dar muito bem.” Eu cutuquei suas costelas.

Mas Lucien novamente olhou para a grama chamuscada, e seu rosto manchado de sangue ficou solene.

- Ele era um bom homem. - Disse ele. “Ele amava muito a todas muito.”

Eu balancei a cabeça, incapaz de formar as palavras. Ou pensamentos. Nestha não fez nada além de piscar para indicar que tinha ouvido. Elain apenas colocou os braços apertados em torno de si mesma, mais algumas lágrimas escorrendo livre.

Eu poupei Lucien do tormento de debater se deveria tocá-la, e vinculei meu braço no dele quando comecei me a afastar, deixando minhas irmãs decidir se nos seguiam ou permaneceriam... talvez elas quizessem um momento a sós com aquela grama queimada.

Elain veio.

Nestha ficou.

Elain se pos em passo ao meu lado, olhando para Lucien. Ele notou.

- Eu ouvi que você deu o golpe mortal. - Disse ele.

Elain estudou as árvores a frente.

- Nestha fez. Eu apenas o esfaqueei.

Lucien parecia se atrapalhar com uma resposta, mas eu disselhe: - Então, onde agora? Vai voltar com Vassa?

Eu me perguntei se ele tinha ouvido falar de Tamlin, sobre a ajuda que ele nos deu.

Um olhar para o meu amigo me mostrou que ele tinha. Alguém, talvez o meu parceiro, o havia informado. Lucien deu de ombros.

- Primeiro aqui. Ajudando. Então... - Outro olhar sobre Elain. “Quem sabe?”

Eu cutuquei Elain, que piscou para mim, em seguida, deixou escapar: “Você poderia vir para Velaris.”

Ele observou tudo, mas concordou graciosamente. “Seria meu prazer.”

À medida que caminhávamos de volta para o acampamento, Lucien disse-nos de seu tempo longe... como tinha caçado por Vassa, como ele a tinha encontrado já com o meu pai, com um exército marchando para o oeste. Como Miryam e Drakon tinham encontrado-los em sua própria jornada para nos ajudar.

Eu ainda estava ponderando sobre tudo o que ele disse quando escorreguei para a minha tenda para sair definitivamente fora de meus couros, deixando ele e Elain para ir encontrar um lugar para lavar-se. E conversar... talvez. Mas enquanto eu caminhava pelas abas, o som da conversa cumprimentou-me.

Muitas vozes, uma delas pertencente a meu parceiro.

Eu dei um passo dentro e sabia que não poderia mudar minhas roupas tão cedo.

Sentado em uma cadeira diante do braseiro estava o príncipe Drakon, Rhys esparramado e ainda sangrento nas almofadas em frente a ele. E sobre os travesseiros ao lado de Rhys sentava-se uma linda mulher, o cabelo escuro caindo pelas costas em cachos perfumados, já sorrindo para mim. Miryam.

## CAPÍTULO



O rosto sorridente de Miryam era mais humano do que Grão Feérico. Mas Miryam, lembrei-me quando ela e Drakon se levantaram para cumprimentar-me, era apenas metade Feérica. Ela tinha as orelhas delicadamente pontiagudas, mas... havia algo ainda humano sobre ela. Nesse largo sorriso que iluminou seus olhos castanhos.

Eu imediatamente gostei dela.

Em seus próprios couros, de um modelo diferente dos Illyrianos, mas obviamente desenhado para outro povo aéreo, para os manter aquecidos nos céus, salpicado de sangue assim como sua pele cor de mel ao longo de seu pescoço e mãos, mas ela não parecia notar. Ou ligar. Ela estendeu as mãos para mim.

- Grã Senhora. - Miryam disse, com o mesmo sotaque de Drakon. Enrolado e rico.

Peguei suas mãos, surpresa ao encontrá-las secas e quentes.

Ela apertou meus dedos firmemente enquanto eu consegui dizer: “Eu ouvi muito sobre você, obrigada por terem vindo.”

Eu lancei um olhar para onde Rhys ainda permanecia deitado nas almofadas, observando-nos com as sobrancelhas levantadas.

- Para alguém que estava apenas morto, - eu disse firmemente, “você parece extraordinariamente relaxado.” Rhys sorriu.

- Estou feliz que você está retornando a seus espíritos habituais, Feyre querida.

Drakon bufou e pegou minhas mãos, apertando-as tão firmemente como sua parceira tinha.

- O que ele quer dizer, minha senhora, é que ele é tão malditamente velho, que não pode levantar-se agora.” Virei-me para Rhys.

- Você é.

- Bem, bem. - Disse Rhys, acenando com a mão, enquanto gemia um pouco.

“Agora, talvez você entenda por que eu não me incomodei em visitar estes dois por tanto tempo. Eles são terrivelmente crueis comigo.”

Miryam riu, estatelando-se nas almofadas novamente.

- Seu parceiro estava no meio de nos contar a sua história, como parece que você já ouviu a nossa.

Eu tinha, mas mesmo quando o príncipe Drakon graciosamente voltou ao seu lugar e eu deslizei na cadeira ao lado dele, apenas observando os dois... eu queria saber a coisa toda. Um dia, não amanhã ou no dia seguinte, mas... um dia, eu queria ouvir seu conto na íntegra. Mas por agora ...

- Eu... vi vocês dois. Batalhando com Jurian. Drakon instantaneamente endureceu, os olhos de Miryam se fecharam quando eu perguntei: “Ele está... ele está morto?”

- Não. - Foi tudo Drakon disse.

- Mor, - Miryam interrompeu, franzindo a testa, “acabou convencendo-nos a não...

resolver as coisas.

Eles teriam. Pela expressão no rosto de Drakon, o príncipe ainda não parecia convencido. E a partir do brilho assombrado nos olhos de Miryam, parecia que tinha ocorrido mais durante essa luta do que deixaram transparecer. Mas eu ainda perguntei: “Onde ele está? ” Drakon deu de ombros.

- Depois que nós não o matamos, eu não tenho nenhuma idéia para onde ele deslizou.

Rhys me deu um meio sorriso. “Ele está com os homens do Senhor Graysen vendo os feridos.”

Miryam perguntou cuidadosamente: “Jurian... tem amigos?”

- Não. Eu disse. “Quero dizer... eu não penso assim. Mas... cada palavra que ele disse era verdade. E ele me ajudou. Foi um bom acordo.” Nenhum deles sequer acenou com a cabeça enquanto trocavam um longo olhar, palavras não ditas sendo transmitidas entre eles.

Rhys perguntou: “Eu pensei ter visto Nephelle durante a batalha, alguma chance que eu consiga dizer Olá, ou ela é muito importante agora para se preocupar comigo?”

Uma bela risada dançou em seus olhos. Eu me endireitei, sorrindo.

- Ela está aqui? - Drakon levantou uma sobrancelha escura.

- Você sabe sobre Nephelle?

- Ouvi sobre ela. - Eu disse, e olhei para as abas da tenda como se ela tivesse vindo a passos largos para dentro. “Eu... é uma longa história.”

- Temos tempo para ouvi-la. - Disse Miryam, em seguida, acrescentou: “Ou... um pouco de tempo, eu acho.” Porque havia de fato muitas, muitas coisas para resolver.

Incluindo... eu balancei minha cabeça.

- Mais tarde. - Eu disse a Miryam e para seu parceiro. A prova de que um mundo poderia existir sem uma Muralha, sem um Tratado.

- Há algo... - Eu retransmiti meu pensamento pelo vínculo para Rhys, ganhando um aceno de aprovação antes de dissesse: “A sua ilha ainda é um segredo?”

Miryam e Drakon trocaram um olhar culpado.

- Pedimos desculpas por isso. - Miryam ofereceu. “Parece que o glamour trabalhou muito bem, manteve

até os bem intencionados mensageiros a distância.” Ela balançou a cabeça, aqueles belos cachos movendo-se com ela. “Gostaríamos de ter chegado mais cedo, saímos do momento em que percebemos o problema que você todos estavam.”

- Não. - Eu disse, balançando minha cabeça, lutando pelas palavras. “Não, eu não culpo vocês. Mãe acima, devemos-lhe...” Soltou um suspiro. “Estamos em dívida com vocês.” Drakon e Miryam opuseram-se a isso, mas eu continuei: “O que eu quero dizer é... se houvesse um objeto de poder terrível que agora precisasse ser escondido... será que Cretea continua sendo uma bom lugar para escondê-lo?” Novamente aquele olhar entre eles, um olhar entre parceiros.

- Sim. - Disse Drakon.

Miryam sussurrou: “Você quer dizer o Caldeirão?”

Eu assenti. Ele tinha sido transportado para o nosso acampamento, guardado por qualquer Illyriano que ainda podia suportar. Nenhum dos outros GrãoSenhores o pediu...

por agora. Mas eu podia ver o debate que se formaria, a raiva, a guerra que poderia começar internamente sobre quem, exatamente, ficaria com o Caldeirão.

- Ele precisa desaparecer. - Eu disse suavemente. “Permanentemente.” Eu acrescentei: “Antes que alguém se lembre de reivindicar ele.” Drakon e Miryam consideraram, uma conversa silenciosa passando entre eles, talvez para baixo de seu próprio vínculo de parceria.

- Quando partirmos, - Drakon disse finalmente, “um de nossos navios pode encontrar-se um pouco mais pesado na água.”

Eu sorri. “Obrigada.”

- Quando você está, exatamente, planejando nos deixar? - Rhys perguntou, levantando uma sobrancelha.

- Já nos vai chutar? - Drakon disse com um meio sorriso.

- Daqui a alguns dias. - Miryam cortou ironicamente. “Assim que os feridos estejam prontos.”

- Bom. - Eu disse. Todos olharam para mim. Engoli em seco. “Quero dizer... não é que eu esteja feliz por vocês irem...” A diversão nos olhos de Miryam refletiram, brilhando. Eu sorri. “Eu quero vocês aqui. Porque eu gostaria de solicitar uma reunião.”

\*\*\*

Um dia mais tarde... eu não sabia como ele tinha chegado tão rapidamente. Eu apenas expliquei o que queria, o que precisava fazer, e... Rhys e Drakon fizeram isso acontecer. Não havia espaço adequado para fazê-lo, não com os campos em desordem.

Mas havia um lugar... a algumas milhas a frente. E, quando o pôr do sol chegou, a propriedade meio arruinada da minha família ficou cheia de GrãoSenhores e príncipes, generais e comandantes, seres humanos e Feéricos... eu ainda não tinha palavras para expressar realmente o que queria.

Todos nós pudemos nos reunimos na sala de estar gigante, o único espaço utilizável na antiga propriedade da minha família, e realmente aconteceria... esta reunião. Eu tinha dormido durante a noite, profunda e imperturbável, Rhys ao meu lado.

Eu não o tinha deixado ir até que o amanhecer tinha invadido nossa tenda. E

depois... os campos de guerra estavam muito cheios de sangue, feridos e mortos. E havia essa reunião para organizar entre vários exércitos, campos e povos. Levou todo o dia, mas até o final dele, eu encontrei-me no foyer destruído, Rhys e os outros ao meu lado, o lustre, uma massa quebrada atrás de nós no chão de mármore rachado.

Os GrãoSenhores chegaram primeiro.

Começando com Beron. Beron, que não fez mais do que olhar para o seu filho, que *não era seu filho*. Lucien, de pé no meu outro lado, não reconheceu a existência de Beron, tampouco. Ou de Eris, enquanto caminhava um passo atrás de seu pai. Eris estava machucado e cortado o suficiente para indicar que ele deveria estar em forma terrível após os combates cessarem ontem, ostentando um corte brutal em seu rosto e pescoço... mal curados.

Mor deixou escapar um grunhido satisfeito ao vê-lo, ou talvez um som de decepção de que a ferida não tinha sido fatal. Eris continuou o passo como se não tivesse ouvido, nem ao menos zombou. Em vez disso, ele apenas acenou para Rhys. Cobrando silenciosamente a promessa: em breve. Logo, talvez, Eris iria finalmente ter o que ele desejava e convocar nossa dívida.

Nós não nos incomodamos em acenar de volta. Nenhum de nós. Especialmente Lucien, que continuou obedientemente ignorando seu irmão mais velho. Mas, quando Eris passou... eu poderia jurar que havia algo como pesar ou tristeza quando ele olhou para Lucien.

Tamlin cruzou o limiar momentos mais tarde. Ele tinha um curativo sobre o seu pescoço e um outro no braço. Ele veio, como ele veio naquele primeiro encontro, sem ninguém a reboque. Eu me perguntei se ele sabia que esta casa destruída tinha sido comprada com o dinheiro que ele tinha dado a meu pai. Com a bondade que tinha mostrado a eles.

Mas a atenção de Tamlin não estava em mim. Ela foi para a pessoa à minha esquerda. Para Lucien. Lucien avançou, cabeça erguida, mesmo quando esse olho de metal zumbia. Minhas irmãs já estavam dentro da sala de estar, prontas para orientar os nossos convidados para seus lugares pré-determinados.

Nós tínhamos planejado eles com cuidado, também.

Tamlin parou alguns pés de distância. Nenhum de nós disse uma palavra. Não quando Lucien abriu a boca.

- Tamlin... - Mas Tamlin começou a observar as roupas que Lucien agora usava. Os couros Illyrianos. Ele poderia muito bem estar vestindo as roupas da Corte Notuna. Foi um esforço para manter minha boca fechada, para explicar que Lucien não tinha quaisquer outras roupas com ele, e que elas não eram um sinal de sua aliança-Tamlin apenas balançou a cabeça, ódio fervendo em seus olhos verdes, e passou.

Nenhuma palavra. Olhei para Lucien a tempo de ver a culpa, a devastação cintilando nesse olho

avermelhado. Rhys tinha de fato dito a Lucien tudo sobre assistência secreta de Tamlin. Sua ajuda em arrastar Beron aqui. Pouando-me no acampamento. Mas Lucien permaneceu de pé com a gente quando Tamlin encontrou seu lugar na sala de estar à nossa direita. Não olhou para o amigo uma vez sequer. Lucien não era tolo o suficiente para pedir perdão. Essa conversa, esse confronto aconteceria em outro momento.

Outro dia, ou semana ou mês.

Perdi a noção de quem entrou em seguida. Drakon e Miryam, juntamente com uma série de seus povos. Incluindo... eu observei uma pequena fêmea, de cabelos escuros, que entrou à direita de Miryam, suas asas muito menores do que qualquer outro Seraphim.

Olhei para onde Azriel estava do outro lado de Rhys, todo enfaixado, suas asas em talas depois que ele as tinha trabalhado muito duro ontem. O encantador de sombras acenou em confirmação.

*Nephelle.*

Eu sorri para a lendário guerreira-escrivã quando ela percebeu o meu olhar enquanto passava. Ela sorriu de volta para mim. Kallias e Viviane entraram, juntamente com a mulher que era de fato sua irmã. Então Tarquin e Varian. Thesan e seu capitão, cuja mão o Peregryn agarrava bem firme. Helion foi o último dos GrãoSenhores a chegar.

Eu não ousava olhar para a porta arruinada onde Lucien agora estava na sala de estar, perto de Elain, enquanto ela e minha irmã se mantinham em silêncio contra a parede de janelas intactas. Beron, sabiamente, não se aproximou e Eris unicamente olhou por cima de vez em quando. Assistindo. Helion estava mancando, ladeado por alguns dos seus capitães e generais, mas ainda conseguiu dar um sorriso triste.

- É melhor desfrutar desta união enquanto dura. - Ele disse para mim e Rhys. “Eu duvido que vamos ser tão unidos quando sairmos daqui.”

- Obrigada pelas palavras de encorajamento. - Eu disse firmemente, e Helion riu enquanto entrava. Mais e mais pessoas encheram aquela sala, a conversa tensa interrompida por explosões de riso ou saudações. Rhys finalmente chamou nossa família com um aceno de cabeça para dentro da sala, enquanto ele e eu esperavamos.

Esperamos e esperamos, longos minutos. Levaria mais tempo para eles chegarem, eu percebi. Uma vez que eles não poderiam atravessar ou mover-se tão rapidamente através do mundo. Eu estava prestes a andar pelo quarto, para começar sem eles quando duas figuras masculinas encheram o porta, a noite escurecendo.

Jurian. E Graysen. E por trás deles... um pequeno contingente de outros seres humanos. Engoli em seco. Agora a parte difícil começaria. Graysen parecia inclinado a voltar, o corte fresco a baixo da sua bochecha franzindo quando ele fez uma careta, mas Jurian o cutucou.

Um olho negro florescia do lado esquerdo do rosto de Jurian. Eu me perguntava se Miryam ou Drakon tinham dado a ele.

Eu apostava no primeiro.

Graysen só nos deu um aceno apertado. Jurian sorriu para mim. “Eu os coloquei em extremos opostos da sala”, eu disse.

Tanto de Miryam e Drakon. Como de Elain. Nenhum dos homens respondeu, apenas caminharam, orgulhosos e altos, para aquela sala cheia de Feéricos.

Rhys beijou meu rosto e caminhou atrás deles. Seguindo pela esquerda com Lucien, a noite agora sobrecarregada, Vassa me encontrou. A última a chegar... a última peça desta reunião.

Ela invadiu o limiar, sem fôlego e sem hesitação, e parou apenas a um pé de distância. Seu cabelo solto era de um ouro avermelhado, cílios e sobrancelhas escuras grossas emoldurando os olhos mais azuis que eu já vi.

Bela, a pele marrom-dourada, sardenta e brilhante. Apenas alguns anos mais velha do que eu, mas... dava a sensação de ser jovem. Alegre. Feroz e selvagem, apesar de sua maldição.

Vassa disse com um sotaque melodioso: “Você é Feyre, a Quebradora de Maldições?”

- Sim. - Eu disse, sentindo Rhys ouvir ironicamente do outro quarto, onde todos estavam agora começando a acalmar-se. Esperando por mim. A boca cheia de Vassa apertou-se.

- Sinto... sobre o seu pai. Ele era um grande homem.

Nestha, caminhando para fora da sala de estar, parou com as palavras. Olhou Vassa de cima para baixo. Vassa retornou o favor.

- Você é Nestha. - Vassa declarou, e me perguntei como meu pai havia descrito ela para que Vassa soubesse. “Eu sinto muito pela sua perda, também.” Nestha simplesmente a olhou com aquela indiferença fria. “Eu ouvi que você matou o Rei do Hybern”, disse Vassa, aquelas sobrancelhas escuras estreitando enquanto ela novamente avaliava Nestha, à procura de qualquer sinal de uma guerreira sob o vestido azul que usava.

Vassa apenas acenou a si mesma quando Nestha não respondeu e me disse: “Ele foi um pai melhor para mim do que eu o que tive. Devo muito a ele, e vou honrar a sua memória, enquanto eu viver.”

O olhar que Nestha estava dando a rainha seria o suficiente para murchar a grama além da porta da frente quebrada. Não existia nada mais sincero quando Vassa perguntou: “Você pode quebrar minha maldição, Feyre Archeron?”

- É por isso que concordou em vir tão rapidamente?” Um meio sorriso.

- Parcialmente. Lucien sugeriu que tinha dons. E outros GrãoSenhores também.

Assim como seu um pai... o seu verdadeiro. Helion. Ela passou antes que eu pudesse responder.

- Eu não tenho muito tempo antes que deva voltar para o lago. Para ele.

O senhor da morte que segurava a coleira.

- Quem é ele? - Eu respirei.

Vassa sacudiu a cabeça, acenando com a mão, enquanto seus olhos escureceram, e repetiu: “Você pode quebrar a minha maldição?”

- Eu... eu não sei como quebrar esses tipos de magias. - Eu admiti. O rosto dela caiu.

Eu acrescentei: “Mas... podemos tentar.” Ela considerou.

- Com os nossos exércitos se curando, não vou ser capaz de sair por algum tempo.

Talvez ele va me dar uma... brecha, como Lucien chamou, para permanecer por mais tempo.” Outro aceno de cabeça. “Vamos discutir isso mais tarde”, declarou ela. “Junto com a ameaça que minhas colegas rainhas representam.” Meu coração tropeçou uma batida. Um sorriso cruel curvou a boca de Vassa.

- Elas vão tentar intervir. - Disse ela. “Em qualquer tipo de negociações de paz.

Hybern enviou-as de volta antes desta batalha, mas eu não tenho nenhuma dúvida de que elas foram espertas o suficiente para encorajar isso. Para não desperdiçar seus exércitos aqui.”

- Mas elas vão a outro lugar? - Nestha exigiu.

Vassa jogou uma mexa lisa do cabelo sobre um ombro.

- Veremos. E você vai pensar em maneiras de me ajudar.

Eu esperei até que ela se dirigisse para a sala de estar antes que erguesse minhas sobrancelhas pela ordem. Ou ela não sabia ou não se importava que eu também era uma rainha de direito. Nestha sorriu.

- Boa sorte com isso.

Eu fiz uma careta, empurrando para baixo a preocupação que já florescia em meu intestino, e disse: “Onde você está indo? A reunião está começando.”

- Por que eu deveria estar lá?

- Você é a convidada de honra. Você matou o rei.” Sombras brilharam em seu rosto.

- Então o quê? - Eu pisquei.

- Você é nossa emissária também. Você deve estar aqui para isso.

Nestha olhou para as escadas, e notei o objeto que ela agarrava em seu punho. A pequena escultura de madeira. Eu não poderia dizer que tipo de animal que era, mas eu conhecia a madeira.

Conhecia o trabalho.

Uma das pequenas esculturas que nosso pai tinha trabalhado durante esses anos, ele... ele não tinha feito

muita coisa em tudo. Olhei para o rosto dela antes que ela pudesse notar a minha atenção.

Nestha disse: “Você acha que esta reunião vai funcionar?”

Com tantos ouvidos Feéricos na sala além, não me atrevi a dar qualquer resposta além da verdade.

- Eu não sei. Mas estou disposta a tentar.

Eu ofereci minha mão para minha irmã.

- Eu quero você aqui para isso. Comigo.

Nestha considerou a mão estendida. Por um momento, achei que ela ia negar. Mas ela deslizou sua mão na minha, e juntas entramos naquela sala repleta de seres humanos e Feéricos.

Ambas as partes deste mundo.

Todas as partes deste mundo.

Grão Senhores de cada corte. Miryam e Drakon e sua comitiva. Os seres humanos de muitos territórios. Todos observaram a mim e Nestha quando entramos, como nós caminhamos até onde Rhys e os outros esperavam, em frente a sala remodelada.

Tentei não me assustar com a mobília quebrada que tinha sido empurrada através de quaisquer lugares possíveis. Com o papel de parede rasgado, as cortinas semipenduradas. Mas era melhor do que nada. O mesmo poderia ser dito do nosso mundo.

Silêncio reinou.

Rhys me cutucou para a frente, uma mão escovando a parte baixa das minhas costas enquanto eu dava um passo por ele. Eu levantei meu queixo, fazendo a varredura da sala.

E eu sorri para eles, para os seres humanos e Feéricos reunidos aqui, em paz. Minha voz era clara e inabalável.

- Meu nome é Feyre Archeron. Certa vez eu fui humana e agora sou Feérica. Eu recebo os dois mundos a minha casa. E eu gostaria de discutir a renegociação do Tratado.”

CHAPTER



Um mundo dividido não era um mundo que poderia prosperar.

Esse primeiro encontro durou horas, muitos de nós mal-humorados pela exaustão, mas... conexões foram feitas. Histórias foram trocadas. Contos narrados de ambos os lados da Muralha.

Eu disse a eles a minha história.

Toda ela.

Eu disse-a para os estrangeiros que não me conheciam, disse aos meus amigos, e eu o disse para Tamlin, tudo o que tinha enfrentado além da Muralha. Expliquei os anos de pobreza, as provas sob a montanha, o amor que eu tinha encontrado e deixei ir, o amor que tinha curado e me salvado.

Minha voz não tremeu.

Minha voz não quebrou.

Tudo o que eu tinha visto no Ouroboros... eu os deixei ver, também. Contei-lhes. E

quando eu tinha terminado, Miryam e Drakon deram um passo à frente para contar sua própria história. Outro vislumbre da prova de que os seres humanos e Feéricos não só poderiam trabalhar juntos, viver juntos, mas tornar-se muito mais.

Eu ouvia cada palavra dela e não me preocupei em afastar as minhas lágrimas às vezes. Eu só apertei a mão de Rhys, e não a deixei ir. Havia vários outros com contos.

Alguns que foram contra a nossa própria. Relações que não tinha ido tão bem. Crimes cometidos. Doia que não pudesse ser perdoado.

Mas foi um começo.

Ainda havia muito trabalho a ser feito, confiança para construir, mas a questão da elaboração de uma nova Muralha... mantivemos isso claro, para que todos pudessem opinar.

Muitos de nós estavam contra ela.

Muitos dos seres humanos, justamente por isso, estavam cautelosos.

Havia ainda outros territórios Feéricos para enfrentar... os que tinham achado as promessas de Hybern atraentes. Sedutoras.

Os GrãoSenhores brigaram mais sobre a possibilidade de uma nova Muralha. E

com cada palavra sobre ela, assim como Helion disse, aquela lealdade temporária desgastou-se e estalou. As linhas do jogo foram redesenhadas. Mas pelo menos eles ficaram até o fim, até as primeiras horas da manhã, quando finalmente decidiu-se que o resto seria discutido em outro dia. Em outro lugar.

Levaria tempo.

Tempo, cura e confiança.

E eu me perguntava se a estrada à frente, o caminho para a verdadeira paz, seria talvez o mais difícil e mais longo ainda. Os outros saíram, atravessaram, voaram ou andaram a passos largos para a escuridão, já se recolhendo para trás em suas cortes ou grupos de guerra. Eu os assisti ir pela porta aberta da propriedade até que eles fossem apenas sombras contra a noite. Eu tinha visto Elain olhar pela janela antes ver Graysen sair com seus homens sem lhe dirigir nenhum olhar de volta para ela.

Ele quis dizer cada palavra naquele dia em sua casa. Se ele percebeu que Elain ainda usava seu anel de noivado, que Elain olhou e olhou para ele enquanto caminhava para dentro da noite... eu não sabia. Vamos ver como Lucien vai lidar com isso, por enquanto.

Eu suspirei, inclinando a cabeça contra a moldura da porta de pedra rachada. A porta de madeira grande havia sido destruída completamente, os estilhaços ainda espalhados na entrada de mármore atrás de mim. Eu reconheci o cheiro dele antes que ouvisse seus passos se aproximarem.

- Onde você vai agora? - Eu perguntei sem olhar por cima do ombro quando Jurian parou ao meu lado e olhou para a escuridão. Miryam e Drakon tinham ido rapidamente, precisando atender a seus feridos e obter o Caldeirão em um dos seus navios antes dos outros Grão Senhores tivessem um momento para considerar seu paradeiro. Jurian se encostou na moldura oposta da porta.

- Rainha Vassa me ofereceu um lugar dentro de sua corte.

De fato, Vassa ainda permanecia dentro, conversando com Lucien animadamente.

Imaginei que se ela só tinha até o amanhecer antes de voltar a ser um pássaro de fogo, ela queria fazer valer cada minuto. Lucien, surpreendentemente, estava rindo, com os ombros soltos e sua cabeça inclinada enquanto escutava.

- Você vai aceitar? - O rosto de Jurian estava solene... cansado.

- Que tipo de corte pode ter uma rainha amaldiçoada? Ela está ligada a esse Senhor da Morte, ela tem que voltar para o seu lago no continente em algum ponto.” Ele balançou a cabeça. “Pena que o rei foi tão espetacularmente decapitado por sua irmã. Aposto que ele poderia ter encontrado uma maneira de quebrar essa maldição dela “.

- É uma pena, na verdade. - Eu murmurei. Jurian grunhiu sua diversão. “Você acha que temos uma chance?” - Perguntei, apontando para as figuras humanas ainda andando, longe, de volta para o acampamento.

- Da paz entre todos nós? - Jurian ficou em silêncio por um longo momento. “Sim”, ele disse suavemente. “Eu acredito.” E eu não sei por que, mas ele me deu conforto.

\*\*\*

Eu ainda estava remoendo as palavras ditas por Jurian mais tarde, quando o campo de guerra finalmente foi desmontado. Quando fizemos nossas despedidas finais, com promessas... umas mais sinceras que

outras, para ver uns aos outros novamente. Quando minha corte, minha família, atravessou de volta para Velaris.

A luz solar ainda derramava através das janelas da casa da cidade. O cheiro citrico, o mar e pão cozido ainda preenchendo todos os quartos. E distante... as crianças ainda estavam rindo nas ruas.

Casa.

A mesma casa do início, estava intacto. Apertei a mão de Rhys com tanta força que eu pensei que ele iria reclamar, mas ele só apertou de volta. E mesmo nos limpando, enquanto estávamos lá... havia uma sujeira em nós. Como se o sangue não tivesse inteiramente lavado. E eu percebi que a casa era de fato a mesmo, mas... talvez nós não.

Amren murmurou, “Eu suponho que terei de comer comida de verdade agora.”

- Um sacrifício monumental. - Cassian brincou.

Ela deu-lhe um gesto vulgar, mas seus olhos se estreitaram com a visão de suas asas ainda enfaixadas. Os olhos prata – olhos normais - deslizaram para Nestha, mantendo-se pelo corrimão da escada, como se ela estivesse indo retirar-se para seu quarto. A minha irmã tinha mal falado, mal comido nos últimos dias. Não tinha visitado Cassian enquanto se curava. Ainda não tinha falado comigo sobre o que tinha acontecido.

Amren disse a ela: “Eu estou surpresa que você não trouxe a cabeça do rei de volta para empalhar e pendurar em sua parede.”

Os olhos de Nestha dispararam para ela. Mor estalou a língua.

- Alguns considerariam essa piada de mau gosto, Amren.

- Eu salvei seus traseiros. Eu tenho o direito de dizer o que eu quero. - E com isso Amren saiu da casa para as ruas da cidade.

- A nova Amren é ainda mais exêntrica do que a antiga. - Elain disse suavemente.

Comecei a rir. Os outros se juntaram a mim, e mesmo Elain sorriu... amplamente.

Todos, mas Nestha, olhava para o nada. Quando o Caldeirão tinha quebrado... Eu não sabia se ele tinha quebrado esse poder nela, também. Cortado sua união. Ou se ele ainda vivia, em algum lugar dentro dela.

- Vamos lá. - Disse Mor, atirando o braço em volta dos ombros de Azriel, em seguida, e com cuidado em torno de Cassian levando-os para a sala de estar. “Precisamos de uma bebida.”

- Estamos abrindo as garrafas de fantasia. - Cassian disse por cima do ombro para Rhys, ainda mancando com a perna mal curada. Meu parceiro esboçou um sorriso.

- Salve um pouco para mim, pelo menos. - Rhys olhou para as minhas irmãs, então piscou para mim.

As sombras da batalha ainda persistiam, mas aquela piscadela... eu ainda estava trêmula de terror que

não fosse real. Que fosse tudo um sonho febril dentro do Caldeirão.

É real, ele ronronou em minha mente. Eu vou provar isso para você mais tarde. Por horas.

Eu suspirei, e vi como ele dava uma desculpa para ninguém em particular sobre encontrar comida e passeou pelo corredor, com as mãos nos bolsos.

Sozinha no hall de entrada com minhas irmãs, Elain ainda sorrindo um pouco, Nestha olhando duro, eu respirei. Lucien tinha ficado para trás para ajudar com qualquer humano ferido ainda precisando de cura Feérica, mas tinha prometido voltar aqui quando terminasse. E, sobre Tamlin...

Eu não tinha falado com ele. Mal o tinha visto depois que ele me disse para ser feliz, e devolveu meu parceiro. Ele deixou a reunião antes que eu pudesse dizer qualquer coisa.

Então dei a Lucien uma nota escrita a mão para caso ele o visse. O que eu sabia... eu sabia que ele faria.

Havia uma parada que Lucien tinha que fazer antes que ele viesse para cá, ele disse.

Eu sabia onde ele quis dizer.

Minha nota para Tamlin era curta. Ela transmitia tudo o que eu precisava dizer.

Obrigada. Espero que você encontre a felicidade, também. E eu encontrei.

Não apenas pelo que tinha feito por Rhys, mas... mesmo para um imortal, não havia tempo suficiente na vida para desperdiçá-la com ódio. Para sentir-lo e lança-lo para o mundo. Então eu desejei-lhe o bem, eu realmente fiz, e esperava que um dia... um dia, talvez ele enfrentasse esses medos insidiosos, essa fúria destrutiva apodrecendo dentro dele.

- Então, - eu disse a minhas irmãs - “e agora?”

Nestha simplesmente se virou e subiu as escadas, cada passo lento e duro. Ela fechou a porta com um clique decisivo uma vez ela chegou a seu quarto.

- O Pai. - Elain sussurrou, ainda olhando para cima. “Eu não acho que Nestha...”

- Eu sei. - Eu murmurei. “Eu acho que Nestha precisa passar através de... um monte disso.” Muito de tudo. Elain me encarou.

- Não podemos ajudá-la? - Eu brincava com o fim da minha trança.

- Sim, mas não hoje. Não amanhã. - Eu soltei uma respiração. “Quando... quando ela estiver pronta.”

Quando estivessemos prontas também. Elain assentiu, sorrindo para mim, e era uma hesitante alegria e vida que brilhava em seus olhos. A promessa do futuro, brilhante e doce.

Levei-a para a sala de estar, onde Cassian tinha uma garrafa de licor de cor âmbar em cada mão, Azriel já estava esfregando as têmporas, e Mor estava agarrando uns óculos de corte fino de cristal de uma prateleira.

- E agora? - Elain meditou, finalmente respondendo a minha pergunta de momentos atrás, quando sua atenção se desviou para as janelas para a rua ensolarada. Aquele sorriso cresceu, brilhante o suficiente para que iluminasse inclusive as sombras de Azriel em toda a sala.

- Eu gostaria de construir um jardim. - Declarou ela. “Depois de tudo isso... eu acho que o mundo precisa de mais jardins.”

Minha garganta estava muito apertada para responder imediatamente, então eu só beijei o rosto da minha irmã antes que eu dissesse: “Sim, eu acho que ele precisa.”

CHAPTER

## Rhysand

Mesmo a partir da cozinha, eu podia ouvir todos eles.

O trinar do que era certamente a garrafa mais antiga de licor que eu possuía, em seguida, o tilintar dos copos de cristal igualmente antigos uns contra os outros. Então um riso. O profundo estrondo... que era de Azriel. Rindo de qualquer coisa que Mor tinha dito, que a levou em um ataque de risos também, um som cacarejado e alegre. E então outra risada... prateada e brilhante. Mais bonita do que qualquer música tocada em um dos inúmeros salões e teatros de Velaris.

Eu estava na janela da cozinha, olhando para o jardim em pleno esplendor de verão, vendo as muitas flores que Elain Archeron trabalhara estas semanas. Apenas olhando e ouvindo aquela bela risada.

A risada da minha parceira.

Esfreguei a mão no meu peito naquele som de alegria. A conversa passava esvoaçando, caindo em ritmos antigos e ainda... próximos.

Tivemos todos tão perto de não vê-lo novamente. Esse lugar. Estar entre nós. E eu sabia que o riso... era em parte devido a isso também. Em desafio e gratidão.

- Você vem para beber, ou decidiu ficar só olhando as flores durante todo o dia?

A voz de Cassian cortou a melodia de sons. Virei-me, encontrando-o junto a Azriel na porta da cozinha, cada um com uma bebida na mão. Um terceiro copo surgiu mantendo-se por uma mão de sombras de Azriel, flutuando para mim numa brisa azulada.

Eu apertei firmemente o copo de cristal pesado.

- Surpreender seu Grão Senhor é mal aconselhado. - Eu disse a eles, bebendo profundamente. O licor queimou seu caminho pela minha garganta, aquecendo meu estômago.

- É bom para mantê-lo na borda em sua velhice. - Disse Cassian, bebendo ele próprio. Ele se encostou na porta. “Por que você está se escondendo aqui?” Azriel lhe lançou um olhar, mas eu bufei, tomando outro gole.

- Você realmente abriu as garrafas de fantasia.

Eles esperaram. Mas a risada de Feyre soou novamente, seguida pela de Elain e de Mor. E quando eu arrastei meu olhar de volta para os meus irmãos, eu vi o entendimento em seus rostos.

- É real. - Azriel disse suavemente. Nem riu ou comentou sobre a queimação em meus olhos. Tomei outro gole para lavar o aperto na minha garganta, e me aproximei deles.

- Não vamos fazer isso novamente por mais de quinhentos anos. - Eu disse um pouco rouco, e tilintei meu

copo contra o deles. Azriel abriu um sorriso quando Cassian ergueu uma sobrancelha.

- E o que é que vamos fazer até lá?

Além de intermediar a paz, além daquelas rainhas que estavam com certeza se tornando um problema, além de curar nosso mundo rachado...

Mor chamou por nós, exigindo que levassemos de um banquete de alimentos.

- *Um impressionante, acrescentou. Com pão extra.*

Eu sorri. Sorri mais amplo quando o riso de Feyre soou de novo, como eu o senti por baixo do vínculo, mais brilhante e espumante do que a totalidade da Queda das Estrelas.

- Até então, - eu disse aos meus irmãos, jogando meus braços ao redor de seus ombros e levando-os de volta para a sala de estar. Olhei para frente, em direção aquela risada, essa luz e essa visão do futuro que Feyre tinha me mostrado, mais bonita do que qualquer coisa que eu jamais poderia ter desejado para... qualquer coisa que eu tinha desejado, naqueles longos anos atrás, naquelas noites solitárias apenas com as estrelas de companhia. Um sonho ainda sem resposta, mas não para sempre. “Até então, nós apreciamos cada batida de coração.”

CHAPTER

## Feyre

Rhysand estava no telhado, as estrelas brilhantes e baixas, as telhas sob os meus pés descalços ainda quentes do sol do dia. Ele se sentou em uma dessas pequenas cadeiras de ferro, sem luz, sem garrafa de licor... só ele, as estrelas e da cidade.

Eu deslizei em seu colo e o deixei envolver seus braços em volta de mim. Ficamos em silêncio por um longo tempo. Nós mal tivemos um momento a sós no rescaldo da batalha, e tínhamos estado cansados demais para fazer qualquer coisa, além de dormir.

Mas esta noite... sua mão percorreu minha coxa, arrastando lentamente minha camisola. Ele sobressaltou quando realmente olhou para mim, então bufou uma risada contra o meu ombro.

- Eu deveria ter reconhecido.

- As senhoras da loja me deram isso de graça. Como agradecimento por salvá-las de Hybern. Talvez eu deveria fazer isso mais vezes, se isso me deixa com lingerie free.

Pois eu, de fato usava aquele par de cintas de renda vermelha, sob uma camisola vermelha correspondente que deixava tudo tão escandalosamente puramente para fora.

- Ninguém te disse? Você é repugnantemente rica.

- Só porque eu tenho dinheiro, não significa que eu preciso gastá-lo.

Ele apertou meu joelho. "Boa. Precisamos de alguém com uma cabeça para o dinheiro por aqui. Eu estive sangrando ouro à esquerda e à direita, graças a nossa Corte dos Sonhos se aproveitando da minha generosidade ridícula." Uma risada retumbou no fundo da minha garganta quando eu inclinei minha cabeça contra seu ombro.

- Amren é ainda sua segunda?

- Nossa segunda.

- Semântica. - Rhys traçou círculos ociosos na minha pele nua, ao longo do meu joelho e coxa.

- Se ela quer, é dela.

- Mesmo que ela não tenha seus poderes mais?

- Ela é agora Grão Feérica. Tenho certeza que ela vai descobrir algum talento escondido para nos aterrorizar." Eu ri novamente, saboreando a sensação de sua mão na minha pele, o calor de seu corpo em torno de mim.

- Eu ouvi você. - Ele disse suavemente. "Quando eu estava desaparecendo."



Comecei a ficar tensa pelo terror que persistia, que me tinha tirado o sono nestas últimas noites... o terror, eu duvidava que me recuperaria tão cedo.

- Aqueles minutos. - Eu disse uma vez que ele começou a fazer longos e suaves traços na minha coxa. “Rhys... eu nunca quero sentir isso de novo.”

- Agora você sabe como eu me senti Sob a Montanha. - Estiquei o pescoço para olhar para ele.

- Nunca minta para mim novamente. Não sobre isso.

- Mas sobre outras coisas? - Eu agarrei seu braço duro o suficiente para que ele risse e batesse na minha mão.

- Eu não podia deixar todas as senhoras tomarem o crédito por nos salvar. Algum macho tinha que reivindicar um pouco de glória para que não nos atropelassemos até o final dos tempos com vocês se vangloriando.

Eu soquei seu braço neste momento. Mas ele colocou seu braço em volta da minha cintura e apertou, me inspirando. “Eu ouvi você, mesmo na morte. Isso me fez olhar para trás. Me fez ficar... um pouco mais.” Antes de ir para aquele lugar que eu tinha uma vez tentado descrever para o Entalhador.

- Quando for a hora de ir para lá,” - eu disse calmamente, “vamos juntos.”

- É um acordo. - Disse ele, e beijou-me suavemente. Murmurei de volta para seus lábios, - Sim, é.

A pele do meu braço esquerdo formigou. Um pingo de calor serpenteava para baixo dele. Eu olhei para baixo para encontrar outra tatuagem lá... uma gêmea daquela que uma vez tinha dado por ele, salvo a faixa preta do acordo que eu tinha feito com Bryaxis. Ele tinha modificado essa para caber em torno dela, para estar perfeitamente integrada no meio das espirais e redemoinhos.

- Eu perdi a antiga. - Disse ele inocentemente. Em seu próprio braço esquerdo, a mesma tatuagem fluíu. Não dos dedos da maneira que a minha surgia, mas sim de seu pulso para o cotovelo.

- Replicador. - Eu disse sarcasticamente. “Parece melhor em mim.”

- Hmmm. - Ele traçou uma linha na minha espinha, em seguida, apertou em dois pontos ao longo dela. “A doce Bryaxis desapareceu. Você sabe o que isso significa?”

- Que eu tenho que ir caçá-lo e colocá-lo de volta na biblioteca?

- Oh, você certamente fará. - Eu torci em seu colo, erguendo meus braços ao redor de seu pescoço, enquanto dizia: - E você vai vir comigo? Nestha aventura e em todas as outras? - Rhys se inclinou e me beijou.

- Sempre.

As estrelas pareciam queimar mais brilhante em resposta, cada vez mais apertadas para assistir. Suas asas farfalharam quando ele nos moveu na cadeira e aprofundou o beijo até que eu estava sem fôlego.

E então eu estava voando.

Rhys reuniu-me em seus braços, nos lançou alto para a noite estrelada, a cidade reluzindo abaixo. Música voavam para fora dos cafés frente a borda do rio. As pessoas riam enquanto caminhavam de braços dados pelas ruas e através das pontes sobre o Sidra.

Manchas escuras ainda tingindo alguns dos trechos cintilantes... edifícios em pilhas de escombros e ruínas, mas mesmo alguns daqueles tinham sido iluminados com pequenas luzes. Velas. Desafiando e encantando contra a escuridão.

Precisaríamos de mais de que alguns dias... havia um longo caminho pela frente.

Para um novo mundo. Um que eu deixaria um lugar melhor do que quando o encontrei.

Mas, por agora... neste momento, com a cidade abaixo de nós, o mundo que nos rodeava, saboreando essa paz duramente conquistada... eu saboreei isso também.

Cada batida do coração.

Cada som e cheiro e a imagem que se plantou na minha mente, tantos que eu levaria uma vida inteira... várias delas, para pintar.

Rhys nivelou, enviou um pensamento em minha mente e sorriu amplamente quando convoquei as asas. Ele me soltou e eu sai suavemente fora de seus braços, aquecendo-me com o vento quente que acariciava cada polegada de mim, bebendo o ar atado com sal e cítricos. Levei alguns momentos para acomodar... a sensação e o ritmo. Mas então eu estava firme, de verdade.

Então eu estava voando.

Subindo.

Rhys caiu em um vôo ao meu lado, e quando ele sorriu para mim novamente, enquanto voávamos através das estrelas, das luzes e da brisa do mar que nos beijava, quando ele me mostrou todas as maravilhas de Velaris, o brilhante arco-íris, um rio vivo de cor abaixo de nós...

Quando ele roçou sua asa contra a minha, só porque ele podia, porque ele queria e porque nós teríamos uma eternidade de noites para fazer isso, para ver tudo junto...

Era um presente.

Tudo isso.



Há mais contos a serem contados na terra de Prythian...

A Série Continuará Em 2018

# Table of Contents

[CHAPTER 11](#)  
[CHAPTER](#)  
[CHAPTER](#)  
[PART THREE](#)  
[CHAPTER](#)  
[CHAPTER](#)